

1. Formas Antigas

fenício (semítico), 1000 A.C. grego ocidental, 800 A.C. latino, 50 D.C.



2. Nos Manuscritos Gregos do Novo Testamento



3. Formas Modernas

N *N* n *n* N N n n *N n*

4. História

N é a décima quarta letra do alfabeto português (ou décima terceira, se deixarmos de lado o K). Historicamente, deriva-se da letra consonantal semítica *nun*, «peixe», embora sua aparência original sugira uma cobra. Os gregos modificaram a letra em seu formato, chamando-a *nu*. Passou para o latim com pouca alteração, e dali para muitos idiomas modernos. Por toda a sua história tem retido o som de *n*.

5. Usos e Símbolos

Na matemática, essa letra indica um número indefinido. *N* é usado como símbolo do *Codex Purpureus Petropolitanus*, descrito em um artigo separado *N*.

Caligrafia de Darrell Steven Champlin



Reprodução Artística de
Darrell Steven Champlin

Arte céltica — o homem, símbolo do evangelho
de Mateus, Livro de Kells

N

A letra N é abreviatura do manuscrito chamado *Codex Purpureus Petropolitanus*, escrito no século VI D.C. O texto desse manuscrito é essencialmente bizantino; mas, aqui e acolá, preserva alguma forma mais primitiva. B.H. Streeter alistou-o juntamente com os manuscritos Sigma, Ômicron e Pi, como um membro mais fraco do texto cesareano. Esse manuscrito distingue-se não tanto por seu texto, e, sim, por sua natureza luxuosa. Foi escrito em letras à tinta prateada, sobre pergaminho púrpura, e com tinta dourada, para fazer contraste, sempre que ocorrem as palavras «Deus» e «Jesus». Originalmente, continha os quatro evangelhos, com um total de quatrocentas e sessenta e duas folhas; mas no século XII D.C., foi dividido em porções, talvez pelos cruzados, e seu conteúdo foi espalhado por muitos lugares. Assim, atualmente, restam 182 folhas na Biblioteca Imperial de Leningrado; 33 folhas na ilha de Patmos; 6 folhas na Biblioteca do Vaticano; 4 folhas no Museu Britânico; 2 folhas em Viena; uma folha em uma coleção particular em Lerna, na Itália; uma folha no Museu Bizantino, de Atenas, na Grécia; e uma folha na Biblioteca Perpont Morgan, na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América do Norte.

Sorte idêntica têm tido outros manuscritos, enquanto que ainda outros foram ignorantemente desfigurados ou destruídos. Ver o artigo geral intitulado *Manuscritos do Novo Testamento*.

NAÃ

No hebraico, «solidão» ou «consolação». Nome de um irmão de Hodias, que foi a segunda esposa de Merede, a sua esposa judia. Ele foi pai de Queila, o garmita, e de Estemoa, o maacatita (ver I Crô. 4:19). Alguns identificam-no com o Isbá do vs. 17. Foi um dos chefes da tribo de Judá. Viveu por volta de 1400 A.C.

NAÃ

No hebraico, «doçura», «deleite». Esse foi o nome de um filho de Calebe, filho de Jefoné, da tribo de Judá (I Crô. 4:15). Ele viveu em cerca de 1375 A.C.

NAALAL

No hebraico, «pasto». Esse era o nome de uma cidade da tribo de Zebulom (ver Jos. 19:15). Foi entregue aos levitas (Jos. 21:35). Os homens da tribo de Zebulom encontraram muita dificuldade para desalojar os cananeus que ocupavam a região (ver Juí. 1:30). Essa cidade tem sido identificada com o Tell en Nahl, que fica ao sul de Acre, perto de Haifa; mas também há estudiosos que preferem pensar no Tell el-Beida. O Talmude identifica com *Ma'lul*, a norte da moderna Nahalal, e cerca de seis quilômetros e meio a oeste de Nazaré; mas a arqueologia tem demonstrado que as ruínas ali existentes não são antigas bastante para corresponderem àquela antiga cidade.

NAALIEL

No hebraico, «vale» ou «torrente de Deus (El)». Esse foi o nome de um dos pontos de parada dos israelitas, quando caminhavam do ribeiro de Arnom a Jericó (ver Núm. 21:19). Se esse nome aponta para uma torrente, e não para um vale, então talvez esteja em foco um dos tributários do ribeiro de Arnom. Seja como for, ficava perto de Pisga, ao norte do ribeiro de Arnom, embora sua localização exata não possa agora ser identificada.

NAAMÁ

No hebraico, «doçura», «deleite». Nome de duas mulheres e de uma cidade, que figuram nas páginas do Antigo Testamento:

1. Nome de uma das quatro mulheres cujos nomes foram preservados nos registros bíblicos de antes do dilúvio. Todas essas quatro mulheres, com exceção de Eva, eram cananéias. Naamá era filha de Lameque e Zilá, e irmã de Tubal-Caim (Gên. 4:22). Ela é a única filha cujo nome é mencionado, nas linhagens de Caim e de Abel.

2. Uma das esposas de Salomão e mãe do rei Reoboão (I Reis 14:21,31; II Crô. 12:13). A cada menção, ela é distinguida como «amonita». E isso significa que ela era uma das mulheres estrangeiras que Salomão incluiu em seu numeroso harém. Ver I Reis 11:1. Ela viveu em torno de 960 A.C.

Ao menos parcialmente, foi devido ao casamento de Salomão com ela que Judá terminou por desviar-se do Senhor, em face da introdução dos lugares altos pagãos na cultura israelita, que se tornaram centros idólatras. A prostituição tornou-se parte integrante dessa idolatria, como sempre sucede, e o povo de Israel desviou-se para longe de suas raízes. Os manuscritos da Septuaginta grafam variegadamente o nome dela, como Maacham, Maama, Naana, Nooma e Naama.

3. Uma cidade existente nas planícies de Judá. Sua localização moderna não tem sido determinada com qualquer grau de certeza. Mas ela veio a tornar-se parte da herança territorial de Judá. Ficava entre Bete-Dagom e Maquedá (Jos. 15:41). Provavelmente, não deve ser confundida com a moderna cidade de *Na'neh*, a pouco menos de dez quilômetros ao sul de Lida, apesar da similaridade de nomes. A forma adjetivada do norte encontra-se na cidade de 'Araq Na'amon Zofer, que fica perto da Khirbet Fared, que alguns estudiosos têm identificado como a cidade original de Naamá; mas outros eruditos não têm tanta certeza assim.

NAAMÃ

No hebraico, «deleite». Há dois homens com esse nome, na Bíblia:

1. O segundo filho de Bela, filho de Benjamim (Gên. 46:21). Naamã foi o cabeça da família dos naamitas (ver Núm. 26:40). Ao que parece, ele foi exilado por Bela, seu pai (ver I Crô. 7:7), ou, então, nessa passagem, o seu nome aparece como Uzi. Ele deve ter vivido em torno de 1876 A.C.

2. Naamã, o Sírio:

a. *O Nome*. Como já vimos, no hebraico esse nome significa «deleite». Esse nome é confirmado como nome próprio nos textos administrativos de Ras Shamra, e também como epíteto de personagens reais, como *Krt*, *'Aght* e *Adonis*. Em II Reis 5:1 *ss*, essa palavra aparece como um nome próprio pessoal. Na Septuaginta, encontramos as formas *Naiman* e *Neeman*.

b. *Comandante do Exército Sírio.* Naamã comandava o exército sírio, em Damasco, nos tempos de Jorão, rei de Israel. Naamã foi homem habilidoso e corajoso, que merecia a posição que ocupava. — O trecho de II Reis 5:1 diz que ele era «...grande homem... herói da guerra, porém leproso». Isso posto, ele tipificava os homens em geral. Nos homens sempre haverá aquele *porém*, algo que lhes enfeia o caráter, que lhes macula a descrição. Era um adversário confesso do povo de Israel (ver I Reis 20). Antes de sua conversão ao Senhor, o rei dos arameus, provavelmente Ben-Hadade II (de acordo com Josefo, *Anti.* 18.15,5), deu crédito a Naamã pelas muitas vitórias dos sírios, dependendo do seu gênio militar (5,1). Naamã era servo (alto oficial) do rei da Síria.

c. *Intervenção Divina.* Não há que duvidar que a lepra em muito humilhava a Naamã e lhe servia de empecilho, apesar de suas outras qualidades. A esposa de Naamã recebeu como criada, uma pequena menina israelita. Essa menina anunciou que em Israel havia um profeta que seria capaz de curar a lepra do general sírio (ver II Reis 5:3,4). O rei sírio interessou-se pelo caso, e enviou um apelo, dirigido ao rei de Israel, por meio de uma carta (ver II Reis 5:5). Mas o rei de Israel, longe de sentir-se lisonjeado, desconfiou que Ben-Hadade estava querendo achar uma desculpa tola para atacá-lo, e comentou: «Acaso sou Deus, com poder de tirar a vida, ou dá-la, para que este envie a mim um homem para eu curá-lo de sua lepra?» (vs. 7). Mas o profeta Eliseu ouviu falar no incidente, e sugeriu que Naamã lhe fosse enviado, porque ele se dispunha a ser o agente humano daquela cura divina. Naamã havia solicitado a interferência do rei da Síria, provavelmente por pensar que a sua presença no território de Israel haveria de causar dificuldades, a menos que lhe fosse permitido o ingresso em Israel, devido a uma razão específica. Não é provável, contudo, que Naamã tivesse pensado que o rei de Israel pudesse fazer por ele alguma coisa. Seja como for, a questão chegou ao conhecimento do homem certo, Eliseu. Todo esse relato mostra-nos como a providência de Deus pode operar das maneiras mais surpreendentes. A menina israelita escravizada foi o primeiro elo dentro dessa cadeia de acontecimentos providenciais.

d. *Uma Tola Pompa.* Naamã estava doente e precisava de ajuda. Porém, chegou diante da casa de Eliseu com toda a pompa inútil que sua importância social lhe permitia (vs. 9). Chegou mesmo a esperar que Eliseu viesse vê-lo a fim de prestar-lhe as devidas honrarias, pois, para Naamã, parecia que Eliseu lhe era socialmente inferior, apesar do fato de que ele tinha a reputação de ser grande profeta. Ver o vs. 4. Em seguida, recusou-se a obedecer às instruções simples que Eliseu lhe havia mandado, a saber, mergulhar por sete vezes nas lamacentas águas do rio Jordão. Todos sabiam que na Síria havia rios mais limpos e mais bonitos, nos quais Naamã poderia lavar-se. Mas é que aqui é dada uma outra lição ao mundo: quando Deus intervém, é ele quem dita as regras. O primeiro passo da sabedoria consiste na obediência.

e. *Yahweh estava usando a Naamã*, além de ajudá-lo, mas não exatamente conforme o general sírio havia antecipado. O plano de Deus nem sempre é claro para nós, e nem é lógico, segundo o nosso ponto de vista, no entanto, mostra-se sempre eficaz. Uma de nossas mais preciosas doutrinas é a da providência de Deus como nosso Pai. E equivocamo-nos quando pensamos que essa providência só opera em prol daqueles a quem consideramos «justos». Deus sempre pensa maior do que os homens.

f. *Os Servos Fazem a Parte que lhes Cabe.* Os servos de Naamã salientaram que Eliseu não determinara nenhuma coisa difícil. De fato, se o tivesse feito, Naamã estaria ansioso para provar o seu valor. Naamã afastara-se, aborrecido, diante de uma tarefa simples, que visava ao *seu próprio bem-estar*. Somente a intervenção de seus humildes servos impediu que ele desse vazão à sua ira e deixasse de atender a tão simples recomendação. Esse aspecto do incidente (vs. 13 *ss*) mostra-nos como a arrogância do homem lhe é prejudicial. A verdade é que uma das principais características do ser humano é a *arrogância*, que se apega a ele como uma praga.

g. *O Grande Milagre.* Naamã mergulhou nas barrentas águas do Jordão por nada menos que sete vezes. Ao sair da água pela sexta vez, continuava leproso. Temos nisso uma lição sobre a necessidade de *completa obediência*. Porém, ao sair das águas do Jordão pela sétima vez, «...sua carne se tornou como a carne duma criança, e ficou limpo» (vs. 14). Ali estava a manifestação do poder de Deus, de cuja conclusão ninguém seria capaz de escapar. Ver o artigo sobre os *Milagres*. Até os nossos próprios dias, os homens de ciência tentam encontrar a cura para a lepra; e parece que um grande avanço, nessa direção, está prestes a ser conseguido. Talvez os homens, com seus medicamentos, consigam fazer o que a simples palavra de Deus sempre foi capaz de fazer, com maior eficiência. Há coisas que simplesmente não podemos fazer, contando com nossos próprios recursos. E então, é quando precisamos da intervenção divina.

h. *Um Naamã Transformado.* Ninguém poderia ser curado conforme Naamã o foi, e não sair dali uma pessoa diferente. Naamã prontamente confessou que Yahweh é o único verdadeiro Deus. E pediu que lhe fosse dada a carga de terra, do solo de Israel, que dois mulos pudessem transportar, para que a levasse consigo, quiçá para que pudesse adorar a Yahweh diante de um «altar de terra» (Êxo. 20:24). Naamã sabia que seu senhor (o rei da Síria) havia de continuar em seu culto pagão (vs. 18), e que ele (Naamã), teria de acompanhar o rei; mas seu coração não estaria dedicado a tal culto. E pediu que Eliseu o perdoasse por esse pecadilho. E Eliseu disse-lhe que se fosse em paz, o que talvez indique uma certa liberalidade de sua parte, deixando com o próprio Naamã a solução para seu problema de consciência. É que existem coisas que não estão sujeitas ao nosso controle pessoal.

i. *O Oportunista e Cobiçoso Geazi.* Ver o artigo sobre *Geazi*. Naamã ofereceu riquíssimos presentes a Eliseu, embora este nada tivesse cobrado por seus serviços. Mas quando Naamã já ia a certa distância, Geazi, que fora testemunha da falta de interesse pelo dinheiro, da parte de Eliseu, não conseguiu resistir e saiu atras do general sírio. E disse uma inverdade a Naamã, afirmando que Eliseu mudara de parecer, precisando agora de algum dinheiro e de boas vestes. Como já seria de esperar, imediatamente Naamã entregou a Geazi o que este lhe solicitou. E assim, pelo menos temporariamente, Geazi tornou-se um homem rico. Mas, ao voltar, Eliseu perguntou-lhe onde estivera. E a resposta de Geazi foi outra estúpida mentira, para encobrir um estúpido erro: «Teu servo não foi a parte alguma» (vs. 25). Como castigo, a lepra de Naamã apareceu subitamente no corpo de Geazi; e o profeta disse que os seus descendentes também seriam afligidos por essa afecção cutânea. Destarte, a punição de Geazi foi tão severa quanto o milagre fora extraordinário. Talvez a misericórdia de Deus tenha intervindo em favor de Geazi em algum ponto do futuro, pois a misericórdia e o amor de Deus ainda são

mais poderosos do que a profecia.

j. *Naamã é Mencionado por Jesus.* No trecho de Luc. 4:27, o Senhor Jesus aludiu à cura de Naamã como um exemplo da graciosidade de Deus em favor dos homens, uma graça não limitada ao povo de Israel. Isso antecipou a universalidade da missão cristã e o raiar de um novo dia para a humanidade.

NAAMANI

No hebraico «compassivo». Esse era o nome de um do líderes da tribo de Judá. Ele retornou a Jerusalém em companhia de Zorobabel, terminado o cativeiro babilônico (Nee. 7:7). Seu nome não figura no trecho paralelo de Esd. 2:2. E em I Esdras 5:8 ele aparece com o nome de Enênio. Viveu em torno de 536 A.C.

NAAMANITAS

Essa palavra refere-se aos descendentes de Naamã, filho de Bela (Núm. 26:40; I Crô. 8:4), que, por sua vez, era filho de Benjamim.

NAAMATITA

Um epíteto aplicado a Zofar, um dos consoladores molestos de Jó (ver Jó 2:11; 11:1; 20:1; 42:9). Esse adjetivo gentílico significa «habitante de Naamá». Fora de Israel, não se sabe de nenhum lugar com esse nome; mas os eruditos especulam que está em pauta algum lugar na Arábia. É verdade que há uma cidade em Sefelá com esse nome, que é mencionada em Jos. 15:41, mas essa está excluída por uma questão cronológica. Contudo, há uma localidade na porção noroeste da Arábia, chamada Djebel-el-Naamen, que poderia assinalar o antigo local.

NAARÁ

No hebraico «menina». Nome da esposa de Asur, que pertencia à tribo de Judá. O casal teve quatro filhos (ver I Crô. 4:5,6). Ela viveu por volta de 1560 A.C. Outros estudiosos pensam que esse nome significa, em hebraico, «posteridade», «rebento».

NAARAI

No hebraico, «resfôlego». Ele foi um homem beerotita (da cidade de Beerote). e foi um dos trinta poderosos guerreiros de Davi. Acompanhou a Davi quando este fugia de Saul. Foi armeiro de Joabe, um dos generais de Davi. Ver I Crô. 11:39; II Sam. 23:37. Viveu em cerca de 975 A.C.

NAARATE

Uma cidade desse nome é mencionada em Jos. 16:7. Parece que ficava em uma das fronteiras do território da tribo de Efraim, ou, então, ficava imediatamente dentro da mesma, visto como o trecho de I Crô. 7:28 a menciona como pertencente ao território de Efraim. Eusébio, o grande historiador eclesiástico, refere-se a uma Noorate, que parece tratar-se do mesmo local. Ficava cerca de cinco milhas romanas ao norte de Jericó, e tem sido identificada com a moderna *'Ain Duq*. Ali existem fontes no sopé das colinas da Judéia. Provavelmente, trata-se daquilo que, em Jos. 16:1 é chamado de «águas de Jericó». Josefo (*Anti.* 17.13) diz-nos que Arquelau, após ter reconstruído Jericó, desviou metade dessas águas, a fim de suprir de água a aldeia de Neara (outra forma do nome daquela cidade). Alguns estudiosos favorecem, como identificação, a *Khirbet el'Ayash*, que existe nas circunvizinhanças.

NAÁS

No hebraico, «serpente». Mas outros estudiosos pensam que a palavra está ligada ao acádico *nuhsu*, «magnificência». Esse é o nome de duas personagens que figuram nas páginas da Bíblia, a saber:

1. Um homem mencionado somente em II Sam. 17:25, onde figura como pai de Abigail e Zeruia, as quais, algures, são chamadas de «irmãs» de Davi. Destarte, ou Naás era um outro nome de Jessé, ou, então, ele foi outro marido que tivera a mãe de Davi. Quanto a essa questão, devemos considerar os seguintes pontos: a. há uma tradição rabínica que faz esses dois nomes, Naás e Jessé, aplicarem-se a um único indivíduo. b. O deão Stanley supunha que Naás foi o rei dos amonitas. A mãe de Abigail e Zeruia teria sido esposa ou concubina desse rei; posteriormente, porém, ela ter-se-ia tornado esposa de Jessé, e mãe de seus oito filhos, o último dos quais foi Davi. c. Ainda outros peritos supõem que Naás deve ser entendido como um nome feminino, o nome da esposa de Jessé. A genealogia de I Crô. 2:16 parece fazer de Abigail e Zeruia irmãs de Davi; e é desse detalhe que a dificuldade surge.

2. Um rei dos amonitas, que se tornou famoso pelas duríssimas condições de capitulação que ele impôs aos habitantes de Jabes-Gileade. Ele exigiu que fosse vazado o olho direito de todos os homens do lugar, para que cessassem as hostilidades. Mas Saul convocou os homens armados de todo o Israel, e, finalmente, conseguiu derrotá-lo (ver I Sam. 11:1-11; 12:12). Posteriormente, porém, esse mesmo homem tratou lealmente com Davi, provavelmente porque Saul e Davi tinham-se tornado inimigos. Seja como for, ele tratou Davi bondosamente, em um tempo de necessidade. E Davi não se esqueceu disso, quando subiu ao poder (ver II Sam. 10:2; I Crô. 19:1,2).

NAASOM

No hebraico, «oráculo», ou «encantador». Ver Êxo. 6:23; Núm. 2:3; 7:12-17; Mat. 1:4; Luc. 3:32. Dentro das genealogias de Jesus, Naassom é chamado filho de Aminadabe. Foi um dos chefes da tribo de Judá, ao tempo do êxodo. E quando das vagueações de Israel pelo deserto, ele foi o líder dessa tribo. Naassom, sem dúvida, era homem dotado de considerável autoridade. Sua irmã, Eliseba, casou-se com Aarão (ver Êxo. 6:23). Sua linhagem inclui nomes como Salma, Boaz, Obede, Jessé e Davi (ver Rute 4:20 *ss*; I Crô. 2:10 *ss*). Sendo um dos progenitores de Davi, naturalmente ele aparece como um dos antepassados de Jesus, o Cristo.

NAATE

No hebraico, «descanso», «quietude». Nome de três homens que figuram nas páginas do Antigo Testamento:

1. O primeiro dos quatro filhos de Reuel, filho de Esaú, e que veio a ser um dos líderes dos edomitas (Gên. 36:13,17). Viveu por volta de 1890 A.C.

2. Um levita coatita, antepassado do profeta Samuel (I Crô. 6:26). Esse homem é chamdo Toú, em I Sam. 1:1, e Toá, em I Crô. 6:34. Viveu em torno de 1170 A.C.

3. Um levita encarregado dos dízimos e ofertas sagradas, nos tempos do rei Ezequias (II Crô. 31:13). Viveu em torno de 725 A.C.

••• ••• •••

NAATUS

Em I Esdras 9:31, Naatus aparece como filho de Adi e como um daqueles judeus que retornaram da Babilônia e tiveram de divorciar-se de suas esposas estrangeiras, segundo as condições do pacto encabeçado por Neemias, que requeria a renovação de antigos votos, incluindo o da segregação racial, como medida contra a corrupção da fé hebréia. O trecho paralelo de Esd. 10:30 diz *Adna*, que alguns tomam como menção ao mesmo homem. Porém, para dificultar essa interpretação, ali Adna aparece como um dos filhos de Paate-Moabe. Ver o artigo sobre *Paate-Moabe*.

NABAL

No hebraico, «insensato». Nabal era descendente de Calebe e vivia em Maom, que ficava cerca de treze quilômetros ao sul de Hebrom. Ver o relato em I Sam. 25:2 *ss*. Era homem rico, dono de três mil ovelhas e mil cabras. Os seus rebanhos ocupavam certa área perto do Carmelo, o atual Kurmul, imediatamente ao norte de Maom. O versículo terceiro diz que ele era homem de má disposição.

Enquanto fugia de Saul, Davi esteve na região, e protegera os animais de Nabal dos beduínos assaltantes (vss. 15,16). Chegou o tempo da tosquia dos animais, o que geralmente era um tempo festivo, quando a hospitalidade tornava-se mais franca do que era usual. Davi pensou em receber alguma recompensa, naquele período festivo, pela proteção que havia dado aos homens e aos rebanhos de Nabal, enviando a este dez de seus homens solicitando hospitalidade. Mas Nabal, em consonância com sua disposição irritadiça, referiu-se a Davi como um «joão-ninguém», repelindo-lhe assim a solicitação. E assim, Davi, para mostrar que era «alguém», marchou na direção da propriedade de Nabal, com quatrocentos de seus homens.

Ora, a esposa de Nabal era uma mulher bonita e inteligente, de nome Abigail. Ao saber do avanço de Davi, enviou-lhe mensageiros com provisões de boca, a fim de aplacá-lo. Isso impediu que Davi tirasse a vida a Nabal, o que, naturalmente, estava prestes a acontecer. Entrementes, Nabal resolvera que era próprio o momento para embriagar-se. Mais tarde, ao tomar conhecimento do que sua esposa fizera, e de como escapara por pouco de ser morto, foi atingido por um derrame cerebral, e faleceu cerca de dez dias mais tarde (I Sam. 15). E visto que Abigail era mulher sábia e bela, estando agora viúva, Davi fez dela outra de suas esposas.

NABARIAS

Esse foi o nome de um sacerdote que ajudou a Esdras na leitura das Sagradas Escrituras, diante do povo reunido de Israel, depois que os judeus voltaram a Jerusalém, terminado o cativeiro babilônico (ver I Esdras 9:44). Ele deve ter vivido em torno de 486 A.C. Seu nome nunca é mencionado nos livros canônicos do Antigo Testamento.

NABATEUS

1. O Nome

Esse era o nome de um povo que descendia de Nabaiote, que significa «frutificação». Nabaiote foi o filho primogênito de Ismael (Gên. 25:13; I Crô. 1:29). Damos um artigo separado sobre ele. Nabaiote foi também cunhado de Edom (Gên. 25:13; 28:9). Há uma inscrição assíria, de Assurbanipal (de cerca de 650 A.C.), que alude aos *nabaiates*, aparentemente a mesma gente. Todavia, diferenças ortográficas na maneira de grafar tal nome impedem os estudiosos de fazer uma afirmativa segura a respeito.

2. Caracterização Geral

Os nabateus eram um povo árabe cujo reino expandiu-se, no passado, até Damasco, na direção norte. Perto dos fins do século IV A.C., eles estavam firmemente estabelecidos em Petra, que atualmente faz parte do reino da Jordânia. A cidade de Petra era então a capital dos nabateus, e exercia considerável influência ao redor. Eles forçaram os edomitas a retirarem-se para uma área ao sul do território de Judá.

Petra ficava localizada na rota comercial que ligava o sul da Arábia à Síria, pelo que os nabateus floresceram economicamente no segundo e no primeiro séculos antes da era cristã, bem como no primeiro século de nossa era. Parte dessas riquezas derivavam-se de taxas alfandegárias, impostas sobre os produtos que por ali transitavam. Aretas IV (9 A.C. a 40 D.C.) foi o mais poderoso monarca nabateu, e a cidade de Damasco caiu sob o seu controle. Entretanto, Trajano, imperador romano, conquistou aquela área, em 105 D.C., a qual foi reduzida à condição de província romana.

3. Esboço de Informes Históricos

Entre os séculos VI e IV A.C., os nabateus estavam debaixo da hegemonia de Edom e de Moabe. Mas, os nabateus terminaram por controlar as rotas comerciais que lhes atravessavam os territórios; e o auge desse controle foi atingido no período de 200 A.C. a 100 D.C. Petra era a grande cidade-fortaleza dos nabateus. Muitas aldeias dos nabateus desenvolveram-se na Palestina.

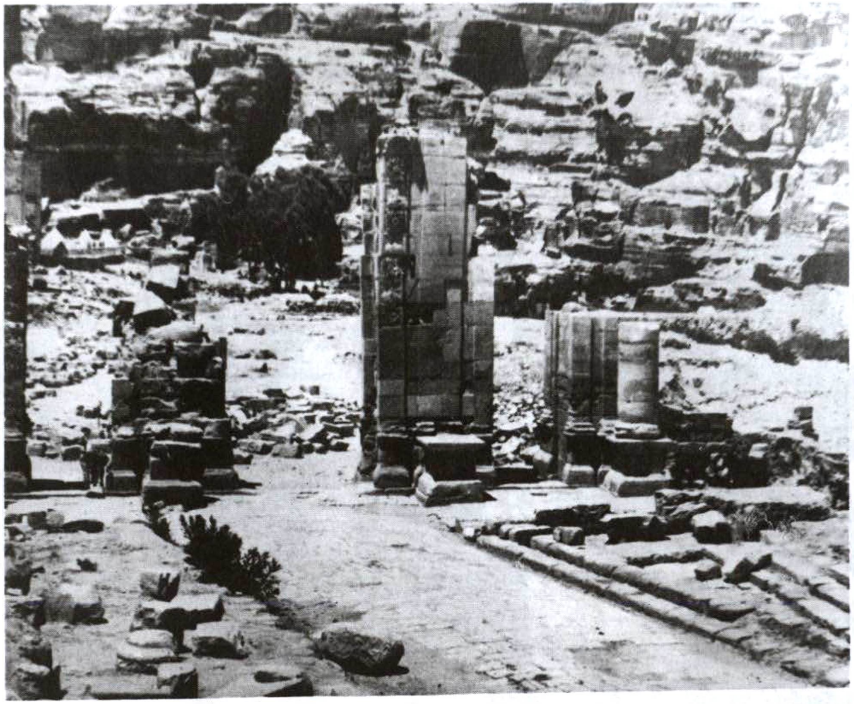
Os nabateus cultivavam terras antes desérticas, mediante o sistema de irrigação planejado pelos seus engenheiros. Continuam em uso, até hoje, muitos dos reservatórios e das represas por eles construídos. Aretas I, em cerca de 170 A.C. (ver II Macabeus 5:8), tornou seguras as rotas comerciais para os caravaneiros. O comércio com lugares distantes, como a Índia, a China e Roma, aumentou em muito as rendas dos nabateus. O imperador César Augusto (em 25 A.C.) não conseguiu conquistar a Arábia, pelo que os produtos daquele comércio internacional tinham de atravessar o território dos nabateus, multiplicando-lhes as riquezas. Surgiram moedas cunhadas em pedra, e até uma forma escrita. Esses registros eram escritos em aramaico, em uma forma de escrita quadrada. Mas, papiros encontrados no deserto da Judéia, bem como ostraca achados em Petra, exibem uma forma cursiva dessa mesma escrita. E é justamente dessa última que se deriva a forma escrita do árabe moderno.

Incidentalmente, o uso do aramaico mostra o grande intercâmbio cultural que prevalecia naquela época. Também houve outras assimilações, nos campos da cultura geral e da religião. Assim, o panteão nabateu chegou a incluir as divindades sírias Hadade e Atargate (Astarte). Os nabateus também vieram a tornar-se artífices de excelente qualidade, tendo desenvolvido estilos próprios.

O Neguebe, ao sul, e Damasco, ao norte, chegaram a ser controlados por Aretas III (cerca de 70 A.C.); e Aretas IV (cerca de 9 A.C. a 40 D.C.) levou o poder dos nabateus ao seu ponto culminante. Foi esse o homem que tentou deter o apóstolo Paulo em Damasco, conforme se lê em II Coríntios 11:32. Malico III e Rabel II, os últimos monarcas nabateus, mudaram a capital de Petra para Bostra, a pouco



Montanhas de Petra, Arábia,
fortaleza dos Nabateus,
Cortesia, Levant Photo Service



Arco Triunfal de Petra,
Cortesia, Levant Photo Service

mais de cento e dez quilômetros a leste da Galiléia. Então, essa cidade veio a tornar-se a capital da província romana que não demorou a formar-se ali (em 106 A.C.), conforme foi dito acima. Dessa maneira, os nabateus perderam a sua independência — e acabaram sendo absorvidos pelos demais povos que residiam na área. Mas a maneira de escrever dos nabateus continuou em uso até dentro do século IV D.C. Em Isa. 63:1, Bostra é chamada *Bozra* (vide).

NABI

No hebraico, segundo uns, «oculto»; mas, segundo outros, «Yah é consolo», ou «Yah é proteção». Ele era filho de Vopsi, que fora enviado como representante da tribo de Naftali como um dos espias que exploraram a terra de Canaã, antes de sua invasão pelos israelitas. Ver Núm. 13:14. Viveu em torno de 1440 A.C.

NABONIDO

Esboço:

I. Caracterização Geral

II. Pontos de Interesse

I. Caracterização Geral

Nabonido foi o último governante do império neobabilônico (556-539 A.C.). Nas inscrições em escrita cuneiforme ele é chamado *Nabunaid*. Seu filho foi Belsazar, o famoso anti-herói do quinto capítulo do livro de Daniel. Belsazar foi uma espécie de co-regente com seu pai, desde o terceiro ano de seu governo até à captura da cidade de Babilônia por Ciro, o Grande, fundador do império persa (539 A.C.). Nabonido foi também o último dos reis babilônicos a reparar o *zigurate* (vide) construído em honra ao deus-lua, Sim, em Ur dos Caldeus.

Nenhum documento babilônico afirma que Belsazar, filho de Nabonido, estava presente por ocasião da queda de Babilônia; mas essa possibilidade também não é eliminada, pois o silêncio não é contra a exatidão do relato feito por Daniel. Até onde o quinto capítulo do livro de Daniel tem sido confirmado pelas descobertas arqueológicas, a sua exatidão tem sido plenamente confirmada. Por conseguinte, não se faz mister nenhum grande salto de fé para que aceitemos a historicidade do incidente que envolveu Belsazar, ali contado.

II. Pontos de Interesse

1. **Fontes Informativas.** Uma crônica babilônica (BM 35382) conta a respeito de Nabonido, como também o fazem três estelas de Harã, além de uma narrativa histórica do reinado de Ciro. Heródoto e Beroso adicionam detalhes sobre a história e as condições econômicas da época. Na Bíblia, o livro de Daniel acrescenta algo sobre a queda da Babilônia. Josefo (*Anti.* 10:11,2) dependeu pesadamente do que diz o livro de Daniel.

2. **Família.** O pai de Nabonido chamava-se Nabu-Balatsu-Iquibi, e Nabonido era filho único. A filha de Nabonido, Bel-Shalti-Nanar, tornou-se a sumo sacerdotisa do deus-lua, Sim, em Ur dos Caldeus. E o filho de Nabonido, Belsazar, governou juntamente com seu pai, como co-regente, já nos fins do império neobabilônico. Talvez estivesse ligado a Nabucodonosor por efeito de casamento.

3. **Reinado.** O nome de Nabonido aparece em um contrato feito no oitavo ano de Nabucodonosor. Se temos aí, realmente, uma alusão a ele, então isso nos permite saber que ele foi um dos principais oficiais da cidade de Babilônia, antes mesmo de tornar-se rei. Nessa época, os conflitos eram comuns, e é possível que Nabonido tenha sido o Labineto que atuou como intermediário babilônico junto aos poderes cilicianos, lídios e medos, em cerca de 585 A.C. Depois que Nabucodonosor deixou de ser rei, as contas sacudiram os membros de sua família, que lutavam procurando sucedê-lo no trono. Assim, seu filho, Evil-Merodaque, foi rei durante dois anos; seu genro, Neriglissar, foi rei por quatro anos; e um outro filho, de nome Labasi-Marduque, foi rei por dois meses. Em seguida, apareceu Nabonido, que conseguiu reunir as facções em luta, tornando-se o único monarca. Cerca de dois anos mais tarde, permitiu que seu filho, Belsazar, se tornasse seu co-regente, com deveres que a história não define. O fato é que Nabonido envolveu-se em obras de cunho religioso, tendo restaurado o templo de Sim, o deus-lua, em Harã. Em seguida, deu início a uma série de conquistas militares que chegaram a expandir um pouco as fronteiras do império. Nabonido manteve-se em contato com sua capital, Babilônia, mas esteve envolvido em muitas coisas, inclusive de natureza comercial. Mas as coisas não iam bem com a Babilônia, ameaçada por uma terrível inflação. E Nabonido declarou que essa situação devia-se aos muitos e grandes pecados do povo. Finalmente, Nabonido retornou à capital, onde fez obras de reparo nos santuários mais importantes dos deuses, demonstrando assim sua preocupação religiosa. E edificou um santuário em honra ao deus-sol, Samás, em Sipar.

Entretanto, as coisas iam de mal para pior para Babilônia, militar e economicamente. Os medos varreram a zona a leste do rio Tigre, bem como porções elamitas do sul da Babilônia. Em seu fervor religioso, Nabonido trouxe para o interior da cidade de Babilônia as estátuas dos deuses, na esperança de que isso fizesse cessar o avanço de seus inimigos. Mas os persas atacaram Babilônia em 539 A.C. Belsazar acabou sendo morto (ver Dan. 5:30) e Nabonido fugiu para Borsiba. Mas, isso não impediu que acabasse sendo feito prisioneiro ali. As tradições informam-nos que Nabonido morreu no exílio, na Carmânia (ver Josefo, *Anti.* 1.20). Ciro, o persa, tornou-se o novo governante da Babilônia. Tinha começado assim o império persa, o segundo dos grandes impérios mundiais das profecias bíblicas. Ver Dan. 2 e 7.

4. **Religião.** O parágrafo acima destaca a religiosidade de Nabonido. Na realidade, ele foi um reformador religioso que levava a sério a sua fé, embora estivesse equivocado quanto à sua validade. Parece que ele tentou substituir Marduque pelo deus-lua, Sim, como a principal deidade do império. Quanto a isso, sofreu a oposição dos sacerdotes de Marduque. Porém, fora da cidade de Babilônia, ele encabeçou livremente as reformas religiosas, conforme as suas preferências. Todavia, não abandonou Marduque e outros deuses pagãos. Além disso, Nabonido mostrou interesse pelas coisas do passado, e os estudiosos têm-no chamado de «arqueólogo real», devido às suas investigações e à restauração de antigas obras escritas, relacionadas aos santuários pagãos. No entanto, quando o império babilônico se esboroou, ele foi acusado de não ter mostrado o suficiente entusiasmo pela adoração aos deuses, o que teria provocado a queda desse império, ante o desagrado das divindades. Ciro chegou a vilipendiá-lo, acusando-o de todo tipo de impropriedade; mas isso talvez tenha refletido apenas uma propaganda de oposição.

5. **A Oração de Nabonido.** Heródoto dava o mesmo nome de *Labineto* tanto a Nabucodonosor quanto a Nabonido. Desse modo, a oração registrada em Dan.

4:23-33 pode ter sido feita por Nabonido, e não por Nabucodonosor; mas esse ponto é disputado pelos especialistas. Seja como for, há um texto escrito em aramaico, proveniente de *Qumran* (vide) que encerra uma oração feita por esse homem, e que foi proferida quando ele foi afetado por uma severa afecção da pele, durante sete anos, em Teima. Nabonido ali confessa os seus pecados. E ali também é contado como um judeu recomendou-lhe que adorasse exclusivamente ao Deus de Israel, como sábia medida para que ele recuperasse sua saúde física e espiritual.

NABOPOLASSAR

No caldaico, «Nabu, protege o filho!» Ele foi rei da Babilônia de 626 a 605 A.C. Foi o primeiro rei da dinastia caldéia. Foi o pai de Nabucodonosor II. Começou sua carreira como um pequeno chefe caldeu do sul da Babilônia. Tornou-se rei por ocasião da morte do rei Assurbanipal, da Assíria, em 626 A.C. Em seguida, Nabopolassar obteve rápidas vitórias sobre os assírios, tendo conquistado Nipur e Uruque, de tal modo que, no espaço de poucos anos, já era o senhor da Babilônia inteira.

A fim de garantir o futuro, estabeleceu aliança com Ciaxares, rei dos medos. O casamento entre membros das duas famílias selou o acordo. Ele e os medos conquistaram a cidade de Nínive, em 612 A.C. E o império assírio foi dividido entre os vitoriosos. A parte sul do império assírio coube a Nabopolassar. Em 609 A.C., Harã, a última das fortalezas assírias caiu, e a Babilônia tornou-se o poder supremo. No entanto, Nabopolassar teve de enfrentar os egípcios, que estavam querendo obter uma fatia do ex-império assírio. Foi Nabucodonosor, o príncipe herdeiro, que conseguiu fazer os egípcios retrocederem, tendo obtido sobre eles uma completa vitória, em 605 A.C. Naquele mesmo ano, Nabopolassar morreu na Babilônia.

Nabopolassar gostava de apresentar-se como um rapaz humilde que muito subiu na vida; mas ele nunca conseguiu deixar de jactar-se de haver derrotado à Assíria. Após tal vitória, ele realizou algumas notáveis obras públicas, nos campos da irrigação e do embelezamento de Babilônia.

Nabopolassar não é mencionado na Bíblia. Mas Josias, rei de Judá, durante a época de Nabopolassar, pode ter mantido relações amistosas com ele, da mesma maneira que Ezequias fora aliado dos babilônios, o que pode ter criado uma atmosfera de amizade entre os hebreus e os babilônios. Todavia, essas relações amistosas em breve seriam envenenadas com o cativeiro babilônico de Judá. Josias, rei de Judá, perdeu a vida em Megido, na fútil tentativa de fazer estacar a marcha do exército egípcio, que pretendia ajudar aos assírios, atacados como estavam sendo por medos e babilônios.

NABOTE

Esse nome próprio origina-se do árabe, «rebento», «fruto». Nabote era proprietário de uma vinha que o rei Acabe cobiçara, visto que ficava contígua ao seu palácio, em Jezreel (ver I Reis 21:1-29).

O rei Acabe tentou adquirir as terras de Nabote, ou a dinheiro ou em troca de um vinhedo melhor. Mas Nabote recusou-se a negociar, sob a alegação de que aquelas terras faziam parte da herança de sua família. Ora, a lei mosaica protegia as heranças (ver Lev. 25:23-28; Núm. 36:7-9). Naturalmente, devemos pensar que um rei não teria achado dificuldade para garantir uma herança de família para Nabote, em algum outro lugar, e que talvez até Nabote saísse ganhando nas negociações. No entanto, Nabote parece ter temido a sinceridade de Acabe, e simplesmente não quis entabular negociações.

Acabe, embora com relutância, já se dispunha a aceitar a decisão de Nabote; mas Jezabel, a rainha de Acabe, não concordou com isso. Ela escreveu uma carta em nome do rei e ordenou que anciãos e nobres de Jezreel proclamassem uma festividade religiosa, a fim de que ficasse garantida a participação de Nabote. E então, dois indivíduos de mau-caráter, comprados pela rainha, deveriam acusar a Nabote de blasfêmia, o que seria suficiente para a execução dele. E o plano ardiloso foi cumprido sem o mínimo embaraço. Para que não houvesse dificuldades futuras com a herança de Nabote, ele e seus filhos foram apedrejados e mortos. Ver II Reis 9:26.

Entretanto, a justiça divina não dormitava. O profeta Elias foi ao encontro de Acabe, denunciando toda a questão e apresentando a terrível predição sobre o que sucederia ao rei, em face de sua perversidade. Acabe assustou-se e temeu ao Senhor, o que permitiu que a sentença divina não fosse imediatamente executada (ver I Reis 21:27-29). Porém, quando ele foi morto em Ramote-Gileade, e cães vieram lamber-lhe o sangue, à beira do açude de Samaria, por ocasião da lavagem de seu carro de combate, parte daquela predição de Elias teve cumprimento. E quando Jeú, anos mais tarde, matou a Jeorão, segundo filho de Acabe (ver II Reis 9:24), e, então, foi a causa da morte da ímpia Jezabel, em Jezreel (ver II Reis 9:33), as palavras do profeta Elias tiveram seu cabal cumprimento. Além disso, como medida de segurança, os filhos restantes de Acabe foram executados, em Samaria (ver II Reis 10:1-11).

NABUCODONOSOR

Esboço:

I. Nome e Família
II. Fontes Informativas
III. Informes Históricos
IV. Obras Públicas de Nabucodonosor
V. A Arqueologia e Nabucodonosor

I. Nome e Família

Parece que Nabucodonosor passou pela adaptação aramaica do acádico *Nabukudurri-usur*, que significa «o (deus) Nabu protegeu minha herança». A transliteração hebraica desse nome é *nebuchadrezzar*. Na *Septuaginta* (vide) temos *Nabouchodonosor*. No latim, *Nabuchodenesor*. E não há que duvidar que daí é que se deriva a forma do nome em português. Houve dois reis babilônicos com esse nome: Nabucodonosor I, que reinou entre 1146 e 1123 A.C.; e então Nabucodonosor II, a figura mais famosa, que é mencionada nas páginas da Bíblia, e que reinou de 605 a 565 A.C. Ele era filho de Nabopolassar, o fundador do segundo império babilônico (ou caldeu), sobre as ruínas do império assírio.

Nabucodonosor II era casado com Amitis (Amuhia), filha de Astiages, rei dos medos, provavelmente um casamento efetuado por interesses políticos. Nabucodonosor teve, pelo menos, três filhos: Amel-Marduque (também chamado *Evil-Meredoque*), que o sucedeu no trono, Marduque-Sum-Usur e Nabu-Suma-Lisir.

II. Fontes Informativas

As passagens bíblicas que relatam a história de Nabucodonosor, naquilo em que ele está ligado com o povo de Israel, são: II Reis 23—25; Jer. 22; 32—40; II Crô. 36; Dan. 1—5; Esd. 1—6; Nee. 7, além de

algumas poucas outras referências dispersas, no livro de Ezequiel. Uma crônica babilônica, de número 21.946, dá um esboço dos eventos do seu reinado, durante os primeiros onze anos de seu governo. Além disso, existem inscrições, textos de edificações e oitocentos contratos que dão alguma informação a seu respeito, suas obras e sua época. E a arqueologia moderna muito tem feito para esclarecer certos pontos históricos.

III. Informes Históricos

1. Durante o reinado de seu pai, Nebopolassar, Nabucodonosor foi o príncipe-herdeiro da Babilônia. Seu pai foi o fundador do segundo império babilônico (caldeu). Antes de começar a reinar, foi o comandante do exército babilônico que lutou contra os assírios e derrotou-os, no norte da Assíria (606 A.C.).

2. Em 607 A.C., Nabucodonosor havia derrotado a Neco II e seu exército egípcio em Carquêmis e Hamata (ver II Reis 23:29 *ss*; II Crô. 35:20 *ss*; Jer. 46:2).

3. Foi então que Nabucodonosor conquistou a totalidade de *Hati*, ou seja, a Síria e a Palestina, conforme relata a Crônica Babilônica, e acerca do que Josefo teceu comentários (ver *Anti.* 10:6). Ver também Jer. 36:1.

4. Estando Nabucodonosor ocupado nessas conquistas, seu pai morreu; e ele voltou à Babilônia a fim de ser coroado rei, o que teve lugar a 6 de setembro de 605 A.C.

5. Em 604 A.C., Nabucodonosor começou a receber tributos da Síria e dos reis de Damasco, Tiro e Sidom. Jeoaquim, de Judá, foi seu fiel vassalo durante apenas três anos (ver II Reis 24:1; Jer. 25:1). Asquelom não quis cooperar com Nabucodonosor, na repressão aos judeus, pelo que foi demolida.

6. Em 601 A.C., os babilônios sofreram uma derrota parcial diante dos egípcios. E Jeoaquim, rei de Judá, tolamente pensou que a derrota tivesse sido definitiva, transferindo sua lealdade para o Egito. Com seu discernimento profético, Jeremias sabia que isso constituía um terrível engano, porquanto o poder da Babilônia era esmagador e inevitável. Ver Jer. 27:9-11. No entanto, Jeremias foi acusado de traição e aprisionado, por estar favorecendo à Babilônia.

7. Em 599 A.C., Nabucodonosor derrotou as tribos árabes de Quedar e do leste do rio Jordão, conforme Jeremias havia predito (Jer. 49:28-33).

8. Pouco depois, Nabucodonosor vingou-se de Jeoaquim e de Judá (ver II Crô. 36:6). Jerusalém caiu diante dos babilônios a 16 de março de 597 A.C. Nabucodonosor nomeou um elemento de sua escolha, dentre a família real de Judá, para governar em seu nome, e impôs um pesado tributo a Judá (ver Crônica Babilônica BM 21.946). Matanias/Zedequias foi feito governante de Judá, foram tomados despojos e foram tomados reféns (ver II Reis 24:10-17).

9. Nabucodonosor removeu os vasos sagrados do templo de Jerusalém e fê-los transportar para a Babilônia, onde foram depositados no templo de Marduque (II Crô. 36:7;II Reis 24:13; Esd. 6:5). Em seguida, os cativos foram forçados a marchar até à Babilônia, a começar de abril de 597 A.C. Esse foi o cativeiro babilônico, que se prolongou por setenta anos. Jeoaquim e outros cativos de Judá são mencionados por nome nas inscrições babilônicas.

10. Em 596 A.C., Nabucodonosor lutou contra os elamitas (Jer. 39:34); também houve perturbações intensas que ele conseguiu dominar. Além disso, ele ampliou seus ataques militares contra o Ocidente, tendo saqueado Jerusalém, em 587 A.C., ocasião em que capturou o rebelde Zedequias (Jer. 39:5 *ss*). Houve, igualmente, novos levantes no Egito. Nabucodonosor fez deportar mais judeus para a Babilônia (Jer. 52:30). Tiro foi atacada e conquistada (Eze. 26:7). Foi encontrado um texto na Babilônia que alude à invasão do Egito, por parte dos babilônios, em 568-567 A.C. (ver Jer. 43:8-13). No entanto, dispõe-se de poucas informações formais quanto aos seus últimos trinta anos de governo.

11. Daniel registra a loucura temporária de Nabucodonosor, quando ele foi afastado do trono (Dan. 4:23-33), embora essa informação não seja confirmada em qualquer fonte informativa babilônica.

12. Nabucodonosor faleceu em agosto-setembro de 562 A.C., e foi sucedido no trono por seu filho Amel-Marduque, ou Evil-Merodaque.

IV. Obras Públicas de Nabucodonosor

Nabucodonosor foi homem intensamente religioso. Em suas inscrições, ele invocava sempre as principais divindades do panteão babilônico, honrando especialmente aos deuses Marduque, Nabu, Samás, Sim, Gula e Adade. Mandou construir santuários para os mesmos, certificando-se de que os ritos e as oferendas necessários lhes estavam sendo oferecidos. Reconstruiu e aformosou o grande templo de Bel-Marduque, na cidade de Babilônia, templo esse que veio a ser conhecido como E-Sagila. Contribuiu com fundos para a adoração efetuada em Ezida e Borsipa. A sua reputação como planejador e construtor foi merecida (ver Dan. 4:30), — porque sabe-se que ele realizou muitos projetos em cidades do império como Ur, Larsa, Sipar, Ereque e Cutá, para nada dizermos sobre a própria Babilônia. Essa última ele embelezou muito, tendo traçado novas avenidas e levantado novas muralhas, sem falar nos famosos jardins suspensos da Babilônia, uma das grandes maravilhas da antiguidade. Esses jardins foram construídos em benefício de sua esposa, nativa da Média, que tinha muitas saudades de seu país de origem. No interior da cidadela de Babilônia, ele reconstruiu a Avenida do Cortejo, decorada lateralmente por cento e vinte leões de pedra. Essa avenida levava ao portão de Istar, adornado com tijolos esmaltados, com gravuras de quinhentos e setenta e cinco dragões e touros alados. Também construiu um templo em honra a Ninmá, perto do portão de Istar, além de duplas muralhas defensivas, que se estendiam por nada menos de vinte e sete quilômetros e meio! Um imenso lago artificial também tinha o propósito de servir de defesa à cidade. Havia canais que traziam água potável do rio Tigre até o interior da cidade. O rio Eufrates dividia a cidade em duas partes, sendo cruzado por uma série de pontes. Sim, Nabucodonosor, o primeiro rei dos tempos dos gentios, representado em certa porção do livro de Daniel com a cabeça de ouro (ver Dan. 2), levou a glória da Babilônia ao seu ponto culminante. E o último monarca dos tempos dos gentios, o anticristo, reduzirá o mundo a um montão de cinzas e escombros!

V. A Arqueologia e Nabucodonosor

Quase todos os informes mencionados na seção IV acima, têm sido confirmados pelas escavações arqueológicas. As ruínas da cidade de Babilônia foram extensamente escavadas entre 1899 e 1914, por Robert Koldeway e pela Deutsche Grientgesellschaft. De interesse especial foram o portão de Istar, onde começava a Avenida do Cortejo, descrita na quarta seção, acima; a sala do trono de Nabucodonosor, decorada com tijolos esmaltados, formando intrincados desenhos geométricos; um notável *zigurate* (vide); e os jardins suspensos da Babilônia (ver Josefo, *Apion* 1:19; *Anti.* 10:11,1), uma das maravilhas da

antiguidade.

A arqueologia tem justificado as palavras de Dan. 4:30; «Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder, e para glória da minha majestade?»

Bibliografia. AM ND UN WIS Z

NACIONALISMO

Esboço:

1. Definição
2. Fatores que Produzem o Nacionalismo
3. O Nacionalismo Positivo
4. O Nacionalismo Negativo
5. O Crente e o Estado

1. Definição

A base dessa palavra é «nação». O nacionalismo indica a lealdade a alguma nação específica, podendo ser entendido como um sinônimo de «patriotismo». Todavia, há sentidos secundários, como algum sistema que requer o controle das indústrias e da produção agrícola e outras de uma nação; ou então, um sistema que requer que cada nação seja livre para autodeterminar-se quanto à sua maneira de viver e ao seu destino, em contraste com a idéia do *internacionalismo*, onde a comunidade das nações é que deve exercer controle sobre as nações individuais. Este termo também é usado em conexão com o anseio de povos específicos, que almejam sua independência do controle estrangeiro, seja esse controle de natureza política, religiosa ou econômica. Certas modalidades de nacionalismo, fundamentam-se sobre idéias messiânicas, como se determinadas nações devessem ser honradas devido a alguma grandiosa missão, entre as outras nações, que a elas coubessem, exigindo assim um elevado respeito bem como a necessária independência para elas cumprirem aquela missão.

2. Fatores que Produzem o Nacionalismo

O antigo ditado popular que diz: «Por mais humilde que seja, não há lugar como o próprio lar», faz tanger uma corda muito sensível no coração humano. O próprio lar é melhor, apesar das evidências que pareçam contrariar o conceito. É no seu próprio lar que o homem tem o seu conforto. O lar inspira a ufania e o senso de bem-estar. Aquilo que é estrangeiro ou diferente, serve apenas para inspirar o receio. Sempre será difícil para os homens enfrentar o desconhecido. O nacionalismo, pois, alicerça-se sobre os fatores da familiaridade, do amor, das veredas bem conhecidas, da apreciação pela beleza da própria pátria, do senso de que a pátria deve ser protegida de qualquer perigo que a ameaça de fora.

À medida que uma nação se organiza, vai surgindo uma *identidade nacional*, uma espécie de alma comum. Assim, viajando recentemente pelos Estados Unidos da América do Norte, ao cruzar cerca de vinte estados diferentes, como parte da viagem que fiz, desfrutei da companhia de um professor de uma universidade do estado de Nova Jérsei, na porção oriental do país. Ele me falou sobre como já visitara quase a totalidade dos estados norte-americanos, tendo podido observar quão uniforme era a cultura norte-americana, quão padronizada era a vida por toda a nação. E além daquela uniformidade de cultura, também havia uma herança biológica comum. Quando um povo é um cadinho de raças, experimentando uma amálgama racial que nunca se completa, ainda assim sente intuitivamente os efeitos unificadores de uma alma nacional. Essa experiência em torno de valores comuns é de grande importância na formação do nacionalismo. Cada povo tem a sua própria história. Eles se sentem cimentados por terem enfrentado as mesmas guerras, os mesmos desastres naturais e os mesmos triunfos nacionais. Orgulham-se de certos lugares comuns; compartilham dos mesmos ideais e ambições. Um idioma comum a todos é outro fortíssimo fator na formação e manutenção do nacionalismo.

3. O Nacionalismo Positivo

O patriotismo autêntico é algo desejável. Mas os políticos que só são patriotas em seus discursos, ao mesmo tempo em que, egoisticamente, prejudicam o seu país mediante a corrupção, sob hipótese alguma podem ser considerados patriotas. O tipo correto de nacionalismo tem sido um fator de progresso. Há indivíduos que realmente servem à sua nação, encontrando maneiras de prover o bem coletivo. Em minhas viagens, encontrei de certa feita um homem que disse que encorajava seus filhos a tornarem-se oficiais militares, pois, segundo ele dizia, «a melhor coisa que um homem pode fazer por seu país é morrer por ele». E outros cidadãos, embora não voltados para esse aspecto militar da questão, são igualmente bons patriotas quando andam corretamente, não sendo elementos prejudiciais à comunidade onde vivem e procurando conscientemente o bem-estar geral. Um outro aspecto da questão e a autodeterminação, necessária não somente para a preservação da identidade das nações, mas também para o progresso de qualquer povo.

4. O Nacionalismo Negativo

A cobiça pode ocultar-se por baixo da capa de um alegado patriotismo. Os protestos de nacionalismo de alguns podem ser como um mero jogo político, e não um interesse autêntico pela pátria. Assim, a longo prazo, o protecionismo, nas atividades industriais e comerciais, pode ser prejudicial, e não benfazejo.

Nos dias em que vivemos, não pode haver tal coisa como completa independência das nações. A tecnologia precisa ser compartilhada entre os povos. Em caso contrário, os países menos desenvolvidos jamais conseguirão competir com as nações melhor desenvolvidas. As leis internacionais são necessárias, nesta nossa época em que as comunicações rápidas têm encurtado extraordinariamente as distâncias. Por esses e ouros motivos, um alegado nacionalismo pode ser apenas um irracionalismo. A intolerância e o exclusivismo podem prejudicar definitivamente a uma nação. Não nos esqueçamos da Alemanha nacionalista de Hitler. A arrogância pode marcar tão profundamente um povo que isso seja prejudicial tanto para ele mesmo como para outros povos. Usemos aqui de uma ilustração. Se um país insistir no isolacionismo e depender somente de sua própria tecnologia, na extração de petróleo, talvez veja-se incapaz de atingir os vastos depósitos petrolíferos de que dispõe, mas que estão em níveis profundos demais para as suas sondas.

Nesse caso, será mister empregar uma tecnologia superior, que aquele país terá de buscar em outro país. Por semelhante modo, se o meu nacionalismo chegar a misturar-se com alguma filosofia, seja ela política ou religiosa, tornando-me *intolerante*, isso poderá furtar de meu povo sua própria liberdade de crença e de expressão. E embora eu possa alegar que estou impedindo que eles abracem idéias erradas, de fato, estarei impondo a eles as minhas próprias idéias. E a minha intolerância será pior que a liberdade deles errarem.

Albert Einstein costumava dizer que o nacionalismo é o *sarampo* da humanidade (o sarampo é uma enfermidade tipicamente infantil). É de presumir que

ele quisesse dizer que os seres humanos adultos deveriam ser dedicados e conscientes cidadãos do mundo. Isso corresponde ao ideal estóico, que afirmava: «Somos cidadãos do mundo».

O Novo Testamento encoraja os crentes a obedecer às leis das autoridades devidamente constituídas (ver o capítulo treze da epístola aos Romanos); mas, por outro lado, deixa claro que somos estrangeiros e peregrinos neste mundo (ver o décimo primeiro capítulo da epístola aos Hebreus), visto que a nossa cidadania mais profunda acha-se em nossa pátria celeste. «Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo» (Fil. 3:20). Todavia, nem por isso a nossa cidadania, quanto aos nossos respectivos países de origem, deixa de ter a sua importância, contanto que não exageremos em nosso nacionalismo. O ideal estóico era forte entre os filósofos romanos, razão pela qual as leis romanas finalmente foram modificadas para melhor, no tocante ao tratamento que se deveria dar aos estrangeiros. Pois se todos os seres humanos são cidadãos do mundo, então não faz sentido considerar os estrangeiros cidadãos de segunda classe.

5. O Crente e o Estado. Um dos aspectos do patriotismo e do nacionalismo que não deveríamos jamais negligenciar é a relação entre o crente e o Estado. Podemos afirmar que, de maneira geral, o verdadeiro crente mostrará ser patriota, tal como nos é sugerido no décimo terceiro capítulo de Romanos. Essa passagem bíblica requer o nosso respeito pelo país onde residimos, o que deve ser exibido pela obediência devida às leis. Pedro rogou aos cristãos, como «peregrinos e forasteiros» (I Ped. 2:11), a manterem exemplar a sua conduta; e Paulo aludiu à nossa verdadeira cidadania celestial (Fil. 3:20). Não obstante, naquela mesma passagem, o apóstolo Pedro ordenou que os crentes se submetessem aos governantes e às suas determinações (I Ped. 2:13 *ss*). É desnatural que um homem ame de tal maneira a pátria celeste que não reste amor pela sua pátria terrestre. Por outro lado, alguns pregadores (católicos e protestantes) têm-se tornado mais políticos do que ministros do evangelho. Porém, a preocupação com o que é terreno, por mais nobre que possam ser certas questões terrenas, não deveria embotar os nossos interesses e inquirições espirituais.

NAÇÕES

Esboço:

I. Caracterização Geral
II. Terminologia
III. Listas Bíblicas das Nações e seu Conteúdo
IV. Fontes Informativas
V. Tabela das Nações
VI. Declaração Sumária sobre a Tabela das Nações
VII. Atitudes dos Hebreus e dos Cristãos para com as Nações

I. Caracterização Geral

A tentativa do autor (ou autores, conforme alguns pensam) bíblico de compilar uma lista das origens das nações da terra foi corajosa. Alguns comentadores pensam mesmo que se trata de uma empreitada impossível. Ainda assim, em conexão com este, outros artigos deveriam ser examinados pelo leitor, como *Adão; Criação; Antediluvianos*, ponto cinco; *Raças Pré-Adâmicas; Língua*, IV. *Origem das Línguas*. Esses diversos artigos ilustram problemas concernentes à origem e ao delineamento das nações que são somente mencionados, sem serem ilustrados.

A geologia e a arqueologia têm demonstrado a grande antiguidade do globo terrestre, e também como o homem vem vivendo à face da terra desde tempos remotos. Não há como comprimir a história da humanidade dentro dos seis mil anos que a cronologia bíblica, com base nas genealogias, parece indicar. Por isso mesmo, os eruditos liberais rejeitam terminantemente os registros bíblicos como irremediavelmente incompletos ou mesmo inexatos, pelo menos no tocante às questões cronológicas. Até mesmo estudiosos conservadores têm apresentado a teoria da existência de *raças pré-adâmicas*, a fim de explicarem as grandes extensões de tempo comprovadas pelas descobertas geológicas e arqueológicas. As evidências assim colhidas falam em um passado muito mais remoto do que aquele que podemos depreender das genealogias bíblicas. Na opinião deste autor, essa é a melhor maneira de abordarmos o problema, embora continuem sem solução certas dificuldades. E o principal problema, do ponto de vista dos eruditos conservadores, não fica resolvido por esse meio, que é a questão do silêncio. Pois, apesar de podermos especular toda espécie de ocorrência não-registrada na Bíblia, desde o momento da criação inicial até à criação de Adão, será mister apresentarmos provas extrabíblicas para isso. Penso que essa atividade é perfeitamente possível e legítima. Mas alguns conservadores persistem na suposição de que a Bíblia narra a história inteira do homem, e não apenas a história do homem adâmico. Ademais, eles pensam que o homem adâmico é, de fato, a humanidade *inteira*. Mas, como justificar tão grande diversidade de raças humanas? Consideremos a raça amarela, em contraste com a raça negra, e então essas duas em contraste com a raça branca, cada uma delas com suas variantes. Do ponto de vista da genética, parece impossível que tão grande variedade de raças pudesse ter partido dos três filhos de Noé, apenas há cerca de três mil e quinhentos anos atrás, se datarmos Noé em cerca de 2500 A.C. Para que brancos, negros e amarelos tivessem provindo todos do mesmo tronco, seriam necessárias grandes mutações em brevíssimo espaço de tempo. Ou então, alternativamente, profundas modificações inter-raciais tiveram lugar ao longo de muito mais tempo que um período de, mais ou menos, três mil anos.

Outra suposição é que antes do surgimento da raça humana adâmica, diferentes raças já existiram, e que houve sobreviventes das raças pré-adâmicas diante do dilúvio, os quais, finalmente, misturaram-se com os descendentes adâmicos de Noé. Naturalmente, será preciso levar em conta que a Bíblia insiste em que, por ocasião do dilúvio de Noé, «...foram exterminados todos os seres que havia sobre a face da terra, o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus, foram extintos da terra; ficou somente Noé e os que com ele estavam na arca» (Gên. 7:23). E assim, temos de admitir que essa alternativa também não pode ser reconciliada facilmente com os informes bíblicos, mostrando que essa especulação é muito dúbia.

Naturalmente, os evolucionistas buscam solução para o problema rejeitando de vez os registros bíblicos, como mitológicos. Mas nós, que cremos na Bíblia como revelação divina, não podemos aceitar essa posição. É verdade que os eruditos conservadores cortam o nó górdio (ver o artigo intitulado *Nó*), apresentando respostas impossíveis para as perguntas que se impõem. Há mesmo quem desista inteiramente de continuar investigando a questão, dizendo simplesmente: «Não sabemos grande coisa sobre a origem das raças humanas». Realmente, parece que o relato bíblico sobre o homem deixa grandes hiatos

cronológicos, mormente quanto ao começo da história da humanidade. A Bíblia não nos fornece informes que nos capacitem a solucionar os enigmas da grande antiguidade da terra e de seus primitivos habitantes humanóides. Penso que o que foi dito acima, neste verbete, ilustra bem essa dificuldade. Algumas vezes, gostamos de apresentar-nos como mais sábios do que realmente somos, como se tivéssemos um conhecimento mais completo do que aquele que possuímos. Odiamos os mistérios. E nada existe de mais misterioso, para nós, do que as *origens*.

O resto deste artigo ignora essencialmente os consternadores problemas que qualquer discussão sobre as raças humanas traz à tona. O que se segue é o relato bíblico acerca das nações.

II. Terminologia

Temos a considerar, quanto a esse ponto, sete vocábulos hebraicos e dois gregos, a saber:

1. *Erets*, palavra hebraica que significa «terra». Esse termo indica a totalidade das terras habitadas pelos povos, ou apenas *a parte conhecida então*, da perspectiva do autor sagrado! Os especialistas estão divididos quanto a essa indagação. Os literalistas insistem que está em foco a face inteira do planeta. A arqueologia tem mostrado a vasta antiguidade de civilizações fora das terras bíblicas (ver sobre *Línguas*, seção IV). Portanto, parece melhor aceitar esse termo hebraico em seu termo limitado: aquilo que o autor sagrado conhecia do globo terrestre. A Bíblia usa esse vocábulo em seu sentido limitado, segundo se vê, por exemplo, em Gên. 10:32. Assim, a propagação das nações foi na terra, naquela *porção* conhecida pelo autor sagrado. Não há qualquer registro bíblico sobre nações fora daquela área.

2. *Bene* e *yalad*. Dentro das três linhas dos filhos de Noé (Jafé, Cão e Sem) encontramos esses dois vocábulos hebraicos. *Bene* significa «filhos de»; e *yalad* quer dizer «gerou». Alguns eruditos têm pensado que esses dois modos de expressar refletem listas compiladas com base em fontes informativas diferentes. E isso é mesclado com a teoria da multiautoria chamada *J.E.D.P.*(*S.*). (vide). De acordo com essa teoria, o código sacerdotal — *P.*(*S.*) — usava o termo *bene*; mas o código jeovista — J. — introduzia as descendências com o termo *yalad*. O código sacerdotal, pois, figuraria em Gên. 10:1,2-7,20,22,23, 31,32, e o código jeovista em Gên. 1:1b,8-19,21,24-30. Mas os que não aceitam isso, afirmam que se trata de uma mera questão de estilo o uso de *bene* ou de *yalad*.

3. *Toledot*. — Palavra hebraica que alude às «gerações» dos filhos de Noé, e que, ao que parece, o autor sagrado pensava poderem explicar todos os povos da terra, após o dilúvio. Ver Gên. 10:2—11:9, quanto à Tabela das Nações, bem como a fórmula em Gên. 10:1 e 11:10. Há eruditos que argumentam que grandes problemas podem ser resolvidos se supusermos que além dos descendentes de Noé, houve outras raças na terra, pré-adâmicas, que acabaram misturando-se com os descendentes de Noé. Isso posto, o trecho de Gên. 7:23 referir-se-ia somente ao extermínio total do homem adâmico, com exceção dos oito que estavam protegidos no interior da arca. E, conseqüentemente, que o dilúvio foi parcial. Mas essa interpretação é extremamente problemática, pois, nesse caso, a raça adâmica teria sido reduzida a uma ínfima minoria, dentro de uma esmagadora maioria de sobreviventes não-adâmicos, que não teriam sido atingidos mais pesadamente pelo dilúvio. Isso não teria alterado radicalmente a raça adâmica, que se veria inteiramente dominada geneticamente pelas supostas raças pré-adâmicas? Todavia, apresentamos evidências em favor daquela suposição, no artigo sobre o *Dilúvio de Noé*.

4. *Mispehot*. Esse é o termo hebraico que significa «famílias», por cujo vocábulo cumpre-nos entender os «clãs» formadores das nações. Essa palavra é usada na Tabela das Nações em Gên. 10:5,18,20,31,32.

5. *Goyim*. Termo hebraico que significa «nações», ou seja, os grupos de clãs que acabaram adquirindo identidade nacional. Ver Gên. 10:5,20,31,32.

6. *Lashon*. Palavra hebraica que significa «línguas». É usada em Gên. 10:31, como se os vários descendentes dos filhos de Noé falassem diferentes idiomas. Entretanto, somente no décimo primeiro capítulo de Gênesis somos informados que essa diversificação de idiomas ocorreu mais tarde, quando da confusão das línguas, por ocasião da construção da torre de Babel. Esse pequeno anacronismo, todavia, não deve ser considerado como um problema. O que cria problema é a questão da origem das línguas, o que é tratado no artigo chamado *Língua*, seção IV. Se há nisso algum problema, talvez o mesmo seja causado pelo fato de que a história sobre a torre de Babel foi preservada por uma tradição independente da Tabela das Nações.

7. *Éthnos*. Palavra grega que significa «nação» (também traduzida por «gentios»). Ocorre por cento e sessenta e quatro vezes no Novo Testamento, começando por Mat. 4:15 e terminando em Apo. 22:2. Alguns poucos exemplos: Mat. 20:19,25; Atos 4:27; 9:15; Rom. 1:5,12; Gál. 1:16; I Ped. 2:9,12; Apo. 2:26; 5:9. Algumas vezes, esse vocábulo refere-se a nações não-judaicas, e, outras vezes, a todas as nações, incluindo os judeus, conforme se vê em Mat. 24:9; 28:19; Mar. 11:17; Apo. 7:9.

8. *Geneá*, palavra grega que significa «nação» ou «geração». Ela é usada por quarenta vezes no Novo Testamento, a grande maioria das vezes nos três evangelhos sinópticos, começando por Mat. 1:17 e terminando em Heb. 3:10. Algumas vezes, essa palavra é traduzida, nas versões, por «gentios». O uso dessa palavra faz-nos entrar na questão das atitudes judaicas e cristãs acerca das nações, o que é comentado mais abaixo, na sexta seção deste artigo.

III. Listas Bíblicas das Nações e seu Conteúdo

A quinta seção deste artigo alista as nações e dá um mapa ilustrativo com um completo quadro acerca do conteúdo. Neste ponto, limitamo-nos a algumas observações.

1. *Tabela das Nações*. «Esse nome, com freqüência, é dado ao décimo capítulo de Gênesis e ao trecho de I Crô. 1:5-23, com algumas pequenas variações, provendo uma lista étnica dos descendentes de Noé por meio de seus três filhos, Sem, Cão e Jafé. Ao que tudo indica, o registro limita-se às nações do mundo então conhecido no segundo milênio A.C., isto é, povos quase todos concentrados no Oriente Próximo e Médio, com quem os israelitas poderiam entrar em contacto. Os antigos documentos egípcios e mesopotâmicos revelam que os detalhes da tabela das nações não ultrapassariam ao conhecimento de uma pessoa educada na corte egípcia de cerca de 1500 A.C., conforme foi o caso de Moisés» (Z).

2. *Indicações sobre a Data das Listas*. Os nomes que foram incluídos ou que foram deixados de fora fornecem-nos alguma indicação de quando essa lista deve ter sido compilada. Assim, a Pérsia é deixada de fora. Se essa lista tivesse sido compilada ou editada por sacerdotes da época de Esdras (durante o regime persa), em data posterior, conforme alguns intérpretes supõem, então seria extremamente difícil explicar como esse nome foi omitido da lista. A fonte

informativa chamada *P.* (*S.*) é datada pelos liberais como pós-exílica, e, presumivelmente, foi uma das fontes informativas usadas na confecção dessa relação. Por igual modo, a proeminência de Sidom, em Canaã, a par com a omissão de Tiro (ver Gên. 10:15,19), sugere um tempo antes de 1000 A.C., quando Tiro ainda não era cidade importante. Foi em 1000 A.C. que Hirão fez de Tiro a principal cidade fenícia. Hete (ver Gên. 10:15) aparece como a população mais nortista dentre o grupo sírio-cananeu, refletindo os meados do segundo milênio A.C., quando os heteus ou hititas controlavam grande parte da área desde a grande curva do rio Eufrates até às costas do mar Mediterrâneo.

Por igual modo, Albright salientou que quase todos os nomes dos descendentes tribais de Arã (Gên. 10:23) e de Joctã (Gên. 10:26-29) são arcaicos, sendo anteriores às informações dadas em inscrições do primeiro milênio A.C., que têm sido descobertas pelos arqueólogos na Assíria e no sul da Arábia. E alguns dos nomes também têm formas ortográficas que pertencem ao começo do segundo milênio A.C., mas que, mais tarde, sofreram modificações. Em certos manuscritos hebraicos encontramos revisões feitas por escribas, que adaptaram alguns nomes, grafando-os segundo a ortografia posterior.

3. *O Plano*. As principais divisões apresentadas na Tabela das Nações acompanham os descendentes dos três filhos de Noé: Sem (Mesopotâmia e Arábia); Cão (África e Egito); Jafé (o extremo norte e as terras em redor do mar Mediterrâneo). Como é claro, grandes massas de terras foram deixadas de lado. Alguns eruditos conservadores explicam que o resto do mundo foi ocupado mediante vastas *migrações*, que ocorreram após a torre de Babel; mas a geologia e a arqueologia têm mostrado que essa teoria é ilusória. Para exemplificar, a história chinesa pode ser traçada até um tempo bem anterior ao dilúvio, e também continuamente depois do mesmo, sem qualquer interrupção devida a algum cataclismo. Podemos somente concluir daí que o relato do livro de Gênesis não se aplica à China. A arqueologia também tem encontrado civilizações que antecedem em muito à época de 2500 A.C., o tempo do dilúvio; e, em várias regiões do mundo, até com suas próprias línguas (anteriores a Babel). E disso só nos resta concluir que o registro do livro de Gênesis nada tem a ver com esses povos. E, conseqüentemente, que o relato de Gênesis envolve somente a porção do mundo sobre o qual história. Em outras palavras, a narrativa do dilúvio é regional, e não universal. Nenhum problema é criado se aceitarmos a teoria do *dilúvio parcial*, que tem apoio geológico e arqueológico, embora a linguagem usada na narrativa de Gênesis pareça dar a entender o contrário.

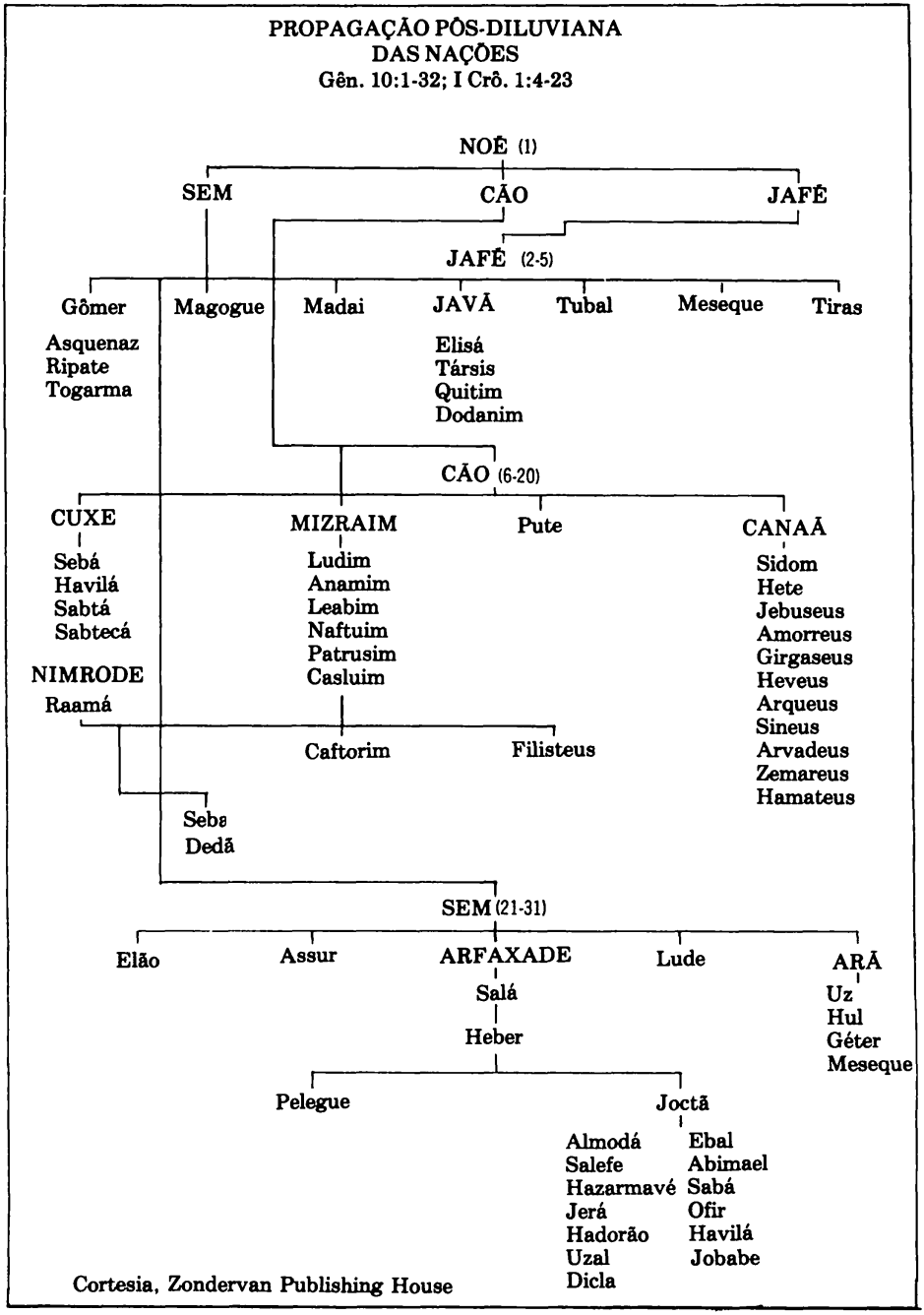
4. *Identificação dos Povos Descendentes dos Filhos de Noé*. Essa questão é coberta, com detalhes, em três artigos separados, intitulados: *Cão, Jafé* e *Sem*. Assim sendo, tal material não é repetido aqui. E no artigo chamado *Jafé*, temos provido um gráfico que mostra, na medida do possível, os povos dele derivados.

IV. Fontes Informativas

A fonte original é o décimo capítulo de Gênesis reiterado, com pequenas variações, em I Crô. 1:5-23. Relatos subseqüentes sobre certos povos são comentados no resto do Antigo Testamento. Povos não mencionados na Bíblia são mencionados e estudados pela arqueologia. E esse estudo também tem contribuído em muito para iluminar nosso conhecimento dos povos envolvidos na Tabela das Nações. No tocante à *Mesopotâmia*, há evidências arqueológicas que remontam ao quarto milênio A.C. Na Mesopotâmia e circunvizinhanças houve uma espécie de antiga cultura comum, envolvendo diversos povos. E no terceiro milênio A.C. houve extensos contactos dessa cultura com outras, devido às campanhas militares e o intercâmbio comercial entre os povos. Assim, era intenso o comércio que se fazia entre a península arábica, a Anatólia (em termos gerais, o que é hoje a Turquia), o Irã e a Pérsia. Registros feitos em escrita cuneiforme descrevem condições prevalentes no terceiro milênio A.C. No que concerne ao *Egito*, não é menos abundante o material arqueológico e histórico. Quando Abraão apareceu em cena, talvez nada menos que dez dinastias já haviam governado o Egito. A história egípcia pode ser acompanhada, com algum detalhe, desde cerca de 3000 A.C., e Abraão surgiu no palco do mundo mais ou menos em 2000 A.C. Nos tempos pré-históricos, havia intenso comércio entre o Egito e certa variedade de lugares, como a região do mar Vermelho, a Núbia, a Líbia, e, talvez, a parte norte do imenso deserto do Saara. Dentro do terceiro milênio A.C., os egípcios enviaram expedições à península do Sinai e a Biblos, na costa mediterrânea da Síria. No segundo milênio A.C., os egípcios entraram em contacto com as ilhas de Chipre e Creta, bem como com a Cilícia, na Anatólia. Os textos de execração dos faraós fornecem-nos algumas informações sobre muitos povos com quem os egípcios tiveram algum tipo de relacionamento. No século XIV A.C., os arquivos de tabletes em escrita cuneiforme dão-nos muitas informações sobre a época. Esses arquivos têm sido descobertos pela arqueologia em *Tell el-Amarna* (vide).

É significativo que quase toda informação que a arqueologia nos dá ajusta-se bem dentro da cronologia bíblica. No entanto, há descobertas arqueológicas que retrocedem enormemente no tempo, em relação aos informes bíblicos. Talvez isso possa ser explicado com a suposição de que o tempo de Adão, e então o tempo de Noé, foram *novos começos*, e não começos absolutos da história da humanidade. Ao todo, parece que o nosso globo já sofreu pelo menos quatrocentos grandes cataclismos, com tremendas modificações na posição dos pólos da terra, com conseqüentes tremendas destruições. Há evidências que parecem favorecer a especulação de que a penúltima dessas grandes destruições corresponde, a grosso modo, com a cronologia bíblica relativa a Adão; e que a última delas corresponde mais ou menos à cronologia bíblica atinente a Noé. Quanto a períodos deveras remotos da pré-história, contudo, vemo-nos forçados a depender de algumas poucas mas significativas descobertas arqueológicas.

V. Tabela das Nações



Cortesia, Zondervan Publishing House

VI. Declaração Sumária Sobre a Tabela das Nações

«A Tabela das Nações provê o pano de fundo da história do mundo para a chamada de Abraão (Gên. 12). *Vs. 1.* Essa lista, vinculada a Gên. 5:32 provavelmente foi extraída do livro das gerações (Gên. 5:1). A unidade original da humanidade é representada pela idéia de que todas as nações da terra originaram-se dos três filhos de Noé (Gên. 9:19). Embora as diversas *famílias* estivessem separadas por terras e idiomas (vss. 5,20,31), essa lista foi arranjada, primariamente, com base em considerações políticas, e não tanto étnicas. *Vs. 2-5.* Os filhos de *Jafé* (Gên. 9:27) tinham o seu centro político na Ásia Menor, o território anterior dos hititas (*Hete*, vs. 16). A propagação dos povos habitantes das *costas marítimas*, incluindo os filisteus (ver Gên. 9:27), reflete movimentos populacionais da área do mar Egeu, em cerca de 1200 A.C. *Vss. 6-20.* Os filhos de *Cão* viviam na órbita do Egito. *Canaã* é incluída porquanto, nominalmente, vivia sob o controle do Egito, entre 1500-1200 A.C. *Vss. 8-12.* Um antigo fragmento da tradição relata como Ninrode, um bem-sucedido guerreiro, erigiu um reino na terra de *Sinear* (Babilônia) e na Assíria. *Vss. 15-20.* Os *hititas* (Hete), que haviam estabelecido um poderoso império na Ásia Menor, desapareceram como uma potência mundial no século XII A.C. Nesse ponto, eles são mencionados juntamente com outros povos cananeus, como, por exemplo, os *jebuseus* (localizados em redor de Jerusalém), os *amorreus* (nativos da região montanhosa da Palestina), os *heveus* (talvez os mesmos horeus ou hurrianos; ver 34:2). *Vss. 21-31. Sem* aparece como o progenitor dos povos semíticos, os filhos de *Éber*, ou seja, todos os «hebreus», incluindo aqueles que, posteriormente, tornaram-se o povo de Israel. Durante o período de 1500-1200 A.C., ondas de hebreus entraram na Síria-Palestina, e, finalmente, estabeleceram ali estados como *Arã*, na Síria (vs. 23), Noabe, Edom e Israel». (Notas traduzidas da *Oxford Annotated Bible, The Revised Standard Version*, sobre Gên. 10:1).

VII. Atitudes dos Hebreus e dos Cristãos para com as Nações

O judaísmo terminou sendo uma religião exclusivista, que gerava intensa hostilidade para com as outras nações, que passaram a ser vistas como os *pagãos* ou *gentios*. Isso atingiu sua mais horrível expressão no farisaísmo, para o qual até o ato de entrar na casa de um gentio era um ato contaminador. O trecho de Gál. 2:12 ilustra graficamente o ponto. Paulo precisou repreender a Pedro por estar evitando a companhia de crentes gentios, quando certos representantes de Tiago criticaram-no por confraternizar com os gentios. E foi necessário que Pedro recebesse uma visão a fim de que entendesse que as atitudes exclusivistas dos judeus eram fundamentalmente erradas, porquanto até haviam sido ultrapassadas pela fé cristã. Ver o décimo capítulo do livro de Atos. Essa visão provocou da parte de Pedro uma observação que exibe sua surpresa: «Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável» (Atos 10:34,35). E Paulo enfocou claramente a questão, ao escrever:

> «...porque todos quantos fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes. Destarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque vós sois um em Cristo Jesus» (Gál. 3:27,28).

A Missão Tridimensional de Cristo. O amor de Deus, atuando em favor dos homens, por meio da pessoa de Jesus Cristo, requereu que o Cristo tivesse uma missão nas três esferas gerais da existência, a saber: sobre a terra (a narrativa geral dos evangelhos); no hades (ver I Ped. 3:18—4:6; Efé. 4:9,10); e nos céus (ver Efé. 4:9,10; I João 2:1; 9:24 *ss*; 12:12; e o décimo sétimo capítulo do evangelho de João). Essas missões de Cristo cooperam juntamente para a redenção dos eleitos e para a restauração dos perdidos. Ver Efé. 1:9,10. Vários artigos desta enciclopédia abordam essas questões. Ver os seguintes artigos: *Descida de Cristo ao Hades; Mistério da Vontade de Deus* e *Restauração*. É com essa nota otimista que convém terminar um artigo sobre as *Nações*.

NACOM

No hebraico, «preparado». Esse foi o nome de um homem, dono de uma propriedade perto de onde Uzá foi atingido e morto, por haver estendido a mão para não deixar desequilibrar-se a arca da aliança, que Davi estava fazendo transportar. Sua morte foi aparentemente considerada sem motivo justo (ver II Sam. 6:6). Ele era o proprietário da eira onde esse incidente teve lugar. Ele é chamado Quidom, em I Crô. 13:9. Ele viveu por volta de 1042 A.C. Há também estudiosos que pensam que seu nome significa, no hebraico, «golpe», formando isso um jogo de palavras: quem se chamava golpe, foi golpeado pela mão de Deus, devido a seu atrevido ato de pôr as mãos sobre a sagrada arca da aliança. Ver também o artigo intitulado *Quidom*.

NADA

No latim, **nihil**. No grego, **ouk on**, «nada em absoluto», e **me on**, «sem existência real», «sem par potencial». Os filósofos usam a expressão «não-ser» como sinônimo de nada. Os filósofos descrevem tipos e níveis de ser, e, então, concebem o não-ser, ou seja, o nada. Eles costumam dizer que é impossível falar sobre aquilo que não existe.

1. *Parmênides*. Ele fez a enigmática declaração de que o ser existe, mas o não-ser não existe. Mas, apesar disso parecer emprestar alguma espécie de realidade ao não-ser, não é provável que seja aquilo que ele tencionasse dizer. Em sua filosofia, ele não tinha lugar para algo que está vindo à existência. Para ele, as coisas existem e sempre existiram, embora possam derivar-se de outros seres, diferentes deles mesmos.

2. De acordo com os filósofos *atomistas*, o ser é o átomo e suas combinações. O nada seria o vazio onde os átomos se movimentam.

3. *Górgias*, em seu *nihilismo* (vide), negava, de forma peremptória, que qualquer coisa possa existir.

4. *Platão* concebia vários níveis do ser. O universal seria mais real que os particulares (itens deste mundo físico), que seriam meras imitações da realidade, embora continuem sendo reais. Porém, a realidade dos particulares seria de uma espécie inferior. O universal é mais real, por ser eterno e imutável. O *fluxo*, pois torna as coisas *menos reais*. Ele usava o termo «outro» a fim de exprimir opostos. Por exemplo, há o vermelho e há o outro que não vermelho. O não-ser poderia ser expresso desse modo, isto é, tachando-o de «outro»; mas Platão nunca mergulhou em uma discussão sobre o não-ser por si mesmo.

5. *Aristóteles* seguiu a direção imprimida por Platão, embora também tivesse concebido uma categoria de *privação*, que indica a ausência de alguma potencialidade em alguma coisa. A relativa não-existência de um ser em potencial é associada às

matérias-primas. Juntamente com a maioria dos pensadores gregos, Aristóteles não acreditava que a «criação» partiu do nada. Haveria mudanças, mas, segundo ele, coisa alguma jamais veio à existência partindo do vazio.

6. O *neoplatonismo* dava à humilde matéria bruta um estado de virtual não-existência, mais ou menos parecido à idéia aristotélica da matéria sem potencialidade. O mal também poderia ser descrito desse modo, isto é, como a privação do bem. Alguns dos pais posteriores da Igreja, como Agostinho, seguiram esse tipo de descrição, em suas elocuções.

7. O lema grego, «do nada nada vem», tem seu contrário na expressão latina, *creatio ex nihilo*, embora concorde com outra expressão latina, *ex nihilo nihil fit*, «do nada, nada se faz». O cristianismo, em sua decisão de evitar a idéia de emanações, e querendo fazer de Deus um ser único, afirma que houve tempo em que somente Deus existia. Em seguida, afirma que a criação inteira veio à existência por decreto divino. E assim surgiu a idéia da criação vinda do nada. Ver os artigos *Ex Nihilo* e *Ex Nihilo Nihil Fit*. Ver também o artigo intitulado *Criação*, segunda e terceira seções. Os teólogos modernos evitam o conceito da criação vinda do nada, e preferem falar em termos da energia divina ter-se transformada em matéria. Mas, isso parece voltar ao tema das emanações!

8. O *misticismo* (conforme expresso por Bernard de Clairvaux e Meister Eckhart) fala acerca da alma que se reduz a nada, a fim de, finalmente, poder ser iluminada e transformada.

9. A *dialética* dos idealistas, como Fichte, Schelling e Hegel, emprega o princípio da negação. Na tríada, a síntese reveste-se de potencialidade; mas, por enquanto, ela é nada. O processo de vir a tornar-se opera na tese; e a antítese produz a síntese, como último passo do processo.

10. *Bergson* rejeitava a idéia do nada como uma pseudo-idéia, criada pela nossa insatisfação diante das coisas como elas são.

11. *Berdyaev*, em contraste com isso, acreditava que todas as coisas partem de um nada eterno, e que o conceito da liberdade repousa sobre essa realidade, visto que os seres livres e os atos livres podem surgir sem qualquer tipo de causa.

12. Vários *filósofos existencialistas* (como Neidegger e Sartre) faziam do nada uma categoria fundamental. O temor do indivíduo de reduzir-se a nada cria o medo existencial, que é uma das emoções e experiências humanas básicas. Ao nada é dada uma espécie de condição ontológica; e esse medo acha-se à base das nossas ansiedades. Os existencialistas ateus crêem que nos estamos dirigindo para o nada, e que nos estamos reduzindo a nada. Os existencialistas teístas vêem livramento dessa redução na intervenção divina. Os existencialistas cristãos pensam que esse poder é o poder de Cristo.

13. As *religiões orientais* pensam que a «criação» é uma ilusão, visto que somente Deus seria real. Nesse caso, encontramos um tipo de nada que é apenas um epifenômeno do que é real, mas que não tem existência em si mesmo.

Uma bela citação sobre o «nada»:

«O nada é um conceito inspirador de admiração, embora essencialmente indigerível. É algo altamente valorizado por escritores de tendências místicas e existencialistas; mas, pela maioria dos outros, é considerado em meio à ansiedade, à náusea e ao pânico. Ninguém parece saber como manipular o nada, e as pessoas comuns geralmente, segundo se diz, têm pouca dificuldade em dizer, ver, ouvir e fazer nada. Os filósofos, entretanto, nunca se sentiram à vontade com essa questão. Desde que Parmênides estabeleceu a regra de que é impossível falar sobre aquilo que não existe (somente para violar à sua própria regra, ao fazer tal declaração), tem persistido a impressão de que a estreita vereda entre o bom senso e a falta de sentido, sobre esse assunto, é difícil de ser palmilhada, e que quanto menos se falar sobre a questão, melhor». (EP)

NADABATE

Nome de uma localidade mencionada em I Macabeus 9:37. João, irmão de Jônatas e Simão Macabeu, fora traiçoeiramente assassinado. A fim de se vingarem da morte do irmão, aqueles dois arquitetaram uma festa de noivado. A noiva estava sendo transportada de Nadabate para Medeba. Os dois irmãos mataram todos. Nadabate era uma cidade da Transjordânia, talvez devendo ser identificada com Nebo, chamada *Nabatha* por Josefo (*Anti.* 13:1,4). Entretanto, outros estudiosos identificam o local com a moderna Khirbet et-Teim, ao sul de Medeba.

NADABE

No hebraico, «liberal», «bem-disposto». Esse foi o nome de várias personagens masculinas do Antigo Testamento, a saber:

1. O filho mais velho de Aarão. Juntamente com seu irmão, Abiú, Nadabe perdeu a vida por haver oferecido fogo estranho ao Senhor (ver Êxo. 6:23). Ele havia sido ungido como sacerdote, juntamente com Abiú, Eleazar e Itamar (ver Êxo. 28:1). O *fogo estranho* que aqueles dois ofereceram, ao que parece foi assim denominado por não haver sido retirado daquelas chamas que queimavam perpetuamente sobre o altar, o único fogo que podia ser usado sobre o altar do Senhor (ver Lev. 6:13). Aarão e seus dois filhos sobreviventes foram então proibidos de celebrar as usuais cerimônias por seus mortos, imediatamente após o incidente, a fim de que suas mortes não fossem formalmente lamentadas, o que serviu para demonstrar a seriedade do pecado deles. Ver Lev. 10:9,10.

Alguns intérpretes pensam que os dois irmãos estavam embriagados (vss. 9,10) quando cometeram aquele erro, o que apenas serviu para complicar a questão, agravando seu atos, em meio ao culto divino. Todavia, outros eruditos pensam que não há como determinar a natureza exata do pecado deles. Talvez tanto o fogo quanto o horário da oferta estivessem envolvidos, sem falar na conduta deles. O incenso deveria ser oferecido somente pela manhã e à tarde (ver Êxo. 30:7,8). É possível que, estando eles alcoolizados, não tivessem consciência da hora do dia. Seja como for, o incidente ilustra a questão do culto divino prestado de maneira errada, que o Senhor rejeita.

2. Um rei de Israel, nação do norte, e que sucedeu a seu pai, Jeroboão, em cerca de 913 A.C., também atendia por esse nome. Ele governou somente durante dois anos (ver I Reis 15:25-31). Ver os artigos gerais sobre os reis de Israel, intitulados *Israel, Reino de* e *Rei, Realeza*. Ele foi um daqueles maus reis de Israel, a nação do norte (todos o foram), que agiu somente para perpetuar as práticas idólatras de seu pai (ver I Reis 12:30; 15:3). Ele começou mal e terminou mal. Por ocasião do cerco de Gibetom, rebentou uma revolta entre oficiais do exército, e Baasa, homem da tribo de Issacar, matou a Nadabe. Então, Baasa, tornando-se o rei de Israel, passou a exterminar a

inteira descendência de Jeroboão. Isso cumpriu certa predição feita por Aías, o profeta (ver I Reis 14:10,11). Nadabe viveu em torno de 954 A.C.

3. Um judaíta, filho de Samai. Esse Nadabe teve dois filhos; Selede e Apaim. Viveu por volta de 1410 A.C.

4. Um benjamita, filho de Jeiel e Maaca. Era parente de Quis, pai do rei Saul, o primeiro rei da unida nação de Israel (I Crô. 8:30-33; 9:35-39). Ele foi o fundador de Gibeom. Viveu em torno de 1180 A.C.

NAFIS

Nos hebraico, «refrigeração», nome do décimo primeiro filho de Ismael (Gên. 25:15; I Crô. 1:31). Esse nome passou à sua tribo, formada por seus descendentes. Os rubenitas, gaditas e a meia-tribo de Manassés subjugaram-nos, juntamente com vários outros, conforme o registro de I Crô. 5:19. Daí por diante, nada mais a Bíblia diz acerca dessa gente, e a história secular faz total silêncio a respeito deles. No entanto, alguns pensam que o trecho de Esd. 2:50 alude a esse povo, com o título de «filhos dos nefuseus». Ver também Nee. 7:52.

NAFTALI

No hebraico, «luta», «contenda». Esse foi o nome de um dos doze patriarcas do povo de Israel, da tribo que ele descendia, e de certo distrito montanhoso, na região norte de Israel.

1. *O Patriarca*. Naftali foi o sexto filho de Jacó, e o segundo de Bila, a criada de Raquel. Era irmão de Dã. Sabemos bem pouco acerca dele, como pessoa. De fato, até mesmo o seu nome só é mencionado algumas poucas vezes no livro de Gênesis (ver 30:8; 35:25; 46:24; 49:21). Todas as demais passagens bíblicas em que esse nome aparece, há menção à tribo ou distrito de Naftali. Na competição entre Lia e Raquel pelo afeto de Jacó, o que envolvia quem teria mais filhos dele, as duas irmãs entregaram a Jacó suas respectivas criadas, como concubinas. E os filhos tidos por essas concubinas eram considerados filhos daquela irmã que as entregara. Assim, o filhos de Bila eram considerados de Raquel; e os filhos de Zilpa eram considerados filhos de Lia. É verdade que isso não concorda com os costumes de hoje; mas era assim que as coisas funcionavam na antiguidade.

Diante do nascimento de Naftali, Raquel obteve ligeira vantagem sobre Lia. E talvez em face dessa circunstância foi que o menino foi chamado Naftali. Não foi um motivo muito nobre que impulsionou Raquel a dar tal nome à criança; mas, quem pode explicar o ciúme feminino? O vácuo de informações sobre Naftali não foi bem preenchido pelas tradições, como é usual. Mas, no Targum aramaico, *Pseudo-Jônatas*, somos informados que Naftali sabia correr ligeiro, e também que ele, juntamente com quatro de seus irmãos, foi selecionado para servir diante do faraó. E o Testamento dos Doze Patriarcas ajunta que Naftali faleceu aos cento e trinta e dois anos de idade. Mas, voltando às informações bíblicas, em seu leito de morte, José não disse muita coisa acerca de Naftali e seu futuro; e até o que foi dito reveste-se de caráter dúbio, tendo sido traduzido de várias maneiras. A nossa versão portuguesa diz, em Gên.49:21: «Naftali é uma gazela solta; ele profere palavras formosas». Isso pode aludir à sua proverbial velocidade na corrida, bem como aos rápidos e bons guerreiros que descenderiam dele. E «palavras formosas» pode referir-se a como essa tribo correspondeu à convocação feita por Débora e Baraque, para irem à guerra e livrar Israel. Em outras traduções, essas palavras são traduzidas como «belos filhotes». Nesse caso, estaria em pauta a prosperidade, a fertilidade, etc., daquela tribo.

2. *A Tribo de Naftali*. O território dos descendentes de Naftali ficava ao norte e ao ocidente do mar da Galiléia, estendendo-se desde as montanhas do Líbano até a extremidade sul daquele lago. Isso posto, incluía as áreas ricas e férteis adjacentes às cabeceiras do rio Jordão e a praia ocidental do mar da Galiléia. Ver Deu. 33:23; Jos. 19:32-39. Na qualidade de tribo de fronteira, o território de Naftali estava sujeito a muitas invasões vindas do norte e do leste. O antiqüíssimo cântico de Débora celebra os heróis de Naftali, que arriscaram a própria vida a fim de participarem do livramento de Israel. Nesse caso, o inimigo foi Jabim, o rei dos cananeus (ver Juí. 5:18).

Números. Quando Jacó desceu ao Egito, Naftali tinha quatro filhos (ver Gên. 46:24). Nos quatro séculos que eles ficaram no Egito, a tribo de Naftali multiplicou-se extraordinariamente, de tal maneira que, por ocasião do primeiro censo de Israel, essa tribo contava com 53.400 homens, sendo então a sexta mais numerosa das tribos de Israel (ver Núm. 1:43. E durante os quarenta anos de vagueação pelo deserto, esse número declinou um pouco, de tal modo que, por ocasião da segunda contagem, só havia 45.400 homens em Naftali, fazendo dela a oitava tribo mais numerosa (ver Núm. 26:50). Nas marchas organizadas de Israel, a tribo ocupava um lugar ao norte do tabernáculo (a tenda), sabendo-se que o tabernáculo ocupava o centro do acampamento de Israel. Mais tarde ainda, o trecho de Jos. 19:32-39 menciona que Naftali contava com dezenove cidades muradas.

Informes Históricos Posteriores. Encontrando-se em uma região fronteiriça, o território de Naftali foi freqüentemente vítima de ataques externos. O teste mais severo ocorreu nos dias de Baraque, o juiz que foi membro dessa tribo. Ver Juí. 4:6. E isso envolve a história de Débora. Quando Tiglate-Pileser III, da Assíria, assolou a Palestina, em 733 A.C., levou para o exílio a população de Naftali, naquele evento que se chama *cativeiro assírio* (vide). Foi assim que, como tribo, Naftali deixou de existir; sendo impossível dizer quantos membros dessa tribo (se algum) voltaram a Jerusalém, terminado o cativeiro babilônico, fazendo parte na continuação de Israel como uma nação. E o distrito que anteriormente fora conhecido como território de Naftali, passou a ser conhecido como «Galiléia dos gentios», onde também o Senhor Jesus passou a maior parte do seu ministério terreno (ver Mat. 4:15). A planície de Genezaré, e as cidades de Betesaida, Cafarnaum e Corazim são lugares de nomes que soam familiares para os leitores do Novo Testamento, e ficavam todas no antigo distrito de Naftali. Esse território também tornou-se um grande centro das atividades dos zelotes, os quais procuravam pôr fim ao domínio dos romanos sobre a Judéia; e um dos doze apóstolos de Jesus tinha antes pertencido a esse fanático grupo dos zelotes, isto é, Simão (ver Luc. 6:15 e Atos 1:13).

3. *O Distrito Montanhoso de Naftali*. Essa área, que formava a porção maior do território de Naftali, é mencionada em Jos. 20:7. Expressões paralelas são «monte Efraim» e «monte Judá». Mas, embora toda aquela região montanhosa fosse conhecida por esse nome de «monte de Naftali», não se tratava de um único monte, e, sim, de toda uma região montanhosa.

NAFTUIM

Não se sabe o significado dessa palavra, embora

todos reconheçam que é um vocábulo que está no plural, um nome próprio que se refere a uma das populações do Egito. Ver Gên. 10:13; I Crô. 1:11. Essa palavra é de origem egípcia, embora tendo passado pelo hebraico. Por isso, alguns estudiosos pensam que se trata apenas de uma referência à cidade egípcia de Nofe. Mas outros eruditos opinam que essa palavra alude à direção *norte*, pelo que poderia ser uma das «populações do norte», ou seja, daquelas que ocupavam o delta do rio Nilo, e a sua tradução poderia ser «aqueles do Delta». O livro de Gênesis indica que esse povo era de origem camita, o terceiro dentre sete povos camitas ali mencionados.

NAG HAMADE, MANUSCRITOS DE

Ver o artigo geral sobre o **Gnosticismo**. A antiga cidade de nome *Chenoboskion* (no cóptico, «pasto de gansos»), foi o local de um antigo mosteiro cristão, fundado por Pacômio (cerca de 320 D.C.). Essa cidade fica no Egito, na margem oriental do rio Nilo, cerca de quarenta e oito quilômetros ao norte de Luxor. Esse lugar obteve fama adicional quando importantes documentos gnósticos foram ali descobertos, por volta de 1945. Cerca de quarenta e nove desses documentos vieram à luz, quase todos traduções do grego para o cóptico. Esses documentos passaram a ser conhecidos como «de Nag Hamade», em face do nome de uma cidade moderna existente não longe dali, no lado ocidental do Nilo.

Esses documentos são importantes para o nosso conhecimento sobre a história eclesiástica, quanto às suas primeiras idéias, muitas das quais concordam ou conflitam com os ensinos dos livros canônicos do Novo Testamento. Quanto à história do gnosticismo, durante longos séculos tivemos de depender das declarações dos primeiros pais da Igreja, como Irineu. Mas, em face dessa e de outras descobertas (feitas anteriormente), agora sabemos muito mais a respeito, com base em fontes informativas originais.

Lista de Importantes Manuscritos de Nag Hamade. A Epístola do Bem-aventurado Eugnosto; o Diálogo do Salvador; dois Apocalipses de Tiago; o Evangelho da Verdade; a Epístola a Reginos Sobre a Ressurreição; um tratado sobre Três Naturezas; o Evangelho de Tomé; o Evangelho de Filipe; o Livro de Tomé; o Tríplice Discurso da Tríplice Protenoia; um Apocalipse com a forma de epístola; as Paráfrases de Sem (Setita); o Apocalipse de Pedro; o Apocalipse de Dositeu (também chamado de Três colunas de Sete); o Apocalipse de Paulo; o Apocalipse de Adão e seu Filho, Sete; o Apocalipse do Grande Sete; o Autêntico Discurso de Hermes a Tate. A maior parte desse material gnóstico pode ser datado, com segurança, como pertencente ao século II D. O *Evangelho de Tomé* é uma das mais importantes obras dentre esses documentos. Contém cento e catorze declarações de Jesus (isto é, atribuídas a Jesus), algumas das quais também foram encontradas entre os papiros de Oxyrhynchus. Ver o artigo intitulado *Oxyrhynchus, Declarações de Jesus de*. O artigo geral sobre o gnosticismo descreve seus principais documentos literários, no seu décimo terceiro ponto. Apesar de alguns exageros, os primeiros pais da Igreja brindaram-nos com algumas descrições bastante exatas das crenças gnósticas.

NAGAÍ

Essa é a forma grega do nome próprio hebraico No'gah, «brilhante». A forma hebraica do nome ocorre em I Crô. 3:7 e 14:6. E a forma grega em Luc. 3:25, onde figura como um dos antepassados de Jesus Cristo.

NAGARJUNA

Suas datas foram 100-200 D.C. Ele foi um dos maiores filósofos-teólogos da Índia. Foi um budista mahayana, e também o primeiro expositor sistemático da escola chamada Shunyavada. Essa escola ensinava a relatividade do pensamento e a não-dualidade do Absoluto. Essa escola também é conhecida como *Escola da Doutrina Intermediária*.

Idéias:

1. Ele arquitetou raciocínios similares aos de Zeno de Eléia, criando argumentos com grande habilidade, a fim de que as idéias de seus oponentes parecessem ridículas. Um de seus objetivos consistia em demonstrar que coisa alguma pode ser produzida do nada. Coisa alguma pode proceder do vácuo ou da não-existência. E também que quando alguma coisa é produzida a partir de alguma coisa já existente, então temos aí uma modificação de algo, e não uma criação.

2. Ele negava o conceito de causalidade. Se o efeito já existe em uma causa, então trata-se apenas de algo parecido com um fio que já existe em um pedaço de tecido, e os fios deveriam ser chamados tecido. Mas, se um efeito não existe em uma causa, então de onde esse efeito pode proceder? Daí ele concluía que a causalidade é ilusória. Outro tanto ele dizia acerca do movimento, o qual, para ele, é apenas uma ilusão. As mudanças também seriam impossíveis. Se não existe o que é imutável, então coisa alguma pode ser modificada. E, se existe, então não há mudança nenhuma.

3. A matéria é irreal. A matéria não-causada não é possível. Contudo, se ela existe, então não tem causa, porquanto já existe. De acordo com Buda, o universo não tem começo e nem fim. Ora, o que não existe no começo, também não existe no meio. A conclusão de Nagarjuna é que o chamado universo criado é apenas uma ilusão mental.

4. Nagarjuna também negava a realidade do *Nirvana* (vide). Para ele, este não pode deixar de existir, e também não existe, pois é apenas uma ilusão.

5. Nesse caso, qual a conclusão da questão? Ele sumariava seus pontos de vista em suas catorze antinomias. Não podemos dizer nada de certo acerca de muitas coisas: o mundo é finito ou infinito? o mundo é permanente ou não? a mente é idêntica à matéria ou não? existe ou não o Nirvana?

6. Nagarjuna concluía que a realidade transcende ao intelecto humano. Todas as distinções desaparecem na realidade, de tal modo que a realidade é apenas o Absoluto. Haveria uma certa verdade empírica, que atua como disfarce da realidade, e que opera na vida de todos os dias. Porém, no Absoluto, essa verdade empírica torna-se ilusória. O conhecimento sobre o Absoluto destrói o círculo das causas e efeitos. A identidade, conforme a conhecemos, é meramente relativa, não tendo qualquer significado exceto quanto ao fato de que está vinculada ao Absoluto, que é tudo em tudo. E a vereda da salvação consistiria em elevar-se o indivíduo acima das manipulações das categorias do intelecto, percebendo ele o Absoluto e sendo por ele absorvido.

Escritos. Twenty Verses on the Greta Vehicle; Treatise on the Middle Doctrine; Treatise on Relativity.

••• ••• •••

NAGEL, ERNEST

Ele nasceu em 1901. Minhas fontes informativas não fornecem a data de sua morte, se é que já faleceu. Ele foi um filósofo norte-americano naturalizado. Nasceu na Checoslováquia. Educou-se no City College e na Universidade de Columbia. Posteriormente, ensinou em ambas as instituições. Foi nomeado para a cadeira de John Dewey. Defendia as posições do naturalismo e do instrumentalismo. Envolveu-se profundamente na lógica e na filosofia da ciência.

Idéias:

1. *Naturalismo*. Todas as coisas e todos os eventos devem ser compreendidos dentro da categoria naturalista. Esse sistema seria fechado e absoluto. Não haveria tal coisa como o mero acaso. Tudo funcionaria à semelhança da matemática. Os chamados eventos ocasionais são mal-entendidos, por nossa falta de melhor entendimento sobre as coisas.

2. Ele repelia a idéia de que a *mecânica quantum* (vide) abre caminho para a noção de que os acontecimentos ao acaso são menos deterministas que aqueles da física clássica. Ver também o artigo intitulado *Mecânica*. O acaso parece ser real, porque as nossas leis ainda não se formaram totalmente. Mas somente a falta de melhor compreensão dá origem ao conceito da sorte ou acaso.

3. Nagel objetava às explicações teológicas das coisas, como se também estivessem alicerçadas sobre a falta de informação. Mas todas essas explicações, finalmente, um dia haverão de ceder lugar a explicações naturais. Quanto ao argumento que se baseia sobre o *reducionismo* (todas as categorias da física e da química deveriam ser entendidas por um prisma materialista) e sobre a *biologia organísmica* (as explicações mecanicistas finalmente fracassam), ele assumia a posição de que nenhum dos lados haverá de sair-se vencedor.

4. Ele se apegava à idéia do determinismo social, supondo que existem fatores determinantes que provocam todos os acontecimentos, de tal maneira que coisa alguma fica abandonada à sua própria sorte. As explicações dadas pelos historiadores dificilmente podem ser consideradas científicas, porquanto tendem para o subjetivismo.

5. Ele não era materialista no sentido reducionista. Porquanto defendia valores reais, no campo da estética, bem como determinações de valor de todas as variedades.

6. *Instrumentalismo*. Nagel respeitava e promovia o instrumentalismo de John Dewey, sem a interferência da ontologia. Ele interpretava contextualmente os princípios da lógica, sem compromissos ontológicos no tocante à situação de entidades e princípios lógicos.

7. Ele concordava com Peirce que a inquirição, quando honesta, corrige-se a si mesma. A conclusão de cada inquirição pode ser desafiada por novas construções teóricas, ou por novas experiências. A pesquisa levaria constantemente a conclusões das quais não podemos depender, e que exigem contínua modificação e aprimoramento.

8. Ele não fazia diferença entre a declaração de que uma teoria é verdadeira e a declaração de que uma teoria é satisfatória. Uma declaração seria verdadeira (pelo menos pelo momento), se fosse satisfatória; mas tudo estaria precisando de uma contínua redefinição. Nagel era instrumentalista e naturalista, e esses dois termos devem ser entendidos como tendo o mesmo sentido funcional.

Escritos. An Introduction to Logic and Scientific Method; Principles of the Theory of Probability; Sovereign Reason; Logic Without Metaphysics, Observation and Theory in Science.

NAIDO

A Septuaginta grafa esse nome como as formas de *Naeidos* (A) e de *Naaidos* (B). Esse era o nome de um homem que se casou com uma mulher estrangeira, durante o tempo do cativeiro babilônico, mas que foi forçado a divorciar-se, depois da volta do remanescente de Judá a Jerusalém. Os antigos votos foram renovados, e os elementos estrangeiros à cultura hebréia foram retirados. Esse nome, Naido, só aparece em I Esdras 9:31. Mas, talvez, ele tenha sido o mesmo indivíduo que é chamado Benaia, em Esd. 10:30.

NAIM

No hebraico, «deleite», «beleza». Esse era o nome de uma cidade à entrada da qual o Senhor Jesus ressuscitou o filho único da viúva, conforme se lê em Luc. 7:11 *ss*. Essa cidade não é mencionada em qualquer outro trecho das Escrituras. Porém tem sido identificada com *Naim*, uma aldeia cerca de dez quilômetros a suleste de Nazaré, e a quase cinco quilômetros a nordeste de Solém, o lugar onde tinha habitado a mulher sunamita, quando Eliseu lhe ressuscitou o filho. Nas proximidades desse local há um certo número de antigas cavernas, usadas como sepulcros, localizados no lado oriental da cidade. O caminho que conduz à localização geral, segundo crêem alguns arqueólogos, é o mesmo onde a multidão se encontrou com Jesus, quando o cortejo fúnebre prosseguia em direção ao local do sepultamento. Jesus ficou emocionado diante da triste cena de uma viúva que perdera seu filho único, interveio e ressuscitou o rapaz, para espanto da cidade inteira. Somente Lucas narra o incidente, sendo esse um dos treze textos onde Lucas usa o título «o Senhor», para indicar Jesus (ver o vs. 13).

A moderna aldeia de *Nain*, identificada como aquela do Novo Testamento, fica cerca de dezesseis quilômetros ao sul e ligeiramente a leste de Nazaré, perto de Kefar Yeledim e de Mahne Yisrael. Atualmente é um povoado islâmico. Os frades franciscanos erigiram ali uma pequena capela, a fim de comemorar aquele milagre feito por Jesus. Josefo (*Guerras* 4.9.4,5) menciona uma cidade com esse nome, que um certo revolucionário, de nome Simão, fortificou; mas esse lugar ficava na Iduméia, ao sul de Massada, e não pode ser o mesmo lugar mencionado por Lucas.

NAIOTE

No hebraico, «residências». Em algumas traduções portuguesas, «Naiote de Ramá». Nossa versão portuguesa diz «casa dos profetas, em Ramá». Foi ali que Samuel e Davi refugiaram-se, quando fugiam de Saul (I Sam. 19:18 *ss*). Saul chegou a perseguí-los até ali; mas o Espírito de Deus interveio. E quando Saul chegou em Sucu, perto de Ramá, o espírito do Senhor apossou-se dele, e ele ficou profetizando, enquanto caminhava, até chegar em Ramá. Ali chegando, Saul despiu a túnica e ficou deitado por terra o dia e a noite inteiros (ver os vss. 20-24). Também era perto dali que Samuel residia, em companhia de seus discípulos (I Sam. 19:18,19,22,23; 20:1). Os escritores rabínicos informam-nos que Ramá era o nome de uma colina, e que Naiote era um ponto dessa colina, e não alguma aldeia. O fato é que esse incidente outorgou a Saul a falsa reputação de fazer parte do grupo dos profetas.

É muito difícil explicar os movimentos do Espírito de Deus; mas sabemos que Saul nunca foi um bom profeta, sob hipótese alguma.

Ramá tem sido identificada com a moderna *er-Ram*, que fica cerca de treze quilômetros ao norte de Jerusalém. Coisa alguma se sabe a respeito de Naiote, fora dos textos bíblicos.

NANAQUE

Suas datas foram 1469-1538. Nanaque foi o fundador da religião dos sikhs da Índia. Ver o artigo intitulado *Sikhs*. Ele nasceu em uma família islâmica, e assim a religião por ele fundada combina elementos do hinduísmo com elementos do islamismo. Foi notável poeta e compositor de hinos, tendo produzido inúmeros cânticos em honra a Hari (Deus). Muitos desses hinos foram incorporados no livro sagrado do movimento, chamado *Granth* (vide). Conforme em tantos outros casos similares, sua vida de profeta e líder religioso começou com uma experiência mística. Sua visão conferiu-lhe diretrizes para a substância e para a expressão de sua fé. Essa religião, apesar de preservar o conteúdo do islamismo e do hinduísmo, desfez-se de seu ritualismo e formalismo. Nanaque ensinava o monoteísmo e a tolerância para com outras religiões, paralelamente à necessidade de qualidades como o amor, o altruísmo, a sinceridade, a pureza e a sede pela verdade. O volume sagrado que daí resultou, parcialmente por causa dos hinos e dos ensinamentos de Nanaque, foi publicado em 1604.

NANAR

Esse era o nome que os sumérios davam para o deus-sol e que os caldeus davam para a divindade que chamavam de Sim. Essa palavra vem de *Nar-nar*, «doador da vida». Na Mesopotâmia, o deus-lua também tinha grande proeminência. Ver o artigo detalhado chamado *Deuses Falsos*.

NÃO-COGNITIVISMO

Essa palavra é usada no contexto ético, indicando que aos termos éticos falta um significado cognitivo. Com freqüência ela é usada em conexão com as teorias emotivistas, que supõem que os presumíveis *valores* são apenas reações emocionais das pessoas, embora sem terem, necessariamente, sentidos genuínos. O não-cognitivismo afirma que as declarações morais precisam ser entendidas em termos de atitudes dos sentimentos, e não como genuínas declarações cognitivas.

NÃO-FAVORECIDA

Um nome simbólico que Oséias, o profeta deu a sua segunda criança, uma menina. Isso simbolizava o fato de que Deus haveria de julgar em breve a seu povo, sem qualquer piedade, em virtude de seus muitos pecados. Ver Osé. 1:6. Está em foco o cativeiro assírio, que ocorreu em 722 A.C., e que acabou com o reino do norte, Israel.

NÃO-MEU-POVO

Esse foi o nome simbólico que o profeta Oséias deu ao seu terceiro filho. Esse apelativo indicava que, em breve, Deus visitaria seu povo com julgamento. Ver Osé. 1:9. Esse julgamento, conforme todos sabemos agora, seria a devastação e exílio do reino do norte, pelos assírios, o que ocorreu em 722 A.C.

NÃO-VIOLÊNCIA (NÃO-RESISTÊNCIA)

Temos aí a idéia de que os alvos colimados, na política, na religião ou na sociedade, são mais facilmente alcançados mediante a não-resistência aos opressores, não por meios violentos, e, sim, através de uma resistência passiva e pacífica, incluindo a desobediência civil, mas sem o concurso de atos de violência. Tolstoy preconizava o uso da resistência moral e da resistência passiva. Thoreau e Einstein estão vinculados a esse conceito. Mas, a figura mais exponencial dessa idéia, naturalmente, é *Gandhi* (vide), cuja biografia talvez seja o mais notável exemplo histórico desse princípio.

NAOR

No hebraico, «resfôlego», «respiração pesada». Esse é o nome de duas personagens e de uma cidade, que figuram nas páginas da Bíblia:

1. O filho de Serugue e pai de Terá, pai de Abraão (ver Gên. 11:22-25). Viveu pelo espaço de 148 anos, algum tempo antes de 2300 A.C. Também aparece na genealogia de Jesus, em Luc. 3:34.

2. Um filho de Terá e irmão de Abraão e Harã. Casou-se com sua sobrinha Milca, filha de Harã (ver Gên. 11:26,27,29). Aparentemente, viajou até Harã (o lugar), na companhia de Terá, Abrão e Ló, a despeito do fato de que isso não é especificamente mencionado em Gên. 11:31. Harã veio a tornar-se conhecida como «a cidade de Naor» (Gên. 24:10), e isso parece uma prova adequada daquela assertiva. Naturalmente, ele pode ter chegado ali posteriormente.

Naor foi o progenitor de doze tribos dos arameus, alistadas em Gên. 22:20-24, o que ilustra o parentesco próximo entre os arameus e os hebreus. Parece que Naor havia preservado as tradições religiosas (pré-hebréias) dos semitas, porquanto adorava um falso deus, honrado por seu pai, Terá (ver Gên. 31:53). É possível, igualmente, que o pacto firmado entre Jacó e Labão, em Mispa (ver Gên. 31:43 *ss*), tenha incluído vastos feitos tanto a Yahweh quanto ao deus de Terá, o que era tradicional na família, provavelmente desde gerações antes.

3. *A Cidade de Naor*. Harã veio a tornar-se conhecida como «cidade de Naor» (Gên. 24:10). E isso deveu-se ao fato de que Naor, irmão de Abraão, ali viveu, em companhia de seus filhos, onde veio a tornar-se o principal cidadão do lugar. Alguns estudiosos pensam que essa cidade, na verdade, não se chamava Naor, mas simplesmente que a Bíblia a designa como «cidade onde Naor vivia». Porém, em favor do fato de que essa cidade, deveras tinha o nome de *Naor*, é que os textos de Mari mencionam uma certa *Nahur* como cidade do norte da Mesopotâmia. E essa ou seria a própria Harã, com uma mudança de nome, ou, então, alguma cidade próxima de Harã. Ver Gên. 27:43; 28:10; 29:4,5.

No tempo em que foram escritas as *cartas de Mari* (vide), no século XVIII A.C., o lugar era governado por um príncipe amorreu. Parece que ficava situada abaixo de Harã, no vale do rio Balique, na Alta Mesopotâmia.

NARCISO

No grego, **Nárkissos**, «flor que causa letargia». Esse foi o nome de certo crente que residia em Roma, ao qual Paulo saúda, juntamente com outros dentre os familiares. — Talvez Narciso fosse certo liberto favorito do imperador Cláudio. O fato é que, na Bíblia, nada mais se sabe sobre ele, a não ser o que se lê em Rom. 16:11.

NARCÔTICOS

Ver o artigo geral sobre as **Drogas**.

NARDO

No hebraico, **nerd**. — Esse vocábulo hebraico provavelmente, de origem sânscrita, ocorre somente por três vezes, sempre no livro de Cantares, a saber Can. 1:12; 4:13,14. No grego, *nárdos pistiké*, «nardo genuíno». Essa expressão aparece por duas vezes, em Mar. 14:3 e em João 12:3.

O nardo era um ungüento muito fragrante, obtido de uma planta da parte oriental da Índia, a *Nardostachys jatamansi*. Essa planta faz parte da família das valerianas, e é dotada de raízes fibrosas perfumadas. O dicionário da Royal Horticultural Society (1951), chama essa planta de «nardo dos antigos».

No Antigo Testamento, o nardo é mencionado como um daqueles perfumes exóticos, usado pela noiva do livro de Cantares. No Novo Testamento, o «nardo puro», conforme diz a nossa versão portuguesa, sempre aparece usado na pessoa de Jesus, aplicado por alguma mulher. Em Marcos 14:3, quando Jesus estava reclinado na casa de Simão, por quem fora convidado, chegou uma mulher, trazendo um vaso de alabastro e, quebrando o vaso, derramou o bálsamo sobre a cabeça de Jesus. O trecho paralelo de Mat. 26:6-13 não especifica que o bálsamo era de nardo. Em João 12:3, Maria, irmã de Lázaro e de Marta, aparece como a mulher que derramou o bálsamo de nardo sobre a cabeça de Jesus. Portanto, essas três passagens devem ser combinadas entre si para que recolhamos todos os informes sobre o incidente. Marcos e Mateus dizem-nos que isso ocorreu na casa de Simão, o leproso. João nos diz que o ato foi praticado por Maria. Marcos e Mateus referem-se à objeção feita pelos discípulos como um «desperdício»; João ajunta o detalhe que Judas Iscariotes, o discípulo que haveria de trair a Jesus dentro de poucos dias, chegou a expressar sua indignação com um argumento. Mateus e Marcos dizem que o Senhor Jesus galardoou Maria imediatamente, revelando: «Onde for pregado em todo o mundo este evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua» (Mat. 26:13).

Em João lemos que o bálsamo tinha grande preço. Assim era porque precisava ser importado da Índia, em jarras de alabastro seladas, a fim de conservar o perfume. Somente quando algum ricaço proprietário recebia convidados especiais é que quebrava o selo da jarra de alabastro, e procedia a unção em quem quisesse, como demonstração de honraria toda especial. Tudo isso demonstra o amor que Maria tinha pelo Senhor Jesus. E esse amor era mútuo, porquanto lemos em João 11:8: «Ora, amava Jesus a Marta, e a sua irmã e a Lázaro».

NARIZ, VENTAS

1. Palavras e Usos

No hebraico, *aph*, cuja forma dual é *appayim*, ou seja, por onde se respira (ver Núm. 11:20). Essa mesma palavra hebraica também é usada para indicar «ira» (ver Pro. 22:24). Essa palavra ocorre por vinte e cinco vezes, no Antigo Testamento, com o sentido de «nariz», a saber: Gên. 2:7; 7:22; Êxo. 15:8; Núm. 11:20; II Sam. 22:9,16; II Reis 19:28; Jó 4:9; 27:3; 40:24; 41:2; Sal. 18:8,15; 115:6; Pro. 30:33; Can. 7:4,8; Isa. 2:22; 3:21; 37:29; 65:5; Lam. 4:20; Eze. 8:17; 23:25; Amós 4:10. Um bom número dessas referências tem um sentido metafórico. No entanto, a palavra «nariz» nunca ocorre no Novo Testamento.

2. Descrição

O nariz é aquela porção da face humana e do focinho dos animais que faz parte do mecanismo da respiração, contendo galerias para a passagem do ar até os pulmões. É no nariz, igualmente, que se acomoda o órgão do olfato. Na maioria dos animais, o nariz é a parte mais proeminente do focinho, tanto entre animais carnívoros quanto em animais herbívoros de cabeça longa. Em certos animais, como é o caso do porco, o nariz tem a função adicional de fuçar, para desarraigar plantas pequenas. No elefante, o nariz é um órgão de preensão.

O nariz compõe-se de um complexo de ossos, músculos e cartilagens. A pele que envolve o nariz é de caráter delicado e suave. Os pêlos do nariz são mais delicados que de outras partes do corpo. As glândulas da pele do nariz são bastante numerosas e possuem ductos curtos, e suas secreções são abundantes. O nariz é local onde se manifestam várias enfermidades, a mais freqüente delas é o resfriado comum. O nariz atua como filtro de ar, e também aquece ao mesmo. As pessoas que vivem em climas frios (ou aquelas cujos ancestrais viviam em zonas frias do mundo) tendem por ter narizes mais volumosos, mais eficazes no aquecimento do ar frio, como medida de proteção dos pulmões. É fato bem conhecido que o ser humano tem um olfato deficiente, em comparação com o de outros animais. Seus nervos olfativos são muito limitados, quando confrontados com o que sucede com cães, ovelhas, etc., além de muitos insetos.

3. Usos Metafóricos

a. O hálito da vida. Os hebreus não compreendiam muito sobre o sistema respiratório. Assim, falavam sobre o nariz como o órgão que contém a respiração que dá vida, em vez dos pulmões (ver Gên. 2:7; 7:22). b. A elevação do nariz indica arrogância ou orgulho, por parte dos homens (ver Sal. 10:4). c. Uma argola ou anzol, enfiado no nariz de alguém, é sinal da sujeição desse alguém a outrem (ver Jó 41:2); mas havia quem usasse argolas no nariz, para efeito de adorno (ver Gên. 24:22,3; Eze. 16:12). d. Colocar um raminho no nariz tinha algo a ver com as expectações mágicas, talvez sendo considerado um meio eficaz de espantar os demônios (ver Eze. 8:17). Mas alguns intérpretes têm visto nisso um gesto de ira. e. O ato de resfolegar, que requer o uso do nariz, indica ou ira (ver Jó 39:20) ou paixão (Jó 27:3). f. Fumaça saindo pelo nariz simboliza ira ou predisposição à violência (II Sam. 22:9). g. Nas visões e nos sonhos o nariz pode apontar para a faculdade da «intuição». Costumamos dizer: «Estou cheirando alguma coisa errada», cujo sentido nos é bem conhecido.

NASBAS

No grego da Septuaginta, **Nasbás** (em outros manuscritos, **Nabád**). Esse nome pessoal ocorre somente em Tobias 11:18, onde se lê: «E Aquiacaro, e Nasbas, filho de seu irmão». O trecho indica que esse homem fez-se presente ao casamento de Tobias. As opiniões dos estudiosos diferem quanto a ter sido Nasbas «filho do irmão» de Tobias ou de Aquiacaro.

Há traduções do livro de Tobias que tentam uma solução, proposta por Junius, que dizem, «Aquiacaro, também chamado Nasbas». E essa solução parece ser confirmada por Tobias 1:22, onde Aquiacaro é mencionado como «filho do irmão» de Tobias. Além dessa tentativa de solução, há outras, nas versões itálicas e siríacas. O que parece indiscutível é que Nasbas foi o mesmo homem chamado Amã, em Tobias 14:10.

NASCER DA ÁGUA Ver **Regeneração.**

Ver o artigo sobre **Nascer de Novo.**

NASCER DE NOVO

Diversas Interpretações

1. Do ponto de vista judaico, a água simboliza as *operações do Espírito Santo*. Assim sendo, o novo nascimento ocorre mediante a operação do Espírito. Naturalmente, nisso temos uma grande verdade, embora, mui provavelmente, isso não encerre toda a verdade da passagem que temos à frente.

2. O batismo cristão, em sentido de *regeneração batismal*. Estaria em foco a água do batismo, posto que o batismo foi ordenado por Cristo, sendo um mandamento que deve ser obedecido, dotado de valor místico; e somente aqueles que se submetessem ao batismo em água é que supostamente poderiam ser regenerados. Assim dizem o catolicismo romano, o luteranismo e outros grupos. Todavia, não é provável que esteja em vista o batismo cristão, posto que Nicodemos não poderia ter feito qualquer idéia a respeito, sendo instituição de data bem posterior. Acrescenta-se a isso o fato de que as passagens dogmáticas do apóstolo Paulo, que descrevem a salvação e a regeneração, nada têm a ver com o batismo em água, como se fizesse parte integrante das mesmas. Assumir essa posição, pois, é confundir o «sinal» com a coisa «simbolizada». A água do batismo não regenera, e nem o faz a submissão a esse ato. Porém, a água é um símbolo da regeneração, tanto no Antigo como no Novo Testamento, e Pedro usou a água como símbolo da própria salvação, segundo se observa em I Ped. 3:21, onde foi declarado que «...através da água, a qual, figurando o batismo, agora também vos salva...» Esse batismo é a mensagem e a experiência cristã *em sua totalidade*, que realmente salva, tal como poucas pessoas foram salvas na arca, é uma espécie de batismo aquático (em que a arca passou incólume pelas águas revoltas do dilúvio), sendo assim preservadas da destruição. Da mesma maneira, somos conservados em segurança nos braços de Cristo, e o batismo, que representa a união com Cristo, é contemplado como símbolo do agente salvação, e mesmo da experiência da salvação, em sua inteireza.

3. A água significaria o batismo de *João Batista*. Não é impossível que Nicodemos estivesse suficientemente familiarizado com o batismo de João, para que pudesse compreender uma alusão ao fato; porém, em parte alguma das Escrituras foi declarado que o batismo de João pudesse produzir a salvação ou o novo nascimento. Pelo contrário, era um rito inteiramente preparatório e simbólico, que tinha o intuito de despertar os homens para a necessidade do arrependimento, a fim de que viessem a receber corretamente ao Messias e ao seu reino.

4. Alguns estudiosos misturam os pontos de vista de números 2 e 3, explicação essa, entretanto, sujeita às mesmas críticas que temos feito contra esses citados pontos de vista.

5. Alguns acreditam que Jesus limitou-se àquilo que Nicodemos teria podido compreender como judeu, e que ele fizera alusão às diversas *cerimônias de purificação* e dedicação dos judeus, que também eram chamadas pelo nome de «batismos». Tais ritos significariam, para Nicodemos, a purificação dos pecados e a dedicação a Deus, embora não tivesse sido compreendido então qualquer espécie de novo nascimento, conforme agora entendemos. Pelo menos isso serviu de ponto de referência, à base do que Jesus pôde continuar ensinando. Encontramos tais referências nas págs. do A.T., como em Sal. 51:2: «Lava-me completamente da minha iniqüidade, e purifica-me do meu pecado»; Isa. 52:15: «...assim causará admiração às nações...»; Eze. 36:25: «Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos vos purificarei». A esses trechos podemos acrescentar o vs. 26 dessa passagem de Ezequiel, que promete um novo espírito e um novo coração. (Ver também o trecho de Zac. 13:1). É extremamente difícil escaparmos das implicações da passagem de João 3:5, onde Jesus pelo menos fez alguma alusão a essas questões, tendo-as utilizado como símbolos da operação espiritual do Espírito Santo, ao realizar o novo nascimento.

6. Alguns intérpretes, especialmente alguns protestantes, procuram divorciar dessa passagem a idéia de batismo em água, — quer como agente eficaz da regeneração, quer até mesmo como mero símbolo; e fazem referência a versículos tais como o de Tito 3:5, que descreve a *lavagem da regeneração* e a «renovação do Espírito Santo». Entretanto, alguns revidam contra essa idéia, dizendo que a própria expressão, «lavagem da regeneração», é uma referência ao batismo. O texto de Efé. 5:26 também tem sido salientado nesse particular: «...para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água, pela palavra...» Assim, pois, a «palavra» seria equivalente a «água».

7. Outros crêem que a *água* seja meramente uma referência ao *nascimento físico*, que é acompanhado de certa emissão de água. Porém, é uma insensatez afirmar que somente aqueles que tivessem nascido fisicamente poderiam ser reputados como candidatos ao novo nascimento. Isso pode ser uma verdade, mas tal assertiva é trivial.

8. Outros estudiosos, ainda, defendem a idéia de que a *água*, neste caso, é uma referência ao batismo e aos seus simbolismos, em sentido *muito geral*, sem que fiquem especificados o batismo judaico, o batismo de João ou o batismo cristão.

A Interpretação Assumida por esta Enciclopédia é a Seguinte:

1. *Não* precisamos supor haver qualquer ensino de regeneração batismal nesta passagem. O autor do quarto evangelho era por demais *místico*, por demais voltado para as coisas do outro mundo, em seus ensinos, para ensinar qualquer noção de que qualquer ato físico possa fazer parte daquele nascimento que se origina no alto.

2. Apesar disso expressar certa verdade, não há razão para supormos que Jesus não se referiu a *alguma* forma de batismo em água, *como símbolo* da operação do Espírito, que vem do alto. A água simbolizava justamente essa operação, no A.T., e Nicodemos, sem dúvida, teria podido compreender essa referência.

3. O fato de que as passagens dogmáticas de Paulo, sobre a salvação e a justificação, *nem ao menos mencionam* o batismo em água, demonstra que tal batismo não pode ser o agente real da regeneração, por melhor que o represente.

4. O trecho de Col. 2:11,12 vincula o batismo e a circuncisão como ilustração da mesma verdade espiritual (pelo menos de determinada verdade espiritual, a saber, a purificação e, em seguida, a participação na santidade); portanto, argumentar que o batismo salva é equivalente a argumentar que, nos tempos do A.T., a circuncisão salvava. No entanto, Paulo negou enfaticamente que a circuncisão física salvasse, conforme lemos em Rom. 2:28,29. A

circuncisão autêntica é *no íntimo*, e não é um sinal externo. A verdadeira realidade espiritual é a circuncisão do coração, a transformação interna, e o ato externo e físico não passa de um símbolo. Assim também se dá *com o batismo*.

5. Assim, pois, parece correto dizermos que a *água* faz alusão ao batismo, aos ritos judaicos, talvez com alguns indícios sobre o batismo de João, que teria incorporado esses mesmos símbolos; porém, não foi jamais dito e nem subentendido que esse *ato externo, por si só*, é um agente salvador, um agente regenerador. Pelo contrário, trata-se de um símbolo da operação do Espírito Santo, que transforma internamente os homens, até que, por fim, os transforma metafisicamente, na totalidade de sua personalidade, ou seja, transforma-os segundo a imagem de Cristo, e nisso consiste a regeneração total. O elemento real é a operação do Espírito. Um símbolo dessa operação, que Nicodemos poderia ter compreendido, é a «água» das palavras de Jesus. Tal símbolo envolvia os diversos ritos de batismo que subentendiam purificação e dedicação a uma ordem espiritual de coisas. O que esta interpretação assevera, por conseguinte, é que o trecho de João 3:3,5 ensina exatamente a mesma verdade que a passagem de Tito 3:5: «...não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo». Essa lavagem é de natureza inteiramente espiritual, e não pode ser realizada por meio do uso de água; porém, até mesmo aqui, pode haver, mui provavelmente, *uma alusão* ao batismo em água, como símbolo dessa regeneração.

Uma chave parcial, para melhor compreensão dessa passagem, se encontra nas próprias palavras de João Batista, em João 1:33, onde se lê: «...me enviou a batizar com água, me disse: Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo». João Batista a ninguém salvou por meio do batismo; mas tão somente alertou suas consciências para aquele batismo espiritual que Jesus viria ministrar.

NASCIMENTO

No hebraico há três palavras envolvidas, e no grego, duas, a saber:

1. *Yalad*, «produzir», «dar à luz», usada por mais de quinhentas vezes (por exemplo: Gên. 4:1; 46:25; Êxo. 2:2; I Crô. 1:32; Osé. 1:3,6,8).

2. *Mekurah*, «nascimento», palavra usada por quatro vezes (Eze. 16:3; Eze. 21:30, para exemplificar).

3. *Mashber*, «rompimento». É palavra usada por três vezes (II Reis 19:3; Isa. 37:3; Osé. 13:13).

4. *Geneté*, «nascimento». Palavra grega usada por uma vez só (ver João 9:1).

5. *Génnesis*, «começo», «geração». Palavra grega usada por cinco vezes (ver Mat. 1:1,18; Luc. 1:14; Tia. 1:23 e 8:6).

Há vários pontos que precisamos considerar a respeito:

a. Nascimento natural. Lemos que as mulheres hebréias davam à luz a seus filhos com muito maior facilidade do que as mulheres egípcias, talvez porque os seus hábitos de vida tornavam as egípcias muito mais indolentes (Êxo. 1:19). Parece que a profissão de parteiras, entre os hebreus, teve começo no Egito, onde as parteiras eram utilizadas em casos difíceis.

b. O nascimento virginal de Cristo é o grande nascimento referido no Novo Testamento. Ver o artigo sobre esse assunto, quanto a plenos detalhes e acerca das controvérsias que cercam a questão.

c. A teologia que cerca as dores do parto. O trecho de Gênesis 3:16 indica que a queda do homem complicou o processo do nascimento natural, tornando-o mais doloroso do que seria, se o ser humano não fosse pecaminoso. Mas outros estudiosos pensam que o ato de dar à luz tornou-se *símbolo* dessa dor, e não que o processo tivesse se tornado mais doloroso.

d. Metaforicamente falando, encontramos menção às dores de parto de toda a criação, que aguarda sua restauração, o que sucederá após a redenção dos corpos dos eleitos, isto é, após a ressurreição dos salvos (Rom. 8:22).

e. O trabalho de parto comumente é usado como símbolo de sofrimentos, sobretudo aqueles vinculados à punição ou julgamento (Mat. 24:8; I Tes. 5:3). E isso em associação à «parousia» ou segunda vinda de Cristo.

f. Contudo, o trabalho de parto também pode simbolizar as tribulações e testes que uma pessoa pode experimentar, quando procura ajudar a outrem a nascer espiritualmente (Gál. 4:19 e Isa. 53:11).

g. O *novo nascimento* é uma das principais aplicações espirituais do processo de nascimento. Ver sobre a *regeneração*.

h. Nascer é *símbolo psicológico* do começo de alguma nova obra, como a produção de uma nova realização ou a renovação de esperanças ou ambições. Nos sonhos, também pode ter o sentido de regeneração espiritual, ou então o sentido de desejar aprimorar ou enobrecer a vida. O *embrião* pode simbolizar uma vida à qual faltam escopo e desenvolvimento, ou que ainda se encontra nos primeiros estágios de desenvolvimento. (CHE DE Z)

NASCIMENTO DE MARIA; EVANGELHO DO

Ver **Maria, Evangelho do Nascimento de.**

NASCIMENTO VIRGINAL DE JESUS

História e Profecia em Isaías 7:14 e Mateus 1:22,23

Esboço:

Introdução

I. Palavras Envolvidas
   No hebraico: *almah*
   No grego: *párthenos*

II. Várias Interpretações Sobre Isaías 7:14

III. Propósito de Mateus ao Usar o Texto de Isaías

IV. Nascimento Virginal em Luc. 1:27

V. A Controvérsia Liberal Conservadora Sobre o Nascimento Virginal de Jesus

Conclusão

Introdução

Isaías 7:14 é um texto controvertido. Textos desse naipe provocam uma curiosa atividade por parte dos intérpretes. Em primeiro lugar temos a tendência dos que são do lado oposto do debate de ignorar certos «fatos» que debilitam os seus respectivos argumentos. Em segundo lugar, mesmo quando abordam os mesmos fatos, os intérpretes conseguem ver diferentes coisas neles.

O propósito deste artigo é apresentar os fatos disponíveis em minhas fontes informativas, procurando fazer uma modesta análise crítica.

Ver o artigo separado sobre *Virgem*.

I. Palavras Envolvidas

1. No Hebraico: Almah

Essa palavra hebraica significa, necessariamente, «virgem», conforme alguns insistem? Essa pergunta desperta prontamente a segunda reação, mencionada na introdução. Nesse ponto, os intérpretes conseguem responder tanto com um «sim» quanto com um «não», ou então, com um «sim e não».

O que dizem as fontes informativas? As definições léxicas dão os seguintes sentidos possíveis: uma jovem, uma donzela, uma virgem. O significado básico da palavra parece ser «coberta», «velada», uma referência óbvia ao costume oriental das mulheres cobrirem o rosto com um véu. Ora, o sentido básico de «velada» nada tem a ver em favor ou contra a idéia de virgindade. Diz a Zondervan Encyclopedia: «Não há qualquer evidência definida de que esse termo indique especificamente virgem, nunca tocada por homem». Mas essa mesma obra insiste em que esse termo pode significar virgem, quando o contexto assim o exige.

Unger salienta que uma outra palavra hebraica, *bethulah* (ver Gên. 24:16; Lev. 21:13; Deu. 22:14,23, 28, além de outros trechos), é o vocábulo que significa «virgem», especificamente. Não obstante, a palavra hebraica *almah* também pode significar tal coisa, embora fosse, usualmente, empregada para indicar qualquer mulher jovem em idade de casamento. Contudo, para Unger, quando a palavra é usada no controvertido texto de Isaías 7:14, deve significar «virgem», visto que Mateus assim a interpretou. Unger acrescenta que o Espírito Santo selecionou a palavra *almah*, e não *bethulah*, porque o profeta precisava de uma palavra que significasse «virgem», mas que também tivesse o sentido de «donzela em idade de casamento».

Uma outra verdade que não devemos perder de vista nessa discussão é a seguinte:

Dentro da cultura hebréia, esperava-se que qualquer mulher jovem e solteira fosse virgem, pelo que também *almah* era palavra que podia ser usada largamente com esse sentido, embora esse não fosse o seu significado preciso. Por semelhante modo, no Brasil, a palavra portuguesa «moça», embora não signifique necessariamente «virgem», mas apenas «jovem», pode ser usada no sentido de «virgem», em contraste com a palavra «mulher». É evidente que o termo hebraico *almah* era usado nesse sentido. Mas, o que o próprio Isaías quis dizer? Isso será discutido sob o segundo ponto, *Várias Interpretações Sobre Isaías 7:14*.

Um fato significativo. Não nos deveríamos esquecer de que a Septuaginta (tradução do Antigo Testamento para o grego, feita por judeus) usa a palavra grega *párthenos*, na tradução de *almah*. Ora, no grego, *párthenos* é a palavra específica para «virgem». Isso mostra-nos que pelo menos alguns judeus, da época de antes de Cristo, pensavam que a palavra *almah*, em Isaías 7:14, significasse «virgem». Porém, para sermos justos, deve-se dizer que isso ainda não resolve a questão se o próprio Isaías tencionava dizer «virgem», naquele texto, conforme mostraremos no segundo ponto, mais abaixo.

2. No Grego: Párthenos

Quanto a isso, o problema é mais simples. Pois *párthenos* é a palavra grega padrão para «virgem». Todavia, o léxico grego clássico de Foilett mostra-nos que assim como *almah*, esse vocábulo não era usado exclusivamente no sentido de «virgem», porquanto também podia significar apenas «donzela» ou «mulher solteira». Mas, se alguém pesquisar no idioma grego, em busca de uma palavra que signifique, especificamente, «virgem», então encontrará *párthenos*.

É verdade que, ocasionalmente, a Septuaginta usa essa palavra para aludir a alguma jovem que não era mais virgem (por exemplo, em Gên. 34:3), porém, isso em nada detrata do uso geral do termo. Por outro lado, o Novo Testamento emprega essa palavra grega exclusivamente para indicar virgindade, normalmente de mulheres, embora também de homens (ver Apo. 14:4), embora nessa referência devamos compreender metaforicamente o termo, indicando «pureza moral».

Cabe aqui a cautela feita por Robertson, que disse que as palavras, por si mesmas, são muito plásticas, pelo que deveríamos dar atenção ao sentido que elas transmitem, e não tanto o que elas querem dizer isoladamente. Esse é um conselho digno de ser atendido, embora não devamos exagerar.

O sentido fundamental da palavra grega *párthenos* é «posta de lado», «separada», supostamente de qualquer contacto sexual com homens. E o uso feito por Mateus enfatizou ainda mais o caráter ímpar da virgindade de Maria, ao usar também o artigo definido, «*a* virgem», e não meramente alguma virgem. E os contextos dos evangelhos de Mateus e de Lucas salientam esse caráter ímpar, por estarmos então abordando a missão do Messias, o que inclui a sua origem singular como ser humano.

II. Várias Interpretações sobre Isaías 7:14

O mero estudo de vocábulos não resolve a questão, pois os próprios mestres judeus, para nada dizermos sobre intérpretes posteriores, viam certa variedade de sentidos possíveis em Isaías 7:14. Os parágrafos abaixo apresentam as idéias principais:

1. Alguns dizem que a interpretação de Isaías 7:14 deve ser restringida às suas circunstâncias históricas. O filho prometido era Ezequias, filho de Acaz e sua esposa (a mulher em questão). Nesse caso, *almah* teria o sentido de «mulher jovem». Ou então, se insistirmos que a tradução deveria ser «virgem», o que se deve presumir é que, quando houve a profecia, a mulher em questão ainda era virgem. Entretanto, essa interpretação tem sido rejeitada, especialmente se houver a insistência em traduzir *almah* como «virgem», visto que os cálculos históricos indicam que Ezequias já teria cerca de treze anos de idade quando essa passagem foi escrita.

2. Aferrando-se estritamente a interpretações históricas, alguns intérpretes judeus supunham que a alusão da passagem era a um filho do próprio Isaías, que em breve nasceria. Nesse caso, a mulher (uma jovem, e não uma virgem) seria a própria esposa de Isaías. Ou então, como uma variante, uma outra mulher (e essa uma virgem, na ocasião) estaria em pauta, que haveria de se casar no futuro com Isaías. Essa jovem mulher teria um filho, o que serviria de sinal para Acaz e sua corte.

3. Uma outra variação de interpretação histórica é aquela que diz que a mulher em foco seria uma jovem que fazia parte do harém de Acaz; e que um filho que nasceria dessa mulher seria o sinal oferecido pelo profeta. Esse filho, ao tornar-se homem, seria um testemunho contra a iniqüidade do povo de Israel e uma advertência de que o julgamento sobreviria.

Razões apresentadas pelos intérpretes em prol de uma estrita interpretação histórica, em qualquer de suas formas variantes:

a. A cidade de Jerusalém estava sob ataque. Acaz, em vez de confiar no Senhor quanto ao livramento, tendia por depositar confiança em alguma aliança com qualquer potência pagã estrangeira. Todavia, Deus tinha o poder de preservar a linhagem de Davi,



Não houve lugar para eles na hospedaria
(Lucas 2:7)



Adoração dos Pastores

pelo que daria um «sinal» acerca disso, a saber, nasceria um filho que, ao tornar-se homem, seria um grande poder espiritual. Tal nascimento podia ser chamado de *sinal* porque essa circunstância proveria os meios através do qual operaria a providência divina. E, visto que estavam sendo resolvidas circunstâncias locais, o *sinal* teria uma aplicação meramente local e imediata.

b. Não seria lógico supormos que o nascimento do Messias, muitos séculos ainda no futuro, poderia servir de «sinal» para Acaz, no tocante a algum perigo que ele e a nação de Israel estivessem enfrentando nos dias desse rei.

c. O nascimento virginal do Messias é idéia insuflada em Isaías 7:14, com base em Mateus 1:23, embora tal aplicação jamais tenha sido concebida pelo próprio Isaías. Se o próprio Isaías tivesse concebido tal noção, tão sui generis, a respeito do Messias, por certo que, em algum outro trecho, ele teria ao menos mencionado a mesma.

d. A interpretação miraculosa de Isaías 7:14 é tipicamente cristã. Não há quaisquer indícios, nos escritos rabínicos, de que essa interpretação tivesse sido antecipada. Outrossim, se essas idéias tivessem sido vinculadas a esse texto de Isaías, então foram esquecidas muito antes do primeiro século cristão.

e. O uso de *textos de prova*, por parte dos primitivos cristãos, era notoriamente lasso. Esses textos eram selecionados mais com base na conveniência das palavras do que com base em qualquer consideração sobre o sentido e uso originais dos textos. Isso significa que muitas profecias reputadas messiânicas na realidade não eram tais, originalmente. Os autores do Novo Testamento, porém, escolheram textos que se ajustavam convenientemente ao que queriam dizer, mas, com freqüência, ignorando o sentido e o contexto originais das passagens escolhidas. Autores como Robertson admitem tudo isso quando escrevem coisas como: «...não é mister concluir que o próprio Isaías tinha em mente o nascimento sobrenatural de Jesus. Não devemos dizer que a idéia do nascimento virginal procedeu de fontes judaicas».

4. Outros intérpretes insistem sobre um estrito sentido profético do trecho de Isaías 7:14, acreditando que o Messias haveria de preencher todos os requisitos da passagem. Em outras palavras, a preservação da linhagem davídica, por meio do Messias, era o sinal dado a Acaz, embora o cumprimento desse sinal ainda jazesse no futuro distante para aquele monarca. De acordo com essa interpretação, a profecia tinha pouca ou mesmo nenhuma aplicação imediata aos dias de Acaz.

Razões apresentadas em favor de uma estrita interpretação profética:

a. O livro de Isaías muito tem a dizer sobre o Messias. E a linguagem usada pelo profeta é tão elevada que dificilmente suas declarações podem ser aplicadas a qualquer personagem do Antigo Testamento. Como poderíamos pensar que a «profecia sobre o Emanuel», que temos diante de nós, não é messiânica? É verdade que os intérpretes judeus da Idade Média não viam esse texto como messiânico; mas isso em nada diminui o fato de que «Deus garantiu a perpetuidade do trono de Davi, na pessoa do Messias, o descendente de Davi (II Sam. 7:16; conferir os Salmos 89:35-37; 132:11)».

b. Outras profecias messiânicas, no livro de Isaías, como é óbvio, vão além do contexto histórico em que foram registradas, como Isa. 9:6 *ss* e 53:1 *ss*. Não é necessário supormos que o próprio Isaías tivesse consciência do longo tempo que se passaria até o cumprimento dessas profecias. Isso é assim porque os profetas operavam sob várias limitações impostas do alto, ao ponto deles inquirirem e investigarem o significado de suas declarações (ver I Ped. 1:10), porquanto havia o empecilho de um conhecimento parcial e de visões limitadas.

c. Nenhuma personagem histórica se levantou nos dias de Acaz que ao menos pudesse começar a cumprir o que Isaías esperava do Messias; pelo que ou a profecia é messiânica, ou então, falhou.

5. *O Meio-Termo*. Toda profecia bíblica tem um cumprimento a curto prazo e um cumprimento a longo prazo. Assim, Deus teria cumprido o seu propósito histórico no nascimento de algum filho (não identificado), mas que serviu de mero símbolo do Messias vindouro. Essa interpretação combina os elementos históricos e proféticos. Nos dias de Acaz, Jerusalém seria livrada das mãos do rei da Síria e de Israel, mediante a intervenção dos assírios. Mas a intervenção maior esperaria pelo nascimento do Messias.

III. Propósito de Mateus ao Usar o Texto de Isaías

1. A primeira coisa que Mateus fez em seu evangelho foi vincular Jesus, o Cristo, com Israel, em sua história passada e em suas aspirações, apresentando uma genealogia detalhada de Jesus Cristo. Com base nisso ele incorporou muitas profecias do Antigo Testamento em seu evangelho. Mateus estava demonstrando que Jesus era o Messias e o Libertador de Israel, que estava sendo esperado.

2. Mediante o relato sobre o nascimento virginal, Mateus estava demonstrando o caráter único e sem-par de Jesus. Isso prova que ele estava qualificado para ser o Messias.

3. Jesus veio através da linhagem de Davi. A sua genealogia mostra isso, o que era um dos requisitos que envolviam o Messias genuíno. Mas ele também ultrapassava a todos os demais membros da linhagem de Davi (conforme convinha ao Messias); e o seu nascimento virginal serviu de prova desse fato. Ele era «Emanuel», ou seja, «Deus conosco». Isso ensina-nos a encarnação. A encarnação fala sobre a preexistência. Esses conceitos criam uma teologia segundo a qual o nascimento virginal era algo esperado, porquanto o Messias seria uma personagem que não era apenas homem, e, sim, o Deus-homem.

4. Na antiga nação de Israel as virgens eram tratadas com profundo respeito. Elas vestiam, distintivamente, vestes longas (ver II Sam. 13:18,19), e mereciam consideração toda especial (Amós 8:13). A virgem simbolizava a inviolabilidade política de Israel (Isa. 37:22; contrastar com Jer. 14:17 e 31:4)... A virgindade também simboliza o povo de Deus, como aqueles que estavam sinceramente comprometidos com ele (Isa. 62:4,5; II Cor. 11:2; contrastar com Eze. 23:3,8; Jer. 18:13). Tudo isso nos faz lembrar da idéia de «singularidade», e o nascimento virginal de Jesus Cristo deve ser visto por esse ângulo.

IV. Nascimento Virginal em Lucas 1:27

Lucas 1:27: *a uma virgem desposada com um varão cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria.*

A uma virgem desposada. O fato de que a doutrina do nascimento virginal de Jesus evidentemente não fazia parte do primitivo *kerygna* (pregação) de certos setores da igreja primitiva, especialmente aqueles representados nas epístolas de Paulo, nas epístolas universais, no livro de Atos e nos outros evangelhos, com exceção dos de Mateus e de Lucas, tem provocado sérias reflexões da parte de muitos eruditos. Entretanto, é um erro supor que tais

passagens, como as de Luc. 2:27,33,41,43,48, se por um lado apresentam José como pai de Jesus, realmente estão em contradição com o ousado pronunciamento do nascimento virginal de Jesus, que a continuação da narrativa dá claramente a entender. Esse ensino fica implícito no comentário editorial sobre Luc. 3:23 (*como se cuidava*). Um antigo ms latino, *b*, omite o vs. 34; e alguns têm pensado que isso é que representa fielmente o evangelho original de Lucas, mas mesmo assim, o texto em geral apóia bem o ensino do nascimento virginal. Alguns também sustentam, sem qualquer evidência textual, que o vs. 23 do cap. 3 também foi uma interpolação muito antiga. Mas no tocante a isso somos forçados a dizer que faltam evidências textuais em apoio a essa asseveração, da maneira mais absoluta, e somente um preconceito arraigado pode tentar arrancar do evangelho de Lucas a narrativa do nascimento virginal de Jesus. A história do nascimento virginal certamente já circulava antes da escrita dos evangelhos de Mateus e de Lucas, e esses evangelhos meramente tiraram proveito de uma tradição verdadeira, incluindo-a entre os seus relatos.

A significação mais profunda dessa doutrina é de *natureza teológica*. Deus entrou na vida humana por intermédio de uma virgem pura, e o descendente dela é o Cristo. Lucas escreveu em contraste com o pano de fundo dos mestres cismáticos e heréticos do trecho de Atos 20:28-30. Os docetistas ensinavam contrariamente à autêntica humanidade de Cristo, e desde os tempos em que foram escritos os evangelhos de Mateus e Lucas, continuando até os dias de Inácio e os autores do Credo dos Apóstolos, a doutrina do — nascimento virginal — de Jesus vinha sendo usada como resposta aos hereges. E essa resposta é que Jesus foi verdadeiro homem, possuidor de humanidade autêntica e perfeita. Embora tendo nascido de uma virgem, convinha que Jesus «...em todas as cousas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas cousas referentes a Deus, e para fazer propiciação pelos pecados do povo» (Heb. 2:17). Quanto aos pontos de vista diversos acerca dessa doutrina, ver a discussão abaixo.

A palavra grega *parthenos*, traduzida por «virgem», neste versículo, pela maioria das traduções, significa realmente «virgem», tanto no grego clássico como no grego helenístico. Outros salientam com razão, entretanto, que pode significar meramente uma donzela ou mulher jovem. Assim é que as traduções WM, GD e PH dizem «maiden», «girl». Não obstante, os contextos de Mat. 1:18-25 e de Lucas 1:27—2:7, ensinam inquestionavelmente a doutrina do nascimento virginal. Por conseguinte, quase todos os estudiosos, liberais ou conservadores, concordam em que o N.T., nessas passagens, ensina essa doutrina, embora nem por isso todos os eruditos creiam que essa tenha sido a verdade. Posto que se admite que os contextos nos evangelhos de Mateus e Lucas ensinam o nascimento virginal, todas as traduções teriam sido mais exatas se tivessem traduzido «virgem», em vez de «donzela» nesses trechos, sem importar o que a palavra possa significar em outros contextos.

Os argumentos referentes a essa doutrina são muitos e variegados, e preenchem muitas páginas de obras teológicas e outras, que tratam do N.T.

V. A Controvérsia Liberal-Conservadora Sobre o Nascimento Virginal de Jesus

Os estudiosos liberais dizem:

1. Os escritores do Novo Testamento e a teologia cristã posterior criaram um Jesus teológico que dificilmente pode ser identificado com o Jesus histórico. A lenda do nascimento virginal é um dos elementos das invenções cristãs.

2. Havia estórias similares, nos mitos gregos e latinos, sobre «heróis» que teriam nascido de mulheres mediante a intervenção direta de algum deus ou semideus. Esses mitos simbolizam as aspirações dos povos, pelo que são destituídos de qualquer base científica.

3. A vida incomum de Jesus tornou-se o *núcleo* em redor do qual muitas lendas foram inventadas. Como foi que Jesus viveu daquela maneira? Os antigos tentaram dar resposta a essa pergunta mediante suas estórias sobre o nascimento virginal de Jesus.

4. Nem mesmo na Igreja cristã primitiva a lenda do nascimento virginal era universalmente conhecida. Paulo nada disse a respeito, pelo que ele era um dos que desconheciam a estória. E nem pensava que fosse verdadeira, visto que nem se deu ao trabalho de mencioná-la. O evangelho de João também não contém a estória, a despeito do fato de que contém uma elevadíssima cristologia. E Marcos, o evangelho original, também não menciona essa doutrina o que também não aparece nos escritos de qualquer dos outros autores neotestamentários, excetuando Lucas e Mateus.

Os estudiosos conservadores declaram:

1. O Novo Testamento é ou não é uma revelação divina, e, em conseqüencia, é ou não é a nossa regra de fé e prática. Em caso positivo, os dois relatos evangélicos que narram claramente o nascimento virginal de Jesus devem ser aceitos como parte da revelação bíblica, tornando-se assim mandatórios.

2. Negar essa doutrina, claramente ensinada em dois livros bíblicos, mediante decisão arbitrária (subjetiva), permite a negação de qualquer outra doutrina que os homens não apreciem, de acordo com o capricho de cada um. Isso põe em perigo toda a autoridade das Sagradas Escrituras.

3. Na natureza há exemplos de «partenogênese» (nascimento virginal), em formas inferiores de vida. Contudo, esse é um argumento rejeitado por alguns eruditos conservadores. Seja como for, não podemos pensar que um nascimento miraculoso esteja fora do alcance do poder de Deus. A crença teísta requer a aceitação da possibilidade do nascimento virginal de Jesus, visto que isso é ensinado na Bíblia.

4. É verdade que somente dois livros do Novo Testamento contêm essa narrativa. Acerca disso, poderíamos tecer as seguintes considerações:

a. A unidade das Sagradas Escrituras, como revelação de Deus, não requer mais do que duas, ou mesmo mais do que uma clara menção a alguma doutrina, para que fique estabelecida a veracidade dessa doutrina.

b. É fato notável que os dois livros bíblicos que aludem ao nascimento virginal de Jesus Cristo sejam os mesmos que se referem à virgindade de Maria, quando ficou grávida. O evangelho de Marcos não fala sobre o nascimento de Jesus, pelo que ali também não se deve esperar qualquer menção a essa doutrina. O elevadíssimo conceito paulino de Cristo mui naturalmente envolve, potencialmente, a doutrina do seu nascimento virginal. E a doutrina paulina da encarnação, apesar de não exigir menção ao nascimento virginal, certamente não o contradiz, mas antes, leva-nos nessa direção.

c. Paulo conhecia pessoalmente a Lucas (foram companheiros de viagens missionárias), e certamente estava familiarizado com o seu evangelho, e, por conseguinte, com o seu relato do nascimento virginal de Cristo. Ele pode ter pensado que a explanação lucana a respeito era adequada, não precisando

qualquer elaboração a respeito em suas epístolas. Podemos presumir que Paulo aceitava a doutrina do nascimento virginal de Jesus, em vista de sua associação histórica íntima com Lucas, além do fato de que jamais combateu essa doutrina, o que, sem dúvida, teria feito, se discordasse dela.

Conclusão

No tocante aos vocábulos originais envolvidos, coisa alguma pode ser provada com base no termo hebraico empregado por Isaías, *almah*. Porém, o uso que Mateus fez do termo grego correspondente, *párthenos*, mostra para nós o propósito da profecia de Isaías a longo prazo. Não é preciso supormos que Isaías tenha antecipado o pleno significado de sua própria profecia. Entre as várias interpretações de Isaías 7:14, a quinta parece ser a mais aceitável (ver acima).

A associação feita por Mateus entre Jesus Cristo e as profecias do Antigo Testamento é plenamente justificada, histórica e profeticamente. Apesar de desconhecermos por que motivo somente dois livros do Novo Testamento mencionam o nascimento virginal de Jesus Cristo, precisamos respeitar o conhecimento que os primitivos cristãos tinham acerca dessa realidade, o que explica as conclusões a que eles chegaram. Antes da Igreja cristã ter de abordar questões cristológicas debatidas ela não envidou qualquer grande esforço para promover o relato sobre o nascimento virginal, o que, sem dúvida, esclarece por que alguns elementos da Igreja primitiva não tinham conhecimento ou não manifestaram conhecer a história. Mas essa circunstância sob hipótese alguma pode provar que o nascimento virginal de Jesus Cristo seja uma falsificação. (B G I IB NTI RO UN VIN Z)

NASI

Dependendo dos manuscritos da Septuaginta, seu nome é grafado como *Nasei* ou *Nasíth*. Em I Esdras 5:32, ele figura como chefe de uma das famílias que voltaram da Babilônia para a Judéia, terminado o exílio, em companhia de Zorobabel. Nos trechos paralelos canônicos de Esd. 2:54 e Nee. 7:56, ele é chamado *Nezia* (vide).

NASTIKA

Esse vocábulo sânscrito significa «negador». Dentro do sistema hindu de crenças religiosas e de pensamentos filosóficos, esse termo é usado para indicar aqueles indivíduos ou sistemas que negam a autoridade dos *Vedas* (vide). Exemplos disso são a *Charvaka* (vide) e o *budismo* (vide). Em contraste com essa atitude negativa, os sistemas que aceitam aqueles documentos são denominados *Astika* (vide).

NATÃ

No hebraico, «presente», «dom». Há várias personagens com esse nome, nas páginas da Bíblia, a saber:

1. *Um Filho de Davi*. Ver II Sam. 5:14; I Crô. 3:5; 14:4. Ele era irmão de Salomão, um pouco mais velho que ele, e filho de Bate-Seba. Em Lucas 3:31, a genealogia de Jesus é traçada através dele, e não de Salomão. Quanto a isso há duas opiniões entre os estudiosos: 1. a genealogia lucana exibe a linhagem materna de Jesus, o que significa que Maria seria descendente de Davi por meio de Natã; e a genealogia mateana exibe a linhagem paterna de Jesus, o que quer dizer que José seria descendente de Davi por meio de Salomão. Nesse caso, embora José não fosse o pai biológico de Jesus (pois ele não teve pai terreno, visto que foi gerado por atuação do Espírito Santo; ver Mat. 1:18-21), ainda assim Jesus descendia de Davi, porquanto Maria descenderia do mavioso salmista de Israel. 2. Tanto Mateus quanto Lucas traçam a genealogia real de Jesus, embora baseados em dados genealógicos que desconhecemos. Nesse caso, visto que a genealogia de Maria não aparece, não se sabe dizer qual a sua linhagem, e, por conseqüência, também não se sabe qual a linhagem biológica de Jesus, mas tão-somente a linhagem de José. A primeira dessas posições já esteve muito em evidência. Ultimamente, porém, a segunda dessas posições vem conquistando a preferência dos eruditos. Em face de certas obscuridades no texto das próprias genealogias de Jesus, a questão talvez nunca seja resolvida a contento pelos estudiosos. Que cada leitor escolha a posição que lhe parece mais razoável!

Mas, voltando a Natã, há uma referência profética a ele, em Zac. 12:12, e que indica que ele terá descendência até os dias finais da presente dispensação, imediatamente antes do segundo advento de Cristo. Natã não parece ter tido qualquer papel ativo no governo de seu irmão, Salomão, porquanto coisa alguma nos é informado quanto a isso, nas páginas da Bíblia. Ele viveu em torno de 977 A.C.

2. *Natã, o Profeta*. Ele viveu nos dias dos governos de Davi e Salomão sobre Israel. A primeira vez em que ele é mencionado na Bíblia, é em conexão com o conselho dado a Davi, quanto à construção do templo, em Jerusalém (ver II Sam. 7:2,3). Mas, após uma visão que teve, Natã anunciou que Davi não haveria de concretizar pessoalmente o seu plano de ereção do templo, porquanto a tarefa seria realizada pelo seu sucessor, Salomão. Isso deve ter acontecido em cerca de 984 A.C. Então encontramo-nos novamente com Natã, nas páginas sagradas, quando ele foi enviado pelo Senhor a repreender a Davi, em face do duplo pecado deste de adultério e assassinato, no caso de Bate-Seba e seu marido, Urias. Ver II Sam. 12:1-15. É muito provável que o Salmo 51 tenha sido composto por Davi, tendo em vista esses eventos, depois que ele se arrependeu. O fato é que quando Salomão nasceu, Natã deu-lhe o nome de Jedidias, «por amor do Senhor» (II Sam. 12:24,25), o que era uma promessa de prosperidade para a linhagem real, que continuaria por meio de Salomão.

Quando Adonias, já na época da velhice de Davi, tentou usurpar-lhe o trono, Natã e Bate-Seba lembraram a Davi que este prometera coroar a Salomão. E Davi prontamente mandou proclamar Salomão como seu sucessor no trono de Israel (ver I Reis 1:10-45). Além desses vários eventos históricos, o profeta Natã é mencionado como quem teve parte ativa no estabelecimento dos músicos profissionais na adoração do templo (ver II Crô. 29:25), o que foi um desenvolvimento importante no culto público. Natã também foi o autor de uma crônica que ilustrava os atos pecaminosos de Davi (I Crô. 29:29); e, posteriormente, fez a mesma coisa no tocante a Salomão (II Crô. 9:29). Quanto de suas atividades terminou não sendo historiado, é algo que ninguém sabe dizer, mas parece que relatos preparados por Natã constituíram uma das várias fontes informativas sobre os reinados de Davi e Salomão. As tradições assinalam seu sepulcro em Halhul, perto de Hebrom.

3. Um habitante de Zobá, na Síria. Era pai de Igal, um dos principais guerreiros de Davi (II Sam. 23:36). Parece que era irmão de Joel (ver I Crô. 11:38). Viveu em cerca de 984 A.C.

4. Um descendente de Judá, filho de Atai, e pai de Zabade (I Crô. 2:36). Viveu em torno de 1400 A.C.

5. Um dos líderes dos judeus, que foi enviado por Esdras, de seu acampamento, às margens do rio Aava, aos judeus que tinham uma colônia em Casifia. Seu propósito era obter ministros para a casa de Deus, pertencentes à ordem sacerdotal, a fim de ajudarem a restabelecer a adoração a Yahweh, em Israel, terminado o cativeiro babilônico Esd. 8:16,17. Viveu em torno de 457 A.C.

6. Um homem que foi forçado a separar-se de sua mulher estrangeira, terminado o cativeiro babilônico, quando Israel renovou seus votos diante do Senhor, reiniciando a observância das antigas leis e costumes. É possível que esse homem seja o mesmo que aquele descrito no número cinco, acima.

7. O Natã referido em I Reis 4:5 provavelmente foi o segundo dos filhos de Davi e Bate-Seba, ou, então, o profeta desse nome (pontos primeiro ou segundo).

NATÃ-MELEQUE

No hebraico, «presente do rei». Esse foi o nome de um dos oficiais do rei Josias, de Judá. Esse rei removeu os cavalos do campo de Natã-Meleque, cavalos esses que tinham sido usados na adoração idólatra ao sol (ver II Reis 23:11). Essa providência fez parte das reformas religiosas descritas no texto.

NATAL

Esboço

I. Razões da Celebração a 25 de Dezembro
II. A Celebração, Uma Festividade, não um Jejum
III. Vários Costumes Típicos do Natal
IV. São Nicolau
V. A Noite Encantada
VI. Uma Moderna História de Natal

O Natal é a celebração do dia do nascimento de Cristo, atualmente observado no dia 25 de dezembro. Em Roma, desde o ano de 336 D.C., essa data foi escolhida como o dia da celebração do nascimento de Cristo. Há certa incerteza sobre quando e por quê essa data foi escolhida. Nas páginas do Novo Testamento não há informes que nos ajudem a determinar o tempo certo, embora os pastores e seus rebanhos no campo, à noite, não falem sobre o período do inverno. Historicamente falando, parece ter havido pouco interesse, entre os primeiros cristãos, pela celebração do nascimento de Cristo, através de alguma data separada com essa finalidade, embora, desde o começo, a sua ressurreição tenha sido celebrada semanalmente, ou seja, a cada primeiro dia da semana, que atualmente denominamos domingo.

A primeira evidência histórica de que dispomos para a celebração do dia do nascimento de Cristo nos chega da época de Hipólito, bispo de Roma, na primeira metade do século III D.C. A princípio, ele escolheu a data de 2 de janeiro como o dia dessa celebração. Outros escolheram datas como 20 de maio, 18 ou 19 de abril, e 25 ou 28 de março. Antes disso, por algum tempo, 6 de janeiro fora observado como a data do nascimento espiritual de Cristo, ou seja, como a data em que ele foi batizado por João Batista. Mas alguns também observavam essa data como aquela que assinalava o seu nascimento físico. O mundo pagão celebrava a festa de Dionísio nesse dia, uma celebração associada à duração maior dos dias. A noite de 5 para 6 de janeiro era devotada à festa do nascimento de Cristo, e o dia 6 de janeiro era devotado à celebração de seu batismo. Posteriormente, a *epifania* (que vide) passou a ser celebrada a 6 de janeiro, e veio a ocupar toda a atenção da Igreja daquela época; e, entre os anos de 325 a 354 D.C., a festa do Natal foi transferida para o dia 25 de dezembro.

I. Razões da Celebração a 25 de Dezembro

1. Alguns supõem que foi o imperador Constantino quem estabeleceu o dia do Natal a 25 de dezembro, para substituir a festa pagã em honra ao sol. Nesse caso, o Sol tomou o lugar do sol, o que se reveste de certa lógica, porquanto ele é a Luz do mundo espiritual. A festa pagã em foco tinha o propósito de celebrar o solstício de inverno, o renascimento do sol, quando, no hemisfério norte do globo terrestre, os dias começam a tornar-se mais longos. As Saturnálias romanas, uma festividade dedicada a Saturno, deus da agricultura, também tinha lugar nesse período do ano; alguns costumes próprios do Natal evidentemente foram tomados por empréstimo dessa festividade pagã. Quando o sol começa a prover mais calor, a agricultura torna-se possível. *Luz é vida*. Por conseguinte, talvez tenha sido próprio para o império romano substituir uma festa pagã por uma celebração que tinha mais sentido para os cristãos do que a celebração das meras forças da natureza.

2. Um método mitológico é capaz de calcular a data da criação a 25 de março. Assim Cristo, a nova criação, o Cordeiro pascal, o iniciador de uma ordem espiritual, também teria sido concebido naquela data. Isso nos forneceria a data de 25 de dezembro como a data do Natal.

3. Não há referências bíblicas que possam ser usadas para consubstanciar qualquer data; mas a narrativa sobre os pastores, e seus rebanhos, à noite, nos campos, tem sugerido que a época do ano seria a primavera. A única conclusão que se pode tirar desse relato é que o inverno seria a estação menos provável do ano, a despeito do fato de que certos hinos cristãos falem sobre a noite do nascimento de Jesus como «a fria noite de inverno que era *tão fria*».

A data de 25 de dezembro, para assinalar o nascimento de Jesus, não foi aceita pela cristandade oriental senão acerca de um século depois que o ocidente a adotara. Os cristãos armênios, porém, continuam a celebrá-la a 6 de janeiro.

II. A Celebração, uma Festividade, e não um Jejum

Os feriados pagãos que a celebração do nascimento de Jesus substituiu eram festividades, e não jejuns; e os povos antigos transportaram essa atitude para essa observância cristã posterior. Todavia, isso concorda com a natureza geral das narrativas dos evangelhos, de que houve intenso regozijo, entre alguns, em face do evento. Naturalmente, as pessoas exageram. Lemos que a celebração da Saturnália, na antiga Roma, era uma festividade com muitos excessos. Durante essa festividade, permitia-se que os escravos tivessem os mesmos direitos que os seus senhores. Contudo, há algo de apropriado nisso, porquanto, em Cristo, não há distinção entre escravos e livres, entre judeus e gentios, entre macho e fêmea, pois todos são *um* só em Cristo (Gál. 3:28).

III. Vários Costumes Típicos do Natal

As fogueiras de Natal são um costume tomado por empréstimo dos escandinavos, que costumavam acender imensas fogueiras em honra ao sol. O uso das árvores de Natal originou-se nos costumes das tribos celtas e teutônicas que honravam as sempre-vivas, quando do solstício de inverno, em suas festas que celebravam a *vida eterna*. Nos países do inverno rigoroso, somente as sempre-vivas não perdem as folhas no inverno, o que explica o simbolismo da árvore de Natal. Portanto, essas árvores eram adoradas entre aqueles povos como uma promessa do

retorno do sol. Alguns supõem que a coroa de espinhos de Cristo foi feita com um ramo de sempre-viva. As lendas dizem-nos que as frutinhas dessa planta tornaram-se vermelhas, embora originalmente fossem brancas, quando a coroa de espinhos foi pressionada sobre a cabeça de Jesus, causando derramamento de sangue. As coroas de Natal, por sua vez, tiveram origem por analogia com a coroa de espinhos de Cristo.

A tradição da árvore de Natal diz que isso veio de um ato de Martinho Lutero. — Ao passar por um bosque, ele teria observado a beleza das estrelas, que rebrilhavam por entre os ramos de pinheiros. Então, ao chegar em casa, procurou duplicar essa beleza acendendo velas entre ramos de sempre-viva. Seja como for, em alguns lugares, a sempre-viva tornou-se um símbolo da vida eterna que há em Jesus Cristo.

IV. São Nicolau

O gordo, bonachão e barbado **Papai-Noel** deriva-se de São Nicolau, do século IV D.C. Bispo na Ásia Menor, Nicolau era, na realidade, um homem de aparência bastante austera, embora com reputação de homem que fazia o bem e era generoso. E essa foi a parte de seu caráter que inspirou o costume de distribuir presentes e brinquedos na época natalina. Detalhes como a gordura, a espontaneidade, a alegria, etc., podem ser atribuídos à história criada pelo escritor norte-ameicano Washington Irving, ou à narrativa de Clement Moore, *Visit From St. Nicholas* (1822), que começa com a famosa linha: «Era a véspera de Natal». A imagem do Papai-Noel em um traje com abas de couro, a guiar o seu trenó na neve, pousando-o sobre os topos dos telhados. capturou a imaginação do povo americano, nos desenhos do cartunista Thomas Nast, em 1863. Depois disso, o Natal tornou-se uma festividade jubilosa para as crianças, que chegavam a ouvir os guizos do trenó do Papai-Noel a bimbalhar, enquanto esperavam o momento certo para abrirem seus pacotes de presentes, quase sem dormir durante a noite inteira. Seus pais, entretanto, insistiam em dizer-lhes que o centro da festa era Jesus. Só não podemos olvidar de que o idoso Nicolau estava com a razão ao mostrar-se generoso, distribuindo presentes. Além disso, porventura os magos não trouxeram presentes a Jesus? Não precisamos de maior precedente do que esse!

Alguns evangélicos mostraram-se *amargos*. Os puritanos e os calvinistas chegaram a bradar contra os exageros da festa de Natal, não celebrando a mesma. De fato, quando os puritanos chegaram ao poder na Inglaterra, na época de Oliver Cromwell, em 1642, eles descontinuaram oficialmente a festa de Natal; e aqueles que tentaram celebrá-la *secretamente*, foram penalizados com uma multa. Essa influência passou para a América do Norte, pelo que foi somente em 1856 que o Natal tornou-se um feriado naquele país irmão. Desnecessário é dizer, porém, que, mesmo antes disso, muitos imigrantes, vindos de vários países, divertiam-se muito na época de Natal, pouco se importando com as fisionomias sérias dos puritanos (que vide).

V. A Noite Encantada

O autor desta enciclopédia nasceu e foi criado no estado norte-americano de Utah, na porção noroeste do país. Embora fôssemos evangélicos e minha mãe tivesse uma atitude bastante puritana, o Natal sempre foi um grande dia para nós. Nos Estados Unidos da América não há celebração de véspera de Natal, exceto para os católicos romanos e ortodoxos. Não há grande jantar e nem fica-se acordado até altas horas da noite. Nos fins de dezembro, o sol põe-se entre as 4:30 e as 5:00 horas da tarde. Um jantar comum é servido e uma noitinha normal é passada em casa. As crianças são mandadas cedo para a cama, pois Papai-Noel não demorará a fazer as suas visitas. Seria um desastre apanhá-lo descendo pela chaminé. Se a casa de uma família não tivesse chaminé, então os pais tinham o cuidado de deixar aberta a porta da entrada, pois nenhuma família queria ser a única das redondezas que não fora visitada pelo Papai-Noel. As crianças, naquela silenciosa noite de inverno, deixavam a imaginação voar, parecendo-lhes ouvir o momento mágico em que Papai-Noel estava se aproximando. Elas tinham certeza de que, na manhã seguinte, seriam capazes de descobrir os rastros deixados pelo trenó, ainda frescos na neve. As visões dos presentes por ele deixados dançavam em suas cabecinhas. Aquela era uma noite encantada.

E bem cedo pela manhã, antes mesmo do nascer do sol, as crianças começam a chamar por seus pais, querendo levantar-se para reunirem-se sob a árvore de Natal, debaixo da qual os presentes poderiam ser encontrados. No meu lar de infância, a árvore de Natal era decorada a 22 de dezembro, por ser esse o dia do meu aniversário natalício. E então, no dia 25, os presentes vinham enfeitar a base da árvore de Natal. Quando os pais cedem aos pedidos dos filhos para se levantarem (o que fazem com relutância, pois, na noite anterior, tinham estado até altas horas da noite embrulhando os presentes), toda a família reúne-se ao redor da árvore, e começa o ritual da abertura dos presentes. Meu pai era um simples empregado de estrada de ferro, e éramos uma família de baixa renda. Portanto, os presentes nunca foram grande coisa, quanto ao valor monetário. No entanto, posso lembrar, até hoje, os presentes simples mas muito queridos que eu recebia. Aqueles eram momentos de expectação e alegria. Terminado o ritual de entrega e recebimento de presentes, todos tomávamos um quebra-jejum especial de Natal. Então, mais tarde durante aquele dia, na refeição principal geralmente tínhamos peru com torta de maçã, além de outras guloseimas. Minha mãe sempre convidava uma ou duas viúvas da nossa igreja, para tomar uma refeição conosco. Não havia nada maior do que o dia de Natal, e a memória daqueles dias permanece comigo. Saudades. (AM B E)

Epifania

Hoje, o dia da Epifania,
Que alegria, que esperança,
Que mensagem nova ela traz?

Coros celestes, em alegre cântico,
Montes, vales ressoam, ecoando,
Os humildes habitantes da terra cantam alegres.

6 de janeiro, o dia certo? só por grande acaso;
Para mim, saber o dia, não aumentaria sua glória.

Sábios orientais, trouxeram-lhe ricos presentes,
E para eles, por sua vez, foi mostrado o Grande Rei.

Alguns julgam-os «reis»; outros dizem que eram «três»
Detalhes como esses, não me são importantes.

Sua importância, a aura que agora desce sobre n u cérebro,
É o sentido histórico, retratado naquela escolta no deserto:
Epifania,
Cristo, por muitos séculos cansativos, oculto,
Sua glória decifrada por sábios, nas estrelas,
Agora aos gentios humildes é revelada.

(Russell Champlin, ao meditar, a 6 de janeiro de 1973, sobre o sentido da epifania, isto é, *manifestação*).

VI. Uma Moderna História de Natal

Os camelos carregavam, soberbos, a carga preciosa de ouro, incenso e mirra, pois eram presentes para um *rei*. O mais jovem dos três magos fez o cortejo estacar, pois acabara de pensar em um presente que seria especialmente próprio, e não queria continuar sem ele. Nervosamente, os outros magos ficaram esperando, pois tinham pressa. — Até mesmo os guias, sentindo a importância da missão, desejaram continuar. Ficaram esperando por longo tempo pelo mais jovem mago, que não aparecia. A estrela que os guiava ainda brilhava lá no alto, e enquanto as horas da noite se passavam, todos iam perdendo a paciência. Finalmente, quando já estavam a ponto de perder o controle, apareceu o mais jovem dos magos. O que quer que trouxesse teria de ser pequeno, pois o trazia facilmente na palma de uma das mãos. Talvez fosse uma gema *raríssima* e preciosa, e, se assim fosse, teria valido a pena esperar tanto. O jovem mago ordenou que o guia fizesse o camelo ajoelhar-se para que pudesse pôr o pequeno objeto na sacola que havia nas costas do animal. Os dois magos mais idosos, e até mesmo os guias, olhavam com atenção, para ver qual seria o maravilhoso presente que provocara tanto adiamento na viagem para Belém. Lentamente, o mago mais jovem abriu a mão, e ali, para grande surpresa e *consternação* dos magos de mais idade, apareceu apenas um *pequeno cão*, com pintas pretas. Era um brinquedo antigo, porque aqui e ali faltavam pedacinhos de pintura. O jovem pôs o brinquedo no chão, o qual deu um salto no ar e caiu novamente sobre os pés. Os magos mais velhos, muito *indignados*, não conseguiram conter-se e proferiram palavras iradas. Mas o mago mais jovem apenas sorriu, pôs novamente o brinquedo no chão e viu-o dar a sua cambalhota. Uma criança pequena que estava por perto, riu-se gostosamente quando o cãozinho de brinquedo, posto no chão, deu um salto no ar e caiu novamente sobre os quatro pés. O mais idoso dos magos perguntou: «Foi este brinquedo sem valor que o fez adiar a marcha desta caravana de camelos, que leva presentes para o Rei dos reis?» O mais jovem dos magos retrucou solenemente:«Nossos camelos estão carregados de presentes apropriados para o rei—muito ouro, incenso e mirra. Estou levando este cãozinho de brinquedo para o menininho de Belém». (Uma história norte-americana de Natal).

NATANAEL

No hebraico, «presente de El (Deus)». Esse é o nome de nada menos de dez personagens que aparecem nas páginas do Antigo Testamento. Sua forma grega é *Nathanaél*, o nome de um dos apóstolos de Jesus, no Novo Testamento.

No Antigo Testamento

1. Um filho de Zuar. Zuar era um príncipe da tribo de Issacar, na época do êxodo (Núm. 1:8; 2:5; 7:18,23; 10:15). Ele viveu em torno de 1440 A.C.

2. Um irmão de Davi, e que foi o quarto filho de Jessé (I Crô. 2:14). Ele viveu por volta de 1026 A.C.

3. Um sacerdote que tocou a trombeta diante da arca da aliança, quando o rei Davi a trouxe de volta a Jerusalém (I Crô. 15:24). Viveu por volta de 1043 A.C.

4. Um levita que foi o pai do escriba Semaías (I Crô. 24:6). Ele deve ter vivido em algum tempo antes de 1014 A.C.

5. Um filho de Obede-Edom, que trabalhou como porteiro do templo de Jerusalém, nos dias de Davi (I Crô. 26:4). Ele viveu em torno de 1014 A.C.

6. Um dos cinco homens que Josafá enviou para instruírem o povo, nas cidades de Judá, quanto a questões da lei e do culto religioso (II Crô. 17:7). Ele viveu em cerca de 912 A.C.

7. Um dos chefes levitas, nos dias de Josias (II Crô. 35:9). Ele viveu em cerca de 628 A.C.

8. Um filho de Pasur, e que foi forçado a divorciar-se da mulher estrangeira que tomara, quando do cativeiro babilônico (cerca de 446 A.C.).

9. Um sacerdote que era cabeça de uma família sacerdotal, nos tempos de Joiaquim. Ver Neemias 12:21. Viveu em cerca de 445 A.C.

10. Um sacerdote, irmão de Zacarias, e que tocou a trombeta por ocasião da celebração da dedicação das muralhas restauradas de Jerusalém, após o retorno de Judá do exílio babilônico. Alguns estudiosos identificam-no com o mesmo Natanael anterior (número 9).

No Novo Testamento

Só há um homem com esse nome, em todo o Novo Testamento, mencionado por esse nome somente no quarto evangelho (ver João 1:45-49; 21:2). Acerca de Natanael têm aparecido as mais díspares opiniões, a saber:

1. Natanael seria o mesmo apóstolo de Jesus que, noutras porções do Novo Testamento, aparece com o nome de Bartolomeu. Os que assim pensam argumentam que o nome Bartolomeu é um patronímico, e que ele deveria ter um outro nome, nesse caso, Natanael. Em João 1:45, lemos que foi Filipe quem interessou Natanael na pessoa de Cristo; e nos evangelhos sinópticos, Bartolomeu aparece depois de Filipe, nas listas dos apóstolos de Cristo (ver Mat. 10:3; Mar. 3:18 e Luc. 6:14). Isso caracterizaria Natanael como Bartolomeu.

2. Com uma argumentação muito mais pobre, alguns estudiosos têm identificado Natanael com Mateus, com Matias, com João, com Simão, o cananeu. Algumas dessas identificações são simplesmente impossíveis, como aquelas com Mateus e com João.

3. Mais remota ainda é a opinião de outros, que pensam que Natanael e Estêvão (ver Atos 6:5) foram a mesma pessoa. Nesse caso, quem já era um apóstolo, precisou ir servir às mesas, quando a razão mesma da escolha dos sete diáconos foi impedir que os apóstolos tivessem de deixar a pregação para servir às mesas (ver Atos 6:2,3).

4. A opinião mais esdrúxula de todas é aquela que diz que Natanael simplesmente nunca existiu!

O quarto evangelho relata-nos que Natanael era de Canaã da Galiléia; que foi Filipe quem o conduziu a Jesus, embora Nataniel se tivesse mostrado cético diante da possibilidade do Messias ter vindo de Nazaré (na verdade, Jesus nasceu em Belém da Judéia; mas veio a tornar-se conhecido como Nazareno, entre outras coisas, por ter-se criado em Nazaré; ver Mat. 2:1,23).

Além disso, Natanael admirou-se profundamente de que Jesus já o conhecia, tendo-o visto debaixo da figueira. Muitos judeus costumavam orar debaixo de uma figueira, árvore comum na Palestina. Destarte, Jesus mostrou possuir poderes sobrenaturais. E Natanael, diante disso, confessou o messiado de Jesus, exclamando: «Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és Rei de Israel!» (João 1:49).

A promessa que o Senhor Jesus fez então a Natanael e aos seus outros discípulos cumpriu-se, pelo menos em parte, por ocasião da ascensão do Senhor Jesus ao céu, pois Natanael (que era um dos doze discípulos remanescentes de Jesus) estava com os outros apóstolos na oportunidade. E mesmo antes disso, segundo o quarto evangelho testifica, Natanael

foi testemunha de um milagre sobre a natureza (a da pesca milagrosa), feita pelo Cristo ressurrecto (ver João 21:2 *ss*). Se Natanael foi o mesmo Bartolomeu, então a última menção ao nome dele, nas páginas do Novo Testamento, aparece em Atos 1:13, onde Bartolomeu figura como um dos discípulos reunidos no cenáculo. Ver também o artigo intitulado *Bartolomeu*.

João 1:45: *Filipe achou a Natanael, e disse-lhe: Acabamos de achar aquele de quem escreveram Moisés na lei, e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José.*

Filipe encontrou a Natanael. Só encontramos uma menção direta a *Natanael* (nome esse que significa *dom de Deus*) no evangelho de João. (Ver também João 21:2, que é a única outra referência). Natanael era de Caná da Galiléia, que tentativamente tem sido identificada com *Khirbet Kana*, a treze quilômetros mais ao norte, ou então com *Kefr Kenna*, a pouco mais de seis quilômetros a nordeste de Nazaré. Assim sendo, vemos quão próxima ficava essa localidade de Nazaré, a aldeia de Jesus; e isto explica por que motivo Natanael se mostrou tão cético sobre a possibilidade do Messias residir em Nazaré, uma localidade tão diminuta que Josefo, ao preparar uma lista que contém inúmeras cidades e aldeias da Galiléia, nem chegou a mencionar Nazaré. Nas diversas listas dos nomes dos apóstolos, Filipe sempre aparece de parceria com Bartolomeu (ver Mar. 3:18; Mat. 10:3 e Luc. 6:14), ou então agrupado juntamente com Tomé, Bartolomeu e Mateus (ver Atos 1:13). Ora, isso tem levado muitos estudiosos à teoria de que Natanael era nome do discípulo cujo patronímico aramaico era *Filho de Tolmai* (que é idêntico a *Bar-Tolomeu*), motivo por que há muitos que acreditam que Natanael seja apenas outro nome do apóstolo Bartolomeu. Outros eruditos, embora com menos probabilidades, têm identificado Natanael com Mateus, com Matias, com João, com Simão o Cananeu, e até mesmo com Estêvão. Ainda outros, todavia, têm negado a sua própria existência. O que se sabe de certo é que ele era um israelita no qual não havia dolo ou engano, isto é, hipocrisia. (Ver o vs. 47 deste mesmo capítulo). Jesus prometeu-lhe uma visão maior da glória do Messias, o Filho do homem, como o elo entre o céu e a terra. Natanael figurou entre aqueles que viram a Cristo, depois que ressuscitou, ao aparecer às margens do mar da Galiléia. (Ver João 21:2).

NATURA NATURANS; NATURA NATURATA

Essas expressões latinas significam, respectivamente, «natureza natural» e «natureza naturada», estando em pauta Deus como o poder *criador*, e o universo e tudo quanto nele está contido como *criado*. Essas expressões também indicam o infinito em contraste com o finito. Deus é a primeira causa; e todas as demais coisas são causadas. O primeiro pensador a empregar juntas, essas duas expressões, foi *Vincente de Beauvais* (vide), embora, como é óbvio, os conceitos sejam muito antigos. Giordano Bruno, por sua vez, usava essas expressões para indicar a transcendência e a imanência de Deus, ambas as idéias características da divindade, porquanto ele ensinava certa forma de panteísmo. Mas foi Spinoza quem usou mais insistentemente essas expressões, de tal modo que acabaram vinculadas ao seu nome. Ele empregava as mesmas para referir-se aos princípios infinitos e eternos da natureza, em contraste com os temporais. Porém, ambas fariam parte de um único sistema, todo-inclusivo, que é o sistema divino. Esses dois aspectos seriam tipos de automanifestação desse sistema, não representando essências separadas. Ver o artigo intitulado *Natureza*, em seu nono ponto.

NATURALISMO

Esse termo pode ser usado como sinônimo de *mecanicismo* e de *materialismo* (ver os artigos), mas isso não corresponde a uma definição necessária. O naturalismo pode referir-se ao pensamento que o mundo e todas as coisas nele existentes devem ser explicados com base na ciência natural, sem apelos à teologia e a conceitos do sobrenatural. E quando as coisas transcendem ao presente conhecimento que possuímos, então somos convocados a ter fé no inexorável avanço da ciência, a qual, presumivelmente, poderá mostrar, afinal, que todas as coisas são naturais.

Há tipos de naturalismo que ultrapassam à variedade científica. O panteísmo de Spinoza, por exemplo, é uma forma de naturalismo, porquanto nada busca de transcendental além da natureza, mas pensa que a própria natureza é Deus manifesto. O naturalismo não é contrário à idéia da existência da alma, contanto que a alma seja considerada parte da natureza, seja a alma material ou imaterial, e não é feito qualquer apelo ao sobrenatural. A natureza pode ser material ou imaterial, sem ser transcendente. Presumivelmente, a natureza contém todas as coisas que conhecemos: temporais, espaciais, morais, religiosas, científicas e práticas. A natureza seria a nossa última palavra. Tudo quanto podemos chegar a experimentar faz parte da natureza e encontra-se na natureza.

Falácia Naturalista. O naturalismo, no campo da ética, assevera que aquilo que *deveria ser* é a mesma coisa que aquilo que *é*. Pelo menos é fato que alguns filósofos naturalistas têm assumido essa perspectiva das coisas. G.E. Moore objetava a essa idéia, chamando-a de falácia naturalista. Como é evidente, dificilmente poderíamos dizer que aquilo que *é* sempre será a mesma coisa que aquilo que *deveria ser*. Se isso correspondesse à realidade dos fatos, então não haveria qualquer necessidade da ética, e nós nos contentaríamos em conviver com qualquer situação, sem importar o quão terrível e errada seja. Nenhum erro seria errado; nenhum pecado seria pecado; coisa alguma teria necessidade de ser melhorada.

NATUREZA

Essa palavra portuguesa vem do vocábulo latino *natura*, que corresponde ao termo grego *phúsis*. Ambas essas palavras derivam-se de raízes que sugerem produção, crescimento, dar à luz. Em seu uso primitivo, a palavra era usada para indicar aquela parte da realidade que está sujeita a alterações, em contraste com outra realidade, que é eterna e imutável. Por sua vez, a palavra *física* veio a tornar-se o termo que designa o estudo da natureza sujeita a transformações. Em consonância com isso, uma definição moderna do termo é: o inteiro universo material e os seus fenômenos. Ou ainda: o sistema das existências, forças, eventos e transformações naturais considerado em distinção ao que é sobrenatural.

Na linguagem teológica, «natural» é o contrário do «sobrenatural», e sinônimo de «não-regenerado», apontando para aquilo que é natural dentro desse sistema de coisas, sem a intervenção da graça divina. Em sentido secundário, essa palavra significa algo que caracteriza uma pessoa ou coisa, sem importar se se trata de uma característica nativa ou adquirida.

Idéias na Filosofia da Natureza:

1. Os filósofos socráticos, como aqueles da *escola milesiana* (vide), procuravam determinar o elemento básico da natureza, se a terra, o ar, o fogo ou a água, ou então algum outro elemento indeterminado, do qual todos os demais elementos se derivariam. Ver o artigo chamado *Hilozoísmo*.

2. Platão associava a natureza com o seu mundo dos particulares (os objetos físicos), pensando que o mesmo acha-se em um constante estado de fluxo, sendo um mundo temporal, material, uma mera cópia do mundo real (o mundo dos universais). Em outras palavras, este mundo material é possuidor de um tipo inferior de realidade.

3. Aristóteles expunha seis características do mundo natural: ele não é um artifício; não é eterno; não é imutável; envolve matéria ou potência; acha-se em um imanente princípio de movimento; tem forma ou essência. E isso ele contrastava com a substância superior, o *Impulsionador que não é movido*.

4. O *panteísmo estóico* combinava todos os princípios dentro de um único sistema, com o Logos, como a força ativa que põe tudo em operação. A natureza seria tudo, nada havendo fora dela.

5. Erigena dividia a natureza naquilo que é criativo e naquilo que foi criado. Deus tanto é o criador quanto é o alvo final de toda a natureza, pois todas as coisas, finalmente, seriam absorvidas por ele.

6. Durante a Idade Média encontramos, no campo da filosofia, essencialmente uma adaptação das idéias aristotélicas, embora alguns novos termos e conceitos tenham sido trazidos a primeiro plano. A natureza poderia ser dividida em *entia naturae*, «coisas da natureza», e *entia rationis*, «coisas da razão». As primeiras seriam materiais, e as segundas seriam imateriais. Acresça-se a isso que, em harmonia com o pensamento cristão, havia o conceito daquilo que ultrapassa à natureza, o sobrenatural, os mundos eternos e seus seres, dos quais Deus é a fonte originadora de tudo, tal como o é também do mundo material. Dentro desse sistema, a *natureza* é o campo das causas secundárias. Os *milagres* (vide) são possíveis, nesta nossa dimensão, porque existem poderes que vão além das causas secundárias, ou mesmo as contradizem. Nos milagres, pois, entram em ação causas primárias, divinas.

7. Guilherme de Ockham preservava esse esquema geral das coisas, afirmando que a natureza é radicalmente dependente de Deus quanto à sua expressão e continuação.

8. Descartes encontrava vários usos para essa palavra, a saber: a. coisas naturais simples, com o que dava a entender idéias claras e distintas; b. um conjunto de corpos que têm extensão, ocupando assim espaço, controlados por considerações matemáticas; c. a natureza não inclui Deus e as almas, que já existem fora da natureza, pertencendo à sua própria dimensão.

9. Spinoza, à semelhança dos estóicos, encarava a natureza como algo todo-inclusivo, visto que ele ensinava certa forma de panteísmo. Esse sistema infinito, de acordo com ele, poderia ser chamado de *Deus* ou de *natureza*, como termos sinônimos. A natureza teria dois aspectos: *natura naturans* e *natura naturata*. Ver o artigo separado com esse título. Entretanto, não seriam entidades ou essências distintas.

10. Berkeley opinava que a natureza consiste somente em uma série de idéias, idéias essas impressas em nossas mentes por Deus, porquanto tudo consistiria em *idéia*.

11. Hume falava sobre a natureza como aquilo que jaz fora de nossas mentes. Nossas mentes indicam que a natureza é ordeira, dotada de leis, leis que sempre têm aplicação. Por conseguinte, não haveria coisas como os milagres, que quebram essas leis. Contudo, aceitamos a existência de coisas fora da mente, por meio da fé animal.

12. Kant referia-se à natureza como o mundo dos *fenômenos*, em contraste com o mundo *noumenal*, o mundo das idéias. O primeiro é conhecido através da percepção dos sentidos, que obedecem aos ditames das categorias da mente. E o segundo é conhecido através dos postulados da razão, da intuição e das experiências místicas. A natureza é o terreno da causalidade.

Ensinamentos Bíblicos Sobre a Natureza

1. *A Criação Física*

No cristianismo, a natureza significa o *mundo criado*, onde Deus faz imperar as suas leis e desenvolve os seus propósitos. É no mundo criado que a mortalidade convive com espíritos imortais, que se esforçam por transcender àquilo que é temporal, atingindo a eternidade. As almas imortais estão temporariamente presas ao pecado e à materialidade, embora sejam capazes de ter um destino transcendental. Acima e além deste mundo natural, há o mundo sobrenatural, as dimensões da luz, da imortalidade e da bem-aventurança.

A Bíblia nunca fala em termos da criação física como se esta equivalesse, em qualquer sentido, a Deus dentro da natureza ou do tempo. E nem existe na Bíblia uma cosmologia sistemática. Ver os artigos intitulados *Cosmologia* e *Cosmogonia*, que abordam os diversos problemas relativos à criação, além de examinarem as teorias a eles vinculados. No trecho de Gên. 2:1, a totalidade da criação, ou natureza, aparece como algo separado de Deus, chamada de «todo o seu exército», refere-se coletivamente, a tudo quanto existe nos céus e na terra. O primeiro e o segundo capítulos do livro de Gênesis estabelecem clara distinção entre o Deus criador e a criação. Deus é eterno; mas a criação teve começo dentro do tempo, pois nem sempre existiu, o que contraria a idéia comum grega, que atribuía eternidade à matéria. Paulo subentende, em Rom. 1:26, que a natureza, na qualidade de criação de Deus, refere-se à sua deidade e poder, bem como aponta para suas exigências morais. Isso posto, dos homens espera-se que sigam essas lições dadas pela natureza, mediante a razão e a intuição (leis naturais). No entanto, até essa revelação natural os homens têm pervertido, e assim têm perdido a própria consciência de Deus. Ver o artigo intitulado *Teologia Natural*. Em I Cor. 11:14, Paulo apela para o que «ensina a própria natureza».

Ademais, na Bíblia temos o ensino da completa dependência da criação física em Deus, quanto à sua origem e quanto à sua continuação. Ver Gên. 1; Isa. 44:24; Amós 4:13; Sal. 139:7-12; Col. 1:16; João 1:3; Heb. 1:10-12. Na sua capacidade de sustentador e preservador de tudo, Deus aparece obviamente como governante ou soberano, conforme também afirmam várias dessas referências bíblicas.

A criação provê uma notável lição objetiva que nos ensina a grandiosidade de Deus, a sua sabedoria, o seu poder e a sua majestade. Ver Jó 38:4—39:40; Sal. 8:10-12; 19:1-6; 104:1-31; 136:6-9; Pro. 8:22-31; Rom. 1:19,20. As provisões divinas em favor da natureza mostram-nos a sua preocupação providencial por nós (ver Mat. 6:25-34 e Luc. 12:22-31).

2. *Sentidos Negativos da Natureza*

Os termos *natureza* e *natural* denotam, algumas

vezes, condições negativas e pecaminosas que os homens herdam de seus antepassados, cultivando-as tão ansiosamente (ver Rom. 2:26,27; 11:21,24; Efé. 2:3; II Ped. 2:12). — No Novo Testamento grego, as palavras correspondentes são *phúsis* e *psuchikós*. Esta última, que é um adjetivo, pode indicar a vida própria deste mundo natural, e tudo quanto está envolvido nessa vida.

3. *A Natureza Humana*

Quanto a essa questão, ver os artigos separados cujos títulos são: *Homem Natural; Homem Carnal; Homem Espiritual; Humanidade* (*Natureza Humana*); *Homem Novo; Imortalidade; Alma.* A Bíblia contempla o homem como uma criatura caída, que desceu de um elevado grau de espiritualidade e precipitou-se a um baixo estado moral e espiritual. Por conseguinte, o homem é uma criatura que carece de redenção. A missão de Cristo teve exatamente esse propósito. Em última análise, portanto, a redenção indica que o homem, antes natural, pertencente a um nível de vida relativamente inferior, chega a participar da mais elevada forma de vida, a saber, a própria natureza divina (II Ped. 1:4), recebendo a natureza e os atributos de Deus (Efé. 3:19), a plenitude mesma de Deus (Col. 2:10). Isso tem lugar mediante o poder do Espírito Santo, e termina na glorificação, levando os remidos de um grau de glória a outro (II Cor. 3:18). Em sua natureza física, os homens são *mortais*, e, conseqüentemente, temporais. Mas, quando são espiritualizados, os homens tornam-se *espíritos eternos*, à semelhança do Deus eterno, isto é, dotados da vida necessária e independente, que não pode deixar de existir, a fonte de sua própria continuidade, mediante um dom divino (ver João 5:24,25). Isso ultrapassa à condição das almas que nunca morrem, porquanto ser eterno é mais do que ser imortal.

4. *A Natureza Divina*

Ver os artigos gerais intitulados *Deus* e *Atributos de Deus*.

NATUREZA DIVINA

NATUREZA HUMANA

Ver os artigos gerais intitulados: *Homem Natural; Homem Carnal; Homem Espiritual; Humanidade* (*Natureza Humana*); e *Homem Novo*.

NATUREZA PARABÓLICA DO CONHECIMENTO

Ver **Símbolos e o Conhecimento**.

NAUM (LIVRO)

Esboço:

Introdução
I. Pano de Fundo Histórico
II. Autoria
III. Data
IV. Conteúdo
V. Propósito e Principais Ensinos Teológicos
VI. Características Literárias
VII. Gráfico Histórico

Introdução

Abraão, ao receber a promessa de que seria o genitor de uma grande nação, teria sofrido certo número de surpresas se lhe tivesse sido narrado o curso da história futura daquela nação. Ele teria reconhecido o cumprimento da promessa que lhe foi feita no estabelecimento da monarquia unida, sob Saul, Davi e Salomão. Porém, teria ficado perplexo ao saber que a monarquia haveria de separar-se em duas nações distintas, que, por muitas vezes, se hostilizaram, a começar pelos respectivos reinados de Reoboão (no sul) e Jeroboão (no norte). Porém, quem poderia ter medido a sua consternação se ele tivesse sido informado de antemão sobre a destruição de *ambas* essas nações, primeiramente a do norte (em 722 A.C.) e então a do sul (em 587 A.C.)? Bem, poderíamos, então, indagar: «Qual a utilidade da promessa?» Não obstante, o melhor ainda estaria por vir, porquanto a história do povo de Israel só poderia ter cumprimento no Messias, filho de Abraão e filho de Davi.

A *Assíria* provocaria algumas das mais amargas surpresas de Abraão; porquanto foi essa potência que fez o reino do norte, Israel, deixar de existir como organização política, e que deixou o sul esperando ser destruído, ao receber o golpe final da Babilônia. Mas, embora usada por Deus para punir a nação do norte, Israel, a Assíria não haveria de escapar às conseqüências de sua própria degradação. Isso posto, aprendemos que a vontade de Deus atua tanto através do processo histórico quanto transcende a esse processo, havendo uma lei da colheita segundo a semeadura, que não respeita nem indivíduos e nem nações, na precisão de suas operações. O livro do profeta Naum é uma predição profética que achou seu caminho garantido na história, porquanto os eventos que ali são preditos atualmente fazem parte da história mundial, no que concerne ao povo de Israel.

I. Pano de Fundo Histórico

Assíria. Esse é o nome do império que dominou todo o mundo bíblico antigo, entre os séculos IX e VII A.C. A Assíria, entretanto, teve começos bem humildes, porquanto o seu território era apenas uma pequena região em formato triangular, entre os rios Tigre e Zabe. Ao norte e a leste fazia limites com a Média e com as montanhas da Armênia. Não obstante, a história desse antiqüíssimo povo pode ser acompanhada desde antes de 1700 A.C. Os séculos XVII a XI A.C., no caso da Assíria, são chamados os séculos do reino antigo, caracterizado pelo desenvolvimento de várias cidades-estado fortificadas. Com Tiglate Pileser I (1114—1076 A.C.) começou o período do império assírio propriamente dito. Porém, antes mesmo disso, no século XIV A.C., a Assíria tinha um poder comparável ao do Egito. E, pelo tempo em que se tornou um império, suas fronteiras se haviam expandido consideravelmente. De qualquer modo, devemo-nos lembrar que as populações antigas, em comparação com os dados populacionais de hoje, eram pequenas, e que a força militar nem sempre podia ser aquilatada em termos de dimensões geográficas e de grande número de habitantes. A Assíria foi absorvendo várias populações com a passagem dos séculos, e assim suas fronteiras expandiram-se quase até às margens do rio Eufrates. Mas, só atingiu uma posição de domínio mundial quando entrou em aliança com a Babilônia. — No que concerne a áreas geográficas, a Assíria e a Babilônia representavam praticamente a mesma coisa. Os assírios eram semitas de raça. Eram vigorosos de corpo e de disposição alegre, a julgar por suas muitas festas e festivais. Mas a história também demonstra claramente que eles eram implacavelmente cruéis.

Nínive. Essa era a principal cidade e a última capital da Assíria. Foi fundada por Ninrode, depois que ele deixou a Babilônia. Escavações arqueológicas que se aprofundam no solo até 25 m mostram-nos que o sítio vinha sendo continuamente ocupado desde tão cedo quanto 4500 A.C. Em cerca de 1800 A.C. (nos tempos de Sansi-Hadade), a cidade entrou em contacto com uma colônia assíria chamada Canis. E

foi então que a Assíria tornou-se uma entidade independente da Babilônia. Importantes fortificações e palácios foram construídos nos dias dos reinados de Salmaneser I (1260 A.C.) e Tiglate-Pileser I (1114—1076 A.C.). Assurbanipal (já em 669 A.C.) fez dessa cidade a sua principal residência. A cidade de Nínive foi destruída em 612 A.C., graças aos esforços combinados dos medos, babilônios e citas. Mas só caiu por causa das brechas feitas em suas muralhas defensivas pelas águas de enchente (Naum 2:6-8). Naum descreveu vívida e profeticamente a queda da cidade. No auge de sua prosperidade era cercada por uma muralha interior cuja circunferência era de cerca de doze quilômetros. E sua população era de mais de cento e setenta e cinco mil pessoas.

A Assíria e a Bíblia. Os livros bíblicos de Jonas e Naum formam um par. Jonas (em 862 A.C.) predisse a destruição de Nínive, a menos que seus habitantes se convertessem. Naum previu que o julgamento cairia cento e cinqüenta anos mais tarde, várias gerações depois da época de Jonas.

Em 745 A.C., Tiglate-Pileser III tornou-se rei da Assíria, e deu início a campanhas militares que, no espaço de vinte e cinco anos, puseram fim a Israel, o reino do norte. Essas aventuras militares, embora não tivessem significado a destruição de Judá, chegaram a pôr em sério perigo a sua independência. Oséias, o último rei do reino do norte, negou-se a pagar tributo aos assírios. Acabou aprisionado. Samaria, sua capital, foi invadida e arrasada até o rés do chão. Os registros assírios documentam que nada menos de 27.290 habitantes da cidade de Samaria foram deportados, e que estrangeiros foram enviados para vir habitar no lugar deles.

Senaqueribe invadiu Judá, em 701 A.C. Ezequias resistiu aos assírios, e foi somente devido à divina intervenção (ver Isa. 37:36) que Jerusalém foi salva da conquista e do saque. Apesar disso, quarenta e seis cidades de Judá foram capturadas. Judá, nos dias do rei Manassés, tornou-se um reino vassalo da Assíria. Porém, foi a partir desse tempo que o poder assírio começou a declinar. Faraó Neco, temendo a Babilônia, que cada vez mais avultava em potência, aliou-se à Assíria e obteve por consentimento, o controle de Judá e da Síria. Entretanto, os babilônios gradualmente obtiveram o predomínio. Faraó Neco e Assur-Ubalite foram totalmente derrotados pela Babilônia. Judá tornou-se reino vassalo da Babilônia, e foi então que tanto a Assíria quanto Judá, reino do sul, chegaram ao fim. Jerusalém caiu em 587 A.C., e, então, seguiu-se o cativeiro babilônico. Em um gráfico, na seção VI deste artigo, traço os eventos tão sucintamente mencionados aqui.

II. Autoria

Os intérpretes têm apresentado certo leque de idéias quanto à autoria do livro de Naum, a saber:

1. Alguns eruditos liberais têm sugerido que o autor foi um poeta historiador, e não um profeta, visto que, segundo eles pensam, falta ao livro a ética, a religião e o gênio típicos dos profetas. O nome *Naum* significa «consolo (de Deus)», o que pode ser entendido como uma tentativa metafórica de dizer: «Este livro, designado *consolo*, visa dar a Israel motivos para regozijar-se. Portanto, deixai-vos consolar, porque um antigo inimigo foi derrotado».

2. Apesar do livro dever ser considerado uma profecia genuína (fazendo contraste com a primeira posição, acima), o título «Naum» pode ser considerado como um *nom de plume*, o que é evidenciado pelo fato de que, nesse livro não dispomos de qualquer informação acerca do profeta Naum. Além disso, a cidade de onde, supostamente, ele veio, «Elcós», é totalmente desconhecida pelos estudiosos. O nome do autor, bem como sua origem, são meros artifícios literários, e não fatos históricos genuínos. Todavia, Jerônimo identificava Elcós com Elcesi, uma pequena aldeia da Galiléia, onde havia, em seu tempo, algumas antigas ruínas. Entretanto, não dispomos de meios para confirmar ou negar essa suposição de Jerônimo. Eusébio também identificava Elcós com Elcesi, presumível localização palestina, embora não tivesse fornecido qualquer informação que agora nos permita confirmar sua afirmação. Alguns antigos escritores sugeriram Alcus como a cidade natal de Naum; no entanto, essa era uma aldeia fora das fronteiras de Israel, e, portanto, muito improvável. Essa aldeia ficava a dois dias de jornada distante de Mosol (antiga Nínive), razão pela qual tal identificação começou a ser artificialmente feita, a partir do século XVI. Os turistas são encaminhados até o suposto túmulo de Naum, nesse lugar. Mas, a ausência de quaisquer informações geográficas e pessoais sólidas, no tocante a «Naum» sugerem-nos que estamos tratando apenas com um pseudônimo, e não com o nome verdadeiro de uma pessoa real.

3. *Outros estudiosos aceitam a autenticidade*, tanto do nome do autor quanto do fato de que ele escreveu seu livro como uma profecia. Embora esse nome não possa ser encontrado em todo o Antigo Testamento, senão no próprio livro, não há razão alguma para pormos de lado as informações ali providas. Tal nome tem sido achado inscrito em algumas ostraca (vide). Até o século XIX, ninguém se aventurara a lançar dúvidas sobre a autoria e a autenticidade do livro como uma profecia. Mas essas dúvidas são essencialmente destituídas de base, não passando de raciocínios subjetivos. O simples fato do nome *Naum* significar «consolo de Deus» dificilmente milita contra sua existência, a menos que insistamos, por razões particulares, de que esse uso deve ser metafórico. É verdade que nada conhecemos acerca de um profeta chamado «Naum», excetuando aquilo que se pode inferir por meio do próprio livro; mas nossa falta de conhecimento dificilmente poderia servir de prova de que o profeta Naum nunca existiu. Além disso, muitas cidades obscuras da Palestina devem ter existido, mas que nenhum historiador se importou em deixar registrado por escrito. Josefo, ao alistar muitas cidades e vilas da Galiléia, nunca mencionou Nazaré, embora ela tenha, realmente, existido.

4. *O Estilo do Autor.* O original hebraico do livro de Naum é muito «claro e vigoroso», e seu estilo é prenhe de animação, fantasia e originalidade. O livro tem uma certa suavidade e delicadeza, alternada por uma dicção rítmica, sonora e majestática, sempre que o assunto requer tal coisa. À semelhança de Isaías, ele usou paronomásias, ou seja, assonâncias verbais. É possível que Naum tenha sido um contemporâneo mais jovem de Isaías. Seu hebraico é puro e clássico, podendo ser atribuído ao tempo da segunda metade do governo de Ezequias. Vários autores têm-no mencionado como um brilhante poeta.

5. *Outras Idéias.* Pouquíssimo se sabe sobre o homem Naum, a quem a autoria do livro com seu nome é atribuído. Coisa alguma se sabe sobre esse profeta, a não ser aquilo que consta no livro com seu nome. A segunda parte do título, que atribui o livro a Naum, de acordo com alguns especialistas, como Smit e Goslinga, teria sido uma adição, com o propósito de preservar o nome do profeta.

Outros eruditos, entretanto, pensam que o nome Naum seja um pseudônimo, porque, visto que *Naum* significa «consolo (de Deus)», o seu livro haveria de

consolar o povo de Israel.

Mais de um autor? Ainda outros estudiosos argumentam que o primeiro capítulo do livro de Naum não forma unidade com os dois capítulos finais. No entanto, até o ano de 1892, não surgira ainda qualquer dúvida de que o livro de Naum é uma unidade. Não obstante, Bickell asseverou que ele descobriu o que pensava ser os remanescentes de um Salmo alfabético em Naum 1:1-7, e tentou reconstruir todo o trecho de Naum 1:2,3, obtendo assim vinte e dois versículos que começam com as sucessivas letras do alfabeto hebraico. Com outra variedade de técnica de reconstituição, Gunkel, em 1892, seguindo o esquema proposto por Bickell, produziu uma reconstituição um tanto mais plausível. Gunkel acha que descobriu que Sobai (ou Sobi), era o nome provável do autor desse livro.

III. Data

Nosso raciocínio pode ser influenciado tanto por fatores históricos quanto por fatores psicológicos, a saber:

1. Com base em uma suposição *a priori*, alguns eruditos liberais têm dito que o livro de Naum é uma história poética, e não uma verdadeira profecia, insistindo então em uma data posterior a 612 A.C., o ano da queda de Nínive. Presumivelmente, a jubilosa explosão que há no livro, diante da queda de um poderoso inimigo, trai um poeta que *observou*, e não um profeta que previu. Entretanto, após exame do livro, vê-se que as qualidades éticas e religiosas do profeta Naum foram subestimadas por esses especialistas.

2. Alguns eruditos supõem que parte do livro de Naum consiste em profecia, e outra parte, em história; e, consoante a isso, sugerem datas imediatamente antes e depois de 612 A.C. Isso nos envolve em raciocínios subjetivos que não podem ser objetivamente comprovados. A questão é tremendamente controvertida, e todas as discussões que tem havido não têm servido para iluminar a questão da data da composição do livro.

3. *A maioria dos eruditos do Antigo Testamento* data o livro de Naum entre 664 e 612 A.C. Esse ponto de vista alicerça-se sobre o fato de que o trecho de Naum 3:8-12 menciona a destruição de Tebas (a No-Amom desse texto), durante os dias de Assurbanipal (664—663 A.C.), como um acontecimento que já teria tido lugar. Naum, pois, deve ter escrito seu livro após esse evento. E, no caso do livro ser uma profecia, deve ter sido escrito antes de 612 A.C., a data da queda de Nínive, um evento predito na obra. Todavia, não há como provar exatamente quando, entre essas duas datas, a composição foi escrita. Mas, a maioria dos intérpretes supõe que se deve pensar em uma data mais próxima da destruição de Nínive, do que uma data mais distante dessa destruição. Nada melhor do que isso alguém tem conseguido propor.

4. *Fausset*, insatisfeito com uma data imprecisa, apresentou uma série de comparações históricas entre as idéias de Naum e as idéias de outros profetas, relacionando esses dados com os livros de Reis e de Crônicas. Ele via Senaqueribe ainda assediando Jerusalém, em Naum 1:9-12. E supôs que Naum aludiu a isso em parte como história e em parte como profecia, naquele trecho. Com base em todas as suas conjecturas ele extraiu uma data, 713-710 A.C. como a data da escrita do livro de Naum. Mas tudo isso entra em conflito com a história descrita no terceiro ponto.

5. *Outras idéias*. O livro de Naum, segundo alguns eruditos, pode ser datado dentro de uma variação de meio século. A fixação da data de sua escrita tornar-se-ia possível por meio de dois eventos principais: a queda de Tebas, que ocorreu por volta do ano de 668 A.C., e a queda de Nínive, em 612 A.C. Por igual modo, no tocante à autoria do livro de Naum, há muitas posições diversas, quanto à data desse poema.

Para Robert Pfeiffer, a iminência da queda de Nínive parece argumentar em favor do livro de Naum ter sido escrito pouco antes da destruição dessa cidade.

Alguns estudiosos destacam Naum 3:13, afirmando, então, que a Assíria e Nínive se tinham sentido ameaçadas. Sabe-se que pouco depois da morte de Assurbanipal, que ocorreu por volta de 626 A.C., os assírios sentiram-se um tanto ameaçados, porquanto seu domínio sobre os territórios ocidentais era frouxo. De acordo com Heródoto, para piorar as coisas, Nínive fora cercada pelas tropas do medo Ciaxares, antes de haver sido convocado de volta à sua terra, porquanto estava invadindo a Assíria, por causa de uma invasão contra seu próprio país. Isso aconteceu por volta do ano de 625 A.C. Hitzig, Kuenen, Cornill e outros estudiosos advogam a posição de que o livro de Naum foi escrito não muito depois daquele citado assédio. De conformidade com eles, o livro deve ter sido escrito não muito depois desse episódio, porquanto a Assíria estava sob ameaça, e também porque Naum indicou que Judá continuava sob o jugo da Assíria.

De acordo com a opinião de J.M. P. Smith (*Expositor's Bible*), a iminência da queda de Nínive pode ser percebida no texto do livro de Naum; e ele também advoga a idéia de que as evidências internas indicam que a cidade de Nínive estava nadando em grandiosidade e poder militar. Talvez ele estivesse aludindo ao trecho de Naum 2:9. Segundo Smith isso não poderia ser dito como verdade no tocante ao período de tempo imediatamente após a morte de Assurbanipal, em 626 A.C.

Contudo, na realidade, se tivermos de determinar uma data definida, seja ela imediatamente após a queda de Tebas, ou pouco antes da destruição de Nínive, não é uma conclusão tão importante como aquela que diz que o livro de Naum foi escrito no período de tempo entre esses dois eventos históricos; porque, se alguém defende essa posição, conforme têm feito alguns estudiosos, dizendo que o poema foi escrito após a queda de Naum, então o homem Naum teria sido apenas um eloqüente poeta e um excelente historiador, mas não um profeta, pois o seu livro seria história, e não predição profética.

IV. Conteúdo

«A profecia de Naum tanto é um complemento quanto uma contraparte do livro de Jonas», disse Pusey. Os três capítulos do livro de Naum podem ser considerados um único poema; mas cada capítulo, mesmo considerado em separado, é digno de atenção.

O primeiro capítulo tem sido chamado, por alguns autores, de ode à Majestade de Deus. Pode ser dividido em três porções:

1. *Subtítulo* (1:1). O autor fala sobre a sua «sentença», que, ao mesmo tempo era a sua «visão». Isso revela o caráter sobrenatural do livro. Podemos supor algum tipo de inspiração que está por detrás de uma composição escrita em forma de poema. Aliás, largos segmentos do Antigo Testamento foram compostos como poemas, como os Salmos e muitas passagens de Isaías, de Jeremias, de Oséias, de Joel, etc.

2. *A descrição da majestade de Deus* (1:2-8). Nesses versículos, o poeta profeta enfatiza os poderes e a resolução de Deus, mediante o que ele efetua os seus desígnios. O autor usou descrições alicerçadas sobre a natureza, a fim de adornar suas palavras. A mensagem é: A majestade de Deus, sua exaltada posição requer que o mal seja julgado.

3. *A descrição da confusão da Assíria e a restauração de Judá* (1:9-11,14—3:19): Deus dirige-se aos assírios e promete que seu povo seria vingado com toda a certeza. Os vss. 12 e 13 incluem uma promessa de descanso e alívio futuro da opressão.

O *segundo capítulo* é homogêneo, descrevendo o cerco e o saque de Nínive. As qualidades do autor sagrado, como poeta, tornam-se neste trecho especialmente patentes.

O *terceiro capítulo* caracteriza longamente a maldade de Nínive, salientando certo número de causas de sua queda final. Fausset salienta que o trecho de Naum 3:19 serve de poderoso clímax, porquanto esse versículo afirma que não há cura para a ferida da Assíria.

Por todo o livro há um tema moral que se repete: Deus, por ser santo, deve julgar o pecado. Esse tema torna-se ainda mais solene quando consideramos que a cidade de Nínive, que finalmente caiu, gerações atrás entregara-se ao arrependimento.

Esboço:

Naum 1:1: Título do livro e uma breve referência ao autor.

Título: é duplo, a saber, o oráculo sobre Nínive e o livro da visão de Naum, o elcosita.

Autor: Naum, o elcosita.

I. 1:2-8. Esses versículos iniciais são uma introdução na qual o autor sagrado descreveu alguns dos atributos de Deus:

1. *Paciência* — Deus é descrito como um Ser lento em irar-se (1:5).

2. *Justiça* — Paralelamente à sua paciência, Deus também é descrito como um Ser dotado de justiça divina. Por um lado, a ira vingadora contra os ímpios (1:2); por outro lado, uma fortaleza onde os piedosos podem refugiar-se (1:7).

3. *Poder* — Tanto os homens quanto a natureza prostram-se diante do poder de Deus. Os rios ressecam-se (1:4), os rios extravasam (1:8). As montanhas estremecem diante de Deus (1:5), as rochas partem-se sob o furor de sua ira (1:6); mas, acima de tudo, quem pode resistir à sua indignação? (1:6).

II. *1:9-15. O retrato do opressor* de Judá e a promessa de que o jugo seria quebrado. Nessa seção é enfocada «a expedição malsucedida de Senaqueribe», como também é prometida a remoção da opressão de Judá.

III. 2:1-13. *Uma vívida descrição da queda de Nínive*.

2:1. Uma irônica conclamação para que os ninivitas se fortalecessem. Soldados e armamentos parecem ser descritos em Naum 2:3 como que se preparando para uma parada militar, e não para uma batalha. Logo a parada transformar-se-ia em um tropel de cavalos e carros de guerra (2:4).

O Senhor dos Exércitos julgou a cidade de Nínive, que foi inundada, saqueada e deixada em desolação. As servas da cidade gemem tristemente, pois o covil dos leões foi destruído (2:7-13).

IV. 3:1-19. *Nínive é comparada a Nô-Amom, ou seja, Tebas* (3:8), visto que a destruição foi completa. Látegos, pranto e rodas — os látegos para cortar, as rodas para trilhar. Mas, por que tanto choro? A sentença é anunciada: «És tu melhor do que Nô-Amom...?» (3:1-8).

Essas palavras foram proferidas como uma profecia pelo profeta de Yahweh. O povo assírio já havia provado um pouco o poder das nações opressoras (3:13); e, em breve, estas palavras também teriam cumprimento: «Tudo isso por causa da grande prostituição da bela e encantadora meretriz, da mestra de feitiçarias...»

V. Propósito e Principais Ensinos Teológicos

Propósito. O livro de Naum tem, basicamente, um duplo propósito. O primeiro é profetizar sobre o julgamento de Nínive mediante a providência vingadora de Deus; e o segundo é um poderoso alento consolador à nação de Judá, que seria tirada de sob o tacão assírio.

A razão desse julgamento aparece em Naum 3:4,5: «Tudo isso por causa da grande prostituição da bela e encantadora meretriz, da mestra de feitiçarias, que vendia os povos com a sua prostituição e as gentes com as suas feitiçarias. Eis que eu estou contra ti, diz o Senhor dos Exércitos...»

Por semelhante modo, da mesma maneira que Nínive seria destruída, assim também Judá seria liberada do domínio assírio. «Mas de sobre ti, Judá, quebrarei o jugo deles, e romperei os teus laços...» (1:13).

Principais Ensinos Teológicos. Se contemplarmos o mundo através do prisma formado por Naum, os acontecimentos históricos serão polarizados em uma antítese. Os poderes mundiais são todos representados pela Assíria e por Judá, emblemas dos inimigos de Deus e do seu reino, respectivamente.

Por igual modo, se olharmos através desse prisma de Naum, a teologia está distintamente dividida em duas facções adversárias: os bons e os maus. Os bons serão eternamente consolados; e os maus serão devidamente julgados na perdição eterna. Os bons são retratados como quem não tem qualquer mácula. Contudo, em seu livro, o autor não reflete as características da história interior ou os méritos de sua própria geração.

E o ensino que recolhemos do retrato sobre a nação de Judá não é o do julgamento do povo de Deus, e, sim, de refúgio para aqueles que se valem da fortaleza que é o Senhor (1:7).

Através do profeta Jonas, Deus havia revelado a sua longanimidade; mas Naum foi usado para anunciar um outro tipo de ensino sobre as atitudes de Deus. Naum nos fala sobre o poder de Deus, um poder capaz de controlar a natureza e os homens, um poder que libertaria a nação de Judá (1:13). Mediante o exemplo de Nínive, aprendemos um lado espantoso dos atributos de Deus. Acima de tudo, aprendemos que aquele que blasfema contra Deus não deixa de receber a sua paga.

VI. Características Literárias

Os eruditos de todas as especialidades bíblicas concordam quanto à excelente qualidade dos poemas de Naum. Se se trata de uma profecia genuína, conforme opina a maioria dos estudiosos (o que não foi lançado em dúvida até o século XIX), então trata-se de uma profecia vazada em tom altamente poético. Alguns críticos têm proposto que o livro se compõe de cinco poemas. Essa idéia pode incluir a variação de que o trecho de Naum 1:2-10 era um antigo poema acróstico, prefixado à composição original. No entanto, somente por meio de emendas violentas é possível trazer à existência um poema

acróstico ali. Para outros, o trecho de Naum 1:11—2:22 não fazia parte original do livro; mas foi apenas um acréscimo editorial, inserido tão tarde quanto 300 A.C. Unger, um erudito de nossos dias, rejeita essa idéia como um exemplo do subjetivismo usado por muitos críticos. Outros estudiosos pensam que o livro de Naum consiste em um único poema, embora possa ser dividido em várias porções, de acordo com conteúdos específicos.

Qualidade teológica e moral do livro. A qualidade poética destacada dessa obra não deveria obscurecer o fato de que Naum também se reveste de uma excelente qualidade profética. Aqueles que querem ver o livro como se fosse apenas uma obra poética e histórica exibem a tendência de degradar o conteúdo espiritual do mesmo. Como é óbvio, o autor sagrado entusiasmou-se diante da queda prevista da Assíria, mas esse entusiasmo não é o único conteúdo do livro. Podemos discernir em Naum os seguintes elementos morais e teológicos:

1. O caráter de Deus, mormente a sua santidade, requer a justiça (1:2,8).
2. Teísmo: Deus faz-se presente no mundo. Ele julga e galardoa (1:9-15).
3. O amor de Deus fá-Lo ser paciente, embora com limites (1:2,3).
4. Uma potência mundial, a despeito de toda a sua glória, pode constituir-se em inimiga de Deus. Essa é a mensagem central do livro.
5. Todo julgamento divino tem uma causa. O terceiro capítulo de Naum esboça várias razões do julgamento de Nínive.
6. Nínive serviria de exemplo para outras comunidades. Rejubilemo-nos diante do juízo divino. Mediante o juízo, Deus faz coisas que não poderia fazer por outros meios (3:19).

VII. Gráfico Histórico do Israel

	Assíria-Babilônia
Abraão (1900 A.C.)	
Jacó (1750 A.C.)	
	Estado assírio independente (1800 A.C.)
	Reino Antigo (1700—1100 A.C.)
	Expansão dos limites (1700 A.C.)
Êxodo do Egito (1490 A.C.)	
Entrada na Palestina (1425 A.C.)	
Instituição dos Juízes (1425 A.C.)	
	Soerguimento de Nínive (1260 A.C.)
	Cidades estado fortificadas (1114—1076 A.C.)
Samuel, último juiz (1035 A.C.)	
Monarquia unida (1050—930 A.C.)	
Divisão em duas Nações (931 A.C.)	
Profecia de Jonas (862 A.C.)	
	Nínive é poupada (862 A.C.)
Israel sob cerco (745 A.C.)	
	Senaqueribe devasta Judá (701 A.C.)
Queda de Samaria (722 A.C.)	
Judá, vassalo da Assíria (700 A.C.)	
	Declínio da Assíria (687 A.C.)
Profecia de Naum (664—612 A.C.)	
	Queda de Nínive (612 A.C.)
Judá, vassalo da Babilônia (609 A.C.)	
	Fim da Assíria (609 A.C.)
Queda e exílio de Judá (597—587 A.C.)	
	Babilônia torna-se senhora do mundo (609 A.C.)

Bibliografia: AM E EX ED FA HALD HALL I LAN PU UN Z

NAUM (Pessoas)

Esse nome significa «compassivo», no hebraico. Há duas personagens com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um dos antepassados de Jesus, na genealogia de Lucas (Luc. 3:25). Ele aparece como o nono antes de José, marido de Maria, mãe de Jesus.

2. O profeta *Naum*, o sétimo dos profetas menores, de acordo com o arranjo do Antigo Testamento no hebraico e no grego, embora tivesse sido o sexto, cronologicamente falando. Ele era nativo de Elcós, uma aldeia da Galiléia (conforme Jerônimo comentou em seu prefácio ao livro de Naum).

Ele profetizou em Judá, após a deportação das dez tribos do norte, já nos fins no reinado de Ezequias (Naum 1:11-13; 2:1,14). Quanto a detalhes completos, ver o artigo sobre a profecia de *Naum*. Seu livro pertence à classe dos livros proféticos que têm sido chamados *prophetiae contra gentes*, porquanto voltam-se, especificamente, contra os povos. Seu objetivo era a cidade de Nínive, capital do império assírio.

NAVALHA

Um instrumento cortante muito afiado, para aparar os cabelos e a barba. É referido no A.T. sobretudo em conexão com o voto dos nazireus (Núm. 6:5; 8:7; Juí. 13:5; 16:17; I Sam. 1:11; Isa. 7:20; Eze. 5:1). A palavra também é usada metaforicamente para indicar a língua ferina (Sal. 52:2). As navalhas eram feitas de metal, e eram simples ou elaboradas. Muitos espécimes, pertencentes à antiguidade, têm sobrevivido.

NAVALHA DE OCKHAM

Essa expressão é sinônima da **lei da parcimônia**. Ockham não afirmou especificamente, mas ele quis que soubéssemos que não devemos «multiplicar entidades além do necessário, a fim de explicar algo». Isso foi originalmente dito no contexto de discussões metafísicas, acerca dos universais; mas acabou sendo aplicado a qualquer campo do conhecimento. A navalha de Ockham, pois, corta fora todas as explicações desnecessárias, procurando preservar a maneira mais simples de explicar alguma coisa. A hipótese mais simples, presumivelmente, é aquela que melhor explica uma idéia qualquer. Mas, apesar disso exprimir uma verdade em muitos casos, nem sempre a verdade é simples e evidente. Ver o artigo intitulado *Ockham*.

NAVIOS

Ver **Barcos (Navios)**.

NAYA

Vocábulo sânscrito que significa «aspecto», «ponto de vista». No *jainismo* (vide) há sete *nayas*, a partir dos quais uma pessoa pode encarar a realidade que a circunda.

NAZARÉ

Esboço:

1. Declarações Introdutórias
2. O Nome
3. Localização
4. Informes Dados pelo Novo Testamento
5. História Subseqüente

1. Declarações Introdutórias

No Novo Testamento há vinte e nove menções à cidade de Nazaré, embora ela nunca seja mencionada no Antigo Testamento. E embora *Josefo* (vide) tivesse mencionado quarenta e cinco cidades da Galiléia, não mencionou a pequena aldeia de Nazaré, mostrando o quão pequena e obscura ela era. A vida de Jesus, naquela localidade, é que a tornou famosa. Ver o artigo separado sobre *Nazareno*. É provável que muitas das ilustrações usadas por Jesus, em seus sermões e lições, fossem baseadas em sua vida naquela pequena cidade da área rural. A arqueologia muito tem feito para dar-nos melhor conhecimento sobre essa localidade e suas redondezas.

2. Nome

Os eruditos não têm certeza quanto à raiz dessa palavra, embora duas suposições pareçam as mais razoáveis: 1. Poderia ser a palavra hebraica *nazir*, que está vinculada à idéia de «separação». 2. Ou poderia provir de *neser*, que significa «ramo», «renovo». Essa é a posição preferida pelos especialistas. O nome da vila atual é *en-Nazirah*.

3. Localização

Nazaré ficava a trinta e dois quilômetros das margens do mar Mediterrâneo, em linha reta; a vinte e quatro quilômetros do mar da Galiléia; a quase cento e treze quilômetros ao norte de Belém; cerca de dezesseis quilômetros da planície de Esdrelom; e mais ou menos meio caminho entre o monte Carmelo e a extremidade sul do lago da Galiléia. A moderna Nazaré conta somente com uma fonte natural. Está situada nas colinas ao norte da planície de Esdrelom, e dali tem-se uma boa visão de antigos campos de batalha. Também pode ser avistado o monte Hermon, ao norte; pode ser visto o mar Mediterrâneo, a oeste, e Basã, a leste. Não há que duvidar que a antiga cidade de Nazaré ocupava basicamente a mesma área que a moderna vila desse nome. As águas da fonte que manam perto da moderna igreja de São Gabriel são canalizadas até o poço de Maria, em uma praça aberta, onde, sem dúvida, Maria costumava vir buscar água, para as necessidades de sua família.

4. Informes Dados pelo Novo Testamento

Conforme foi dito acima, Nazaré nunca é mencionada no Antigo Testamento, razão por que temos de ir buscar no Novo Testamento todas as referências à mesma, no tocante à vida de Jesus ali.

Nazaré é chamada de «cidade» de José e Maria (ver Luc. 2:39), e, naturalmente, do menino Jesus. Foi ali que o anjo anunciou a Maria o nascimento do Messias (Luc. 1:26-28). Após a sagrada família ter passado algum tempo no Egito, eles voltaram a Nazaré (Luc. 4:14). Posteriormente, Jesus ensinou na sinagoga de Nazaré (Mat. 13:54; Luc. 4:15). A associação de Jesus com a localidade fê-Lo ser conhecido como «o Nazareno». Ver o artigo intitulado *Nazareno*. Nazaré não era lugar muito respeitado (ver João 1:47). E parece que, finalmente, Jesus foi rejeitado em Nazaré, tendo-se mudado para Cafarnaum, à beira do mar da Galiléia, que passou a ser o centro de suas atividades (ver Luc. 4:16-30). Mateus via essa mudança como cumprimento de certa predição profética (ver Mat. 4:13-16). Com base na rejeição de Jesus em Nazaré foi que surgiu a famosa declaração de Jesus, por tantas vezes aplicada no decurso da história: «Não há profeta sem honra senão na sua terra, entre os seus parentes, e na sua casa» (Mar. 6:4). Talvez seja melhor dizermos que Jesus empregou essa declaração já proverbial, e não que foi o seu autor. José, marido de Maria, e, posteriormente, Jesus, provavelmente eram os únicos carpinteiros daquela minúscula aldeia.

5. História Subseqüente

Conforme já vimos, Nazaré nunca é mencionada no Antigo Testamento, e nem parece haver algures alguma informação a respeito dela, *se* é que ela existia em tempos antigos. Nosso conhecimento acerca de Nazaré começa no Novo Testamento. Apesar de todos os incidentes mencionados acerca de Nazaré serem interesssantes no que diz respeito à vida de Jesus, talvez o que mais nos admira seja o fato de que *Ele foi rejeitado em Nazaré*. E isso simbolizou a rejeição de seu próprio Messias por parte de Israel (ver João 1:11). Não obstante, permaneceu o título «Jesus de Nazaré», que se tornou comum tanto em seus próprios dias quanto por diversos séculos depois e até hoje. Na época era comum um homem ser chamado pelo nome de sua própria terra de origem, como Judas Iscariotes, Paulo de Tarso, João Damasceno, Tomás de Aquino e Tomás à Kempis, para darmos alguns poucos exemplos bem conhecidos.

Helena, mãe do imperador Constantino, mandou edificar um santuário cristão em Nazaré, no século IV D.C. E outros monumentos religiosos têm ali sido erigidos, destruídos e renovados. O suposto lugar do nascimento de Jesus é ali indicado (embora saiba-se bem que Jesus nasceu em Belém, e não em Nazaré) para os turistas. Quando os muçulmanos tomaram conta de Nazaré, aos cristãos ficou vedado visitar a cidade, durante algum tempo. Então, em 1099, os cruzados tornaram a ocupar a cidade. Porém, em 1187, prevaleceram novamente os islamitas. Em 1229, a cidade voltou às mãos dos cristãos que a ornamentaram. — Frades franciscanos levantaram ali um templo e um mosteiro, no ano de 1300, somente para dali serem outra vez expulsos, em 1362. E voltaram em 1468, mas de lá foram outra vez desalojados em 1542. Mas os cristãos tomaram conta novamente do lugar em 1620. Essas marchas e contramarchas foram criadas pelo variegado sucesso das armas. Entretanto, a partir de 1620, os franciscanos tornaram-se os guardiães dos lugares santos, por toda a Terra Santa. Os britânicos capturaram Nazaré, então sob poder dos turcos e dos alemães, em 1918. Trinta anos mais tarde, em 1948, os israelitas tomaram Nazaré, então em mãos dos árabes. A população de Nazaré, atualmente, é predominantemente cristã, quase todos ortodoxos gregos. Em seguida, no tocante a números, há islamitas e judeus. Em 1966, a população de Nazaré era de cerca de trinta mil habitantes. A população relativamente grande da localidade tem impedido que se façam escavações arqueológicas na região.

NAZARÉ, DECRETO DE

Esse documento é atualmente guardado no Cabinet de Méddailles, no museu do Louvre, em Paris, França. Foi descoberto pelo historiador Michel Rostovtzeff, em 1930, e foi publicado pelo abade Cumont, em 1932. Daí passou para a coleção do antiquário alemão Froehner, — e depois para o lugar onde atualmente é guardado.

Esse documento foi escrito em grego, em cerca de 50 D.C. Se os historiadores estão com a razão, essa inscrição foi o primeiro comentário secular sobre a

história da páscoa. Seu propósito era proibir que fossem perturbadas as sepulturas, ao que parece, iniciadas devido às estórias conflitantes de cristãos e judeus sobre a ressurreição de Cristo. Os primeiros diziam que Jesus realmente ressuscitou dentre os mortos; e os últimos afirmavam que os discípulos de Jesus abriram o túmulo e furtaram o corpo de Jesus. Suetônio informa-nos acerca dessas dificuldades em torno de «certo Crestos» (corruptela de Cristo). O imperador Cláudio investigou as perturbações entre judeus e cristãos, e ficou irritado com ambos os lados da pendência. E expulsou todos os judeus da cidade de Roma (ver Atos 18:2). Ao que tudo indica, foi ele quem mandou colocar aquele decreto em Nazaré. Eis o texto do decreto:

«Ordenança de César. É de meu agrado que sepulcros e túmulos permaneçam intactos perpetuamente, em benefício daqueles que fazem deles lugares onde cultuam seus antepassados, ou filhos, ou membros de suas casas. Se, porém, alguém tiver informação de que outrem demoliu um túmulo, ou, de alguma maneira extraiu a pessoa ali sepultada, ou transferiu-a maliciosamente para outro lugar, a fim de tirar disso alguma vantagem, ou tirou os selos ou outras pedras, ordeno que seja instituída investigação contra tal pessoa, tanto devido ao respeito pelos deuses como devido ao culto aos mortais. Pois será muito mais obrigatório honrar aos sepultados. Fica, pois, absolutamente proibido a qualquer pessoa perturbá-los. No caso de contravenção, ordeno que o ofensor seja sentenciado à pena capital, sob a acusação de ter violado um sepulcro».

NAZARENO

Esse adjetivo significa «natural de Nazaré». Essa palavra é usada no Novo Testamento referindo-se somente a Jesus, o qual tanto assim se chamou quanto foi chamado por outros. Ver Mat. 2:23, onde se lê que havia uma predição que dizia que Jesus seria chamado Nazareno. Mas a palavra também é usada no plural, em Atos 24:5, onde está em foco a seita dos «nazarenos», isto é, os seguidores de Jesus. Isso mostra que Jesus foi chamado de «o nazareno» por parte de outras pessoas, amigas e inimigas, igualmente. Visto que o Antigo Testamento não menciona em parte alguma a cidade de *Nazaré*, ali também não se lê qualquer coisa sobre os possíveis nazarenos. Acresça-se a isso que alguns intérpretes têm confundido o significado de nazareno com o significado de *nazireu* (ver Núm. 6:1-21). No entanto, é possível que esteja em vista o termo hebraico *netser*, «ramo», pois Jesus, em diversos trechos bíblicos é chamado de «renovo de Jessé», ou seja, alguém pertencente à linhagem de Davi.

As palavras de Mat. 2:23, «Ele será chamado Nazareno», não constituem alguma citação verbatim dos profetas. Mas, possivelmente, vem da idéia do texto de Isa. 11:1, que inclui a palavra ramo (da qual vem o termo *Nazaré*), referindo-se ao Messias. E é provável que esse texto estivesse na mente do escritor sagrado, ao fazer aquela «citação». Além disso, outras predições bíblicas, embora sem usar essa palavra exata, mas expressando a mesma idéia, provavelmente formaram a base dessa «citação» (ver Jer. 23:5; 33:14; Zac. 3:8; 6:12). Assim, pois, o Messias seria o *ramo* ou *renovo* da família de Davi.

O título *Nazareno*, ainda que para nós seja um título famoso, por causa de Jesus Cristo, nos dias dele geralmente era usado como termo de menoscabo (ver João 1:46; 7:52). No plano terreno, Jesus não foi alguma árvore grandiosa, um filho reconhecido da casa real de Davi; mas tão-somente um renovo de Jessé. No entanto, sua grande estatura espiritual finalmente propagou a sua fama pela terra inteira. Conforme dissemos acima, alguns comentadores relacionam a palavra «nazareno» aos indivíduos que, no Antigo Testamento, são chamados «nazireus» (ver Núm. 6:2,13,18-20), os quais faziam certos votos difíceis de serem cumpridos, votos de consagração a Deus. Tais comentadores, pois, aplicam essa idéia a Cristo, imaginando que, na qualidade de nazareno, ele teria o mesmo propósito que tinham os nazireus. Assim interpretaram Tertuliano, Jerônimo, Erasmo, Calvino e outros intérpretes modernos. Mas, a despeito dessa interpretação envolver uma *aplicação* útil, não parece que Mateus quisesse destacar tal coisa, em 2:23 de seu evangelho. Acrescente-se a isso que, tanto no hebraico quanto no grego, *nazareno* e *nazireu* têm grafia diferente. Também há alguma razão na interpretação que diz que Jesus seria desprezado, como habitante da obscura cidade de Nazaré. Todavia, não parece ser isso o que o autor sagrado quis destacar nessa passagem. O que ele realmente queria era mostrar que Jesus pertencia à família de Jessé, como o *Renovo* de Davi, e, secundariamente, que o lugar onde Jesus residiu como criança, e onde também deu início ao seu ministério, fora escolhido por Deus, apesar das diversas circunstâncias que poderiam ter servido de obstáculo a esse ministério.

Quanto à expressão «Jesus de Nazaré», ver Mar. 10:47; Luc. 24:19. Os espíritos imundos assim chamaram a Jesus (Mar. 1:24; Luc. 4:34), tal como o fizeram os anjos que anunciaram a sua ressurreição (Mar. 16:6). E os trechos de Mat. 26:71 e Mar. 14:67 mostram que essa expressão foi usada pejorativamente pelos inimigos de Jesus. E acabou sendo dada, como apelido de menosprezo à comunidade cristã (Atos 24:5). E Jesus continuou a ser vinculado a Nazaré, mesmo após a sua ressurreição, pelos seus discípulos (ver Atos 2:22; 3:6; 10:38).

NAZARENOS, EVANGELHO DOS

Esse foi um dos muitos evangelhos não-canônicos que circularam no século II D.C. Foi escrito originalmente em aramaico, sendo diferente dos evangelhos canônicos; mas aparentemente não era herético. Foi empregado por uma seita de judeus cristãos da Síria. Essa era a seita dos nazarenos. Talvez esse evangelho tenha sido uma das principais fontes informativas do evangelho canônico de Mateus. Jerônimo é quem melhor nos presta informações sobre essa peça literária, tendo ele dado a entender que esse foi o original aramaico que serviu de base ao evangelho grego de Mateus. Mas, as citações providas por Jerônimo, mostram que ele não estava manuseando o evangelho canônico de Mateus. Além disso, Jerônimo confundiu o quadro, chamando essa obra de «Evangelho Segundo aos Hebreus», que é o título de uma outra obra escrita. Apolinário havia usado o evangelho dos Nazarenos em seus comentários, e parece que foi com base nisso que Jerônimo tomou conhecimento da existência desse livro. Também é provável que as muitas citações feitas por Jerônimo, supostamente extraídas do evangelho dos Nazarenos, na verdade tenham sido tiradas dos comentários de Apolinário. E Jerônimo confundiu ainda mais as coisas, pelo fato de que muitas das citações feitas por Orígenes, do Evangelho Segundo aos Hebreus, foram identificadas como se tivessem sido extraídas do Evangelho dos Nazarenos.

O Evangelho dos Nazarenos era uma obra volumosa, tendo apenas cerca de trezentas linhas

menos do que o evangelho canônico de Mateus, de acordo com certa informação dada por Nicéforo. E alguns eruditos supõem que as Declarações de Oxyrhynchus (vide), atribuídas a Jesus, também foram extraídas dessa obra. Nesse caso, o Evangelho dos Nazarenos diferia consideravelmente de nosso evangelho canônico de Mateus. Mas adiciona alguns detalhes interessantes, sendo possível que alguns deles sejam autênticos. Para exemplificar, esse evangelho diz que foi a verga da entrada do templo de Jerusalém que caiu, em vez do véu do templo ter-se rasgado de alto a baixo, por ocasião da crucificação e morte de Jesus. E também ajunta que foi Maria, mãe de Jesus, quem instou com ele para que fosse batizado por João Batista.

Não dispomos do Evangelho dos Nazarenos, salvo por meio de citações preservadas em outros livros antigos, conforme foi sugerido acima. Alguns manuscritos do século V D.C., provenientes de Jerusalém, conhecidos como *Manuscritos de Sião*, têm notas marginais que, supostamente, foram extraídas desse evangelho. M.R. James fez uma coletânea de citações dos pais da Igreja que, supostamente, teriam sido feitas com base nessa obra. Essas citações aparecem em seu livro, *The Apocryphal New Testament*.

NAZARENOS (Igreja dos)

Ver sobre **Igreja dos Nazarenos**.

NAZARENOS (SEITA PRIMITIVA)

Houve uma antiga seita judeu-cristã, conhecida por «os nazarenos», — no século IV D.C. Epifânio e Jerônimo disseram que os nazarenos viviam em redor da cidade de Pela, na Palestina. Eles consideravam-se judeus, mas aceitavam doutrinas execradas pelos outros judeus, como a da plena divindade de Cristo e a de seu nascimento virginal. Têm sido erroneamente identificados, por alguns estudiosos, com os *ebionitas* (vide); mas as doutrinas desses dois grupos eram bastante divergentes. Os *mandeanos* (vide), também se chamavam *nazorave*.

NAZIREADO (VOTO DO)

Esboço:

1. O Nome
2. Caracterização Geral
3. Origem do Nazireado
4. Provisões do Voto
5. Problemas e Modificações

1. O Nome

A forma mais correta da palavra é «nazireado», «nazireu», embora alguns grafem, em outras línguas, nazarita». A palavra portuguesa vem do hebraico *nazir*, derivada de *nazar*, «separar», «consagrar», «abster-se». Além disso, há a considerar o termo *nezer*, «diadema», «coroa de Deus», termo algumas vezes aplicado à cabeleira não-tosquiada dos nazireus, cabeleira essa considerada sua coroa e adorno. É dessa outra palavra hebraica que alguns pensam que se deriva a forma «nazarita». Comparar isso com I Cor. 11:15. O voto do nazireado envolve a consagração especial de pessoas ou coisas a Deus (ver Gên. 49:26; Deu. 33:16). Está especificamente em pauta o caso dos *nazireus*, cujos cabelos compridos serviram de emblema de sua separação ao serviço do Senhor, cabelos esses que eram reputados a coroa de glória deles. Ver Núm. 6:7. Comparar com II Sam. 14:25,26.

2. Caracterização Geral

Os nazireus formavam grupos ascéticos no judaísmo. Eles tomavam vários votos, como abster-se de vinho, não entrar em contacto com qualquer coisa imunda, ou não aparar os cabelos. Entre os antigos hebreus, esses votos eram vitalícios (ver a história de Sansão). E o trecho de Amós 2:12 sugere que os nazireus eram muito prestigiados em Israel. A legislação posterior, entretanto, permitia que tais votos fossem limitados quanto ao tempo (ver Josefo, *Guerras* 2:15,1). Mas, um elemento que nunca foi abandonado foi o de um severo *ascetismo* (vide). O voto do nazireado aparece em Núm. 6:1-20. Ninguém podia fazer tais votos por um período inferior ao de trinta dias. Sansão, Samuel e João Batista (de acordo com muitos eruditos), foram nazireus vitalícios. A instituição do nazireado tinha por intuito tipificar a separação e um modo de viver santificado e restrito. A cabeleira crescida simbolizava a virilidade e virtudes heróicas. As madeixas de cabelos simbolizavam uma simplicidade infantil, poder, beleza e liberdade. Maimônides, um sábio judeu sefardi (falecido em 1204), referiu-se à dignidade dos nazireus como equivalente à de um sumo sacerdote. E antes dele, Eusébio, o grande historiador eclesiástico da Igreja antiga, asseverou, em termos enfáticos, que os nazireus tinham acesso ao Santo dos Santos, em Israel (*História Eclesiástica* 2,23). Os pais podiam dedicar seus filhos homens a esse grupo religioso separatista. Entretanto, os nazireus não viviam em comunidades separadas, e nem lhes era vedada a associação com outras pessoas, ou de se ocuparem em atividades comuns. Viviam na comunidade de Israel como símbolos de dedicação especial a Yahweh. Essa era a principal função dos nazireus. E eles mostravam-se ativos no serviço religioso e nas práticas ritualistas.

3. Origem do Nazireado

O sexto capítulo do livro de Números fornece-nos as regras acerca da questão, embora alguns estudiosos suponham que temos ali uma confirmação e regularização da prática, e não um começo absoluto da mesma. É possível que, a certa altura dos acontecimentos, a prática tenha penetrado no corpo da legislação mosaica. E os argumentos que dizem que a prática do nazireado foi tomada por empréstimo de povos pagãos, como os egípcios, não convencem e nem têm sido acolhidos pela maioria dos eruditos.

4. Provisões do Voto

O leitor deve examinar o sexto capítulo do livro de Números. Esse voto podia variar quanto à sua duração. Podia ser imposto às crianças, por seus pais, que as dedicavam à vida do nazireado, como foi o caso de Sansão (ver Juí. 13:5,14), e talvez de Samuel (ver I Sam. 1:11) e de João Batista (Luc. 1:15). A Mishna afirma que esses votos eram tomados por um mínimo de trinta dias, e que o período de sessenta dias era o mais comum. O voto tomado por Paulo, conforme está registrado em Atos 18:18, provavelmente foi um voto temporário de nazireu. E ao terminar o período determinado, raspou a cabeça em Cencréia, embora, de acordo com a legislação mosaica original, isso tivesse de ser feito à entrada do templo de Jerusalém.

Proibições. Os nazireus precisavam abster-se de vinho, de todas as bebidas alcoólicas, de vinagre, e até de uvas e passas de uvas. A experiência humana exibe claramente os debilitantes efeitos espirituais das bebidas alcoólicas. Além disso, esses votos provavelmente eram um protesto contra as práticas pagãs, onde as bebidas alcoólicas eram usadas para agitar aos adoradores, levando-os a cometerem toda sorte de excessos. Mas os nazireus também não podiam tocar

em coisas imundas, como um cadáver, mesmo que se tratasse de um parente próximo. E cumpre-nos observar que os sumos sacerdotes de Israel também não se podiam contaminar desse modo.

Requisitos. Um nazireu não podia cortar os cabelos durante todo o tempo em que perdurasse a sua consagração. As referências literárias mostram que os cabelos de uma pessoa eram considerados a sede da vida, e até mesmo a habitação de espíritos e de influências mágicas. Talvez por essa razão é que, terminado o voto do nazireado, a pessoa precisava raspar seus cabelos e queimá-los, como medida eficaz para anular quaisquer poderes que os cabelos fossem tidos como possuidores.

Violação. Se os votos do nazireado fossem violados em qualquer sentido (até mesmo por acidente, como quando um nazireu entrava em contacto com um cadáver), ele precisava renovar todo o conjunto de ritos purificadores, e começar de novo os seus votos.

Término. Ao fim do tempo marcado, um nazireu precisava oferecer vários sacrifícios, cortando rente os seus cabelos e queimando-os no altar. Em seguida, o sacerdote oficiante efetuava certos ritos determinados, e o homem estava desobrigado de seu voto ao Senhor.

5. Problemas e Modificações

Alguns estudiosos pensam que o sexto capítulo de Números pertence à fonte informativa *P.(S.)*, o código sacerdotal, que pertenceria aos tempos exílicos, ou mesmo depois. Essa legislação posterior, conforme eles supõem, permitia votos específicos relativamente breves. Mas, mais antigamente, conforme ainda argumentam, um voto era feito por toda a vida. Sansão e Samuel foram exemplos da prática mais antiga. Ver o artigo sobre as fontes informativas *J.E.D.P.(S.)*. É possível que Absalão tivesse sido posto sob esse voto, o que explicaria sua vasta cabeleira. Entretanto, Jesus não foi um nazireu, e, sim, um *nazareno* (ver Mat. 2:23), embora isso não concorde com o que dizem alguns intérpretes. Ver o artigo intitulado *Nazareno*, que aborda o problema. João Batista, em contraste com Jesus, pode ter sido um nazireu verdadeiro, o que explicaria certos aspectos ascéticos de sua vida (ver Luc. 1:15). A prática posterior entre os judeus fez com que esse voto envolvesse apenas atividades religiosas ritualistas, conforme se via, para exemplificar, no farisaísmo; mas isso já representava uma perversão religiosa, que o Senhor Jesus combateu. Interessante é observar que o judaísmo moderno está completamente alicerçado sobre o farisaísmo, embora com certas evoluções medievais e modernas.

O nazireado era um voto feito por pessoas que procuravam alívio para as suas enfermidades ou aflições, conforme nos informa Josefo (*Guerras*, II.15,1). Até mesmo Berenice, a incestuosa esposa-irmã do rei Herodes Agripa, fez tal voto, segundo Josefo menciona naquele trecho de sua famosa obra. A Mishna, *Nazir* V. 5, demonstra como a questão acabou se desintegrando. De acordo com esse comentário judaico, era possível alguém tomar voto até em relação a uma dívida assumida em uma aposta. As informações dadas por Josefo mostram-nos que os nazireus constituíam uma característica comum na vida judaica de seus dias.

NAZIREADO E O APÓSTOLO PAULO

Atos 18:18: *Paulo, tendo ficado ali ainda muitos dias, despediu-se dos irmãos e navegou para a Síria, e com ele Priscila e Áquila, havendo rapado a cabeça em Cencréia, porque tinha voto.*

Mui provavelmente este voto foi feito pelo próprio Paulo, embora, gramaticalmente interpretada, essa sentença poderia indicar Áquila, o que estaria de acordo com o ponto de vista religioso um tanto mais judaico deste último. Isso significaria, por sua vez, que Áquila, e não Paulo, é quem teria feito o voto. Mas essa possibilidade é mais remota do que a sua alternativa. Josefo, grande historiador judeu do tempo apostólico, informa-nos de que o voto do nazireado se completava quando os cabelos eram raspados. (Ver também Núm. 6:5,18). Assim diz Josefo (ver *Guerras dos Judeus*, II. 15:1): «Aqueles que sofrem de alguma enfermidade, ou que de alguma outra maneira caem em infortúnio, costumeiramente fazem um voto de que, por trinta dias, antes de oferecerem algum sacrifício, abster-se-ão de vinho, e de rasparem a própria cabeça».

Ora, se essa norma foi seguida por Paulo, isso significaria que o apóstolo estava então completando um voto; mas, apesar disso, alguns estudiosos têm conjecturado que o ato de cortar os cabelos assinalou o início de um período de trinta dias, durante o qual Paulo não tornaria a cortar os cabelos. Mais tarde o apóstolo remiria o seu voto, oferecendo o sacrifício apropriado, no templo de Jerusalém, no desenrolar da festa da páscoa. É bem provável que essa pequena informação nos seja dada a fim de explicar por que razão Paulo tanto se apressava por chegar em Jerusalém. (Ver Atos 18:21). Outros intérpretes, todavia, supõem que esse incidente na realidade é o mesmo que foi registrado em Atos 21:20-26, onde Paulo, uma vez mais, se viu envolvido em um episódio semelhante, mas que, no presente trecho, teria sido erroneamente registrado, por antecipação. Entretanto, parece-nos mais aconselhável supormos que houve dois incidentes similares.

Alguns eruditos insistem em que não poderia estar em foco o voto do nazireado porquanto esse só poderia ser absolvido em Jerusalém. No entanto, a explanação oferecida acima mostra-nos que não podemos desconsiderar essa possibilidade. A palavra portuguesa *nazireu* se deriva do vocábulo hebraico «nazir», que vem de «nazar» e significa «separado», «consagrado», «abstinente». A origem da prática do voto do nazireado é *anterior* aos tempos de Moisés, e para nós é obscura. Sabemos, entretanto, que os semitas e outros povos antigos não cortavam os próprios cabelos e nem faziam a barba quando tinham de ocupar-se de alguma questão importante, o que servia de sinal de que solicitavam a ajuda divina. Posteriormente ao período de voto, porém, os cabelos eram raspados, sendo queimados em algum lugar sagrado, como uma oferta a Deus ou aos deuses. Entre as tribos árabes até hoje há reflexos desse antiqüíssimo costume. (Ver A. Lods, *Israel*, 1932, pág. 305. Examinar também o trecho de Juí. 5:2).

Séculos mais tarde, esse voto veio a significar alguma consagração especial a Deus, o que, evidentemente, podia perdurar por muitos anos, embora também pudesse envolver um período mais curto de tempo, dependendo da intenção com que um voto fosse feito. Alguns indivíduos se tornavam nazireus por toda a vida, como se deu no caso de Sansão, que foi consagrado como tal desde o berço. (Ver Juí. 13:5,6). Samuel, mais ou menos da mesma maneira, ainda que seu voto não envolvesse a abstinência de vinho, ocupava a mesma posição de nazireu. (Ver I Sam. 1:11). João Batista também cumpriu o espírito desse voto, posto que, aparentemente, o seu compromisso não envolvia a necessidade de deixar os cabelos crescerem perpetuamente, sem cortá-los. Ver Luc. 1:15.

Três condições específicas eram requeridas quando do voto do nazireado, se porventura esse fosse observado segundo todas as exigências, a saber:

1. Abstinência de vinho ou de qualquer outra bebida forte, isto é, fermentada ou alcoólica. (Ver Lev. 10:9).

2. Deixar os cabelos crescerem sem cortá-los, simbolizava a força física e a virilidade jovem, o que, por sua vez, indicava que o nazireu dedicava todas as suas forças em consagração total e serviço a Deus. Os cabelos do nazireu eram a sua *coroa* (no hebraico, *neetzer*) da unção do azeite de seu Deus. (Ver Lev. 21:12).

3. Não ter qualquer contacto com um cadáver, nem mesmo dos parentes mais próximos. (Ver Lev. 21:11,12). Os sumos sacerdotes também compartilhavam desse requisito.

Os nazireus não se uniam formando qualquer **fraternidade ascética;** pelo contrário, como indivíduos, seguiam um ascetismo estrito, na qualidade de indivíduos completamente consagrados a Deus, à sua adoração e ao seu serviço. De fato, eles representavam simbolicamente aquilo que é exigido, em termos espirituais, de todos os crentes (excetuando os símbolos físicos), visto que todos os crentes no Senhor Jesus devem apresentar-se como um *sacrifício vivo, santo e agradável a Deus* (Rom. 12:1). Quando da conclusão do voto do nazireado, contanto que esse não fosse fixado para a vida terrena inteira, os devotos ofereciam um sacrifício pelo pecado, uma oferta queimada (o que subentendia a sua autodedicação) e uma oferta pacífica, juntamente com pães asmos. (Este último aspecto fala de ação de graças por parte do ofertante). Os cabelos do nazireu eram cortados, às portas do tabernáculo e postos sobre o fogo do altar (sempre no próprio templo de Jerusalém), como uma representação simbólica de que ele oferecia toda a sua força a Deus.

No trecho de Atos 21:24-27 vemos uma alusão a um voto de nazireado estrito. Paulo, por ser caridoso, resolveu arcar ele mesmo com as despesas das ofertas, a fim de mostrar o seu respeito pela lei mosaica. No entanto, o voto que encontramos no trecho presente, Atos 18:18, provavelmente foi um voto de nazireado um tanto ou quanto modificado, ainda que alguns intérpretes opinem que talvez tivesse pertencido a outro tipo de voto, talvez uma espécie de oferta de ação de graças pelo que Deus realizara por seu intermédio, em *Corinto*, pelo sucesso da obra evangelizadora naquela cidade e pela proteção com que Deus o resguardara em segurança, fora do alcance de todos os seus adversários. Bem poderíamos imaginar que Paulo reiterou sua dedicação a Cristo mediante essa ação, esperando que lhe fossem conferidas outras oportunidades de trabalhar com êxito na causa do Senhor.

Este versículo tem causado muitas dores de cabeça a alguns intérpretes, os quais mostram-se incapazes de entender como o autor de passagens como Rom. 6:14; II Cor. 3:7-14 e Gál. 3:23-28, poderia ter-se rebaixado a um ato tipicamente judaico em sua essência, não passando de um mero rito simbólico, o que serviria de prova de alguma forma de lapso da parte de Paulo. Mas isso é encarar a questão de um ponto de vista do cristianismo do século XX, e não da perspectiva de um cristão do primeiro século de nossa era, que sempre realizara a sua adoração a Deus sob formas tipicamente judaicas. Nem mesmo durante o *concílio de Jerusalém* se tomou qualquer providência de proibir aos judeus de expressarem a sua adoração sob formas judaicas; meramente os crentes gentílicos foram liberados de tais obrigações religiosas, não lhes tendo sido imposta essa carga que pesava sobre os ombros dos judeus. Por sua vez, nada existe de mais evidente, em todo o livro de Atos, do que o fato de que até mesmo os apóstolos de Cristo continuaram observando os ritos judaicos, bem como as cerimônias e os costumes próprios do judaísmo. Não se há de duvidar que a maior parte de todos os primitivos cristãos judeus assim fazia. Aqueles eram os costumes religiosos consagrados pelo tempo, e foi mister passarem-se muitos e muitos anos, até que tais práticas fossem descontinuadas pelos cristãos.

Portanto, não há razão alguma em supormos que Paulo fez qualquer coisa errada neste ponto; antes, fez aquilo em um espírito autêntico de adoração e de consagração, numa atitude de suprema dedicação a Cristo, ainda que seguisse algumas formas externas antigas para expressar esse zelo. (Ver as notas expositivas acerca do *caráter judaico* da primitiva igreja cristã, em Atos 2:46 e 3:1 no NTI).

Alguns estudiosos têm procurado inocentar Paulo de seu suposto «lapso» ou «culpa», afirmando que Áquila, e não Paulo, é quem teria feito o voto. Mas isso não passa de uma tentativa desnecessária de evitar a realidade. Pelo contrário, a verdade é conforme diz Robertson (*in loc.*): «Paulo, sendo um judeu, guardou essa observância da lei cerimonial judaica, embora se recusasse a impô-la aos gentios».

Naturalmente isso não quer dizer que o apóstolo Paulo tenha continuado a observar a grande multidão de observâncias e requisitos cerimoniais do judaísmo de seus dias; pois é óbvio que ele não agia dessa maneira. Mas antes, ocasionalmente, ele fazia algo dessa natureza, visando algum propósito específico.

NAZIREU Ver **Nazireado (Voto do)**

NEÁ

No hebraico, «abalo» ou «instalação». Nome de uma cidade do território de Zebulom, localizada na parte sul da fronteira de Rimom (Jos. 19:13). Ficava perto de Rimom, e talvez possa ser identificada com a moderna localidade de Ninrim, ligeiramente a oeste de Kurn Hattin.

NEÁPOLIS

No grego, «cidade nova». Esse era o nome de um porto de mar próximo da cidade de Filipos, no norte da Grécia. Ficava próxima da fronteira com a antiga Trácia, e atualmente é chamada Nápoles (não confundir com a Nápolis da Itália, cujo nome também vem da mesma raiz, porquanto é uma antiga colônia grega). Paulo desembarcou em Neápolis, em sua primeira viagem missionária em que entrou no continente europeu (ver Atos 16:11). Ficava situada em uma eminência rochosa, cujo objeto mais conspícuo era o templo de Diana, no alto de uma colina. A famosa estrada romana, *Via Inácia*, que ligava a Macedônia à Trácia, passava por essa cidade, que ficava cerca de quinze quilômetros de Filipos, da qual servia de porto. Filipos é a atual Cavala. A arqueologia tem descoberto ali significativas ruínas. Contava com um aqueduto de consideráveis dimensões.

Pouco se sabe acerca da fundação de Neápolis, embora, ao que pareça, fosse antes uma colônia de Tassos. A princípio, fazia parte da Trácia; mas depois veio a tornar-se parte da primeira e da segunda confederações atenienses. Finalmente, ficou fazendo parte da província romana da Macedônia. Seu porto

serviu de refúgio à frota de Bruto e de Cássio, quando da batalha de Filipos, em 42 A.C.

Esse foi o primeiro lugar onde Paulo tocou, ao partir de Trôade e iniciar a sua missão evangelizadora da Europa. E foi de Neápolis que ele partiu para Filipos. É pode ter passado novamente por Neápolis quando tornou a visitar a Macedônia (ver Atos 20:1). E ao retornar a Trôade (ver Atos 20:6), provavelmente embarcou no porto de Neápolis.

NEARIAS

No hebraico, «servo de Yahweh». Nome de duas personagens que figuram nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um filho de Isi, capitão de quinhentos homens armados de Simeão, ao tempo do rei Ezequias (I Crô. 4:42). Ele viveu em torno de 715 A.C.

2. Um filho de Semaías, descendente de Davi (I Crô. 3:22,23). Ele viveu após o cativeiro babilônico. Talvez seja o mesmo Nogá referido em I Crô. 3:7, e o mesmo Nagai, referido em Luc. 3:25, um ancestral de Jesus.

NEBAI

No hebraico, «frutífero». Nome de um homem que assinou o pacto estabelecido por Esdras, quando um remanescente de Judá voltou do cativeiro babilônico (ver Nee. 10:19). Ele viveu em torno de 445 A.C.

NEBAIOTE

No hebraico, «frutificação», «fertilidade». Nome do filho primogênito de Ismael (ver Gên. 25:13 e I Crô. 1:29). Ele foi um príncipe ou xeque, chamado por Jerônimo de *phúlarchos*, de uma das doze tribos ismaelitas. Eles continuaram a ser conhecidos por esse nome, nas gerações que se seguiram (ver Gên. 25:16; 17:20). Uma das esposas de Esaú, Maalate (também chamada Basemate), era irmã de Nebaiote (ver Gên. 28:9; 36:3). Uma curiosidade histórica é o fato de que a terra de Esaú, ou Edom, finalmente caiu sob o controle da posteridade de Nebaiote. Esse clã árabe era vizinho do povo de Quedar. Ambos os nomes aparecem nos registros de Assurbanipal, rei da Assíria (669-626 A.C.). Ao que parece, eles foram os antepassados dos *nabateus* (vide). Todavia, alguns eruditos rejeitam essa teoria sobre bases filológicas.

NEBALATE

No hebraico, «duro», «firme», ou «iniqüidade secreta». Nome de uma cidade do território de Dã, embora ocupada por descendentes de Benjamim, terminado o cativeiro babilônico (ver Nee. 1:34). Dava frente para a planície de Sarom. Tem sido identificada com Beit Nabala, perto de Lida.

NEBATE

No hebraico, «consideração», embora outros pensem em «cultivo» ou «aparência», ou mesmo «olhar». Esse foi o nome de um descendente de Efraim, pai de Jeroboão, o primeiro rei do reino do norte, Israel, formado pelas dez tribos, quando se dividiu o reino unido de Davi e Salomão, nos dias de Reoboão (ver I Reis 11:26; II Crô. 9:29). Ele viveu por volta de 1000 A.C.

NEBO

No hebraico, «alto». Nome de várias localidades e pessoas, que figuram no Antigo Testamento:

1. Monte Nebo, o lugar de onde Moisés avistou a Terra Prometida, pouco antes de morrer (ver Deu. 32:49; 34:1), e também a ravina onde ele foi sepultado (ver Gên. 32:50 e 34:5). Ver o artigo separado intitulado *Monte Nebo*.

2. Nebo também foi o nome de uma cidade de Moabe, localizada perto do monte do mesmo nome. Foi conquistada pelos homens das tribos de Rúben e Gade. Ver Núm. 32:3. No versículo 38 do mesmo capítulo lemos que os homens de Rúbens a reconstruíram. No entanto, não aparece no catálogo das cidades alocadas aos rubenitas, em Jos. 13:15-22, talvez porque então o seu nome foi alterado. Mais tarde, a cidade foi reconquistada por Mesa, rei de Moabe, uma vitória que ficou registrada na famosa *pedra moabita* (vide). O local também é mencionado em Isa. 15:2 e Jer. 48:1,22. Eusébio afirmou que a mesma ficava cerca de treze quilômetros ao sul de Hesbom.

3. Uma cidade de Judá, mencionada juntamente com Betel e Ai (ver Esd. 2:29; Nee. 7:33). Tem sido identificada com a moderna Nuba, a vinte e quatro quilômetros a sudoeste de Jerusalém.

4. Um antepassado de certos judeus que se casaram com mulheres estrangeiras, na época do cativeiro babilônico, mas que foram obrigados a divorciar-se delas quando o remanescente de Judá retornou a Jerusalém, tendo renovado o pacto com Yahweh. Ver Esd. 10:43.

5. Nome de uma divindade babilônica mencionada por Isaías, em seu sarcástico hino sobre a queda de Babilônia (ver Isa. 46:1). Nebo era tido como deus da sabedoria e da arte de escrever, e também era o deus-protetor dos governantes babilônicos. O centro desse culto ficava em Borsipa. Tal como sucede a todas as divindades imaginárias, seu culto foi-se desenvolvendo. No começo parece que era concebido como uma divindade controladora das águas. Na astrologia, era associado ao planeta Mercúrio. Mais tarde, obteve grande preeminência, ao tornar-se o patrono dos reis da Babilônia. O culto a Nebo prosseguiu até o fim do período neobabilônico (612—538 A.C.). Ver o artigo geral intitulado *Deuses Falsos*.

NEBO, MONTE

Ver sobre **Monte Nebo**.

NEBUSAZBÃ

Ver Jer. 39:13. Ele era um dos principais oficiais do exército babilônico. Foi um dos chefes babilônicos que ofereceu proteção e segurança a Jeremias, depois que Nabucodonosor conquistou Jerusalém. Jeremias havia perdido a simpatia do povo de Judá, por causa de sua mortífera e exata descrição do incansável poder babilônico, ao ponto de alguns príncipes de Judá imaginarem que ele estava em ligação com aquela potência estrangeira. Nebusazbã viveu em torno de 600 A.C. Os especialistas dizem que esse nome, no babilônio (acádico) significa «Nebo livra-me», e que a raiz do nome é assíria, *Nabusezib-Anni*.

NEBUZARADÃ

No babilônio (acádico), «Nebo deu prole». Ele foi um oficial militar de Nabucodonosor. — Foi encarregado da destruição de Jerusalém, depois de sua captura. Cumpriu sua incumbência com zelosa precisão, incendiando e destruindo tudo, incluindo o templo. Cerca de um mês mais tarde, dirigiu a

deportação dos judeus para a Babilônia (o cativeiro babilônico), e para ali enviou os principais oficiais judeus, a fim de que fossem executados. Ver II Reis 25:11,18-21; Jer. 39:9; 52:15,24-27,30. Jeremias, entretanto, não somente foi poupado, como também foi tratado bondosamente, sem dúvida porque, durante todo o tempo, avisara acerca do inevitável sucesso da campanha militar dos babilônios, tendo ajudado Judá a não oferecer resistência. Foi por esse motivo que os judeus chegaram a considerá-lo traidor, enquanto que, na verdade, ele amava ternamente ao seu povo. Jeremias foi deixado aos cuidados de Gedalias, que fora nomeado governador ou vice-rei, pelos babilônios (ver Jer. 39:13,14; 41:10; 43:6). Em II Reis 25:8, Nebuzaradã é chamado *rab tabbahim*, um título honorífico dado aos governantes, mas cujo sentido perdeu-se para nós. Ver também Gên. 37:36 e Dan. 2:14.

Quando da primeira deportação de Judá, os amonitas e moabitas da área oriental do rio Jordão haviam escapado. Posteriormente, porém, esses lugares também foram destruídos; e, em seguida, Nabucodonosor invadiu o Egito. Ou buscando aos judeus no Egito, ou encontrado-os em algum outro lugar, Nabucodonosor deportou para a Babilônia outro grupo de setecentos e quarenta e cinco judeus. E, ao que parece, Nebuzaradã foi seu fiel assessor o tempo todo. Ver Jer. 52:30.

NECESSIDADE

Essa palavra portuguesa vem do latin **ne**, «não», e **cedere**, «ceder», ou seja, algo que não cede, que não cessa de existir, algo que não cede diante das mudanças, ao ponto de ser reduzido a nada ou perder os seus poderes. Aquilo que é necessário não pode sair da existência, mas antes, reveste-se da qualidade de ser inevitável. Esse adjetivo é aplicado a Deus, às coisas e até às proposições verbais.

Idéias de Filósofos e Teólogos a Respeito:

1. Nas proposições verbais, essas são tidas como necessárias quando, de acordo com as regras da lógica, elas não podem ser negadas.

2. Nos escritos de Aristóteles, o que é contingente é aquilo que pode ser diferente do que é, ao passo que o não-contingente é necessário. Porém, o contrário de uma contingência é outra contingência; e o contrário do que é necessário é o impossível.

3. Nos escritos de Leibnitz, o necessário absoluto, quando negado, leva a uma contradição. Porém, a contradição de uma necessidade hipotética não dá no mesmo resultado. Uma necessidade absoluta origina-se de verdades da razão, sendo analítica, conforme o são as proposições matemáticas.

4. Os juízos analíticos de Emanuel Kant envolvem a necessidade, tal como o fazem os juízos sintéticos *a priori*. Esses últimos são, ao mesmo tempo, necessários e não-triviais.

5. Os filósofos atomistas atribuíam a necessidade aos movimentos dos átomos, uma vez que estes tenham adquirido o seu impulso inicial. No começo, esse impulso seria adquirido por movimentos ao acaso.

6. Os estóicos formulavam um sistema de necessidade metafísica. Todas as coisas, na opinião deles, sucederiam mediante leis fixas pelo Logos, em consonância com a razão suprema. Ver o artigo sobre o *Determinismo*.

7. No panteísmo de Spinoza, todas as coisas sucederiam por determinação de Deus. Dentro do *Problema Corpo-Mente* (vide), ele supunha que o princípio divino programa toda interação entre a mente e o corpo. Ver o artigo intitulado *Paralelismo*.

8. Para David Hume, a necessidade, na verdade, é uma espécie de expectação comum que todos temos a respeito das coisas, e que nos leva a pressupor que resultados similares sempre resultarão de circunstâncias similares.

9. Holbach encarava o mundo como algo constituído por partículas que são governadas por uma absoluta necessidade.

10. Laplace acreditava em um total determinismo, que poderia ser expresso através de uma única fórmula, contanto que houvesse a inteligência disponível para fazer tal formulação.

11. No tocante ao Ser divino, ou a algo parecido com esse conceito, Aristóteles postulava o ser necessário que seria composto de pura forma real, fazendo contraste com todos os seres ordinários, que são naturalmente contingentes, visto serem compostos de matéria e potência (capacidade de mutação), o que é capaz de reduzi-los a nada.

12. Avicena pensava que tanto Deus quanto a criação são necessários. Deus é necessário em seu próprio Ser; e o mundo seria necessário por haver sido determinado por causas externas e divinas.

13. Tomás de Aquino aceitava a idéia aristotélica do ser necessário, aplicando-a ao Deus concebido em termos cristãos. Porém, a sua maneira de chegar a essa noção, de forma lógica, consistia em supor que a necessidade de Deus reside no fato de que, Nele, essência e existência são idênticas. E todos os seres contingentes seriam continuamente preservados pelo poder de Deus.

14. Uma idéia de Leibnitz é que o melhor de todos os mundos possíveis foi trazido à existência, com base em decretos feitos por um Deus todo-sábio e todo-poderoso.

15. O *argumento ontológico* (vide) supõe que Deus, na qualidade de Ser necessário, pode ser inferido por nós a partir da proposição de suas perfeições. Se Deus é perfeito, então deve existir, necessariamente, pois, sem isso, dificilmente ele poderia ser considerado perfeito.

16. O conceito cristão de Deus, estribado sobre as idéias judaicas, declara que Deus é um Ser necessário, por ser ele o criador. Ver os artigos *Ser Necessário* e *Ser Independente*. Todas as coisas foram criadas por ele, e são dependentes dele.

17. Dentro da doutrina cristã da eternidade da alma, o Ser necessário de Deus é concebido como infuso nas almas humanas remidas, de tal modo que elas deixam de ser meramente perenes para serem eternas, dotadas da fonte da vida em si mesmas, tal como Deus é assim dotado. Nisso consiste a autêntica imortalidade, que nos é dada por meio da participação na natureza divina (ver I Ped. 1:4), da participação na imagem do Filho de Deus (ver Rom. 8:29), e mediante o poder transformador do Espírito Santo (ver II Cor. 3:18).

NECESSIDADE UNIVERSAL DE CRISTO

Rom. 3:23: *Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus*;

Todos os Homens Necessitam Igualmente de Cristo

1. Os gentios haviam falhado miseravelmente. Eles tinham suas religiões e havia caracteres nobres entre eles. Porém, Deus não se deixava impressionar por qualquer bem que neles porventura houvesse. Desse ponto de vista, mereciam apenas o juízo condenatório (primeiro capítulo de Romanos).

2. Os judeus, que se julgavam tão bons que nada mereciam senão o louvor de Deus, realmente eram passíveis da mais severa condenação, e isso por duas razões: a. A despeito das vantagens que tinham, praticavam os mesmos vícios que os gentios, embora, sem dúvida, de forma menos radical, com menor freqüência, e não com tanto empenho. A lei, pelo menos, fazia-os diminuir um pouco o ritmo. b. Admitindo-se que eram «melhores», continua sendo verdade que a idéia inteira de se obter a vida através da observância da lei era um ludíbrio (ver Rom. 7:11). Portanto, a despeito de quaisquer vantagens que tivessem, ficavam aquém das exigências de Deus e recebiam maior condenação, por terem maior luz e oportunidade.

3. Paulo demonstra a absoluta *necessidade* da missão de Cristo, em parceria com a não menor necessidade da reação humana favorável à mesma.

4. Notemos o aoristo: «pecaram». Isso indica um fato consumado. Nenhum debate poderia alterar o fato e seu resultado.

5. O que significa esse *aoristo*, além disso? Alguns opinam que «todos os homens pecaram em Adão», não estando em mira os pecados individuais, mas antes, a participação na transgressão de Adão. Isso é verdade apenas em parte; pois os pecados individuais dos homens também os condenam, embora se admita, resultarem da participação naquela primeira transgressão. O princípio bíblico é que os homens são julgados de acordo com as suas obras (ver Rom. 2:6). Os atos, positivos e negativos, entram na natureza do julgamento de cada um. Ver Rom. 5:12 no NTI a respeito do problema, onde se apresentam mais detalhes.

Carecem da, são palavras que podem ser traduzidas, mais exatamente ainda, por *ficam aquém da*, isto é, não conseguem atingir a alvo colimado. São encontrados em falta nessa busca. Desistiram da corrida. Devemos também dar atenção ao tempo presente do verbo carecer, o que, no original grego, dá a idéia de «continuam ficando aquém». E isso quer dizer que embora pensem os homens que continuam se esforçando apropriadamente para avançarem em direção a Deus, na verdade, como corredores, já estão desqualificados da corrida, embora ainda não saibam que o foram. No fato de que «pecaram», desqualificaram-se a si mesmos, e mediante a prática contínua do pecado, continuam ficando aquém da glória de Deus, de sua aprovação.

«Quão triste e horrenda, portanto, é a condição do homem! Suponhamos que eu me dirigisse a uma audiência da cidade de Nova Iorque, e dissesse: 'Vamos descer para o bairro de Bateria (à beira-mar), saltando dali até Londres'. Alguns jovens vigorosos saltariam uma distância de mais de três metros, mas isso ainda estaria '*aquém*', muito aquém de Londres. Algumas idosas matronas talvez não saltassem nem um metro. Mas, não importa, pois o fato é que todos teriam ficado muito aquém da costa inglesa. E o pior é que aquele que saltar mais longe se encontrará em águas mais fundas! Paulo, o principal dos pecadores, saltou a distância mais longa na corrida da justiça própria, somente para exclamar: 'Desventurado homem que sou!' (Rom. 7:24), tendo tido de descobrir que era mister depositar a sua confiança exclusivamente em Cristo!» (Newell, *in loc.*).

O homem foi criado a fim de trazer a imagem da glória de Deus, para ser uma criatura moralmente perfeita, não somente no sentido de não dedicar-se ao mal, mas também no sentido de participar da natureza moral positiva de Deus, isto é, possuidora do amor, da bondade, da justiça, da benignidade e do perfeito altruísmo do criador. Por causa dos efeitos maculadores do pecado, porém, o homem vive continuamente «ficando aquém» dessa glória.

E assim se cumpre sempre aquela afirmação filosófica que diz:

Semeai um pensamento e colhei um ato,
Semeai um ato e colhei um hábito,
Semeai um hábito e colhei um caráter,
Semeai um caráter, e colhei um destino.
(Professor Huston Smith)

É verdade que os homens geralmente se ufanam de serem menos maus do que outros, e é sempre essa ilusão dos homens que fica sujeita ao juízo divino. Pelo contrário, o padrão do juízo é a santidade absoluta, e não a mera comparação entre indivíduo e indivíduo. E sem essa santidade absoluta ninguém permanecerá na presença de Deus.

Por mau homem não me tenho.
Grandes males nunca os fiz.
Todavia não convenho
No que este ditado diz:

Há companheiro algum
Pior e mais inimigo
Do que é cada um
Quando conversa consigo?
(Augusto Gil, Porto, Portugal, 1878-1929)

NECESSITARIANISMO

Essa é a idéia que diz que todas as coisas sucedem por imposição da necessidade. Ver o artigo *Determinismo*.

NECO (FARAÓ)

Lê-se em II Reis 23:29,33-35 a respeito do **Faraó Neco**. Em outras passagens, como II Crô. 35:20,22 e 36:4, menciona-se apenas um certo *Neco*. Ele foi o segundo rei da XXVI dinastia, chamada *Saíta*. Reinou de 610 a 595 A.C. Era filho e sucessor de Psamético I, que foi o fundador dessa dinastia.

1. *Campanhas Militares Bem-Sucedidas*. As guerras eram uma das principais atividades dos reis da antiguidade, pelo que, inevitavelmente, para que alguém conte a história deles, terá de abordar as questões de a quem derrotaram e por quem foram derrotados. Neco não foi exceção à regra. Uma vez que recebeu o trono de seu pai, Neco tentou controlar a região da Síria-Palestina. Em 609 A.C., pois, ele conquistou Gaza e Asquelom (ver Jer. 47:1,5; Heródoto II.159). Então procurou ajudar o cambaleante império assírio, que estava sucumbindo diante dos babilônios (ver II Reis 23:29; II Crô. 35:20). Os medos e babilônios, aliados, já haviam capturado a capital assíria, Nínive, em 612 A.C. Josias, rei de Judá, resolveu imiscuir-se na questão, julgando que a independência de Judá corria perigo, apesar da garantia dada por Neco de que o seu alvo eram os babilônios, e não Judá (ver II Crô. 35:21). Josias procurava impedir que Neco atravessasse o passo de Megido, mas foi derrotado e mortalmente ferido (ver II Reis 23:29; II Crô. 35:22-24). Neco obteve o triunfo em sua campanha, tendo podido controlar a Síria, até às margens do rio Eufrates. Entrementes, Judá coroava precipitadamente a Jeoacaz, filho de Josias, que era conhecido por sua postura antiegípcia. Por essa razão, — Neco o depôs e o aprisionou, no Egito, onde ficou pelo resto de seus dias (ver II Reis 23:30,33,34; II Crô. 36:1,3,4). Eliaquim foi posto no trono de Judá, quando então seu nome foi mudado para Joaquim, a fim de mostrar que ele governava como títere dos egípcios. Além disso, os judaítas

tiveram de pagar um pesado tributo ao Egito (ver II Reis 23:33,35; II Crô. 36:3).

2. *Derrotas*. Agora o Egito controlava a região da Síria-Palestina. O império assírio havia desaparecido. Porém, a Babilônia mostrava-se incansável. Por ocasião da batalha de Carquêmis, em maio/junho de 605 A.C., Nabucodonosor derrotou aos egípcios, tendo perseguido aos vencidos por toda a Síria, enquanto estes retrocediam para o Egito. Foi desse modo que Judá caiu sob o poder dos babilônios, os quais dessa maneira, substituíram aos egípcios como o poder controlador da Palestina. A batalha de Carquêmis foi a razão do oráculo poético de Jeremias, no qual ele predizia a derrota dos egípcios (ver Jer. 46:3-12). Joaquim precisou transferir o pagamento de seu tributo de Neco para Nabucodonosor (ver II Reis 24:1). O profeta Jeremias havia advertido acerca dos juízos divinos que sobreviriam ao Egito (ver II Reis 23:29; Jer. 46:2), e havia chamado Neco pelo curioso apelido de «Espalhafatoso», ou, mais literalmente ainda, «Barulhento-que-deixa-escapar-a-oportunidade» (ver Jer. 46:17).

Entretanto, o Egito ainda não estava esmagado, pelo que, quando as tropas de Nabucodonosor invadiram o Egito, os egípcios, lutando para escapar com vida, conseguiram obter uma vitória temporária, e os babilônios retiraram-se por algum tempo. Joaquim sentiu-se encorajado, diante disso, a revoltar-se contra os babilônios (ver II Reis 24:1), pedindo a ajuda dos egípcios. Mas não veio qualquer ajuda daquela direção, e o cativeiro babilônico não tardou a *pôr fim* à nação de Judá.

3. *Realizações Pacíficas*. Neco não fez apenas guerras. Heródoto narra algumas de suas obras. Ele construiu um canal que ia do rio Nilo ao mar Vermelho (II.158), mas que não chegou a ser completado. Quem completou a obra foi Dario, o persa. Neco também enviou uma frota de navios mercantes, tripulada por fenícios, que deu a volta em torno da África (IV.42). Neco conseguiu para o Egito considerável prosperidade material e um senso de harmonia interna.

NECODA

No hebraico, «distinguido», ou «sarapintado», embora haja quem pense no sentido «criador de gado». Seja como for, esse foi o nome de um indivíduo e de um clã, que aparecem nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um netinim ou servo do templo, cujos descendentes retornaram a Jerusalém, terminado o cativeiro babilônico, em cerca de 536 A.C. Ver Esd. 2:48; Nee. 7:50.

2. Os descendentes de Necoda encontravam-se entre aqueles que, após o exílio babilônico, ao subirem a Jerusalém, não puderam provar que eram descendentes de Israel (ver Esd. 2:60; Nee. 7:32; I Esdras 5:37).

NECROLÓGIO

No grego, temos, literalmente, «estudo dos mortos». Essa palavra refere-se a uma lista de falecidos, empregada com o propósito de serem oferecidas preces em favor deles, no *Dia de Todos os Santos* (vide), ou em alguma oportunidade semelhante.

NECROMANCIA

Essa palavra vem do grego, *nákros*, «morto», e *mantéia*, «adivinhação». A expressão hebraica correspondente é *doresh 'el-hammethim*, «aquele que indaga dos mortos». A necromancia consiste na comunicação com os mortos, com o propósito de adivinhar, de obter ajuda, de prever o futuro, de obter conselhos, etc. Ver o artigo geral intitulado *Adivinhação* I.4.

NECROMANTES

Ver sobre *Adivinhação*.

NEDABIAS

No hebraico, «dom de Yah (Yahweh)». Esse foi o nome de um dos filhos de Jeconias (Jeoaquim) (I Crô. 3:18). Ele viveu por volta de 590 A.C. Outros interpretam ligeiramente diferente o sentido de seu nome, «Yah é liberal».

NEELAMITA

No hebraico, «residente em Neelã», um adjetivo aplicado a Semaías, um profeta falso que fez oposição a Jeremias, e recebeu a reprimenda que merecia (ver Jer. 29:24,31,32). Algumas traduções, em vez desse adjetivo, dizem «de Neelã», embora nenhuma localidade com esse nome tenha sido identificada até hoje. Por essa razão, há estudiosos que pensam estar envolvido um nome de família ou clã, e não o nome de alguma localidade específica. Ou então, esse nome poderia apontar para alguma característica desse homem. Parece que essa palavra, no hebraico, deriva-se de uma raiz que significa «sonhador», e isso poderia estar relacionado ao fato de que o homem se dizia profeta, sem sê-lo. Talvez o próprio Jeremias tenha apodado assim aquele homem, formando um jogo de palavras, chamando-o de «sonhador», a fim de fazer contraste com a idéia de um autêntico profeta.

Há um Targum que inclui o nome de Helã, localizada entre os rios Jordão e Eufrates, localidade essa mencionada na Bíblia em II Sam. 10:16,17. Por sua vez, alguns eruditos identificam esse local com a *Alamata* de Ptolomeu, a oeste do rio Eufrates, não muito longe de Nicefórium e Tapsaco. Isso é o máximo que podemos dizer a respeito, mas não há como determinar se o nome poderia ter essas variações, o que significa que a referência permanece obscura.

NEEMIAS (AUTOR DO LIVRO)

Ver *Neemias* (*Livro*), primeira seção.

NEEMIAS (LIVRO)

Esboço:

I. Neemias, o Autor
II. Data e Autoria
III. Pano de Fundo Histórico
IV. Propósito do Livro
V. Problemas Especiais do Livro
VI. Esboço do Conteúdo

1. Neemias, o Autor

Tudo quanto sabemos acerca de Neemias, cujo nome, em hebraico, significa «Yahweh consola», pode ser derivado do livro que tem o seu nome, bem como de algumas tradições que circundam a sua carreira. Não é dada a sua genealogia, mas é dito que ele era filho de Hacalias (Nee. 1:1), e também que tinha um irmão de nome Hanani (Nee. 7:2). Também ficamos sabendo que, durante o cativeiro babilônico, ele

ocupava a honrosa incumbência de ser o copeiro do rei Artaxerxes Longimano, em Susã (ver Nee. 2:1). Isso ocorria por volta de 446 A.C. Tendo ouvido falar sobre as deploráveis condições de vida que prevaleciam na Judéia, ele foi a Jerusalém procurar melhorar tais condições. Para tanto, ele tivera de apresentar uma petição ao monarca, a fim de que lhe fosse dada permissão de ir a Jerusalém para reconstruí-la. Esse pedido lhe foi concedido e do rei recebeu o título persa de **tirshatha**, «governador», que era sua carta branca para agir. E Neemias foi enviado com uma escolta de cavalaria e munido de cartas, da parte do rei, endereçadas a diversos sátrapas das províncias pelas quais ele teria de passar. Uma dessas missivas era para Asafe, que cuidava das florestas do rei, e que recebeu ordens para suprir a madeira necessária para Neemias, em sua tarefa de reconstrução. E Neemias prometeu ao rei que voltaria, terminada a sua tarefa (ver Nee. 2:1-10).

Chegando em Jerusalém, Neemias realizou a notável tarefa de restaurar as muralhas de Jerusalém no breve espaço de cinqüenta e dois dias (Nee. 6:15). Naturalmente, Neemias encontrou quem lhe fizesse oposição, aqueles que não queriam que Judá se reerguesse. Os principais adversários foram Sambalate e Tobias. Esses dois chegaram a planejar apelar para a violência, se necessário fosse, para impedir a reconstrução, e assim os que reconstruíam a cidade tiveram de fazê-lo armados, a fim de afastar a ameaça (ver Nee. 4).

Além das reedificações feitas, Neemias tomou medidas que visavam à reforma, tendo introduzido a lei e a boa ordem, e restaurando a adoração a Yahweh, em consonância com as antigas tradições judaicas (ver Nee. 7 e 8). Mas seus adversários, ao insinuarem que Neemias queria tornar-se um monarca independente em Judá, conseguiram fazer cessar temporariamente o trabalho de reconstrução e de reformas (ver Esd. 4:2). Todavia, contornada essa dificuldade, o trabalho teve prosseguimento, contando com a cooperação de Esdras, o sacerdote, que havia chegado antes dele em Jerusalém, e que se tornara uma importante figura política e religiosa em Jerusalém (ver Nee. 8:1,9,13 e 12:36).

Após doze anos de trabalho profícuo em Jerusalém, Neemias retornou à corte de Artaxerxes (Nee. 5:14; 13:6), em cerca de 434 A.C. Não nos é informado por quanto tempo ele permaneceu ali; mas, após algum tempo, ele voltou a Jerusalém. Isso posto, podemos apresentar a seguinte cronologia:

Neemias foi nomeado governador em 445 A.C. (Nee. 2:1). Voltou à corte de Artaxerxes em 433 A.C. (Nee. 5:14). Então voltou a Jerusalém, «ao cabo de certo tempo» (Nee. 13:6). Seu retorno a Jerusalém foi assinalado por novas reformas, incluindo a questão da rejeição às mulheres estrangeiras com quem os judeus se tinham casado, durante o tempo do cativeiro babilônico. Além disso, o amonita Tobias foi expulso do templo, onde estava residindo, foi restaurada a observância do sábado, e, de modo geral, as coisas foram postas em ordem (ver Nee. 13).

É provável que Neemias tenha permanecido em Jerusalém até cerca de 405 A.C., que teria sido o fim do reinado de Dario Noto (Nee. 12:22). Contudo, não temos qualquer informação certa sobre o tempo e a maneira da morte de Neemias.

O Livro de Neemias, de acordo com os estudiosos conservadores, foi escrito pessoalmente por ele, embora muitos eruditos suponham que suas tradições foram incorporadas no livro, por algum autor posterior. O trecho de Nee. 1:1 afirma que o livro é de autoria de Neemias; mas isso poderia significar que os pontos essenciais de sua história foram ali incorporados. O que é seguro é que a autobiografia de Neemias foi a fonte informativa principal do livro, mesmo que ele não o tenha composto pessoalmente. Alguns dentre os especialistas que pensam que o autor que compilou a obra viveu após o tempo de Neemias, crêem que o autor do livro também escreveu I e II Crônicas e Esdras, e que viveu ou no século IV ou no século III A.C. Seja como for, a autobiografia de Neemias acha-se principalmente nos seguintes trechos: Nee. 1—7; 12:27-43; 13:4-31. E, se essa teoria de uma outra autoria está com a razão, então outras porções do livro foram compiladas com base em outras fontes informativas.

Na Bíblia hebraica, os livros de Neemias e Esdras compõem um único volume. E o livro de Esdras também não envolve reivindicação de autoria. É provável que um único autor-editor tenha escrito a unidade inteira, e que, na porção que alude a Neemias, aquele autor-editor tenha vinculado esse nome, porque, na realidade, estava ali incorporando a autobiografia de Neemias. No entanto, apesar de Esdras ter sido a personagem principal daquilo que, atualmente, é chamado de livro de *Esdras*, este não deixou a sua autobiografia, pelo que o seu nome não aparece vinculado à unidade. Mas, de fato, Esdras e Neemias compõem um único livro, que foi preparado como suplemento de I e II Crônicas. E assim, a idéia de um autor-editor haver trabalhado com essa coletânea, como um todo, não é destituída de razão. Na Septuaginta, os livros de Esdras-Neemias ainda aparecem unidos; mas, nas modernas Bíblias hebraicas os dois livros são separados, a partir da edição chamada de Bomberg, de 1525 D.C. Essa edição seguiu o arranjo alemão, onde os dois livros apareciam separados. Eusébio de Cesaréia tinha conhecimento de apenas um livro, «Esdras-Neemias», que era chamado de *livro de Esdras*, que, sem dúvida, incluía aquela porção que hoje foi separada como o livro de Neemias. No entanto, nos dias de Orígenes, pelo menos em algumas coletâneas dos livros sagrados, esses dois livros apareciam distintos um do outro. A unidade Esdras-Neemias pertence à terceira divisão da Bíblia hebraica, a divisão chamada *Escritos* ou *Hagiógrafos* (vide).

II. Data e Autoria

Se aceitarmos a idéia de que Neemias escreveu, pessoalmente, o livro inteiro de Neemias, ou, pelo menos, a porção essencial do mesmo, então teremos de pensar em uma data posterior a 433 A.C. Mas, se algum autor-editor (cronista) esteve envolvido, então essa data poderia ser esticada até cerca de cem anos depois disso. Alguns eruditos do hebraico afirmam que o tipo de hebraico envolvido na obra é posterior, pertencendo a talvez cem anos após a época de Neemias, período durante o qual houve algumas significativas mudanças de linguagem. Um dos argumentos em favor de uma data posterior é a suposta confusão que teria ocorrido com a incorporação de material do livro de Esdras, na parte da unidade que veio a ser conhecida, mais tarde, como livro de Neemias. A ordem dos eventos parece ter sido perturbada nesse material. Fica pressuposto que uma pessoa que tivesse vivido mais perto dos acontecimentos, que tivesse tido a vantagem de poder consultar testemunhas oculares, não teria feito tais deslocamentos de material. Ver a quinta seção, *Problemas Especiais do Livro*, quanto a uma discussão a respeito.

A despeito do problema de autoria (ou de editoração), o livro de Neemias sempre desfrutou do caráter de canonicidade, entre os judeus palestinos e

alexandrinos. Alguns críticos têm pensado que, pelo menos quanto a certas porções da narrativa, o editor dependeu de informes fictícios, os quais passaram a ser reputados autênticos. E quanto ao material canônico, ele teria dependido de I e II Crônicas, embora também haja quem diga que ele deixou correr solta a imaginação. Todas as investigações nesse campo deixam a questão no ar, visto que os argumentos que têm sido apresentados, contra e a favor, não são conclusivos. A grande verdade é que a unidade literária de Esdras-Neemias é praticamente a única fonte informativa autorizada de que dispomos quanto àquele período histórico que envolve a restauração de Judá à cidade de Jerusalém. Isso posto, é impossível a averiguação da exatidão histórica dessa narrativa, exceto por meio da arqueologia, que ainda não apresentou coisa alguma obviamente contrária a ela. E, apesar de talvez ser verdade que certas porções desse material pareçam estar deslocadas do lugar certo, isso não milita contra a exatidão geral do relato bíblico. Sabemos que os hebreus sempre foram historiadores cuidadosos; e, apesar do adjetivo «cuidadoso» não ser idêntico a «perfeito», isso não envolve qualquer inexatidão essencial. Outrossim, o período histórico ali coberto reveste-se de importância especial. Aquela foi a ressurreição histórica da nação hebréia, em sua cultura e em sua fé. É difícil acreditar que qualquer judeu piedoso tivesse manuseado desonestamente essa ressurreição histórica, e que outros judeus, da Palestina ou de outro lugar qualquer, tivessem aceito sem protestar as supostas distorções históricas.

III. Pano de Fundo Histórico

Quanto a isso, ver os três seguintes artigos: *Cativeiro Babilônico; Esdras* (*Livro*), I. *Pano de Fundo Histórico*, e a primeira seção do presente artigo, que trata especialmente sobre Neemias, no tocante a essas questões.

IV. Propósito do Livro

A teologia ensina-nos que Deus está interessado no destino dos indivíduos e das nações. Os cativeiros assírio e babilônico, como é óbvio, tiveram razões meramente humanas, com base na ganância e na violência dos homens, ou na desumanidade dos homens contra os homens. Porém, ambos esses cativeiros também foram castigos bem merecidos que receberam as nações de Israel (do norte) e de Judá (do sul), em face de seus pecados e apostasias, «que formavam multidão». Os juízos divinos sempre são também remediais e restauradores, e não meramente vindicativos. O propósito de Deus, pois, operou através de nações como a Assíria, a Babilônia e a Pérsia. Mas também operou por meio dos restauradores da nação de Israel, como Esdras, Neemias, Zorobabel, Josué, Ageu e Zacarias, sem falarmos em outros profetas, que haviam advertido e instruído as nações de Israel e de Judá em tempos críticos, como Jeremias, Isaías e os profetas menores, como uma classe. Ora, a unidade literária Esdras-Neemias faz parte desse quadro maior, relatando-nos os anos críticos durante os quais Judá teve um novo início histórico em Jerusalém, tendo sido assim preservados a identidade e o destino do povo hebreu. As catástrofes posteriores, como as dos tempos dos Macabeus, da dominação romana e da grande dispersão mundial, não foram capazes de anular os propósitos de Deus. As profecias bíblicas falam acerca de significativos eventos futuros que porão Israel à testa das nações da terra. Neemias faz parte da caudal do grandioso propósito divino, que tem prosseguimento, apesar dos obstáculos que, ocasionalmente, parecem diminuir o ímpeto ou mesmo desviar a direção do seu fluxo.

V. Problemas Especiais do Livro

1. *Autoria*. Essa questão já foi discutida, na segunda seção, acima.

2. *A Presença de Esdras no Livro. Problemas Cronológicos*. Esdras chegou em Jerusalém no sétimo ano do governo de Artaxerxes II (ver Esd. 7:7), e Neemias ali chegou no vigésimo ano do governo do mesmo rei (ver Nee. 2:1), isto é, em cerca de 445 A.C. Portanto, tanto Esdras quanto Neemias estiveram envolvidos nos acontecimentos do período. O problema que envolve Esdras, — no livro de Neemias —, é o da ordem dos acontecimentos, que as inserções daquele material parecem criar. O ponto nevrálgico do argumento dos críticos é que Esdras deve ter chegado em Jerusalém *após* Neemias, e não antes, ou seja, no vigésimo sétimo ano de Artaxerxes, e não no seu sétimo ano, ou seja, 428 A.C., e não 408 A.C. Três passagens bíblicas estão envolvidas nessa questão:

a. Esdras 10:1. Temos ali a afirmação de que houve grande ajuntamento em Jerusalém; mas, na época de Neemias (7:4), presumivelmente a cidade estava esparsamente habitada. Contra isso, afirma-se que a multidão que se reuniu a Esdras proveio de fora da cidade, de outras partes do território de Judá, pelo que a própria cidade de Jerusalém teria poucos habitantes, ao passo que no território de Judá, em geral, já haveria bastante gente.

b. Esdras 9:9. Esse trecho apresenta-nos Esdras a agradecer pelos muros reconstruídos de Jerusalém. No entanto, esses muros só teriam sido reerguidos mais tarde, nos dias de Neemias. Em resposta a essa crítica, alguns aceitam a palavra «muro» de forma metafórica, traduzindo-a por «segurança», removendo assim a dificuldade. Nossa versão portuguesa encontra um ponto de compromisso, traduzindo por «muro de segurança». No entanto, a verdade é que Esd. 4:12 é trecho que mostra que a reconstrução das *muralhas* de Jerusalém havia começado antes mesmo da chegada de Neemias, pelo que uma interpretação metafórica da palavra «muro» torna-se desnecessária.

c. Esdras 10:6. Esse versículo menciona Joanã como contemporâneo de Esdras, chamando-o de «filho de Eliasibe». Mas, Eliasibe foi sumo sacerdote nos dias de Neemias (ver Nee. 3:1). Contudo, o trecho de Nee. 12:10,11 faz de Eliasibe avô de Jônatas, e os papiros de Elefantina mostram que esse neto de Eliasibe foi sumo sacerdote em 408 A.C. Para que Esdras tivesse conhecido esse homem como sumo sacerdote, ele teria de ter chegado em Jerusalém em data bem posterior. Em resposta a isso, tem sido mostrado que Joanã não foi a mesma pessoa que Jônatas, apesar da semelhança de nomes, sem falar no fato de que Eliasibe pode ter tido um filho que nunca se tornou sumo sacerdote, embora tivesse tido um neto que chegou a sê-lo, e que nomes comuns podem ter estado em jogo. Um reforço a esse argumento é que esse sumo sacerdote, Jônatas, foi culpado de ter assassinado a seu próprio irmão, no templo de Jerusalém (ver Josefo, *Anti.* 11:7,1), não sendo provável que Esdras tivesse querido associar-se a um homem assassino.

3. *O Problema dos Casamentos Mistos*. Tanto Esdras quanto Neemias (em diferentes períodos de tempo) tentaram solucionar o problema dos casamentos mistos, forçando os judeus a se divorciarem de suas mulheres estrangeiras, com quem eles se tinham casado durante o cativeiro babilônico? Isso significaria que houve duas reformas, e não uma só. Ou, de fato, a questão só sucedeu uma vez, mas foi

mencionada por duas vezes, uma em relação a Esdras e outra em relação a Neemias? Ver Esd. 9:1,2 e 10:2 em comparação com Nee. 13:23 *ss*. Quanto a esse terceiro problema, não há como solucioná-lo, a menos que se diga que tanto Esdras quanto Neemias tiveram de enfrentar o problema, que não ficou resolvido na tentativa feita por Esdras. Ou então, temos de confessar que houve deslocamento de material, por parte de um editor. Porém, mesmo em face dessa última possibilidade, o problema não é de natureza gravemente insuperável, não sendo atingido a exatidão histórica geral.

4. *Quando foi Lida a Lei Diante do Povo?* Esdras tinha a incumbência de ensinar a lei ao povo (ver Esd. 7:14,25,26), o que requeria que a mesma fosse lida aos ouvidos do povo. No entanto, o oitavo capítulo do livro de Neemias mostra que essa leitura foi feita treze anos depois da presumível leitura feita por Esdras. É significativo que o livro não-canônico de I Esdras vincula esse relato à leitura da lei, diante do povo, no fim do livro de Esdras, ou seja, faz retroceder o acontecimento a um tempo anterior. Os críticos, pois, acreditam que essa é a verdadeira ordem cronológica do relato, e que o oitavo capítulo do livro de Neemias constitui um deslocamento de material, que faz a leitura da lei ter sido feita mais de um decênio mais tarde. Apesar disso, há eruditos que pensam que o livro de Neemias é que está certo. Na verdade, não há como solucionar esse quarto problema, porque todas as soluções propostas são influenciadas por preferências subjetivas. E nem a questão se reveste de maior significação, a não ser para aqueles que dão valor a questões assim, tendo em vista satisfazer seu gosto pela controvérsia.

VI. Esboço do Conteúdo

1. Notícias de adversas condições em Jerusalém impelem Neemias a voltar a Jerusalém, para prestar ajuda (1:1-11).

2. A permissão para tanto lhe é dada pelo rei; isso incluiu o direito de reconstruir a cidade de Jerusalém (2:1-12).

3. Lista dos construtores e de suas áreas de trabalho (3:1-32).

4. Adversários tentam fazer parar a obra, mediante o ridículo e a violência (4:1-23).

5. Problemas entre ricos e pobres, que ameaçavam a estabilidade dos restaurados (4:1-23).

6. Neemias é acusado de querer tornar-se rei, em mais uma tentativa de fazer cessar o trabalho de reconstrução (6:1-14).

7. As muralhas da cidade são terminadas em cinqüenta e dois dias (6:15—7:4).

8. Registro dos exilados que retornaram (7:5-73).

9. A lei de Moisés é lida diante do povo (8:1-18).

10. Arrependimento nacional e estabelecimento de um novo pacto (9:1—10:39).

11. Registro dos habitantes de Jerusalém e das circunvizinhanças (11:1-36).

12. São relacionados os sacerdotes e os levitas, incorporando o tempo desde o retorno da Babilônia a Jerusalém até o fim do império persa (12:1-26).

13. Dedicação das muralhas de Jerusalém e regras acerca da adoração pública (12:27—13:3).

14. Outras reformas, incluindo a questão dos casamentos mistos (13:4-31).

Bibliografia. Ver a Bibliografia sobre *Esdras*.

NEFEGUE

No hebraico, «rebento». Esse foi o nome de duas personagens do Antigo Testamento:

1. Um filho de Izar, filho de Coate (Êxo. 6:21). Ele viveu em torno de 1491 A.C.

2. O nono dos filhos de Davi, que nasceu em Jerusalém, em cerca de 1000 A.C. (II Sam. 5:15; I Crô. 3:7; 14:6).

NÉFES

No hebraico, «sombra», «alma». Trata-se do princípio espiritual no ser humano. Esse princípio espiritual era distinguido dos espíritos angelicais, bons ou maus, dos demônios, e até mesmo de Yahweh, como um espírito. Esses outros espíritos eram considerados imortais, mas não seriam a mesma coisa que uma *néfes*, que é capaz de experimentar a morte. A julgar pelos trechos bíblicos que dizem respeito à questão, a *néfes* indica a vitalidade que anima o corpo físico, enquanto há vida biológica. Todavia, por ocasião da morte física, a *néfes* não deixa de existir, conforme alguns têm ensinado erroneamente. Prova disso é o trecho de Gên. 35:18, que diz: «Ao sair-lhe a alma (porque morreu)...», e onde temos a palavra hebraica, *nephesh*. Se a alma deixasse de existir por ocasião da morte, então como a alma de Raquel saiu de seu corpo, quando ela morreu?

Após o século VI A.C., o pensamento hebreu incluiu a idéia ou conceito de *ruah*, «espírito», que foi confundido, até certo ponto, com o de *néfes*. Isso porque a terminologia dos hebreus a respeito da porção espiritual do homem não era precisa. Não nos podemos olvidar que até à época dos Salmos e dos profetas não havia clara doutrina da imortalidade da alma, pelo que não é bem no Antigo Testamento que essa doutrina pode ser aprendida com clareza, e, sim, no Novo Testamento. É interessante observar que a evolução do pensamento, entre os árabes, foi similar. A *nafs* dos árabes finalmente tornou-se o *ruh*, que já aponta para o espírito verdadeiramente imortal. No islamismo, isso começou no século VII D.C.

Se acompanharmos essa evolução no pensamento religioso dos hebreus, verificaremos o seguinte:

1. Há uma referência física que cobre vários estados de consciência:

a. A *néfes* aparece como a sede de apetites físicos (ver Núm. 21:5; Deu. 12:15,20,21; 23:24; Jó 33:20; Sal. 78:18; 107:18; Ecl. 2:24; Miq. 7:1).

b. A *néfes* é a sede das emoções (ver Jó 30:25; Sal. 86:4; 107:27; Can. 1:7; Isa. 1:14).

c. A *néfes* aparece associada à vontade e às ações morais (ver Gên. 49:6; Deu. 4:29; Jó 7:15; Sal. 24:4; 25:1; 119:129,167).

2. Há porções bíblicas onde a *néfes* indica um indivíduo (ver, por exemplo, Lev. 7:21; 17:12; Eze. 18:4). Também pode estar em foco o próprio «eu» (por exemplo, ver Juí. 16:16; Sal. 120:6; Eze. 4:14). E uma extensão desse último sentido é a aplicação (bastante inesperada) da palavra *néfes* a um cadáver (por exemplo, ver Lev. 19:28; Núm. 6:6; Ageu 2:13), onde, portanto, cessou toda a vitalidade, incluindo a respiração.

3. As palavras hebraicas *nephesh*, «alma», *leb*, «coração», e *ruah*, «espírito», são usadas com sentidos que se justapõem. Ver os artigos sobre *Coração* e *Espírito*.

A palavra grega *psuché* corresponde ao termo hebraico *nephesh*, nas páginas do Novo Testamento. Um dado interessante, que serve de comparação, é que por onze vezes, nos evangelhos sinópticos, a palavra grega *psuché* indica a continuação da existência consciente, após a morte física. Ver, por

exemplo, Mat. 10:28; Luc. 12:20. E isso repete-se em outros livros do Novo Testamento, conforme se vê em Apo. 6:9 e 20:4. Citamos a primeira dessas passagens do Apocalipse: «Quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?» (Apo. 6:9,10).

NEFILINS

Ver o artigo sobre **Gigantes**, especialmente em seus dois primeiros parágrafos. As passagens onde esse termo transliterado do hebraico aparece são Gên. 6:4 e Núm. 13:33.

NEFTOA, ÁGUAS DE

No hebraico essa palavra significa «aberto». Esse era o nome de um lugar onde havia uma fonte e um riacho, localizado na fronteira entre Judá e Benjamim, a oeste de Jerusalém (Jos. 15:9; 18:15).

Alguns eruditos modernos pensam em *Ain Lifta*, uma fonte situada ligeiramente acima da aldeia do mesmo nome. Mas vários outros estudiosos propõem, como identificação, a fonte de São Filipe (Ain Haniyeh), localizada no wadi el Werd; ou, então, a *ain Yalo*, ou fonte da Virgem; ou mesmo o *wady Aly*, a fonte de Jó. Porém, o local mais provável é mesmo o primeiro, *Ain Lifta*, que fica cerca de cinco quilômetros a noroeste de Jerusalém.

NEFUSSIM

Esse era o nome de uma família de servidores do templo, que retornaram a Jerusalém, onde fixaram residência, terminado o cativeiro babilônico (Nee. 7:52). Alguns eruditos vinculam esse nome aos «nefuseus» de Esd. 2:50 (ver também I Esdras 5:31).

NEGAÇÃO

Há três palavras hebraicas envolvidas e três palavras gregas, neste verbete:

1. *Kachash*, «mentir», «fingir». Essa palavra hebraica ocorre por dezessete vezes, com esse sentido, como, por exemplo, em Gên. 18:15; Jos. 24:27; Jó 8:18; 31:28; Pro. 30:9.

2. *Mana*, «reter», «negar». Palavra hebraica que aparece por vinte e sete vezes, como em I Reis 20:7; Pro. 30:7; Gên. 30:2; I Sam. 25:26; Jó 22:7; Sal. 21:2; 84:11; Ecl. 2:10; Jer. 2:25; Amós 4:7.

3. *Shub panim*, «virar o rosto». Expressão hebraica que ocorre somente em I Reis 2:16.

4. *Antilégo*, «falar contra». Palavra grega que ocorre por nove vezes: Luc. 2:34; 20:27; João 19:12; Atos 13:45; 28:19,22; Rom. 10:21 (citando Isa. 65:2); Tito 1:9; 2:9.

5. *Arnéomai*, «negar». Palavra grega usada por trinta e duas vezes: Mat. 10:33; 26:70,72; Mar. 14:68,70; Luc. 8:45; 9:23; 12:9; 22:57; João 1:20; 13:38; 18:25,27; Atos 3:13,14; 4:16; 7:35; Tito 5:8; II Tim. 2:12,13; 3:5; Tito 1:16; 2:12; Heb. 11:24; II Ped. 2:1; I João 2:22,23; Jud. 4; Apo. 2:13; 3:8.

6. *Aparnéomai*, «negar peremptoriamente». Vocábulo grego usado por doze vezes: Mat. 16:24; 26:34,35,75; Mar. 8:34; 14:30,31,72; Luc. 9:23; 12:9; 22:34,61.

No Antigo Testamento há palavras hebraicas que têm a idéia de iludir ou mentir (Gên. 18:15; Lev. 6:3), ou reter e recusar (I Reis 20:7; Pro. 30:7). No Novo Testamento temos, além da idéia comum de negar ou «dizer não», como em Mat. 10:33; Atos 3:13, a idéia de negar a si mesmo, como em Mar. 8:34 *ss*, bem como a mentira radical de negar a realidade da encarnação. Em I Timóteo 5:8 há a negação da fé cristã.

Importantes Aspectos Teológicos. 1. O discipulado cristão requer a *autonegação* absoluta, se tivermos de antecipar o sucesso. 2. A fé cristã requer a aceitação da doutrina de Cristo, incluindo a sua encarnação e caráter messiânico. 3. Negar a Cristo é o contrário de aceitá-lo, e a própria salvação da alma está envolvida nessa aceitação (João 1:12). Muitos judeus negaram a Jesus, assim rejeitando-o como o Messias prometido aos judeus (João 1:11; Atos 3:13). Josué estabeleceu um monumento para lembrar o povo de que eles não podiam rejeitar a Deus, o qual os guiara até à Terra Prometida (Jos. 24:26). Jó concluiu que se arriscava a negar a Deus se pusesse sua confiança nas coisas materiais, como o ouro (Jó 31:28). Sérias negações e fracassos espirituais podem ser revertidos, conforme se vê ilustrado no caso de Pedro (Mat. 26:34 *ss*).

NEGAÇÃO DE PEDRO

Mat. 26:26-75. — Reputamos Pedro como *fonte informativa* dessa narrativa, o que sem dúvida se dá no caso de grande parte do material do evangelho de Marcos. «Tem-se argumentado que somente ele teria contado esse lance vergonhoso de como ele negara a seu Senhor; e esse ponto tem algum peso. Ao mesmo tempo, o centro moral da narrativa é a riqueza da graça de Deus. O discípulo que se mostrara tão poltrão, apesar disso foi a primeira testemunha da ressurreição (I Cor. 15:5 e Luc. 24:34), tendo-se tornado um apóstolo rochoso e uma coluna da igreja (Gál. 2:9)». (Sherman Johnson, *in loc.*). Cf. Mar. 14:66-72; Luc. 22:55-62 e João 18:15-18,25-27. A fonte informativa sobre a qual se baseia Mateus é o protomarcos, porém, mais de uma tradição pode ter preservado a narrativa.

Mat. 26:69: *Ora, Pedro estava sentado fora, no pátio; e aproximou-se dele uma criada, que disse: Tu também estavas com Jesus, o galileu.*

A harmonia entre as diversas narrativas tem causado muitas *dores de cabeça* e sofrimentos aos intérpretes, especialmente no caso daqueles que insistem em harmonias exatas entre todas as narrativas. Isso é impossível nesta seção, conforme a simples leitura das várias narrativas demonstra de imediato. Bruce (*in loc.*) afirma: «Os esforços harmonizadores são um desperdício de tempo». E diz um pouco antes: «Seria difícil, para qualquer pessoa presente naquela multidão confusa, reunida dentro dos portões do palácio, naquela noite, relatar exatamente o que aconteceu. O próprio Pedro, herói da narrativa, provavelmente tinha lembranças mal delineadas de algumas particularidades, e talvez nunca tivesse podido relatar o incidente da mesma maneira». Não obstante, não há que duvidar que ali está registrada a realidade e a importância do acontecimento, bem como a sua exatidão geral, a despeito de alguns pormenores que diferem em elementos secundários. A comparação abaixo apresenta ao leitor as várias narrativas:

1. Embora as quatro narrativas não tivessem sido escritas de maneira totalmente independentes umas das outras (certamente os evangelhos sinópticos não o foram), contudo, cada autor simplesmente não tinha em mente a idéia de harmonizar com as narrativas dos outros, segundo alguns intérpretes modernos desejam

que tivessem feito. Pequenos e secundários detalhes, certamente não lhes pareciam importantes, pelo que discrepâncias de pouco vulto surgem nessas narrativas.

2. Não deveríamos ficar surpreendidos ou desanimados ante esses elementos em choque nas narrativas, porque, se essas coisas não foram importantes para os autores originais dos evangelhos, por que motivo deveriam sê-lo para nós?

3. É melhor sermos honestos e admitirmos diferenças nas narrativas e pequenas discrepâncias, do que forçar uma harmonia ridícula e impossível entre essas narrativas.

4. Nenhum leitor ou intérprete, que não esteja inteiramente preso à inspiração de cada letra, haverá de exigir que as palavras reais, em cada particular, proferidas por Pedro, em cada instância sejam registradas exatamente do mesmo modo.

5. De maneira alguma deveríamos pensar que o que aconteceu deve, necessariamente, ser limitado a três sentenças saídas dos lábios de Pedro, cada qual expressando uma negação, sem possibilidade alguma dele ter dito outra coisa.

6. Em todos os elementos importantes, as narrativas concordam entre si. Algumas diferenças são suplementares, enquanto que outras apresentam minúsculas discrepâncias; mas estas se originam do fato de que muitos acontecimentos tiveram lugar, que nenhum dos escritores sagrados registrou a todos eles, e que a seqüência cronológica e o número de declarações, etc., não são importantes para a veracidade do incidente. Aqueles que esperam conseguir pormenores mais exatos, neste ponto, ficarão desapontados.

MATEUS

1ª *negação*

Sentado no pátio externo, é acusado por uma serva de ter estado com Jesus, o galileu. «Não sei o que dizes».

2ª *negação*

Pedro saíra ao pórtico, e outra serva o viu. «Este também estava com Jesus, o Nazareno. E ele negou outra vez, com juramento: «Não conheço tal homem».

3ª *negação*

Logo depois, aproximando-se os que ali estavam, disseram a Pedro: Verdadeiramente és também um deles, porque o teu modo de falar o denuncia. Então começou ele a praguejar e a jurar; «Não conheço esse homem!»

E imediatamente cantou o galo. Então Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe dissera... E, saindo dali, chorou amargamente.

MARCOS

1ª *negação*

Aquecia-se no pátio, etc., como em Mateus. Sai ao alpendre. O galo canta. «Não o conheço, nem compreendo o que dizes».

2ª *negação*

A mesma criada (como é possível) o vê novamente e diz: «Este é um deles». Mas Pedro torna a negar.

3ª *negação*

Tal como Mateus. «Verdadeiramente és um deles, porque também tu és galileu».

Pela segunda vez o galo cantou. Pedro lembrou e chorou amargamente, etc.

LUCAS

1ª *negação*

Sentado «perto do fogo», Pedro é reconhecido pela criada e acusado. Replica: «Mulher, não o conheço».

2ª *negação*

Um servo lhe diz: «Também tu és dos tais». Pedro retruca: «Homem, não sou».

3ª *negação*

Tendo passado cerca de uma hora, outro dizia: «Também este, verdadeiramente, estava com ele, porque também é galileu». E Pedro insistia: «Homem, não compreendo o que dizes».

E logo, estando ele ainda a falar, cantou o galo. Voltando-se o Senhor, fixou os olhos em Pedro. Pedro se lembrou...saindo dali, chorou amargamente.

JOÃO

1ª *negação*

Pedro é reconhecido pela recepcionista, ao entrar com o outro discípulo: «Não és tu também um dos discípulos deste homem!» E ele respondeu: «Não sou».

2ª *negação*

Pedro se aquecia perto do fogo. E disseram-lhe: «És tu, porventura, um dos discípulos dele?» «Não sou», respondeu Pedro.

3ª *negação*

Um dos servos do sumo sacerdote, parente daquele a quem Pedro tinha decepado a orelha, perguntou: «Não te vi eu no jardim com ele?» De novo Pedro o negou. E no mesmo instante cantou o galo.

As Lições da Negação de Pedro

Seria ridículo, no meio do problema de harmonia da história, perder de vista as lições importantes ensinadas. Algumas são:

1. Até os mais fortes e privilegiados podem falhar numa hora de provação. Portanto, o orgulho humano não tem lugar algum na espiritualidade.

2. Os instintos básicos, como aquele de autopreservação, às vezes controlam absolutamente a pessoa, assim que ela faz coisas duvidosas e erradas.

3. O amigo da verdade tão facilmente se torna um inimigo, se associa com a companhia errada, e procura o conforto da fogueira da maldade.

4. O herói da fé torna-se um covarde, até ante a pergunta de uma escrava, porque na hora de crise, sua preparação espiritual falhou.

5. Pedro falou uma série de mentiras, procurando fazer uma história convincente, para comprovar uma mentira vergonhosa que começou a série. A mentira de palavras, ou da própria vida, sempre vem desta maneira. Contra este tipo de conduta, Paulo falou: «Rejeitamos as coisas ocultas que são vergonhosas, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; mas, pela manifestação da verdade, nós nos recomendamos à consciência de todos os homens diante de Deus».

6. Até os homens mais espirituais podem cair nos pecados mais terríveis. Foi um erro espantoso que Pedro, depois de tanto tempo com o Senhor, o negou.

7. Todos os pecados, até o mais vis, podem ser perdoados. Pedro recebeu o perdão do Senhor, e ficou uma poderosa força na Igreja, sofrendo no fim, a morte de mártir.

NEGLIGÊNCIA

Essa palavra vem do latim **negligere**, «negligenciar», «ignorar», «desconsiderar». A palavra tem importância dentro do contexto ético. Desde os dias da Escola Dominical aprendemos que uma pessoa pode pecar nada fazendo, tanto quanto fazendo algo de errado. A vida inteira ensina-nos que é um erro negligenciar ao trabalho, às coisas, às pessoas. A negligência pode ser inspirada por vários motivos,

como a ignorância, o descuido, a falta de amor ou a preguiça. As pessoas podem mostrar-se descuidadas quanto às suas obrigações, descobrindo muitas «razões» para não as cumprirem. Se, nessa negligência, nenhuma lei está sendo desobedecida, então ainda assim a pessoa é moralmente culpada, embora não possa ser punida pelo Estado. Entretanto, certos aspectos da negligência são puníveis por lei, como o não pagamento dos impostos, por exemplo.

Para o crente, a negligência religiosa é um erro grave. Os deveres relacionados à Igreja, ao evangelismo, ao serviço e à participação no culto público são comumente negligenciados. Acresça-se a isso que nada é mais comum do que a negligência ao próprio desenvolvimento espiritual, o que se consegue facilmente, bastando para isso ao crente não aplicar os meios de desenvolvimento espiritual. Ver o artigo *Caminhos do Desenvolvimento Espiritual*. A mais séria negligência de todas é aquela que pouca ou nenhuma importância dá à própria salvação (Heb. 2:3). As obrigações espirituais são ignoradas (I Tim. 4:14; II Ped. 1:12). O indivíduo pode mostrar-se preguiçoso demais para buscar o que é excelente, perdendo assim o destino superior que lhe foi oferecido. Nisso, ele deixa de servir tanto a si mesmo quanto a outras pessoas. Em certo sentido, a própria Bíblia é uma prolongada advertência contra a negligência. Seus muitos mandamentos, e até sugestões, mostram-nos que é de nosso dever e privilégio ser e fazer certas coisas. De fato, a negligência consiste em um *fracasso do descuido*. Se muitas pessoas mostram-se zelosas quanto ao dinheiro e quanto a coisas materiais, tendem por não dar o devido valor às questões espirituais. Aquelas filosofias e religiões que ressaltam as coisas materiais, esquecendo-se dos valores da alma, forçam os seus aderentes ao fracasso do descuido, no tocante aos valores eternos. Para exemplificar, a chamada *Teologia da Libertação* (vide) dá grande destaque àquilo que chamam de evangelho social (a preocupação com os problemas econômicos), mas praticamente faz silêncio quanto à salvação da alma. Reduzir a teologia a uma sociologia econômica, na tentativa de evitar a probreza, certamente é uma forma de negligência do descuido, sem importar quais contribuições esteja fazendo ou venha a fazer, dentro do âmbito de uma melhor distribuição das riquezas materiais.

NEGOCIAÇÕES COLETIVAS

Quando há disputas em torno de salários ou condições de trabalho, as organizações trabalhistas e os industriais têm a obrigação moral e legal de se reunirem, sem qualquer intervenção do governo, para encontrarem terreno comum e os acordos apropriados. Nesse ato, ambos os lados envolvidos devem representar-se devidamente. Usualmente reconhece-se que ambos os lados têm a liberdade de experimentar métodos coercivos para que se chegue a um acordo. Isso faz parte das regras do jogo.

Assim, as uniões trabalhistas ou sindicatos podem ameaçar com greves; e a classe patronal pode ameaçar com demissões. A maioria das corporações consegue sobreviver por causa dessas forças antagônicas, visto que amoldam as companhias em uma organização viável, assegurando a produção. Se não houvesse atritos, as modificações tenderiam por tornar-se lentas demais. Os antagonistas, em última análise, têm interesses comuns. Ambos os lados dependem da empresa para a obtenção da prosperidade, e todo o esforço de empregadores e empregados visa encontrar a melhor maneira de ajudar a empresa a obter bom êxito. O poder dos sindicatos pode entravar a cobiça dos proprietários. As medidas tomadas pelos empregadores pode evitar a preguiça ou a improdutividade dos operários.

Apesar de que o ideal cristão levaria os homens a chegarem calmamente a acordos, mediante o espírito de amor e de partilha, estamos muito longe de conseguir acordos sobre essa base. Até mesmo a maioria das famílias cristãs ainda não encontraram uma maneira de pôr em prática o ideal cristão, quando questões de interesse próprio afetam os membros das famílias. Portanto, é esperar demais, da parte das uniões e sindicatos, ou dos industriais, que venham a seguir, em qualquer época breve, o ideal cristão distintivo. E essa situação agrava-se ainda mais em períodos de recessão econômica e de inflação galopante, porquanto tais condições requerem ajustamentos constantes de salários e de preços. Mas, enquanto não chegarmos a ver em atuação o ideal cristão, a barganha coletiva parece ser o melhor método para resolver os problemas da indústria e do comércio, tanto aos da classe patronal como, mais especialmente, aos das classes trabalhadoras.

NEGRO

No hebraico, temos três palavras, e no grego uma só, a saber:

1. *Ishon*, «meio». Palavra que figura por quatro vezes (Pro. 7:9; e também em Deu. 32:10; Pro. 7:2 e Sal. 17:8, com o sentido de córnea do olho, talvez porque a maioria dos israelitas tinha olhos negros).

2. *Shachor*, «moreno», «trigueiro». Palavra usada por seis vezes (Lev. 13:31,37; Can. 1:5; 5:11; Zac. 6:2,6).

3. *Shecharchoreth*, «queimado», *marrom*. Palavra usada exclusivamente em Cantares 1:6.

4. *Mélas*, «negro». Palavra grega usada por seis vezes. (Mat. 5:36; II Cor. 3:3; II João 12; III João 13; Apo. 6:5,12).

Os israelitas não tinham um sistema de cores tão definido como possuímos em nossa época de química. Os termos por eles usados eram aproximações. Mas o estudo das cores e seu simbolismo, nas Escrituras, é muito proveitoso. Ver *cores*.

Vários usos da cor negra. 1. A ausência de pêlos pretos, na cabeça ou na barba (visto que a lepra embranquece os pêlos), indicava um estado enfermiço (Lev. 13:31,37). 2. Uma jovem queimada de sol é referida em Cantares 1:6. 3. Em sua condição doentia, o aspecto enegrecido da pele de Jó é comentado (Jó 30:30). 4. Nuvens ameaçadoras são chamadas negras (Jer. 4:28). 5. Uma expressão idiomática para indicar lamento é «estou de negro» (Jer. 8:21; mas nossa tradução portuguesa diz: «estou de luto»). 6. Essa cor também descreve os amigos molestos de Jó (Jó 6:16). 7. A cor também indica a cor dos cabelos (Mat. 5:36). 8. Também o obscurecimento do sol (Apo. 6:12). 9. A cor da tinta de escrever (II Cor. 3:3). 10. Negrume e trevas (Heb. 12:18). 11. Temor (Joel 2:6). 12. Um rio lamacento (Jó 6:16). 13. A morte e a fome (Zac. 6:2,6; Apo. 6:5, 6). Portanto, de modo geral, a cor indicava o que era ruim, sujo e triste.

Costumes. Os antigos orientais, incluindo os hebreus, não usavam vestes negras quando de luto, embora a própria cor estivesse associada a esse estado de perda, e também aos sentimentos de aflição, privação e desastre sofridos, tal como nos tempos modernos. A figura de linguagem que incorpora essas idéias pode ser vista nos trechos de Jó 30:30; Jer. 14:2 e Lam. 4:8; 5:10.

NEGUEBE

Esboço:

1. O Nome
2. A Região
3. Estradas do Neguebe
4. Economia da Região
5. Povos e Informes Históricos

1. O Nome

No hebraico, essa palavra significa «região seca». Mas, na Bíblia, o termo sempre é usado para designar «sul». Ver Gên. 12:9; 13:14; 24:62; Núm. 13:17. Está em pauta a região sul da Palestina.

2. A Região

O Neguebe cobre uma área de cerca de 117 quilômetros quadrados, uma região da Palestina, ao sul do território alocado a Judá. Ali era muito escasso o regime das chuvas, com poucas águas freáticas. Seu limite norte era a planície de Berseba; mas, nas páginas da Bíblia, as porções do sul dos montes de Hebrom eram incluídas nessa designação. A oeste, seu limite eram as dunas costeiras do Mediterrâneo oriental; a leste ficava a *Arabá* (vide). O Neguebe ampliava-se na direção dos desertos de Parã, Sin, Sur e o Nilo, mais ao sul. Quase todo esse território é montanhoso. As serras envolvidas estendem-se para o suleste e para o noroeste. Caracteriza-se por canhões estreitos, por um território agreste e seco. Nenhuma rota comercial atravessava o Neguebe na direção norte-sul. Importantes nomes bíblicos associados ao Neguebe são locativos, Cades-Barnéia e Berseba. Esse território do Neguebe representa quase metade da área da moderna nação de Israel.

Distritos e Cidades do Neguebe. Cinco distritos podem ser distinguidos no Neguebe: 1. o de Judá; 2. o dos jeremeelitas; 3. o dos queneus (I Sam. 27:10); 4. o dos quereteus; e 5. o de Calebe (I Sam. 30:15). Vinte e nove cidades do Neguebe, mencionadas em Jos. 15:21-32, são desconhecidas hodiernamente. As únicas cidades do Neguebe que têm sido identificadas são Berseba (Gên. 21:30), Arade Khirbet Ar'arete ou Aroer (I Sam. 30:28), Punom (Núm. 33:42) e Tell el-Kheleifeh, ou Eziom-Geber.

3. Estradas do Neguebe

O Egito e a Palestina estavam ligados por via marítima. Mas aqueles que habitavam no norte e no nordeste da Palestina usavam o «caminho real», que seguia ao longo do platô da Transjordânia. Somente aquelas rotas que vinham de Hebrom, no sul da Judéia, passavam pela região montanhosa do Neguebe. Isso posto, essa região era essencialmente isolada das outras, formando uma fronteira natural sul da Judéia. Portanto, o Neguebe era uma espécie de proteção natural contra invasores vindos do sul. Duas importantes estradas são mencionadas na Bíblia, existentes no Neguebe; uma delas levava de Cades-Barnéia à Arabá, ao sul, o que talvez corresponda ao «caminho da região montanhosa dos amorreus», mencionado em Deu. 1:19. E também havia uma estrada que descia de Arade para a porção sul dos montes de Sodoma, e que era chamada «caminho de Edom» (II Reis 3:20). E talvez ainda houvesse uma terceira estrada, conectando Gaza, Gerar, Berseba, Hormá e Arade.

4. Economia da Região

No Neguebe havia a criação de ovelhas e cabras (ver I Sam. 25:2 *ss*; I Crô. 4:38-41; II Crô. 26:10). Ao que parece, jumentos e camelos, em pequeno número, também eram criados ali para exportação, a fim de serem usados nas caravanas e como animais de carga. Havia um intercâmbio comercial com o sul da Arábia, com a África Oriental e com o oceano Índico, o que rendia lucros financeiros. Os trechos de I Reis 22:29 e II Reis 14:22 mostram que Judá controlava esse comércio, nos dias de Josafá e Uzias. Os arqueólogos têm confirmado tais atividades. Também havia minas de cobre nas montanhas a noroeste do golfo de Elate. Ver o artigo chamado *Minas do Rei Salomão*. Parece que essa mineração antecedeu à época de Salomão por não menos de dois séculos, embora esse rei de Israel é quem a tenha transformado em um negócio extremamente lucrativo.

5. Povos e Informes Históricos

A arqueologia tem podido demonstrar que, no Neguebe, só houve uma ocupação humana permanente no período calcolítico. Na época, Berseba era a cidade mais populosa da região. O período de Bronze Médio I viu grande expansão da ocupação humana, que se espalhou até às montanhas centrais da região. O Neguebe é mencionado na lista de Tutmés III, do Egito, durante o período da era do Bronze. Foi durante o período da era do Bronze Médio que Abraão chegou a Gerar, Cades e Sur (ver Gên. 12:9; 13:1-3; 20:1). Outro tanto pode ser dito acerca de Isaque (ver Gên. 24:62; 26:15) e de Jacó (ver Gên. 37:1; 46:5). Quando o povo de Israel conquistou a Terra Prometida, essa região passou a fazer parte das possessões da tribo de Judá, ainda que, a princípio, tenha sido conferida a Simeão (ver Jos. 19:1-9; I Crô. 4:28-33). No tempo do reino unido, sob Saul, Davi e Salomão, a região era conhecida pelo nome de «sul de Judá» ou «Neguebe de Judá» (ver I Sam. 27:19 e II Sam. 24:7). Judá expandiu sua ocupação naquela área, estabelecendo ali atividades como criação de animais, um certo comércio e fortalezas militares defensivas. A arqueologia tem demonstrado a existência de rotas comerciais entre Arade e Hormá e daí a Cades-Barnéia.

Sisaque, rei do Egito, organizou uma campanha militar contra Israel (ver I Reis 14:25-28; II Crô. 12:1-12), e, durante algum tempo, obteve o controle sobre aquela área. Porém, nos dias de Josafá, o Neguebe voltou às mãos de Judá (I Reis 22:49,50; II Crô. 20:35-37). E foram construídas novas fortalezas e novos postos-avançados de ocupação perto de Berseba.

Edom e Israel entraram em conflito, desejando controlar o comércio e os recursos da região do Neguebe. Uzias, filho de Amazias, dominou Edom e construiu o porto de Elate (ver II Reis 14:22; II Crô. 26:2). Ele construiu fortalezas, a fim de cristalizar ainda mais o seu controle. A grande fortaleza de Cades-Barnéia (identificada como o moderno Tell Qudeirat), foi erigida durante aquele período. Os assírios, em sua expansão para oeste, tomaram a região e Eziom-Geber foi conquistada pelos edomitas (ver II Reis 16:6; II Crô. 20:17). Nunca mais a Judéia obteve controle sobre o Neguebe. Ao que tudo indica, nos séculos que se seguiram, não foram estabelecidos pontos permanentes de ocupação humana na região. No entanto, já no século III A.C., isso começou a ser feito. Artefatos de vários tipos têm sido encontrados pela arqueologia em Nessana, Oboda e Elusa, no centro do Neguebe, sendo provável que fossem povoados nabateus, um clã árabe. Eles tinham uma rota de caravanas nessa região, no século II A.C. Mas, finalmente, os nabateus abandonaram o Neguebe. E os romanos vieram e ocuparam o mesmo, tendo estabelecido novos pontos de ocupação humana.

●●● ●●● ●●●

NEGUEBE (ADAMI-NEGUEBE)

No hebraico, «túnel», «passagem estreita». Esse foi o nome de uma cidade, ou, mais provavelmente ainda, de parte de um lugar ou território. Aparece como um lugar nas fronteiras de Naftali (Jos. 19:33), a meio caminho entre Tiberíades e o monte Tabor.

NEIEL

No hebraico, **habitação de El (Deus)**. Nome de uma aldeia do território de Aser, perto de sua fronteira suleste (Jos. 19:27). Tem sido tentativamente identificada com a moderna Khirbet Ya'nin, na fronteira leste da planície do Aco.

NEMÉSIO

Um eclesiástico cristão do século IV D.C., conhecido por sua antologia. Essa obra reunia as obras e idéias da escola alexandrina, do neoplatonismo, de Porfírio, de Amônio, do estoicismo e do aristotelianismo. Nemésio nasceu na Grécia e tornou-se bispo de Emesa. Sua principal obra chamava-se *Sobre a Natureza do Homem*.

NÊMESIS

Essa palavra deriva-se do grego, onde significa uma «justa ou merecida indignação», ou aquilo que causa uma justa indignação, ou o remorso que o indivíduo sente por seus erros e pecados. Como nome próprio, Nêmesis era o nome da deusa da retribuição, concebida como filha da noite. A função dela era perseguir e punir aos orgulhosos, aos insolentes e aos criminosos que escapassem ao julgamento dos homens, mediante sua astúcia, mas que terminavam mal, afinal de contas.

Na literatura posterior, essa palavra passou a ser usada para exprimir a idéia da inevitabilidade da retribuição, ou, então, a idéia da perseguição pessoal sem justificativa. Nêmesis permitia que o indivíduo a ser castigado obtivesse uma exagerada fortuna pessoal, como maneira de permitir que as coisas atingissem um estado crítico, punindo assim a arrogância e empáfia daquele.

NEOCATÓLICO

Esse termo é usado para aludir ao movimento, dentro da comunidade anglicana, que pende para o catolicismo. Esse movimento também é chamado anglo-catolicismo. Inclui o reavivamento do interesse nas cerimônias e práticas tradicionais do catolicismo, além de posturas doutrinárias. O mesmo nome aplica-se a atitudes similares dentro do luteranismo, como é o caso da Sociedade de São James. Esses grupos não são católicos romanos, mas apenas católicos. Não obstante, aproximam-se do catolicismo romano quanto a questões importantes, fazendo nítido contraste com a postura típica dos grupos evangélicos.

NEOCRITICISMO

Esse foi o nome dado por **Renouvier** (vide) à sua própria filosofia.

NEO-ESCOLASTICISMO

Ver os artigos separados chamados **Escolasticismo** e **Tomismo**. O neo-escolasticismo (vem do grego, *neós*, «novo», e do latim, *scholasticus*, «conferencista») foi um reavivamento do escolasticismo, em meados do século XIX. Isso ocorreu na Itália, tendo-se tornado proeminentes. no movimento, nomes como os de Sanseverino, Cornoldi, Zigliara, Lorenzelli e Matussi (na Itália); Kleutgen, Stockl, Grabmann, Schneid e Ehrle (na Alemanha); Farges, Dormet de Vorges (na França); e Dupont e Lepidi (na Bélgica). O movimento tinha por finalidade reafirmar a filosofia básica de Tomás de Aquino, como pensamento que teria uma aplicação vital ao pensamento e à sociedade contemporâneos.

A inspiração dos seus mentores foi o fato de que o materialismo e o positivismo haviam feito grandes incursões, capturando a imaginação dos filósofos e dos cientistas, tornando-se necessário reagir contra esse estado de coisas. O papa Leão XIII reconheceu essa tendência negativa em sua encíclica *Aeterni Patris*, de 4 de agosto de 1879; e então convidou eruditos católicos romanos a redescobrirem e reaplicarem as verdades imutáveis dos mestres escolásticos. Em resultado disso, foi organizado o *Institute Superieur de Philosophie*, em Louvain, na Bélgica, com o propósito de promover o novo movimento. As ciências continuaram a ser estudadas, foram promovidas pesquisas em muitos campos do saber, e a erudição, de modo geral, foi promovida, embora não sem o contrabalanço dos princípios tradicionais e religiosos tomistas.

NEO-ESPIRITUALISMO

Ver o artigo sobre **Lachelier**. Assim foi chamado o movimento iniciado por ele, na França, no século XIX.

NEO-ESTOICISMO

Justo Lipsius (1547-1606), um humanista e filósofo belga, interessou-se especialmente por Sêneca, Tácito e outros autores latinos, tendo promovido o neo-estoicismo como um ideal a ser seguido. Ele deixou a Igreja Católica Romana, posto que mais tarde reconciliou-se com ela; mas ele defendia o que chamava de *constância* como o mais elevado dentre os valores morais. Para ele, isso era apenas um outro nome para a apatia estóica, o controle das emoções, de conformidade com a qual as circunstâncias externas não têm permissão de perturbar a tranqüilidade interior do indivíduo. Mediante a reflexão e a disciplina espiritual, o indivíduo seria capaz de atingir esse estado. Lipsius defendia a doutrina do livre-arbítrio humano (contra o estoicismo tradicional), e também enfatizava o controle de Deus sobre o destino dos homens, em consonância com o todo-poderoso controle do *Logos* sobre todas as coisas que existem.

NEO-EVANGELICALISMO

Alguns usam o termo **neofundamentalismo** como um sinômimo para esta designação. O termo *novo* tem inerente nele a idéia da rejeição de alguns aspectos do *velho* evangelicalismo. Ver os artigos sobre *Evangelicalismo* e *Protestantismo*.

Neo-evangélicos são caracterizados pela modificação ou abandono de certas doutrinas fundamentais. Um importante exemplo é a doutrina da inspiração das Escrituras. A inerrância da Bíblia foi ou totalmente abandonada, ou reinterpretada. Assim, o que seria inerrante? Não cada palavra, e nem cada idéia, e, sim, a *mensagem* da redenção, contida na Bíblia. Os neo-evangélicos aceitam muitas conclusões da *alta-crítica* (vide). Mas eles mesmos consideram-se

seguidores de Cristo e promotores dos principais temas do evangelicalismo, como a ênfase sobre a Bíblia, a necessidade de pregar o evangelho, a redenção em Cristo, etc. Em outras palavras, os neo-evangélicos estão a meio-caminho entre os pontos extremos de um rígido fundamentalismo e do liberalismo. Naturalmente, eles ocupam várias posições intermediárias entre esses extremos, de maneira que é impossível alguém dizer: «Os neo-evangélicos crêem nisto ou naquilo». Mas, de modo geral, podemos caracterizá-los afirmando que se afastam do fundamentalismo e se aproximam mais ou menos do liberalismo, ainda que sustentem ser evangélicos.

Os neo-evangélicos usualmente não simpatizam com os movimentos separatistas, e procuram cooperar com as denominações em geral. Poderíamos dizer, pois, que o fundamentalismo é a ala direita do movimento evangélico mais amplo, enquanto que o neo-evangelismo é a ala esquerda desse mesmo movimento. Os fundamentalistas e os evangélicos compartilham de crenças similares, mas estes últimos são mais tolerantes para com as diferenças de opinião. Por outra parte, os neo-evangélicos incorporam algumas dessas diferenças, pelo que os fundamentalistas consideram-nos semiliberais. Todavia, essa classificação só se aplica de forma muito generalizada, não podendo ser aplicada a casos específicos.

NEÓFITO

As duas palavras gregas formadoras desse vocábulo significam «recém-plantado». Encontra-se no Novo Testamento somente em I Tim. 3:6, onde é traduzido, em nossa versão portuguesa por «neófito», ou seja, «novo convertido». Na antiga Igreja cristã, essa palavra era usada para indicar recém-convertidos e batizados, que usavam a veste branca batismal. Nas *religiões misteriosas* (vide), os neófitos eram pessoas recém-iniciadas naqueles cultos. No catolicismo romano, o termo tem sido usado para designar novos convertidos e recém-ordenados padres e monges.

NEO-HEGELIANISMO

Esse termo é usualmente aplicado a filósofos britânicos, escoceses e norte-americanos que se deixaram influenciar pela filosofia de *Hegel* (vide). O neo-hegelianismo surgiu em meados do século XIX. Alguns neo-hegelianos ingleses foram: J.H. Stirling, John e Edward Caird, T.H. Green, F.H. Gradley, B. Bosanquet J.M.E. McTaggart. O neo-hegelianismo norte-americano é representado por W.T. Harris, H.C. Brokmeyer, John Dewey (em seus primeiros escritos), J. Royce e M.W. Calsins. Esse movimento é especialmente assinalado por sua filosofia idealista da religião e por sua tendência de reconciliar o absolutismo com o personalismo.

NEOKANTIANISMO

Esse foi um movimento filosófico alemão, dentro do qual a principal influência foi exercida pelas idéias de *Emanuel Kant* (vide). Nomes vinculados a esse movimento foram Otto Liebmann, Albert Lange e Albert Ritschl. Houve três ramos distintos: 1. *A escola de Marburgo*, fundada por Hermann Cohen, sucessor de A. Lange. Seus principais aderentes foram P. Natorp e E. Cassier, que ensinaram na Universidade de Yale. 2. *A escola de Berlim*, fundada por Riehl, e cujo principal seguidor foi R. Honigswald. 3. *A escola Sudoeste Alemã*, encabeçada por W. Windelbrand, H. Rickert e Emil Lask. A diferença principal entre essas três escolas é que a de Marburgo era racionalista, a de Berlim era empirista, e a do sudoeste Alemã procurava reconciliar as revindicações apresentadas pelo racionalismo e pelo empirismo (com base nas experiências).

NEOLUTERANISMO

As igrejas luteranas haviam perdido muito de sua mensagem e de seu caráter distintivos, no século XVIII. As interpretações racionalistas e pietistas tinham tomado conta do luteranismo. Porém, na primeira metade do século XIX, segundo podemos dizer, a mensagem de Lutero foi redescoberta, com uma nova ênfase sobre a justificação pela fé, sobre o uso regular das ordenanças e com uma vida comunitária regenerada. Nomes associados a essa renovação foram Klaus Harms, Louis Harms e Volkening.

Em seguida houve um despertamento do confessionalismo luterano, que lutava contra a unificação do luteranismo com o presbiterianismo, e em favor de doutrinas e práticas luteranas distintas. Nomes associados a esse despertamento são K.F. Philipp Spitta, L.A. Petri, Hengstenberg, Stahl e Luthardt.

Os aspectos históricos do luteranismo tornaram-se assuntos importantes, nas pesquisas e nos debates, nos escritos de H.R. von Frank, A. von Harless e Theodosius Harnack. A idéia de Lutero sobre a Igreja tornou-se um assunto especificamente debatido. O racionalismo foi combatido. À exegese bíblica conferiu-se um lugar proeminente, embora também se tenha feito muito trabalho nos campos da cristologia, da escatologia, das ordenanças e dos princípios éticos. Esse movimento atingiu seu ponto culminante entre 1869 e 1870; e o interesse pelas idéias de Lutero novamente arrefeceu. No entanto, o século XX viu uma nova abordagem quanto a Lutero e suas contribuições. A tendência tem sido deixar de considerar Lutero primariamente como um mestre teólogo, para considerá-lo um gênio religioso e pensador (essa é a ênfase de homens como Karl Muller, Otto Schell, Karl Holl, Carl Strange, Seeberg, Aulén, e vários outros).

Kierkegaard afastou-se da correnteza principal do luteranismo, tendo interpretado Lutero à luz de experiências pietistas; e isso tem influenciado em muito o luteranismo norueguês, bem como a renascença luterana alemã.

NEO-ORTODOXIA

Esboço:

I. Caracterização Geral
II. Perspectiva Histórica e Nomes Importantes
III. Sobre a Autoridade Religiosa
IV. O Método Existencial
V. Sobre a Queda do Homem
VI. Sobre o Batismo Infantil
VII. Sobre a Expiação
VIII. Sobre a Teoria Social
IX. Sobre a Escatologia
X. Sobre a Ética

I. Caracterização Geral

O termo **neo-ortodoxia** significa uma «nova ortodoxia», em contraste com a variedade rígida e mais antiga de ortodoxia, que se opunha ao liberalismo. Designa aquele movimento, dentro da

teologia contemporânea, que reenfatiza as doutrinas protestantes clássicas da transcendência de Deus, do pecado humano e da justificação pela fé, em contraposição aos conceitos liberais da imanência de Deus, da bondade do homem e de seu aprimoramento gradual. As raízes do movimento retrocedem às ênfases que aparecem nos escritos de Paulo, de Agostinho e dos reformadores protestantes, nos labores teológicos de Karl Barth e no pietismo de Kierkegaard. Naturalmente, o movimento incorpora uma larga variedade de idéias.

II. Perspectiva Histórica e Nomes Importantes

O artigo separado sobre Karl Barth oferece o pano de fundo para esse movimento. O liberalismo mostrou-se exagerado quanto ao seu ponto de vista otimista do homem (o que duas sangrentas guerras mundiais encarregaram-se de contradizer), e por haver abandonado as raízes históricas e tradicionais do cristianismo. O homem Jesus de Nazaré perdeu-se em meio às especulações sobre o Jesus teológico; e vários pensadores liberais inventaram seus próprios evangelhos, alicerçados sobre o subjetivismo.

Essa atmosfera criou revolta em pensadores como Karl Barth, pelo que houve uma espécie de renascença teológica, que alguns têm apodado de *barthianismo*. De fato, esse apodo algumas vezes é usado para designar o movimento inteiro, visto que houve um irrompimento no pensamento e na abordagem teológicos, resultante principalmente das idéias de Karl Barth. Ele começou sua carreira como jovem pastor suíço. Por muitos é considerado o mais importante teólogo do século XX. Ele havia sido bem treinado no liberalismo alemão. A primeira coisa que ele publicou foi uma abordagem intelectual acerca do problema do *relativismo* (vide). A preocupação dele é que o homem moderno, inclusive em sua teologia, tem um conceito tão inadequado de autoridade que ele se torna a sua própria autoridade. Em certos sentidos, a histórica obra de Barth, *Comentário Sobre Romanos*, foi um ataque contra o liberalismo. Esse livro foi publicado em 1919, no qual Barth procurou restaurar a autoridade da Palavra de Deus. É verdade que ele avançou demais, aceitando cegamente textos de prova, não tendo dado o devido valor à racionalidade, além de ter sucumbido diante do *voluntarismo* (vide); porém, não restam dúvidas quanto ao impacto de sua fé renovada.

Alguns pensadores, como *Paul Tillich* (vide), são mais apreciadores de novidades do que mesmo ortodoxos. Porém, *Barth* e *Reinhold Niebuhr* (vide) podem ser tidos como mais ortodoxos. Niebuhr defendia a natureza inteiramente «outra» de Deus. Também salientava o pecado original, que alienou o homem do seu Criador. Uma das tragédias do homem é que, se ele pode conceber a perfeição, na verdade é incapaz de atingí-la. E, se o homem é verdadeiramente livre, contudo é entravado por um certo elemento demoníaco, que veio fazer parte de sua natureza. Por esse motivo, o processo moral, tão valorizado pelo homem, não pode ser um mero produto do processo histórico. Para que esse processo moral se torne uma realidade, faz-se mister a intervenção divina. Brunner, um outro pensador, ocupa posição intermediária entre o protestantismo liberal e a teologia de crise, preconizada por Barth. De acordo com Brunner, o homem não pode prover a sua própria salvação, embora possuidor de certos poderes naturais para reagir positivamente a Deus. Além disso, para ele, a revelação eleva o homem a um ponto onde ele não poderia chegar por suas habilidades naturais, e nisso ele estava com toda a razão. Ver sobre *Kierkegaard*.

III. Sobre a Autoridade Religiosa

Ver o artigo separado, intitulado **Autoridade**, onde apresento meus pontos de vista sobre a questão. Quase todos os eruditos liberais são *teístas*. Em outras palavras, eles crêem na existência de Deus e aceitam que ele intervém na história humana. Ver sobre o *Teísmo*. Todavia, os neo-ortodoxos teístas frisam mais a natureza transcendental de Deus. Kierkegaard ensinava que há uma grande diferença qualitativa entre Deus e o homem, de tal modo que o homem só pode achar a Deus por meio da revelação. Essa revelação surgiu entre os homens na pessoa de Jesus Cristo.

Karl Barth também salientou a necessidade da revelação, afirmando que aquilo que sabemos acerca de Jesus Cristo nos veio através da revelação. Conseqüentemente, é fútil tentarmos explicá-Lo e nos envolvermos em argumentos sobre o Jesus histórico e o Jesus teológico. Dentro do processo histórico e da experiência humana não podemos encontrar definições adequadas para Deus, para Jesus Cristo, para a salvação, para a teologia, etc. A teologia é divina, divinamente revelada. Em Jesus, o Ser infinito irrompeu em nossa dimensão finita. Isso posto, temos um *Cristo, conhecido pela fé*, que é a nossa principal consideração; e não um Jesus histórico em contraste com um Jesus teológico. O Cristo conhecido pela fé não é o mesmo Jesus histórico dos pensadores liberais. Pelo contrário, é o *Filho do Deus vivo*, que os apóstolos reconheceram e confessaram.

Por uma parte, os estudiosos liberais laboram em erro, fazendo da Bíblia apenas uma literatura humana grandiosa, por meio da qual Deus falaria aqui e acolá. Por outra parte, os eruditos conservadores laboram em erro, ao identificarem, de modo absoluto, a Palavra de Deus com as Escrituras Sagradas. A Palavra de Deus é maior que a Bíblia—porquanto até incorpora à pessoa do Filho encarnado de Deus—embora, certamente, envolva a Bíblia, a revelação escrita. A pregação acerca de Jesus (a *kérugma* dos apóstolos) é um testemunho prestado à Palavra de Deus. No dizer dos estudiosos liberais, a Bíblia, apesar de fazer parte integrante da Palavra de Deus, nos veio através da instrumentalidade humana, pelo que contém erros tipicamente humanos. Ignorar esse fato é cair em vários tipos de interpretação desonesta. O método histórico de interpretação tem o seu devido valor; a pesquisa histórica é útil; a crítica textual e o estudo dos idiomas originais têm o seu valor. E todos esses estudos têm destacado o elemento humano das Escrituras, com os seus erros de várias naturezas. E, mediante esses reparos, a neo-ortodoxia tem aceitado a perspectiva da alta crítica sobre as Escrituras Sagradas. Mas, para eles, isso não tem parecido fatal à fé na autoridade da Palavra de Deus, a qual nos foi dada por revelação, apesar de inegáveis erros existentes nos registros sagrados. Devemos confessar a existência de tais erros tipicamente humanos. Voltando a Karl Barth, ele acusou Bultmann de ter ido longe demais em sua demitização porquanto Barth respeitava grandemente as Escrituras, e não podia admitir as manipulações de Bultmann. Por outra parte, Barth não se envolvia nos obscurantismos fundamentalistas, que procuram defender textos problemáticos e indefensáveis.

Naturalmente, a neo-ortodoxia também não resolveu o problema do subjetivismo. Pois, se as Escrituras não são perfeitas, sendo apenas um reflexo parcial da Palavra de Deus, até que ponto podemos confiar nelas, e sobre que bases? Entretanto, *toda crença* vê-se envolvida no subjetivismo. E precisamos relembrar que a regra que insiste nas «Escrituras

somente», na realidade reduz-se a como eu e minha denominação *interpretamos* as Escrituras. Portanto, essa regra fundamental do protestantismo também está maculada pelo subjetivismo. O problema com o qual se defrontam todos os cristãos é a natureza básica da autoridade; e procuro esclarecer a questão em meu artigo sobre o assunto.

IV. O Método Existencial

Kierkegaard revoltou-se contra a ortodoxia morta, tendo conclamado os homens a dedicarem-se pessoal e apaixonadamente a Deus. Para ele, há uma verdade *existencial* que pode transformar o indivíduo, sendo esse o alvo que devemos buscar. Deus é um ser transcendental, mas podemos atingí-Lo mediante a revelação e a experiência pessoal. A fé cristã precisa ser mais do que a *fides historica*, a aceitação intelectual das verdades do cristianismo. É vão tentar dissolver os paradoxos da teologia, conforme tentam fazer os fundamentalistas. A experiência cristã incorpora verdades sem encontrar modos racionais de defini-las. A ortodoxia pode tornar-se uma queda d'água cristalizada em gelo. Encontra-se ali, bela e impressionante, mas sem qualquer movimento, cristalizada. Essa ortodoxia faz Deus estagnar. Em vez disso, a base da experiência cristã precisa ser a experiência de encontros pessoais com Deus, ou, conforme dizia Brunner, «o encontro divino-humano», e não meramente nossa admiração pelo Livro Sagrado e seu conteúdo. Deus tem existência pessoal, e nós também temos existência pessoal. É mister pôr Aquele em contacto com estes. Nisso consiste a *verdadeira* espiritualidade, nisso consiste o método existencial (não confundir com o existencialismo de Sartre). Jesus é a Palavra viva de Deus, e, se eu quiser ter conhecimento da Palavra de Deus, terei de ter meu encontro pessoal com ele. A mera teologia acadêmica reduz-se à análise dos conceitos ensinados na Bíblia. A espiritualidade consiste na experiência pessoal com Cristo.

V. Sobre a Queda do Homem

A neo-ortodoxia abandanou o ponto de vista otimista acerca do homem, adotado pelo liberalismo teológico. Não nos enganemos quanto a isso: o homem caiu no pecado. A restauração do homem requer a intervenção divina. A Primeira Grande Guerra (1914-1918) muito contribuiu para debilitar as idéias liberais acerca do homem. Os estudiosos liberais diziam que o homem é basicamente bom, e que ele está ficando cada vez melhor. Mas, na década de 1920, Niebuhr começou a escrever tratados advogando o retorno à posição bíblica do pecado original e da depravação da natureza humana. E ainda que nem todos possam aceitar literalmente a narrativa de Gênesis sobre *como* o homem caiu, o fato inegável é que o homem *caiu*, em algum ponto, de alguma maneira. Quanto a isso, podemos aplicar a interpretação alegórica, descobrindo importantes verdades dentro da narrativa do livro de Gênesis, no tocante à queda do homem no pecado, sem nos envolvermos na literalidade. Quando Deus perguntou a Adão: «Onde estás?», ela se tornou a indagação crítica que deve ser dirigida à humanidade inteira, visto que Adão não estava onde deveria, e carecia de uma crítica necessidade de restauração diante do Deus santo e justo.

VI. Sobre o Batismo Infantil

Vários líderes neo-ortodoxos (contrariamente às suas associações históricas) rejeitaram definitivamente o batismo infantil. A teologia corretamente situa-nos bem na «encruzilhada» do tempo e da eternidade, conforme dizia Kierkegaard; e uma apaixonada dedicação à espiritualidade só pode fazer-se presente na pessoa que tenha idade suficiente para saber o que está fazendo e que possa ter experiências religiosas pessoais. Assim, a rejeição do batismo infantil harmoniza-se com o *método existencial* (ver a seção IV, acima). O batismo infantil alicerça-se sobre o conceito da espiritualidade por procuração, e esse conceito é inaceitável aos olhos de muitos líderes do movimento da neo-ortodoxia. Karl Barth desafiou abertamente o sacramentalismo, embora ele não tenha iniciado nenhuma campanha para as igrejas deixarem de batizar infantes. Mas, desnecessário é dizer que ele sofreu amarga e violenta oposição da parte de muitos, por seu anti-sacramentalismo.

VII. Sobre a Expiação

A neo-ortodoxia leva a sério a necessidade da missão interventora de Jesus Cristo, incluindo a questão da expiação por seu sangue. Jesus não foi apenas um mártir de uma causa boa. Não foi apenas um bom mestre. Não foi apenas um profeta. Foi mais do que Sócrates, a beber sua forma de cicuta. Na cruz do Calvário, Deus triunfou sobre o pecado, e ofereceu os benefícios de sua missão encarnada a todos os homens. Na neo-ortodoxia, as muitas teorias da expiação são consideradas, quando muito, como esforços humanos por explicar o que não tem explicação. Pode haver alguma verdade nessas teorias; mas é perfeitamente inútil a análise que podemos fazer sobre a questão. Na neo-ortodoxia, vários autores refletem teorias diferentes; mas o sistema não se prende a definições. Dentro da neo-ortodoxia, pois, não existe tal coisa como *a* teoria da expiação. Deus irrompeu em nossa dimensão terrestre na pessoa de Jesus Cristo. E a sua morte, como nosso substituto, nos é suficiente; e aí cessa o nosso conhecimento a respeito.

VIII. Sobre a Teoria Social

Se os teólogos dessa escola assumem um ponto de vista pessimista da natureza humana, isso não significa que eles não estejam interessados em reformas sociais. Homens como Brunner e Niebuhur acreditavam que o homem, criado à imagem de Deus, ainda assim retém algumas boas características. Outrossim, a intervenção divina na cruz pode dar aos homens uma nova natureza, quando eles se arrependem e crêem. Portanto, é bom os cristãos envolverem-se na tentativa de melhorar as condições de vida neste mundo físico. Discernimentos derivados da filosofia, da antropologia, da psicologia, da sociologia, da história e de outras disciplinas são úteis para ajudar-nos a equacionar e solucionar aqueles problemas sociais. Todavia, a obra social e política não irá muito longe sem um encontro pessoal do homem com Deus, mediante a regeneração e as demais operações do Espírito. Brunner promovia um capitalismo reconstituído, controlado, como o melhor meio econômico para os homens chegarem a uma boa situação social e econômica. Niebuhr, em suas teorias, pendeu para a esquerda. Entretanto, ambos esses pensadores defendiam uma política econômica democrática, e ambos acreditavam no *agapé* (amor) cristão, como essencial para o funcionamento apropriado do Estado. Também rejeitavam o pacifismo como um ideal utópico, belo para contemplar-se, mas impraticável em um mundo como o nosso.

IX. Sobre a Escatologia

Para a neo-ortodoxia é impossível encontrar-se o significado da história somente dentro dos limites da própria história. Os neo-ortodoxos repelem os pontos de vista otimistas e evolutivos, de acordo com os quais

todas as coisas acabarão bem, finalmente, através de algum processo inerente e contínuo. Por outra parte, aqueles teólogos não exibem grandes simpatias com os esquemas fundamentalistas de interpretação bíblica que nos tentam dizer, com grandes pormenores, o que acontecerá dentro de «alguns poucos anos». Nos livros de Daniel e do Apocalipse eles não vêem eventos não-distantes, quase contemporâneos. De fato, eles têm afirmado que a fé não está muito interessada por tais atividades, e nem aguarda, ansiosamente, pelo *fim da história*. Antes, para eles, a fé estaria interessada por um estado transcendental, que venha a tomar o lugar do que é meramente finito e humano.

X. Sobre a Ética

Cada teólogo-filósofo tem suas próprias idéias sobre as questões éticas, e os neo-ortodoxos não fazem exceção a isso. Assim sendo, é impossível generalizar o que a neo-ortodoxia diz sobre a ética. Não obstante, podemos frisar alguns temas ou tendências principais:

1. O homem, como um ser decaído, é depravado e precisa da intervenção divina, se tiver de ser restaurado.

2. O homem não é um tipo de ser que, através de um gradual aprimoramento evolutivo, seja capaz de ter um encontro com o Ser divino.

3. O homem prestará contas a Deus, quanto àquilo que faz.

4. Um ato correto é aquele que concorda com os princípios da Palavra de Deus.

5. Apesar dos mandamentos e preceitos bíblicos revelarem a vontade de Deus, não podemos interpretá-los segundo um molde legalista, no tocante ao Antigo e ao Novo Testamentos. Os atos éticos não se alicerçam sobre preceitos legais, quando se trata de cumprir o nosso dever. A ética precisa ser mais profunda do que isso. Não podemos fazer *a priori*, seguindo textos de prova, com que um homem mau se torne um homem bom. Em outras palavras, não basta instruir ao homem, quanto à ética, para que ele se torne um ser bom.

6. O grande princípio do evangelho é a liberdade, e a liberdade opera melhor através do *amor*. O amor é o único absoluto moral. Esse é o imperativo divino. O amor só pode desenvolver-se de modo respeitável mediante o encontro do homem com o Ser divino.

7. A ética seguida por qualquer Estado é, necessariamente, defeituosa, porque não está fundamentada sobre o código do amor, e, sim, sobre questões de expediente e praticalidade. As leis humanas abordam problemas de economia, de distribuição de riquezas e de justiça retributiva contra os ofensores. A nossa ética precisa ser muito mais profunda do que isso. O amor penetra onde nenhuma lei pode chegar. O amor transforma onde a lei fracassa. O amor põe o homem em contacto com o Ser divino, ao passo que a economia meramente trata daquilo que torna mais confortável a vida do homem-animal. Aqueles que buscam realmente a Deus estão interessados em algo mais profundo do que viver em uma boa casa e ganhar um polpudo salário. Os neo-ortodoxos não aceitariam, portanto, a chamada *teologia da libertação* (vide). Por conseguinte, todos os sistemas políticos e toda ética governamental que possam ser propostos são necessariamente inadequados. As questões econômicas em pouco ou nada contribuem para transformar para melhor ao homem real, o homem interior. Somente o Espírito de Deus, com base na intervenção de Cristo, é capaz disso. (AM B E H)

••• ••• •••

NEOPITAGOREANISMO

Ver o artigo separado sobre **Pitágoras**. Cícero reviveu essa filosofia em seu sistema eclético, embora também muito se tivesse alicerçado sobre *Apolônio de Tiana* (vide), do século I A.C. Esse reavivamento foi eclético, contando com noções de Platão, de Aristóteles, do estoicismo, do epicureanismo, além dos elementos de Pitágoras, que a tudo dominavam. Esse sistema apresentava uma hierarquia de seres, mas com o *Um Supremo*, que estaria por detrás de tudo. Esse Um Supremo não deveria ser chamado por qualquer nome, sendo apreendido exclusivamente pela razão. Os números eram considerados sagrados, especialmente os dez primeiros; e, naturalmente, Deus seria o *Um*. Ele seria o princípio da razão, da forma e da bondade. — O *dois* é o número da desigualdade e das mudanças, especificamente da matéria e do mal. A identidade do Um divino, com suas emanações, uma idéia tão generalizada posteriormente no *neoplatonismo* (vide), provavelmente foi tomada por empréstimo do pitagoreanismo, embora isso já fosse um desenvolvimento natural dentro do próprio pensamento de Platão. Entretanto, não devemos esquecer de que Pitágoras exerceu influência sobre Platão.

NEOPLATONISMO

Esboço:

I. Caracterização Geral

II. Esboço Histórico; o Processo e as Crenças

I. Caracterização Geral

Embora seja uma mescla de quase todas as principais linhas do pensamento filosófico, o neoplatonismo deve mais a Platão, conforme o próprio termo sugere. Essa foi uma das mais notáveis tentativas, na história, de entretecer todas as tendências dos sistemas até então existentes, formando um único tecido filosófico. Seu maior intérprete foi Plotino, que nasceu perto de Alexandria, no Egito, em 205 D.C., e que faleceu em Roma, em 270 D.C. Ele era discípulo de Amônio Caccas, o real fundador do sistema. Plotino era discípulo entusiasta de Platão, embora também não hesitasse em usar idéias de Aristóteles e do estoicismo. A obra intitulada *A Teologia de Aristóteles*, pelos eruditos medievais, na verdade era uma espécie de paráfrase da filosofia de Plotino. Foi notável a sua influência sobre a teologia cristã, especialmente no caso de vultos como Agostinho, o pseudo-Dionísio, João Scoto Erígena e Tomás de Aquino.

Interpretando e Adaptando Idéias de Platão. O *Um* de Platão, ou seja, o princípio da unidade, nas formas ou idéias mais elevadas (como aquelas da bondade, da beleza e da justiça), acabou equivalente a único Deus transcendental. Esse Deus transcendental relacionar-se-ia com o mundo mediante uma série de intermediários, os quais derivar-se-iam do Um através do princípio da *emanação* (vide). Isso posto, a realidade seria uma espécie de série gradativa de seres que, partindo do Um imaterial terminaria na matéria. O homem participaria, até certo grau, do divino, embora esteja preso à matéria. Mas, dotado dessa centelha de divindade, o homem tem um pendor natural pelo divino, e, mediante a iluminação, ascende ao Um e acaba por experimentar unidade com o mesmo. A salvação consistiria na libertação do homem da matéria e em sua união final com Deus.

Plotino expôs seus pensamentos em sua obra, *Eneida*, que, no grego, dá a entender nove capítulos. O Um, a deidade, o Bem Absoluto, a Fonte de tudo, transcende à percepção dos sentidos humanos e dos

seus pensamentos; mas podemos encontrá-lo mediante as experiências místicas. —Deus desceria até o homem por meio das emanações. A primeira dessas emanações seria a *Nous*, isto é, a Mente ou Espírito, que se irradiaria do centro de emanação. Essa Nous seria a mente suprema do universo, o mundo das idéias, formas ou universais (vide). Todas as coisas que existem emanariam dessa Nous ou mente suprema (o mundo das idéias, concebido por Platão). Naturalmente, tudo participaria da Nous e nela teria seu ser e realidade. E, se chamarmos a Nous de *Logos*, então teremos chegado à maneira cristã de compreender as idéias de Plotino. Esse é o princípio que governaria toda forma de vida e todos os processos, desde os mais elevados até os mais inferiores. É a Vida de toda vida; é a fonte de onde emanam todas as almas, e onde elas encontram seu ser e sua existência. Ela emana e perfaz o mundo concreto que conhecemos através da percepção de nossos sentidos. A matéria, considerada por si mesma, é irreal. Ela é apenas uma espécie de epifenômeno do real. A matéria é o limite e a barreira contra a qual a Alma que emana se estilhaça em grande multiplicidade e diferenciações. A alma seria anfíbia, podendo viver para baixo, nos mundos inferiores da matéria, antes de, finalmente, tornar-se material; ou, então, pode viver para cima, retornando à sua Fonte originária. As emanações processam-se de cima para baixo, mas a restauração conduz à Fonte, ao Absoluto, à deidade. A alma humana é apanhada pela materialidade e se perde no emaranhado da individualização. Porém, lá no seu mais interior, a alma anela pela unidade perdida. A alma nada chega a conhecer através da percepção dos sentidos, embora chegue a conhecer certas coisas por meio da razão e da intuição. A vereda mais curta e melhor do conhecimento é aquela das experiências místicas, de acordo com a qual a alma pode recuperar, pelo menos até certo ponto, a sua unidade perdida, levando-a a desejar ainda mais dessa unidade. O processo da salvação ou restauração começaria pela rejeição do que é mundano e material. Primeiramente, a alma busca obter a unidade com a Nous. Dali ela retorna à Fonte originária. Mas esse último alvo só pode ser atingido através de um imenso salto de experiências místicas extáticas, e mesmo assim só depois que a alma conseguiu libertar-se do corpo físico.

Muitas reencarnações supririam o teatro de ações onde os homens debatem-se. Pode-se dizer, pois, que Plotino foi o pai do misticismo ocidental, calcado em muito sobre idéias orientais. Mas, visto que Plotino tanto se estribava em Platão, talvez seja correto dizer que Platão é que foi o verdadeiro pai do misticismo ocidental. Seja como for, foi imensa a influência de Plotino sobre antigos pensadores cristãos, como Agostinho e Dionísio; e os seus pensamentos, através dessas figuras cristãs, acabaram penetrando na corrente principal do pensamento cristão. Porfírio (vide), cujas datas foram 232—304 D.C., foi discípulo e biógrafo de Plotino. Outros membros dessa mesma escola foram Jamblico, o sírio (falecido em 330 D.C.) e Proclo (441-485 D.C.), o mais ilustre dos herdeiros filosóficos de Plotino.

II. Esboço Histórico; o Processo e as Crenças

O neoplatonismo, primariamente metafísico, dando ênfase teológica que favorece o misticismo, começou como uma síntese do pitagoreanismo, do platonismo, do aristotelianismo e do estoicismo (oferecemos artigos separados sobre cada uma dessas posições filosóficas). O neoplatonismo adotou elementos judaicos e das religiões orientais em seu sistema; e, através de alguns dos primeiros dos chamados pais da Igreja, entrou na corrente principal do pensamento cristão. Seu auge ocorreu entre os anos 200 e 550 D.C., quando era a principal filosofia do paganismo clássico.

Estágios de seu Desenvolvimento:

1. *Preparação*. Do século I A.C. ao século V D.C. suas idéias estiveram presentes, de várias maneiras, nos escritos de Platão, de Aristóteles, do estoicismo e de outras antigas filosofias. Porém, antes mesmo disso, devemos levar em conta as religiões misteriosas, especialmente os mistérios órficos, que tanto influenciaram Platão. Vários elementos desses mistérios terminaram por fazer parte do neoplatonismo.

Ainda dentro desse estágio preparatório, não podemos esquecer *Espeusipo*, que sucedeu a Plotino como chefe da academia. Ele tinha uma doutrina de um processo divino que chegaria até o Bem (o mais elevado dos universais). Também devemos lembrar *Xenócrates*, o sucessor de Espeusipo, que identificava Deus com a Unidade primária. Ou o *pitagoreanismo*, que contava com elementos que vieram a fazer parte desse desenvolvimento. Para exemplificar: a finalidade da vida consiste em obter relacionamento com o Ser divino; a salvação processa-se mediante a transmigração das almas; o indivíduo deve estar interessado em escapar da materialidade, a fim de ser absorvido pela espiritualidade. Finalmente, devemos pensar em *Filo Judeu*, que foi influenciado por Aristóteles, mas, acima de tudo, por Platão. O pensamento de Filo, no século I D.C., antecipou o neoplatonismo de várias maneiras, incluindo noções como: um Deus totalmente transcendental; uma hierarquia de níveis de existência entre Deus e o mundo; a subida da alma através desses níveis; a final absorção da alma pelo divino. *Numênio de Apaméia* criou um sistema muito parecido com o neoplatônico, ao ponto de alguns referirem-se a ele como o fundador do neoplatonismo, e não Plotino ou Amônio Saccas. *Orígenes* (185-254 D.C.) foi um pai neoplatônico da Igreja, cujos escritos exerceram enorme influência sobre a teologia cristã.

2. *Amônio Saccas* (faleceu em cerca de 242 D.C.) pode ser considerado o fundador formal do neoplatonismo. Seu principal discípulo, Plotino (ver acima), foi o primeiro expositor sistemático dessa filosofia. Seus escritos, destacando-se as Eneidas, proveram ao movimento o seu compêndio. Esse livro foi o mais completo manual de princípios filosóficos a existir desde Aristóteles (384-322 A.C.) até Tomás de Aquino (1225-1274 D.C.). Porfírio, por sua vez, foi o mais brilhante dos discípulos de Plotino. Suas datas foram, aproximadamente, 232-304 D.C. É possível que Orígenes tenha estudado com Amônio Saccas.

3. *Plotino* (205-270 D.C.), talvez na opinião da maioria dos estudiosos, é considerado o pai do neoplatonismo, principalmente porque seus escritos serviram de guia e ponto de referência para o sistema. Damos suas idéias essenciais na seção I; e também oferecemos um artigo separado sobre ele e sobre todos os nomes a que nos temos reportado até este ponto. Plotino concebia três grandes níveis de ser: o *Um;* a *Nous*; e a *Mente Suprema*, da qual todas as coisas teriam emanado.

4. *Amélio, Porfírio* e *Jamblico* são outros vultos do neoplatonismo. Eles apenas repetiam as idéias de seu mestre. Jamblico adicionou alguma elaboração de sua lavra. Seu discípulo, Edésio, fundou uma escola em Pérgamo, que propagava essa doutrina filosófica. O século IV D.C. foi um tempo de propagação dessas idéias, e Jamblico foi um dos seus maiores propagandistas. Ele introduziu elementos mágicos e teosóficos no sistema. *Salústio* (que floresceu em

torno de 363 D.C.) foi um escritor sistemático que propagou essa filosofia. *Teodósio Macróbio* (floresceu em torno de 400 D.C.) escreveu um comentário sobre a obra de Cícero, *Somnium Scipionis*, onde incorporou elementos do neoplatonismo. E isso, por sua vez, influenciou os escolásticos medievais.

5. A *escola de Atenas* foi uma entidade neoplatônica que floresceu entre 380 e 529 D.C. Ali procurava-se combinar as idéias de Platão, de Aristóteles e do estoicismo a fim de formar um único sistema filosófico. Plutarco de Atenas, Proclo, Damáscio, Siriano e Simplício foram os principais filósofos dessa escola. Ela era hóstil ao cristianismo, e foi fechada pelo imperador Justino, em 529 D.C.

6. A *escola Alexandrina* (entre 430 D.C. e a conquista maometana de Alexandria, em 642 D.C.) mostrou-se influente, dentro e fora do cristianismo. Contou com vários representantes cristãos. *Hiérocles*, *Hermias*, *Amônio*, *Asclépio* e *Olimpiodoro* (ver os artigos a respeito deles), foram nomes importantes dessa escola.

7. Os *neoplatonistas latinos* (relacionados a Roma) foram Macróbio (500 D.C.), Mário Vitorino (século IV D.C.), e Boécio (480-525 D.C.), um cristão latino que procurou sintetizar o pensamento cristão com a filosofia grega.

8. A *escola de Bagdá*. A começar pelo ano de 832 D.C., várias obras básicas da filosofia grega foram traduzidas para o árabe. Partes da obra de Proclo, e seis porções das *Eneidas* de Plotino, foram assim traduzidas. A primeira dessas partes tornou-se conhecida como *Liber de Causis*, e a segunda como *Teologia de Aristóteles*. Ambas as obras circulavam como obras de Aristóteles, embora ambas fossem expressões do neoplatonismo. Filósofos islamitas, como Al-Kindi, Al-Farabi, Avicena, Avicebron e Averróis foram influenciados por esse material.

9. *Erígena* (810-877) foi muito influenciado por essa filosofia.

10. *Meister Eckhart*. Seu sistema místico ficou muito endividado ao neoplatonismo.

11. *Paracelso*, do século XVI, muito devia a essa filosofia.

12. *Os platonistas de Cambridge* (século XVII) enfocaram sua atenção sobre os escritos de Platão, Proclo e Plotino. Cudworth e Henry More foram expoentes dessa escola.

13. *Hegel* e *Shelling*, do século XIX, também mostraram sofrer influência do neoplatonismo.

NEOTOMISMO

Ver sobre **Tomismo** e **Neo-Escolasticismo**. O neotomismo é considerado um ramo do neo-escolasticismo, o qual, mais especificamente, enfatiza a filosofia de Tomás de Aquino.

NER

No hebraico, «luz», «lâmpada». Esse era o nome de um homem benjamita, pai de Quis e de Abner, e, portanto, avô do rei Saul (I Sam. 14:50; 26:5; II Sam. 2:8; I Crô. 8:33). Ele viveu em torno de 1100 A.C. A aparente contradição envolvida no fato de que, em I Crô. 9:36, Quis e Ner são chamados filhos de Jeiel, pode ser resolvida mediante a suposição de que existia um outro homem com o mesmo nome de Quis, e que foi o avô de Ner. Têm sido propostas várias outras explicações ou emendas. Hiatos nas genealogias e nomes similares sempre foram causa de consternação para os harmonistas a qualquer preço, que ficam horrorizados diante de aparentes contradições no texto bíblico.

O trecho de I Sam. 14:50 complica ainda mais a questão, ao chamar Ner de tio de Saul. Josefo (*Anti.* 6:6,6) fornece-nos a explicação que é seguida por alguns eruditos. Diz ele: «...o comandante do exército dele (de Saul)... era Abner, o filho de seu tio. Esse tio chamava-se Ner; e Ner e Quis, o pai de Saul, eram irmãos, filhos de Abelios». Na verdade, porém, não existem informações suficientes para a questão ser definitivamente resolvida; e nem ela é importante. Existe sempre a possibilidade de algum erro primitivo nos textos envolvidos, o que é capaz de causar confusões dessa natureza.

NEREIDAS

No grego, **nereides**, nome derivado de **Nereus**, figura lendária, filho de Oceano e de Tétis. As nereidas eram ninfas do mar, em contraste com as *naiadas*, que seriam ninfas das fontes de águas. As mais famosas nereidas eram *Tétis*, a mãe de Aquiles, e *Anfitrite*, esposa de Poseidon, e *Galatéia*.

NEREU

Crente de Roma (ou da Ásia Menor) saudado por Paulo, sobre quem nada sabemos. Nem a tradição inventou coisa alguma sobre ele. Ver Rom. 16:15 no **NTI** onde ofereço alguns poucos detalhes.

NERGAL

No hebraico **neregal**. Uma divindade pagã a quem os antigos sumérios davam o nome de *U-gur*. Entre os babilônios e assírios era conhecido como *Ne-iri-gal*, «Senhor da grande morada». Originariamente, era uma divindade solar. Desde os tempos de Hamurabi passou a ser identificada com Irra, um deus da peste, venerado em Cuta (moderno Tell-Ibrahim, a nordeste da antiga cidade de Babilônia). Várias outras atribuições lhe foram sendo dadas, com a passagem do tempo. Assim, ele passou a ser concebido como o deus das regiões infernais, juntamente com sua esposa, Eresquigal. Foi assumindo ares cada vez mais sinistros, além daqueles de que já se falou, como seja, o deus da guerra, das inundações, das destruições caóticas. Por isso mesmo, com o tempo, passou a ser identificado com *Marte*, o deus da guerra (vide), e, naturalmente, com esse planeta.

Em cidades como Larsa, Isim e Assur havia santuários dedicados a essa divindade. De acordo com o trecho de II Reis 17:30, única passagem da Bíblia onde há menção a Nergal, foram colonos assírios que introduziram esse culto no território do antigo reino do norte, Israel, após o cativeiro assírio. Assim, colonos de Cuta continuaram a adorá-lo, exilados em Samaria. Mas, embora Nergal também fosse considerado um deus da caça, aqueles colonos temeram aos leões que o Senhor enviara contra eles, não sabendo como controlá-los (ver II Reis 17:26). Daí foi sentida a necessidade de que se ensinasse aos exilados em Samaria como se deveria adorar e servir ao «Deus da terra» (Yahweh). E foi dessa maneira que surgiu a seita samaritana, um misto de judaísmo com paganismo.

O nome Nergal aparece freqüentemente em nomes pessoais, como o elemento divino dos mesmos. Nas páginas da Bíblia temos um desses casos, o de *Nergal-Sarezer* (vide).

NERGAL-SAREZER

Temos aí a transliteração do nome hebraico equivalente ao nome babilônico *Nergal-sar-usur*, que significa «ó Nergal, protege o rei». A forma grega desse nome é *Neriglissar*. Nergal era uma das

principais divindades da Babilônia. Ver o artigo intitulado *Deuses Falsos*. Esse foi o nome de dois príncipes mencionados na Bíblia, um assírio e o outro babilônio.

1. *O Nergal-Sarezer Assírio*. Ver II Reis 19:37 e Isa. 37:38 (onde ele é chamado Sarezer). Ele e um seu irmão, Adrameleque, assassinaram a seu próprio pai, Senaqueribe. O nome Sarezer é a última parte da forma mais extensa do nome, usada como abreviação. Abidemo grafa seu nome como *Nergilos*, preservando assim a primeira parte do nome completo. Os assírios, em suas crônicas históricas, também preservaram uma versão mais breve desse assassinato, onde não aparecem os nomes dos parricidas, e onde somente um filho de Senaqueribe aparece como culpado, talvez referindo-se àquele que realmente praticou o crime; ou então, por alguma razão desconhecida, a narrativa varia ali, ou foi abreviada.

2. *O Nergal-Sarezer Babilônico*. Esse foi um príncipe babilônio, um dos oficiais do exército de Nabucodonosor (Jer. 39:3,13). A forma grega de seu nome era *Neriglissar*. Ele se casou com uma das filhas de Nabucodonosor. Assassinou a seu cunhado, Evil-Merodaque, e assenhoreou-se do trono, tendo governado entre 560 e 556 A.C.

Alguns eruditos, entretanto, pensam que o trecho de Jer. 39:3 contém dois homens com o mesmo nome: Nergal-Sarezer (segundo se vê em nossa versão portuguesa, além de outras). Nesse caso, o que tinha o título de «Rabe-Mague» (o segundo deles, por ordem de menção), talvez ocupasse uma patente inferior, e não chegou a ser um rei da Babilônia. O título «Rabe-Mague» parece significar «chefe dos *mahhu*», ou seja, «chefe dos oficiais». Porém, outros estudiosos pensam no hebraico, *rab mungu*, um título dado a altos oficiais babilônicos, embora seja desconhecido o seu significado. E, se pensarmos no caldaico *rabu emga*, como a raiz daquele título, então o seu sentido será «nobre e sábio», parecendo ser um título honorífico conferido a oficiais seculares (não-sacerdotais) da Babilônia.

NERI

Esse era o nome de um filho de Melqui, e pai de Salatiel, que aparece na genealogia do Senhor Jesus Cristo, em Luc. 3:27,28. Mui provavelmente. esse nome é abreviação de Nerias, que significa *Yah é luz*. O homem que figura no Antigo Testamento, com esse nome (ver Jer. 32:14; 36:4; 51:59) é considerado por muitos estudiosos como o mesmo Neri do texto lucano.

NERIAS

No hebraico, «Yah é luz», ou mesmo «lâmpada de Yahweh». Ele era filho de Maaséias e pai de Baruque, que atuava como amanuense do profeta Jeremias (ver Jer. 32:12,16; 36:4,8,14,32; 43:3,6; 45:1; 51:59). Nerias viveu em cerca de 620 A.C., e pode ter sido o mesmo Neri de Luc. 3:27, um dos antepassados de Jesus, o Cristo.

NERO

Seu nome original era **Lucius Domitus Ahenobarbus**. Mais tarde em vida, o seu nome foi mudado para Nero Claudius Caesar Drusus Germanicus. Nero foi o quinto imperador romano, o César da época do encarceramento de Paulo. Reinou de 54 a 68 D.C. Ver o artigo geral sobre *César*.

Esboço dos Eventos da Vida de Nero:

O descortinamento dos principais acontecimentos da vida de Nero é, praticamente, a mesma coisa que preparar uma relação de suas atrocidades.

1. Lucius Ahenobarbus nasceu em Antium, na Itália, provavelmente a 15 de dezembro de 37 D.C. Era filho de Gneius Domitius Ahenobarbus e Agripina, esta irmã de Calígula.

2. Quando ele estava com doze anos de idade, sua mãe casou-se com o seu próprio tio, o imperador Cláudio. Quatro anos mais tarde, Cláudio deu a mão de Otávia, sua filha, a Lucius Ahenobarbus. Foi nessa ocasião que também o adotou formalmente como filho, e lhe mudou o nome. E foi assim que Nero se tornou forte candidato à sucessão ao trono romano.

Poderíamos meditar nas razões dos povos latinos darem às pessoas nomes tão longos. Isso pode ser contrastado com o costume dos hebreus, de darem às pessoas apenas um nome. E, ocasionalmente, para efeito de distinção, eles adicionavam algo como «filho de», ou, então, davam o nome da localidade onde aquela pessoa havia nascido.

3. Nero sucedeu a Cláudio, no trono do império romano, em 54 D.C., com a ajuda criminosa de sua mãe Agripina, que mandou envenenar o próprio tio e marido, a fim de garantir o trono para Nero. Tendo sido pupilo do famoso *Sêneca* (vide), ele foi favoravelmente acolhido pelos romanos como o novo imperador. E chegou mesmo a ser popular, enquanto o lado mais negro de seu caráter ainda jazia oculto. De fato, até seu nome, Nero («negro») poderia ser considerado um mau presságio para o futuro. É verdade que sua vida foi extremamente licenciosa, durante seus primeiros anos de governo; mas ele exercia clemência e justiça, nessa primeira fase como imperador.

4. Não se sabe por que houve uma mudança tão radical em seu caráter e em suas ações. Mas essa transformação para pior foi tão drástica que sugere que ele foi afetado por alguma forma de insanidade. Daí por diante, as atrocidades de Nero se foram tornando proverbiais, e ele se tornou cada vez mais repulsivo.

5. Nero consolidou sua posição no trono, mandando matar a Britânico, filho e herdeiro de Cláudio.

6. No ano de 59 D.C., conseguiu do senado uma ordem para executar à sua própria mãe, Agripina, a fim de agradar à amante dele, Popéia, que era esposa de Oto. Não muito depois, Nero casou-se com essa mulher, tendo-se divorciado de sua esposa, Otávia. Enquanto isso, mediante intrigas na corte, várias cabeças romanas rolaram, aguçando ainda mais o gosto dele por sangue.

7. Em 64 D.C., Nero deliciou-se contemplando o incêndio da cidade de Roma. Os historiadores suspeitam, com muito boas razões, que ele mesmo mandara tocar fogo na cidade. E, enquanto contemplava as chamas, como um incendiário louco, ele tocava a lira e compunha versos, que falavam sobre a destruição da cidade de Tróia. A lenda que diz que ele tocou um violino, nessa ocasião, não está baseada em fatos, pois o violino ainda não havia sido inventado. O que é certo é que ele lançou a culpa pelo incêndio sobre os cristãos de Roma. E isso serviu-lhe de pretexto para iniciar a perseguição e a matança dos cristãos. Embora alguns estudiosos duvidem da autenticidade do relato, outros consideram-no o primeiro dos imperadores romanos a perseguir aos cristãos. Essas perseguições imperiais, embora intermitentes, continuaram pelo espaço de nada menos de três séculos e meio, até à época de *Constantino* (vide).

8. Quando Popéia, sua nova esposa, estava grávida, Nero matou-a com um pontapé no ventre. Aliás, de

vez em quando algum monarca ficou repetindo o gesto violento daquele tresloucado. Infelizmente, nosso primeiro imperador, em um momento de fúria, matou sua própria esposa com um chute no ventre.

9. Nero então pretendeu casar-se com Antônia, sua própria irmã adotiva. E quando ela se recusou ao incesto, ele mandou matá-la.

10. Então Nero casou-se com Estatília Messalina, cujo marido, Vestino, Nero mandara matar. A razão do assassinato é que Vestino ousara casar-se com Messalina depois que ele (Nero) tivera relações sexuais com ela, antes do casamento dela com Vestino.

11. Morreram muitas figuras romanas, por perseguições políticas ou por pura mania de suspeitas de Nero. O jurista Longino foi exilado, e muitos cidadãos romanos virtuosos e inocentes foram sacrificados.

12. Foi Nero quem promoveu a brutal diversão dos circos de gladiadores, em Roma. Ninguém apreciava mais o espetáculo do que o próprio Nero. Daí por diante foi mister os sucessivos imperadores romanos aplacarem os desocupados famintos de Roma com o proverbial «pão e circo» gratuitos. É evidente que um costume selvagem desses só embrutecia cada vez mais a população. Alguns dos imperadores romanos depois de Nero especializaram-se em apresentar espetáculos de circo cada vez mais sangrentos, conforme qualquer leitor da história de Roma sabe.

13. Nero foi à Grécia participar dos jogos Olímpicos. Ali, exibiu sua habilidade como músico e cocheiro de biga. Os prêmios que ali obteve, e que ele mostrava com tanta ostentação daí por diante, ao que tudo indica foram merecidos.

14. Houve tentativas de conspiração contra Nero, que muito o chocaram, fazendo-o reagir violentamente. Uma insurreição irrompeu na Gália. Cada vez mais acuado, Nero mandou executar, entre vários outros, a seu próprio preceptor, Sêneca. Porém, cada vez menos ele tinha apoio, ao ponto da guarda pretoriana abandoná-lo. Então o senado condenou-o à morte, e ele acabou suicidando-se, quando ouviu que cavalarianos aproximavam-se a fim de levá-lo à execução decretada pelo senado, que também já havia aclamado Galba como o novo imperador. Ferindo-se na garganta com uma espada, ele exclamou suas últimas palavras: «Que grande artista o mundo vai perder!» O senado declarou-o *inimigo público!*

15. Foi ainda durante o seu reinado que teve início o conflito entre os judeus e os romanos. Nero suicidou-se dois anos antes dessa guerra terminar. E foi Tito, que chegaria mais tarde a ser imperador romano, quem destruiu a cidade de Jerusalém, no ano 70 D.C.

O imperador Nero, «...para César...» Atos 25:4. O *César* do tempo do aprisionamento do apóstolo Paulo era Nero, que foi imperador de 54 a 68 D.C. (Ver sobre *César*, onde há informações gerais a respeito).

Nero era o trineto de Augusto, por meio de sua mãe. Fora adotado por Cláudio, o imperador anterior, como seu herdeiro. Nero era filho de uma distinta família da antiga aristocracia romana, os *Domitti*. Foi o último «César» por hereditariedade, porquanto os imperadores que houve depois de Nero não eram membros dessa família. «César» era o sobrenome de Júlio César. E mais tarde esse nome foi aplicado como título aos outros membros dessa família que governou o gigantesco império romano, título esse que também foi adotado pelos subseqüentes imperadores romanos, ainda que não pertencessem a essa dinastia.

Nero fez chegar ao ponto final a hegemonia de sua família devido às suas inúmeras atrocidades, que destruíram o prestígio da família. Ele mesmo terminou por suicidar-se, em 68 D.C., por causa das revoltas que estouraram em Roma, por sua causa. Após a sua morte prematura, surgiram lendas em várias localidades a seu respeito, incluindo a idéia de diversas reencarnações. Alguns cristãos primitivos emitiram a opinião de que o futuro *anticristo* seria uma reencarnação de Nero, idéia essa que tem reaparecido nos tempos mais recentes, como nos escritos de um escritor como William R. Newell, autor de vários comentários sobre livros canônicos do Antigo e do Novo Testamentos. (Outros, porém, têm pensado que o anticristo será uma reencarnação de *Judas Iscariotes*, suposição essa que tem sido apoiada por uma autoridade não menor que a do Dr. M.R. Dehaan).

As conexões do imperador Nero ao cristianismo são as seguintes:

1. Nero foi o *César* para quem o apóstolo Paulo apelou, e cuja autoridade, juntamente com outros governantes terrenos, o apóstolo havia apoiado (ver o décimo terceiro capítulo da epístola aos Romanos). Há uma trágica ironia na declaração de Paulo, em Rom. 13:4 «...não é sem motivo que ela traz a espada...», porque foi exatamente essa a espada que decapitou ao apóstolo, além de ter morto a tantos vultos ilustres do cristianismo, tanto na cidade de Roma como por tantos outros lugares do império romano, antes que a loucura de Nero fosse impedida de continuar, com o seu suicídio.

2. Todos sabem que Nero foi o imperador que governava o império, em 64 D.C., quando grande parte da cidade de Roma foi destruída por um incêndio. Nessa ocasião, a fim de afastar as suspeitas populares de sua pessoa, como provocador da catástrofe, que ele realmente iniciara com a finalidade exclusiva de divertir-se, lançou a culpa sobre os cristãos. Nero ordenou aprisionamentos em massa, e muitos cristãos foram queimados vivos em público. (Ver Tácito, *Anais* xv.44). Por essa altura dos acontecimentos, os cristãos já eram perfeitamente distinguidos dos judeus, e foram os cristãos os que mais sofreram. Tácito mostra claramente que as acusações contra os cristãos foram fabricadas, ainda que ele também tivesse as suas suspeitas sobre os princípios morais dos cristãos, porquanto todas as formas de acusações tinham sido lançadas contra eles. A esposa de Nero, Popéia, era favorável aos judeus, e isso talvez explique alguns horrores que os cristãos tiveram de sofrer durante o reinado de Nero. Suetônio também menciona as perseguições movidas contra os cristãos, aludindo também à questão de sua moral envilecida, segundo se dizia. (Ver *Nero* xvi.2). A primeira epístola de Pedro reflete a agonia dos cristãos durante esse tempo.

3. Nos últimos anos do reinado de Nero, seus comandantes militares que estavam na Palestina estavam atarefados na guerra contra os judeus, a qual, finalmente, terminou com a generalizada destruição de Jerusalém e a matança do povo israelita, hecatombe essa que culminou no ano 70 D.C., já nos tempos do reinado de Vespasiano, sob as ordens do general Tito, filho de Vespasiano, que mais tarde se tornou imperador. Todavia, não parece que Nero tomou parte muito ativa nessas campanhas contra os judeus. Esse acontecimento—a destruição de Jerusalém, e, naturalmente, de seu templo—separou, como nada poderia ter feito igual, a Igreja cristã do judaísmo, porquanto então desaparecera o templo, o símbolo e fulcro da fé judaica.

Ver sobre **César**, que inclui informações sobre **Nero**.

NESTOR (NESTORIANISMO)

Nestor foi patriarca de Constantinopla entre 428 e 431 D.C. Seu propósito era banir as heresias da área sob seu controle. Mas ele mesmo achou-se em dificuldades ao apresentar o que a outros parecia ser uma duvidosa *cristologia* (vide). Em primeiro lugar, ele objetava aos excessos que tinham surgido com base na expressão grega *theótokos*, «mãe de Deus», aplicada à Virgem Maria. Em segundo lugar, ele procurou modificar a cristologia hipostática da escola alexandrina. Em lugar de «mãe de Deus», ele preferia «mãe de Cristo» (*christótokos*). Mas isso só ofendeu a piedade contemporânea. E, em terceiro lugar, em vez da união hipostática das naturezas divina e humana na pessoa de Cristo Jesus, ele propôs uma nova expressão, «união prosópica». Esta última palavra vem de *prósopon*, palavra grega que significa «face». Ele expunha a questão como segue: «A humanidade estava na face da deidade, e, a deidade na face da humanidade». Mas, para outros líderes eclesiásticos, isso parecia sugerir, antes de tudo, que Jesus, como homem, não podia ser adorado (pois «mãe de Deus» era idéia eliminada); e, além disso, parecia que aquela fórmula não indicava uma autêntica unidade da natureza divina com a humana, na pessoa de Cristo, porque tal união incluía somente a questão de vontades harmônicas.

Nestor foi vigorosamente atacado por Cirilo, patriarca de Alexandria, o qual acusou aquele de ensinar uma dupla personalidade em Cristo. Foi essa caracterização da doutrina de Nestor, apresentada por Cirilo, que foi condenada pelo Terceiro Concílio de Éfeso (431 D.C.). Como resultado, Nestor foi deposto, e foi sendo expulso de um lugar para outro, à boa maneira «cristã». E ele terminou morrendo na obscuridade, em 440 D.C. Entretanto, a controvérsia não morreu juntamente com ele; mas prosseguiu por mais dois séculos, devido à insistência de discípulos de Nestor, que continuavam frisando o que ele enfatizara. Ver sobre os *Nestorianos*.

Não se tem certeza sobre o que Nestor estava procurando ensinar. Os seus contemporâneos, ao que parece, não sabiam exatamente o que ele tencionava dizer com sua «união prosópica», em contraste com a união hipostática. Esta última expressão indicava a união das naturezas divina e humana, na única pessoa (*upóstasis*) de Cristo. Ela foi usada como sinônimo de *ousía*, «substância», «essência», quando foi criada. Mais tarde, passou a indicar a substância divina dos modos pessoais da Trindade. Isso posto, cada membro da Trindade veio a ser considerado uma *hipóstase*, uma eterna distinção dentro da unidade divina. A unidade hipostática, pois, afirma que as naturezas divina e humana de Jesus Cristo, embora distintas, ficaram inseparavelmente unidas em sua pessoa. Na realidade, teríamos de falar pessoalmente com Nestor para sabermos com certeza por que razão ele queria modificar esse conceito. Talvez, conforme alguns afirmam, ele quisesse mesmo dizer que essa unidade se dava no âmbito das vontades—a divina e a humana—sem que houvesse qualquer união genuína da natureza divina com a natureza humana, na pessoa de Jesus Cristo.

NESTORIANOS

Ver sobre **Nestor (Nestorianos)**. Essa seita, cujo santo e herói foi Nestor, prosseguiu ainda durante dois séculos após a sua morte. Manteve uma saudável existência, especialmente na Pérsia, e dispunha de um ativo movimento missionário, que fez ir aumentando continuamente o número dos seus adeptos. Os nestorianos levaram o evangelho à Arábia, à Índia, ao Turquestão e à China. Os seguidores de Nestor organizaram a sua própria denominação e se refugiaram na Síria, devido às perseguições promovidas pela Igreja Ortodoxa na Pérsia, na Mesopotâmia e na Arábia. Eles adotaram o título de cristãos caldeus. Por ocasião do concílio de Selêucia (498 D.C.), a igreja persa aceitou claramente a cristologia nestoriana, em contraste com a posição da Igreja Católica. Centros nestorianos em Antioquia, Edessa e Nísibis tornaram-se lugares de erudição teológica, de conhecimentos médicos e filosóficos; e muitos elementos nestorianos tornaram-se figuras de proa em muitas ocupações, incluindo altos postos governamentais.

Os islamitas tratavam os nestorianos com tolerância, talvez anelando promover a divisão nas fileiras cristãs; ou, então, simplesmente eram mais tolerantes para com os nestorianos do que os seus irmãos cristãos!

O nestorianismo atingiu sua expressão culminante no século XIII, quando dispunha de vinte e cinco arcebispos e de cerca de duzentos bispos. Isso posto, a Igreja Nestoriana tornou-se uma importante rival de Roma. Porém, por ocasião da queda de Bagdá, em 1258, modificou-se a boa sorte política, e o nestorianismo viu-se seriamente perturbado. E, então, no século XIV, Tamerlão virtualmente destruiu o nestorianismo, de tal modo que somente um pequeno remanescente foi capaz de sobreviver nas montanhas do Curdistão.

Nos séculos XII e XIII foram feitas tentativas para trazer de volta o nestorianismo ao redil da Igreja Católica, nos pontificados de Alexandre III, Inocente IV e Nicolau IV. Daí emergiu a Igreja Nestoriana Unida, que reconhecia o primado de Roma, mas continuou a usar a liturgia grega e a adotar o casamento dos membros de seu clero. Atualmente chamam-se Caldeus Uniatos. A Igreja Nestoriana Não-Unida, na Mesopotâmia, na Pérsia e na Síria celebra os sacramentos do batismo e da Ceia do Senhor, mas não ensina a transubstanciação. Na Índia, os nestorianos são conhecidos como cristãos de São Tomé, o que envolve a antiga tradição de que o apóstolo Tomé evangelizou a Índia. Cerca de metade do número deles reconhece o primado da sé romana.

Os nestorianos ortodoxos puseram-se ao lado dos aliados, contra os turcos, em 1914 durante a Primeira Grande Guerra. Mas, nos anos que se seguiram aos tratados de Sevres (1920) e Lausanne (1923), os interesses deles foram declinando severamente, ao ponto de atualmente estarem quase extintos.

NETAIM

No hebraico, «plantações». Nome de uma localidade, aparentemente nas terras baixas de Judá, onde viviam alguns oleiros que trabalhavam para o rei (I Crô. 4:23).

NETANIAS

No hebraico, «Yahweh concede», ou «dom de Yahweh». Nome de quatro personagens do Antigo Testamento:

1. Um filho de Elisama, pai de Ismael. Ele assassinou a Gadalias (II Reis 25:23,25; Jer. 40:8,14,15; 41:1 *ss*). Pertencia à família real de Judá, e viveu em torno de 586 A.C. Gedalias fora feito governador do remanescente de Judá, por Nabucodonosor, que havia conquistado o território e exilado seus habitantes. A família real exilada vingou-se daqueles que permaneceram, que tinham dado

ouvidos a Jeremias, ao qual consideravam traidor, porquanto falara sobre a inevitabilidade da conquista de Judá pelos babilônios.

2. Um dos quatro filhos de Asafe, que foi um músico religioso (I Crô. 25:2). Ele era o cabeça da quinta divisão dos músicos do templo. Viveu por volta de 961 A.C.

3. Um levita que foi enviado em companhia de vários príncipes a fim de ensinar a lei e o correto culto religioso ao povo, nas cidades de Judá, em cerca de 769 A.C. Seu nome é mencionado somente em II Crô. 17:8.

4. O pai de Jeudi. Este foi enviado pelos príncipes para pedir a Baruque que lesse para eles o rolo escrito com as profecias de Jeremias. Baruque era o amanuense de Jeremias (Jer. 36:14). Viveu em torno de 625 A.C.

NETI NETI

No sânscrito, «não isso, não isso». Essa expressão é usada nas Upanishadas Brhadaranyaka e por *Shankara* (vide), como a única definição apropriada de Brahman, o princípio da divindade. A expressão ensina que Deus é de natureza inteiramente diversa da nossa, não podendo ser descrito em termos antropomórficos, e, na verdade, nem em quaisquer outros termos.

NETINIM (SERVOS DO TEMPLO)

Esboço:

1. O Nome
2. Origem e Deveres do Netinim
3. Número e Posição Social dos Netinim

1. O Nome

No hebraico, «dedicados», com o sentido de «dedicados ao serviço no templo de Jerusalém». Josefo (*Anti.* 11:5,1) chamou-os de «escravos do templo». Eles trabalhavam sob a orientação dos levitas.

2. Origem e Deveres dos Netinim

Os levitas encarregaram os **gibeonitas** (vide) de trabalhos manuais pesados como carregar água e rachar madeira, etc. Esse relato aparece em Jos. 9:2-27, pelo que eles podem ser chamados de os primeiros *netinim*. Nos tempos do rei Davi esses trabalhadores aumentaram em seu nome, não estando mais restritos aos descendentes dos gibeonitas. E, então, surgiu, especificamente, a designação *netinim*, que ocorre por dezoito vezes nas páginas do Antigo Testamento; I Crô. 9:2; Esd. 2:43,58,70; 7:7,24; 8:17,20; Nee. 3:26,31; 7:46,60,73; 10:28; 11:3.21. O fato de que os *netinim* incluíam outros, além dos gibeonitas, foi causado, pelo menos em parte, pelo fato de que eles foram quase inteiramente massacrados em Nobe (ver I Sam. 22:1-19), e que aqueles que restaram eram em número insuficiente para as tarefas necessárias. Daí por diante, provavelmente foram incluídos nessa classe os prisioneiros de guerra e pessoas que, de outro modo qualquer, tinham sido reduzidos à servidão. Continuaram a ser chamados *netinim* (em nossa versão portuguesa, «servos do templo»; ver I Crô. 9:2; Esd. 2:43; 7:7; Nee. 7:46). Nenhuma lista de deveres é dada além daqueles que já foram mencionados; — mas podemos ter a certeza de que eles faziam coisas que ninguém queria fazer. Alguns deles voltaram a ocupar-se de seus deveres, sob o decreto de Ciro, tendo sido instalados nas cidades, juntamente com os levitas, preparados para tarefas manuais necessárias.

3. Número e Posição Social dos Netinim

Talvez os primeiros **netinim** ou servos do templo fossem levitas que foram dados para servir a Aarão quanto a tarefas no tabernáculo (ver Núm. 3:9; 8:19). Porém, isso ainda não envolvia escravidão. Quando os gibeonitas foram forçados a trabalhos pesados, aqueles levitas foram aliviados de serviços mais pesados. Os servos do templo eram sustentados mediante doações do povo, da mesma maneira que o eram os levitas. Não há dados estatísticos quanto ao número deles, senão depois do retorno da Babilônia, ao fim do exílio babilônico. Cerca de seiscentos deles voltaram com o remanescente de Judá, se incluirmos aqueles que regressaram à Terra Prometida em companhia de Zorobabel (Esd. 2:58; Nee. 7:69) em companhia de Esdras (Esd. 8:20) e sob a liderança de Zia e Gispa (Nee. 11:21). Alguns deles ficaram instalados em cidades levíticas, e outros ficaram servindo no templo de Jerusalém.

Tal como no caso de outros serviçais, a despeito de sua humilde condição, os servidores do templo estavam isentos de pagar impostos aos sátrapas persas (Esd. 7:24); eram sustentados com base no tesouro do templo; e ajustavam-se à fé judaica (Êxo. 12:48; Deu. 29:11; Jos. 9:21; Nee. 10:28). As condições sociais dos *netinim* eram tão baixas que ainda ficavam abaixo da condição dos *mamzerim*, os filhos ilegais, segundo se sabe pelos comentários na Mishna, *Kiddushin* (3:12; 4:1) e *Jebamoth* (2:4). Eles precisavam casar-se com pessoas de sua própria casta (reverberações do hinduísmo!). E quando se casavam, não eram dispensados do serviço militar, como sucedia a todos os outros israelitas. Se uma mulher tivesse uma criança e não pudesse provar quem era o pai, essa criança passava a ser classificada entre os *netinim*. Tais pessoas não podiam servir de juízes. Visto não haver referência a eles no tocante a uma casta, no livros apócrifos, nos livros do período intertestamentário e no Novo Testamento, muitos crêem que eles se misturaram por casamento com a população israelita em geral, e a classe desapareceu. Paulo escreve com um discernimento divino sobre o amor de Deus, ao dizer: «em Cristo... não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus» (Gál. 3:27,28).

NETOFA (NETOFATITAS)

No hebraico, «distilação», «gotejar». Nome de uma localidade do território de Judá, localizada perto de Belém. Era lugar ocupado desde tempos antigos. Dois dos heróicos guerreiros de Davi vieram desse lugar, Maarai e Heldai. Ver I Crô. 27:13,15. Ali também residiam levitas. Ver I Crô. 9:16. O trecho de Nee. 12:28 menciona especialistas em música como quem teve origem naquele lugar. O nome mesmo do lugar ocorre somente nas listas dos remanescentes de Judá que regressaram a Jerusalém, terminado o cativeiro babilônico (Esd. 2:22; Nee. 7:26; ver também, I Esdras 5:18). Na maioria das vezes, porém, é usado o adjetivo gentílico, «netofatitas». Os habitantes de Netofa e de Belém descendiam do patriarca Judá através de Perez, Hezrom (I Crô. 2:4,5), Calebe (vs. 9; onde é chamado Quelubai) e Salma (vss. 51,54).

Não se conhece o lugar exato de Netofa, hoje em dia; mas em Esd. 2:22 aparece como uma cidade localizada entre Belém e Anatote. Talvez ficasse no local da forteleza de Ramat Rahel, imediatamente ao sul de Jerusalém; ou então, em Khirbet Bedd Faluh, cerca de cinco quilômetros a suleste de Belém, onde aquele nome bíblico é preservado na fonte *'Ain en-Natuf*, que talvez ficasse perto da cidade.

NETUNO

Essa palavra vem do latim, **Neptunus**, talvez um nome derivado de outro termo latino, *nimbus*, «chuva». Esse era o nome de uma antiga divindade da água dos romanos, e que tem sido identificada com o deus *Poseidon* (vide), do panteão grego.

Em Roma, a festa que cercava esse deus chamava-se Neptunalia (celebrada a 23 de julho). Era considerado o deus do mar, marido de *Salácia*, a deusa da água salgada. A identificação com o Poseidon dos gregos começou em cerca de 399 A.C. Ele contava com um templo no Circo Flamínio. Posteriormente, — o rei Agripa mandou construir um templo e um pórtico em sua honra, no campo de Marte, em comemoração à sua vitória naval sobre Sexto Pompeu e Antônio.

NEUM

No hebraico, «consolado». Esse era o nome de um dos doze chefes da comunidade hebréia que retornou, em companhia de Zorobabel, terminado o cativeiro babilônico (ver Nee. 7:7), em cerca de 445 A.C. No trecho paralelo de I Esdras 5:8, seu nome aparece com as formas de *Reimus* ou *Reum*.

NEUROSE

Esse nome se dá a uma das principais classes de desordens mentais, aquelas que não envolvem lesões físicas, mas que, segundo os especialistas acreditam, devem-se a conflitos internos e tensões. O principal sintoma das neuroses é o estado de ansiedade. A questão assume tonalidades éticas quando o conflito interior é criado pela violação da própria consciência ou das crenças morais. Quase sempre, há a presença de alguma auto-ilusão nos neuróticos, ou como causa da condição, ou como a condição real, ou como ambas as coisas.

Sigmund Freud acreditava que o *ego*, sob pressão do *superego*, reprime impulsos instintivos inaceitáveis, e que a tensão assim criada manifesta-se sob a forma de várias ansiedades. Por outra parte, o que pode estar sendo reprimido é a consciência do indivíduo, e não desejos instintivos. E, então o conflito torna-se ético ou moral, em sua natureza.

Freud também pensava que os neuróticos podem ser aliviados de sua condição por meio do autoconhecimento e da demolição gradual do superego hostil, que impõe a eles demandas ilógicas, socialmente condicionadas. Entretanto, a neurose pode ser uma enfermidade da consciência, uma violação dos padrões que foram ensinados a uma pessoa, padrões esses aceitos como corretos, embora a pessoa possa racionalizar situações, procurando desvencilhar-se de suas próprias normas aceitas. As neuroses podem surgir porque forças morais interiores foram debilitadas e violadas. A psicoterapia é útil para definição dos problemas; mas, quando a psicoterapia segue linhas materialistas, recomenda soluções falsas, que envolvem a anulação da consciência, e não a correção da conduta, para que esta se harmonize com os padrões morais.

Os conselheiros biblicamente orientados prescrevem a mudança nas atitudes e na conduta. Quando tais conselhos são seguidos, os resultados podem ser dramáticos em termos de saúde mental, embora, com freqüência, isso envolva sacrifícios pessoais que muitos não estão dispostos a fazer. Não há razão na idéia de que as neuroses sempre têm um fundo pecaminoso; mas, nos casos de fundo pecaminoso, o aconselhamento pode ser útil, porquanto remove as auto-ilusões acerca do que é certo e do que é errado. E então fica ao encargo da pessoa afligida modificar a sua conduta, de modo a concordar com as suas próprias convicções morais. Se o paciente assim fizer, então poderá ser curado.

NEUSTA

No hebraico, «bronze», nome de uma filha de Elnatã, de Jerusalém. Ela tornou-se esposa de Jeoaquim, e mãe de Joaquim, ambos reis de Judá, este sucedendo àquele. Ver II Reis 24:8. Ela viveu em torno de 616 A.C. Foi deportada para a Babilônia, juntamente com outros cidadãos liderantes de Judá, como parte do cativeiro babilônico, em cerca de 597 A.C.

NEUSTÃ

Transliteração do termo hebraico que significa «de bronze», referindo-se à Serpente de Metal (vide), feita por Moisés. Ver II Reis 18:4. Essa serpente de metal foi despedaçada por Ezequias, rei de Judá, porque estava servindo de objeto idólatra para muitos judeus, embora não tivesse sido essa a finalidade pela qual fora feita (ver Núm. 21:9).

NEUTRALIDADE

O termo latino, **neuter**, «nenhum dos dois», é a raiz dessa palavra. Isso posto, a neutralidade é o estado de não ser nem uma coisa e nem outra. Trata-se da atitude que não toma partidos, que procura manter-se no meio de dois extremos, que percebe que certas coisas, moralmente falando, nem são boas e nem são más. Ser neutro pode significar mostrar-se indiferente diante de uma questão ou situação, recusar-se a dar importância a uma questão ou situação.

Há casos em que a neutralidade é demonstração de bom senso, de boa norma a ser seguida, como quando há uma luta de poder entre duas facções, motivada pelo espírito de partidarismo, que tenta fazer as pessoas defenderem um ou outro lado de alguma questão. Mas, em outros casos, a neutralidade pode ser criminosa ou imoral. Sartre asseverou: «Se Deus não existe, então tudo é mutável, tudo é permissível». A existência de Deus, porém, significa que existem questões morais diante das quais não podemos assumir neutralidade. A Bíblia é um compêndio que descreve aquelas coisas diante das quais não podemos ser indiferentes. Quando Moisés entregou a lei ao povo de Israel, como que disse: «Estas são as coisas sobre as quais não podeis manter neutralidade».

A última coisa sobre a qual um homem pode manter neutralidade é o seu próprio destino espiritual, juntamente com a missão que lhe cumpre realizar nesta vida. Não obstante, as pessoas descobrem toda variedade de desculpas para não enfrentar essa questão. Além disso, convém-nos considerar que existem valores morais finais e fixos, que só podemos debilitar ou modificar para nosso próprio detrimento. Há coisas que, realmente, são certas ou são erradas. As religiões e as filosofias, em suas considerações éticas, têm procurado definir essas coisas.

NEVE

Há um termo hebraico e um termo grego envolvidos neste verbete:

1. *Sheleq*, «neve». Essa palavra aparece por vinte vezes, como em Êxo. 4:6; Núm. 12:10; II Sam. 23:20;

II Reis 5:27; I Crô. 11:22; Jó. 6:16; 9:30; Sal. 51:7; Pro. 25:13; Isa. 1:18; 55:10; Jer. 18:14; Lam. 4:7.

2. *Chión*, «neve». Palavra grega que figura por duas vezes: Mat. 28:3 e Apo. 1:14, sempre referindo-se a algum detalhe das vestes ou dos cabelos do Senhor Jesus, quando de sua transfiguração, ou quando apareceu a João, já glorificado, estando aquele apóstolo na ilha de Patmos.

Embora, freqüentemente, mencionada como um símbolo de pureza e de refrigério, nas páginas da Bíblia, a neve só é mencionada literalmente apenas por uma vez, por ocasião do encontro que Benaia teve com um leão, em II Sam. 23:20: «Desceu numa cova e nela matou um leão no tempo de neve». A menção à neve, dentro desse contexto, segundo pensam os estudiosos, indica que o evento foi excepcional, não somente devido ao ato de valentia de Benaia, que entrou no covil de um leão e o matou, mas também porque embora haja neve, de tempos em tempos, nas colinas da Judéia, o covil do leão deveria estar no vale do Jordão, onde a queda de neve é um fenômeno desconhecido. Provavelmente, o leão foi apanhado em uma tempestade de neve, fora do seu habitat comum.

A neve não é desconhecida na Judéia. Mas as duas áreas onde a neve cai pesada e regularmente, são: 1. nas montanhas do Líbano, no extremo norte da Terra Prometida, onde o monte Hermom atinge 2.775 m de altura, havendo uma capa de neve no alto do mesmo, durante todo o ano. Foi a visão distante desse monte, visto da quente Galiléia, que inspirou tantos símbolos bíblicos, comuns para os leitores das Escrituras. 2. Nos montes de Edom, a leste do rio Jordão, onde o terreno se eleva a mais de 3.500 m acima do nível do mar. Portanto, para muitos israelitas, a neve era mais uma cena distante do que uma realidade presente, embora ela não lhes fosse desconhecida.

NÉVOA

No hebraico temos uma palavra, **'ed**; e no grego dois termos: **omichlai; achlus**. A névoa é causada pelo vapor d'água que é retido na atmosfera, e que obscurece a visão. Na Palestina e na Síria, quase todos os dias há névoa nos vales entre os montes, começando à noite e desaparecendo ao esquentar o sol, na manhã seguinte. Ver Sabedoria de Salomão 2:4. A palavra «névoa» era usada para descrever a atmosfera úmida e quente do período anterior ao dilúvio (ver Gên. 2:6). A palavra grega usada para indicar isso, na tradução da Septuaginta, é *pegê*, o que pode apontar para fontes subterrâneas de água, visto que essa palavra grega significa «fonte».

O livro de Atos (13:11) usa a palavra grega *achlus* em sentido metafórico, referindo-se à «cegueira» que foi infligida a Elimas, o mágico que se opôs ao apóstolo Paulo. Em II Ped. 2:17, os falsos profetas são comparados à «névoa» (no grego, *omichlai*). Os falsos profetas confundem as mentes dos homens, como se fossem uma *névoa* que os impedem de pensar corretamente.

NEWMAN, JOHN HENRY

Suas datas foram 1801-1890. Ele foi um prelado da Igreja anglicana. Nasceu em Londres e formou-se em Oxford, tendo participado do chamado Movimento de Oxford. Converteu-se ao catolicismo romano. Serviu como reitor da nova Universidade Católica da Irlanda; foi nomeado cardeal em 1879.

Newman foi homem de letras, com escritos volumosos, importantes tanto no campo da teologia quanto no da filosofia. Sua mudança do anglicanismo para o catolicismo foi iniciada pelo seu Panfleto XC (1841), no qual procurou demonstrar que os Trinta e Novo Artigos do Anglicanismo são compatíveis com o catolicismo romano. Isso provocou grande comoção; e desde então ele começou a assumir cada vez mais uma franca posição católica romana.

Idéias:

1. Um grande respeito pelo conteúdo e pelo poder da mensagem cristã, a qual se sai vitoriosa sobre todos os testes de autenticidade e praticalidade; essa mensagem tem continuidade e uma permanente aplicação a todos os séculos; ela pode organizar complexos processos sociais; pode antecipar o futuro; pode conservar o passado e pode reter um contínuo vigor.

2. As universidades são a principal força determinante da nossa civilização. Elas preparam aqueles que produzem mudanças, e ensinam àqueles que preservam os valores do passado. Sua tarefa consiste em propagar os valores básicos das disciplinas de estudo, nos campos das humanidades, das ciências e da teologia.

3. Sua obra, *Apologia pro Vita Sua*, foi uma defesa de sua conversão ao catolicismo romano. Naturalmente, inclui muita bagagem teológica interessante, para consternação da comunidade anglicana, como é óbvio. O principal propósito dessa obra foi o de mostrar que, como cristão, o indivíduo conta com uma base razoável para a sua fé.

4. O raciocínio formal e o informal. O raciocínio formal é geral e abstrato, como se dá no terreno da matemática. O raciocínio informal é concreto e individualista. A variedade formal tem por seu alvo a *segurança*. E a variedade informal tem por seu alvo a *certeza*. Essa distinção é feita no que diz respeito à lógica e ao senso psicológico. O raciocínio formal tem um senso lógico; o raciocínio informal tem um senso psicológico. A inquirição espiritual do homem consiste em encontrar a certeza, por meio do raciocínio informal. Ver o sexto ponto, abaixo, quanto a maiores esclarecimentos.

5. O raciocínio concreto, informal, deriva-se da mente individual. O homem possui uma faculdade natural do *senso ilativo*, ou seja, a capacidade de chegar a conclusões corretas e lógicas. As decisões religiosas podem ser tomadas através dessa capacidade. Nisso abordamos uma questão similar à das idéias inatas, embora idéias trabalhadas por meio do processo de raciocínio, em consonância com as capacidades naturais que todo ser humano tem de chegar a conclusões corretas.

6. O raciocínio informal, por sua vez, repousa sobre as taxas de probabilidade. Contudo, ao usarmos essa expressão, «taxas de probabilidade», não queremos dar a entender aquelas inferências que ficam aquém da certeza, e, sim, as relações entre um indivíduo e alguma situação concreta. Então, apesar de estarmos envolvidos em meras probabilidades, ainda assim podemos chegar à certeza, mediante uma disciplina mental apropriada.

Escritos. An Essay on the Development of Christian Doctrine; The Idea of a University; Apologia pro Vita Sua; Essay in Aid of a Grammar of Ascent; Verses on Various Occasions. Dentre seus escritos finais emergiu um belo e muito usado hino, «Guia, Bondosa Luz». Eis uma porção do mesmo:

Guia, Bondosa Luz

Guia, bondosa luz, em meio à nossa tristeza;
Continua sempre a guiar-me.
A noite é escura, e estou longe de casa;
Continua sempre a guiar-me.

Guia-me os pés; não peço para ver a praia distante;
Basta-me um passo a cada vez.
Até agora teu poder me tem abençoado,
E o continuará, por sobre cercas, abismos e torrentes,
Até passar a noite, e ao amanhecer
Verei aqueles rostos de anjos, a quem amei por tanto tempo,
Mas que perdera por algum tempo.

NEWTON, SIR ISAAC

Suas datas foram 1642-1727. Newton foi um físico e filósofo natural inglês. Ele combinava com a sua ciência e filosofia importantes idéias teológicas. Nasceu em Woolsthorpe. Estudou e ensinou em Cambridge. Foi membro da Real Sociedade Britânica. Serviu como parlamentar. Recebeu muitas honrarias em virtude de seu trabalho e de suas idéias. Assim, foi admitido à Academia Francesa de Ciências, como membro; foi presidente da Real Sociedade Britânica. Foi nomeado cavaleiro em 1705.

Era amigo chegado de John Locke; mas rivalizava com Leibnitz. Newton e Leibnitz inventaram o cálculo diferencial independentemente. Voltaire defendeu e popularizou a obra de Newton. Foi Voltaire quem contou, pela primeira vez, a história da maçã caída, o que sugeriu a Newton a idéia da lei universal da gravidade.

Idéias e Realizações

1. Em sua obra, **Principia**, ele estudou a mecânica do movimento, tanto celeste quanto terrestre, e também elaborou sobre a lei da gravidade. Essas idéias vieram a tornar-se a base da física clássica. A *nova astronomia* também surgiu em resultado desses esforços.

2. Ele postulou as três leis do movimento, as quais têm sido consideravelmente revisadas desde então, mas que, em sua época, eram noções avançadas, que também se tornaram parte integrante da física clássica.

3. Ele ensinava a doutrina do espaço e do tempo absolutos, como o arcabouço do movimento dos corpos.

4. Quanto a seu método, ele foi essencialmente um positivista. Suas quatro regras eram as seguintes: a. Não admitir mais causas, para as coisas naturais, do que aquelas que são verdadeiras e suficientes para explicar seu aparecimento e seus fenômenos. b. Para os mesmos efeitos atribuir as mesmas causas, tanto quanto possível. c. As qualidades dos corpos ao alcance de nossa experiência devem ser consideradas as qualidades universais de todos os corpos. d. As proposições estabelecidas por meio da indução geral devem ser tidas como verdadeiras, ou aproximadamente verdadeiras, até que essas proposições sejam corrigidas por evidências indutivas adicionais.

5. Ele não provia explicação para *causas*, quando não havia evidências em favor das mesmas. E respondia às críticas acerca desse particular: «Hypotheses non fingo», que significa «Não invento hipóteses». Em outras palavras, Newton não ia alem das evidências possíveis, e não entrava em especulações.

6. Ele dava à sua mecânica um caráter teísta. Atribuía a Deus três funções na natureza: a. A idéia divina é necessária para explicar a criação, em seu começo e em sua manutenção. b. A manutenção apropriada da natureza, conforme se vê no caso da posição relativa mantida pelas estrelas (elas não se juntam, formando uma única massa), requer a idéia divina. c. O sistema solar é perturbado, mas a boa ordem sempre prevalece; e precisamos postular Deus para explicar como essa ordem é preservada. Newton também escreveu tratados teológicos, e não meramente científicos. Entretanto, suas obras teológicas são maculadas por um pronunciado caráter ariano. Ver sobre o *Arianismo*.

Escritos: Mathematical Principles of Natural Philosophy; Optics.

NEZIÁ

No hebraico, «ilustre», «preeminente». Esse homem era cabeça de uma família de servidores do templo, ou **netinim** (vide), que retornou do cativeiro babilônico a fim de fixar residência em Jerusalém (ver Esd. 2:54; Nee. 7:56; I Esdras 5:32). Viveu por volta de 536 A.C.

NEZIBE

No hebraico, «estátua», «ídolo», embora outros interpretem como «plantação». Nome de uma cidade nas terras baixas do território de Judá, localizada entre Asná e Queila (Jos. 15:43). Os estudiosos identificam-na com a atual Khirbet Beit Nesib, que fica a pouco mais de três quilômetros ao sul de Khirbet Kila, a leste de Laquis.

NIBAZ

Alguns estudiosos têm vinculado essa palavra a uma raiz que significa «ladrar», pelo que têm inferido que o ídolo desse nome tinha a semelhança de um cão. Contudo, a maioria dos eruditos duvida dessa etimologia. Seja como for, está em foco um ídolo dos aveus sírios, o qual, juntamente com outra divindade, Tartaque, foi introduzido em Samaria (ver II Reis 17:31). Sargão deslocou os aveus para Samaria, depois de 722 A.C.

Outros estudiosos associam o nome Nibaz à palavra «altar», supondo que, na realidade, esse ídolo tivesse a forma de um altar deificado, tal como um templo também podia ser deificado. Nos papiros de Elefantina, escritos em aramaico, ficamos sabendo que essa prática existia na antiguidade. Ver o artigo geral intitulado *Deuses Falsos*.

NIBSÃ

Essa palavra significa «fértil», «solo leve e macio», embora alguns pensem no sentido «fornalha». Era uma cidade da região desértica de Judá, estando localizada entre Secacá e a Cidade do Sal (Jos. 15:62). Tem sido identificada com a Khirbet el-Magari, em el-Buge'ah, a sudoeste de Jericó.

NICANOR

Há um Nicanor que aparece nos livros apócrifos do Antigo Testamento e um outro homem com esse nome, no Novo Testamento, a saber:

1. *Um general sírio* do período selêucida, entre os dois Testamentos. Serviu sob as ordens de Antíoco Epifânio e foi seu amigo pessoal. Em 166-165 A.C., juntamente com outros dois generais, recebeu, da parte daquele rei, a incumbência de destruir Judá e Jerusalém (I Macabeus 3:32-42). Estabeleceram seu quartel-general em Emaús, a poucos quilômetros de Jerusalém; mas, um inspirado e aguerrido Judas Macabeu derrotou-os fragorosamente, e os pôs em fuga. E eles refugiaram-se em cidades filistéias das proximidades.

Antíoco Epifânio morreu; o jovem Antíoco V e Lísias, seu tutor, foram assassinados, e Demétrio I subiu ao trono selêucida. Demétrio enviou novamente Nicanor contra Judas Macabeu, em 162-161 A.C. E Nicanor veio a tornar-se governador dos judeus. O trecho de I Macabeus 7:26,27 descreve o quanto ele odiava aos judeus. Ele esperava poder assassinar Judas, para o que o convidou a fazer-se presente a uma conferência; mas o estratagema falhou, pois Judas foi avisado acerca dos planos de Nicanor. Seguiram-se dois confrontos militares. O primeiro deu-se em Cafarsalama, quando Judas obteve uma decisiva vitória sobre os sírios. O segundo foi perto de Adasa e Bete-Horom. Judas ganhou novamente. Nicanor foi morto, seu corpo foi mutilado e então exibido em Jerusalém. O décimo terceiro dia do mês de Adar foi escolhido como feriado, para celebrar o evento (ver I Macabeus 7:38,49; II Macabeus 15:36). Há detalhes a respeito, em I e II Macabeus, que não concordam entre si, sendo provável que houvesse mais de uma fonte de informações, com algumas discrepâncias no relato; mas quase todos os estudiosos pensam que o relato de I Macabeus é o mais exato. O trecho de II Macabeus 14:24 fala sobre como Judas e Nicanor foram amigos, durante algum tempo; mas os eruditos acham que isso não corresponde aos fatos.

2. *O Nicanor do Novo Testamento.* Um dos sete diáconos originais da Igreja primitiva tinha esse nome (ver Atos 6:5). Há uma tradição que diz que ele foi martirizado na mesma ocasião em que Estêvão foi apedrejado; mas não há nenhum apoio histórico para essa tradição. Portanto, nada mais se sabe sobre ele.

NICÉIA (CONCÍLIOS DE)

A cidade de Nicéia ficava na Bitínia, Ásia Menor. Ver o artigo *Concílios Ecumênicos*. Foi o imperador Constantino quem convocou esse concílio, em 325 D.C., na tentativa de fazer o cristianismo falar a uma só voz acerca de certas questões de fé, mormente a natureza de Cristo e suas relações para com Deus Pai. Foi composta uma fórmula trinitariana, além de ter sido adotada a posição cristológica de Atanásio, que liderava o partido dos alexandrinos. Ele defendia a idéia do *homoousius* (vide), que diz que o Filho é da mesma substância do Pai, compartilhando com ele da mesma natureza. A posição contrária, defendida por *Ário* (vide), era que teria havido um tempo em que o Filho ainda não existia; mas essa posição foi rejeitada pelo concílio. O arianismo foi condenado, e o próprio Ário foi anatematizado. Ele e outros dois bispos recusaram-se a subscrever ao *Credo Niceno* (ver abaixo), pelo que foram condenados por aquele concílio.

Foi o primeiro concílio a ser convocado, após aquele de Jerusalém, da época de Paulo (Atos 15). Os historiadores consideram-no o primeiro concílio ecumênico, isto é, representado por cristãos de todos os lugares. Foi presidido por Hósio, bispo de Córdoba, na Espanha. Baixou vinte cânones concernentes a questões como disciplina eclesiástica, jurisdição episcopal, ordenação, exclusão, etc.

Não obstante essas decisões, a controvérsia cristológica teve prosseguimento. Ver sobre *Cristologia*. O credo desse concílio foi reforçado por ocasião do *Concuio de Constantinopla* (vide), efetuado em 381 D.C.

Segundo Concílio de Nicéia. Esse foi o sétimo concílio ecumênico, e teve lugar no ano de 787. Foi convocado pela imperatriz Irene, do Império Romano do Oriente, em favor de seu filho, Constantino VI. A questão central foi se é legítimo ou não venerar imagens. Três imperadores orientais anteriores tinham proibido tal ato, Leão III, Constantino V e Leão IV; mas a idolatria recusava-se a morrer nas fileiras cristãs. Entre trezentos e trinta e trezentos e sessenta e sete bispos fizeram-se presentes, quase todos provenientes do Oriente. Esse concílio foi presidido por Tarásio, patriarca de Constantinopla. Esse concílio restaurou a veneração a imagens. Também compôs vinte e dois cânones sobre questões de administração e disciplina eclesiástica, simonia, relíquias, alienação de propriedades eclesiásticas, vida monástica e conversões do judaísmo.

Foi uma estranha distorção da história eclesiástica o fato de que o primeiro concílio de Nicéia tenha estabelecido o dogma da Trindade, bem como a vera divindade de Jesus Cristo, mas que o segundo concílio de Nicéia tenha decretado que a Igreja «venerasse» ídolos. Uma importante lição emerge dessa circunstância, a saber, que os concílios sob hipótese alguma são infalíveis, contrariamente ao dogma que se tem desenvolvido em torno dos mesmos.

NICÉIA, CREDO DE

Ver **Nicéia, Concílios de**, quanto ao pano de fundo histórico desse credo. Ver também o artigo geral sobre *Credos*. Entre os anos de 313 e 590 D.C., isto é, de Constantino a Gregório I, a Igreja Católica obteve a supremacia no mundo romano. E foi durante esse tempo que ela formulou os seus principais credos. Por ocasião do concílio de Nicéia, em 325 D.C., foi formulado o chamado Credo Niceno. Em seguida, houve os concílios de Constantinopla I (381); de Éfeso (431); de Calcedônia (451) e de Constantinopla II (553). Ver o artigo geral sobre os *Concílios Ecumênicos*.

Vinte cânones foram baixados por ocasião do concílio de Nicéia. Mas esse concílio é melhor lembrado devido ao credo cristológico que dali emergiu. A principal distinção do credo niceno foi o seu ensinamento sobre a relação entre Deus Pai e Deus Filho. Esse ensino foi especificamente formulado para derrotar o arianismo. Atanásio, que encabeçava o partido alexandrino, foi a figura principal por detrás dessa formulação. Esse credo declarava enfaticamente: «Cremos em um Senhor, Jesus Cristo, o unigênito Filho de Deus; gerado do Pai antes de todos os mundos... Luz de luz, o vero Deus do vero Deus; gerado, não criado; pertencente à mesma substância que o Pai». Essa declaração promove a doutrina da eterna geração de Cristo, onde a palavra *gerado* não indica começo, e, sim, *posição* no seio da Trindade. Ficava negada a doutrina da *adoção*, no tocante a Cristo. Ver os dois artigos separados intitulados *Adopcionismo* e *Adoção em Relação ao Filho*, onde o ensino de Rom. 1:4 é examinado.

O credo niceno foi endossado pelo concílio de Constantinopla (381 D.C.), e pelo concílio de Calcedônia (451 D.C.). A versão constantinopolitana desse credo tornou-se o credo da capital bizantina, e não demorou a ser usado como o credo batismal padrão da Igreja Ortodoxa Oriental. Por volta de 518, sua recitação, por ocasião da eucaristia, tornara-se costumeira no Oriente. Historicamente falando, seu uso no Ocidente pode ser datado do concílio de Toledo (589 D.C.), que ordenou que o mesmo fosse entoado em voz alta, antes da oração do Pai Nosso, em todas as igrejas da Espanha e da Gália. Lançou tão profundas raízes na Igreja cristã que a Igreja Católica Romana, a Igreja Ortodoxa Oriental, a Igreja Anglicana e algumas igrejas reformadas o têm adotado em suas liturgias.

Filioque. Esse credo tornou-se motivo de controvérsia quando o concílio de Toledo (589 D.C.) adotou-o, no tocante à processão do Espírito: *e do Filho* (*filioque*). Isso fez o credo declarar que o Espírito Santo procede tanto do Pai quanto do Filho. Agostinho era um forte defensor da idéia do *filioque*, e esse veio a ser o ponto de vista predominante no Ocidente. No entanto, no Oriente, houve resistência tenaz à idéia, como se fosse prejudicial ao poder e ao ofício únicos do Pai. A declaração a que os cristãos orientais objetavam era: *procedit a patre filioque*. Os líderes da Igreja Oriental sentiam tão fortemente a questão que essa se tornou uma das razões pelas quais, em 1054, a Igreja Oriental separou-se da Igreja Ocidental (a Igreja Católica Romana). Ver o artigo geral sobre o título de *Filioque*. Uma das coisas que toda essa questão ilustrou foi a *fragilidade* do dogma da infalibilidade dos concílios. Sem importar se a idéia do *filioque* é doutrina boa ou não, o fato é que dividiu o catolicismo em duas grandes facções, a romana e a ortodoxa. Naturalmente, os cristãos orientais precisam negar o conceito da infalibilidade, ou, então, declarar como não-ecumênicos aqueles que promoveram essa adição, e, portanto, não-autoritários. E os cristãos orientais optaram por essa segunda posição. Os cristãos orientais usavam o trecho de João 15:26 em favor da processão do Espírito somente da parte do Pai; porém, há bons argumentos bíblicos em favor da dupla processão do Espírito Santo—do Pai e do Filho—os quais exponho naquele artigo citado.

Credo Niceno

Creio em um Deus, o Pai Todo-Poderoso, Criador dos céus e da terra, e de todas as coisas visíveis e invisíveis. E no Senhor Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, Luz de Luz, verdadeiro Deus do verdadeiro Deus, gerado, não-feito; sendo de uma substância com o Pai, por Quem todas as coisas foram feitas; Que por nós homens e nossa salvação veio dos céus e foi encarnado pelo Espírito Santo da Virgem Maria, e foi feito homem; foi crucificado por nós sob Pôncio Pilatos. Ele sofreu e foi enterrado; e no terceiro dia ressuscitou, segundo as Escrituras, e ascendeu aos céus, e está sentado à direita do Pai. E voltará de novo, com glória, para julgar tantos os vivos como os mortos, cujo reino não terá fim.

E creio no Espírito Santo, o Senhor e Doador da vida, Que procede do Pai e do Filho, Que com o Pai e o Filho é adorado e glorificado; Que falou pelos profetas.

E creio na única Igreja, cristã e apostólica. Reconheço um batismo pela remissão dos pecados, e aguardo a ressurreição dos mortos, e a vida do mundo. que vem. Amém.

NICHOS

Essa é a tradução da palavra grega **naós**, «santuário», no trecho de Atos 19:24, segundo a nossa versão portuguesa. Essa palavra grega ocorre por quarenta e quatro vezes, de Mat. 23:16 a Apo. 21:22, mas somente naquela referência do livro de Atos é usada a tradução «nichos». Essa tradução é mais harmônica com a índole da língua portuguesa, porquanto «santuários» daria a impressão de um edifício inteiro, ao passo que «nicho» pode dar a entender um trabalho de ourivesaria antiga, como era o caso, que, em Éfeso, Demétrio e seus artífices fabricavam, com uma figurinha representando a deusa Diana (Ártemis). Evidentemente, Demétrio encabeçava um negócio lucrativo, que não queria perder. Isso explica a sua oposição à pregação do evangelho, instingando um levante popular, nos dias em que Paulo pregava naquela cidade. O episódio inteiro aparece em Atos 19:23-40.

NICODEMOS

Nicodemos. O apelativo é um vocábulo grego que significa *conquistador do povo*. Mas, nas páginas do N.T., no que se relaciona a esse homem, não nos cabe procurar qualquer sentido em seu nome, quer simbólico ou literal. Essa pessoa é mencionada somente no evangelho de João. Em João 3:1 ficamos sabendo que ele era fariseu, um dos líderes dos judeus, o que, sem dúvida, se refere ao fato de que ele era um dos membros do *sinédrio*, o mais alto tribunal eclesiástico e civil de Israel. O trecho de João 7:50-52 mostra-nos, novamente, que ele mantinha essa elevada posição. Evidentemente era um homem sincero e foi atraído para Jesus por causa de seus milagres e ensinamentos, bem como por causa de sua conexão com o grupo que então proclamava a breve inauguração do reino de Deus. João Batista despertara grande interesse e intensas controvérsias sobre o assunto e Jesus dera prosseguimento a essa mesma mensagem. No trecho aludido, pois, Nicodemos é exposto como homem corajoso, que protestou contra a condenação de Jesus, sem que ele tivesse tido a oportunidade de fazer-se ouvir. A referência final a Nicodemos, uma vez mais, mostra-o em uma atitude de desassombro, porquanto veio cuidar do sepultamento de Jesus, e para esse propósito trouxera presentes abundantes, na forma de especiarias, a fim de ungir o seu corpo. Por esse motivo ele poderia ter sido severamente perseguido pelos seus compatriotas, e, de acordo com certas lendas que circundam o seu nome, finalmente sofreu enormemente por ter-se tornado discípulo do Senhor Jesus. (Ver o trecho de João 19:40).

Muitos eruditos têm identificado esse Nicodemos do N.T. com o *Nicodemos ben Gorion*, irmão de Josefo ben Gorion, o famoso escritor das guerras e antiguidades dos judeus. Essa outra personagem (se realmente é outra) viveu durante o mesmo tempo que o Nicodemos das páginas do N.T., fato esse que sabemos simplesmente por ter sido irmão de Josefo, que, conforme se sabe, viveu durante essa mesma época. A história apresenta essa família como riquíssima, e alguns acreditam que isso se devia ao fato de que eram proprietários de cerca de dez por cento da indústria de estanho do império romano. Nicodemos ben Gorion é descrito, por semelhante modo, como *conselheiro* dos judeus, subentendendo que ele pertencia ao corpo do sinédrio (ver *Echa Rabbati*, fol. 46.3 e *Midrash Kohelet*, fol. 75.1) e, por isso mesmo, a identificação dos nomes parece assumir alguma validade.

Tal como no caso de muitas personagens bíblicas, diversas lendas foram criadas em torno desse homem, incluindo a realização de milagres, bem como o feito extraordinário de ter feito parar o sol em seu curso, o que também é dito acerca de Moisés e Josué. Assim se diz que três homens fizeram esse milagre. (Ver Targuns Bab. Avoda Zara, fol. 25.1). Entretanto, tais histórias são evidentemente lendárias.

Outras lendas indicam que a família se tornou essencialmente cristã, e que por esse motivo foi intensamente *perseguida e despojada* de suas posses, até que, finalmente, foi reduzida à pobreza. A pobreza extrema da família é ilustrada na história de como um certo R. Jochanan ben Zaccai viu a filha de Nicodemos a juntar espigas de cevada de debaixo dos cascos dos cavalos, em Aco, e, em outra oportunidade, realmente coava tais espigas do esterco dos

animais dos árabes. (Ver *Targuns Bab. Cetubot*, fol. 66.2). Esse estado de miséria abjeta talvez não tenha tido ligação alguma com a cristianização da família; mas alguns estudiosos fazem tais conexões. Muitas lendas preservam algum âmago de verdade, e é dificílimo sabermos o quanto devemos reter e o quanto devemos rejeitar de tais lendas.

Nos livros apócrifos do N.T., encontramos um *Evangelho de Nicodemos*, que chegou até nós mediante várias coletâneas em grego, latim e cóptico, e das quais os principais elementos são os *Atos de Pilatos*, supostamente um relatório oficial do julgamento, da crucificação e do sepultamento de Jesus, um extrato dos debates e investigações subseqüentes, feitos pelo sinédrio, e uma narrativa altamente colorida da «Descida ao Inferno», por parte de Cristo. Diversos apêndices dessa obra ainda subsistem, incluindo uma espístola de Pilatos ao imperador Cláudio. Apologistas, a exemplo de Justino Mártir (*Apologia* 35.48), apelaram com plena confiança para os registros do julgamento de Jesus. O *Evangelho de Nicodemos* para todos os efeitos práticos justifica Pilatos e, à medida que essas lendas passaram para os registros bizantinos, Pilatos foi sendo reputado como um santo. Seu martírio até hoje é celebrado pela igreja cóptica. Todo esse material, entretanto, é de autenticidade muito duvidosa, excetuando alguns toques possivelmente autênticos, aqui e ali, apesar que, o Evangelho de Nicodemos exalta a Cristo e à sua divindade, sendo material de boa leitura, razão pela qual também não deve ser considerado inteiramente destituído de valor. Virtualmente nenhum erudito de nota aceita a autoria de Nicodemos, porquanto se trata do produto de uma outra geração, não tendo sido produzida pela geração contemporânea a Jesus. (Ver sobre *Livros Apócrifos do N.T.*).

Nicodemos e o Novo Nascimento: João 3:1-21

Este terceiro capítulo do evangelho de João, que é o mais bem conhecido de todos os capítulos da Bíblia inteira, na realidade consiste na continuação do tema iniciado no segundo capítulo desse evangelho, onde Jesus aparece como alguém que operou muitos *sinais*, os quais tiveram a virtude de convencer os seus próprios discípulos sobre a autenticidade das reivindicações messiânicas de Jesus e que obtiveram considerável número de seguidores entre a população de Jerusalém. (Ver os vss. 22 e 23).

Neste ponto o autor sagrado relata um incidente que mostra que a fama de Jesus já havia penetrado fundo na cidade eclesiástica da hierarquia dos judeus, porquanto *Nicodemos* era membro do augusto *Sinédrio* (conforme se depreende do trecho de João 7:50). A influência de Jesus em Jerusalém, pois, era universal; e apesar do Sinédrio não ter enviado Nicodemos como representante oficial para entrevistar Jesus, sua entrevista com ele se torna ainda mais convincente como consubstanciação da autoridade espiritual de Jesus, posto que foi como um furtivo interessado, na calada da noite, um homem convencido da autoridade de Jesus, embora conservasse secretamente, para si mesmo, esses pontos de vista.

Nicodemos em parte alguma é mencionado na narrativa dos evangelhos sinópticos, mas, neste quarto evangelho, depreendemos que ele era fariseu e membro do Sinédrio (João 7:50). E embora, neste incidente, ele procurasse informações de Jesus, nas duas outras vezes em que ele figura na narrativa do quarto evangelho (João 7:45-52 e 19:38-40), demonstra considerável coragem moral, em suas vinculações com o Senhor Jesus. Nicodemos dirige-se a Jesus alicerçado no poder de seus *sinais* (ver João 2:23), que atestavam sua missão divina e a presença de Deus com ele.

Existe certo comentário judaico acerca da passagem de Deut. 18:19, que prescreve: «Se um profeta que começa a profetizar (isto é, que ainda não recebera credenciais das escolas judaicas) dá um sinal e um milagre, deve ser ouvido; de outro modo, que não se lhe dê ouvidos». (Strack e Billerback, *Kommentar zum N.T. aus Talmud e Midrasch*, II, p. 480). João Batista surgira em cena pregando o reino de Deus e a nação judaica, em sua inteireza, fora vigorosamente abalada. Nicodemos, pois, desejava obter mais informação sobre o assunto; e, por esse motivo, aproximou-se de Jesus.

Nicodemos dirigiu-se a Jesus chamando-o de *Rabi*, título que Jesus evidentemente aceitou, ao dar resposta às perguntas de Nicodemos. Ver os diversos artigos; *Rabi; Reino de Deus* e *Reino dos Céus; Fariseus; Sinédrio*.

João capítulo três introduz o grande tema do novo nascimento, que, na realidade, quando é corretamente compreendido (e existem muitas interpretações errôneas sobre essa questão), é então encarado como o mais excelso tema do evangelho, e a esperança da humanidade inteira. Todos os demais temas do evangelho dependem deste majestoso ápice de informação espiritual, e são edificados em torno dele. Este quarto evangelho, que é o evangelho *espiritual*, apresenta o tema de uma forma que os evangelhos sinópticos não conseguem fazê-lo; e, nas páginas do N.T., somente os escritos de Paulo se lhe igualam. «Esta é uma das mais ricas e importantes partes da Bíblia. O versículo décimo sexto, por si só, contém o evangelho todo em seu bojo, pois é a *Bíblia em miniatura*, e tem mais valor que toda a sabedoria do mundo. O amor infinito do Pai, a missão de seu Filho, a obra realizada pelo Espírito Santo, a condição de perdição dos homens, a necessidade do novo nascimento, vindo do alto, a fé em Cristo como condição da salvação, o reino de Deus e a vida eterna—são todas doutrinas fundamentais estabelecidas pelos lábios inerrantes de nosso Senhor, nesta entrevista com um tímido, mas ansioso e intenso inquiridor pela verdade. A idéia central da passagem é o novo nascimento, que deixa entendida a total depravação do homem, bem como a obra da graça divina. Essa grande doutrina firma-se no seu lugar apropriado, desde o princípio do ministério de Cristo...» (Philip Schaff, *in loc.*, no Lange's Commentary).

Nicodemos veio falar com Jesus na calada da noite, o que tem recebido diversas interpretações, a saber:

1. Alguns têm chegado à conclusão de que Nicodemos era um *hipócrita*, que viera com más intenções, fingindo simplicidade; e veio à noite a fim de parecer vir às ocultas, embora querendo dar a entender que era inquiridor sincero. Contudo, o resto do comentário sobre o evangelho de João não consubstancia esse ponto de vista acerca de sua personalidade.

2. É possível que ele simplesmente *desejasse evitar* qualquer comentário por parte de seus pares, os outros membros do sinédrio, posto que ainda não sabia exatamente quem era Jesus, e nem de que autoridade estava ele investido. Assim, pois, estaria sendo meramente cauteloso.

3. Outros trechos bíblicos, entretanto, parecem definir a questão, como o trecho de João 12:42, o qual, apesar de não mencionar Nicodemos diretamente, menciona aqueles entre os *principais líderes* que

criam em Jesus, mas que, por causa dos fariseus, não o confessavam; e isso dá a entender o *receio* que tais líderes tinham dos fariseus. O trecho de João 19:38 assevera que José de Arimatéia (aparentemente outro membro do sinédrio, e que também cria em Jesus), mantinha a sua fé em segredo, por «temor aos judeus». Assim sendo, sob a cobertura das trevas da noite, Nicodemos buscou e encontrou luz para a sua alma. Suas próprias convicções são expressas pelas palavras que ele proferiu: «...sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus...», como também pelo fato de que ele veio a Jesus, arriscando-se a ser visto com quem foi, desde o princípio, reputado como adversário do governo autorizado civil e eclesiástico.

«**Conforme o vejo, Nicodemos** *foi uma grande alma*, possuidora de invejáveis qualidades, que transpunha dificuldades ante as quais a maioria de nós ter-se-ia mansamente rendido. Criado nas escolas, em uma atmosfêra enfadonha em que, geralmente falando, o convencional era considerado como algo dado por Deus, e onde qualquer novidade tinha de abrir caminho para ser aceita em meio a uma suspeita instintiva, vigilante e injusta, Nicodemos, de alguma maneira, conseguiu preservar uma atitude aberta, que escancarou as suas janelas para a sabedoria e para o ar fresco de Deus. Por isso, enquanto os seus colegas já murmuravam em seu irritado ressentimento contra aquele que reputavam como um imprudente intruso, que avançava pela província deles, contra aquele ignorante aventureiro vindo do norte, com seus métodos estranhos e com seus ensinamentos extremamente duvidosos, bem como com sua total desconsideração para com a autoridade, Nicodemos, por sua parte, sentia que em Jesus havia algo que ele não podia desprezar e levianar facilmente, como aqueles outros faziam, mas antes, que se tratava de algo que devia ser investigado com diligência e cuidado, em primeira mão. Para Nicodemos, Deus não ficaria mudo, mas continuava falando aos homens; e para os seus ouvidos havia algo, naquele novo ensinamento, que era augusto e verdadeiro, que bem poderia ser a própria voz de Deus. Toda aquela questão teria que ser humildemente considerada». (Arthur John Gossip, *in loc.*)

Na história antiga lemos que Euclides de Megara visitou Sócrates, à noite, quando Atenas foi fechada para os megarianos, porquanto ansiava por ver, pessoalmente, a sabedoria e a graça de Sócrates. Por semelhante modo, Nicodemos, insatisfeito com a opinião e com os pronunciamentos de seus colegas líderes, a respeito de Jesus, não pôde ser sofreado por algum edito oficial ou não oficial contrário a Jesus.

NICODEMOS, EVANGELHO DE

Ver o artigo geral **Livros Apócrifos do Novo Testamento**. Esse evangelho divide-se em duas partes: Atos de Pilatos e Descida de Cristo ao Hades. O título atual só foi dado a essa obra no século XIII, embora o próprio documento tenha sido escrito em meados do século IV D.C. Fabricações foram adicionadas à obra como a carta de Pilatos ao imperador Tibério; o relatório oficial de Pilatos, e coisas dessa natureza, que Pilatos teria dito ou feito. A primeira parte desse evangelho reitera muito dos evangelhos canônicos, mas também acrescenta pormenores fictícios acerca do julgamento e crucificação de Jesus. Pilatos é apresentado como quem não tinha culpa de nada. A segunda porção do livro repete o motivo universal, encontrado em muitas religiões e mitos, de uma descida de Cristo ao hades. Nesse caso, está em foco aquela descida retratada no Novo Testamento, em I Ped. 3:18-4:6 e Efé. 4:7,8.

O relato do evangelho de Nicodemos é altamente dramático, resultando no esvaziamento do hades. A mensagem da descida de Cristo ao hades, no Novo Testamento, irradia grande esperança, visto que I Ped. 4:6 assegura-nos que o *evangelho* foi pregado no hades, com o propósito de que os homens vivam como Deus vive, no Espírito, embora sejam julgados como homens na carne. Ver o artigo detalhado sobre *Descida de Cristo ao Hades*.

A consciência humana debate-se diante da tragédia de um outro mundo cujas horrendas condições capturam as almas humanas. Essa contemplação tem levado à idéia da inclusão de missões misericordiosas ao hades, em muitas religiões e mitos. Assim, I Enoque e outras obras pseudepígrafas incluem histórias de descidas ao hades. Minha opinião pessoal é que a consciência humana intui o fato de que Deus providenciou para sua graça chegar também àquele lugar. A missão de Cristo é tríplice: na terra, no hades e nos céus. E esse tríplice aspecto da missão de Cristo, considerado em sua totalidade, ensina uma provisão universal que garante o sucesso de sua missão salvatícia.

Evidências patrísticas

Justino Mártir fez referências a *Atos* que registraram a provação de Jesus ante Pilatos, e alguns intérpretes acham que ele aludiu aos *Atos de Pilatos*, mas não existe nenhuma prova em favor ou contra esta suposição. Existem evidências, todavia, que Justino podia ter conhecido esta obra, como a história de *Panthera* que ele conheceu numa forma mais antiga do que aquela apresentada nos *Atos de Pilatos*. Tertuliano falou de uma mensagem que foi mandada de Pilatos para Tibério, que podia ter sido parte dos *Atos de Pilatos*, mas provas não existem. Eusébio não mencionou esta obra, embora falasse de certos *atos espúrios* que não falaram bem do Senhor (*Hist.* I.9; IX.5). Alguns acham que os *Atos de Pilatos*, com sua doutrina ortodoxa, foi um ataque contra tais atos, mas isto fica na dúvida. Epifânio foi o primeiro pai (375 D.C.) que fez uma referência indiscutível a esta obra (*Her.* 50.1).

NICOLAÍTAS

Apo. 2:6: *Tens, porém, isto, que aborreces as obras dos nicolaítas, as quais eu também aborreço.*

Não há certeza absoluta quanto a identidade dessa seita, embora abaixo apresentemos as idéias centrais a respeito:

1. O próprio vocábulo, no grego, significa «dominadores do povo». Na opinião de alguns, o povo seriam os «leigos». E daí tiram a suposição que está em foco a manifestação inicial das «ordens sacerdotais» ou «clero». Nesse caso, seria aqui combatida a formação de um clero profissional; e, no décimo quinto versículo deste mesmo capítulo, estão em foco vários desvios da doutrina, em associação a essa circunstância. Mas essa interpretação dificilmente se adapta à situação histórica em que as heresias sérias surgiram. Essa «seita» era de natureza libertina, que procurava solapar o imperativo moral do evangelho. Dificilmente poderíamos dizer que esteja em foco o *clero*, em seus primeiros passos.

2. Alguns estudiosos associam essa seita a Nicolau, prosélito de Antioquia, um dos sete discípulos originais de Jerusalém (ver Atos 6:5). Isso supõe que assim como os doze tiveram um apóstata dentre seu número, que outro tanto sucedeu aos sete. Em favor dessa interpretação há passagens em Irineu i.26 e III.11.1 e em Hipólito (*Philos.* vii.36). Mas este último dependeu de Irineu. Outros eruditos pensam

que o Nicolau original foi meramente indiscreto, pois, possuindo uma bela esposa, e sentindo que outros lhe tinham inveja por essa razão, chamou os apóstolos e outros líderes e ofereceu-a a qualquer deles que a quisesse. No entanto, a maioria dos estudiosos o tem como um apóstata franco. Apesar de ser possível que Nicolau tenha estado associado à Ásia Menor, e com Éfeso em particular, também é possível que o próprio Irineu estava «esclarecendo» este versículo mediante uma conjectura, não havendo, portanto, qualquer confirmação histórica para tal idéia. O apóstolo Nicolau, conforme diz a própria narrativa, tornou-se líder de uma seita gnóstica antinomiana. Parece terem participado de festas idólatras, incorporando imoralidade e sensualidade em suas práticas, no que seguiam à tradição gnóstica comum.

3. Em época posterior, houve uma seita gnóstica conhecida por «os nicolaítas», a qual é mencionada por Tertuliano (ver *Praesc. Haer.* 33; *Adv. Marc.* i.29 e *De Pudicitia*, 19), que também era de índole gnóstica. Clemente de Alexandria ii.20.118; iii.4.25 e as Constituições Apostólicas vi.8, juntamente com Vitorisino, tentaram mostrar que essas duas seitas não tinham nenhuma vinculação entre isso, e essa posição quase certamente é a correta, ainda que alguns intérpretes tenham imaginado a identificação das duas. O livro de Apocalipse foi escrito muito antes desse tempo, para referir-se à segunda dessas seitas do mesmo nome.

4. Ou, então, poderíamos pensar que o *Nicolau* em foco foi um personagem histórico, que residia em Éfeso ou naquela área em geral, embora não deva ser identificado com o homem do mesmo nome, que era de Jerusalém. Nesse caso, quase certamente, ele foi líder de uma forma de seita gnóstica, de tendências libertinas, embora ele mesmo não seja conhecido na atualidade, fora do presente contexto.

5. Finalmente, há aqueles que supõem que não devemos imaginar que «Nicolau» fosse o nome de alguma pessoa real e viva, mas que tudo não passa de um título—«dominador do povo» ou «destruidor do povo»—escolhido para representar a heresia que havia em Éfeso e que ameaçava à Igreja cristã dali. Até mesmo nesse caso, é quase certo que alguma forma de gnosticismo esteja sob consideração.

Muitos intérpretes identificam os nicolaítas com os seguidores de Balaão, aludidos no décimo quarto versículo deste capítulo, ou supõem que ambos os grupos eram apenas representantes locais de uma mesma heresia gnóstica. Provavelmente essa posição é a correta. E algo que é quase fora de dúvida é que a heresia da Ásia Menor, quando foi escrito o livro de Apocalipse, e que era uma praga para as igrejas locais, era uma forma de gnosticismo, sem importar o que devemos pensar acerca dos títulos específicos dados a seus ramos. O segundo versículo explica alguns aspectos do gnosticismo. Nada menos de oito livros do N.T. foram escritos para combater ao gnosticismo, a saber: Colossenses, as três epístolas pastorais, as três epístolas joaninas e Judas. Os gnósticos criam que a matéria é o princípio mesmo do mal, e que o «sistema deste mundo» visa destruir finalmente à matéria. Poderíamos ajudar nesse processo, mediante o abuso contra o corpo, efetuado através do ascetismo (o tipo de gnosticismo combatido na epístola aos Colossenses), ou através da licenciosidade extrema (o tipo combatido nos outros sete livros mencionados, e que também é a variedade aqui focalizada). Os gnósticos removeram do evangelho o «imperativo moral», não vendo no mesmo nenhuma função «santificadora». Em sua suposta elevada «sabedoria» (mediada pelas artes mágicas, pelo cerimonialismo e por um falso misticismo), imaginavam-se «isentos» das exigências morais. Não há que duvidar que muitos deles usavam passagens de escritos paulinos, como o décimo quarto capítulo da epístola aos Romanos ou o oitavo capítulo da primeira epístola aos Coríntios, para ensinarem que tudo era questão «indiferente», e não meramente a observância externa de dias santificados, carnes, bebidas, etc., conforme Paulo ensinara. Portanto, tinham tendências «antinomianas» extremas. Em outras palavras, não havia lei moral no evangelho deles. Os gnósticos levaram a tal extremo as suas perversões que chegaram a declarar que os anjos vinham assisti-los e influenciá-los a que participassem de todas as formas de deboche, a fim de ganharem «experiência», mediante a qual obteriam «conhecimento». O termo grego *gnosis* significa «conhecimento»; e desse termo é que o nome deles se derivava.

O evangelho autêntico, naturalmente, se caracteriza por exigências morais mui rígidas. De fato, sem a santificação «...ninguém verá o Senhor» (Heb. 12:14). E a «santificação» é uma necessidade imprescindível para a salvação (ver II Tes. 2:13). O gnosticismo contava com muitos erros doutrinários, além de erros morais. Ver sobre *Gnosticismo*, acerca desse falso sistema religioso. Se porventura o gnosticismo houvesse ganho a batalha, o cristianismo ter-se-ia tornado apenas em uma outra religião misteriosa, greco-romana oriental.

Odeias as obras dos nicolaítas. Essas «obras» eram suas ações pervertidas e imorais. (Ver Apo. 2:14,20), Provavelmente, também devemos compreender aqui o fato de que procuravam *solapar* a unidade da Igreja, sendo essa uma das obras abominadas. A verdade é que essa heresia continuou solapando à igreja por cento e cinqüenta anos. Eles semearam a contenda e a confusão na igreja. (Quanto a evidências acerca disso, na era apostólica, ver I João 2:18 *ss*).

Notemos a atitude correta para com o pecado. Os verdadeiros crentes «odeiam» a imoralidade, conforme aqueles crentes odiavam os ataques da citada seita. Portanto, em Apo. 2:2, lemos que os efésios não podiam *suportar homens maus*. Quando somos fiéis a alguém, precisamos repreender seus pecados e erros, mas isso deve ser feito com o intuito de conquistar tal pessoa, e não de afastá-la, pelo que não se pode usar de espírito orgulhoso e altivo, conforme, com freqüência, se verifica.

«Vós, que amais o Senhor, detestai o mal...» (Sal. 97:10).

«Por meio dos teus preceitos consigo entendimento; por isso detesto todo caminho de falsidade». (Sal. 119:104).

«Seis coisas o Senhor aborrece, e a sétima a sua alma abomina... o que semeia contendas entre irmãos» (Pro. 6:16-19).

Outras Idéias sobre Apo. 2:6

1. Dizem alguns que os nicolaítas eram idênticos aos seguidores de Balaão, porque Nicolau seria a tradução de Balaão, para o grego. Vários eruditos têm mantido esse ponto de vista, mas a maioria dos estudiosos modernos rejeita o mesmo. Contudo, não pode haver dúvidas razoáveis que tanto os seguidores de Balaão como os nicolaítas eram ramos representativos do gnosticismo. Não há motivo para duvidarmos da historicidade de tais seitas. Não são mencionadas neste capítulo meramente como símbolos com propósitos didáticos. A história mostra-nos a realidade histórica de variegadas seitas gnósticas.

2. «É possível que um mesmo ramo antinominiano se tenha dividido em três formas: a. uma forma

doutrinária (os nicolaítas); b. uma forma mundanizada (os seguidores de Balaão); e c. uma forma espiritualista (os seguidores de Jezabel)». (Comentário de Lange). Embora talvez não tenhamos motivo para fazer tal divisão, é provável que os vários problemas enfrentados pelas igrejas da Ásia Menor tenham tido uma raiz comum.

3. A identificação de Nicolau, aludido em Atos 6:6, com a seita aqui mencionada, pode ter sido meramente uma conjectura, da parte de alguns dos primeiros pais da Igreja. Por outro lado, poder-se-ia argumentar, logicamente, que não era do interesse da tradição posterior destruir a reputação de qualquer crente neotestamentário revestido de autoridade na Igreja. É possível que o próprio Nicolau não fosse culpado de sensualidade, mas apenas indiscreto, porque seu oferecimento de sua própria esposa, a qualquer que quisesse possuí-la, pode ter sido interpretado como uma tentativa de estabelecer uma «comunidade de esposas». (Ver Clemente de Alexandria, *Strom.* 1:3, pár. 436 e Eusébio, *História Eclesiástica* 1.3 cap. 29; quanto à narrativa do ato indiscreto de Nicolau). Algumas seitas gnósticas, na realidade, tinham esposas em comum.

NICOLAU

Nome próprio formado por dois termos gregos que dão a entender «vencedor do povo». Ele se converteu em Antioquia ao cristianismo, e foi um dos sete diáconos originais (ver Atos 6:5).

Nicolau, prosélito de Antioquia, Atos 6:5. É bem possível que se faça menção aqui ao fato de que era «prosélito», a fim de mostrar que era gentio puro. O mais certo é que primeiramente se tenha tornado prosélito do judaísmo, e depois se converteu ao cristianismo. Tradicionalmente, esse homem é o fundador da seita herética dos *nicolaitas*, que podia ser encontrada em Éfeso e em Pérgamo, além de outras localidades, condenada em Apo. 2:6,15. Tem sido dito acerca dele que ensinava os homens a «abusar da carne» (ver Clemente de Alexandria, Strom. iii.4; Eusébio, *História Eclesiástica* iii.29). No entanto, Clemente de Alexandria descreveu Nicolau como homem bom, embora houvesse nessa época uma seita que praticava a troca de esposas, escudando-se sobre a suposta autoridade de Nicolau. É evidente que os nicolaitas procuravam obter uma posição de transigência com o paganismo, a fim de permitir aos cristãos participarem de vários costumes e tradições locais, sem qualquer embaraço. Alguns estudiosos têm procurado identificar os nicolaítas com os indivíduos atacados nos trechos de II Ped. 2:15 e Jud. 11, supondo que sua principal heresia consistia na defesa à lassidão sexual. Existem referências, nos escritos de Irineu, Clemente e Tertuliano, que indicam que essa seita gradualmente se foi identificando como uma organização *gnóstica*, cujas origens remontavam ao ano 200 D.C. Todavia, outros intérpretes têm negado haver qualquer conexão entre a seita dos nicolaítas e Nicolau, afirmando que o termo *nicolaíta* se deriva da forma helenizada do apelativo hebraico Balaão. Por conseguinte, essa seita não teria tido existência real, mas apenas *alegórica*, pelo que também não teria tido relação alguma com o diácono Nicolau. Tal termo—*nicolaitas*, portanto, podia ser usado de forma lata, por diversos grupos de expressão religiosa duvidosa. Alguns eruditos chegam mesmo a crer que as tradições que identificam o diácono Nicolau com qualquer culto herético primitivo são tão indignas de confiança como aquelas outras que dizem respeito aos Atos apócrifos escritos supostamente por Prócoro. Ver *Nicolaítas*.

Prosélito de Antioquia. (Ver sobre a cidade de *Antioquia*). Isso não indica que os outros diáconos não pudessem ter sido prosélitos, primeiramente do judaísmo e então do cristianismo. O mais provável é que tal epíteto significava que Nicolau foi a primeira pessoa a alcançar projeção, na Igreja cristã primitiva, a não pertencer à descendência de Abraão; e através desse fato o rápido avanço da Igreja cristã por território não-judaico é aqui introduzido. Toda essa seção quase certamente se deriva de uma fonte informativa antioqueana. Agora a Igreja cristã se afastava paulatinamente de sua expressão judaica; e esses homens representavam essa expansão.

NICOLAU DE CUSA (NICOLAU CUSANO)

Suas datas foram 1401-1464. Ele foi um filósofo alemão, nascido em Cusa. Estudou em Heidelberg Pádua e Colônia. Foi teólogo e filósofo de nomeada. Escreveu sobre filosofia, teologia, leis e ciência. Sua principal obra, *De Docta Ignorantia*, salientava as limitações da intelecção humana. Foi emissário papal, e esteve muito engajado em reformas eclesiásticas. Foi nomeado bispo em 1448 e cardeal em 1450.

Idéias:

1. Todo alegado conhecimento não passa de conjectura, pelo que o homem que reconhece seu conhecimento como *docta ignorantia*, «ignorância aprendida», é que é verdadeiramente sábio.

2. *Coincidentia oppositorum*, ou seja, «coincidência dos opostos». Quando alguém amplia de modo suficiente o seu conhecimento, surpreende-se ao descobrir que topa com opostos a proposições e termina tropeçando em paradoxos. Desse modo, ele viu a necessidade da idéia de *polaridade* (vide), em nossa maneira de pensar.

3. Embora o mundo não seja infinito, é infinito relativamente, de acordo com aquilo que Nicolau chamava de «máximo relativo». No entanto, seria ilimitado em sua extensão, e não teria centro. O globo terrestre nem ocupa posição central e nem está parado no espaço. Isso é óbvio para nós, embora não fosse reconhecido facilmente nos dias de Nicolau de Cusa.

4. Deus é infinito e é o «máximo absoluto». No entanto, Deus também é o «mínimo absoluto». E isso nos põe frente a frente com o princípio da coincidência dos opostos, proposto por Nicolau de Cusa. A conseqüência natural dessa idéia é o ensino da transcendência e da imanência de Deus: Deus está além de todas as coisas, mas também está em todas as coisas.

5. Cada porção do universo faz-se presente nas demais partes. O homem tanto é imagem de Deus quanto é um microcosmo que reflete o macrocosmo.

Escritos: On Learned Ignorance; On Catholic Harmony; On The Hidden God; Apology for Learned Ignorance; The Idiot; The Vision of God; On the Peace of Faith.

NICOLAU DE DAMASCO

Ele viveu no século I A.C. Foi um filósofo helenista, membro da escola aristotélica de Alexandrina, juntamente com *Andrônico de Rodes* (vide). Foi homem dotado de grande erudição, e escreveu sobre quase todos os campos de conhecimento de sua época, além de muito ter escrito acerca de Aristóteles. Serviu como conselheiro de Herodes, o Grande. Seus livros mais bem conhecidos intitulam-se *Sobre as Plantas* e

Sobre Aristóteles. Existem fragmentos de seus outros escritos.

NICOLAU DE MIRA (SANTO)

Não se sabe quando ele nasceu, embora tenha morrido a 6 de dezembro de 345 ou 352 D.C. Foi um santo popular nas igrejas grega e latina. Esse foi o Nicolau que veio a ser vinculado ao Natal, e que, no Brasil aparece como o Papai Noel. É o santo patrono da Rússia e da Grécia, como também de certas regiões e cidades da Europa ocidental. Tradições e lendas cercam sua vida, com o resultado de que é difícil determinar o que é real e o que é ficção.

As tradições afirmam que ele nasceu em Patara, na Lícia, Ásia Menor. Era devoto desde a juventude; tornou-se abade, e, posteriormente, bispo de Mira. Foi perseguido, torturado, encarcerado; mas, finalmente, foi libertado por Constantino. É de presumir que ele tenha estado presente ao Concílio de Nicéia. A sua casa, em Mira (Bari), tornou-se objeto de peregrinações. Ele é considerado como o guardião especial das donzelas, das crianças, dos negociantes, dos marinheiros, dos estudiosos, e até mesmo dos ladrões, aos quais compeliria a devolver coisas roubadas.

Lendas Associadas ao Natal. Certo nobre empobrecera a tal ponto que não conseguia prover um dote às suas três filhas, a fim de que elas se casassem. Ele estava prestes a permitir que elas se tornassem prostitutas quando Nicolau ouviu falar a respeito, e resolveu intervir secretamente. Primeiramente, ele foi até defronte da casa daquele nobre, à noite, e jogou para dentro da casa uma peça de ouro, que, mui convenientemente, caiu aos pés do nobre. E este usou o ouro para equipar sua primeira filha para o casamento. Na noite seguinte, Nicolau repetiu a dose; e assim a segunda filha do nobre ficou preparada para casar-se. Na terceira noite, Nicolau fez a mesma coisa. Mas, dessa vez, o nobre conseguiu apanhá-lo. Porém, Nicolau fez o homem prometer que não diria coisa alguma a ninguém. Dessa prática é que se teria originado o antiqüíssimo costume dos membros mais idosos de uma família porem presentes sobre os sapatos ou meias dos membros mais jovens. Naturalmente, Nicolau (o Papai Noel) é quem obtém o crédito por esses atos de benevolência.

Embora, a princípio, sua festa fosse celebrada a 5 de dezembro, os costumes acabaram amalgamados com os costumes do Natal; e foi daí que surgiu a figura do Papai Noel. Ele foi imortalizado no poema de Clement C. Moore, *Véspera de Natal*, que se tornou uma peça clássica da literatura. E ao Papai Noel começaram a ser atribuídos poderes miraculosos, inclusive aquele de descer pelas chaminés a fim de deixar no interior das casas os seus presentes. Com a passagem do tempo, o cavalo em que ele era concebido a montar, foi trocado pelo trenó puxado por renas, talvez devido ao poema que acabamos de mencionar. Além disso, suas *vestes* também são dotadas de poderes mágicos, permitindo-lhe viajar instantâneamente para qualquer lugar que queira.

Apesar dessas excrescências lendárias, não há que duvidar que houve algo de extraordinário na pessoa de Nicolau de Mira. Parece que sua característica distintiva era a generosidade. Desse modo, ele deixou sua contribuição para os encantos do *Natal* (vide).

NICOLAUS (PAPAS)

Um total de cinco papas têm sido assim chamados, a saber:

1. *Nicolau I*. Ele foi chamado de *Grande*, e é tido como um dos santos da Igreja Católica Romana. Suas datas foram 800 (?) — 867. Era conhecido como homem piedoso, eloqüente e generoso. Seu pontificado foi de 858 a 867. Ele defendia a unidade cristã, fazendo oposição a Fótio, patriarca de Constantinopla. Houve uma disputa sobre terras na controvérsia, além de outras questões, incluindo o fato de que Fótio rejeitava a supremacia romana.

Nicolau I obteve a reputação de ser trabalhador incansável e imparcial defensor da justiça. Depôs os arcebispos de Colônia e Trier por terem sancionado o adúltero casamento do irmão do imperador; restaurou o patriarca Inácio, no Oriente; excomungou Fótio; aumentou a fortuna e os poderes da Sé de Roma. O rei Bóris I, da Bulgária, que se convertera ao catolicismo romano, solicitou do papa que respondesse a cento e seis perguntas relacionadas a problemas acerca da conversão de seu país ao cristianismo. Essas indagações foram respondidas na bem conhecida obra *Responsa Nicolai ad consulta Bulgarorum*.

2. *Nicolau II*. O nome original desse papa foi Gerard de Burgundy. Suas datas foram 980 (?) — 1061. Pontificou entre 1050 e 1061. Nasceu em Chevron, na França. Seu antecessor, Estêvão I, morrera em meio à violência e à corrupção. Um antipapa, João Míncius (bispo de Velletri), foi nomeado então, tendo assumido o título de Benedito X, na ocasião, Hildebrando, que se achava em missão na Alemanha, e que chegou a ser papa, conseguiu exercer influência sobre três papas. Ao retornar da Alemanha, Hildebrando reuniu os cardeais em Siena e elegeu Gerard, bispo de Florença, como o novo pontífice; e o antipapa foi deposto. E Gerard escolheu o título pontifical de *Nicolau II*.

Nicolau II promoveu a disciplina eclesiástica, por ocasião do sínodo de Milão; e convocou o Concílio Laterano, de 1059, que promulgou regras para a eleição dos papas, além de ter reduzido os poderes civis quanto a essa questão. A Alemanha sentiu-se ofendida diante disso, e recusou-se a acolher ao legado papal. Um sínodo efetuado na Alemanha não tardou a anular todas as regras estabelecidas por Nicolau II, e este foi declarado deposto. Porém, ele continuou sendo papa, e impôs várias reformas. Em 1059 ele legalizou o casamento de Guilherme, o Conquistador, com Matilda de Flandres.

3. *Nicolau III*. Seu nome primitivo era Giovanni Gaetano Orsini. Nasceu em Roma, em cerca de 1216, e morreu em Soriano, em 1280. Governou como papa entre 1277 e 1280. A família Orsini era da nobreza, tendo influenciado a Igreja e o Estado. Antes de ser nomeado papa, foi cardeal. Em diversas ocasiões fora encarregado de importantes missões, por papas antecessores. Foi bom diplomata, e realizou sua tarefa com sabedoria e imparcialidade. João XXI fê-lo arcebispo de São Pedro. Ao tornar-se papa, procurou diminuir a influência estrangeira sobre Roma, e também agiu como intermediário para aquietar perturbações políticas entre governantes estrangeiros. Enviou missionários à Pérsia e à China, a pedido do xá da Pérsia, Abaga. Foi ele quem fez do Vaticano a residência permanente dos papas. Ampliou e embelezou o lugar, com essa finalidade.

4. *Nicolau IV*. Seu nome era Girolano Masi. Foi papa entre 1288 e 1292. Seus pais eram humildes. Entrou na ordem dos frades franciscanos; sucedeu a Boaventura como chefe dessa ordem. Tornou-se o primeiro papa franciscano. Seu pontificado foi perturbado pela famosa família Colonna, de Roma. Também teve dificuldades com poderes estrangeiros.

Não conseguiu levantar uma cruzada contra os islamitas. Mas teve sucesso em seus esforços missionários, tendo enviado missionários à China, à Bulgária, à Etiópia e aos tátaros. Seu médico, Simão Januense, começou a usar cientificamente o ópio como mitigador da dor, e publicou o primeiro importante dicionário de medicina, encorajado por esse papa.

5. *Nicolau V.* Seu nome era Tommaso Parentucelli. Foi papa de 1447 a 1455. Era homem erudito e humilde, tendo sido apodado de «grande humanista». Como tutor de importantes famílias florentinas, entrou em contato com homens de erudição. Por vinte anos ajudou ao bispo de Bolonha, quando se revelou um grande bibliófilo, tendo ganho a reputação de grande erudição. Eugênio IV o enviou em várias missões importantes. Este nomeou-o cardeal; e veio a ser o sucessor de Eugênio IV. Continuou, porém, interessado pelas artes e pela literatura. Fortificou Roma, restaurou seus marcos, construiu e restaurou templos, renovou o Vaticano e começou a reconstruir a Basílica de São Pedro. Foi bom político e estadista, como também promotor das artes. Mediante a concordata de Viena (1448), obteve o reconhecimento dos direitos papais sobre os bispados e os benefícios; reconciliou o antipapa Félix V; dissolveu o concílio de Basiléia; enviou delegados em várias missões, um dos quais foi *Nicolau de Cusa* (vide). Expediu uma bula, fundando a Universidade de Glasgow, na Escócia. Condenou à morte a Estêvão Porcaro, após suas três tentativas de estabelecer uma república em Roma. Não foi feliz com bispos gregos perturbadores, nem conseguiu abater aos turcos mediante uma cruzada.

NICOMACO DE GERASA

Ele viveu no século II D.C. Foi um filósofo helenista que nasceu na Arábia; combinava idéias de Platão, de Filo e de Pitágoras, embora fosse, acima de tudo, um neopitagoreano. Dava grande valor a números místicos, que, segundo dizia, existiriam de antemão na mente de Deus. O *Um* é a unidade, é o princípio da unidade e é divino. O *dois* é o número da matéria. *Boécio* (vide) traduziu seus escritos de natureza matemática. Foram escritos comentários sobre as suas obras que continuaram em uso até o tempo da *renascença* (vide). Seus principais escritos foram: *Introdução à Aritmética; Manual de Harmonia* e *Vida de Pitágoras*.

NICÓPOLIS

No grego, «cidade da vitória». Várias cidades da antiguidade foram assim denominadas. Uma delas talvez tenha servido de quartel-general da evangelização apostólica, o lugar onde Paulo quis encontrar-se com Tito, e onde também esperava passar o inverno. Ver Tito 3:12. Esse lugar dispunha de um ativo comércio, e ali a pesca era intensa. Foi escolhida por Augusto e construída como a sua capital do Épiro. Ele havia edificado originalmente a cidade a fim de comemorar a sua vitória sobre Marco Antônio. Ficava localizada nas costas ocidentais da Grécia, no golfo de Arta. Ali foi estabelecida uma colônia romana. Mais tarde, foi destruída pelos godos, quando invadiram a península; mas foi reconstruída por Justiniano, imperador do Império Romano do Oriente, somente para ser suplantada pela cidade de Preveza, um pouco mais para o sul.

Ali existem muitas ruínas, mas, surpreendentemente, ainda não foi investigada pela arqueologia. Os historiadores bíblicos acreditam que o empreendimento missionário de Paulo, que foi planejado para centralizar-se nessa cidade, acabou não ocorrendo. Também crêem que Paulo ficou detido nesse lugar, e enviado dali de volta a Roma, em seu segundo período de encarceramento. Foi em Nicópolis, igualmente, que o famoso filósofo estóico romano, Epicteto, estabeleceu o seu centro de erudição e de discussões filosóficas.

NICOTRASTO

Ele viveu no século II D.C., na época da quarta academia de Platão. Na época havia forte tendência para sintetizar as idéias de Platão e de Aristóteles. Nicotrasto, um filósofo platônico ortodoxo, resistiu a essa tendência, embora tivesse ele produzido um comentário sobre as *categorias* de Aristóteles, demonstrando que ele se interessava por ambos os pontos de vista. Porfiro e Plotino utilizaram-se de suas obras. Seus principais escritos foram *Categorias*, uma obra que existe na íntegra, e *Comentário*, do qual só há fragmentos.

NIEBUHR, H. RICHARD

Foi irmão do mais bem conhecido Reinhold Niebuhr. Suas datas foram 1894-1962. Foi ministro da Igreja Reformada Evangélica. Professor Sterling da Universidade Teológica de Yale. Sua principal contribuição deu-se no campo da ética. A base de sua filosofia era a soberania de Deus e a contingência humana, com seus juízos morais limitados.

Suas descrições do homem foram convenientemente divididas em três categorias: o homem — realizador; o homem—cidadão; o homem—respondedor. Essas categorias são julgadas de forma específica: a primeira, teleologicamente; a segunda, deontologicamente; a terceira, por meio de situações. Ele usava a metáfora do motorista. Um motorista não é julgado meramente pelo critério se chega ou não ao seu destino. É mister que também obedeça às regras de trânsito. Porém, além das meras regras, há muitas circunstâncias que alteram nosso julgamento, como as condições da estrada; a capacidade do veículo que o motorista dirige; as condições do tempo; as ações dos demais motoristas, etc. Isso posto, os juízos morais requerem grande complexidade nos exames. O que não se pode olvidar é que os juízos morais precisam *adaptar-se* às situações, a fim de que sejam adequados. Como é óbvio, neste ponto entra a questão da relatividade, embora essa teoria seja por demais complexa para ser caracterizada por qualquer palavra isolada. A crença de Niebuhr em Deus emprestava à sua teoria certos elementos de absolutismo.

NIEBUHR, REINHOLD

Suas datas foram 1892-1971. Nasceu em Wright City, estado do Missouri, nos Estados Unidos da América do Norte. Educou-se no Elmhurst College, no Seminário Teológico Éden e na Escola de Divindades de Yale. Foi ordenado pelo Sínodo Evangélico da América do Norte. Seu ministério pastoral foi notável; e, então, veio a fazer parte da faculdade do Seminário Teológico União. Tornou-se conhecido por seu pensamento original no campo da ética, da apologética e por sua participação em atividades públicas.

Idéias:

1. Ele era adepto da escola da **neo-ortodoxia** (vide). Referia-se a Deus como o inteiramente outro; frisava

o pecado original e a trágica posição do ser humano; essa tragédia caracteriza-se pelo fato de que percebe o ideal da perfeição, embora não consiga realizar o feito.

2. O homem é livre e responsável, embora afetado por um elemento demoníaco que arruína a tudo. Assim sendo, o conflito interno e externo de um homem vai além do simples processo histórico.

3. Niebuhr tem sido criticado, e com razão, por não ter frisado adequadamente a doutrina do Espírito, que é a força do homem que pode levá-lo à perfeição.

4. Ele falava sobre Jesus como «a chave» do mistério da existência humana, «o símbolo» de um poder e um amor constantes. Como é óbvio, para os mestres conservadores, não parece que isso faça justiça a Jesus, o Cristo, além de enfraquecer as considerações éticas de Niebuhr.

5. Na política, ele evitava as teorias utópicas, mas promovia uma espécie de realismo liberal, capaz de reconhecer as irracionalidades do homem, a fim de dar-lhes uma nova direção, racional. Ele cria que as mudanças institucionais são essenciais e mais importantes do que as transformações do coração humano. Ele acreditava que o capitalismo norte-americano é adequado para a cena política, podendo servir de arcabouço para as modificações sociais necessárias.

6. Ele rejeitava o liberalismo religioso como demasiadamente ingênuo, no tocante ao verdadeiro estado ético do homem. Quanto a isso, ele aplicava o seu «realismo cristão», que presumivelmente reconhece a real natureza depravada do homem. Ele empregava uma estimativa agostiniana da natureza humana, embora combatendo a doutrina da *total* depravação do homem. Durante algum tempo, favoreceu ao marxismo e ao pacifismo; mas acabou rejeitando a ambas as posições, por faltar-lhes uma verdadeira visão da pecaminosidade do homem, o que significa que ignoram uma importante área da questão de como o homem pode e deve ser aprimorado.

7. Ele via uma *dramática* apresentação da verdade na Bíblia, e não uma apresentação metafísica. E alicerçava sua descrição sobre o drama das Escrituras.

Escritos. Moral Man and Immortal Society; An Interpretation of Christian Ethics; Beyond Tragedy; Christianity and Power Politics; The Nature and Destiny of Man; The Children of Light and the Children of Darkness; Christian Realism and Political Problems; Pious and Secular America.

NIETZSCHE, FRIEDRICH

Suas datas foram 1844-1900. Nasceu em Rocken, na Prússia. Foi estudante brilhante em Leipzig. Tornou-se professor da Universidade de Basiléia, na Suíça. Porém, sua saúde periclitante forçou-o a abandonar o ensino. Vagava entre a Itália e a Suíça. vivendo solitário. Perdeu os sentidos em uma das ruas de Turim; e faleceu em 1900, após onze anos de insanidade. Mui curiosamente, foi apelidado de «Profeta de uma religião não-religiosa e de uma filosofia não-filosófica».

Idéias:

1. Ele rebelava-se contra todas as pretensões filosóficas e teológicas de se chegar à *verdade*. Por esse motivo, grande parte de seus escritos veio a ser uma série de ataques e negações de idéias, em vez de uma tentativa de chegar à verdade.

2. Ele afirmava que o indivíduo não deve aceitar passivamente idéias e situações que vêm ao seu encontro; antes, deve forçar sua vontade contra elas, de modo a conseguir modificações em consonância com os seus desejos.

3. Revoltava-se contra o cristianismo por causa da ênfase deste sobre *virtudes suaves*, como a misericórdia, o amor, etc. No entanto, ele também era revoltado contra o nacionalismo, o comercialismo, a democracia, o espírito científico e os ideais do século XIX em geral.

4. Influenciado por Schopenhauer, ele desenvolveu a doutrina do *poder da vontade*, mediante o qual o indivíduo nutre uma revolta apropriada e consegue impor as mudanças necessárias.

5. Ele argumentava em favor do *imoralismo*, que levaria o homem a endurecer seu ânimo, a viver perigosamente, a tentar o impossível, a adotar uma *moralidade-dominante*, a do super-homem que faz o que quer, impondo sua vontade aos seus semelhantes. O homem haverá de ser ultrapassado pelo super-homem.

6. Ele opunha-se à metafísica, embora tenha promovido traços da mesma em sua doutrina de *recorrência eterna*, que teria até mesmo ciclos intermináveis de reencarnação. Schopenhauer dissera algo similar, fazendo a existência inteira parecer pessimista, sem qualquer propósito bom ou razoável. Nietzsche admitiu sua própria incoerência ao adotar essas idéias metafísicas, ao mesmo tempo em que dizia que elas demonstram que, verdadeiramente, há um conflito em todas as coisas, incluindo em seu próprio sistema filosófico. Os mestres estóicos haviam falado sobre grandes ciclos que, inevitavelmente, trazem de volta tudo quanto já existiu.

7. Seu livro, **Beyond Good and Evil**, declara as suas idéias essenciais sobre questões éticas. Ele reduziu os sistemas morais a dois tipos: aquele que produz uma moralidade e uma mentalidade próprias de escravo; e aquele que produz uma atitude e uma moralidade de senhor. O senhor é aquele que se impõe e faz os outros aceitarem a sua vontade. Os escravos são os que se submetem aos padrões de todas as variedades de sistemas, e não se impõem. As regras desses sistemas alicerçam-se sobre o ressentimento, o desejo pelas recompensas, o temor e o desejo de vingança. No entanto, ambos os sistemas são parciais, requerendo a existência um do outro.

8. O impulso fundamental do homem é o *poder da vontade*. Isso é bom, porque faz o potencial humano chegar à plena fruição. Os escravos nunca chegam a lugar nenhum. A moralidade própria de escravo transforma fraquezas em virtudes. Desse modo é morta a inquirição pela excelência, e o homem permanece em sua mediocridade.

9. A moralidade própria de escravo enfermou a Europa, como enferma a qualquer indivíduo. A moralidade de rebanho agrada às massas, mas nenhuma grandeza emerge daí. A excelência perde-se com a democratização. A democracia é um sistema doente; o cristianismo também é um sistema doente, pois ambos promovem uma moralidade de rebanho e o poder dos fracos. Outrossim, o cristianismo faz o sexo tornar-se sujo, e assim deprecia erroneamente os valores do corpo e do único prazer decente do ser humano. Os valores de um mundo fictício são exaltados, ao passo que os valores reais deste mundo são anulados pelo cristianismo.

10. *Deus está morto*. Os homens inventaram um deus ridículo e fictício. Mas, à medida que aumenta o conhecimento do homem, mais ele nota que esse deus não passa de uma invenção. Os homens investem em seus deuses (ou seu Deus) as suas próprias qualidades



Friedrich Nietzshe — 1844-1900

Friedrich Nietzshe

••• ••• •••

Nietzshe era o filósofo que mais enfatizou a vontade para exercer poder. Embora criado como um luterano tradicional, ele foi longe de suas bases e perpetuou um sistema sem valores metafísicos. Ele inventou o *super-homem*, o ponto mais alto de seu sistema ateísta. A força deve triunfar sobre toda fraqueza, humildade e misericórdia. A ética para ele era simplesmente um estudo como o super-homem poder melhor exercer seus poderes loucos. Auto-afirmação toma o lugar de amor pelos outros. O cristianismo, estupidamente, glorifica as qualidades dos fracos, como humildade, sacrifício pelos outros, e pobreza, literal e metafórica. O *homem ideal* é aquele que domina os outros, é arrogante e orgulhoso e que procura com todas as suas forças a dominância. Todos os sistemas políticos, como socialismo, comunismo e democracia, que enfatizam os direitos e bem-estar das massas, são inúteis. O princípio da igualdade é a maior mentira de todas.

••• ••• •••

••• •••

humanas. O homem tem uma consciência má, e isso leva-o a querer ser punido. O homem chega mesmo a querer ser torturado. E assim, o homem concebe um Deus que anela por torturar aos pecadores. Visto que Deus não existe, e que nosso conceito de Deus está morto, precisamos voltar-nos para outras preocupações, para outras alternativas filosóficas.

11. *A maça filosófica*. Nietzsche sentia que fazia bem em usar a sua maça para despedaçar antigos sistemas, para destruir antigas idéias ultrapassadas. Achamo-nos em um estado de transição do mau para melhor. A maça ajuda-nos a libertar-nos do que é ruim.

12. *O super-homem*. Substituímos Deus por um super-homem. O super-homem é aquele que, mediante seu poder da vontade, atinge a excelência e abandona a estupidez do seu passado. O super-homem é o único homem autêntico. Ele é o homem dotado de elevada integridade, sem preconceitos, sem orgulho, espiritual, dotado de grande alma, que tem consideração por seus inferiores, mas que se impacienta quando vê fraquezas transmutadas em virtudes. Apesar de Nietzsche não ter inventado um sistema ou ideal utópico, ele usou o conceito de super-homem como o ideal na direção do qual devemos esforçar-nos.

Os historiadores têm observado o evidente fato de que Hitler pareceu incorporar, em alguns pontos essenciais, o ideal do super-homem de Nietzsche. Mas esse super-homem mostrou ser apenas um monstro.

Escritos. The Birth of Tragedy; Human, All too Human; The Gya Science; Beyond Good and Evil; Toward a Genealogy of Morals; Thus Spake Zarathustra.

NÍGER

No latim, «negro». Sobrenome de Simeão, um dos profetas e mestres da igreja em Antioquia. Ver Atos 13:1. Alguns têm-no identificado com Simão, o cireneu, que ajudou a carregar a cruz de Cristo. Ver Mar. 15:21. Contra isso temos a ausência total de qualquer comentário, por parte de Lucas, quanto a esse detalhe, o que, sem dúvida, ele teria salientado, se fosse verdade. Seja como for, esse homem deveria ser racialmente identificado com a África, pois o termo *Níger* foi usado para identificá-lo, visto que Simeão era um nome bastante comum. Os hebreus costumavam dar a seus filhos um único nome. Se fosse necessária alguma outra identificação, então «filho de», ou coisa semelhante, era adicionado àquele nome.

NIGÍDIO FÍGULO

Ele viveu no século I A.C. De acordo com Cícero, Fígulo foi o mais importante neopitagoreano de seus dias. Ele fundiu esse sistema com o misticismo, com a astrologia e com o platonismo. Seu principal escrito foi *Sobre os Deuses*.

NIHILIANISMO

Essa palavra vem do latim, **nihil**, «nada». Esse termo alude a certo ponto de vista que assevera que a natureza humana de Cristo não era real, não tinha verdadeira subsistência, conforme se via no *docetismo* (vide). Esse ponto de vista tem sido erroneamente atribuído a *Pedro Lombardo* (vide), tendo sido formalmente condenado pelo papa Alexandre III, em 1179.

●●● ●●● ●●●

NIHIL IN INTELLECTU NISI PRIUS IN SENSU

Expressão latina que significa «nada (está) no intelecto que não tenha estado antes nos sentidos», noção típica do empirismo, que supõe que o homem não pode adquirir conhecimento que não comece pela percepção dos sentidos. Porém, a verdade é que a experiência humana prova a validade de outros meios de conhecimento, como a razão, a intuição e as experiências místicas.

NIHIL OBSTAT

No latim, «nada impede». Essa expressão é usada para indicar as publicações que podem ser impressas com a aprovação da Igreja Católica Romana. Expressão sinônima é *Imprimatur*, que significa «Seja impresso». Essas expressões abordam as censuras eclesiásticas.

Na antiguidade, qualquer livro podia ser embargado. Agora, visto que a liberalização e a democracia predominam, os livros só podem ser embargados se forem publicados por membros da Igreja Católica Romana que se envolvam em publicações que possam ser consideradas heréticas ou prejudiciais ao catolicismo romano. Se, porém, alguém quiser publicar algo em seu próprio nome, não precisa dessa licença do *nihil obstat*. Porém, se quiser a bênção paternal da Igreja Católica Romana para seu livro, precisará obter essas palavras aprovadoras.

NIHILISMO

Essa palavra também vem do latim, **nihil**, «nada». Esse vocábulo tem sido largamente usado em vários campos e com vários sentidos. Foi cunhado por Turgeniev, em sua novela, *Pais e Filhos* (1862). Ali, o termo tinha um significado político. Certo movimento russo do último quartel do século XIX foi acusado de empregar esse termo, em uma tentativa de destruição, mas sem qualquer plano construtivo, digno do nome, que substituísse o que eles pretendiam eliminar. Muitos oficiais russos foram mortos; imperou o caos; mas nada se fez de construtivo.

1. *Na Metafísica e na Epistemologia. Górgias* (vide) negava a própria existência, e supunha que se alguma coisa realmente existisse, ela não poderia ser conhecida e explicada. E, ainda que pudesse ser conhecida, não poderia ser comunicada.

2. O nihilismo é a manifestação mais extrema do *ceticismo*. Começamos por negar o conhecimento, e acabamos negando que haja algo para ser conhecido. No tocante ao conhecimento, a assertiva de que coisa nenhuma pode ser conhecida recebe o nome de *nihilismo*, ainda que não se chegue à posição extremada de negar a própria existência.

3. O *nihilismo ético* afirma que não existem valores genuínos; a moralidade e os valores seriam artificiais, servindo a pessoas e a classes, mas nada tendo a ver com a verdade. O *pessimismo* (vide) é uma forma de nihilismo ético. Schopenhauer (o principal filósofo pessimista), contudo, preservava alguns valores, ensinando que a renúncia e a simpatia têm algum valor. Mas *Nietzsche* declarava que a Europa estava enferma, por promover a fraqueza e a falta de busca pelo que é excelente, através do poder da vontade. Ele encontrou um nihilismo ao seu derredor, e ocupou-se em criar mais algum nihilismo.

4. O *nihilismo político* chega ao extremo de afirmar que a destruição da ordem social herdada é, por si mesma, um ato bom e positivo, mesmo que nada seja apresentado para tomar o lugar das coisas e instituições destruídas. *Bakunin* (vide) era defensor

dessa posição extremada; mas *Camus* (vide), contrariamente, dizia que o nihilismo está fora de um comportamento admissível.

5. O *nihilismo teológico* pode ser visto nos escritos de Nietzsche, que declarou que «Deus está morto». Ver o décimo item do artigo acerca dele. Esse tema, desafortunadamente, foi aceito por alguns teólogos posteriores. *Sartre* (vide) e aqueles que promoviam o que veio a ser chamado de Teologia Radical, como *Thomas Altizer* (vide), ou como *William Hamilton* (vide), também empregaram esse tema em suas discussões. Esse termo pode tornar-se absolutamente ateísta: Deus não existe. Ou, então, pode indicar que nossos conceitos de Deus são obsoletos. Temos uma representação morta de Deus, visto ser uma representação falsa. Ver o artigo detalhado intitulado *Morte de Deus, A.*

NIHONGI

Também chamado **Nihon Shoki**. Esse livro consiste nas «Crônicas do Japão», cujo propósito é contar a história do Japão, desde a criação até 697 A.C. Foi escrito em 720 D.C.

NILO (RIO)

Esboço:

1. Caracterização Geral
2. Cabeceiras
3. Nome
4. Curso
5. A Grandiosidade do Nilo
6. O Nilo e as Referências Bíblicas a Respeito
7. O Calendário Egípcio

1. Caracterização Geral

Até bem pouco tempo, o Nilo era considerado o mais longo rio do mundo, com cerca de 6.690 km. Agora perdeu essa posição para o rio Amazonas, quando exploradores descobriram as verdadeiras nascentes desse rio sul-americano, conferindo-lhe mais de 6.700 km. Seja como for, é o segundo maior rio em extensão. Sua bacia hidrográfica é a terceira maior do mundo, cobrindo uma área de cerca de 3.348.870 km(2). O Amazonas continua tendo a maior bacia hidrográfica do mundo, com 7.050.000 km(2). A bacia do Nilo, contudo, envolve alguns grandes lagos, incluindo o lago Vitória, o segundo maior do mundo. O Nilo é formado por dois ramos formadores, chamados Nilo Branco e Nilo Azul, que se unem defronte da cidade de Khartoum. O Nilo Branco começa no lago Vitória, embora a verdadeira fonte desse rio seja o rio Cagera, um tributário do lago Vitória, que tem origem a cerca de 648 km de distancia desse lago. O Nilo começa na África equatorial, e prossegue na direção geral norte, até desaguar no seu delta, no mar Mediterrâneo. O Nilo fomentou uma das maiores e mais duradouras civilizações do mundo, a egípcia-sudanesa. E a cultura ocidental tem muitas raízes importantes nessa civilização.

2. Cabeceiras

O rio Nilo tem início em uma região montanhosa, começando em lagos e águas pluviais dos meses chuvosos. O Nilo Branco, como já dissemos, começa no lago Vitória, o único rio que verte desse lago. Do lado Vitória, o Nilo Branco desce 5 m de nível e deságua em outro grande lago, de nome Kioga. E, então, a 2.658 km do lago Vitória, o Nilo Branco une suas águas ao Nilo Azul. O Nilo Azul desce das montanhas da Etiópia. Tem apenas 1.368 km de extensão, mas seu volume, no tempo da cheia, é quatro vezes maior que o do Nilo Branco. O Nilo Azul começa em duas fontes, que o padre português, Jerônimo Lobo, descreveu em 1625. Ligeiramente mais do que 320 km abaixo da junção daqueles dois rios, um outro rio deságua no Nilo, o rio Atbara. Ali há um povoado com esse nome. Esse rio desce das terras altas da Etiópia.

3. Nome

Os antigos egípcios chamavam o Nilo de **Hapi**, que era o nome de uma divindade do rio. Era também usado um outro nome egípcio, *itrw*, que significa «rio». Os hebreus chamavam esse rio com base nesse nome egípcio, razão por que ele é chamado, no Antigo Testamento, de «o rio». Desconhece-se, porém, a origem do nome moderno, *Nilo*. Há quem pense que esse nome significa «azul escuro».

4. Curso

Já pudemos descrever o curso geral do rio Nilo. As águas do Nilo começam abundantes; mas, ao atravessar o deserto, o rio Nilo vê diminuído o volume de suas águas. O Baixo Nilo perde muito de seu volume original, ao passar por uma área de vegetação densa; em seguida, chegam os céus sem nuvens e o intenso calor do deserto de Saara, que rouba ainda mais água do rio. Em seu curso, o rio Nilo forma um gigantesco «S», antes de entrar em território egípcio. Então desce e passa por seis grandes cataratas, que são enumeradas de baixo para cima. Ali o rio Nilo escavou uma profunda e estreita garganta, e as paredes quase verticais dessa garganta atravessam escarpas de arenito. É a partir desse vale e no delta, mais abaixo, que habitam os egípcios. Em ambas as margens começa o deserto estéril, a pouca distância do rio. Porém, ao longo do rio o terreno é fértil e pulsa de vida. Mediante a irrigação, a agricultura não se ressente de falta de água. O vale inferior do Nilo ficou muito sedimentado, embora, em tempos remotos, houvesse um grande golfo no mar Mediterrâneo. Essa sedimentação fez o mar recuar, aparecendo novas terras onde antes era só mar. Essa área já era chamada de «o Delta», pelos gregos, porquanto tem a forma da quarta letra do alfabeto grego, «delta», ou seja, tem formato triangular. O Nilo deságua no mar Mediterrâneo por meio de sete saídas principais, que se espalham como dedos retorcidos, partindo de um único rio, a começar abaixo da cidade do Cairo, a pouco menos de trezentos e vinte quilômetros do mar. Cinco desses braços terminam em meras lagoas; mas dois deles, Rosetta e Damietta, mantêm uma profundidade de cerca de 7 m.

5. A Grandiosidade do Nilo

Sem as águas do Nilo, o deserto teria tomado conta de tudo, e os homens teriam de vaguear na região como pequenos grupos nômades. Mas, devido às águas do Nilo, conforme disse Heródoto, o Egito possui «mais maravilhas do que qualquer outro país, e exibe obras maiores do que é possível descrever». As grandes cidades da antiguidade, às margens do Nilo, Mênfis e Tebas, atualmente são pouco mais do que memórias. Alexandria, fundada por Alexandre, o Grande, veio a tornar-se a segunda maior cidade do império romano, perdendo somente para a própria cidade de Roma. Alexandria tinha uma biblioteca de nada menos que setecentos mil volumes. Ver sobre *Alexandria, Biblioteca de*. A cidade do Cairo, perto de onde o rio deságua, é atualmente a maior metrópole do continente africano, com uma população de cerca de quatro milhões de habitantes. Khartoum, na junção dos rios Nilo Branco e Nilo Azul, é atualmente a capital do Sudão. Três grandes cidades, Cairo, Alexandria e Port Said, marcam, mais ou menos, os limites do delta do Nilo, que se vai

abrindo em leque.

O rio Nilo sempre foi uma grande artéria fluvial de cultura e de comércio. Pinturas murais em túmulos antigos, ilustram pitorescas embarcações nativas, dotadas de velas triangulares, um tipo de embarcação que até hoje pode ser visto a singrar as águas do Nilo.

Heródoto declarou que o próprio Egito é um presente do Nilo, afirmação essa que não pode ser contradita. O reconhecimento de quanto os egípcios dependem desse rio, levou-o a ser deificado e chamado pelo nome de *Hapi*. Essa divindade era representada como um homem gordo, com peitos pendurados, trazendo oferendas como se fossem presentes do rio. As inundações anuais regulares do rio servem ao duplo propósito de prover uma irrigação natural e a fertilização do solo adjacente, além de servir de calendário bastante exato. A coincidência entre o surgimento heliaco da Estrela do Cão, chamada *Sírio* (Sotis), com o começo da inundação do Nilo, deu origem à unidade cronológica de 1.460 anos, chamado de ciclo Sótico. A palavra *heliaco*, quando é aplicada às estrelas, indica que elas surgem e desaparecem no horizonte, o mais perto que podem ser observadas do disco solar.

6. O Nilo e as Referências Bíblicas a Respeito

Muitas dessas referências acham-se no Pentateuco, mormente no tocante à história de José, filho de Jacó. Contudo, as referências proféticas a esse rio também são freqüentes. a. No sonho do Faraó (Gên. 41:1-4, 17-21). As vacas gordas saíam do *rio* (o Nilo), seguidas pelas vacas magras. b. Foi dada ordem para que todos os meninos hebreus fossem lançados no Nilo, para morrerem afogados (Êxo. 1:22). c. Joquebede pôs o menino Moisés em uma cestinha, que ficou a flutuar à superfície do rio Nilo; então a filha do Faraó retirou das águas a cestinha, com Moisés (Êxo. 2:3,5). d. Uma das pragas contra o Egito foi a transformação das águas do Nilo em sangue (Êxo. 4:9). e. No rio, Moisés confrontou Faraó com seu ultimato sobre o êxodo de Israel (Êxo. 7:15; 8:20,21). f. A praga das rãs também esteve vinculada ao rio Nilo (Êxo. 8:3,5,9,11). g. Amós falou sobre as enchentes e secas do Nilo (8:8; 9:5). h. Isaías fez várias referências ao Nilo, em suas predições proféticas (ver Isa. 7:18; 19:6-8; 10:23). i. Jeremias referiu-se também às enchentes e secas do Nilo (Jer. 46:7,8). j. Ezequiel profetizou contra o rei do Egito, usando uma linguagem simbólica sobre o Nilo. Faraó aparece ali como um «crocodilo enorme», deitado em seus rios e dizendo: «O meu rio é meu, e eu o fiz para mim mesmo» (Eze. 29:3). Ver também os vss. 4,5 e 9. l. Zacarias falou (provavelmente de modo figurado) sobre a seca do rio Nilo (Zac. 10:11). O Nilo era tão importante para o Egito que seu nome era virtual sinônimo do próprio país.

7. O Calendário Egípcio

Como é óbvio, os regimes de enchente e vazante do rio Nilo dominavam a agricultura egípcia. As inundações proviam fertilização e irrigação para as áreas circunvizinhas. As áreas alagadiças eram excelentes como pasto. Ver Gên. 41:1-3,17,18. O rio Nilo é muito piscoso, e seus peixes podem ser apanhados tanto com anzol quanto por redes (ver Isa. 19:8). O rio determina a divisão do ano em três estações, cada uma das quais com quatro meses de trinta dias cada. Isso exclui cinco dias. Essas estações eram chamadas, em egípcio, *akhet* (inundação), *peret* (saída), que falavam sobre a recessão das águas; e *shomu* (seca), que aludia à estação do verão. Tudo, incluindo a agricultura, era sincronizado a essas divisões anuais e às condições por elas produzidas no Egito.

NIMBUS

No latim, **nimbus** significa «nuvem»; mas acabou designando o halo de luz e de glória que, nas gravuras artísticas, circunda a cabeça de Cristo, da Virgem Maria e dos santos. Deve ser contrastado com a *auréola*, que é a aura que circunda o corpo inteiro. Esses campos de luz apareceram na arte cristã a partir do século V D.C., embora já fizessem parte das pinturas e desenhos da Índia e do Egito, bem como dos gregos e romanos. — Essa representação, sem dúvida, reflete o fato científico de que o corpo humano realmente conta com uma aura. Certas pessoas, dotadas de um largo espectro de visão, são capazes de ver essa aura, ou o tempo todo, ou então, sob condições especiais. Lentes que filtram as cores mais brilhantes têm sido usadas com sucesso, por pessoas comuns, para enxergarem essas manifestações luminosas. Talvez a aura esteja relacionada ao corpo vital, ou mesmo ao espírito. Estudos científicos têm confirmado o antigo ponto de vista filosófico-teológico de que o homem não consiste apenas no seu corpo físico. Ver o artigo separado sobre *Aura Humana* (*Campo de Vida*).

Certos psíquicos e místicos podem ver e *interpretar* a aura, e, com base nela, podem julgar o caráter essencial das pessoas, e até mesmo problemas de saúde, antes que as enfermidades cheguem a manifestar-se no corpo físico.

A distinção entre o campo de luz chamado *nimbus* e o campo de luz chamado *auréola* também tem razão de ser, visto que a luz em torno da cabeça do indivíduo é mais acentuada que no resto do corpo. Seja como for, esse campo de luz, que pode ser detectado por voltímetros muito sensíveis, pode estender-se até três metros de onde se acha a pessoa. Varia de pessoa para pessoa, dependendo de seus poderes intelectuais e vitais. De grande interesse, nessa conexão, é o estudo científico geral da natureza humana, o que nos envolve na questão da porção imaterial do homem e na questão da imortalidade da alma. Ver vários artigos desta enciclopédia acerca da *Imortalidade*, dois dos quais estão relacionados a estudos científicos modernos. Ver também o artigo *Experiências Perto da Morte*.

A palavra *nimbus* está ligada ao termo *nubo*, «cobrir», devido à idéia da ação de uma nuvem que cobre algo. Curiosamente, essa palavra também veio indicar o matrimônio, talvez porque a noiva se cobre com seus véus, e que, no casamento, o homem a cobre literalmente. — Daí veio o termo *nuptus*, «casado», como também *nupta*, «esposa», e até a palavra portuguesa *núpcias*.

Formas de Arte. Nas representações artísticas o nimbus foi assumindo diferentes formatos. Usualmente é circular, embora possa ser triangular, ao indicar a divina Trindade. Um nimbus com três raios indica a Trindade. A Virgem Maria é retratada com um único círculo acima de sua cabeça, às vezes associada a uma coroa. Ou, então, o nimbus pode apoiar uma cruz. Também há o nimbus difuso, que parece dissolver-se juntamente com a figura. Esse tipo de ornamentação artística era usado na Índia, no Egito, na Etrúria, na Grécia e em Roma, a fim de caracterizar as divindades.

NINFA

Esse nome pessoal vem do grego, onde significa «dada pelas ninfas». Ver o artigo intitulado *Ninfas*. Esse foi o nome de uma cristã de Laodicéia ou de Colossos, a quem Paulo enviou saudações (Col. 4:15). Supõe-se que uma congregação de crentes reunia-se em sua casa. Não há certeza, porém, se esse nome é

feminino ou masculino, pelo menos de acordo com muitos comentadores. No entanto, o original grego vem em nosso socorro. Se o nome é masculino, então sua forma, no nominativo, no grego, é *Numphás*; se é feminino, *Númpha*. Em Col. 4:15, a palavra aparece no acusativo, como *Numphân*, dando a entender que o nominativo da mesma é *Numphás*, ou seja, um nome masculino. Isso posto, nossa versão portuguesa poderia ser emendada para: «Saudai aos irmãos de Laodicéia, e a Ninfas e à igreja que ele hospeda em sua casa» (Col. 4:15).

NINFAS

Esse é o nome dado, no grego, e no latim, a elásticas, graciosas divindades femininas secundárias, que seriam alegres, amigáveis, esportivas, ainda que, ocasionalmente, se mostrassem destrutivas. Cria-se que elas residiam em lugares da natureza como os mananciais, os rios, os prados, os lagos, o mar, as montanhas, as árvores, etc. Elas seriam possuidoras de certos dons, como o da profecia, viviam muito tempo, embora não fossem consideradas imortais. Porém, entre elas havia outras, chamadas dríadas e hamadríadas, que não viveriam por tanto tempo como as outras, porquanto morreriam juntamente com as árvores onde residiam. No vocabulário popular, uma donzela bonita veio a ser chamada de ninfa.

NINHO

No hebraico, **gen**, palavra que se deriva de **ganan**, «construir». Essa palavra ocorre por doze vezes no Antigo Testamento (Núm. 24:21; Deu. 22:6; 32:11; Jó 29:18; 39:27; Sal. 84:3; Pro. 27:8; Isa. 10:14; 16:2; Jer. 49:16; Oba. 4; Hab. 2:9). No grego, *kataskénosis*, vocábulo que ocorre por duas vezes no Novo Testamento: Mat. 8:20 e Luc. 9:58. Essa palavra grega significa «poleiro». No seu sentido literal, a palavra hebraica ocorre por seis vezes: Deu. 22:6; 32:11; Jó 39:27; Sal. 104:17; Pro. 27:8 e Isa. 16:2.

A lei de Moisés (ver Deu. 22:5,7) protegia as aves, não permitindo que uma ave fêmea no choco fosse tirada do seu ninho e morta. Esta podia ser espantada do ninho para voar, e os filhotes podiam ser apanhados. É uma das curiosidades do Antigo Testamento que foi prometida longa vida aos que assim agissem. Longa vida também foi prometida aos que respeitassem e honrassem a seus pais. Provavelmente estava em foco a preservação de espécies. Os hebreus tinham consciência de que dependiam da natureza.

A águia, que não aprecia a presença humana, faz seus ninhos em lugares elevados e de difícil acesso (ver Jó 39:27). No Novo Testamento, Jesus referiu-se às aves, que são tão afortunadas que têm os seus ninhos (ao mesmo tempo em que as raposas tem os seus covis), enquanto que o Filho do Homem não tinha residência fixa. Isso demonstra a extrema pobreza em que Jesus, sem dúvida, vivia. Ver Mat. 8:20 e Luc. 9:58.

Usos Metafóricos:

1. A altura em que são feitos os ninhos das aves tornou-se emblema de lugares elevados e inacessíveis (Oba. 4).

2. Expirar no próprio ninho aparentemente aponta para a presença de familiares e amigos na hora do falecimento de alguém, com filhos que levem avante o nome da família e a herança (Jó 29:18).

3. Armar um ninho, «como a águia», alude às arrogantes ambições dos homens (Jó 49:16; Hab. 2:9).

4. Como uma perdiz que choca os ovos «que não pôs», assim é o caso de quem enriquece desonesta e ilegalmente (Jer. 17:11).

5. Furtar um ninho, na ausência das aves genitoras, simbolizava uma vitória fácil (Isa. 10:14).

6. Um reino que exerce domínio sobre muitos e diferentes povos (como no caso do império assírio), assemelha-se a um grande cedro do Líbano, cujos ramos fornecem lugar para muitos ninhos (Eze. 31:3-6; Dan. 4:21; ver também Mat. 13:31,32, onde parece que Jesus aplica o mesmo simbolismo ao reino de Deus, indicando que o mesmo incluiria pessoas das mais diferentes nacionalidades).

7. Nos sonhos e nas visões, um *ninho* refere-se à segurança de um lar, de um bom emprego, etc. O útero materno é o ninho inicial de todo ser humano. E as economias de uma pessoa são como os ovos que uma ave guarda em seu ninho. Por extensão, o ninho refere-se às idéias de conforto, prazer e bem-estar. Nesse sentido, a vagina feminina também pode ser simbolizada como um ninho, nos sonhos e nas visões.

NINHO DE AVE

A expressão aparece em Deu. 22:6, dentro de instruções relativas ao aproveitamento de aves encontradas no seu ninho. Os filhotes ou os ovos podiam ficar com quem os achasse; mas a mãe tinha de ser deixada em liberdade. Isso era uma antiga maneira de preservar as espécies da fauna, e talvez incluísse um toque humanitário. A esse preceito é adicionada a promessa de longa vida, para aqueles que tiverem os devidos cuidados com as aves. As culturas que não demonstram respeito pela vida animal, e nem impedem atos de crueldade para com os irracionais, não podem figurar entre as mais avançadas. As sociedades primitivas, antigas e modernas, deleitam-se em torturar os animais. Durante a Inquisição (ver o artigo), animais domésticos eram, às vezes, mortos como requintes de sadismo. Até mesmo galinhas foram vítimas daquela horrenda perseguição! (G IB)

NÍNIVE

Esboço:

1. O Nome
2. Localização e Fundação
3. Esboço Histórico
4. Arqueologia
5. A Biblioteca Real de Nínive
6. A História de Jonas

1. O Nome

Essa é a transliteração hebraica do nome assírio *Ninus*, um dos nomes da deusa Istar. O sinal cuneiforme consistia em um peixe dentro de um cercado. O termo hebraico *nun* significa «peixe», embora não haja conexão real entre esses dois vocábulos. O termo grego *Nínos*, como designação dessa cidade, ocorreu por assimilação ao nome de um herói grego. Essa palavra era comum nos antigos registros em escrita cuneiforme, na época do reinado de Gudea (século XXI A.C.) e de Hamurabi (cerca de 1700 A.C.). Após o século XII A.C., Nínive tornou-se uma das residências reais da Assíria. O antigo título da cidade, conforme já afirmamos, era Ninus.

2. Localização e Fundação

Os cômoros que assinalam o antigo local de Nínive ficam situados à margem oriental do rio Tigre, diante da moderna cidade de Mosul, no norte do Iraque (Mesopotâmia superior). A Bíblia informa-nos de que foi *Ninrode* (vide) quem fundou essa cidade, após ter

fundado o mais antigo império babilônico sobre o qual se tem conhecimento. Ver Gên. 10:8-10.

3. Esboço Histórico

a. 4500 A.C. Evidências arqueológicas mostram-nos que já havia ocupação humana do local antes da fundação tradicional de Nínive, por Ninrode.

b. 2450 A.C. Os eruditos pensam que Nínive foi fundada por Ninrode, por volta dessa data. As datas remotas são inseguras, mas é certo que não podemos ampliar as datas de Ninrode para antes de 4500 A.C. Assim, supõe-se que a fundação da cidade ocorreu em algum ponto mais tarde que o tempo em que a área começou a ser ocupada, o que ocorreu, de fato, nada menos que dois mil anos depois.

c. 2300 A.C. Nínive era um lugar florescente, ao tempo de Sargão e seus filhos. Essa família restaurou o templo de Istar (Inana), em Nínive.

d. 2200 A.C. Gudea, de Lagase, — encetou campanhas militares na área.

e. 1800 A.C. Nínive tornou-se um centro de culto religioso e de comércio, na época de reis assírios, como Sansi-Adade I. Ele restaurou o templo de Istar, tal como o fez Hamurabi, de Babilônia. Hamurabi conseguiu predominar sobre a Assíria cerca de vinte anos após Sandi-Adade I. Foi por essa época que ele publicou seu famoso código legal, «que glorificou o nome de Istar».

f. 1400 A.C. Os reis de Mitani exerciam pelo menos alguma forma de controle sobre Nínive, nessa época. Dusrata enviou uma estátua de Istar, de Nínive, ao Egito, com o propósito de curar o enfermo Faraó. Dessa época é que se originou o famoso hino a Istar, no idioma hurriano.

g. 1300 A.C. Nínive voltou ao poder assírio. Assur-Ubalite I reconstruiu o templo de Israel. Salmaneser I e Tuculti-Ninurta I ampliaram e fortificaram a cidade.

h. 1100 A.C. Tiglate-Pileser I construiu seu palácio em Nínive.

i. 800 A.C. Assurnasirpal II construiu seu palácio em Nínive.

j. 860 A.C. O profeta Jonas evangeliza Nínive com sucesso. Jonas é o João 3:16 do Antigo Testamento.

l. 722 A.C. Sargão II construiu seu palácio em Nínive. Menaém, rei de Israel (744 A.C.), paga tributo à Assíria (ver II Reis 15:20). Teve lugar, nessa data, o cativeiro do reino do norte, Israel. Em Nínive houve cortejos celebrando a vitória (ver Isa. 8:3).

m. 704-681 A.C. Nesse período, Nínive tornou-se a capital do império assírio, por instigação de Senaqueribe. Como capital do império assírio, Nínive tornou-se a mais importante cidade do mundo oriental da época. Senaqueribe adornou Nínive a um estado de magnificência. A arqueologia tem descoberto provas sobre isso, e também há muitos informes históricos que o confirmam. O palácio de Senaqueribe tinha 9.178 m(2), com paredes que tinham relevos retratando as suas vitórias, incluindo o cerco de Laquis e a cobrança de tributos a Judá. Ele construiu ou ampliou muralhas na cidade; introduziu um novo sistema de suprimento de água, com canais que vinham desde o rio Gomel, em Baviã. Nínive dispunha de quinze portões principais (cinco dos quais os arqueólogos têm escavado com sucesso). Cada um desses portões era guardado por um touro gigantesco. Senaqueribe também construiu parques, jardins botânicos e um jardim zoológico, além de haver edificado a muitos edifícios. O trecho de II Reis 18:15 revela-nos que ele cobrou tributo de Ezequias, rei de Judá.

n. 681 A.C. Senaqueribe foi assassinado, e seu filho caçula e sucessor, Esar-Hadom, subiu ao trono, após ter derrotado aos rebeldes, que haviam conseguido controlar por algum tempo a coroa. Esar-Hadom construiu em Nínive um palácio, embora preferisse passar a maior parte de seu tempo em Calá.

o. 669-627 A.C. Durante os governos dos filhos de Esar-Hadom, Assur-Etil-Ilani e Sin-Sar-Iscum, a economia da nação declinou, e a nobreza assíria revoltou-se.

p. 612 A.C. Uma força combinada de medos e babilônios atacou e capturou a cidade de Nínive, e assim desapareceu para sempre o cruel império assírio. Esse acontecimento foi eloqüentemente referido pelos profetas Naum e Sofonias (ver especialmente Sof. 2:13-15). O local foi subseqüentemente habitado, mas nunca mais adquiriu qualquer significação especial.

Na época do profeta Jonas, Nínive contava com uma população de cerca de cento e vinte mil habitantes; Calá (Nonrude) tinha cerca de setenta mil habitantes. Ver Jonas 1:2 e 3:2 quanto a descrições.

4. Arqueologia

Nínive tem sido intermitentemente escavada por expedições arqueológicas inglesas, através de um período de mais de cem anos. As principais descobertas têm sido magníficas esculturas, porções da cidade antiga, muralhas, templos, palácios e residências; mas, acima de tudo, a maior biblioteca de tabletes em escrita cuneiforme que jamais foi descoberta, pertencente aos tempos antigos. As muralhas da cidade, claramente vistas em esboço, estendem-se por quase treze quilômetros em redor, encerrando dois importantes cômoros. Um desses cômoros chama-se Nebi Yunus. De acordo com as lendas locais (provavelmente incorretas), esse cômoro contém o túmulo do profeta Jonas. No local há uma moderna aldeia, com um cemitério e uma mesquita, razão pela qual não é possível fazerem-se ali muitas escavações. Porém, o cômoro da parte norte é um dos maiores da Mesopotâmia. Mais de catorze milhões de toneladas de terra já foram removidas da área. Três palácios reais foram desenterrados, além de dois templos. Os palácios de Senaqueribe e de Assurbanipal II, o templo de Istar e o templo de Nabu. Porções de várias outras edificações têm sido, igualmente, trazidas à luz.

Além dessas ruínas relativamente recentes, uma prospecção profunda mostrou que o homem vem habitando naquele lugar desde tempos pré-históricos. Desde o ano de 1966, o Departamento de Antiguidades do Iraque reabriu o palácio de Senaqueribe, tendo aberto áreas adicionais para a investigação arqueológica. Um trabalho de alargamento de estradas, em Nebi Yunus, descobriu estátuas egípcias, trazidas por Assurbanipal, após ter capturado a cidade egípcia de Mênfis, em duas campanhas militares no Egito.

5. A Biblioteca Real de Nínive

Mais de dezesseis mil tabletes de argila, inteiros ou em fragmentos, representando dez mil textos diferentes, foram encontrados em Quyunjiq. Por esse motivo, a coleção recebeu o nome de *Coleção Quyunjiq*. Esses tabletes estão ligados, principalmente a Assurbanipal, que pode ser considerado um dos poucos monarcas literatos do mundo antigo. A maior parte desse material representa originais trazidos da Babilônia, ou, então, cópias de textos encontrados na Babilônia, mas que receberam nova forma, por parte de escribas aptos, em Nínive. Uma grande variedade de gêneros literários está ali representada; épicos bem conhecidos, como aqueles da criação e do dilúvio (Gilgamés), e versões do mesmo; lendas, explicações

de ritos religiosos e literatura religiosa, hinos, orações, listas de divindades a serem honradas, cartas pessoais, textos históricos, documentos bilíngües que mostra o uso tanto do acádico quanto do sumério. Esses textos têm servido de prestimoso auxílio lingüístico e histórico, lançando alguma luz sobre as narrativas bíblicas da criação e do dilúvio. Essa biblioteca tornou a literatura assíria melhor conhecida que a de qualquer outro antigo povo semita, excetuando, naturalmente, os hebreus, cuja Bíblia (o Antigo Testamento), destaca-se como uma obra incomparável nesse sentido.

6. A História de Jonas

Nenhuma descoberta histórica secular tem confirmado o registro bíblico a respeito da missão bem-sucedida do profeta Jonas em Nínive. Não obstante, esse livro é a melhor evidência de que dispomos, no Antigo Testamento, acerca do amor de Deus pelos povos de todas as nações. O livro de Jonas é o João 3:16 do Antigo Testamento. (AM ND PAR(1955) TH THU Z)

NINRIM, ÁGUAS DE

No hebraico, «bacias de águas claras». A Bíblia fala nas «águas de Ninrim» somente em Isa. 15:6 e em Jer. 48:34 (nesta última referência, «águas do Ninrim»). Provavelmente estava em pauta um local na parte sul de Moabe, visto que as profecias que mencionam essas águas estão associadas àquela nação. A identificação comum, hoje em dia é o wadi en-Numeirah, a dezesseis quilômetros da extremidade sul do mar Morto. É mister distinguir esse lugar de outro, de nome *Ninra* (Núm. 32:3), e de um outro, Bete-Nimra (Núm. 32:36). Este último ficava a dezesseis quilômetros ao norte do mar Morto. A região é uma espécie de oásis que assinala o extremo norte das planícies de Moabe. Os profetas amaldiçoaram essas águas em suas profecias de condenação.

NINRODE

1. Nome e Família

São disputados tanto a origem desse nome quanto se o mesmo é semítico ou não. Talvez venha do egípcio, *mrd*, «rebelde». Ele era filho de Cuxe, um guerreiro e caçador. Ninrode fundou o reino da Babilônia, que, com o tempo, chegou a incluir a Assíria (ver Gên. 10:6-8). Sendo filho de Cuxe (I Crô. 10:10), Ninrode estava relacionado ao Cuxe camítico de Gên. 10:6.

2. Descrições e Identificação

Em Gên. 10:8,9, Ninrode é chamado **gibbor**, «guerreiro». Ele era habilidoso como lutador, matador e caçador, três coisas nas quais os homens encontram muita glória, desde a antiguidade até hoje. Os estudiosos comparam-no com Sargão, de Agade (cerca de 2330 A.C.), que também foi grande guerreiro e caçador, e que veio a tornar-se um dos remotos líderes assírios. Não há que duvidar que homens da estirpe de Ninrode e Sargão deixaram muitas lendas, que se desenvolveram em torno de suas pessoas. À semelhança de certos heróis gregos, foram reputados semideuses ou «heróis», no sentido grego desse vocábulo.

Divindades como Ninurta (Nimurda), e outros deuses babilônios e assírios da guerra e da caça, eram incensados da mesma maneira que Ninrode o foi. Por essa razão, os eruditos supõem que Ninrode represente alguma antiga mitologia que mais fazia parte da religião do que da história. E outros vêem em Ninrode o protótipo de Nino, o fundador clássico da cidade de Nínive. Ou, talvez, ele tenha sido o mesmo Gilgamés, um rei-heróico épico de Ereque (cerca de 2700 A.C.). Havia um antiqüíssimo provérbio aplicado a ele: «como Ninrode, poderoso caçador diante do Senhor» (Gên. 10:9). Ainda outros estudiosos procuram encontrar alguma ligação entre Ninrode e Marduque, uma das principais divindades babilônicas.

Os estudiosos conservadores, naturalmente, contentam-se somente com a interpretação que vê Ninrode como uma personagem histórica, sem importar se lendas e mitos vieram a vincular-se mais tarde a seu nome, incluindo noções de divindade. É curioso, para dizer o mínimo, que muitos nomes locativos, na Babilônia, reflitam esse nome, como Birs Ninrud, Tell Nimrud (perto de Bagdá) e o cômoro de Ninrode (antiga Calá). — Essa circunstância ilustra o fato de que havia uma rica tradição em torno de sua pessoa.

3. Reino de Ninrode

O reino ou «terra de Ninrode» (Miq. 5:6), refere-se à região adjacente à Assíria, a qual incluía as grandes cidades de Babel, Ereque (Warka), Acade (Agade), além de várias outras, na «terra de Sinear» (Gên. 10:20; 11:2). O trecho de Gên. 10:11 relata como Ninrode fundou Nínive, Reobote-Ir, Calá e Resen. Se, realmente, ele foi uma personagem histórica, então floresceu em cerca de 2450 A.C. Os muitos nomes de lugares que incorporam o seu nome emprestam crença à sua historicidade, embora saibamos tão pouco a seu respeito. Poderia ter-se seguido a sua deificação, fazendo com que seu nome se misturasse com religiões subseqüentes. Se o Cuxe babilônico tiver de ser identificado com Quis (conforme alguns estudiosos supõem), então já teremos um pouco mais de informações sobre o reino fundado por Ninrode. A dinastia de Quis teve vinte e três reis que representaram a primeira dinastia mesopotâmica, e que governou pouco tempo depois do dilúvio de Noé.

4. Caráter

A Bíblia fornece-nos algum relato relativo a Ninrode. Mas o significado do seu nome, «rebelde», parece fazer dele uma espécie de anti-herói indesejável. Ele era o tipo de rei que Deus jamais aprovaria, um caçador e matador. em contraste com a idéia de um rei-pastor (ver II Sam. 5:2; 7:7; Apo. 2:27; 19:15). Um caçador satisfaz-se às custas de suas vítimas. Mas um pastor preocupa-se em proteger seus animais e cuidar deles. Por outro lado, a declaração de que ele foi «poderoso caçador diante do Senhor» (Gên. 10:9), poderia ter a intenção de ser um elogio. Coisa alguma era e continua sendo mais comum do que a glorificação da força bruta, por parte dos homens; e nada é mais comum do que dar pouca importância ao sofrimento humano.

NINSI

No hebraico, «salvo». Ele foi o avô de Jeú (II Reis 9:2,14). No entanto, em trechos como I Reis 9:15; II Reis 9:20 e II Crô. 22:7, ele é chamado de «pai» de Jeú, pois, entre os hebreus, essa palavra podia indicar um ancestral próximo ou mesmo remoto, e não apenas o pai de alguém, propriamente dito. Ele viveu em cerca de 950 A.C.

NINURTA

Esse era o nome de um deus babilônio-assírio da guerra e das tempestades. Era tido como protetor dos limites dos campos, patrono dos médicos. Era considerado filho de *Enlil* (vide), que era o deus de Nipur. Ver o artigo geral intitulado *Deuses Falsos*.

NIPUR

Essa cidade da antiga Mesopotâmia não figura nas páginas da Bíblia. No entanto, foi uma das mais importantes cidades da Babilônia. Ficava cerca de cento e sessenta quilômetros ao sul de Bagdá, e a oitenta quilômetros a suleste da cidade de Babilônia. Foi fundada pelo povo Ubaide, em cerca de 4000 A.C. Era uma cidade religiosa, e não militar. A partir do século XXX A.C., e daí por diante, durante bastante tempo, exerceu forte influência sobre as instituições religiosas e culturais das terras circunvizinhas. Nos tempos do famoso Hamurabi, foi um indisputado centro de cultura e fé, e continuou tendo alguma importância até os tempos dos partas.

O deus *Enlil* (vide), tinha nessa cidade o seu centro principal. No século VII A.C., Assurbanipal restaurou ali o templo dessa divindade. Ali também havia uma academia que produziu uma significativa literatura relacionada às divindades populares. Enlil, sua esposa e um filho do casal formavam o centro desse panteão.

Entre trinta mil e quarenta mil tabletes em escrita cuneiforme foram encontrados, dentre os quais quatro mil escritos com obras sumérias. As escavações arqueológicas tiveram início ali desde 1890, tendo continuado, com pequenos intervalos de descanso, até 1958. Assim, várias construções de interesse foram achadas, como Ekur (Casa da Montanha), o templo de Enlil e de Ninlil, sua esposa, etc. Um espaçoso templo, ali descoberto pelos arqueólogos, fora dedicado a Inana; e um outro, de menores proporções, era consagrado a uma divindade desconhecida. Uma casa de escribas também foi achada. W.C. Crawford escreveu um artigo sobre essa questão, intitulado «Nippur, the Holy City» (*Archaeology* 12, 1959, págs. 74-83).

NIRGUNA BRAHMAN

Essa palavra vem do sânscrito, **nir**, «fora», e **guna**, «atributos», ou seja, aquela forma de *Brahman* (vide) que não pode ser descrita por quaisquer termos humanos, em conseqüência do que ela é referida sem que se nomeiem atributos e qualidades. O conceito equivale ao *Mysterium Tremendum* (vide) do cristianismo, de acordo com o qual Deus é tido como acima da intelecção humana.

NIRVANA

Essa palavra vem do sâncrito, «soprado para fora», referindo-se à extinção de todos os desejos, estados e descrições mundanos, dentro do eqüivalente budista do céu. Buda acertou ao tentar explicar esse conceito, ao afirmar que sem importar o que os homens digam, na tentativa de descrevê-lo, inevitavelmente falharão. Isso significa que aquele estado ultrapassa à intelecção humana. No *budismo hinayana* (vide), porém, Nirvana significa «extinção». Quando eu me especializava em filosofia, um colega *escreveu* uma pesquisa sobre Nirvana. Entregou ao professor dez páginas totalmente em branco. O professor deu-lhe nota máxima por seu «não-esforço». Talvez ele merecesse a nota se o assunto se limitasse ao budismo hinayana; mas as várias escolas hindus e budistas não usam esse termo com esse sentido, pelo que uma folha em branco não pode descrevê-lo como é devido.

Brahman pode ser aludido com o uso da expressão *Nirguna Brahman* (vide), mas, nesse caso, deve-se simplesmente admitir que coisa alguma pode ser dita a respeito que seja significativo, pois equivale ao *Mysterium Tremendum* do cristianismo. Por igual modo, o «céu» do hinduísmo e do budismo pode ser concebido como indescritível, por meio de termos humanos. No *budismo mahayana* (vide), o Nirvana é equiparado ao estado de bem-aventurança absoluta. Porém, a escola intermediária mahayana refere-se ao Nirvana como algo ilusório, como seria ilusório o mundo da percepção dos sentidos.

O termo *Nirvana* originou-se nos escritos vedânticos, e também se acha na *Bhagavad-Gita* (vide), e em outros trechos dos *Vedas*. No *hinduísmo*, a idéia da «extinção da chama da vida» é usada em conexão com o Nirvana; mas permanece em dúvida se isso significa que somente Deus vive, ou se a vida humana é absorvida pelo ser divino, com ou sem a continuidade da consciência individual. Ali terminariam os ciclos da reencarnação. Mas, nem todos os hindus concordam sobre o que isso significa, exatamente, no tocante à continuação da vida em uma forma totalmente diferente. Eles dizem que, com certeza, a tríplice chama de *raga, dosa* e *moha* (ou seja, «paixão», «ódio» e «ilusão») é apagada, havendo então uma completa emancipação; porém, não concordam entre si quanto ao tipo de vida que então se seguirá. Mas, se o Nirvana importa em bem-aventurança, então temos um paralelo do misticismo cristão, que fala de uma felicidade imensa e indescritível, de união com Deus, a Fonte originária da vida. Haveria também a participação extática na mente divina, envolvendo a onisciência e onipotência divinas, bem como o amor divino. O *Summum Bonum* (vide) do budismo é o Nirvana. Uma experiência parcial do Nirvana seria possível desde agora, embora somente a eternidade futura possa trazer aos homens a sua plena fruição.

O próprio Buda não especulou sobre a natureza de Deus e da alma humana, e concentrou sua atenção essencialmente, sobre questões éticas. Escolas budistas posteriores aproveitaram a idéia do Nirvana temporário da experiência humana presente, e transformaram-na ou no conceito de extinção ou no conceito de uma indescritível participação na natureza divina.

NISÃ

Esse é o nome do primeiro mês do calendário dos hebreus. Ver o artigo intitulado *Calendário*.

NISROQUE

Esse era o nome de uma divindade assíria, adorada em *Nínive* (vide). Uma curiosidade ligada a esse deus pagão é que Senaqueribe foi morto por dois de seus próprios filhos, quando cultuava a essa divindade (ver Isa. 37:36-38). Parece que o parricídio foi executado por meio das estátuas desse deus, como arma contundente, embora a espada, provavelmente, tenha terminado o trabalho (II Reis 19:37).

O nome *Nisroque* é desconhecido na literatura profana dos assírios e de outros povos mesopotâmicos, pelo que muitos crêem que na Bíblia houve alguma corrupção na forma do nome dessa divindade, ou que o nome é uma variante do nome de alguma outra divindade. Ver o artigo geral sobre *Deuses Falsos*. As opiniões sobre a identidade de Nisroque são: uma corruptela do nome *Marduque*; uma forma composta com *Assur*, ou com *Nusku*, estando em foco alguma variante textual inexplicável, ou alguma adaptação desses nomes.

••• ••• •••

NIYAMA

Chama-se assim o segundo estado de meditação da ioga, que produziria uma preparação ética positiva. Ver sobre a *Ioga*, quarto ponto.

NO (NO-AMOM)

Esse nome significa «casa de Amom», ou «porção de Amom». Esse é o antigo nome da cidade de Tebas, a principal cidade egípcia onde se adorava ao deus Amom, que foi denunciado pelo profeta Jeremias (ver Jer. 46:25). Ver o artigo geral *Tebas*.

NÓ

Essa palavra não ocorre nem no Antigo e nem no Novo Testamentos. Todavia, por causa de sua significação religiosa, incluímos um verbete a respeito, nesta enciclopédia. Um nó pode simbolizar o ato de amarrar, de forçar, de impedir, de restringir. Pode simbolizar o caráter de permanência do matrimônio. Em inglês, a expressão «to tie the knot», «amarrar o nó», significa «contrair matrimônio». Os nós usados imaginariamente por Brahman, para amarrar seu cinto sagrado, indica as idéias de fidelidade e de finalidade. As *filactérias* (que vide) dos judeus eram enroladas em torno da testa e do pulso, para simbolizar a natureza obrigatória da lei mosaica. Na Índia, na Saxônia e na Lapônia havia o interessante costume de serem desatados todos os nós quando um bebê estava prestes a nascer, a fim de que não houvesse qualquer impedimento ao nascimento da criança. Os ascetas da Índia e da Síria evitam nós nas roupas, quando estão em peregrinação, pensando que isso poderia servir de impedimentos. Nas sociedades primitivas, nós eram cortados ou desatados a fim de livrar as pessoas das enfermidades, das maldições, ou para desobrigar as pessoas dos juramentos que tivessem feito.

Cortando o Nó Górdio. Górdio foi um antigo rei da Frígia. Ele teria atado um nó que, de acordo com certo oráculo, só poderia ser desatado pelo homem que haveria de governar a Ásia. Ninguém foi capaz de desatar o tal nó. Alexandre, o Grande tentou, mas fracassou. Portanto, ele cortou o tal nó em dois, com a sua espada. Destarte, a expressão «cortar o nó górdio» veio a significar a solução de um problema mediante um método falso e insatisfatório. Na interpretação, indica uma explicação que resolve um problema qualquer apenas na aparência, porque, de fato, tal explicação é deficiente.

NÓ GÓRDIO

Ver o artigo intitulado **Nó**, em seu último parágrafo, que explica o simbolismo religioso dessa expressão.

NOA

No hebraico, «lisonja». Noa era uma das cinco filhas de Zelofeada, da tribo de Manassés (ver Núm. 26:33). Ela viveu em torno de 1435 A.C. Seu pai morrera sem deixar filho como seu herdeiro. Destarte, suas filhas buscaram direito de herança para si mesmas. E Moisés concordou com a petição delas (ver Núm. 27:1 *ss*), com a condição única que se casassem com homens da tribo de Manassés, a fim de que as terras envolvidas não viessem a tornar-se possessão, finalmente, de alguma outra das tribos de Israel (ver Núm. 36:1-12). Posteriormente, Josué garantiu o cumprimento dessa regra social (ver Jos. 17:3-6).

NOÁ

No hebraico, «descanso». Nome de um clã e de uma localidade, a saber:

1. Um clã da tribo de Benjamim (I Crô. 8:2), que descendia do quarto filho de Benjamim, que assim se chamava.

2. O trecho de Juí. 20:43 menciona uma localidade com esse nome, que talvez estivesse associada ao clã benjamita desse mesmo nome. Interessante é que a nossa versão portuguesa, em vez de transliterar o nome para o português, como nome de uma localidade, preferiu traduzir essa palavra hebraica pelo verbo *descansar*, dizendo: «...seguiram-no, e onde repousava, ali o alcançaram...», ao passo que outras tradições dizem algo como: «...seguiram-no até Noá, ali o alcançaram...»

NOADIAS, NOADIA

No hebraico, «Yahweh convoca», ou «encontro com Yah». Com leve variação, esse é o nome de um homem e de uma mulher, no Antigo Testamento:

1. Um levita, filho de Binui. Ele foi um dos quatro homens (dois sacerdotes e dois levitas) que foram nomeados como encarregados finais do tesouro que Esdras trouxe de volta a Jerusalém, após o cativeiro babilônico. Os tesouros públicos eram guardados no templo, e parece que esse era um costume no antigo Oriente Próximo e Médio. Ver Esd. 8:33. Ele viveu em torno de 457 A.C. A forma de seu nome, em nossa Bíblia portuguesa, é Noadias.

2. Noadia era uma falsa profetisa que se aliou a Tobias e a Sambalá em sua oposição a Neemias, quando ele procurava reerguer as muralhas de Jerusalém, após o cativeiro babilônico. É curioso que o *texto massorético* (vide) e a *Septuaginta* (vide) dão um sentido diferente ao texto de Nee. 6:14, onde essa mulher é mencionada. Assim, o texto massorético a condena; mas a Septuaginta chega a elogiar Noadia entre as pessoas que teriam advertido a Neemias. Seja como for, ela viveu por volta de 445 A.C.

NOBA

No hebraico, «latido». Esse foi o nome de um indivíduo e de uma cidade, que aparecem nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um guerreiro, provavelmente pertencente à tribo de Manassés. Entre suas diversas vitórias militares, houve aquela sobre a cidade de Quenate, com suas aldeias circunvizinhas. Então, ele deu a Quenate o seu próprio nome. Ver Núm. 32:42. Noba viveu em cerca de 1617 A.C.

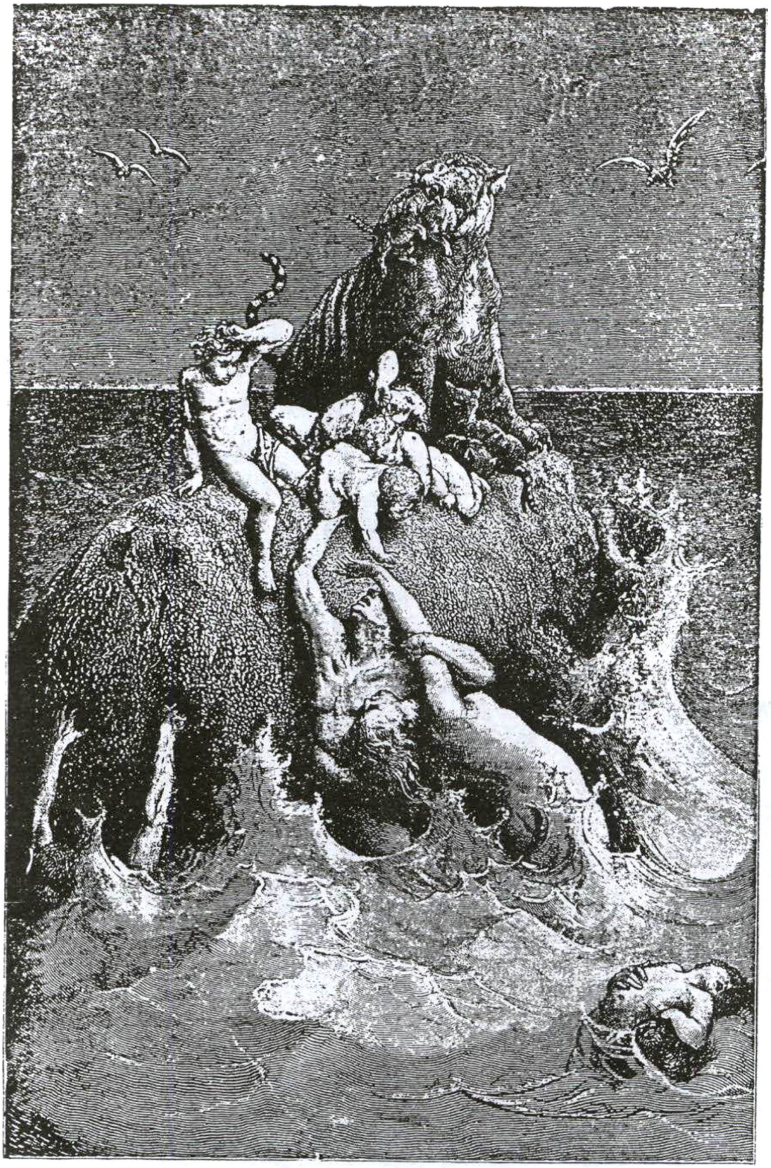
2. O trecho de Juí. 8:11 refere-se a Noba como localidade situada em uma rota de caravana, a leste de Sucote e perto de Jogbeá. O versículo anterior diz que a cidade de Carcor ficava um tanto mais para leste. Foi nesse último lugar que Zalmuna manteve o seu exército estacionado, na época de Gideão. Mas Gideão foi além de Noba e Jogbeá, ao longo da rota de caravanas e conseguiu derrotar o exército midianita e capturar os líderes inimigos, Zeba e Zalmuna. No ponto um, acima, foi dito como Noba chegou a ser nome vinculado a essa cidade. A localização exata dessas duas cidades mencionadas ainda não foi determinada.

NOBE

Não há certeza quanto ao significado desse nome no hebraico, embora os eruditos falem sobre «lisonja» ou «elevação». Esse era o nome de uma cidade



A volta da pomba para a arca (Gên. 8:11)



O dia chegou

sacerdotal do território de Benjamim, localizada em uma colina próxima de Jerusalém. Ficava à margem de uma estrada que chegava até Jerusalém, vinda do norte, e que passava bastante perto de Nobe, ao ponto de poder ser avistada (ver Isa. 10:28-32). Foi ali que Davi pediu pães da proposição, da parte de Abimeleque, quando fugia de Saul (I Sam. 21:1 *ss*).

Antes da arca da aliança ter sido trazida a Jerusalém, ficou temporariamente em Nobe, segundo parece (II Sam. 6:1 *ss*). Após o cativeiro babilônico, alguns benjamitas estabeleceram-se ali (Nee. 11:32). Porém, o evento que realmente notabilizou Nobe foi o ato de crueldade de Saul. Irado pelo apoio que os habitantes do local haviam dado a Davi, Saul, em sua insanidade destrutiva mandou matar a oitenta e cinco sacerdotes do Senhor, e quase destruiu a cidade inteira, passando ao fio da espada à maioria de seus habitantes (I Sam. 22:11-19).

Desapareceram, hoje em dia, todos os traços de sua localização. Até mesmo nos dias de Jerônimo nada mais restava ali. Sua localização exata ainda não foi determinada, embora a opinião mais provável seja Ras Umm et-Olivet, onde uma pequena elevação talvez marque o local.

NOBRE SELVAGEM

Essa é a idealização romântica do homem primitivo, antes que o mesmo, segundo alguns alegam, ficasse corrompido pela civilização e sua mecanização. Ao que esses estudiosos entendam, a civilização seduziu ao homem primitivo, enchendo-o de preconceitos e levando-o a escravizar seus semelhantes, etc. Rousseau, em seu livro *Discour sur l'origine de l'inéqualitee*, usou essa expressão, onde também concebeu esse selvagem primitivo como o único possuidor não-corrompido de verdadeiras virtudes humanas.

O comunismo também deixou-se arrastar por esse tolo conceito. Presumivelmente, antes da primeira tríada de Hegel ter lugar, o homem era um nobre selvagem. Então alguns homens começaram a escravizar a outros, e, finalmente, a escravidão produziu o feudalismo, onde se acha a primeira tríada: nobre selvageria/escravidão/feudalismo.

NOÇÃO

Essa palavra portuguesa vem do latim, *notio* (*onis*), ligado a *noscere*, «conhecer». Uma noção é uma idéia ou apreensão mental. Contudo, o termo com freqüência é usado para indicar alguma idéia vaga ou ainda não provada, em contraste com alguma proposição que já conta com alguma espécie de evidência em seu favor.

NOÇÕES COMUNS

A expressão deriva-se do latim, *notiones communes*, conforme Cícero traduziu a expressão grega *koinai ennoiai*. A expressão indica a idéia de que todos os seres humanos possuem certas idéias básicas em comum, que servem de ponto de partida para todo o conhecimento. Essas noções podem ser consideradas inatas; uma espécie de herança comum que uma pessoa possui, simplesmente por ser um ser humano. Sócrates opinava que os homens possuem um conhecimento ético básico, o qual pode ser sondado mediante indagações apropriadas. Isso explica o uso que ele tanto fez dos diálogos. O *racionalismo*, de modo geral, apega-se à verdade que há nessa idéia. Todos os sistemas que admitem a reencarnação têm razões para reconhecer a verdade fundamental dessa noção. Teologicamente, poderíamos dar apoio à noção, mesmo em face do *criacionismo* (que vide), supondo que tal conhecimento nos é dado como um depósito, mediante a graça divina, para que usemos apropriadamente a consciência (P)

NODABE

No hebraico, «nobreza». Nome de uma tribo beduína, mencionada em I Crô. 5:19, onde se relata uma guerra dos rubenitas, gaditas e a meia-tribo de Manassés contra os agarenos. A tribo de Nodabe aliou-se aos adversários de Israel. Mas essa tribo, juntamente com as outras, foi derrotada, e suas terras foram tomadas pelos israelitas. Os agarenos são novamente mencionados como inimigos de Saul, em I Crô. 5:10. Inscrições assírias mencionam esse povo, presumivelmente descendentes de Agar, mãe de Ismael, e, provavelmente, racialmente aparentados da tribo de Nodabe. É provável que eles habitassem no deserto da Síria, embora nada se saiba a respeito de Nodabe, exceto aquilo que pode ser deduzido das informações bíblicas sobre os agarenos.

NODE

No hebraico, «exílio», «vagueação». Nome de um local mencionado no trecho de Gên. 4:16, vinculado ao jardim do *Éden* (vide). Alguns estudiosos afirmam que esse local ficava situado entre as cidades de Bussorá e Busire, a nordeste do golfo Pérsico. Seja como for, ficava a leste do jardim do Éden. Foi para ali que Caim se retirou, onde fixou residência, após ter matado Abel. Não há como se fazer uma identificação exata.

NOÉ

Esboço:

1. Nome e Família
2. Noé e os Críticos
3. Indicações Cronológicas
4. Noé e o Propósito Redentor
5. Descendentes de Noé
6. Caráter de Noé

Temos preparado um artigo bem detalhado intitulado *Dilúvio de Noé* pelo que, no presente artigo, não abordamos mais profundamente essa questão. Muito do que poderia ser dito sobre Noé, neste artigo, não foi repetido, pelo que o leitor precisa examinar aquele outro artigo, como suplemento do que aqui se diz.

1. Nome e Família

A Bíblia trata Noé como uma personagem histórica, embora muitos eruditos estejam convencidos de que o relato inteiro não passa de um antigo mito, que recebeu vinculações históricas com o resto da Bíblia. O trecho de Gên. 5:28,29 diz-nos que ele era filho de Lameque, o décimo descendente linear de Adão. O nome *Noé* vem de um termo hebraico que indica «descanso», «alívio», «consolo». Talvez o nome seja um composto de *nhm* e *el*, que significaria «Deus aliviou». A forma do nome, na Septuaginta, é *Noe*, que passou para alguns idiomas modernos, como o português. A passagem de Gên. 5:29 revela por que razão Lameque deu esse nome a seu filho. Deus havia amaldiçoado o solo; mas agora nascera alguém que faria os homens descansarem de sua labuta. Mas alguns sugerem que Lameque simplesmente queria alguém para ajudá-lo no plantio. Outros crêem que Noé estava destinado a inventar instrumentos agrícolas, que aliviariam o labor envolvido na

agricultura. Ou, então, haveria alguma predição escatológica no nome, dando a entender que Noé produziria um novo começo da humanidade, quando a iniqüidade acumulada dos homens fosse julgada por Deus (mediante o dilúvio); e isso, por sua vez, serviria de uma espécie de descanso e alívio. Outros intérpretes vêem no nome de Noé uma referência messiânica, indicando que a descida do Messias ao mundo ficava assim garantida, apesar das destruições causadas pelo dilúvio. Noé, pois, é apresentado como pregoeiro da justiça, e isso pode estar envolvido nesse conceito. Ver Gên. 6:1-9; I Ped. 3:20; II Ped. 2:5.

2. Noé e os Críticos

Os mais radicais dentre aqueles que negam a historicidade da pessoa de Noé, supondo que ele não é mais histórico que seu paralelo babilônico, Gilgamés, negam-no como personalidade histórica. *Gilgamés* (vide) também foi um herói de um relato sobre dilúvio, que tem muitas similaridades notáveis com a história de Noé.

Fontes Informativas. Além da questão da historicidade de Noé, o complexo literário de Gên. 6:5—9:29, segundo alguns estudiosos, deriva-se de duas fontes informativas distintas, que foram alinhavadas uma à outra por algum editor posterior. Nesse material estariam envolvidas as alegadas fontes literárias *J* e *S*. Ver sobre *J. E. D. P.(S.)*. As diferenças encontradas por aqueles eruditos são as seguintes: na versão *J*, *sete* pares de cada animal limpo foram deixados a bordo da arca (Gên. 7:2); mas em *S*, apenas um par sobreviveu de cada espécie (Gên. 6:19). Na fonte *J*, o dilúvio dura quarenta dias e noites (Gên. 7:12,17); mas na fonte *S*, dura cento e cinqüenta dias (Gên. 7:24). A fonte *J* menciona o oferecimento de holocaustos (Gên. 8:20-22); mas na fonte *S*, os sacrifícios só aparecem no começo da história do povo de Israel. Ambas as fontes prometem que Deus nunca mais destruiria o mundo mediante um dilúvio generalizado (em *J*, em Gên. 8:21; em *S*, em Gên. 8:12-27), o que escudaria a tradição acerca do arco-íris.

Outras diferenças podem ser observadas no relato: na história do dilúvio (Gên. 6:5-9:17), os filhos de Noé estão casados; mas, no outro relato (Gên. 9:18-27), estão solteiros. Em um desses relatos, Noé tem um nobre caráter (Gên. 6:9); mas no outro, Noé não passa de um desavergonhado bêbado (Gên. 9:21). A segunda história parece ter tido três razões em sua composição: 1. narrar como as raças humanas vieram a existência; 2. contar como surgiram a agricultura e o cultivo da videira; 3. explicar *por que motivo* os cananeus posteriores ficaram sujeitos a Israel (Gên. 9:25-27). Como *apologia*, o segundo relato também parece apresentar diferenças, em comparação com a primeira versão da história.

Respostas a Essas Observações. Apesar do relato sobre Noé ser similar à história de Gilgamés, quanto a vários particulares, também é superior em seus conceitos teológicos. Não há razão para duvidarmos que os povos semitas tinham narrativas variantes do dilúvio, embora interdependentes. Isso não anula a historicidade do evento e nem das pessoas envolvidas.

É possível que o autor do relato de Noé e do dilúvio tenha combinado mais de uma fonte informativa, pelo que se confundiu em alguns pontos. E isso, mesmo que admitido, não anularia a exatidão geral do relato. Outrossim, alguns itens específicos mencionados não são contraditórios. As diferenças entre os sete e os dois casais de animais podem ser explicadas dizendo-se que havia sete pares de animais limpos, e dois pares de animais imundos (impróprios para a alimentação humana). Apesar de Gên. 6:19 não fazer tal distinção, isso pode ter sido um descuido do autor sagrado. Os quarenta dias do dilúvio podem indicar o tempo em que as águas ficaram subindo, ao passo que os cento e cinqüenta dias seria o tempo que foi necessário para aparecer qualquer porção de terra, conforme Gên. 8:3 também parece indicar. Quanto a dois alegados Noés, a resposta é que até um homem bom pode cair em uma falha. Seja como for, questões dessa ordem nada têm a ver com a espiritualidade, e somente os estudiosos ultraconservadores ou ultraliberais dão muita atenção a tais pormenores.

3. Indicações Cronológicas

Os estudiosos acham muito difícil datar o dilúvio e Noé. O método de cálculo por meio de genealogias tem sido abandonado pela maioria, visto que, geralmente, as genealogias de Gênesis são meros esboços, e não relatos detalhados de sucessivas gerações. Se nos basearmos nessas genealogias não recuaremos mais do que até cerca de 2400 A.C. O dilúvio não pode ter ocorrido por muito tempo antes disso. É-nos revelado que Noé tinha quinhentos anos de idade quando seu primeiro filho nasceu (ver Gên. 5:32 e 6:10); e, então, o dilúvio ocorreu cerca de cem anos depois disso. Talvez tão tarde quanto um ano depois do início do dilúvio (Gên. 7:11; 8:13) Noé deixou a arca. Holocaustos foram oferecidos, e houve a promessa divina de que nunca mais haveria dilúvio destruidor na terra. Pouco se sabe acerca dos trezentos e cinqüenta anos que Noé ainda viveu, após o dilúvio.

4. Noé e o Propósito Redentor

Noé foi um tipo de salvador, tipo **do Salvador** que viria, Jesus Cristo. Noé também representou um novo começo, como aquele que se experimenta no batismo cristão (símbolo da regeneração). O trecho de I Ped. 3:18—4:6 usa Noé como tipo simbólico, inter-relacionando sua prédica com o ensino sobre a *Descida de Cristo ao Hades* (vide). A mensagem de esperança é que até mesmo aos desobedientes do tempo de Noé foi dada a oportunidade de ouvirem o evangelho de Cristo. E, se eles foram assim privilegiados, não se pode duvidar que a todos os homens será oferecida idêntica oportunidade, sem importar se eles tiveram tal oportunidade ou não na terra. Esse ministério de Cristo no hades foi remidor, conforme aprendemos em I Ped. 4:6, dando-nos a esperança de uma renovada oportunidade de salvação, depois da morte biológica. Cristo teve uma missão tridimensional: na terra, no hades e nos céus. Somente assim o propósito do amor de Deus pode ter ampla aplicação, cumprindo os seus propósitos. A questão do próprio dilúvio é abordada em um artigo separado detalhado: *Dilúvio de Noé*. Esse artigo inclui uma discussão sobre a similaridade entre os relatos sumério e babilônico, por um lado, e o relato de Gênesis, por outro lado.

5. Descendentes de Noé

Lemos no livro de Gênesis que Noé teve três filhos: Sem, Cão e Jaté (Gên. 5:32; 9:18,19; 10:1). Presume-se que deles descende toda a população atual da terra (Gên. 9:19). Daí é que temos a Tabela das Nações, registrada no décimo capítulo de Gênesis. Quanto a uma completa discussão sobre a questão, com as muitas controvérsias que circundam a mesma, ver o artigo *Nações*.

6. Caráter de Noé

Noé foi um homem justo (Gên. 6:19). Era dotado de fé autêntica e dos resultados espirituais de tal fé (Heb. 11:7). Ele andava com Deus (Gên. 6:9). Ele era pregador da justiça (II Ped. 2:5). No entanto, terminado o dilúvio, ao tornar-se cultivador da vinha

(Gên. 10), ele acabou alcoolizado, sem conhecer a força do suco fermentado da uva. Daí desenvolveu-se uma circunstância desagradável, resultante da qual um dos descendentes de Cão foi amaldiçoado, devido à participação dele nesse incidente (Gên. 9:20-27). Ver o artigo sobre *Cão*, quanto a detalhes sobre a questão. Temos em Noé a antiga lição do homem bom que escorrega e perde momentaneamente uma merecida boa reputação. A humildade é necessária na vida humana. Nenhum ser humano está isento do pecado e de atos tolos.

NOÉ, LIVRO DE

A obra pseudepígrafa de Jubileus menciona o Livro de Noé (Jubileus 10:13; 21:10), e os eruditos acreditam que I Enoque incorporou parte do mesmo (caps. 6—11; 54; 55:2; 60; 65; 69:25; 106 e 107). Porém, nem todos os estudiosos concordam sobre exatamente o que se deve crer sobre a questão. Visto que os capítulos 83—90 de I Enoque não datam de mais tarde do que 161 A.C., então, como é óbvio, o Livro de Noé foi escrito um pouco antes disso. Ao que parece, o autor do livro era um fariseu (um dos chasidim), a julgar pelo conteúdo da obra. Não se dispõe de nenhum manuscrito do Livro de Noé. Sua importância reside no fato de que foi uma das fontes de I Enoque, o livro pseudepígrafo mais importante. Ver sobre os *Pseudepígrafos*. Ver também sobre *I Enoque*.

NOEMI

No hebraico, **naomi**, «deleite». Uma mulher israelita que residia em Belém ao tempo dos juízes (cerca de 1320 A.C.). O que sabemos sobre ela deve-se ao seu relacionamento com Rute (vide). O nome do marido dela era Elimeleque, e os dois filhos homens do casal eram Malom e Quiliom. Em certo período de escassez de produtos agrícolas, a família de Elimeleque retirou-se para Moabe. Ali, os rapazes casaram-se com donzelas moabitas, de nomes Orfa e Rute (ver Rute 1:4). Passados dez anos, os filhos do casal estavam mortos, como também Elimeleque. Daí resultou que Noemi e Rute resolveram voltar a Judá, embora, tecnicamente, só Noemi estivesse voltando. Orfa preferiu ficar com sua gente, os moabitas. Também é verdade que Noemi muito insistiu para que Rute ficasse entre sua gente; mas Rute preferiu ficar em companhia de sua sogra, as duas mulheres viúvas. Em tudo isso havia a mão providencial de Deus, pois além do apego de Rute à sua sogra, ela também tinha um destino a cumprir em Belém. Com base nessa circunstância é que achamos aqueles famosos versículos de Rute 1:16,17:

> «Não me instes para que te deixe, e me obrigues a não seguir-te; porque aonde quer que fores, irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerei eu, e aí serei sepultada; faça-me o Senhor o que bem lhe aprouver, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti».

Noemi chegou em Belém muito desencorajada, e até queria mudar seu nome de Noemi, «deleite», para Mara, «amargura». É que a vida lhe pregara muitas peças, que ela supunha serem golpes da vontade divina adversa (Rute 1:20). Não obstante, não tardariam as coisas começarem a melhorar. Noemi sugeriu a Rute que ela procurasse trabalhar para um certo parente dela, de nome Boaz. Foi daí que floresceu um romance entre Boaz e Rute, quando então Boaz resolveu tornar-se o parente remidor. Ver o artigo sobre Parente Remidor. Ver também Rute 4:5. Boaz, pois, adquiriu para si tanto a propriedade de Noemi quanto Rute. Tornando-se esposa de Boaz, com o tempo, ela deu a luz a Obede, que foi avô do rei Davi. Assim sendo, Rute, a moabita, entrou na linhagem que produziu o Senhor Jesus, o Cristo. E a própria Noemi tornou-se a sogra de uma antepassada do Messias.

NOÉTICO

Ver sobre **Nous**. Em sentido geral, esse adjetivo significa «cognitivo». Mas também é usado para contrastar com o que é empírico e sensual, indicando aquilo que só pode ser apreendido pela razão.

NOFÁ

No hebraico, «rajada de vento», «lugar ventilado». Nome de uma cidade de Moabe, ocupada pelos amorreus (Núm. 21:30), talvez a mesma cidade que é chamada Noba, em Juí. 8:11. Nesse caso, Nofá ficava próxima de Jogbeá, não muito distante do deserto oriental da Terra Prometida. Tem sido identificada com as ruínas chamadas Nowakis, a noroeste da cidade de Amã.

NOFE

Esse era o antigo nome que os hebreus davam à cidade egípcia de *Mênfis* (vide). Se essa palavra, no hebraico, não era mera transliteração, é de sentido desconhecido. *Memphis* era sua forma grega e latina.

NOGÁ

No hebraico, «brilho», «lustre». Esse foi o nome de um dos filhos de Davi, que nasceu em Jerusalém, de uma mãe cujo nome não é fornecido, mais uma das esposas de Davi (embora não Bate-Seba) (I Crô. 3:7; 14:6). O paralelo de II Sam. 5:14 não contém esse nome. Nogá deve ter vivido em torno de 1000 A.C.

NOITE

No hebraico, **lahyil**, palavra muito comum no Antigo Testamento, onde é usada por mais de duzentas e vinte vezes, desde Gên. 1:5 até Zac. 14:7. No grego, *núks*, palavra que ocorre por sessenta e uma vezes: Mat. 2:14; 4:2; 12:40; 14:25; 25:6; 26:31,34; 28:13; Mar. 4:27; 5:5; 6:48; 14:30; Luc. 2:8,36; 5:5; 12:20; 17:34; 18:7; 21:37; João 3:2; 9:4; 11:10; 13:30; 19:39; 31:3; Atos 5:19; 9:24,25; 12:6; 16:9,33; 17:10; 18:9; 20:31; 23:11,23,31; 26:7; 27:23,27; Rom. 13:12; I Cor. 11:23; I Tes. 2:9; 3:10; 5:2,5,7; II Tes. 3:8; I Tim. 5:5; II Tim. 1:3; Apo. 4:8; 7:15; 8:12; 12:10; 14:11; 20:10; 21:25; 22:5. Expressões alternativas são trevas (Jó 26:10); manhã (Isa. 5:11); tarde (Gên. 49:27); meia-noite (Mar. 13:35; Luc. 11:5; Atos 16:25). Quase todas as referências à noite, nas páginas da Bíblia, são literais, não se revestindo de grande interesse especial. Entretanto, quando o vocábulo é usado metaforicamente, reveste-se de algum interesse.

1. *No relato do livro de Gênesis* vemos, quase no primeiro versículo, a divisão entre a noite e o dia (Gên. 1:3-5), embora nada seja dito sobre a presença do sol. Temos aqui uma metáfora de como o poder de Deus põe as coisas em sua devida ordem, cada item com sua função e finalidade específicas.

2. *As Vigílias*. Nos tempos do Antigo Testamento, a noite era dividida em três vigílias. A primeira ia do

pôr-do-sol às 22:00 horas (Lam. 2:19); a segunda vigília ia das 22:00 horas às 2:00 horas da madrugada (Juí. 7:19); e a terceira vigília (também chamada vigília matutina) ia das 2:00 horas da madrugada ao raiar do sol (Êxo. 14:24; I Sam. 11:11). Já o Novo Testamento fala em quatro vigílias, de acordo com o costume romano (ver Mat. 14:25; Mar. 6:48; 13:35; Luc. 12:38). Essas quatro vigílias começavam, respectivamente, às 18:00, às 21:00, às 24:00 e às 3:00 horas.

3. *Usos Metafóricos*

a. A luz e as trevas são emblemas, respectivamente, do bem e do mal, bem como do reino do bem e do reino do mal. Temos preparado dois artigos elaborados sobre a luz e as trevas, em seus sentidos metafóricos. Ver *Trevas, Metáfora das; Luz, Metáfora da.*

b. A regeneração liberta o crente das trevas mentais (Miq. 3:6; João 11:10), bem como da noite da degeneração da qual ele antes participara (I Tes. 5:4-8).

c. A presente época má é como uma *noite espiritual*, que será dissipada por ocasião do retorno de Cristo ao mundo (I Tes. 5:2; II Ped. 3:10). Isso infunde-nos esperança e consolo (Rom. 13:12). No estado eterno, não mais haverá noite (Apo. 21:25; 22:5).

d. Os juízos de Deus são como uma noite que desce e deixa as coisas sombrias, lúgubres (Isa. 15:1; 21:11,12).

e. Os períodos de dor e tristeza assemelham-se à noite (Jó 7:4; Sal.30:5); mas a alegria volta ao amanhecer (Sal. 30:5). Até mesmo em períodos de noite espiritual, Deus faz-se presente e cuida de nós (Sal. 130:11,12). Por essa razão, temos um cântico que entoamos em plenas trevas da noite (Jó 35:10; Sal. 42:8).

f. A noite pode simbolizar a ignorância e impotência espirituais (Miq. 3:6).

NOITE ESCURA DA ALMA

Ver o artigo sobre *São João da Cruz*. A *noite escura* é uma experiência espiritual e mental pela qual a alma passa em tempo de temor, de dúvida ou de incerteza, o que pode envolver a entrada em lugares de juízo e desespero acerca da própria existência. Em sua forma mais extrema, essa experiência é a morte, na qual a pessoa enfrenta a total extinção. Embora nossa doutrina cristã assegure-nos a vida eterna, naquele instante com freqüência a pessoa perde a esperança e a fé. Alguns supõem que tal experiência seja um arquétipo da experiência humana em consonância com os principais princípios do ser, descritos por Jung. Alguns pensadores supõem que esse tipo de experiência, em algum ponto da vida, é necessário ao progresso da alma, para que atinja um maior desenvolvimento. Em outras palavras, temos de enfrentar as questões da vida e da morte, da alegria e do terror, contrastando as experiências do ser, a fim de atingirmos as mais elevadas expressões espirituais. Não há que duvidar que a experiência de Jesus, na cruz, quando perguntou do Pai por qual motivo havia sido abandonado, foi uma experiência análoga à da noite escura da alma, de que falam os místicos. Nos tempos modernos, alguns psiquiatras têm empregado várias drogas com vistas à sondagem e terapia da mente; e, ao assim fazerem, têm provocado, em alguns pacientes, essa noite escura. Eles afirmam que tal experiência tem um efeito terapêutico que envolve a purificação. As drogas sempre foram usadas pela medicina, e devemos ter cuidado para não condenarmos tal uso por parte dos médicos. No entanto, é evidente que os indivíduos erram quando apelam para o uso de drogas que distorcem as capacidades mentais e emocionais, a fim de passarem por qualquer tipo de experiência mística, positiva ou negativa. O uso que os médicos fazem dessas drogas é um assunto que precisa ser investigado e considerado do ponto de vista moral. A menos que haja uma razão terapêutica, é óbvio que tal prática é imoral. Para mim é claro que os místicos que dependem de drogas não são pessoas realmente espirituais, e nem estão fazendo qualquer progresso espiritual, ainda que o uso que fazem de drogas ocasionalmente provoque alguma experiência mística genuína. Devemos nos lembrar que as artes mágicas com grande insistência têm lançado mão das drogas. E isso indica que há muitos abusos que o homem espiritual precisa evitar.

NOIVA, NOIVO e NOIVA DE CRISTO

No hebraico temos as palavras *kallah*, e *chathan*, respectivamente, «noiva» e «noivo». A primeira figura por trinta e quatro vezes (por exemplo: Isa. 49:18; 61:10; 62:5; Jer. 2:32; Joel 2:16). Essa palavra significa «completa» ou «perfeita». A segunda, que significa «contratador de afinidade», aparece por dezoito vezes, algumas das quais também com o sentido de «genro» (por exemplo: Sal. 19:5; Isa. 61:10; Jer. 7:34; 33:11; Joel 2:16). No grego temos, para a noiva, *númfe*, palavra que aparece por oito vezes: Mat. 10:35; 25:1; Luc. 12:53; João 3:29; Apo. 18:23; 21,2,9; 22:17; para noivo, numfíos, palavra que ocorre por dezesseis vezes: Mat. 9:15; 25:1,5,6, 10; Mar. 2:19,20; Luc. 5:34,35; João 2:9; 8:29 e Apo. 18:23.

Nos tempos patriarcais de Israel, a noiva era comumente escolhida não pelo noivo, mas por seus pais ou amigos. O homem não era necessariamente consultado. Assim, encontramos o relato de Abraão, que enviou um amigo de confiança para encontrar a noiva certa para Isaque (Gên. 24:4). A mesma coisa sucedeu nos casos de Tamar (Gên. 38:6) e Jacó (Gên. 28:2). Hagar, na ausência de Abraão, pai de Ismael, escolheu para este uma noiva (Gên. 21:21). E, mesmo quando o noivo é quem fazia a escolha, a proposta de casamento era feita por seus pais, como se vê nos casos de Siquém (Gên. 34:4,8) e de Sansão (Juí. 14:2,10). Quanto aos costumes relativos ao casamento, ver o artigo sobre *Matrimônio*.

Usos Figurados. 1. No Antigo Testamento, temos a figura simbólica de Yahweh e de Israel, dentro da qual Israel atua como noiva e esposa (Isa. 62:6; 54:5; Osé. 2:19,20; Eze. 16). Portanto, a infidelidade de Israel, quanto às questões religiosas, era tratada como adultério (Êxo. 34:15), assim, o abandono das idéias religiosas erradas era como se a nação deixasse seus amantes e tornasse a casar-se com o Senhor (Isa. 49:18; 69:10). No terceiro capítulo de Oséias encontramos uma ex-esposa, que se vendera à servidão, devido à sua queda na iniqüidade, e foi resgatada de volta, tornando a casar-se com o seu ex-marido. 2. O livro de Cantares de Salomão apresenta-nos um vívido quadro do namoro e do amor nupcial, o qual, provavelmente, foi originalmente escrito como uma espécie de hino que exalta essa modalidade de amor, tal como certas porções dos escritos de Homero, mormente a Odisséia, dedicam-se a esse tema. Porém, esse livro canônico também tem recebido uma interpretação alegórica da parte de estudiosos judeus e cristãos, igualmente. No caso dos comentários judaicos, encontramos o mesmo tipo de tratamento que é mencionado sob o primeiro ponto, acima. Os autores cristãos vêem Cristo e a Igreja, no

livro de Cantares. 3. No Novo Testamento, achamos João Batista referindo-se a Jesus como o Noivo, ao passo que ele mesmo seria o seu amigo. De acordo com essa antecipação, feita por João Batista, Cristo é o novo marido de Israel; mas os intérpretes cristãos, nesse caso, preferem pensar na Igreja; e certas interpretações cristãs fantasiosas, fazem João Batista apresentar Israel como um amigo, mas não como a Noiva de Cristo. Interpretações ainda mais descabidas fazem o amigo simbolizar as denominações cristãs que não seriam verdadeiras igrejas, em contraste com igrejas verdadeiras (como as igrejas Batistas!), mas apenas amigos da Igreja. Presumivelmente, os membros dessas outras igrejas atingirão alguma forma secundária de salvação, similar à dada a Israel, mas que não se equipararia aos privilégios da verdadeira Igreja! Interpretações assim precisam ser rejeitadas, pois tais distinções são alheias à Bíblia. 4. Jesus aludiu a si mesmo como o *Noivo* divino, quando explicou por qual razão seus discípulos não precisavam jejuar. Eles faziam parte de uma festa de casamento, e como tal, deveriam estar festejando, e não jejuando (Mat. 9:13,14). Nessa explicação de Jesus encontramos os primórdios da doutrina de Cristo como o Noivo, e da Igreja como a Noiva de Cristo. 5. A figura simbólica de Cristo como o Noivo, e da Igreja como a Noiva, aparece em II Coríntios 11:2, onde Paulo, em seus afãs evangelísticos, prepara a Igreja para ser apresentada ao Noivo. Por essa mesma razão, o batismo serve de símbolo do banho ou ablução da noiva (Efé. 5:26). Essa última passagem desenvolve a metáfora, mostrando a necessidade do marido amar à sua mulher. 6. Por essa altura da exposição bíblica, a metáfora atinge a estatura de um *mistério*, um grande segredo divino, antes oculto, mas agora revelado. Ver os comentários sobre Efé. 5:32, no NTI, quanto a completos esclarecimentos a respeito. Uma das principais lições que dali derivamos é que a lei do amor deveria governar as relações matrimoniais, da mesma maneira que o amor caracteriza as relações entre Cristo e a sua Igreja. 7. No livro de Apocalipse, encontramos a Igreja como a Noiva, a qual é então identificada com a Jerusalém celestial. O casamento do Cordeiro está então em foco (Apo. 19:7 *ss*), celebrado em meio a um grandioso banquete espiritual. Ver também Apo. 21:2,9. Ali lemos que a Jerusalém celestial preparou-se e adornou-se como Noiva, para receber o seu Noivo. Portanto, temos ali a Noiva equipada, metaforicamente, a cidade celestial de Jerusalém. Ver esses versículos no NTI, quanto a explanações mais completas. (B CHAV HA ID NTI)

NOIVO

Ver os artigos **Noiva, Noivo e Noiva de Cristo** e também **Matrimônio**.

NÔMADES

Esboço:

1. Definição
2. Tipos de Nômades
3. Princípios de Vida dos Nômades
4. Nômades na Bíblia
5. Lições Espirituais do Nomadismo

1. Definição

A base dessa palavra é o termo grego **nomas**, «pasto». A forma verbal é *nomein*. A forma latina, *nomas* (*adis*), significa «pastagem». Com o tempo, esse vocábulo veio a indicar aqueles povos que preferem um tipo de vida pastoril, daqueles que vagueiam sem qualquer residência fixa. Os rebanhos de gado vacum, ovino e caprino são a base da economia dos povos nômades. Onde eles encontram alimentos, para ali se dirigem. Muitos povos se têm acostumado a essa modalidade de vida, e a história demonstra que eles só desistem quando forçados a fazê-lo por tribos circunvizinhas.

2. Tipos de Nômadas

Apesar do nomadismo pastoril ser o mais comum, também há outros dois tipos de nomadismo: os caçadores e os plantadores. Os nômades caçadores sobrevivem daquilo que conseguem caçar, e, em segundo lugar, do que conseguem negociar. Nesse caso, as peles dos animais que caçam tornam-se importantes produtos de comércio. Os nômades plantadores plantam e permanecem em um local apenas pelo tempo necessário de fazerem a colheita. Então mudam-se para outro lugar, a fim de começaram tudo de novo. Entre os indígenas brasileiros havia ambos os tipos de nomadismo. O segundo tipo de nomadismo também se chama transumância.

3. Princípios da Vida dos Nômades

Entre os nômades, as riquezas não consistem em propriedades, mas em animais de criação ou em colheitas. A interdependência é uma necessidade absoluta entre os povos nômades. Descendência comum, crenças, costumes, etc., são algumas das características mais importantes. O isolacionismo é um subproduto necessário nesse tipo de vida. Pequenas comunidades também são imperiosas, como medida de sobrevivência. São essenciais as moradias móveis, como as tendas. Produtos animais prestam-se bem para a ereção de tendas, pelo que a criação de gado é imprescindível, ou, pelo menos, a caça de animais. Por necessidade, os nômades tornam-se predadores das populações fixas; e, pela força do hábito, isso torna-se uma das características constantes entre os nômades, razão pela qual são temidos, e, com freqüência, são atacados, antes que ataquem.

4. Nômadas na Bíblia

Talvez possamos afirmar que o primeiro nômade do mundo foi Caim. Ao ser banido, adotou esse tipo de vida (ver Gên. 4). A Tabela das Nações, no décimo capítulo de Gênesis, menciona vários grupos nômades. Alguns dos descendentes de Jafé tornaram-se nômades, a saber, aqueles chamados descendentes de Gomer (os cimérios), de Madai (os medos), de Meseque (talvez os frígios) e de Asquenaz (os citas). Parece que esses povos acabaram descendo das terras altas do norte (Hete, os heteus). Dentre os descendentes de Cão, os hititas (Hete) da Ásia Menor também adotaram esse estilo de vida. E, dentre os semitas, os arameus (descendentes de Arã), adotaram o nomadismo, além de diversas tribos árabes.

Os eruditos têm mostrado que os primeiros hebreus também eram nômades. De fato, o período patriarcal foi, acima de tudo, um período de nomadismo e transumância. Abraão adotou um estilo nômade de vida, quando partiu de Ur$_1$ em direção ao Ocidente. Mas, não se sabe que forma de vida ele levara em Ur. Essa vida de nomadismo prosseguiu por mais duas gerações (Isaque e Jacó), antes de Israel estabelecer-se voluntariamente no Egito. Mas, ao deixar o Egito, Israel novamente adotou a vida nomádica, pelo espaço de quarenta anos. Quando da conquista da Terra Prometida, desapossados os seus primitivos habitantes, Israel viu anulado quase inteiramente o seu nomadismo. Apesar do labor forçado que sofrera no Egito, o povo de Israel descobriu os muitos

benefícios da residência fixa. Certamente uma das maravilhas do Egito é que os egípcios ensinaram isso aos israelitas. Heródoto disse que havia mais maravilhas do Egito que era possível descrever, mais atrativas que rebanhos e tendas. Os povos nômades dificilmente podem desenvolver grande cultura, e a cultura dos egípcios deve ter impressionado aos filhos de Israel, embora estes nunca se tenham destacado muito, exceto como historiadores.

Mesmo quando o nomadismo havia cessado em Israel, as metáforas usadas em sua literatura continuavam relembrando o passado. Assim é que a residência de um homem é chamada de sua «tenda» (ver Juí. 19:9; 20:8; I Sam. 4:10; II Sam. 18:17), e apesar de alguns israelitas ainda viverem em tendas, esse uso geralmente era metafórico. Por igual modo, a palavra que significava, literalmente, «carregar os animais de carga», veio a significar «levantar-se cedo», visto que, na antiguidade, as duas coisas estavam ligadas uma à outra. Além disso, temos várias metáforas poéticas que relembram o nomadismo, como em Jó 4:21, onde o ato de cortar a corda de uma tenda representa a morte. O arrebentar dessas mesmas cordas aponta para a desolação; uma tenda firme simboliza segurança (ver Isa. 33:20). Pessoas prósperas têm «tendas espaçosas», e muito espaço para espalhar suas tendas (ver Isa. 54:2).

Nômades Não-Hebreus na Bíblia. Já vimos que várias das mais antigas nações alistadas no décimo capítulo de Gênesis eram nômades. Na história subseqüente de Israel, esse povo entrou em contato com vários povos nômades. Os arameus, um povo originalmente nômade, finalmente estabeleceu-se e formou cidades-estado na Síria. Porém, a leste e ao sul dos territórios de Israel continuou havendo povos nômades. Os filhos do Oriente (ver Eze. 25:4), como também bolsões dos midianitas, dos amalequitas, dos moabitas, dos edomitas, dos amonitas e dos quedaritas, viviam pelo menos em regime de transumância. A expansão do império de Salomão, naturalmente, entrou em contato com outros nômades, mormente na Arábia. Nômades costumavam infestar as rotas de caravanas, atacando-as; porém, em represália, também eram atacados. Josafá, rei de Judá, conseguiu cobrar tributo de algumas tribos árabes (II Crô. 17:11). Nômades árabes são referidos e descritos em textos como Isa. 8:20; 21:13; Jer. 3:2; 25:23,24 e Eze. 27:21.

Após o exílio babilônico, o remanescente de Judá voltou e entrou em contato com nômades que vagueavam na região fronteiriça oriental da Síria-Palestina, como o árabe Gesém (ver Nee. 2:9; 6:7), que fez oposição a Neemias, quanto a seus planos de reconstrução. Nos tempos neotestamentários, os nômades de maior proeminência eram os *nabateus* (vide).

5. Lições Espirituais do Nomadismo

A vida nas cidades corrompe; as riquezas materiais corrompem; a política corrompe. Não é para admirar, pois, que algumas vezes, os profetas evocassem a vida mais simples de tempos primitivos, quando havia condições morais mais equilibradas. Amós (3:15; 6:8) condenou a vida citadina luxuosa. Oséias relembrou as condições nômades com certa saudade (Osé. 2:14,15; 12:9). Os homens sempre sentiram a atração da «chamada do deserto», onde podem ser evitadas as ansiedades e as corrupções da vida mais civilizada. Sem dúvida, esses sentimentos tiveram algo a ver com o aparecimento de comunidades religiosas isoladas, como aquelas de Qumran, bem como com o surgimento das ordens monásticas cristãs. Acresça-se a isso o ideal espiritual de ser peregrino e estrangeiro neste mundo (ver Heb. 11:13; I Ped. 2:11), visto que estamos procurando uma pátria celestial (Heb. 11:16), visto que nossa cidadania está nos céus (Fil. 3:20).

NOME

Esboço:

I. Terminologia
II. Classes de Nomes
III. Significados e Usos dos Nomes
IV. Nomes Divinos
V. Usos Figurados dos Nomes
VI. Sumário das Características dos Nomes Próprios Bíblicos

I. Terminologia

A palavra portuguesa «nome» ocorre no Antigo Testamento por cerca de setecentas e setenta vezes. A palavra hebraica correspondente é *sem*. Já no Novo Testamento temos o termo grego *ónoma*, que ocorre por oitenta e quatro vezes, começando em Mat. 1:21 e terminando em Apo. 22:4. No Antigo Testamento também há outros termos hebraicos, usados como sinônimos, mas que podem ser traduzidos por «memória», «mencionar», e também por «varão», porquanto supunha-se que o sexo masculino é o gênero por meio do qual a memória dos pais deve ser continuada. Originalmente, o termo hebraico *sem* significava «sinal» ou «senha», de tal modo que o nome era um meio de identificação de uma pessoa ou coisa. Assim, um nome era um sinal da linguagem que embojava em si mesmo o sentido específico da pessoa ou coisa nomeada, ou seja, o nome servia de *comentário* breve sobre o indivíduo, na esperança de que ele viveria à altura das expectações envolvidas no seu nome. Por exemplo, alguma característica física de um nascituro poderia sugerir o seu nome. Ou um determinado nome era conferido a uma criança na esperança de que esse nome fosse um fator formativo de seu caráter e de sua conduta. Ver a seção III, quanto a um desenvolvimento melhor dessa idéia.

II. Classes de Nomes

As duas principais classes de nomes são: 1. os nomes próprios, como de Deus, dos deuses pagãos, dos seres humanos, de países, províncias, cidades, etc. 2. Os nomes comuns, como de animais, festividades, dias, coisas, etc. O uso de nomes envolve-nos no problema da própria origem da linguagem. Discutimos o ponto no artigo intitulado *Língua*. A origem da língua é um dos grandes mistérios da humanidade. Os lingüistas supõem que os substantivos, os *nomes* das coisas, são a base mesma da linguagem, e que os verbos desenvolveram-se mais tarde, para indicar as ações e estados. No entanto, no estudo de qualquer idioma, dá-se mais importância ao estudo dos verbos, porquanto em torno deles é que gira a formação das sentenças. E isso inverte toda a situação, pois ali o verbo é fundamental e dos verbos é que se teriam derivado os nomes ou substantivos. Deixemos os lingüistas e gramáticos debaterem a esse respeito.

III. Significados e Usos dos Nomes

Em relação às coisas, poderíamos supor que as características físicas das mesmas são salientadas pelos nomes que os homens dão aos objetos e aos animais, etc. Esse aspecto torna-se mais patente no caso dos nomes geográficos. Assim, dizemos que um certo trecho é uma *planície*, por ser plano; e que um outro terreno é um *tabuleiro*, exatamente devido à sua conformação, e assim por diante. E quando chegamos aos nomes dos animais, aves, etc., podemos dizer que

nossas palavras portuguesas derivaram-se do latim ou do grego; porém, quando indagamos como os romanos ou os gregos obtiveram essas palavras, e o que elas significam, na maioria das vezes não descobrimos qualquer resposta. Algumas vezes, algum ato característico ou algum aspecto físico de um animal é que deu origem ao seu nome; mas, percentualmente, somente alguns poucos nomes de animais foram assim obviamente derivados. O exame dos léxicos, no tocante aos nomes dos animais, geralmente não nos fornece qualquer indicação sobre como eles se originaram.

Os nomes dos poderes divinos e dos seres humanos são mais fáceis de entender quanto ao modo como surgiram. Assim, *El* é o nome de Deus que destaca o seu «poder»; Yahweh é o nome do Deus que existe eternamente; *Adão* significa «homem»; *Hodes* nasceu na época da «lua nova»; *Benoni* quer dizer «filho da minha dor», um nome que lhe foi dado quando o dava à luz; *Lia* significa «cansada»; *Edom* quer dizer «vermelho»; *Coré* indica «calvo». Às meninas davam-se nomes de flores ou de animais. Assim, *Raquel* quer dizer «ovelha»; e *Susana* significa «lírio». Motivos religiosos também foram usados na outorga de nomes às crianças, como *Maalalel*, «louvor a El»; *Elioenai*, «meus olhos voltam-se para Yahweh»; *Israel* significa «príncipe de El»; *Josué*, «Yahweh é salvação». Nomes assim eram dados a pessoas piedosas, na esperança de que as pessoas assim chamadas deixar-se-iam influenciar pelos mesmos, e que suas vidas fossem espiritualizadas. Certos nomes pessoais exprimiam esperanças secundárias, como *José*, que parece significar «Deus me dê outro filho!» Nomes como *Nabal* são mais difíceis de explicar. Pois qual pai daria a seu filho um nome que significa «estúpido»? Mais compreensível é um nome como *João*, cuja forma original, em hebraico, *Johanan*, significa «Yah é gracioso». É provável que certos nomes próprios sejam dados completamente à revelia de seus significados originais. Quantos pais chamariam uma filha de *Margarida*, se soubessem que esse nome quer dizer «pérola»? ou um filho de *Lucas*, que significa «luz»? ou *Mateus*, «presente de Deus»? ou *Pedro*, «pedregulho»? ou *Ciro*, «sol»? ou *Marta*, «senhora»? ou *Hortência*, «jardim»? Os nomes de família também têm seus respectivos sentidos. Damos alguns poucos exemplos: *Melo*, «plenitude»; *Peres*, «rompimento»; *Almeida*, «unitário»; *Silva*, «silvestre»; *Valverde*, «vale verde»; *Castro*, «fortaleza»; *Bentes*, «vento», *Souza*, «de Susã (Pérsia)».

No antigo Israel, muitos pais davam a seus filhos nomes alicerçados sobre os apelativos de divindades, como Baal-Hanã, Isabaal, Zorobabel, etc. Todavia, nesses casos, não é muito provável que houvesse a tentativa consciente de honrar as divindades estrangeiras. Simplesmente os pais israelitas apreciavam o som de tais nomes, tal e qual sucede entre todos os demais povos do mundo.

IV. Nomes Divinos

Neste ponto, já encontramos maiores cuidados. As pessoas dão, às suas divindades, nomes que significam algo para elas, que expressem sua admiração; que falem sobre a vida e a continuidade da existência; que indiquem a idéia de eternidade; que traduzam proteção; que falem sobre senhorio. Assim, *Gaal* aponta para a idéia de «redenção»; *Safate* indica «juiz»; *Maor*, «doador da luz». No Antigo Testamento há três nomes básicos dados a Deus, sem falarmos em suas combinações. *El*, «forte»; *Adonai*, «senhor de escravos»; *Yahweh*, «auto-existente eterno». Quanto às combinações desses nomes, ver o artigo separado intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

Segundo alguns estudiosos, a palavra portuguesa *Deus* vem do latim (palavra *igual*), originalmente cognata com o sânscrito *dyáuh*, «céu». Já o termo *Senhor*, quando usado no Novo Testamento, vem de *kúrios*, «senhor da casa». Esse epíteto é aplicado ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. O sentido dessa palavra fica mais claro se dissermos que os gramáticos gregos posteriores ensinavam que um proprietário é um «despota» em relação aos seus escravos, mas um «senhor» (no grego, *kúrios*) em relação à sua esposa e a seus filhos (ver Trench, *Synonyms of the New Testament*, pág. 96). O mesmo autor explica ainda que um *kúrios* exercia a sua autoridade dentro de certos limites morais, visando ao bem de seus familiares; mas um *despótes* exercia a sua autoridade de forma irrestrita, indicando a submissão que lhe deviam os que estavam sob a sua autoridade. Todavia, no Novo Testamento, mormente nos escritos de Paulo, essa cuidadosa distinção feita pelos gramáticos seculares, quase desaparecera dentro do uso dessas duas palavras gregas.

V. Usos Figurados

Um nome representa ou simboliza uma pessoa, uma coisa, uma divindade; e, algumas vezes, é manipulado de tal modo que indica um sentido figurado. Assim, um nome pode ser emblema de atributos ou aspirações, — algo que já vimos nas seções anteriores. Assim, quando o Senhor Jesus disse acerca de Deus Pai: «Manifestei o teu *nome* aos homens que me deste do mundo...» (João 17:6), quis dar a entender o que a pessoa de Deus deve significar para os remidos: seu senhorio; seu caráter de Salvador; seus santos requisitos, com base em sua natureza santa; sua paternidade, seus cuidados pelos que lhe pertencem, etc. O *nome* de Deus, pois, apontava para todas essas idéias. Os diversos nomes aplicados a Deus revelam diferentes aspectos do Ser e da personalidade de Deus, razão pela qual são autênticos símbolos teológicos. A própria presença de Deus é anunciada por uma expressão como aquela que se vê em Salmos 75:1: «...invocamos o teu nome...»

Em sentido geral, podemos dizer que os nomes de Deus indicavam sua pessoa e seu caráter (ver Sal. 29:2; 34:3; 61:4), seus títulos (Êxo. 3:13,14; 6:3), seus atributos (Êxo. 33:19; 34:6,7), sua palavra (Sal. 5:11), a adoração e o culto que lhe prestamos (I Reis 5:5; Mal. 1:6), suas graças e misericórdia na salvação e em sentido geral (Sal. 22:22; João 17:6,26), seu poder, ajuda e favor (I Sam. 17:45; Sal. 20:1,7), sua sabedoria, poder e bondade, exibidos na criação e na providência (Sal. 8:1,9), sua autoridade (Miq. 5:4), sua honra, glória e fama (Sal. 76:1). Os nomes de Cristo, similarmente, indicam a sua divindade, a sua magnificência e a sua presença conosco (Isa. 7:14; 9:6). Os seus muitos títulos, como Salvador, Profeta, Sacerdote, Rei, indicam, cada um deles, algum ofício ou função especiais (Mat. 1:21; Apo. 19:16), a autoridade e a comissão por ele recebidas da parte do Pai (Mat. 7:22; Atos 4:7), a sua exaltação, honra, poder e glória (Fil. 2:9,10).

O nome de Deus, «em Cristo», simboliza a sua missão especial como Redentor (Êxo. 23:21). Ser alguém batizado em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo indica que esse alguém assumiu plena responsabilidade como um discípulo cristão, o que redunda na honra de Deus (Mat. 28:19; Atos 19:5). Confiar no nome do Senhor é confiar em sua palavra e agir de acordo com ela na vida diária (João 3:18). Professar o nome de Cristo é evidenciar, diante dos olhos do mundo, que o crente foi espiritual e moralmente transformado, e que é um discípulo sério

de Jesus (Mat. 28:19,20). Nomear o nome de Cristo é viver à altura das expectações cristãs (II Tim. 2:19). O novo nome de Cristo, conferido aos crentes vencedores, será uma nova revelação, uma promoção na ordem do ser e no grau de entendimento (Apo. 3:12). Esse novo nome também indicará a natureza ímpar de cada crente; com essa sua natureza distintiva, cada crente tornar-se-á um instrumento inigualável de serviço. O «novo nome», referido em Apo. 2:17, enfatiza essa mensagem do caráter único de cada crente. Quando alguém faz todas as coisas «em nome de Cristo», isso significa que esse alguém age em consonância com tudo quanto Cristo requer, não permitindo que qualquer aspecto de sua vida se secularize (ver João 14:13; Col. 3:17).

VI. Sumário das Características dos Nomes Bíblicos

No Antigo Testamento há cerca de mil e quatrocentos nomes diferentes, conferidos a cerca de duas mil e quatrocentas pessoas. Os hebreus eram um povo monônimo, isto é, davam um único nome a seus filhos. Não havia entre os antigos hebreus o costume de dar um prenome ou nome pessoal, então o nome de família da mãe, e então o nome de família do pai, conforme é costumeiro entre nós. Mas, se aquele único nome causasse confusão, então acrescentava-se o nome do pai, talvez como uma adição como «filho de» (no hebraico, *ben*). Outras vezes, o nome de algum antepassado era adicionado, em vez do nome do pai.

A. Tipos de Nomes Próprios Dados às Pessoas

1. *Nomes Tomados por Empréstimo da Natureza.* Nomes de animais, plantas ou indicações meteorológicas. Daí temos Raquel, «ovelha», Calebe, «cão», Débora, «abelha», Hulda, «doninha», Acbor, «rato», Safã, «texugo», Jonas «pomba», Tola, «verme». Também houve nomes derivados de outras línguas, pertencentes a essa categoria, como Zeebe, «lobo», Eglá, «novilha», Naás, «serpente», Zipora, «pardoca». Nomes extraídos do reino vegetal, entre outros: Elom, «carvalho», Tamar, «palmeira», Susana, «lírio», Zeitã, «azeitona». Nomes baseados em dados meteorológicos incluem apelativos como Baraque, «relâmpago», Sansão, «solzinho», Nogá, «alvorecer». O nome primitivo dos antepassados deste co-autor e tradutor pertence a essa categoria, pois *ruah* significa «vento». Em algum ponto do passado, esse nome foi mudado para o latino, *Bentes*, «vento».

2. *Características Físicas.* Esses nomes têm algo a ver com coisas como cor, dimensões, defeitos, sexo, etc., conforme se vê em nomes como Labão, «branco», Zoar, «avermelhado», Haruz, «amarelo», Hacatã, «pequeno», Heres, «surdo», Iques, «torto», Garebe, «sarnento», Gideão, «aleijado», Paseá, «manco», Geber, «macho».

3. *Circunstâncias do Nascimento.* Podia ser a época do nascimento, o local, a ordem (primeiro, segundo, etc.), ou eventos ocorridos durante o parto. Daí é que se derivam nomes próprios como Ageu, «festivo» (nascido durante alguma festa ou celebração religiosa), Sabetai, «nascido no sábado», Judite, «de Judá», Bequer, «primogênito», Iatom, «órfão», Azuba, «esquecido (talvez pela mãe)», Tomé, «gêmeo».

4. *Miscelâneos.* Aí estão nomes sem uma certa classificação, como Nabal, «estúpido», Noemi, «agradável», Rebeca, «corda de atar ovelhas», Rispa, «variegada», Baquebuque, «cântaro», Gera, «hóspede», Naassom, «serpente».

5. *Com Base nos Nomes Divinos.* Temos aí nomes como Joaquim, «Yahweh salva», Oséias, «salva!», Josué, «Yahweh é salvação», Daniel, «juiz de Deus», Mateus, «dom de Deus», etc.

6. *Nomes Baseados nas Relações Humanas.* Abi, «pai». Aí, «irmão», Ami, «parente», Ben-, «filho de». Muitos desses nomes aparecem em combinações. Assim, para exemplificar, *Abi* aparece em trinta e um nomes do Antigo Testamento; e *Ai* em vinte e seis nomes. Exemplificamos com Abiúde, Aiúde, Aminadabe e Benjamim.

7. *Nomes Baseados em Termos de Autoridade.* Esses nomes de autoridade podem ser apelativos como Adoni, «Senhor», Baal, «proprietário», Meleque, «rei». Podemos citar nomes como Abimeleque, Adonirão, Jerubaal, etc.

B. Tipos de Nomes Próprios Locativos

1. *Descrições Geográficas e Topográficas.* Ramá, Ramote, «altura»; Pisga, «cume»; Geba, Gibeá, Gibetom, «colina»; Siquém, «serra»; Selá, «penhasco»; Sarom, «planície»; Mispa, «torre de vigia»; Adumim, «vermelho»; Líbano, «branco»; Cedrom, «negro»; Jarcão, «amarelo»; Sefer, «belo»; Argobe, «solo rico»; Arabá, «deserto»; Boscate, «platô», «pedra vulcânica»; Jabes, «seco».

2. *Nomes com Base na Natureza.* Arade, «jumento selvagem», Bete-Car, «cordeiro», Eglom, «novilho», Efrom, «gazela», Zorá, «vespa», Luz, «amendoeira», Abel-Sitim, «bosque de acácias», Bete-Tapuá, «casa da maçã», Dilã, «pepino».

C. Nomes Divinos

Essa questão foi abordada na seção IV, acima.

NOMINALISMO

Essa palavra é usada na filosofia em conexão com o problema dos *Universais* (vide). O termo vem do latim, *nomen*, «nome». Mas, que é o universal? O que entendemos por termos gerais como «bondade», «justiça»? ou mesmo quando aludimos a certos objetos físicos, como um «triângulo»? Consideremos, para exemplificar, a *bondade*. A bondade é apenas uma palavra da linguagem, ou é algo real, ou é uma entidade? O *realismo* (no campo da metafísica) faz da bondade uma entidade, como se fosse uma divindade no céu platônico. Segundo essa posição, a *bondade* é uma essência real, e não apenas um termo da linguagem humana. Ou seria a bondade um conceito da mente divina (ou da mente humana)? Nesse caso, entra em cena o *conceptualismo* (vide). Ou seria a *bondade* um mero termo da linguagem, um *nome* que a linguagem manipula? Nesse caso, já estamos no terreno do *nominalismo*.

Há uma certa confusão entre conceptualismo e nominalismo, razão pela qual há listas que podem não ser absolutamente precisas, se se espera distinguir aqueles filósofos que são nominalistas ou conceptualistas. Roselin chamava o universal de mero sopro da voz (*flatus vocis*). Outros nominalistas foram Pedro de Aureol, William de Ockham, Durando de Stain Pourcain, Jean Buridan, Thomas Hobbes, John Locke, Hume, Condillac, Reid, Nelson Goodman, e Quine. Os cientistas, via de regra, são nominalistas. O artigo sobre os *Universais* oferece uma descrição mais detalhada a respeito.

NON-CONFORMISTAS (NÃO-CONFORMIDADE)

Esses termos são usados para referir a certos protestantes ingleses do século XVII (especialmente os puritanos), que não se adaptavam às doutrinas da Igreja Anglicana. Certos grupos episcopais e presbiterianos também foram assim chamados; e, por extensão, a palavra veio a indicar qualquer indivíduo ou grupo de pessoas que não se conforma a padrões

específicos.

NON-SEQUITUR

No Latim, «não se segue daí». Na lógica, essa expressão indica uma conclusão que não se deriva de suas premissas. Outrossim, todas as falácias pertencem a essa categoria, principalmente aquelas em que uma conseqüente é afirmada, ao mesmo tempo em que a premissa antecedente é negada. Dentro do uso popular do termo, um *non-sequitur*, é qualquer coisa que é ilógica diante de uma situação, ou, então, que é contrária àquilo que se poderia esperar como resultante de qualquer ato ou idéia.

NOOSFERA

Um termo usado por *Teilhard de Chardin, Pierre* (vide), em sua teoria especial da evolução. O artigo sobre ele explica esse conceito.

NORA

No hebaico, **kallah**, palavra usada por trinta e quatro vezes, como, por exemplo, em Gên. 11:31; 38:11,16,24; Lev. 18:15; Rute 1:6-8,22; I Sam. 4:19; I Crô. 2:4; Eze. 22:11; Miq. 7:6. No grego, *numphe*, que significa «noiva», mas também palavra usada para indicar a noiva do filho de quem fala. Essa palavra grega é usada por oito vezes: Mat. 10:35; 25:1; Luc. 12:53; João 3:29; Apo. 18:23; 21:2,9; 22:17.

No Antigo Testamento, essa palavra aparece na legislação concernente ao pecado de incesto, no código levítico. As mesmas proibições referentes às filhas envolvem as noras. Ver Lev. 18:15; 20:12. Uma nora, em contraste com uma concubina, era removida da casa de seu pai assim que o preço pela noiva (o reembolso dado ao sogro, por seus serviços econômicos) fosse pago, conforme se vê em Gên. 29:21-30. O termo grego *numphe* usualmente significa *noiva*, conforme se vê em Apocalipse 21:9, por exemplo; mas, em Mateus 10:35, indica «nora».

NORMATIVA, ÉTICA

Temos aí um sistema que se guia por normas, presumivelmente autoritárias e fixas, ou, pelo menos, dignas de respeito. A tarefa dos filósofos, entre outras coisas, seria buscar e descrever normas legítimas. Muitos cristãos utilizam-se da Bíblia como um manual de onde podem ser extraídas normas, pelo que a ética cristã usualmente é uma forma de ética normativa. A *ética normativa*, com freqüência, é distintiva da *ética empírica*, pelo fato de que esta última dá a entender que estabelecemos nossas próprias regras, em vez de descobri-las. E a ética normativa, por sua vez, é distinguida da *meta-ética*, a qual tem o propósito de discutir os significados dos termos éticos, sem chegar, necessariamente, às normas.

NORRIS, JOHN

Suas datas foram 1657-1711. Ele foi um filósofo inglês. Nasceu em Collingbourne-Kingston. Educou-se em Oxford; tornou-se membro diretor do All Souls' College. Foi ordenado ao ministério anglicano. Começou como filósofo platônico, mas acabou sendo conhecido como o *Malebranche* (vide) inglês, porquanto criticava acerbamente os filósofos de sua época, bem como filósofos como Locke, Toland e outros.

Idéias:

1. Como filósofo platônico, ele defendia a idéia de que a felicidade suprema é conseguida em contemplação do amor de Deus; a verdade é eterna; as idéias são externas e reais; as idéias estão localizadas na Mente divina (e é daí que obtemos uma prova racional da existência de Deus).

2. Incorporando a idéia de Malebranche sobre o amor, Norris começou a falar sobre duas formas de amor: aquela que busca união com o objeto amado; e o amor como benevolência, sob a forma de atos bondosos em favor do próximo.

3. Norris atacava os argumentos de Locke contra as *idéias inatas* (vide), conforme o fez em seu apêndice ao livro *Practical Discourses*.

4. No seu sentido mais estrito, o amor só é apropriado quando seu alvo é Deus; mas as relações humanas provêem a oportunidade de experimentarmos felicidade pessoal.

5. Ele rejeitava a idéia de Tolando, de que a mente humana é o padrão da verdade. Antes, dizia que esse padrão é a Mente divina, que difere da mente humana quanto ao grau, embora não quanto à categoria.

6. Através de dois volumes, Norris reafirmou as idéias de Malebranche. Norris inclinou-se mais para os conceitos de Descartes, e rompeu com os filósofos platônicos de Cambridge. O mundo físico caracteriza-se por um mecanismo destituído de mente, ao passo que o homem é composto de corpo material e de alma imaterial.

7. Henry Dodwell havia ensinado a mortalidade da alma. Norris contra-atacou, apresentando uma defesa tipo platônica da imortalidade da alma humana, em sua derradeira publicação.

Escritos. An Idea of Happiness; Poems and Discourses; The Theory and Regulation of Love; Reason and Religion; Reflections on the Conduct of Human Life; Pratical Discourses; An Account of Reason and Faith; An Essay Towards the Theory of the Ideal of Intelligible World; A Philosophical Discourse Concerning the Natural Immortality of the Soul.

NORTE

No hebraico, **saphon**. Essa palavra vem de um raiz que, segundo alguns estudiosos, significa «ocultar-se», referindo-se àquilo que é oculto, obscuro, não-compreendido, ameaçador. Ou, conforme outros dizem, a raiz vem de um termo fenício que significa «vigiar», um lugar de onde se observa. Ainda uma outra raiz possível significa «semear» ou «espalhar», uma referência a como o vento do norte se espalhava. Essa palavra, *mazareh* (ver Jó 37:9), indicava como o vento do norte dispersa as nuvens e trás temperaturas mais baixas.

Entre os hebreus, os pontos cardeias eram considerados em alusão ao oriente. Eles orientavam-se dando frente para o nascer do sol, pelo que o norte ficava à sua *esquerda* (ver Gên. 14:14; Jó 23:9). Para quem vivia na Palestina, as terras que jaziam mais para o norte eram consideradas de nível mais elevado, razão por que, seguir na direção norte era «subir» (ver Gên. 45:25; Osé. 8:9; Atos 18:22). Dava-se o oposto quando alguém seguia para o sul, que então era chamado «descer» (ver Gên. 12:10; 26:2; I Sam. 30:15).

O termo hebraico *saphon*, «ocultar-se», aludia às misteriosas regiões norte do firmamento. O norte, associado como estava ao inverno, estava relacionado a idéias como trevas e melancolia, ao passo que o sul estava vinculado a idéias como calor e dias bem

iluminados. Era dito que a Babilônia, a Caldéia, a Assíria e a Média ficavam ao norte de Israel, porquanto seus exércitos invasores sempre atacavam Israel vindos do norte, através de Damasco, a fim de evitarem os desertos a leste da Palestina. Em Eze. 38 e 39, o norte refere-se aos tradicionais inimigos de Israel, embora alguns intérpretes vejam, nesse texto, uma referência remota ao extremo norte, a saber, à Rússia. «Todas as tribos do norte» (Jer. 25:9) talvez aluda aos reis e países que dependiam da Babilônia. E o «rei do norte» (Síria) é contrastado com o «rei do sul» (ver Dan. 11:6-15,40). Nos trechos de Pro. 27:16 e Can. 4:16 o vocábulo hebraico *saphon* alude ao vento norte, e não exatamente ao ponto cardeal norte.

No Novo Testamento, encontramos o termo grego *borrás* para indicar «norte», embora apenas por duas vezes: Luc. 13:29 e Apo. 21:13.

Os *reinos do norte* é uma alusão geral a invasores vindos do norte, porque, conforme já dissemos, usualmente era daquela direção que aqueles invasores se acercavam de Israel. Ver Isa. 41:25; Jer. 1:14,15; Eze. 26:7; 38:6,15; 39:2.

Em Joel 2:20, no original hebraico, encontramos o termo *tsephoni*, «nortista», para descrever uma praga de gafanhotos. Nossa versão portuguesa diz «o exército que vem do norte». Interessante é que essas pragas geralmente provinham da direção sul, pelo que alguns intérpretes têm-se sentido perplexos diante da alusão ao norte. A mais provável solução é que essa praga não seria literal, e, sim, metafórica, apontando para inimigos vindos do norte, a direção de onde os invasores usualmente vinham.

NOTRE DAME

Essa é a expressão francesa para «nossa Senhora», título dado pelos católicos romanos à Virgem Maria. Esse título tem-se tornado nome de muitos templos, catedrais e escolas católicas romanas. E também há a ordem religiosa das Irmãs de Notre Dame. Ver os artigos sobre *Maria*, mãe de Jesus, *Mariologia* e *Mariolatria*.

NOTURNO

Originalmente, essa palavra referia-se a certo culto monástico, recitado ou cantado à noite. No entanto, com o tempo veio a designar uma das divisões (usualmente em número de três) do *Breviário* (vide) da Igreja Católica Romana, no ofício chamado *Matinas* (vide), cujo propósito é ser recitado, e que, quase invariavelmente, é usado à tarde ou à noite.

NOUMENON (Plural: NOUMENA); NOUMENAL

O termo grego **noumenon** quer dizer «é percebido», «o que é conhecido». Platão usava essa palavra no segundo sentido, referindo-se às coisas do *pensamento*, e não aos objetos sujeitos à percepção dos sentidos. Assim, as *noumena*, para ele eram as idéias, formas ou *universais* (vide). Kant referia-se às *noumena* como «coisas em si mesmas», indicando a natureza verdadeira de alguma coisa. E contrastava essa palavra com uma outra, *phenomenon*, ou seja, aquilo que está sujeito à percepção dos sentidos, cuja natureza não podemos declarar por esse modo. O *mundo noumenal*, não sujeito à percepção dos sentidos, pode ser conhecido através da intuição e das experiências místicas, podendo ser descrito por nosso senso moral, ou seja, por meio de postulados morais. Dessa idéia é que se originaram as provas da existência de Deus e da alma, sobre bases morais. Ver sobre *Argumento Moral*. Nos escritos de Platão, o mundo noumenal pode ser conhecido, pelo menos parcialmente, através da razão; um tanto mais através da intuição; e mais ainda através das experiências místicas, como na contemplação do Real. Ver o artigo sobre *Kant*, que oferece um gráfico sobre os três mundos que ele concebia, no seu sétimo ponto.

NOUS

Essa palavra é grega e significa «mente», «razão». Os filósofos pré-socráticos usavam a palavra para indicar conhecimento ou razão. Platão utilizou-se dela para designar a parte racional da alma. Aristóteles usava o termo como sinônimo de *intelecto*.

Sumário de Usos:

1. *Anaxágoras* (vide) utilizou-se da idéia de *nous* como o princípio de ordem e animação. Para ele, a *nous* está por detrás da ordem e do desígnio que podemos perceber no universo. Sem a *nous*, teríamos o caos. Isso é um equivalente um tanto cru do conceito do *Logos* (vide).

2. *Platão* usava o termo para referir-se ao conhecimento mais elevado, ou à faculdade que obtém tal conhecimento. No homem, a *nous* residiria na parte racional da alma, conferindo à alma um conhecimento natural e poderoso das coisas, inteiramente à parte de qualquer experiência dos sentidos.

3. *Aristóteles* fazia da *nous* o princípio do intelecto. Nessas expressões haveria um aspecto ativo e um aspecto passivo. A *nous* ativa é o princípio da imortalidade, sendo eterna. A *nous* ativa e a *nous* passiva complementar-se-iam, mais ou menos como fazem matéria e forma. Aristóteles também aplicava o vocábulo ao seu conceito de Deus. Para ele, Deus é a *noesis noeseos*, ou seja, «o pensamento que pensa sobre si mesmo», a mais elevada forma de *Intelecto*. Deus é Intelecto, e o homem é intelecto. O intelecto é imaterial. O Intelecto divino é a forma mais alta de substância, é o impulsionador primário de todas as coisas. Foi a partir desse conceito que os escolásticos desenvolveram uma prova, sob a forma de argumento, da existência de Deus. Ver sobre os *Cinco Caminhos de Tomás de Aquino*.

4. *Os filósofos neoplatônicos* usavam o termo *nous* em alusão ao mundo inteligível. Plotino fazia da *nous* a primeira emanação do Ser divino. Seria uma das *hipóstases* de Deus. As duas outras *hipóstases* seriam o Um e a Alma do Mundo. Ver os artigos gerais sobre *Neoplatonismo* e *Plotino*.

NOVACIANO (NOVACIANISMO)

Novaciano foi um presbítero romano liderante, um notável teólogo cujos escritos exerceram considerável influência sobre a controvérsia em torno da divina Trindade da Igreja cristã antiga. Ele faleceu em Roma, em cerca de 258 D.C. Do estoicismo, converteu-se ao cristianismo; foi ordenado sacerdote em 250 D.C. Além de seus escritos trinitarianos, ele é melhor lembrado devido às suas rígidas idéias sobre disciplina eclesiástica e à sua oposição à restauração dos *lapsi*, isto é, pessoas que tinham caído em lapso e abandonado temporariamente a Igreja. Visto que ele atuou durante a perseguição instituída pelo imperador Décio (249-253 D.C.), o que, naturalmente, criou muitos *lapsi*, a questão era importantíssima na época. Contrário a Novaciano, o papa Cornélio (pontificou de 251 a 253 D.C.) adotou uma atitude leniente para com os *lapsi*. Em protesto, Novaciano foi eleito por seus seguidores como um antipapa, tendo-se tornado o segundo dessa classe, na história do cristianismo. Isso provocou um cisma na Igreja. Os novacionistas passaram a distanciar-se da corrente principal da

Igreja, negando a absolvição não meramente aos *lapsi*, mas também a todas as pessoas que tivessem cometido pecados sérios.

Novaciano foi morto durante as perseguições de Valério (253-260 D.C.), mas o novacianismo prosseguiu. Seus sucessores foram rigorosos e puritanos, e demonstravam pouca simpatia para com os irmãos que não podiam imitá-los, considerados, por isso mesmo, de segunda classe. Alguns apodaram-nos de *cátaros*, que quer dizer «puros»; mas não devem ser confundidos com os *cátaros* posteriores, também chamados *Albigenses* (vide). Apesar de condenados e excomungados, os novacianos prosseguiram. Porém, aí pelos fins do século V D.C., o movimento estava praticamente extinto. Eles defendiam a disciplina férrea, mas seus abusos contradiziam a mesma. A lei do amor pode perder-se em meio ao fanatismo; e isso é o que parece ter acontecido naquele caso. Além disso, os cátaros primitivos parece terem fomentado considerável hipocrisia e arrogância em suas fileiras, durante todos os séculos em que eles existiram.

Escritos de Novaciano. Ele foi o primeiro teólogo romano a publicar tratados em latim. Dentre seus muitos escritos, restaram quatro: *De trinitate* (Sobre a Trindade); *De cibis iudaicus* (Sobre os Alimentos Judaicos); *De spectaculis* (Sobre os Espetáculos) e *De bono pudictiae* (Sobre as Vantagens da Modéstia). O primeiro desses escritos foi o mais importante trabalho teológico de Novaciano. Exibia uma precisão terminológica e dogmática que exerceu duradoura influência sobre a Igreja cristã, elevando a teologia ocidental ao mesmo nível da expressão cristológica oriental.

NOVA CRIAÇÃO Ver também **Nova Criatura.** Ver sobre **Criação Espiritual.**

A Nova Criação e o Estado Eterno. Apo. 21:1-8

Somente quando a nova criação substituir à antiga é que poderemos dizer que a influência e a obra de Satanás foram totalmente apagadas da existência, pelo que esta sétima visão relata como a criação inteira será libertada dos últimos vestígios do pecado, para sempre. Essa descrição é uma das mais belas de toda a Bíblia, apresentada com simplicidade e dignidade, sem os exageros retóricos e sem verbosidade.

Na escatologia iraniana (Bunsahish 30:32) e nos apocalipses judaicos, juntamente com idéias similares do A.T., temos uma tradição que fala da nova criação, como se fora uma «renovação» do mundo antigo. (Ver Isa. 65:17 e 17:22 e contextos. Ver também II Baruque 32:6; 44:12; 48:50; 51:3 e I Enoque 45:4,5). Mas também há a tradição de uma criação inteiramente nova, e não de mera renovação da antiga. (Ver I Enoque 72:1; 91:16 e II Esdras 7:30,75). Assim sendo, nos documentos cristãos às vezes há a idéia de «renovação», e às vezes há a idéia de uma «criação inteiramente nova». (Ver Mat. 19:28 quanto à idéia da «renovação»; e ver II Ped. 3:10,13, no tocante à idéia de uma *criação inteiramente nova*). Essa última passagem obviamente fala da total aniquilação da antiga criação por meio do fogo. Cientificamente, com base naquilo que sabemos, isso é totalmente possível. A matéria da criação poderia ser reduzida a mera energia mediante o mesmo processo que causa as explosões atômicas. Quanto ao ponto de vista do Apocalipse, é perfeitamente evidente que esse livro antecipa o total aniquilamento da antiga criação, havendo então um ato criador totalmente novo. Já vimos isso em Apo. 20:11, e esse pensamento é reiterado agora, neste primeiro versículo do capítulo vinte e um.

«Da fumaça, da dor e das chamas, é um alívio passar para a atmosfera clara e limpa da manhã eterna, onde o ar celeste é puro e a vasta cidade de Deus fulgura como um diamante na irradiação de sua presença. A idéia dominante da passagem é que o meio ambiente deve ser de acordo com o caráter e a antecipação; conseqüentemente, assim como o antigo universo estava inevitavelmente maculado pelo pecado, uma nova ordem de coisas deve ser formada, uma vez que a antiga cena de prova e fracasso seja posta de lado... A expectação (ver Rom. 8:28 e *ss*) de que a perda ocorrida por ocasião da queda de Adão seria revertida, dificilmente é a mesma coisa que essa transformação escatológica; esta última prevalece sempre que as inflexíveis exigências da era parecem exigir uma limpeza total do universo, e a atitude apocalíptica para com a natureza raramente tem algo a ver com a ternura e a paixão, por exemplo, de IV Esdras 8:42-48. A seqüência de Apo. 20:11 e *ss* e 21:1 e *ss*, pois, segue o programa escatológico geral, como se vê, por exemplo, em Apocalipse de Baruque 21:23 e *ss*., onde, após terminada a morte, o novo mundo prometido por Deus aparece como habitação dos santos (comparar com Apo. 21:1 e *ss*). A Jerusalém terrestre é suficientemente boa para o milênio, mas não para a bem-aventurança final». (Moffatt, *in loc.*).

«A palavra característica que atravessa a descrição é o termo 'novo'. Todas as coisas se tornarão 'novas'. Existem dois vocábulos traduzidos por 'novo' ...um deles ('neos') diz respeito ao tempo; o outro ('kainos') diz respeito à qualidade. O primeiro se aplica ao que recentemente veio à existência; o outro ao que demonstra características novas». (Carpenter, *in loc.*).

«Agora que todo o mal foi destruído para sempre, e que todos os agentes do mal foram lançados no lago do fogo, e que desapareceram os antigos céus e terra, e o juízo final é levado a bom termo, e a morte e o hades são destruídos, então Deus cria novos céus e nova terra, convocando à existência a Nova Jerusalém. Nessa cidade, que nunca conhecerá lágrimas, nem tristeza, nem choro, nem dor e nem maldição, Deus habitará com os homens em seu trono, que é também o do Cordeiro; e seus servos, cujo caráter, como possessão mesma de Deus, dali por diante serão marcados na fronte e o servirão, e eles o verão face a face. E Deus fará a luz de seu rosto brilhar sobre eles em bênção perpétua, e reinarão para todo o sempre». (Charles, *in loc.*).

NOVA CRIATURA Ver também **Criação Espiritual.**

II Cor. 5:17: *Pelo que se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.*

Temos aqui um versículo citadíssimo, e que é famoso com razão. Fala sobre a nossa transformação moral e metafísica segundo a imagem de Cristo. Esse é um tema paulino central, bem como a mais profunda doutrina do evangelho. Esse tema é amplamente comentado, havendo um sumário de versículos que o ensinam, nas notas expositivas sobre Rom. 8:29 no NTI. (Ver também os trechos de Efé. 1:23 e II Cor. 3:18). A capacidade de nos vermos a nós mesmos e a nossos semelhantes, como também o próprio Cristo, de conformidade com uma correta perspectiva espiritual, se deriva dessa transformação operada pelo Espírito de Deus. Então percebemos quão grandioso é Cristo, quão grandes coisas ele está fazendo nos homens, dentro da redenção humana, e compreendemos o elevadíssimo destino de todos os seres humanos que nele confiam, e assim abandona-

mos todas as formas caprichosas e carnais de julgarmos tanto a nós mesmos como também a nossos semelhantes.

«...*se alguém está em Cristo*... Notemos aqui a expressão mística *em Cristo*. Trata-se de uma frase paulina que exprime a relação mística que nós gozamos com Cristo. Há uma união e um companheirismo dados no nível da alma crente, por meio do Espírito de Deus. Há uma comunhão de nosso ser com o ser de Cristo; e é através dessa comunhão que se processa a transformação de nosso ser, na substância da natureza essencial de Jesus Cristo. Ver o artigo sobre *Cristo-Misticismo* que é indicado nesse termo, *em Cristo*. (Ver o trecho de I Cor. 1:4 e as notas expositivas ali existentes no NTI). A fé cristã não consiste da mera fé em um credo, mas antes, de uma relação vital com Cristo, da transformação operada através do Espírito de Deus, do revestimento e participação final em tudo quanto Cristo é e tem.

«'Um homem em Cristo' é a definição paulina do que é um crente. Nada menos do que isso é adequado, porquanto subentende uma transmutação íntima que equivale a uma nova criação. Um crente não é meramente melhorado, reformado ou modificado em qualquer sentido que não entenda mais do que mera modificação externa, por maior que seja essa transformação; antes, é alguém que foi refeito. Torna-se diferente até mesmo daquilo que ele possuía de melhor. A modificação é radical; atinge ao próprio âmago do seu ser». (James Reid, *in loc.*).

Nova criatura. A verdadeira conversão e a verdadeira regeneração são encaradas aqui como uma espécie de nova criação, mediante a instrumentalidade divina, tal como a criação original precisou da intervenção divina. As traduções variam entre «nova criatura» e «nova criação»; mas isso não faz qualquer diferença real, porquanto aquele que se torna uma nova criatura deve experimentar a força do ato criativo do Espírito Santo. O termo grego «*ktisis*», traduzido aqui por «criatura», tem três usos diversos nas páginas do N.T., a saber: 1. O «ato de criar», em Rom. 1:20; 2. a «súmula das coisas criadas», em Apo. 3:14 e Mar. 13:19; e 3. uma «coisa ou criatura criada», em Rom. 8:39. Dentro da literatura rabínica, a expressão é usada para indicar um homem convertido da idolatria. «Aquele que traz um estrangeiro e o torna um prosélito é como se o tivesse criado». (*Rabino Eliezer*). Essa é igualmente a idéia aqui expressa por Paulo, embora mediante expressões místicas, indicada por «em Cristo».

Shoottgen (i. pág. 704) mostra-nos que as palavras «nova criatura» (ou *nova criação*) faziam parte da linguagem rabínica comum, para indicar algum gentio que fosse levado ao conhecimento de Deus. No cristianismo, entretanto, o seu sentido é *muito* mais profundo, porquanto estamos tratando de mais do que conhecimento e alianças terrenos. Essa «nova criação» consiste na formação da natureza essencial de Cristo no ser do homem, de tal modo que um indivíduo venha a participar da verdadeira natureza de Cristo, e, por conseguinte, da divindade. (Ver Col. 2:10). Trata-se de uma autêntica *nova criação*, sendo esse o mais elevado conceito do evangelho.

«O novo nascimento é referido nos trechos de Tito 3:5; João 3:3 e Tia. 1:18. 'Ktisis' é palavra que designa não somente um ato divino (a criação), mas também o produto de tal ato (a criatura). Este último sentido é — o significado comum dessa palavra no N.T. (comparar com Rom. 1:25, 8:18 e *ss*)». (Kling, *in loc.*).

Quando nossa alma guiada subir aos céus,
Então todas essas grosserias terrenas abandonará
E vestidos das estrelas nos sentaremos para sempre,
Triunfando sobre a morte, o caso e tu, ó tempo.
(John Milton, 1608—1674).

Podemos observar as expressões de Paulo nesses vários versículos. No décimo quarto versículo, temos morrido com Cristo. No décimo quinto versículo, já vivemos com Cristo. E isso resulta então em uma nova criação, como um ato de Deus, dando-nos a entender que o produto é um filho de Deus que está sendo conduzido à glória, que compartilha da própria natureza do Filho de Deus.

«Mediante essa expressão, Paulo condena toda a forma de excelência que pende por ser bem conceituada entre os homens, mas em que a renovação do coração se faz ausente. É verdade que a erudição, a eloqüência e outras habilidades são valiosas, bem como são dignas de serem honradas; porém, onde o temor ao Senhor e uma consciência reta se fazem ausentes, toda a honra a essas coisas se reduz a nada. Que ninguém se glorie em qualquer distinção dessa ordem, portanto, sobretudo em face do fato de que o principal louvor dos crentes é a auto-renúncia». (Calvino, *in loc.*).

As cousas antigas já passaram. Encontramos aqui breve descrição sobre os efeitos e evidências da nova criação de Deus, o que produz «novas criaturas» em Cristo. As *coisas antigas*, isto é, aquelas associadas à vida física, — sem importar se são más por si mesmas ou não, não mais distinguem o crente, e nem mais o caracterizam. As coisas más foram por ele definitivamente repelidas, e as realidades boas ou moralmente indiferentes, mas que sejam apenas materiais, ele subjugou aos valores verdadeiros do Espírito de Deus. Tal crente começa a praticar o «desligamento» do mundo e o «apego» às realidades celestiais e pertencentes à alma. Não mais será um cidadão deste mundo, mas antes, transferirá a sua cidadania para os lugares celestiais.

Antes, aquele que agora é um crente estava centralizado em si mesmo; mas agora o centro de sua vida é ocupado por Cristo; e isso é evidenciado pela sua preocupação verdadeiramente cristã pelo bem-estar alheio.

A menção das coisas novas é introduzida pela palavra enfática *eis*, que soa aqui com um tom de exultação. Não foi nenhuma coisa corriqueira que produziu isso, e nem aponta para algum destino sem importância. Paulo exprime aqui uma esperança escatológica paralela àquela que figura em Apo. 21:5, onde lemos: «Eis que faço novas todas as coisas». Mas Paulo pôde regozijar-se que o começo da transformação de sua alma já era uma realidade presente. Em certo sentido, por conseguinte, o que era novo já tinha chegado, embora não haja maneira de calcularmos a vastidão do que isso significa. João Batista foi grande profeta; mas, se ele tivesse permanecido nessa grandeza terrena, seria o mínimo em todo o reino dos céus. Isso serve de pequena indicação da grande estatura daqueles que se encontram nos lugares celestiais. Outra indicação dessas é que eles são superiores aos próprios anjos. Ainda outra poderosa indicação é que eles são a plenitude de Cristo, aquele que preenche a tudo em todos (ver Efé. 1:23).

Os termos utilizados por Paulo são gerais e têm uma lata aplicação. Naturalmente, é verdade, conforme também Crisóstomo comentou sobre este versículo, que a lei mosaica cedeu lugar ao evangelho, a circuncisão ao batismo, Jerusalém aos céus; mas a verdade envolvida neste versículo ainda é mais

profunda do que isso, porquanto fala sobre tudo quanto Deus faz de um homem, na redenção e na glorificação final. Ver Heb. 2:3 sobre «salvação».

«Eis... como se estivesse ele a contemplar uma cena que se modificava rapidamente. Como que num relâmpago, todas as coisas antigas se dissipam, e surgem novas todas as coisas». (Vincent, *in loc.*).

«O aoristo, *parelthen*, indica que as coisas antigas passaram em um momento particular, ao passo que o perfeito 'gegone', descreve o estado que teve então lugar e ainda continua». (Philip Schaff, no Comentário de Lange).

«As palavras do apóstolo Paulo mostram quão completamente ele considerava 'a morte de Cristo', como uma nova época na história da raça humana. Se porventura tivesse podido prever distintamente que uma nova era seria datada a partir daquele tempo, que uma nova sociedade, uma nova filosofia, uma nova literatura, um novo código moral, haveriam de se desenvolver daquilo, pelos continentes que ele sabia então existirem, nem assim poderia ter expresso mais vigorosamente o que queria dizer sobre a grandeza desse acontecimento». (Stanley, *in loc.*).

NOVA ERA

Esboço:

1. Declaração Geral
2. Crenças Comuns
3. Método
4. Seres Canalizadores
5. Informações e Curas Incomuns
6. Uma Definição da Nova Era
7. Avaliação

1. Declaração Geral

Esse é o título que tem sido atribuído a um movimento que começou no início da década de 1970, especialmente nos Estados Unidos da América, mas com ramificações e associações internacionais. Esse movimento não é uma denominação religiosa, e, sim, certo tipo de consenso acerca de certas crenças e atitudes fundamentais, que não respeitam as fronteiras das crenças e denominações religiosas. Quando esse tipo de unificações de idéias e atitudes começou, pôde encontrar uma numerosa e receptiva audiência, espalhada por muitas seitas religiosas que tinham começado a surgir em cena desde os fins do século XIX. Além disso, muitos asiáticos e pessoas de países orientais começaram a imigrar para os Estados Unidos da América; e, visto que algumas idéias da Nova Era podem ser reputadas como «orientais», isso aumentou o número de elementos simpáticos. Pode-se dizer que muitas seitas participam das idéias da Nova Era, o que significa que há uma espécie de vínculo comum entre toda essa gente.

2. Crenças Comuns

Visto que o movimento da Nova Era não consiste em uma única seita, é difícil abstrair do movimento qualquer coisa como uma declaração doutrinária do mesmo. Mas, abaixo, damos alguns princípios comuns de muitos desses grupos, embora não exatamente de todos:

a. O *livre-arbítrio* e os *poderes criativos* do homem. Cada qual cria as circunstâncias de sua vida. Agora o homem chegou a um estágio de sua evolução em que ele é capaz de tomar as coisas em suas próprias mãos. Isso refere-se aos pioneiros, mas não às massas; mas há esperança para as massas populares.

b. A herança do homem é um *conhecimento grande*, embora *não completo*, e ele pode tirar proveito do mesmo mediante experiências místicas, incluindo a canalização (ver mais abaixo). O indivíduo sonda o conhecimento que já é propriedade de sua alma, a qual pode participar ativamente da mente universal.

c. *Desígnio*. Não há acidentes. Todas as coisas fazem parte de um intrincado plano que se está desdobrando em favor do indivíduo e das massas.

d. *Não existe tal coisa como a morte*. Existem mudanças, as quais se manifestam sob a forma de morte biológica. Mas isso não exerce efeito algum sobre a alma.

e. *Cada átomo* tem sua própria consciência e memória.

f. *A realidade física é ilusória*. A realidade é encontrada no estado dos sonhos, no nível astral e nos níveis de consciência das realidades superiores.

g. *A reencarnação* é uma realidade, conferindo à alma a oportunidade de aprender neste mundo de ilusões. Isso faz parte necessária da evolução espiritual do homem.

h. *A alegada realidade física é de nossa própria criação*, tendo por finalidade o nosso crescimento espiritual.

i. *O bem e o mal* não são termos absolutos, e deveriam ser substituídos pela palavra *experiência*, que envolve o que poderíamos chamar de bem e de mal. Nesse ponto, o problema do pecado, o certo e o errado, etc., não recebem uma sã explicação teológica, e a pecaminosidade é disfarçada quanto à sua gravidade. De acordo com a Nova Era, as pessoas fazem erros, mas o mal pode até mesmo fazer parte vital da experiência humana.

j. *A suprema importância do amor*. A vida caracterizada pelo amor é a maior de todas as experiências humanas, bem como a maneira vital de se obter uma rápida evolução.

l. *O controle* sobre a vida e a experiência só é obtido quando o indivíduo ama total e incondicionalmente. O maior mestre do indivíduo é o seu próprio «eu» superior, e esse «eu» sabe tudo sobre o amor. O ódio ocorre na área perturbada do mundo das ilusões.

m. *Várias idéias orientais típicas*, de mistura com noções próprias do espiritismo, como a realidade das sete «chakras», na interação entre a mente e o corpo; a disponibilidade de guias espirituais; a realidade da comunicação com os espíritos e a ajuda recebida da parte do mundo invisível. A alma de grupo é um alvo intermediário, e, finalmente, a participação na Unidade, que é Deus, o que é o alvo final de tudo.

n. *Conspicuamente ausentes* são aquelas doutrinas cristãs relacionadas à expiação, bem como as doutrinas tradicionais sobre céu e inferno. Cristo aparece na Nova Era apenas como um dos grandes mestres da humanidade.

3. Método

Informações vem através da **canalização**, o que envolve a mediunidade tradicional, comunicações de seres extra-terrenos, e de almas-em-grupo (ver ponto **4.**), e artifícios de adivinhação. Existe também uma espécie de prática mediúnica que não envolve transe. Isso tem progredido a um ponto em que havido materialização de entidades em plena luz do dia. Essas entidades sentam-se e conversam com as pessoas, sem a atuação de qualquer médium. Os métodos usados incluem o uso da música, da pintura, da dança, da escrita automática, e até de computadores.

4. Seres Canalizadores. Os seres que se têm identificado incluem nomes como Lazaris, Ramtha, Sete, Soli, Torá, Miguel, Matu, Dr. Peebles, Obidias,

Amigo, Besar e Lia. Algumas dessas entidades afirmam ser «almas de grupo», ou seja, almas individuais, ou *fragmentos*, que foram independentes em suas experiências terrenas, mas que agora estão além dos ciclos da reencarnação, e reuniram-se, formando uma consciência comum, que seria um dos estágios do retorno à plena Consciência Divina e à Unidade de todas as coisas em Deus.

5. Informações e Curas Incomuns

Apesar de grande parte dessas informações serem uma adaptação e mescla de idéias que têm circulado no mundo durante séculos, algumas novas configurações têm vindo à tona, mormente no que diz respeito à complexidade da evolução espiritual humana e às reuniões de almas *em grupo*. Algumas curas produzidas têm sido realmente extraordinárias. Isso requer o uso de métodos espiritistas. Por outro lado, médicos que se especializam em curas são chamados para ajudar. Alguns desses médicos chegam a ser especialistas quanto a certas enfermidades. Li acerca de um caso, recentemente, da cura de câncer. O médico, no caso, chamava-se *André*, especialista na cura de câncer. Ele apresentou um diagnóstico completo, dizendo até onde as células cancerosas avançaram. Ele usa raios curadores de várias cores, dependendo da necessidade. Os raios vermelhos são especialmente poderosos, mas deixam o médium exausto. Quanto ao caso de câncer que estou descrevendo, André precisou usar o raio vermelho. Ele livrou uma mulher de um câncer generalizado, em fase terminal, em uma única sessão curadora. Em ocasião posterior, à mulher teria sido dito, pelo arcanjo Rafael, que ela estava completa e permanentemente curada, não precisando mais preocupar-se com a questão. Porém, ela precisava descontinuar o seu *ressentimento*, a principal *causa* de câncer. Diagnósticos e testes médicos, feitos antes e depois, demonstraram a realidade da enfermidade e sua cura subseqüente.

6. Uma Definição da Nova Era

«A Antiga Era foi um tempo quando havia um senso mais profundo do destino, um tempo em que os indivíduos psíquicos podiam predizer com exatidão o que iria acontecer, um tempo em que a pirâmide de Quéops podia delinear o futuro, quando os calendários dos maias e das Índias Orientais podiam predizer eventos. A *Nova Era* é quando as pessoas têm retomado o poder» (Pursel, canalizador de *Lazaris*).

7. Avaliação

Quase todas as crenças da Nova Era são comuns às antigas e modernas religiões e sistemas filosóficos. Mas as tendências orientais mostram-se ali mais nítidas que nas típicas seitas orientais. A definição de bem e mal é muito deficiente. As idéias sobre a natureza do mundo espiritual e sobre o destino humano talvez contenham algo palpável, mas, por enquanto, não dispomos de meios para submetê-las à prova. Os fenômenos são reais, mas também tem havido muitas fraudes e ludíbrios, e as vidas tremendamente imorais de *alguns* canalizadores têm prejudicado muito ao movimento, aos olhos de muitas pessoas. A concepção acerca de Cristo fica muito abaixo daquilo que a Bíblia nos oferece. Idéias tradicionais sobre desenvolvimento espiritual são ali ultrapassadas, e novas idéias têm vindo à tona. O tipo de comunicação espiritista ali adotado tem produzido as mesmas críticas que têm sido feitas, com razão, ao espiritismo. Contudo, é simplificação exagerada lançar toda a culpa sobre os demônios. Porém, ainda resta ser definido quanto é meramente demoníaco; quanto procede de entidades espirituais positivas; quanto vem de guias e guardiães espirituais; quanto não passa de truques fraudulentos; quanto é mera frivolidade; quanto é útil; quanto é natural; quanto é sobrenatural. Livros como aquele intitulado *Out on a Limb* (que o cinema se encarregou de popularizar), de Shirley MacLaine, têm ajudado a propalar o movimento.

Algumas pessoas cortam o nó górdio, em suas críticas, principalmente no caso de dois grupos: alguns estudiosos fundamentalistas, que categorizam o movimento inteiro como «adoração a demônios» ou «comunicações de demônios»; e também alguns psiquiatras, que asseveram que estamos testemunhando uma mera «ativação esquizofrênica».

NOVA JERUSALÉM

Esboço:

I. Sua Aparência
II. Suas Dimensões
III. Sua Composição
IV. Sua Glória
V. É o Novo Jardim do Éden

I. Sua Aparência

Apo. 21:2: *E vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus, adereçada como uma noiva ataviada para o seu noivo.*

A cidade santa, a nova Jerusalém. Assim como a antiga Jerusalém se tornara a capital da terra durante o milênio, assim também agora, no estado eterno, haverá uma capital, lar da Noiva, a igreja. A palavra «cidade» talvez aluda aos «ocupantes» de um determinado lugar, ou então à própria cidade física. Portanto, presumimos que a «nova Jerusalém» é tanto a «noiva» (os habitantes) como também a cidade literal. Pelo menos parece ser esse o ponto de vista do autor. Se se trata de uma cidade literal, ela é apresentada como um imenso cubo, tão vasto que João teve de ser postado em uma altíssima montanha para poder contemplá-la. Calcula-se suas dimensões em duzentos e quarenta quilômetros de comprimento, outro tanto de largura, e outro tanto de altura! Presumivelmente seria uma cidade de muitos níveis, com ruas superpostas umas às outras. João prossegue a fim de descrever seu «material». Os estudiosos dividem-se em literalistas e simbolistas. Alguns vêem nisso uma cidade e materiais literais. Outros enxergam em cada item o símbolo de alguma realidade espiritual que nada tem a ver com a substância física.

Uma Jerusalém restaurada com seu templo, etc., era uma expectação messiânica e judaica (ver Isa. 54—55; Eze. 40—48; *Oráculos Sibilinos* 5:423-426; II Baruque 6:9). O Testamento de Daniel 5:12 prediz a restauração tanto do jardim do Éden como da cidade de Jerusalém. Alguns judeus supunham que haveria uma Jerusalém celestial e preexistente, que desceria dos céus no dia do Messias (ver II Esdras 13:36 e II Baruque 4:2-7). Em II Esdras há uma espécie de parábola de ensinamento místico, na qual uma mulher lamenta por seu filho morto. Ela é a antiga Jerusalém, a chorar seu filho (os habitantes de Jerusalém), destruído pelos romanos. Subitamente, a mulher é tomada de alegria triunfante, resplandecendo de luz; a terra estremece e ela desaparece, deixando em seu lugar a Jerusalém celestial. A literatura apocalíptica, por igual modo, desenvolve uma doutrina da Nova Jerusalém; e em alguns pontos, tal como se vê neste livro, trata-se de algo celestial, pertencente à era eterna, e não ao antigo sistema mundano. A antiga Jerusalém será suficientemente boa para o milênio; mas, para o estado eterno, terá de haver uma *nova* e celestial Jerusalém, o lar dos justos.

Os trechos de I Enoque 90:28,29; II Esdras 7:26 e 8:52 contam a história dessa expectação. Assim, no neo-hebraico Apocalipse de Elias, tanto um novo Éden como uma Nova Jerusalém caracterizão a bem-aventurança da nova era. Ambos descerão dos céus, tal como no Apocalipse. Lembremo-nos de que os rabinos compartilhavam da noção platônica de como as esferas celestiais ou espirituais são os «arquétipos» de tudo quanto existe na terra, como paralelos celestes, e segundo o molde dos quais as coisas terrenas foram criadas como imitações. Assim, todas as coisas terrenas têm seus paralelos celestiais. Desse modo, a Jerusalém terrestre seria pequeno quadro de uma outra cidade, seu paralelo eterno. O estado eterno será a realidade, e não uma mera imitação.

Ataviada como noiva. A Nova Jerusalém também é a «noiva» de Cristo. (Ver Apo. 19:7-10 quanto às «bodas do Cordeiro». Ver Efé. 5:23 acerca do manuseio teológico desse símbolo). Ali há comunhão, amor e partilha íntima. Em Gál. 4:26, o apóstolo Paulo personifica a cidade celestial como mãe do verdadeiro Israel. Isso pode ser contrastado com a personificação de Roma como a «meretriz». Agora, Jerusalém, a pura, a santa e a eterna, toma conta da cena, da qual desaparecera Roma, a prostituta.

A promessa feita aos mártires. Lembremo-nos que o Apocalipse foi escrito para consolar e fortalecer aos mártires cristãos. O fato de que eles estarão e habitarão na Nova Jerusalém, talvez seja a promessa e o consolo finais deste livro. A própria morte será extinta, e os santos, ainda que tenham sido mortos violentamente, às mãos de homens ímpios e desvairados, triunfarão finalmente. Quão grande será o triunfo dos santos!

A Noiva foi *ataviada* e agora é *digna* do Noivo. Está adornada com a santidade de Deus, a qual foi duplicada nela (ver Mat. 5:48); também está adornada com a natureza divina (ver II Ped. 1:4), pelo que é digna de ser a Noiva de Cristo; e está adornada com toda a plenitude de Deus, participando de seus atributos (ver Efé. 3:19 e Col. 2:10). A própria cidade está adornada (o que é frisado aqui); mas seus habitantes também estão adornados (o que é enfatizado em Apo. 21:9 e *ss*).

II. Suas Dimensões (Apo. 21:15-17).

A seção à nossa frente pode ser comparada com o trecho de Apo. 11:1-2, onde João recebe uma vara para medir o templo. Ali, é bem possível que o símbolo tencionado seja a «medição dos mártires» quem são e o que sofrerão. Assim também agora a «noiva» será revelada em suas qualidades, mediante a mediação celeste. Rist (*in loc.*) sugere: «...os mártires estão agora sendo 'medidos' para sua eterna segurança, paz e bênção na Nova Jerusalém». Seja como for, o simbolismo de ambos os textos parece haver sido influenciado por Eze. 40:3 e *ss*. Na realidade, a Nova Jerusalém será um imenso cubo, com cerca de dois mil e quatrocentos quilômetros de lado. Suas dimensões gigantescas são paralelas ao tamanho do novo templo edificado por Deus, conforme dizem os Oráculos Sibilinos 5:418-427, no qual haveria uma torre tão imensa que chegaria às nuvens. No Apocalipse hebraico de Elias, a cidade santa é vista com três mil torres, algumas delas a quinhentos quilômetros de distância uma da outra. Talvez a cidade santa seja apresentada como um cubo devido ao fato de que o Santo dos Santos, no templo antigo, era um cubo (ver I Reis 6:20); e era a habitação anterior e inferior de Deus, o lugar onde ele manifestava a sua presença.

Pode-se perceber, com base nesses comentários, que o simbolismo usado por João, tanto aqui como por todo o Apocalipse, é extraído em grande parte da tradição apocalíptica judaica, parcialmente bíblica e parcialmente dos livros pseudepígrafes, os quais, de fato, provêem rico material para representações figuradas.

III. Sua Composição (Apo. 21:18-21).

Contrastemos essa seção com a descrição da «meretriz», no décimo sétimo capítulo. A meretriz estava adornada de modo coruscante, mas segundo os moldes mundanos. Em contraste com isso, temos o decoro da Noiva, a Nova Jerusalém, cuja magnificência e imponência pintam a pureza e o bem-estar de sua pessoa. Essa «cidade» se compunha de ouro e de todas as espécies de pedras preciosas. Nela nada haveria de «comum» ou inferior. O autor sagrado procura expressar grande excelência com seus símbolos, exaltando em nossas mentes a glória que aguarda aos remidos. Há algo similar em Isa. 54:11,12, onde Yahweh promete a glorificação futura dos judeus; «Eis que eu assentarei as tuas pedras com argamassa colorida, e te fundarei sobre safiras. Farei os teus baluartes de rubis, as tuas portas de carbúnculos, e toda a tua muralha de pedras preciosas». Por igual modo se lê em Tobias 13:16,17: «Pois Jerusalém será edificada com safiras, esmeraldas e pedras preciosas. Tuas muralhas, torres e baluartes com ouro puro, e as ruas de Jerusalém serão pavimentadas com berilo, carbúnculo e pedras de Ofir». Esses símbolos também predominam no Apocalipse hebraico de Elias, onde a cidade aparece composta de esmeraldas e todas as formas de pedras preciosas, pérolas, etc. É óbvio, pois, conforme temos notado antes com freqüência, que João toma seu simbolismo por empréstimo do A.T. e da literatura apócrifa dos judeus.

IV. Sua Glória (Apo. 21:22-27).

A glória da cidade celeste será a presença de Deus e do Cordeiro. Nesta vida buscamos essa presença por vários meios, todos os quais são imperfeitos e parcialmente inadequados. Buscamos a Deus em oração, na meditação sobre Cristo, no estudo das verdades espirituais, na busca pelos dons do Espírito Santo e no cultivo da santidade. Chegaremos a certo nível de santidade aqui, e nessa manifestação da presença de Deus ficamos conhecendo algo de sua glória. Mas na vida futura todas essas limitações serão removidas. Isso não significa que não haverá progresso eterno. A passagem de Efé. 3:18 mostra-nos que não haverá ponto final em nossa inquirição por uma espiritualidade superior, porquanto Deus é o grande alvo e, sendo ele infinito, também terá de haver um progresso infinito em sua direção, na mesma proporção em que formos compartilhando de «toda a plenitude de Deus». Não obstante, na outra existência serão eliminados muitos empecilhos, e Deus habitará em seu templo de modo voluntário e pleno. Nós é que somos esse templo (ver Efé. 2:19 e *ss*); e também somos essa cidade, a habitação de Deus e do Cordeiro, como se lê em Apo. 21:10.

V. É o Novo Jardim do Éden (Apo. 22:15).

Já seria de esperar que a narrativa sobre o jardim do Éden, no livro de Gênesis, com seu rio dividido em quatro braços, e suas duas árvores, particularmente a árvore da vida (ver Gên. 2:8-13 e 3:22) formasse a base das expectações proféticas e apocalípticas. De acordo com isso, não ficamos surpreendidos por achar predições de que o jardim do Éden viria a ser reconstituído ou durante o período messiânico dos profetas, ou na nova era das expectações apocalípticas. Tudo foi peculiarmente adaptado para este último caso, pois a tradição apocalíptica, ao situar a nova era, com freqüência ensina que reproduziria o

começo da criação. Há ocasiões em que a idéia do novo Éden se mescla com a idéia da nova Jerusalém (como em Apo. 21:2 *ss*), mas, em outras fontes, isso é apresentado por si mesmo, conforme se vê no Apocalipse de Abraão 21; em II Enoque 8:1-8; no Testamento de Levi 18:11; no Apocalipse de Pedro 16 e em II Esdras 2:12». (Rist, *in loc.*).

Isso pode ser comparado a Eze. 47:1-12, onde o autor usa alusões do Éden e de Jerusalém a fim de falar do reino vindouro e da era imortal. Comparar com Zac. 14:8,9, que descreve os «rios do santuário», certamente restaurados, — mas inclui alusões do antigo jardim do Éden, dando a entender que a Jerusalém restaurada também será um novo Éden. O vidente João segue esses passos, e agora nos fornece alguns detalhes do simbolismo do jardim do Éden.

NOVA LUA

Ver sobre **Lua Nova**.

NOVA MORALIDADE

Esse é outro nome dado à ética relativa ou ética da situação. O adjetivo *nova* é usado para contrastar com os *antigos* valores tradicionais de acordo com os quais certas coisas são tidas como certas ou erradas, sem atenção às circunstâncias envolventes. Nada há de novidade quanto a essa maneira de pensar. Os sofistas, muito antes da era cristã, já contavam com um sistema de valores relativos, onde considerações pragmáticas determinavam tudo, sem qualquer respeito para com as tradições. Ver o artigo separado intitulado *Ética da Situação*. Ver também o artigo geral sobre a *Ética*, seção I, ponto 7.b, e seção VII. Ver também sobre *Pragmatismo*.

NOVA TERRA E NOVOS CÉUS

Ver sobre *Nova Criação*.

NOVENA

Essa palavra vem da palavra latina que significa «nono». Refere-se aos nove dias de devoção separados para algum propósito especial, como as honras prestadas a algum «santo». Tais devoções não fazem parte oficial do culto público católico romano, mas a prática é generalizada. A *novena* é usada para obtenção de certas graças, privilégios, vantagens espirituais, ou para oferecer graças.

Uma novena pode ser pública ou privada. Algumas novenas são efetuadas como preparação espiritual para observâncias religiosas de maior vulto, como o Natal ou a festa de Pentecoste. Indulgências podem ser obtidas pela participação em novenas. Também existem novenas de missas e de oferecimento de rezas pelos mortos. Após a morte de um papa, uma novena é efetuada em benefício de sua alma, como parte oficial do processo de luto.

NOVIÇO, NOVICIADO

Essa palavra vem do latim, **novicus**, «novo». De modo geral, a palavra refere-se a um principiante em algum negócio, empreendimento, ocupação, etc. No Novo Testamento, encontramos essa palavra em algumas traduções, em I Tim. 3:6. O termo grego correspondente é *neóphutos*, «recém-plantado», referindo-se a algum indivíduo recém-convertido à fé cristã. Nossa versão portuguesa diz ali «neófito».

Paulo proibiu Timóteo de ordenar como ministro do evangelho a algum noviço. Um homem precisa passar por certo período de crescimento antes que possa ser eleito para alguma função eclesiástica, sem importar quais sejam as suas habilidades naturais. Doutro modo, Paulo advertiu que tal homem, se recebesse um ofício eclesiástico, ficaria inchado de orgulho, e cairia nas armadilhas de Satanás.

De acordo com a terminologia eclesiástica católica romana, um *noviço* é alguém (de ambos os sexos) que apenas recentemente foi admitido a uma ordem religiosa qualquer, e precisa enfrentar um período de prova. Um noviço, quando, finalmente, é aprovado, recebe uma situação livre de impedimentos e aceita o hábito, submetendo-se à disciplina formal da ordem a que pertence. O noviço está sujeito a ser despedido, enquanto estiver no seu período de noviciado ou provação; e também pode abandonar a ordem a qualquer tempo, sem qualquer formalidade anterior. Pois um noviço está em período de provação, um período de liberalidades, quando pode tomar decisão contrária a que tomara, ao ingressar na ordem. Ou os superiores daquela ordem religiosa podem tomar a decisão de desligá-lo.

NOVILHOS

No Antigo Testamento temos uma palavra hebraica usada por cento e trinta e uma vezes (por exemplo, Êxo. 29:3,10,11,12,14,36; Lev. 4:4,5,7,8,11,12,15, 16,20,21; 8:2,14,17; Núm. 7:87,88; Juí. 6:25,26,28; I Sam. 1:24,25; I Reis 18:23,25,26,33; I Crô. 15:26; 29:21; Sal. 50:9; Isa. 1:11; Jer. 50:27; Eze. 46:11). O sentido é um touro ainda jovem.

NOVO ANO

Ver os artigos gerais chamados *Calendário Judaico* (*Bíblico*) e *Festas* (*Festividades*), seção II.4e. *Dia do Ano Novo*, e 4.f. *Dia das Trombetas*.

NOVO CASAMENTO

Ver o artigo sobre **Matrimônio**. Ver também sobre o **Divórcio**.

1. *Novos Casamentos Populares*

Há homens e mulheres tão ciumentos que proibem seus cônjuges de casarem-se novamente, mesmo depois de terem eles morrido. Isso é ridículo. Conta-se a história de uma esposa ciumenta que, em seu leito de morte, tentou convencer seu esposo a não se casar novamente. Ele retrucou: «Isso eu não lhe posso prometer. Mas posso prometer-lhe que farei melhor a próxima vez». E também há histórias de fantasmas em que uma falecida esposa volta para perseguir a nova esposa de seu ex-marido. Ao que parece, espíritos masculinos não se dão ao trabalho de voltar para assombrar outros homens.

2. *Novos Casamentos Eclesiásticos*

Na Igreja Católica Romana, o clero não se casa, pelo que, nessa organização religiosa, não existe o problema de novos casamentos. No clero inferior da Igreja Ortodoxa Oriental (os padres, mas não os bispos) é permitido o casamento, mas não um segundo casamento. Assim, é porque estaria envolvido o ideal de um-homem-uma-mulher, tanto no matrimônio literal quanto no noivado espiritual entre Cristo e sua Igreja. Para que esse ideal não seja violado, — o clero ortodoxo não torna a casar-se.

3. *Novos Casamentos, no Novo Testamento*

Podemos alistar três casos, a saber:

a. *Quando o outro cônjuge morre*. Os trechos de Rom. 7:1-3 e I Cor. 7:39 deixam claro que um novo

casamento por parte de um crente, depois da morte de seu cônjuge, é espiritualmente legítimo e permissível, contanto que se faça «no Senhor», ou seja, com outro crente em Cristo.

b. *Quando um dos cônjuges divorcia-se* do outro por motivo de adultério do outro (ver Mat. 5:31,32; 19:3-9). O cônjuge inocente, pois, pode casar-se novamente. No entanto, se uma parte da Igreja aprova isso com um *sim*, outra parte reprova com um *não*. Concordo com aqueles que dizem «sim». Por outra parte, de acordo com I Tito 3:2 e I Tim. 1:6 (segundo alguns estudiosos), uma pessoa divorciada e novamente casada não deveria assumir posto de liderança na Igreja, a menos que extraordinariamente qualificada (conforme alguns dizem). Também concordo com isso, embora a maioria discorde.

c. *A exceção paulina*. Um crente pode divorciar-se legal e espiritualmente de seu cônjuge, se este é incrédulo, e *se* esse cônjuge incrédulo é que quer o divórcio (I Cor. 7:10-15). Diante de tal conjuntura, o crente pode casar-se de novo, tendo sido abandonado por seu cônjuge. Essa é a interpretação de alguns (incluindo eu mesmo), embora outros neguem tal direito. Se não é possível um novo casamento, nesse caso, então é difícil perceber como é que tais crentes não ficam sujeitos à «escravidão». Em minha estimativa, tais crentes também podem exercer autoridade na Igreja, embora isso também seja negado por outros intérpretes, que aplicam, rigorosamente, os textos de Tito 3:2 e I Tim. 1:6.

4. *Pontos de Vista Mais Liberais*

Muitos intérpretes insistem em que as regras neotestamentárias sobre o divórcio e um novo casamento são parciais, porquanto existem razões ainda mais fortes para o divórcio do que o adultério, incluindo a insanidade e a criminalidade, os maus tratos, as perseguições, os abusos físicos, etc. Ver o artigo geral sobre o *Divórcio*, onde essas questões são ventiladas.

NOVO MANDAMENTO

Ver sobre *Mandamento Novo*.

NOVO NASCIMENTO (REGENERAÇÃO)

Esboço:

I. O Termo *De Novo*
II. Diversas Interpretações
III. Elementos de Conversão
IV. Natureza da Regeneração

I. O Termo «De Novo»

O termo grego pode significar aqui uma dentre duas coisas, a saber: 1. *Novamente*, isto é, *espiritualmente*. 2. Nascer *do alto*. Ambas são traduções possíveis, e ambas têm sido defendidas pelos eruditos. Tais significados, como «do alto» (quando se refere a questões dimensionais), se encontram no vs. 31 de João cap. 3, onde se lê: «Quem vem das alturas certamente está acima de todos...» (Ver também os trechos de João 19:11; Tia. 1:17 e 3:15,17). Espacialmente falando, pode significar *do topo*, conforme vemos nas passagens de Mat. 27:51; Mar. 15:38 e João 19:23. Contudo, também pode significar «do princípio», conforme se lê em Luc. 1:3 e Atos 26:5. *Novamente*, pois, é tradução definidamente correta, no trecho de Gál. 4:9. Essencialmente, nesta passagem, os sentidos podem ser estreitados a apenas dois: 1. «novamente»; 2. «do alto».

Em favor da tradução *do alto*, podemos dizer que isso corresponderia ao método usual de João ao descrever a obra da regeneração espiritual como nascimento vindo de Deus (como em João 1:13; I João 3:9; 4:7 e 5:1,4,8). Em favor da tradução *novamente*, podemos dizer que «do alto» não descreve o fato, mas antes, a natureza do novo nascimento. Isso significa que o novo nascimento necessariamente tem sua origem em Deus, no Espírito Santo, no outro mundo, que é o mundo celestial. O fato de que se impõe, porém, é que o indivíduo nasce «novamente».

Essa idéia é *consubstanciada* pela observação de que o vs. 4 indica, mui definidamente, que *Nicodemos compreendeu* desse modo as palavras de Jesus. Ficou preocupado ante a idéia de um segundo nascimento, um homem a entrar no ventre materno, para nascer de novo. Nicodemos não deveria ter ficado surpreendido ante um nascimento que importasse em regeneração espiritual, que tivesse sua origem no céu. Outrossim, a versão siríaca, que tem raízes no século II de nossa era (o siríaco era o idioma falado por Cristo e seus apóstolos), traduz essa palavra como *de novo*, e não como «do alto». Além disso, o vs. 5, que descreve o novo nascimento, subentende que se trata de uma espécie distinta de nascimento, ou seja, um segundo nascimento. Essas considerações, devidamente levadas em conta, especialmente a idéia de que o vs. 4 fala definidamente do segundo nascimento, ou de «nascer de novo», parece tornar quase certa a idéia aqui tencionada — *nascer de novo*. Entretanto, a outra idéia não é contraditória, e sem dúvida identifica corretamente a fonte do novo nascimento, que o vs. 5 também faz, ao mencionar o Espírito Santo. Assim sendo, esse nascimento vem «do alto». Não existe outra proposição mais fácil de ser demonstrada, quer no evangelho de João, quer nos escritos de Paulo, que a regeneração ou novo nascimento é uma modificação das condições e do estado metafísico do ser humano, partindo da agência divina, isto é, «do alto». Ambas as idéias, pois, são verdadeiras, embora o vs. 3 fale particularmente da necessidade do indivíduo «nascer de novo», ao passo que o vs. 5 declara definidamente a mesma coisa, ainda que não tenha usado essa terminologia exata.

II. Diversas Interpretações

1. Há certo ponto de vista que pode ser chamado *institucional*. Os judeus criam que pelo fato de serem filhos de Abraão, isto é, da aliança, e pelo fato de pertencerem àquela *organização religiosa* que era reputada de origem divina, já haviam cumprido quaisquer exigências de natureza religiosa que lhes fosse solicitada, quanto às questões espirituais. A teologia rabínica tinha um conceito extremamente superficial da regeneração, e o confinava essencialmente a uma modificação da posição social externa, de um gentio para um prosélito do judaísmo. Assim sendo, podemos entender a ignorância de Nicodemos sobre o ponto. No entanto, a igreja cristã de hoje ainda tem em seu meio elementos fortemente representativos dessa posição institucional. Para muitos, ser filho de Deus é a mesma coisa que pertencer a certa denominação, ou ser batizado com o seu batismo. Quer tenha havido ou não contacto com qualquer presença ou princípio divino, e quer tenha havido ou não qualquer transformação espiritual verdadeira no indivíduo, essas são questões que a tais pessoas não parecem dignas de consideração.

2. Há aquele ponto de vista que mistura a idéia institucional com a explicação adicional de que, além dessas *conexões certas* com alguma instituição terrena, é mister que o indivíduo *também experimente* alguma espécie de renovação espiritual. Tais intérpretes argumentam que o elemento «institucional» serve de meio para realizar a renovação espiritual, e que não podemos ter esta sem aquele. Por

esse motivo, esperam que o estar unido a alguma denominação *particular*, tendo recebido o seu batismo, juntamente com outros ritos, e por ser membro ativo dessa organização, seja algo que produz a esperada transformação espiritual. Tal crença repousa na suposição de que Deus preferiu operar através de alguma organização particular, a fim de realizar os seus propósitos remidores entre os homens. Um judeu dotado de mente mais espiritual talvez pudesse ter entendido o renascimento mais ou menos dessa maneira. Nicodemos, sem dúvida, teria compreendido bem uma declaração mais ou menos vazada nestes termos: «Todo gentio precisa nascer de novo», o que, para ele, significava que lhe seria necessário tornar-se prosélito do judaísmo, e que, uma vez que se tornasse tal, mediante os ritos e os ensinamentos recebidos no templo e nas sinagogas, — tal gentio passasse pelo menos por alguma modalidade de reforma moral; então isso poderia ser reputado como uma espécie de regeneração. Os judeus têm um ditado freqüente que diz: «Quem se torna prosélito, é como uma criança recém-nascida». (Targuns *Bab. Yebamot*, fol. 22:1.48; 2:62.1 e 97.2). E isso expõe o caso do ponto de vista institucional (segundo foi esclarecido em «1» acima) ou do ponto de vista aqui em consideração.

«Os judeus tinham certas noções gerais acerca do novo nascimento; mas, tal como acontece entre muitos cristãos, eles colocam os atos de proselitismo, batismo, etc., no lugar do Espírito Santo e de sua influência. Reconheciam que um homem precisa nascer de novo; porém, pensavam que o novo nascimento consistisse em profissão, confissão e lavagens externas». (Adam Clark, *in loc.*, ao expressar a idéia dada na primeira destas interpretações, e por alguma extensão de idéia, a interpretação seguinte).

3. *Conversão*. Outros encaram o novo nascimento ou regeneração como conversão, mas isso é muito *inadequado*. A conversão, por si só, não é ainda regeneração, mas é tão somente *parte* da regeneração. A conversão consiste em uma meia volta na vida, em que a alma se volta para Deus. Nas páginas do N.T., a palavra *epistrepho* é utilizada para expressar essa idéia, e é aplicada tanto para os desviados, que retornam à sua anterior comunhão com Deus, como para os incrédulos, ao se voltarem para Deus. (Ver os trechos de Luc. 22:32; Apo. 2:5,16; Mat. 18:3; Atos 3:19 e 26:18). A conversão é descrita como um voltar-se das trevas da idolatria, do pecado e do domínio de Satanás, para a adoração e o serviço ao verdadeiro Deus (conforme se vê nas passagens de Atos 14:15; 26:18; I Tes. 1:9) e ao seu Filho, Jesus Cristo (como se vê em I Ped. 2:25).

A conversão consiste no exercício do *arrependimento e da fé*, elementos esses que tanto o Senhor Jesus como o Apóstolo Paulo vinculam como sumários das exigências morais do evangelho. (Ver Mar. 1:15 e Atos 20:21). O arrependimento é uma mudança de mente e de coração para com Deus; a fé significa a confiança na Palavra de Deus e em seu Cristo. A conversão, pois, encerra ambas essas idéias.

III. Elementos da Conversão

1. A conversão é inspirada pela força das Escrituras, Sal. 19:7.

2. É operada pelo Espírito, Sal. 51:12.

3. Grava no coração a lei moral de Deus (ver II Cor. 3:3), e isso pelo poder do Espírito.

4. Ela é absolutamente necessária para a salvação, Mat. 18:3.

5. Prepara o caminho para o serviço espiritual, Luc. 22:32.

6. A tarefa da igreja é conduzir todos os homens à conversão, Tia. 5:19,20.

7. Ela é a base do perdão dos pecados, Atos 3:19.

8. Ela consiste da *fé* (vide) e do *arrependimento* (vide). (Ver Atos 20:21 e Mat. 21:29).

9. Ela prepara a alma para a união espiritual com Cristo, Rom. 6:3.

10. A conversão pode ser gradual (como no caso da maioria das pessoas), ou dramática (como no caso de Saulo). A iluminação pode ser parcial e levar aos poucos à conversão. Muitas pessoas são parcialmente iluminadas (e assim, melhoradas), embora nunca cheguem a se converter.

11. A conversão é um ato divino, mas requer a cooperação do livre arbítrio do homem. Portanto, é um ato divino e humano, ao mesmo tempo.

12. A conversão necessariamente resulta na santificação, pois, do contrário, não seria real.

Algumas vezes, a *regeneração* é considerada como equivalente aos vocábulos *santificação* ou *justificação*. Tal como no caso da «conversão», pode-se afirmar que a regeneração *inclui* essas coisas, mas, por si mesma, não é equivalente nem a uma e nem a outra. A regeneração é contínua, em certo sentido, porquanto ninguém é completamente regenerado por ocasião da conversão, e essa regeneração contínua pode ser vista como equivalente à *santificação* (vide). Ainda com menos razão, a regeneração pode ser considerada equivalente à «justificação», embora o homem regenerado esteja necessariamente *justificado* (vide).

Interpretação desta Enciclopédia sobre o Novo Nascimento ou Regeneração:

O próprio termo «regeneração» se encontra apenas por *duas vezes* em todo o N.T. (Mat. 19:28 e Tito 3:5). Na referência do evangelho de Mateus, tem um sentido *escatológico*, referindo-se à *restauração* de todas as coisas. Certamente, a renovação do indivíduo faz parte da restauração universal. Na referência da epístola a Tito, tem um sentido *individual* e fala da renovação de cada pessoa, bem como da *transformação* da personalidade humana; e o agente dessa transformação, segundo é ali declarado, é o Espírito Santo.

Em outros trechos bíblicos, a idéia da regeneração é expressa por palavras que significam «gerar» ou *dar nascimento a*, como se vê em João 1:13; 3:3-8; I João 2:29; 3:9; 4:7; 5:1,4,18 e I Ped. 3:23. Nesta última referência é empregado um termo que significa «gerar novamente». Outras palavras que expressam essencialmente a mesma idéia também são usadas como «renovação», segundo se vê em Rom. 12:2 e Tito 3:5. Em sua forma verbal, essa palavra também pode ser encontrada nos trechos de II Cor. 4:16 e Col. 3:10. A *nova criação*, que novamente expressa a idéia de regeneração, pode ser vista nas passagens de II Cor. 5:17 e Gál. 6:15. E a expressão «novo homem», que tem exatamente o mesmo sentido, aparece em Efé. 2:15 e 4:24. A passagem de Efé. 2:5 fala em «dar vida». E a passagem de Col. 2:13 fala de uma transformação que não somente é tão dramática como o novo nascimento, mas que também inclui a própria ressurreição.

Os meios empregados por Deus para efetivar o novo nascimento são o Espírito Santo (João 3:3,5,6,8) e a Palavra de Deus (I Ped. 1:23 e Tia. 1:18). O novo nascimento gera uma fé especial e uma *nova espiritualidade*, levando os convertidos a uma consciência muito mais profunda da presença de Cristo. Fazemos objeção à idéia de que o rito do batismo pode

realizar parte ou a totalidade da regeneração, e isso é um ponto esclarecido no artigo *Nascer de Novo* nas suas explicações sobre o significado da *água* focalizado em João 3:5, bem como no sumário de idéias sob o título, «Interpretação assumida por esta enciclopédia», que forma as observações finais sobre a questão. O batismo serve antes de um *vívido símbolo* da regeneração, tanto do ponto de vista da purificação dos pecados passados, como do ponto de vista da condução a uma união especial com Cristo, que culmina na participação da natureza divina (II Ped. 1:4) à medida que Cristo vai participando da mesma. (Ver os artigos separados sobre *Batismo* e *Batismo do Espírito Santo*).

Na regeneração, a *iniciativa* é atribuída a Deus (ver João 1:13), proveniente do alto (ver João 3:3,7), efetuada pelo Espírito Santo (ver João 3:5,8). (Ver também outras referências que deixam subentendidas essas verdades, como Efé. 2:4,5; I João 2:29 e 4:7, além de Tito 3:5). A passagem de João 3:8 nos adverte de que há muitos elementos inescrutáveis nesse assunto, pelo menos para nosso estado presente de conhecimento.

Podemos definir a regeneração como uma *atuação drástica* do Espírito Santo, sobre a natureza humana caída no pecado, que conduz o indivíduo, não somente a uma nova perspectiva e a uma nova natureza psicológica, mas, finalmente, à santidade perfeita, à *participação na natureza divina*, conforme Cristo participa dessa natureza. O regenerado, final e perfeitamente, nasce de novo nos lugares celestiais e recebe assim a natureza metafísica real de Cristo — e dessa maneira um filho é conduzido à glória, totalmente transformado em um novo tipo de ser, extremamente exaltado.

John Gill (*in loc.*) diz: «...nascido de novo, regenerado ou revivificado pelo Espírito de Deus; renovado no espírito de sua mente; tem Cristo formado no seu coração; *tornar-se participante da natureza divina*; em tudo foi feito uma nova criatura; foi dotado de outro coração, em princípio na prática e na sua conduta, *nascida do alto* (conforme a palavra é traduzida no vs. 31), isto é, mediante um poder sobrenatural, tendo sido impresso com a imagem celestial; e tendo sido chamado com a vocação celestial, com a alta chamada de Deus, em Cristo Jesus».

Adam Clarke (*in loc*): «O novo nascimento, que é aqui referido, compreende não somente aquilo que se chama de justificação ou perdão, mas também aquilo que se chama de santificação e consagração. Portanto, o pecado deve ter sido perdoado, e a impureza desse coração deve ter sido lavada, antes que a alma possa entrar no reino de Deus. Posto que o novo nascimento subentende a renovação da alma inteira, em retidão e santidade autêntica, não se trata de uma questão que possamos desprezar facilmente: o céu é um lugar de santidade, e nada que lhe seja diferente poderá jamais entrar ali».

IV. Natureza da Regeneração

1. Ela começa na conversão (arrependimento e fé).

2. Encontra fruição na santificação.

3. É um nascimento espiritual que ocorre neste mundo.

4. Mas também é um nascimento espiritual no mundo eterno, quando os homens chegam a participar da própria natureza do Logos (compartilhando da forma de vida do próprio Pai), (ver Col. 2:9,10, Rom. 8:29 e II Ped. 1:4).

5. Visto que a glorificação é um processo eterno, que vai aumentando sempre em poder e glória, é impossível imaginar-se qualquer estagnação no desenvolvimento espiritual da alma que obteve a imagem de Cristo. Os regenerados passarão de um estágio de glória para outro, por toda a eternidade, II Cor. 3:18.

Assim sendo, os homens podem «nascer de novo» *agora*, como convertidos e santificados; mas isso é meramente o *começo* da grande experiência do novo nascimento. A santificação *contínua* faz parte integral do novo nascimento. A ressurreição também faz parte integral do mesmo. E, finalmente, a *glorificação total* também é parte integral do novo nascimento. Da mesma maneira que temos nascimento na família humana, mediante o nascimento natural, assim também, por meio do nascimento *sobrenatural*, nascemos na família celestial. E isso ocorre no sentido mais elevado de transformação total segundo a imagem perfeita de Cristo, na essência de sua natureza metafísica. Na qualidade de tais criaturas, seremos habitantes preparados para os lugares celestiais, onde Deus habita, e assim nasceremos em um novo mundo e em uma nova família — *a família divina* (ver Heb. 2:10,11).

NOVO NOME E PEDRA BRANCA

Caráter ímpar de cada indivíduo, agora e para sempre:

Apo. 2:17: *Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao que vencer darei do maná escondido, e lhe darei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe.*

O trecho de Apo. 2:17 encerra a importante doutrina do *caráter ímpar* de cada indivíduo, quando entra em união espiritual com o Filho de Deus, e, conseqüentemente, é transformado segundo a sua imagem (ver Rom. 8:29; II Cor. 3:18). Isso importa na participação na natureza divina, os filhos de Deus que estão sendo conduzidos à glória (ver II Ped. 1:4; Col. 2:10; Heb. 2:10). Dentro desse programa de transformação espiritual interior, que afeta a toda a grande família de Deus, em Cristo, há espaço e oportunidade para especializações. Nessa especialização, cada remido tornar-se-á único de sua espécie, dotado de missões sem-par, de missões sem-par, visando ao bem da comunidade remida inteira. A linguagem simbólica de Apo. 2:17, que alude ao «novo nome» e à «pedra branca», ensina-nos essa preciosa verdade, que é um de nossos mais elevados conceitos religiosos.

Pedrinha branca. Já que há alguma forma de obscura referência, nestas palavras, os intérpretes não concordam com o seu sentido. Abaixo expomos as idéias principais:

1. Alguns pensam haver alusão ao diamante dentro do peitoral do sumo sacerdote, no qual estava gravado o nome intransmissível de *Yahweh*. Até hoje, os judeus piedosos não proferem esse nome, mas substituem-no por outro. Daí é que surgiu «Jeová», como corrupção do nome inefável, mediante a combinação das consoantes de «Yahweh» com as vogais de «Adonai». Muitos judeus piedosos também não pronunciam *Elohim*, mas o corrompem para algo diferente, como *Elokim*, para não se tornarem culpados de usar o nome de Deus injusta, profana e desnecessariamente. O diamante evidentemente era usado como ajuda para entrar em transe, em cujo estado eram dadas revelações e profecias. Isso se faria mediante a concentração da atenção sobre a pedra, talvez para provocar um estado de auto-hipnose no outro estado de transe. A concentração, naturalmen-

te, seria sobre o nome «Yahweh», por ser esse o nome gravado na pedra. Alguns intérpretes supõem que em tudo isso está envolvido o Urim e o Tumim. Ver Êxo. 28:30 e Lev. 8:8). Supõe-se que eram «gemas», talvez diamantes.

Se o diamante de predições está em foco, então sem duvida, o nome aqui aludido seria o **de Cristo**, que é nosso Senhor e Deus, mediante quem a vontade de Deus nos é revelada. Nesse caso, isso significaria que todo o «vencedor» receberá uma revelação especial de Cristo, que o transforma e o torna uma pessoa sem-igual, para realização da vontade de Deus. Uma vez que Cristo se fizer conhecido dele, de maneira especial, tornar-se-á tal crente um instrumento ímpar para glória do Senhor Jesus.

2. Outros intérpretes pensam que a alusão é a alguma espécie de filactéria, uma forma de caixinha, usada pelos judeus piedosos, segura à testa, onde havia escritas orações e votos, ou partes da lei mosaica. Nesse caso, a caixinha conteria ou um novo nome do crente, assinalando sua natureza ímpar, ou, então, conteria um novo nome de Cristo, em que haveria uma nova revelação dada a cada crente, tornando-o um indivíduo sem-par. (Ver sobre as *Filactérias*). Essa interpretação, naturalmente, é muito duvidosa, pois as filactérias de modo algum eram pedras.

3. Outros pensam estar aqui em foco o amuleto da boa sorte (com uma aplicação cristã). Os crentes, todos eles mártires em potencial, precisam da proteção de Cristo. Portanto, ter-lhes-ia sido dado um amuleto, com seu nome de proteção gravado, assegurando-lhe a bênção e a imortalidade no mundo vindouro. Isso é possível; mas não há como confirmar sua veracidade, além de qualquer dúvida.

4. Nos tempos antigos, os juízes, ao lançarem seus votos, davam um pedregulho preto a quem era julgado, se o reputavam culpado; ou davam-lhe um pedregulho branco, se o reputavam inocente. (Ver Ovídio, *Metam.* lib.xv., vs. 41, acerca desse costume). Se essa é a referência, então ao crente é prometido um completo perdão, que lhe dará o direito de entrar nas glórias celestes. Porém, é difícil perceber por que haveria aquela pedra de ter um novo «nome» gravado, se tudo quanto está envolvido no simbolismo é a declaração de culpa ou de inocência.

5. O simbolismo pode envolver os jogos públicos, em que os vencedores recebiam uma pedra branca, com seus nomes gravados na mesma, como símbolo da glória da vitória obtida. Isso concorda com a idéia do galardão dado ao *vencedor*. A pedrinha branca, pois, simbolizaria a obtenção da vitória, a vida eterna em sua glória, o *prêmio* da corrida (ver Fil. 3:10 e *ss*). (Quanto a certa alusão a isso, na literatura clássica, ver Píndaro, *Olymp.* vii.159). Os romanos chamavam essas pedras *tesserae*. Algumas dessas pedras eram dadas a pessoas especialmente notáveis, as quais daí por diante, tinham o direito ao sustento público vitaliciamente. As *tesserae* eram de vários tipos. Por exemplo, algumas delas eram sinais de amizade ou compromissos de favor. Algumas dessas pedrinhas tinham tal valor que eram preservadas e passadas de pai para filho; em alguns casos, agiam quase como «cartões de crédito». Não eram feitas apenas de rocha, mas de muitos materiais, como madeira, osso ou marfim. Tais objetos traziam os nomes das pessoas a quem eram dadas; e, se porventura isso é o que está em foco aqui, então o «novo nome» não é o de Cristo, e, sim, o nome do próprio «vencedor». Nesse caso, seu caráter «ímpar», é ilustrado pelo fato de que tem um nome que fala de seu ser «glorificado» e de suas capacidades especiais de dar glória a seu Senhor.

6. *A pedra de amizade*. Dois amigos poderiam, como sinal de amizade, partir uma pedra pelo meio, e cada um ficava com a metade. Ao se encontrarem, a pedra era refeita, e a amizade continuaria. Apesar de ser essa uma idéia interessante, podendo ser usada para falar sobre a nossa «amizade» com Cristo, e sobre como o nosso encontro com ele aprofundará tal amizade, não há como confirmar que essa é a alusão, neste ponto, do mesmo modo como não temos meio de asseverar com confiança qual o exato símbolo que o vidente João tinha em mente.

Branca. Talvez não por ser de cor «branca», mas por «rebrilhar», como se fosse um diamante coruscante. O branco pode simbolizar a pureza, a bondade, etc.; mas, tal como no caso da natureza da própria pedra, não podemos afirmar com certeza coisa alguma sobre sua cor «branca», como se isso tivesse alguma significação especial.

Novo Nome. Consideremos os pontos seguintes. 1. Seria o nome de Deus, o nome inefável, que seria transmitido à pessoa, conferindo-lhe bênçãos divinas eternas, a vida eterna e tudo quanto nela está envolvido. 2. Mas outros preferem imaginar o nome de Cristo, com o sentido de uma revelação especial de sua pessoa para cada vencedor, o que equivale a uma visão transformadora que tem o efeito de fazer de cada qual um ser sem paralelo, podendo ser usado de maneira ímpar como instrumento da graça de Deus, por toda a eternidade. (Ver Apo. 3:12). 3. Ou esse nome seria do «recebedor» da pedrinha, aludindo a seu novo e ímpar caráter, para uso e glória de Deus por toda a eternidade. As várias alusões possíveis da «pedrinha branca», conforme acabamos de ver, poderiam indicar qualquer dessas três idéias. Vários intérpretes têm decidido de um modo ou de outro, mas sem que se possa ter qualquer certeza. A maioria dos estudiosos prefere pensar no próprio nome de Cristo, dando a entender que Cristo se revelará a cada crente de modo especial, tornando-o sem igual. Seja como for, a grandeza do crente individual é um princípio ensinado por todo o N.T. (Comparar com Mar. 8:35-37).

«Queres saber que tipo de *novo nome* obterás? Torna-te vencedor! Antes disso, indagarás em vão, mas, imediatamente depois, poderás tê-lo inscrito sobre a pedrinha branca». (Bengel, em Apo. 2:17).

«A glória secreta da vida individual. Quando o cristianismo é interpretado como uma experiência coletiva, é fácil esquecer a sua significação, como uma experiência individual. Quando pensamos na vitória cristã, nas relações sociais, podemos olvidar sua profunda e poderosa vitória na vida individual. A passagem clássica do N.T., acerca do indivíduo, é a promessa da 'pedrinha branca, com um novo nome escrito, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe'. Cada crente vitorioso haverá de entrar em um segrego eterno com Deus. Há uma cidadela central em cada personalidade, da qual somente Deus partilha. Deus limpa completamente a vida de um homem. Por isso, a pedra que ele lhe dá é uma *pedrinha branca*. O 'novo nome' representa a personalidade individual, obtida exclusivamente mediante a graça de Cristo. Ele é um novo homem; mas não é novo homem apenas como qualquer outro homem novo. Eternamente, será algo individual e diferente, eternamente valorizado por Deus. Naturalmente, não se pode ilustrar um segredo guardado. Mas um escrito como aquele grande livro 'Devoções Particulares de Lancelot Andrewes', sugere o que aqui se entende. Andrewes foi um grande personagem tribunício; teve notável amizade com eruditos, mas

sua vida mais profunda era vivida sozinha com Deus» (Hough, em Apo. 2:17).

Outras Idéias sobre Apo. 2:17.

1. O maná tem sido variegadamente interpretado, como se fora a Ceia do Senhor, refrigérios espirituais, a justificação, etc. Mas o próprio Cristo certamente é o maná escondido, conforme a interpretação acima indica claramente.

2. Este é o versículo neotestamentário central sobre o *caráter ímpar* de cada indivíduo. Notemos que esse caráter espiritual depende de Cristo e é a *glorificação* que torna o crente um vencedor espiritualmente ímpar, pois *recebe o novo nome*.

3. A imortalidade consiste de muito mais do que a sobrevivência da alma em face da morte biológica. Antes, trata-se de uma *forma de vida* completamente diferente, que será vivida por seres extremamente exaltados, a saber, os *filhos de Deus*, que virão a compartilhar de sua natureza divina (II Ped. 1:4; II Cor. 3:18). Consiste isso de ser «cheio de toda a plenitude de Deus». Cada crente, em sua própria experiência, possuirá algo de único, nesse enchimento. Ver Efé. 3:19 e o artigo sobre a *Imortalidade*.

4. «Caros amigos, ainda não é evidente o que seremos. A luz é por demais rebrilhante e ofuscante para a contemplarmos e penetrarmos em suas maravilhas transcendentais. Porém, é privilégio de todos serem filhos de Deus, certos de que, quando ele aparecer, seremos semelhantes a ele, porquanto vê-lo-emos tal como ele é». (Seiss, em Apo. 2:17).

NOVO PACTO Ver **Novo Testamento (Pacto)**.

NOVO REALISMO

Dentro do contexto da metafísica, o **realismo** (vide) dá a entender que os *universais* (vide) são reais, e que, usualmente, os mesmos têm uma existência separada dos particulares (ou seja, os objetos físicos da nossa experiência, a matéria e suas manifestações). Dentro do contexto da epistemologia, o *realismo* indica que algo é real, mesmo que não seja conhecido; e isso contrasta com o *idealismo*, que ensina que algo só existe como produto do fato de ser conhecido. As coisas que existem, de acordo com o idealismo, ou são minhas idéias, ou são nossas idéias, ou são idéias de Deus. A ilustração mui usada é a de uma árvore que tomba no meio da floresta. Porventura existe a árvore que cai em uma floresta, se não há uma pessoa que seja testemunha de sua queda e que ouça o som de seu impacto no solo? O idealismo responde na negativa, *não*, pelo menos até onde somos capazes de determinar. Mas o realismo responde com um *sim*; a árvore existe inteiramente à parte de minha mente, de qualquer mente, até da mente de Deus.

Além disso, o realismo é dividido em duas categorias diversas: o realismo *ingênuo*, que diz que as coisas são exatamente o que parecem ser aos nossos sentidos físicos; o realismo *crítico*, que diz que apesar das coisas existirem à parte das mentes, nossa percepção sensorial não é adequada para dizer-nos qual a verdadeira natureza delas. Assim, os instrumentos científicos podem ajudar-nos a definir melhor as coisas; mas, mesmo assim, temos de confessar a nossa ignorância quanto à natureza das *coisas propriamente ditas*, ou seja, a natureza real das coisas, incluindo da matéria. Mas o *novo realismo* é aquele que busca encontrar uma espécie de posição intermediária entre esses dois extremos. Quanto ao realismo dos vários tipos, dentro da teoria da verdade, ver o artigo intitulado *Conhecimento e a Fé Religiosa*, II. *Teorias da Verdade — Critérios*.

1. *O Objetivo do Novo Realismo*. O escopo dessa posição é evitar os extremos tanto do *idealismo* (vide) quanto do *materialismo* (vide). Uma das reações a esses extremos foi o desenvolvimento do *monismo neutro* (vide). O *monismo neutro* postula uma espécie de realidade básica neutra, que não seria nem matéria e nem idéia, mas da qual emergem tanto uma quanto outra.

2. Os principais expositores foram seis filósofos norte-americanos: E.B. Holt; W.T. Marvin; W.P. Montague; R.B. Perry; W.B. Pitkin e E.G. Spaulding. Um volume foi impresso pelo grupo, chamado *The New Realism*; e eles também chegaram a publicar um jornal filosófico, cujo título era *Journal of Philosophy*. O filósofo britânico, Bertrand Russell, durante algum tempo, advogou tanto o novo realismo quanto o monismo neutro. Esse movimento foi, essencialmente, uma tentativa para dar resposta ao idealismo, que havia avançado a largos passos nos círculos filosóficos, nos fins do século XVIII e nos primórdios do século XIX. Além disso, o materialismo crasso parecia repelente para muitos, e isso foi modificado através da noção que estamos discutindo.

3. William James (vide) criou uma idéia chamada *experiência pura*, similar à do *monismo neutro*, e que deu origem a esta última. Ele supunha que existe algo, de natureza fundamental e neutra, alguma forma de realidade que se interpõe entre a matéria e os fenômenos mentais. A experiência pura, algumas vezes, funcionaria como pensamento, e outras vezes, como coisas materiais, detectadas pela percepção de nossos sentidos. Como já dissemos, foi essa sua idéia que deu origem à formalização do pensamento que resultou no *monismo neutro*, como uma idéia filosófica.

4. E.B. Holt desenvolveu a idéia do monismo neutro. Assim, as entidades neutras estariam localizadas em alguma dimensão fora do tempo, embora possuidoras de *ser*. Ele atribuía o ser às qualidades secundárias, como também o fazia T.P. Nunn.

5. E.G. Spaulding e W.P. Montague desenvolveram a idéia de *subsistência*, dentro desse movimento. As coisas existiriam e subsistiriam. O primeiro desses termos falaria sobre os chamados objetos materiais. E o segundo, sobre as idéias da mente. Porém, a subsistência consistia em existência real. O vocábulo *subsistência*, por sua vez, envolve certa variedade de idéias filosóficas, discutidas no artigo com esse título. Ver o sexto ponto desse artigo.

6. Bertrand Russell e R.B. Perry promoveram o monismo neutro. Perry contribuiu no ataque contra o idealismo acusando essa filosofia de cometer uma falácia, à qual ele chamou de *transe egocêntrico*. Naturalmente, não podemos conhecer coisa alguma sem a ajuda do pensamento; mas isso não quer dizer que não existam objetos reais, distintos do pensamento. Através do pensamento é que conhecemos os objetos materiais, objetivos; mas isso não significa que esses objetos sejam meros pensamentos.

NOVO TESTAMENTO (ALIANÇA)

Ver o artigo separado sobre o *Novo Testamento* como uma coleção de *livros*.

NOVO TESTAMENTO (Coletânea de Livros do)

Esboço:

I. Artigos Separados a Consultar
II. Comentários sobre a Coletânea de Livros
III. Autoridade do Novo Testamento

O esboço acima é simples, mas o presente artigo incorpora uma grande massa de material, mediante suas referências a outros artigos que abordam diretamente o Novo Testamento, ou abordam assuntos de grande importância para o estudo e a compreensão dessa coletânea. A primeira seção oferece uma lista, em ordem alfabética, dos artigos a serem consultados. A segunda seção expõe uma explicação geral sobre o Novo Testamento como uma coletânea de livros, tratados e epístolas.

I. Artigos Separados a Consultar

1. *Autoridade*. Visto que o Novo Testamento é nosso principal escrito religioso autoritário, importa que compreendamos algo sobre a questão geral da autoridade.

2. *Bíblia*. Esse artigo apresenta uma lista de muitos artigos de interesse para o estudo da Bíblia, e, portanto, do Novo Testamento.

3. *Cada Livro do Novo Testamento* recebe um tratamento distinto.

4. *Cânon do Novo Testamento*. Esse artigo acompanha a história e os princípios que trouxeram à realidade a coletânea de livros que chamamos de Novo Testamento.

5. *Escrituras*. Esse artigo examina os diversos aspectos e os problemas relacionados às Escrituras, incluindo questões como inspiração, autoridade e usos.

6. *Ética*. Ver o artigo geral sobre a *Ética*, seção nona, *Ética Teísta*.

7. *Jesus*. Damos um artigo detalhado que expõe a história e os ensinamentos de Jesus, o Cristo.

8. *Língua do Novo Testamento*. Esse artigo explica como o grego «koiné» se tornou o veículo mediante o qual o Novo Testamento foi entregue ao mundo, a natureza do grego usado pelos vários autores neotestamentários.

9. *Livros Apócrifos do Novo Testamento e Outra Literatura Cristã Antiga*.

10. *Manuscritos do Novo Testamento*. O Novo Testamento dispõe, dentre todos os documentos antigos, do mais rico e abundante testemunho na forma de manuscritos.

11. *Paulo*. Esse apóstolo de Cristo foi o principal revelador das distintivas doutrinas cristãs; e esse artigo detalhado ilumina sua pessoa e sua doutrina.

12. *Período Intertestamental*. Esse artigo comenta sobre os acontecimentos e as condições que antecederam e então caracterizaram o mundo dentro do qual surgiu a Igreja cristã.

13. *Problema Sinóptico*. Os três evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas estão inter-relacionados historicamente e quanto às suas origens. Esse artigo procura descrever essas questões.

14. *Profecias Messiânicas Cumpridas em Jesus*. O elo principal entre o Antigo e o Novo Testamentos é a pessoa de Jesus Cristo, previsto no Antigo e manifestado no Novo.

15. *Profecia: a Tradição Profética e a Nossa Época*. Apesar do Novo Testamento contar com apenas um livro profético—o Apocalipse—há muitas profecias preditivas dispersas pela coletânea inteira. Esse artigo apresenta ao leitor a essência da profecia bíblica, além de comentários sobre profecias extrabíblicas.

16. *Teologia Bíblica*. Essa é a teologia calcada sobre a Bíblia, em contraste com a teologia em geral.

17. *Teologia do Novo Testamento*. Artigos detalhados são apresentados sobre a teologia paulina e sobre a teologia joanina. Esse artigo refere-se àqueles artigos, e também apresenta importantes idéias de outros autores, importantes à teologia do Novo Testamento.

II. Comentários Sobre a Coletânea de Livros

Declaração Introdutória:

O prólogo do evangelho de Lucas diz-nos claramente que ele usou outros livros em sua produção, além de relatos de testemunhas oculares, retrocedendo até os começos do ministério de Jesus. Isso significa que os livros ainda mais antigos relacionados ao Novo Testamento se perderam; mas isso não quer dizer que houve qualquer perda real no terreno da historicidade. Ver o artigo separado sobre *Historicidade do Evangelho*. Mediante declarações do próprio Paulo, sabemos que ele escreveu epístolas de que não dispomos e que talvez elas até fossem em um bom número (ver Col. 4:16). Contudo, não há razão para supormos que a coletânea de suas epístolas que temos não represente o seu pensamento essencial, até com algum detalhe. O processo de canonização realmente precisou de bastante tempo para resolver a questão de quais livros deveriam fazer parte da coletânea do Novo Testamento, o que é descrito no artigo chamado *Cânon*. Apesar de ser verdade que alguns livros poderiam ter sido incluídos, mas não o foram, não há razão para pensarmos que essa omissão fez com que o pensamento cristão primitivo não fosse bem representado pelo nosso Novo Testamento.

Considerando a coletânea do Novo Testamento conforme ela atualmente se encontra, sabemos que certos escritos de Paulo foram produzidos antes de quaisquer outros. A epístola aos Gálatas ou a primeira epístola aos Tessalonicenses foi a primeira obra escrita do Novo Testamento. Na discussão sobre a *data*, nos artigos sobre aqueles dois livros, essa questão é ventilada. Seja como for, a coletânea do Novo Testamento não foi escrita durante um período longo demais, e representa bem a era apostólica, até mesmo nos casos em que apóstolos não foram os autores.

O Nome: Novo Testamento

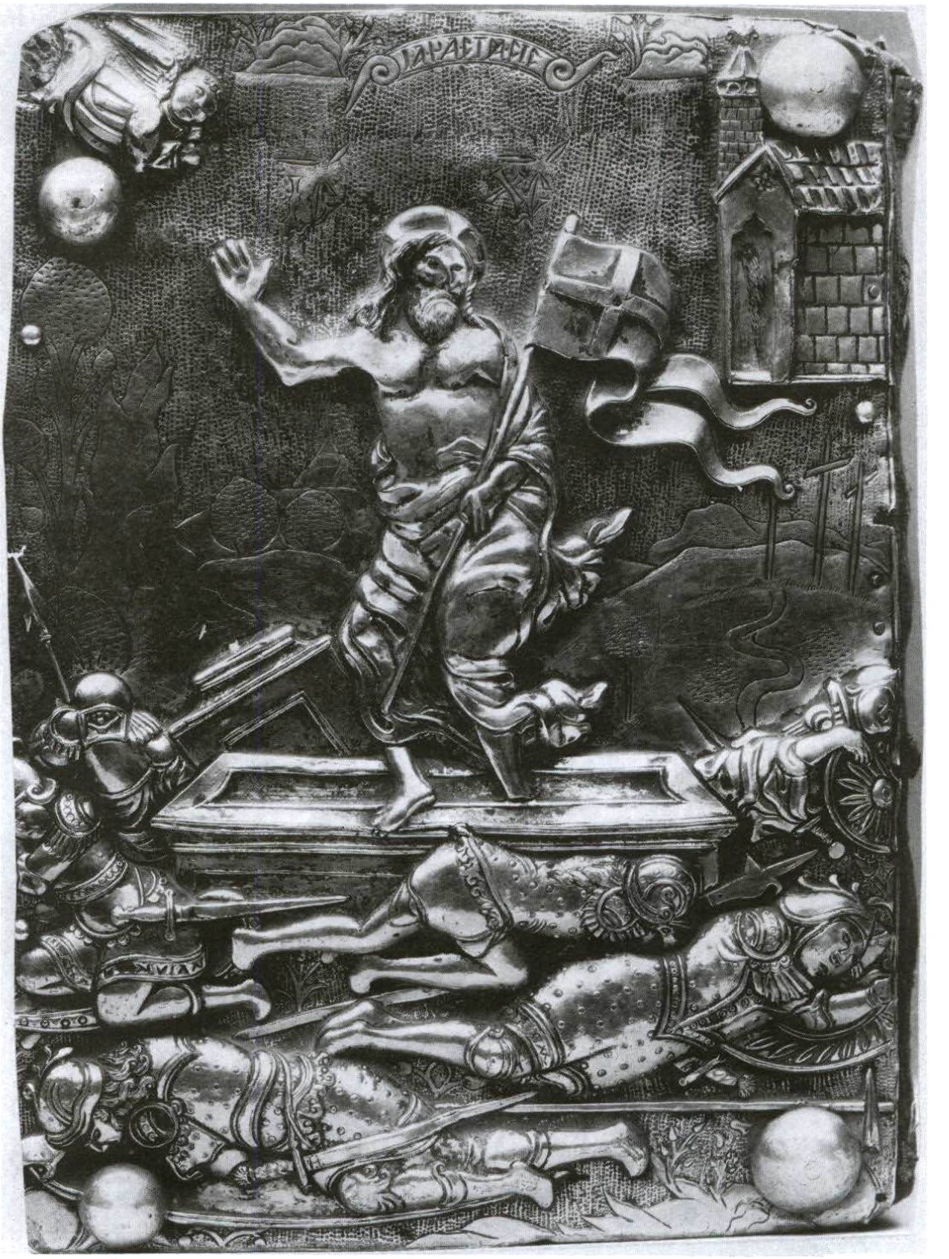
Na Bíblia, encontramos dois testamentos ou pactos. Ver o artigo intitulado *Pactos*, onde essa questão é explicada. O termo grego *diathéke* envolve tanto a idéia de testamento quanto a idéia de pacto. De fato, o Novo Testamento representa ambas essas noções. O Novo Testamento é uma nova aliança de Deus com os homens; mas, dentro do tema da nossa *herança* de Deus, como co-herdeiros com Cristo (ver Rom. 8:17), torna-se evidente que esse pacto é, ao mesmo tempo, um testamento, mediante o qual os filhos de Deus estão sendo conduzidos à glória, em virtude da obra e da herança do Testador, Jesus Cristo. A grosso modo, podemos afirmar que o primeiro pacto veio através de Moisés, e que o segundo veio através de Jesus, o Cristo (João 1:17). O primeiro desses pactos caracterizava-se principalmente pela *lei*; mas o segundo, pela *graça* e pela *verdade*. Essas duas alianças também representam duas distintas dispensações religiosas, ou seja, diferentes períodos de tempo governados por determinadas condições históricas e espirituais. O grande elo entre esses dois pactos é a pessoa de Jesus Cristo: predito no Antigo Testamento; revelado no Novo Testamento.

O Desenvolvimento do Novo Testamento:

No artigo intitulado *Livros Apócrifos e Outra Literatura Cristã Antiga*, apresentamos uma lista dos livros apócrifos do Novo Testamento, em sua presumível ordem cronológica, e isso posto em comparação com a história geral e com a história do Novo Testamento. Damos ali um gráfico que serve de sumário do desenvolvimento da coletânea do Novo



Rockefeller-McCormick Manuscrito 965, manuscrito ricamente ilustrado. Esta fotografia mostra a capa da frente, trabalhada em bronze. —Cortesia, University of Chicago Library



Rockefeller-McCormick Manuscrito 965, capa detrás, trabalhada em bronze, O Cristo Ressurrecto, Triunfo, — Cortesia, University of Chicago Library

Testamento, dentro do tempo. Esse desenvolvimento foi governado por diversos fatores. Antes de tudo, havia a urgente necessidade de explicar como Jesus viveu a vida que viveu. Uma pessoa extremamente incomum entrou na história, e os evangelhos procuram explicar como isso sucedeu, e por quê. O evangelho de João expõe, essencialmente, uma explicação teológica, suplementando os registros históricos dos evangelhos sinópticos. Naturalmente, antes da produção cronológica desses livros (o evangelho de Marcos, o mais antigo, foi produzido em cerca de 68 D.C.), temos a considerar a porção maior das obras paulinas, escritas, aproximadamente, entre os anos 50 e 62 ou 64 D.C. Poderíamos descrever os escritos de Paulo como literatura «ocasional», ou seja, foram escritos para enfrentar situações especiais. Nesse caso, a motivação era as necessidades variegadas da primitiva Igreja cristã. Naturalmente, Paulo também ensinou coisas que não exigiram esclarecimentos específicos. A narrativa de Lucas-Atos, preparada após as epístolas paulinas, também pode ser considerada como ocasionada pela esperança que seu autor tinha de obter para o cristianismo uma posição legal dentro do império romano, pondo fim, dessa maneira, à oposição e às perseguições contra os cristãos. Naturalmente, Lucas não estava interessado somente em ser um apologista, mas também em ser um historiador. O tratado que chamamos de epístola aos Hebreus é um estudo teológico sobre como Cristo e seu pacto, por serem superiores, substituíram ao Antigo Testamento. As epístolas pastorais procuram satisfazer às necessidades de jovens ministros cristãos. As chamadas epístolas católicas ou gerais, tal como aquelas de Paulo, foram escritas tendo em vista ocasiões especiais, embora também sejam didáticas. O livro de Apocalipse foi escrito para mostrar como Roma haveria finalmente de cair, devido à sua grande iniqüidade, mormente em face de ter perseguido a primitiva Igreja cristã. Os intérpretes futuristas do Apocalipse transferem quase todo o seu conteúdo para o final da presente dispensação; mas o próprio autor sagrado não esperava um cumprimento postergado. Seja como for, no Apocalipse temos uma profecia para atender a uma necessidade de momento (a da Igreja dos tempos de João), mas também um esboço profético acerca do fim desta dispensação, que não foi motivado por ocorrências de quando João recebeu suas visões.

Quatro Tipos de Literatura no Novo Testamento:

A coletânea intitulada Novo Testamento incorpora, essencialmente, quatro tipos de literatura, a saber:

1. *Os Evangelhos*. Os registros sobre a vida e os ensinamentos de Jesus, o Cristo, com adições, feitas pela Igreja, interpretando essa vida e esses ensinamentos. Os evangelhos são quatro: Mateus, Marcos, Lucas (que são essencialmente históricos, embora não sejam biografias de Jesus) e João (que contém alguma história, mas é mais uma exposição teológica, que procura relacionar o Messias cristão ao conceito do Logos, pelo que afirma fortemente a deidade de Cristo, bem como o conceito de que esse *Logos-Cristo* é o *revelador* primário do propósito remidor de Deus).

2. *História Eclesiástica*. A narrativa Lucas-Atos fornece-nos o mais completo registro histórico sobre a Igreja apostólica, cobrindo um breve período, realmente, embora um período crítico. Essa narrativa (se considerarmos somente o livro de Atos) cobre pouco mais de trinta anos. Daí por diante, até o tempo de Eusébio, o grande historiador eclesiástico da Igreja antiga, ficamos sabendo da história da Igreja, terminado o período neotestamentário, principalmente através dos escritos dos chamados pais da Igreja, escritos esses que, apesar de abundantes, estão longe de ser sistemáticos.

3. *As Epístolas*. Há ali escritos de Paulo, de João, de Pedro, de Tiago e de Judas, totalizando vinte e um volumes. Dentre esses escritos, a epístola aos Hebreus é mais um tratado teológico, que forma uma espécie de literatura separada e distinta no Novo Testamento. Estritamente falando, pois, temos cinco tipos de literatura nas páginas do Novo Testamento.

4. *O Apocalipse*. Esse é o único livro realmente profético do Novo Testamento. Até que ponto o mesmo atinge o futuro é algo disputado pelos eruditos, e o artigo que damos sobre o *Apocalipse* expõe as teorias que circundam a questão, ventilando o problema do tipo de profecia que o mesmo representa.

A Coletânea Intitulada Novo Testamento

A partir de agora, oferecemos breve descrição sobre cada livro de que se compõe o Novo Testamento:

Primeiro Tipo Literário: os Evangelhos (as boas novas da redenção)

1. **Mateus**. Esse livro aparece em primeiro lugar, na arrumação dos livros do Novo Testamento, ainda que cronologicamente, ocupe o décimo nono lugar. Mateus é o mais judaico dos quatro evangelhos: a genealogia de Jesus retrocede até Abraão, e Jesus é apresentado como verdadeiro filho e herdeiro espiritual de Abraão, tendo sido ele aquele que nos trouxe o novo pacto. Esse livro é rico quanto à história e às declarações de Jesus. Ao que parece, seu autor valeu-se de fontes informativas (e, portanto, conta com material) que não foram usadas nem por Marcos e nem por Lucas. — Mas, quanto à ordem de apresentação, segue essencialmente o esboço de Marcos, que os eruditos chamam de fonte M. Talvez a característica mais distintiva do evangelho de Mateus seja sua apresentação da pessoa de Jesus como o Novo Moisés, o Novo Legislador, mormente nos seus capítulos quinto a sétimo. Temos ali não somente matéria nova, mas também novas interpretações de material antigo, da lei mosaica, que assinalam Jesus Cristo como um intérprete sem-par. Outra característica importante é o seu ensino sobre o reino dos céus, transmitido através de uma série de parábolas (principalmente em seu décimo terceiro capítulo). Não há que duvidar que isso tenciona ensinar-nos que Jesus é o Rei desse reino. Grande parte desse material foi adaptado para uso pela Igreja primitiva e antiga, como instruções quanto aos primeiros estágios do cristianismo.

De forma harmônica com os outros evangelhos, uma porção desproporcional de seu material (caps. 21-28) dedica-se à descrição da semana da paixão e da ressurreição de Cristo. Alguns estudiosos já observaram que os evangelhos são relatos ampliados da paixão de Cristo. Nesse contexto, *paixão* indica «sofrimentos». A semana da paixão, pois, é aquela semana durante a qual o Senhor Jesus sofreu e morreu, ao fim da qual, ressuscitou dentre os mortos. Todos os quatro evangelhos ensinam enfaticamente a doutrina da ressurreição de Cristo, a pedra fundamental da fé cristã. E todos os quatro evangelhos também ensinam com destaque o ofício de Jesus Cristo como nosso Redentor. Os três primeiros evangelhos—Mateus, Marcos e Lucas—são chamados «sinópticos» por «verem juntos» o esboço histórico da vida de Jesus (original de Marcos, e seguido pelos outros dois). Fazem contraste com o quarto evangelho, o de João, que já segue um esquema de apresentação bastante diferente.

2. **Marcos**. Esse é o mais breve dos quatro evangelhos, embora, cronologicamente falando, foi o

primeiro deles a ser composto. Aparece em segundo lugar, na arrumação dos livros do Novo Testamento, ainda que, em ordem cronológica deva ocupar o terceiro ou quarto lugar (escrito depois das epístolas aos Gálatas, a I Tessalonicenses, e, talvez, a I Coríntios). Marcos provê um esboço histórico da vida de Jesus, mas não é muito rico quanto às declarações de Jesus. Se Mateus enfatiza Jesus como o Rei-Messias, Marcos salienta Jesus como o Servo de Deus. Jesus veio para buscar e salvar os perdidos (Mar. 10:45). É verdade que Jesus também é o Filho de Deus (ver Mar. 1:1). Embora esse texto seja disputado pelos estudiosos, o fato de que Jesus é o Servo de Deus não elimina e nem contradiz o fato de que ele é o Filho de Deus. O poder das *obras* de Jesus (uma especialidade da apresentação de Marcos) representa esse ensino. A idéia de «Servo de Deus» transparece, com freqüência, conforme pode ser visto em 8:31,38; 9:31; 10:45; 13:26; 14:62, etc. E a idéia de «Filho de Deus» também aparece, segundo se vê em 3:11; 5:7; 15:39, etc. Tal como em todos os quatro evangelhos, o evangelho de Marcos frisa o elemento miraculoso (ver o artigo *Milagres*). E um volume desproporcional é consagrado ao relato sobre a semana da paixão (caps. 11-16). Nos manuscritos mais antigos, o evangelho de Marcos termina abruptamente em 16:8, registrando a ressurreição de Jesus, mas não a sua ascensão. O material que aparece em manuscritos posteriores representa uma espécie de sumário, coligido com base nos outros evangelhos sinópticos.

3. **Lucas.** Esse é o terceiro livro que aparece no Novo Testamento, mas talvez só tenha sido escrito depois de dezesseis outros livros do mesmo. Esse é o único evangelho a ser dirigido a um indivíduo específico, Teófilo, que parece ter sido alguma autoridade romana. O relato de Lucas (Lucas-Atos) é uma apologia do cristianismo, que procurava condição legal para o mesmo, do que o judaísmo já desfrutava. É mais universal em seu apelo, dirigido a todos os povos. O evangelho de Lucas empregou o esboço histórico de Marcos, mas adicionou muito material (chamado *L*, pelos eruditos), que não aparece nem em Mateus e nem em Marcos. Também há uma boa quantidade de material compartilhada com Mateus, mas não com Marcos, que os eruditos chamam de fonte *Q*. O relato lucano é mais completo que o de Mateus e de Marcos. Ele incluiu o relato sobre a ascensão de Jesus por duas vezes, uma no evangelho e outra no livro de Atos. Ele traça a genealogia de Jesus de volta a Adão, e não somente até Abraão, porquanto ele se mostrou fiel à sua tese: Jesus é o Homem ideal, um autêntico descendente de Adão, e não apenas um descendente de Abraão. Ele deixa claro que o evangelho deve ser universalmente pregado (24:47). O livro de Atos, em seu primeiro capítulo, reitera essa mensagem. No evangelho de Lucas (19:10), Jesus aparece como o Salvador dos homens, o que também aparece em todos os evangelhos. Jesus é ali retratado como uma figura altamente humanitária, protetor dos desprotegidos e das mulheres (Luc. 1:53). Isso transparece nas várias narrativas onde aparecem mulheres como personagens. Tal como sucede aos demais três evangelhos, há um espaço desproporcional dedicado a relatar a semana da paixão (caps. 19-24), e o elemento miraculoso do ministério de Jesus nunca é esquecido.

4. **João.** Esse evangelho aparece em quarto lugar no volume do Novo Testamento, mas foi escrito somente antes de I, II e III João, Judas e o Apocalipse. Foi publicado em um tempo em que a Igreja primitiva estava começando a formular a sua *cristologia* (vide). Destaca-se por seu esforço por identificar a Jesus, o Cristo, com o *Logos* encarnado, uma característica joanina distintiva, um aspecto teológico que exerceu imorredoura influência dali por diante. Ver o artigo sobre o *Logos*. Há pontos interessantes a observar no quarto evangelho: em vez de palavras, há discursos, em vez de localizar o ministério de Jesus principalmente na Galiléia (como fazem os evangelhos sinópticos), destaca mais o que Jesus ministrou em Jerusalém e cercanias. Não usou Marcos como fonte informativa, e nem segue o seu esboço histórico, embora haja algum material paralelo. O elemento miraculoso é conspícuo, destacando incidentes com um propósito nitidamente polêmico, demonstrando tanto a deidade quanto o messiado de Jesus (20:31). E esse mesmo versículo frisa o intuito evangelizador, visto que crer em Jesus equivale a ter vida em seu nome. João, em contraste com os evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas), ensina claramente a salvação como *filiação* (1:12), um tema que Paulo aproveitou e desenvolveu. O terceiro capítulo do evangelho de João é um escrito imortal, que ressalta a absoluta universalidade do evangelho e seu intuito salvatício. Talvez o trecho de João 3:16 seja o versículo melhor conhecido, mais memorizado e mais pregado, da fé cristã. Lemos ali: «Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna».

Dos quatro evangelhos, João é o que tem menos importância como fonte histórica, o que não significa que não contenha crônicas válidas sobre Jesus e suas atividades. Por outro lado, é o mais teologicamente expressivo. Seus discursos sobre Jesus como o bom pastor, a porta, a água da vida, o pão da vida, etc., definem importantíssimos conceitos cristãos. Acresça-se a isso a sua ênfase sem igual sobre o Espírito Santo, com os dizeres de Jesus sobre o divino Paracleto: 14:16,17,26; 15:26; 16:7. E o ensino sobre a morte de Jesus Cristo é apresentado com maior precisão teológica. Assim, ele era o Cordeiro de Deus (1:29); na qualidade de Bom Pastor, deu a sua vida pelas suas ovelhas (10:14 *ss*); foi o grão de trigo que caiu no solo e morreu, mas reviveu para produzir fruto (12:24). A declaração de Jesus: «Está consumado!», que aparece em João 19:30, dificilmente pode ser compreendida a menos que se entenda que a missão salvatícia do Filho de Deus estava cumprida, e não meramente o seu ato de morrer. As cenas que envolvem vários dos apóstolos de Jesus, como Tomé, Pedro e João, nos capítulos finais do evangelho de João, não têm paralelo nos outros evangelhos. E é exatamente dentro desse contexto que encontramos a difícil e profunda declaração de Jesus sobre a autoridade e a missão apostólica, em João 20:23.

Segundo Tipo Literário: História Eclesiástica (a Igreja em seus primórdios)

5. **O Livro de Atos.** Esse livro histórico forma uma unidade com o evangelho de Lucas, tendo sido escrito imediatamente após o mesmo. Seu tom é polêmico, procurando ganhar para o cristianismo posição legal dentro do império romano. Até então, ser cristão era tido como um ato de traição, o que provocou as perseguições gerais contra o cristianismo. No livro, os romanos sempre são vistos sob uma luz favorável, como protetores dos cristãos, no começo da Igreja; e os judeus incrédulos são vistos sob uma luz desfavorável. A execução de Paulo, em Roma, não foi mencionada, embora o autor sagrado certamente tivesse conhecimento do fato. O autor evitou antagonismos e polêmicas desnecessárias, pelo que não tentou mostrar como essa execução tivera lugar. Além disso, o livro expõe um relato histórico veraz de

cerca de trinta anos, retratando os primeiros passos da Igreja cristã. De fato, esse é o único relato histórico formal que possuímos acerca desse estágio inicial do cristianismo, até que *Eusébio* (vide) brindou-nos com a sua *História Eclesiástica*, já em cerca de 300 D.C. O longo hiato entre o livro de Atos e Eusébio é preenchido de forma muito imperfeita por informações derivadas dos pais da Igreja; mas esse processo deixa muito a desejar. Todavia, a narrativa do livro de Atos é importante porquanto relata como a Igreja cristã ganhou para si mesma um lugar debaixo do sol, dentro do cada vez mais caótico império romano. Todavia, os incidentes históricos ali narrados não são dogmáticos, pelo que é uma falácia dizer-se: «Os cristãos primitivos agiram deste modo, que agora serve de regra fixa para fazermos as coisas». Podemos extrair diretrizes, princípios gerais, mas não dogmas, com base no livro de Atos, visto tratar-se de um livro de começos, e não um livro de texto que reflita uma situação já estabilizada e fixa.

A primeira porção do livro repete a história da ascensão de Cristo, e fornece uma outra versão da Grande Comissão. Ao longo do livro é descrita a propagação do cristianismo em consonância com aquela comissão: primeiro em Jerusalém, então na Judéia e na Samaria, e, então, a todas as partes do mundo (Atos 1:8). O relato do livro de Atos é seletivo, e jamais pretendeu ser completo. Uma comparação com as epístolas paulinas mostra-nos que Paulo fez muitas coisas acerca das quais Lucas nada sabia, ou, então, deixou de mencionar. O livro preserva vários sermões que devemos aceitar como historicamente acurados, embora tenhamos ali apenas esboços do que foi dito, com *algumas* citações diretas, enquanto que o resto é apenas um sumário de idéias principais. A posição de Lucas como contemporâneo das personagens principais do livro garantiu uma exatidão essencial quanto a essas particularidades. Há muitas coisas, dentro da exposição de Lucas, que não têm sido confirmadas pela história secular ou pela arqueologia; porém, existem paralelos onde a exatidão histórica de Lucas tem sido confirmada, o que nos permite confiar que todo o material do livro é historicamente preciso.

O décimo quinto capítulo do livro aborda o vexoso problema de como a multiplicação dos cristãos gentios criou problemas diante do antigo judaísmo e seu legalismo, uma força que não morreu facilmente nas fileiras cristãs. A liberdade cristã, finalmente, obteve a palma da vitória; mas isso não pôs fim definitivo à questão, refletida nos escritos de Tiago e de Paulo (como opostos), um conflito que até hoje persiste, nas várias denominações cristãs.

A carreira do apóstolo Paulo é descrita através de três viagens missionárias, mediante as quais vemos como um único homem, quase sozinho, fez desfraldar a bandeira do cristianismo no mundo pagão. Contudo, a carreira do apóstolo dos gentios só é contada até o seu aprisionamento em Roma. Através de várias das epístolas de Paulo, pode ser reconstituída sua quarta e última viagem missionária. Essa reconstituição pode ser feita com base nos seguintes dados: a. Paulo mesmo declarou sua intenção de visitar a Espanha (Rom. 15:24,28); b. Eusébio, o grande historiador eclesiástico da Igreja antiga, deixou entendido que Paulo foi solto após seu primeiro período de encarceramento em Roma—o ponto onde o relato do livro de Atos termina—(*História Eclesiástica* 2.22,2-3); c. na literatura patrística há afirmações de que Paulo, realmente, chegou a pregar na Espanha (Clemente de Roma, *Epístola aos Coríntios* 5; *Actus Petri Cercellenses*, caps. 1-3; *Cânon Muratoriano*, linhas 34-39). E então, mediante as intenções declaradas por Paulo, em suas várias epístolas, e através de declarações posteriores, feitas pôr ele nas suas epístolas pastorais (escritas no final dessa quarta reconstituída viagem missionária de Paulo), permitem-nos traçar um itinerário tentativo dessa quarta viagem missionária: a. partida de Roma (depois que Paulo foi solto de seu primeiro encarceramento, em 62 D.C.); b. chegada na Espanha (Rom. 15:24,28), onde teria permanecido entre 62 e 64 D.C.; c. chegada em Creta (Tito 1:5), onde ficou em 64 e 65 D.C.; d. Colossos (Filemom 22), em 66 D.C.; e. Éfeso (I Tim. 1:3), ainda em 66 D.C.; f. Filipos (Fil. 2:23,24; I Tim. 1:3), ainda no mesmo ano de 66 D.C.; g. Nicópolis (Tito 3:12), em 66-67 D.C.; daí, ao que tudo indica, ele voltou a Roma, em 67 D.C., tendo sido ali martirizado, em 67 ou 68 D.C., de acordo com uma antiga tradição romana. Essa tradição afirma que Paulo foi decapitado, por ordem do imperador Nero, fora da cidade de Roma, no lugarejo de Aquas Salvias (hoje Três Fontes), e então, foi sepultado em uma propriedade particular, à beira da estrada para Óstia. É claro que temos aí uma mera reconstituição, havendo estudiosos que têm encontrado subsídios históricos para fornecer ainda maiores detalhes sobre a quarta viagem missionária de Paulo; mas temos apresentado aqueles que nos parecem mais razoáveis, que não requerem muita imaginação. Quanto à execução de Paulo, há uma outra, propalada pela Igreja Católica Romana, a interesse do primado da sé de Roma, que diz que tanto Pedro quanto Paulo foram executados por crucificação. Seja como for, parece certo que a carreira apostólica de Paulo terminou mesmo em Roma, onde morreu.

Embora a ordem dos livros do Novo Testamento esteja longe de ser cronológica, há razões *lógicas* para a arrumação em que eles aparecem nessa coletânea. Assim, primeiramente temos os evangelhos, que lançam os fundamentos do cristianismo; em seguida, no livro de Atos, encontramos a história da fase inicial da Igreja cristã; depois, as epístolas que abordam problemas coletivos e pessoais dos cristãos, e onde também são descortinadas as esperanças cristãs quanto ao seu destino; e, finalmente, temos o Apocalipse, o único livro acentuadamente profético do Novo Testamento, que fala sobre como se desenrolará a última (septuagésima) semana de Daniel (ver Dan. 9:20 *ss*), isto é, no «tempo do fim», imediatamente antes da *parousia* (vide) de Cristo, o que haverá depois, e, daí até ser inaugurado o estado eterno, quando o plano de Deus para os séculos ter-se-á cumprido cabalmente, e haverá uma nova criação, fazendo com que todo o passado seja lançado no esquecimento. E, naturalmente, o livro de Atos forma uma espécie de ponte natural entre os evangelhos e as epístolas.

Terceiro Tipo Literário: as Epístolas (problemas e aspirações cristãs)

Introdução. As epístolas de Paulo, embora uma categoria à parte das outras, também fazem parte dessa classe de literatura neotestamentária distintiva. As epístolas formam uma literatura de *ocasião*, segundo já dissemos, ou seja, escrita para equacionar certas necessidades específicas que foram surgindo entre os primitivos cristãos. Naturalmente, também é forte ali o elemento didático, envolvendo conceitos teológicos, éticos e práticos, ainda que isso não forme, sob hipótese alguma, uma teologia sistemática. Um dos erros dos intérpretes conservadores e fundamentalistas é fazer das epístolas a única declaração oficial da doutrina cristã. Os que assim pensam dizem que os

evangelhos e o livro de Atos meramente refletem um período formativo, e que o Apocalipse fala sobre os futuros sofrimentos dos judeus, às mãos do anticristo, quando a Igreja já tiver sido arrebatada. Restaria aos cristãos, pois, seguir as epístolas. E alguns deles chegam mesmo a argumentar que visto que Paulo era o apóstolo dos gentios, e que as igrejas evangélicas de hoje são formadas por uma esmagadora maioria gentílica, então devemos aceitar somente as epístolas paulinas como nossa regra de fé e prática. Mas até mesmo essas epístolas eles decepam, dizendo que nas epístolas de Paulo há coisas que não têm aplicação para nós. Enfim, seguem o que querem seguir, e eliminam o que preferem eliminar! Um outro erro consiste em óbvias distorções de versículos e passagens, forçando essas epístolas a expressar uma teologia sistemática sem qualquer problema. Na verdade, as epístolas dos apóstolos não são tão homogêneas, do ponto de vista da teologia sistemática, como aqueles mestres querem fazer-nos acreditar. Não obstante, as epístolas expõem um precioso corpo de ensinos que lança luz sobre as doutrinas centrais da fé cristã.

6. **Romanos**. Em face de sua extensão e grandiosidade, essa epístola aparece como a primeira das epístolas do Novo Testamento, embora não tenha sido a primeira das epístolas de Paulo a ser escrita. Não há que duvidar que epístolas como Gálatas, I e II Tessalonicenses, I e II Coríntios foram escritas antes da epístola aos Romanos. A coletânea de escritos paulinos, de treze epístolas (entre as quais as chamadas epístolas pastorais—Tito e I e II Timóteo—são mais disputadas, quanto à autoria), tem na epístola aos Romanos a mais completa exposição do evangelho feita por aquele homem de Deus. Os artigos sobre cada uma dessas epístolas em particular abordam tais problemas.

Muitos estudiosos dizem que o corpo paulino se compõe de catorze epístolas—pois incluem a epístola aos Hebreus como de autoria paulina. Mas, essa epístola, embora com alguns reflexos paulinos, é totalmente não-paulina quanto à sua gramática, estilo e vocabulário. Paulo escrevia em bom grego literário *koiné* (vide), e sempre apunha sua assinatura às suas epístolas. Mas o autor da epístola aos Hebreus não apôs o seu nome e escreveu em um grego quase clássico, inteiramente diferente do grego de Paulo. Em contraste com a epístola aos Hebreus, que é muito mais um *tratado teológico* sobre a superioridade de Cristo e do novo pacto em relação à lei e ao antigo pacto, a epístola aos Romanos é uma autêntica epístola histórica. Não obstante, a epístola aos Romanos também é nitidamente teológica, inspirada por controvérsias legalistas. É dessa circunstância que emergiram as doutrinas básicas da fé cristã, como: a total depravação do ser humano (o que explica a universal necessidade da intervenção graciosa de Deus, anunciada pelo evangelho); a expiação pelo sangue de Cristo; o princípio fundamental da justificação pela fé; a necessidade do ministério do Espírito Santo para que a conversão e a santificação se tornem realidades; a salvação vista como uma filiação (somos herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo); a transformação dos filhos de Deus segundo a imagem do Filho de Deus, levando-os a participar da natureza divina, que é o verdadeiro significado e o grande alvo da mensagem cristã.

É precisamente nessas últimas idéias que encontramos um grande avanço na mensagem cristã, exposto especialmente pelos apóstolos Paulo e Pedro em suas epístolas, embora já antecipado no evangelho de João—mas acerca do que os evangelhos sinópticos fazem total silêncio. Não há que duvidar que a visão de Paulo, acerca dos resultados do evangelho, ia muito além da visão dos evangelhos sinópticos. No entanto, essa visão menor é que domina a teologia popular das igrejas evangélicas e dos sermões pregados semana após semana. Porém, o evangelho de Cristo envolve muito mais do que o perdão dos pecados e a futura residência dos salvos nas dimensões celestes, quando estarão livres dos vexames da mortalidade. O evangelho de Cristo, em sua mensagem total, ensina que estamos sendo paulatinamente transformados segundo o grande modelo que é o Filho de Deus, Cristo, e isso nos aspectos moral e metafísico; que haverá uma glorificação interminável, sem qualquer estagnação; que nossa finitude irá sendo perenemente preenchida pela infinitude de Deus, em um processo eterno. O oitavo capítulo de Romanos oferece-nos uma clara afirmação dessa teologia, o que é expandido e enfatizado em outras epístolas paulinas (ver II Cor. 3:18; Efé. 3:19 e Col. 2:9,10, para exemplificar).

Os capítulos nono a décimo primeiro de Romanos tratam do passado, do presente e do futuro de Israel, indicando como Israel relaciona-se à Igreja, ou seja, o tronco em relação aos ramos da árvore plantada por Deus. Paulo assevera a final e completa restauração do povo de Israel, no tempo certo, quando a Igreja tiver terminado o seu curso, ou, melhor ainda, quando a Igreja cristã estiver terminando o seu curso no palco da história, imediatamente antes da volta do Senhor Jesus a este mundo. É óbvio que isso já nos remete a questões escatológicas, acerca das quais o povo cristão está longe de ter encontrado uma posição comum. Ver artigos como *Escatologia* e *Parousia*.

O décimo segundo capítulo de Romanos dá início à seção prática dessa epístola. Paulo tinha o hábito de dividir suas epístolas em duas seções básicas: uma doutrinária e outra prática ou exortativa, embora nem sempre seja fácil dizermos onde termina uma seção e começa a outra.

A epístola aos Romanos (juntamente com a epístola aos Gálatas) é considerada a *Declaração de Independência* da Igreja de Cristo.

7 e 8. **Correspondência Paulina com Corinto**. É provável que tenha havido um total de quatro cartas de Paulo aos crentes de Corinto, mas que acabaram fundidas nas nossas *I e II Coríntios*. Quanto à ordem cronológica, essa correspondência veio depois das epístolas aos Gálatas, I e II Tessalonicenses e o evangelho de Marcos. Apesar de haver ali instruções não-provocadas por problemas controvertidos, essas duas epístolas consistem essencialmente em instruções que procuravam resolver problemas locais. Esses problemas versavam sobre os inimigos figadais de Paulo, os judaizantes; sobre as divisões da igreja em partidos (primórdios do denominacionalismo); os abusos contra os dons espirituais, que arrancaram de Paulo preciosas informações sobre o assunto; filósofos que negavam a realidade da ressurreição, o que levou Paulo a apresentar um estudo muito significativo a respeito. E dentre tudo, destaca-se o notável capítulo treze de I Coríntios—o hino ao amor—provocado pelas contenções entre os crentes e pelos abusos acerca dos dons espirituais. Paulo sentiu-se impelido a mostrar onde jaz a espiritualidade autêntica. Não em grandiosas palavras de ejaculações proféticas, e nem na algaravia incompreensível das línguas sem interpretação. Antes, a espiritualidade está presa a algo muito íntimo e vital: a vida vivida de acordo com a lei do amor!

A segunda epístola aos Coríntios retorna a problemas que não tinham sido inteiramente resolvi-

dos ainda. Tito havia dado a Paulo um bom relatório sobre as condições reinantes na Igreja cristã de Corinto. Entretanto, o trecho de II Coríntios 10-13 é especialmente amargo e severo, razão pela qual alguns estudiosos pensam que o mesmo representa uma epístola separada, que acabou fundida com a nossa II Coríntios. E o resto da epístola é suave, um tanto fora de harmonia com o tom daqueles quatro citados capítulos. É lógica a suposição de que II Coríntios 10-13 foi escrito antes de II Coríntios 1-9, apesar da enumeração desses capítulos.

9. **Gálatas**. Essa epístola, uma diatribe contra o legalismo e, portanto, uma fortíssima afirmação da justificação pela fé, mui provavelmente é o mais antigo dos livros do Novo Testamento, embora apareça em nono lugar, segundo o arranjo atual dos livros.

É incrível como os judaizantes eram capazes de cativar comunidades cristãs inteiras, até mesmo em áreas essencialmente gentílicas. Só podemos supor que as sinagogas existentes nesses lugares (o judaísmo era presente quase universalmente) supriram alguns dos convertidos ao cristianismo; e esses retiveram suas ênfases tipicamente judaicas. Em certo sentido, essa epístola mostra um pior aspecto da personalidade de Paulo, pois suas palavras são amargas e cortantes, quase desesperadas. Grandes homens, grandes vícios. Assim, quando Paulo chamou o partido da circuncisão de «a mutilação» (ver Fil. 3:2), ele não se mostrou especialmente diplomático. E quando desejou que os judaizantes se «emasculassem» (5:12), em um jogo de palavras óbvio que envolve a circuncisão, ele não estava sendo exatamente caridoso. Porém, à exceção desses toques amargos, a epístola aos Gálatas representa uma grande obra literária cristã, apesar de sua brevidade. O trecho de Gál. 4:2 *ss* é ímpar entre os escritos paulinos, pois apresenta-nos uma interpretação alegórica, pouco usada por ele. O terceiro capítulo é uma declaração tão clara sobre a justificação pela fé como qualquer outra pessoa poderia apresentar. O quinto capítulo contém uma notável lista de vícios da carne, fazendo contraste com o fruto do Espírito. O sexto capítulo contém a famosa passagem da colheita segundo a semeadura. Além disso, Paulo fornece-nos detalhes de sua vida, que não conhecemos através de qualquer outra fonte informativa (primeiro capítulo). Isso nos dá compreensão sobre o início do problema do legalismo. — É muito provável que a epístola aos Gálatas tenha sido escrita antes do concílio ecumênico de Jerusalém (Atos 15). Se ela tivesse sido escrita depois do mesmo, então Paulo teria, sem dúvida, usado as decisões daquele concílio como seu argumento mais definitivo. O fato de que não o fez labora em favor da idéia de que a epístola aos Gálatas foi escrita antes daquelas decisões terem sido tomadas pelos apóstolos. E isso, por sua vez, é fortíssimo argumento de uma grande antiguidade da epístola aos Gálatas, candidatando-a assim à posição de primeira das epístolas de Paulo, cronologicamente falando, lado a lado com I e II Tessalonicenses.

10. **Efésios**. Dentro do tempo, essa epístola foi escrita já perto do fim da carreira de Paulo, anterior somente às epístolas pastorais (Tito, I e II Timóteo). Essa epístola é um dos escritos cristãos mais sublimes de todos os tempos. Concentra a sua atenção sobre a Igreja, em seu aspecto de organismo espiritual. E, além disso, revisa a questão da eleição divina e aborda a questão esperançosa e ainda distante da *restauração* de tudo (vide) (ver Efé. 1:9,10). Essa esperança é vista dentro do contexto do mistério da vontade de Deus, que envolve aquilo que, finalmente, Deus haverá de realizar. Abre para nós uma perspectiva inteiramente inédita acerca dos resultados finais do evangelho de Cristo, olhando para além dos demais pronunciamentos do Novo Testamento, embora uma certa passagem petrina (I Ped. 3:18-4:6), que ensina sobre a descida de Cristo ao hades, faça parte do quadro. Destarte, vemos que Cristo tem tido um tríplice ministério: na terra, no hades e nos céus. Sem dúvida esse ministério prossegue, em seus efeitos, nesses três aspectos, e, por causa de sua extensão e poder, podemos esperar um resultado final otimista da presença do evangelho entre as almas humanas, *onde quer que* elas existam, antes e após a morte biológica.

Vários dos pais da Igreja deixaram escrita a sua crença no ministério de Jesus no hades, e como, sob a condição, de arrependimento e fé no evangelho, as almas ali retidas podem ser salvas. Todavia, para os cristãos ocidentais (com raras exceções, como a Igreja Anglicana), a descida de Cristo ao hades não faz parte de sua teologia, trucando assim o ensino bíblico a respeito, com todas as suas conseqüências. Mas, firmados sobre esse ensino bíblico, admitimos a possibilidade da salvação da alma, antes e depois da morte biológica.

O trecho de Efé. 4:9,10 mostra-nos que a descida de Cristo ao hades, tanto quanto a sua ascensão aos céus, tiveram o mesmo propósito: fazer de Cristo tudo para todos; e isso se harmoniza com a mensagem geral do mistério da vontade de Deus e da restauração. Ver o artigo intitulado *Mistério da Vontade de Deus*. Temos aí uma das mais cativantes páginas da teologia cristã, que poupa o cristianismo de um inevitável pessimismo quanto ao alcance da expiação de Cristo. Muitos cristãos do passado e pelo menos alguns do presente sentem que se o único campo missionário é este mundo, então muitas almas se perdem sem terem tido oportunidade de ouvir o evangelho.

Mas, voltando àquela mensagem mais ampla e mais otimista, acerca dos resultados finais do evangelho, contemplada pelo prisma do mistério da vontade de Deus, temos a dizer que devemos despertar para o fato de que o Novo Testamento não apresenta sempre um mesmo nível de revelação. Antes, essa revelação foi dada gradualmente. Após ter muito ensinado aos Seus apóstolos, Cristo mostrou que o ministério do Espírito Santo teria começo, entre outras coisas, para conduzir os discípulos de Cristo a maiores discernimentos sobre a verdade de Deus. Lemos em João 14:26: «Mas aquele Consolador, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as cousas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito». Certamente alguns autores sagrados puderam ver mais longe do que outros. Certamente Paulo recebeu revelações inéditas (os seus «mistérios»). Assim, da mesma forma que o Novo Testamento ultrapassa ao Antigo, no tocante à amplitude e profundeza de suas revelações assim também certas porções do Novo Testamento sobem a alturas não atingidas por outras porções. Pedro reconheceu isso quanto aos escritos de Paulo, ao dizer: «...tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar acerca destes assuntos, como de fato costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas cousas difíceis de entender...» (II Ped. 3:15,16). Por outra parte, não há necessidade de tentarmos harmonizar esses discernimentos mais profundos com a mensagem cristã mais comum, da mesma forma que não devemos harmonizar legalismo do Antigo Testamento com o sistema da fé e

da graça divina, ensinado no Novo Testamento. A verdade pode dar saltos para a frente, pode sondar mais profundamente a vontade de Deus, pode enveredar por novas veredas, sem precisar limitar-se a discernimentos anteriores; pois a verdade de Deus jamais pode ser estagnada.

O jovem apóstolo Paulo viu-se em um conflito mortal com o antigo judaísmo tradicional. O idoso apóstolo Paulo tornou-se o recebedor de grandes mistérios cristãos. Foi então que a luz da esperança brilhou até o fim dos corredores do tempo, iluminando a vereda inteira da existência humana. Paulo como que recebeu a mensagem que diz: «Deus está sentado em seu trono, e tudo irá bem no mundo por Ele criado, *finalmente*». A eleição não falhará. Paulo referiu-se aos eleitos de Deus primária e supremamente. Mas, além dos eleitos, haverá a restauração dos demais, o que ocorrerá com a passagem das grandes *eras* ou ciclos da eternidade. Assim, nessas eras futuras da eternidade, a vontade de Deus contida em seu «mistério», finalmente haverá de beneficiar àqueles outros (os não-eleitos), embora sem levá-los à salvação que importa na filiação a Deus, mas levando-os a fazer parte da bendita *unidade* que haverá de caracterizar a provisão final do plano de Deus para todos os séculos.

A epístola aos Efésios dá-nos um profundo discernimento quanto à natureza da salvação, ao dizer que os remidos participarão, finalmente, de «toda a plenitude de Deus» (Efé. 3:19). O termo grego *pléroma* (em português, «plenitude»), que também foi usado pelas religiões misteriosas do passado, só pode significar a natureza divina com todos os seus atributos. Isso posto, visto que há uma infinitude com a qual seremos cheios, também haverá um enchimento infinito, que se estenderá por todas as eras da eternidade. O alvo do evangelho, pois, é uma participação finita, mas sempre crescente, dos remidos, na natureza divina e seus atributos. E esse, sem a menor sombra de dúvida, é o mais elevado conceito do evangelho de Cristo.

A epístola aos Efésios é uma das chamadas «epístolas da prisão», por haver sido redigida por Paulo quando ele era prisioneiro. As epístolas aos Filipenses, aos Colossenses e a Filemom também fazem parte dessas epístolas «da prisão». Alguns estudiosos cristãos têm errado, procurando apoio para as idéias paulinas da epístola aos Efésios, naquelas outras epístolas; mas outros têm tido a sabedoria de entender que há algo de ímpar na mensagem das epístolas aos Efésios e aos Colossenses.

A passagem de Efé. 2:8-10 é uma das declarações mais nítidas que há na Bíblia sobre a justificação mediante a graça divina e a fé, e sobre como esses conceitos relacionam-se às obras. A epístola aos Efésios faz soar uma grande trombeta em favor do progresso da revelação, em contraposição à estagnação dos dogmas; em favor de uma esperança a longo prazo, e não somente a curto prazo; em favor de uma teologia mais otimista; em favor do sucesso mais amplo do evangelho; em favor do amor de Deus.

11. **Filipenses.** Paulo precisou enfrentar dificuldades com os legalistas cristãos, e precisou repreendê-los nessa epístola (3:1 *ss*). Apesar de Paulo estar aprisionado, ao escrever essa epístola, a sua nota-chave é a *alegria* (1:4; 4:4). O fundamento do júbilo de Paulo pode ser achado em suas palavras em Fil. 1:21: «...para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro».

Doutrinamente, a passagem mais notável dessa epístola de Paulo é a sua descrição sobre a *encarnação* de Cristo (2:5 *ss*). Isso enfoca a difícil questão da «humilhação» de Cristo, quando a sua deidade, por assim dizer, ficou em segundo plano, transparecendo mais claramente a sua humanidade. Em segundo lugar, temos a passagem muito citada sobre a carreira apostólica de Paulo, onde ele se retrata como um atleta corredor, que avança celeremente na direção da meta final, onde o aguarda o prêmio do alto chamamento de Deus ao crente, na pessoa de Jesus Cristo (3:10-14). Finalmente, devemos destacar as expressões de gratidão de Paulo aos crentes de Filipos, por se terem associado a ele em suas aflições (4:10 *ss*). É nessa seção que ele emitiu sua famosa declaração: «...tudo posso naquele que me fortalece» (4:13).

12. **Colossenses.** Essa epístola foi escrita na mesma época da epístola aos Efésios, pelo que lhe é paralela em muitos aspectos. Todavia, na epístola aos Colossenses, Paulo combate a heresia gnóstica, razão pela qual tão enfaticamente destaca a doutrina da deidade de Cristo, em contraste com a opinião gnóstica que dizia que Cristo é apenas um dos *aeons* (mediadores angelicais) emanados de Deus. Ver o trecho de Fil. 2:9, onde se lê que Cristo tem, em Si mesmo, *toda* a plenitude (no grego, *pléroma*) de Deus, e não apenas algum fragmento dessa plenitude, o que faria dele apenas um entre muitos mediadores. Idéias errôneas dessa natureza, sobre a cristologia, sempre as houve no meio cristão, e vários dos concílios eclesiásticos da Igreja antiga tiveram de manifestar-se a esse respeito, combatendo as heresias cristológicas. E isso tem seu reflexo até os nossos próprios dias, como é o caso das chamadas Testemunhas de Jeová, que ensinam uma divindade apenas secundária de Jesus, e não a sua plena divindade. É claro que esse grupo moderno precisa dar mais atenção à epístola paulina aos Colossenses (sem falarmos noutros escritos neotestamentários, como, por exemplo, a primeira epístola de João).

O trecho de Col. 2:10 surpreende-nos ao afirmar que também teremos essa mesma plenitude, por meio de Cristo, o que concorda com o trecho de Efé. 3:19. O primeiro capítulo dessa epístola consiste em um exaltado estudo sobre a pessoa de Cristo, fazendo contraste com a aviltada cristologia dos gnósticos. Paulo também fornece-nos uma visão cristocêntrica do mundo; e, se usarmos o termo *Logos*, em vez de Cristo, então veremos aí um dos ensinamentos centrais do cristianismo, reverberando conceitos joaninos (ver João 1:1-14). Os trechos de Efé. 1:9,10,19 *ss* enfatizam a mesma coisa, ao referirem-se ao mistério da vontade de Deus e à restauração. A seção ética inclui uma das melhores passagens de que dispomos sobre a questão da *mentalidade celeste* (3:1 *ss*), que precisamos cultivar. De fato, essa seção ética segue bem de perto a epístola aos Efésios, também quanto a outros pormenores.

13 e 14. **I e II Tessalonicenses.** Essas duas epístolas acham-se entre as mais antigas composições do Novo Testamento. De fato, há quem pense que I Tessalonicenses é o primeiro de todos os livros do novo pacto. Também foram epístolas de «ocasião», ou seja, para enfrentar problemas específicos. Nesse caso, o principal problema era a questão do retorno de Cristo ao mundo. Certos crentes tinham deixado de trabalhar e estavam perturbando aos irmãos, por julgarem inútil continuar trabalhando, visto que, para eles, parecia que Cristo voltaria imediatamente. Essa controvérsia provocou a discussão do final do quarto capítulo de I Tessalonicenses, uma das mais inspiradoras passagens sobre a *parousia* (vide). Além dessa questão, a epístola aborda toda espécie de problema secundário, de mescla com muitas instru-

ções éticas. O terceiro e o quarto capítulos enfatizam a santificação do crente. A Igreja cristã nem sempre conseguiu vencer o paganismo de certos de seus membros. Pecados e erros crassos abundavam nas fileiras cristãs. O capítulo quinto mostra-nos qual deve ser a conduta do crente na *parousia*, em cujo tom termina essa epístola.

A segunda epístola aos Tessalonicenses volta a abordar o tema da *parousia*. Se alguém ler somente a primeira epístola aos Tessalonicenses, poderia extrair a conclusão apressada de que a volta de Cristo será iminente. Porém, o segundo capítulo de II Tessalonicenses mostra claramente que certos sinais antecederão à parousia, incluindo a apostasia e a vinda do anticristo. Isso posto, explicar I Tessalonicenses como se a mesma aludisse ao arrebatamento da Igreja, e II Tessalonicenses como se a mesma falasse à segunda vinda de Cristo para julgar o mundo (após o arrebatamento da Igreja), é uma maneira artificial e falsa de explicar as diferenças entre as duas epístolas. Pois o trecho de II Tes. 2:1 refere-se à «nossa união» com nosso Senhor Jesus Cristo, o que, sem dúvida nenhuma, refere-se ao arrebatamento. Seja como for, Paulo havia apresentado a questão da volta de Cristo em termos mais gerais, na primeira epístola aos Tessalonicenses, ao passo que entra em detalhes na segunda dessas duas epístolas, lançando maior luz sobre a ordem de acontecimentos que antecederão e acompanharão a *parousia*. Seja como for, a questão não fora bem entendida pelos crentes de Tessalônica, tendo-se tornado necessário que Paulo voltasse a instruí-los sobre a questão, com detalhes que ele não incluíra na sua primeira epístola àqueles crentes. É nessa segunda epístola aos Tessalonicenses que encontramos as mais completas descrições sobre o *anticristo* (vide), fora do livro de Apocalipse. Ver o segundo capítulo de II Tessalonicenses.

15,16 e 17. **As Epístolas Pastorais.** Essas epístolas são I e II Timóteo. e Tito. Essas cartas tradicionalmente formam uma unidade dentro da coletânea paulina. Encontramos ali as instruções para os ministros cristãos, homens e mulheres (profetisas, diaconisas); as regras a serem seguidas pelos líderes da Igreja; os ideais que supostamente devem prevalecer entre os cristãos; os modos de operação que devem prevalecer entre os crentes. Paulo apresenta as qualificações necessárias dos ministros do evangelho, além de tecer recomendações atinentes à dedicação dos crentes. Perturbações gnósticas formam parte do pano de fundo desses livros (ver Tim. 4:1 *ss*). O trecho de I Tim. 4:12 *ss* encerra uma das melhores exortações que há a um jovem ministro do evangelho, em todo o Novo Testamento. Para consternação de certos intérpretes, o trecho de I Tim. 2:4 tem uma declaração enfática sobre o *intuito universal* do evangelho, o que, logicamente, também envolve a idéia do *livre-arbítrio* (vide).

O trecho de II Tim. 4:7 *ss* contém uma das mais vívidas declarações de Paulo sobre como ele havia completado sua carreira, combatera o bom combate da fé e como agora esperava sua merecida coroa da imortalidade. O trecho de II Tim. 3:16 contém a melhor declaração bíblica sobre a inspiração das Escrituras.

Como um conjunto, as epístolas pastorais refletem claramente um período em que os bispos ou pastores exerciam autoridade sobre áreas geográficas, e não meramente sobre igrejas locais, e que tinham a autoridade para ordenar ministros naquelas áreas. Esse foi o começo de um governo eclesiástico um tanto mais complexo, e que acabou sofrendo muitos abusos, nos séculos que se seguiram, resultando esses abusos na criação de hierarquias eclesiásticas que culminaram no papado católico romano.

Há estudiosos que chamam as epístolas pastorais de *deuteropaulinas*, com o que dão a entender que algum discípulo de Paulo (ou mesmo algum autor posterior) incorporou nelas dados das atividades e dos ensinamentos de Paulo, para servirem de guia para jovens ministros. Essa questão é discutida, em seus detalhes nos artigos que abordam essas epístolas, sob o título *Autoria*.

18. **Filemom.** Paulo escreveu essa epístola com grande tato, procurando persuadir Filemom a restaurar a Onésimo, seu escravo fugido. Sentimo-nos desapontados diante do fato de que o cristianismo primitivo não tomou uma atitude mais firme contra a escravatura; mas também reconhecemos que, se o tivesse feito, isso poderia ter aumentado perigosamente as perseguições contra os cristãos, ameaçando o movimento inteiro com a extinção. Seja como for, o princípio do amor cristão, uma vez aplicado, finalmente destruiu o sistema escravisista, embora tenham sido necessários séculos e séculos nesse processo. Muitos cristãos deram liberdade espontânea a seus escravos, o que estavam no direito de fazer; mas muitos outros os retiveram. É incrível pensar quanto tempo foi preciso para os homens descontinuarem de vez esse sistema. Naturalmente, a escravidão continua até hoje, disfarçada, como a exploração do homem pelo homem. Há pessoas, em nossos próprios dias que, em face de seus salários ridiculamente baixos, estão em pior situação do que os antigos escravos, na média, os quais, pelo menos, recebiam de seus senhores um sustento que incluía as questões básicas da vida. Assim, a escravidão econômica pode ser considerada, quanto a certos aspectos, pior do que a escravidão literal.

19. **Hebreus.** Conforme declarou Orígenes: «Só Deus sabe quem escreveu a epístola ao Hebreus». Certamente não foi o apóstolo Paulo. Essa epístola foi escrita em um grego nativo e eloqüente, quase clássico. É provável que um judeu cristão de Alexandria a tenha composto, e não o missionário itinerante, Paulo. Seja como for, trata-se de um hábil estudo que coteja o antigo sistema da lei com o novo sistema da graça divina, que se acha em Cristo, o cumprimento de todos os tipos simbólicos e do sacerdócio do Antigo Testamento. Cristo é a oferenda final e definitiva, oferecida de uma vez por todas, que obviou a Moisés e aos profetas. A adoração a Deus, na pessoa de Cristo, eliminou a necessidade de um templo terreno, com seus ritos e cerimônias; e a legislação mosaica teve cabal cumprimento na sua pessoa e missão. Cristo, pois, ultrapassou a toda a concepção que se tinha de acordo com o antigo sistema. O *acesso* a Deus que apenas se buscava mediante a lei, as cerimônias e o sacerdócio do antigo pacto, foi plenamente obtido em Cristo. Assim sendo, agora aproximamo-nos do trono de Deus, desde que nosso Pioneiro, Cristo, abriu para nós o caminho, como nosso grande *Desbravador*. Em certo sentido, a mensagem central da epístola aos Hebreus é o *acesso* que agora nos foi franqueado até Deus, por meio de Jesus Cristo (10:19 *ss*). Em consonância com um dos grandes temas paulinos, esse acesso se dá através de nossa filiação (2:10). Muitos filhos de Deus estão sendo conduzidos à glória eterna. Quanto ao aspecto polêmico, o autor dessa epístola, quem quer que ele tenha sido, exorta a seus leitores a abandonarem sua tendência a apostatarem e retornarem ao reto caminho cristão. Isso foi feito mediante ameaças diretas (caps. 6 e 10), mas, principalmente, mostrando-se-lhes a superioridade da nova ordem em

relação à antiga ordem, assim removendo qualquer motivação para o retorno ao judaísmo. Em suma, o que a legislação mosaica não conseguira, devido às suas debilidades inerentes, isso fez Cristo, pois «...com uma única oferta aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados». (Heb. 10:14).

Notável, nessa epístola, é a sua relação dos heróis da fé (11:1 *ss*). E, embora pudéssemos dizer muitas coisas elogiosas acerca dessa epístola, basta-nos lembrar que esse escrito cristão frisa que, sem os heróis da fé do Novo Testamento, os heróis do Antigo Testamento jamais poderiam chegar à perfeição. Ver Heb. 11:39,40.

20. **Tiago**. Poucos estudiosos, hoje em dia, pensam que Tiago, um dos irmãos de Jesus, realmente escreveu essa epístola. Se assim tivesse sido, seria muito difícil explicar por que esse escrito não obteve posição canônica senão já vários séculos dentro da era cristã. Os que assim pensam argumentam que qualquer obra escrita por *aquele* Tiago certamente teria sido adotada no cânon das Escrituras Sagradas, desde o princípio, juntamente com os evangelhos e as epístolas de Paulo. Por isso, há quem pense que o livro foi escrito por algum cristão para quem Tiago, o irmão do Senhor, era um herói espiritual. Esse livro é o menos «cristão» de toda a coletânea do Novo Testamento, assemelhando-se muito mais com o tipo de material que se ouviria aos sábados, nas sinagogas judaicas. Não obstante, envolve elementos genuinamente cristãos, e o seu segundo capítulo encerra um tratamento da doutrina da justificação que parece refletir conhecimento das epístolas paulinas, com o intuito de contradizê-las. Para muitos intérpretes modernos, a epístola de Tiago é mais um reflexo do partido legalista da Igreja primitiva, em consonância com as informações que nos são dadas em Atos 15, em Romanos 3-5 e em Gálatas.

A impressão que se tem é que o autor da epístola simplesmente não tinha a mesma iluminação que Paulo tinha, acerca da *radical mudança* trazida pela mensagem cristã, e que ele continuava pensando como um fariseu convertido, conforme foi o caso de muitos judeus que se converteram ao cristianismo. Foi mister um longo tempo para a Igreja separar-se de antigas idéias; e a epístola de Tiago reflete um estágio ainda inicial da controvérsia. Não obstante, esse livro é muito expressivo como literatura cristã, prenhe de boas idéias e de passagens dignas de serem citadas, a despeito de sua posição deficiente sobre a justificação. Pois, se Paulo insiste que a justificação se dá exclusivamente pela fé, independentemente de obras (ver Rom. 3:28), Tiago afiança que o homem é «justificado por obras, e não por fé somente» (ver Tia. 2:24).

Não se deve pensar, porém, que a igreja tenha desistido de procurar harmonizar Paulo com Tiago. De fato, muitos estudiosos encontram solução para o aparente conflito entre esses dois luminares cristãos salientando que Paulo referia-se à justificação do ímpio, do pecador penitente, até aquele momento morto em seus delitos e pecados, cujas obras, por isso mesmo, Deus não pode levar em conta como razão de sua justificação; ao passo que o tema de Tiago é outro, a verdadeira justificação é aquela que, começando pela fé, no momento da conversão, daí por diante é confirmada por «obras da fé» (ver Tia. 2:22) da parte dos verdadeiros convertidos. O ponto de ataque de Tiago era o *antinomianismo* (vide) em que tinham afundado alguns de seus leitores originais, ou seja, aqueles que diziam ter fé, mas não a secundavam com suas obras produzidas pela fé. Para esses outros intérpretes não há nenhum conflito real entre Paulo e Tiago. Paulo referia-se à justificação a começar do momento da fé para trás; e Tiago referia-se à justificação a começar do momento da fé para diante. Daí suas fórmulas parecerem diferentes: Paulo = fé + nada; Tiago = fé + obras de fé.

Em outras passagens suas, Paulo concorda com a exposição de Tiago, porque ele também defendeu a tese que a fé deve ser positivamente produtiva, sob pena de ser inválida. Isso posto, Paulo concordava com a essência da mensagem de Tiago, visto que a graça e a fé são, naturalmente, produtivas. Em outras palavras, em vários trechos de suas epístolas, Paulo também usa a fórmula de Tiago, ou seja, um crente só pode considerar-se justificado se sua vida puder ser equacionada como caracterizada por «fé + obras de fé». Mais do que isso, ainda, essa produtividade espiritual da verdadeira justificação é uma obra do Espírito, que produz em nós as obras do Espírito. Todavia, para alguns, Tiago apresentou essa fórmula em termos definidamente *legalistas*, pois continuaria a incluir as obras da lei, em sua mente, ao pensar sobre a justificação. Vários reformadores da Igreja, como Lutero, reconheceram isso, embora outros, como já foi dito, continuem achando possível a harmonização entre Paulo e Tiago. Mas, há crentes igualmente sinceros que pensam que a *harmonização* não é sempre a chave que nos abre a porta da verdade.

21 e 22. **I e II Pedro**. O autor de I Pedro tinha uma visão bastante paulina da verdade cristã, e vários versículos dessa epístola parecem depender diretamente de idéias paulinas. O propósito básico dessa epístola foi o de fortalecer aos crentes que estavam enfrentando uma severa perseguição. Aos cristãos, pois, Pedro recomendou que continuassem obedientes a oficiais civis perseguidores, e isso como parte do dever cristão (ver 2:13 *ss*). A expiação pelo sangue de Cristo é cêntrica, sendo bem apresentada (ver 1:18 *ss*). Há uma seção pastoral nessa epístola, no começo de seu terceiro capítulo, — que alista os deveres de vários membros da família cristã. A dura prova que os cristãos primitivos estavam enfrentando é aliviada mediante a invocação à *parousia* (vide), em 4:7 *ss*. Esse tema pastoral prossegue no quinto capítulo, onde Pedro, como um dos pastores do rebanho, exorta a outros pastores, ele mesmo e estes debaixo das ordens do *Supremo Pastor*, Cristo.

Essa epístola foi escrita em bom grego, naturalmente difícil para aquele pescador da Galiléia. É possível que Silvano, que agiu como amanuense de Pedro (ver 5:12), fosse burilando as frases do apóstolo. Um importante tema dessa primeira epístola de Pedro é a questão da descida de Cristo ao hades (3:18-4:6), que usa um fraseado muito semelhante ao do livro pseudepígrafo de I Enoque. Seja como for, o motivo da descida de heróis e de deuses ao hades é praticamente universal. Esse motivo penetrou nos livros pseudepígrafos, e até no Novo Testamento, especialmente em Efé. 4:7 *ss*, e nessa passagem de I Pedro. O que fica demonstrado nesses trechos bíblicos é a *tridimensional* missão de Jesus Cristo: na terra, no hades e nos céus. Destarte, ele recebeu autoridade sobre todas essas dimensões da existência, podendo salvar almas humanas onde quer que elas se encontrem. O trecho de I Ped. 4:6 mostra que a descida de Cristo ao hades teve um caráter redentor, dando a entender que a oportunidade de salvação das almas humanas não cessa à beira do sepulcro. Essa é uma grande mensagem de esperança, de que precisa toda a humanidade. Ver o artigo intitulado *Descida de Cristo ao Hades*, quanto a maiores detalhes.

II Pedro, por sua vez, já foi epístola escrita em um grego um tanto artificial (como aquele que se aprenderia por meio de livros). Talvez Pedro não tivesse contado com a ajuda de um amanuense, e tivesse escrito, ele mesmo, essa epístola. Todavia, seu segundo capítulo assemelha-se muito com a epístola de Judas. Alguns têm perguntado se um apóstolo teria copiado de um escrito cujo autor não foi um apóstolo. Mas, é possível que exatamente o contrário tenha sucedido, isto é, que Judas tenha-se valido da segunda epístola de Pedro.

O propósito da segunda epístola de Pedro foi o de lembrar a proximidade da *parousia* (vide), a cristãos que muito sofriam sob perseguições, a fim de que robustecessem sua firmeza e fidelidade. Os mestres falsos são vigorosamente atacados. Talvez esses mestres falsos fossem os mestres gnósticos (cap. 2), visto que a doutrina que ensinavam ameaçava debilitar a fidelidade dos cristãos.

Um trecho significativo dessa epístola é II Ped. 3:15,16, onde as epístolas de Paulo são mencionadas como «Escrituras». Essa é a única passagem neotestamentária deste tipo, embora o trecho de Apo. 22:18 mostre que então já havia um cânon do Novo Testamento, em forma primitiva, e que o autor de Apocalipse queria que seu livro fosse incluído nesse cânon. O terceiro capítulo dessa epístola de Pedro dá atenção ao problema, agora já milenar, do adiamento da *parousia*, ou segundo advento de Cristo, porquanto, em quase dois mil anos (agora), essas predições bíblicas e neotestamentárias ainda não tiveram cumprimento. E, se por acaso esse livro foi escrito em meados do século II D.C. (conforme alguns estudiosos acreditam, ficando assim eliminada a autoria petrina), então isso refletiria o amortecimento da esperança da *parousia*, como também estaria havendo um ataque direto à eficácia e exatidão das predições bíblicas. Mas, a resposta dada pelo autor sagrado foi que o modo de Deus calcular o tempo não é como o nosso, — e nem Deus faz as coisas às pressas. Acresça-se a isso a idéia de que esse adiamento visa ao benefício dos homens. Pois Deus não quer que «nenhum pereça» (II Ped. 3:9). Esse versículo tem-se tornado o fulcro de uma já centenária discussão em torno do determinismo (eleição divina) versus livre-arbítrio humano. Parece claro que o versículo favorece a idéia de um intuito *universal* do evangelho, juntamente com a idéia do *inerente poder* do homem aceitar o evangelho.

23,24 e 25. **I, II e III João.** A literatura joanina inclui, além dessas três epístolas, o evangelho de João e o Apocalipse. A grande variedade de qualidade do grego, entre esses livros joaninos tem levado alguns intérpretes a julgar que não se deve pensar em um único autor para esses cinco livros, embora o evangelho de João e a primeira epístola de João muito se assemelhem entre si. Esses intérpretes, pois, preferem falar sobre a escola joanina, da qual fariam parte discípulos de João, que então preservaram suas idéias, declarações e parte de sua correspondência. O grego do evangelho de João é superior ao que poderia ser produzido por um pescador da Galiléia, embora pudesse ter sido burilado por um amanuense. O grego do Apocalipse é o de um não-nativo, e contém muitos erros gramaticais. O idioma nativo do seu autor era o aramaico, enquanto que o grego era uma língua adquirida. Por isso, os eruditos postularam a existência de um João, o vidente (membro da escola joanina), que seria diferente do apóstolo João. A literatura joanina conta com vários elos de ligação, sob a forma de temas, idéias e vocabulário.

Em suas epístolas, João combate o *docetismo* (vide), que era ensinado por primitivos mestres gnósticos. Ver o artigo chamado *Gnosticismo*. O autor delas não revela seu nome, mas a similaridade entre o evangelho de João e, pelo menos a primeira epístola de João, é muito evidente. Além disso, I João 1:1, sem qualquer dúvida, foi escrito por uma testemunha ocular da manifestação do Logos encarnado.

O principal tema espiritual e prático de I João é o *amor* de Deus. Aprendemos, em 4:7 *ss* dessa epístola que o amor é a prova mesma da espiritualidade, e não algo que nós, os crentes, podemos ter ou não, segundo nossos caprichos e conveniências. A idéia do anticristo é outro tema; mas essa epístola não descreve um único anticristo pessoal. Antes, o gnosticismo, para o autor, incorporava as idéias do anticristo. Mas, quanto ao futuro *anticristo* (a primeira besta do Apocalipse), esse autor parece que não tinha qualquer idéia (2:18 *ss*). O trecho de I João 3:2,3 contém uma notável declaração sobre a *parousia* (vide) de Cristo, e o que ela deve significar para nós. Quando da manifestação visível e futura de Cristo, haveremos de assumir a sua própria imagem, e então «seremos semelhantes a ele». Por sua vez, isso insufla em nós uma esperança purificadora. Ver o artigo intitulado *Transformação Segundo a Imagem de Cristo*. A passagem de I João 5:3 constitui um versículo muito usado acerca da segurança que o crente deve ter sobre a sua salvação pessoal. A oração eficaz está alicerçada sobre esse senso de segurança do crente. Essa epístola também tem algumas significativas declarações acerca do pecado. I João 1:8 elimina, no caso do crente, a perfeição como uma experiência presente. O versículo seguinte, porém, garante-nos o perdão dos pecados, com base na confissão dos mesmos, ou seja, com base no fato de que o crente os reconheça e abandone. I João 5:18 mostra que uma pessoa que nasceu de Deus não vive no âmbito do pecado, não vive viciado no pecado. I João 5:16 fala sobre «pecados para morte», ou seja, pecados que, devido à sua gravidade, levam à morte física, ou mesmo à morte espiritual (segundo certos intérpretes). I João 5:17 fornece-nos uma breve e prática definição do pecado. «Toda injustiça é pecado». Uma definição igualmente sucinta, mas muito esclarecedora, é a de I João 3:4: «o pecado é a transgressão da lei». O trecho de I João 5:19 fala sobre o imenso poder de Satanás, visto que a humanidade inteira «jaz no maligno». E I João 5:20 encerra poderosíssima afirmação da plena deidade de Cristo: «...estamos no verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna». E a epístola é encerrada com um apelo para que os cristãos mantenham-se isentos de qualquer forma de idolatria.

II João é uma pequena epístola pessoal (enviada a uma senhora cristã). Essa epístola recomenda que não se dê hospitalidade a certos evangelistas itinerantes, provavelmente *gnósticos* em sua natureza, que estavam corrompendo à Igreja primitiva. O versículo oitavo (essa epístola não é dividida em capítulos, devido à sua pequena extensão) adverte-nos contra a possibilidade de perdermos os galardões já conquistados, o que, incidentalmente, mostra a *solenidade* dos desvios para longe da doutrina cristã.

III João é uma breve epístola de apenas quinze versículos, o menor de todos os vinte e sete livros do Novo Testamento. Foi endereçada a Gaio, um ancião ou pastor cristão, acerca de um certo Demétrio, perturbador dos crentes. Mui provavelmente, esse homem era um mestre gnóstico. Parece que certos líderes do gnosticismo já se tinham assenhoreado de igrejas cristãs locais.

26. **Judas**. Essa epístola de um único capítulo (vinte e cinco versículos) é uma diatribe contra falsos mestres que estavam procurando corromper aos primitivos cristãos em vários sentidos. Provavelmente eram mestres gnósticos. A segunda epístola de Pedro incorpora quase tudo quanto Judas disse, em seu segundo capítulo. A doxologia da epístola (vss. 24,25), é uma forte afirmação de que Deus prosseguirá em nós a obra já iniciada por ele, levando-a a bom termo. Isso reflete a mesma confiança de Paulo, expressa, por exemplo, em Fil. 1:6. *Quarto Tipo Literário: o Apocalipse* (o cumprimento do plano de Deus)

Quarto Tipo Literário: o Apocalipse (o cumprimento do plano de Deus)

27. **Apocalipse**. Embora apareça como último livro do Novo Testamento, é provável que esse livro tenha sido escrito antes de alguns poucos outros da coletânea neotestamentária, como as três epístolas joaninas, Judas, II Pedro, e, talvez, até o evangelho de João. Trata-se do único volume inteiramente profético preditivo do Novo Testamento, escrito com a idéia central de que a *parousia*, a volta de Cristo ao mundo, está próxima, e que o império romano em breve seria destruído. O autor sagrado não aguardava uma longa era da Igreja. A mando de Cristo, ele dirigiu o livro a sete igrejas cristãs da Ásia Menor (atualmente, parte ocidental da Turquia), dando a cada uma delas uma mensagem especial, uma pequena missiva em separado. O restante do livro fala elaboradamente sobre o julgamento vindouro que provocaria a queda de Roma. Esses juízos divinos têm sido aplicados pelos intérpretes futuristas ao tempo do fim (quando se estiver cumprindo a septuagésima semana de Daniel; ver Dan. 9:20 *ss*), e também têm sido universalizados (ou seja, recairiam sobre o mundo inteiro, e não somente sobre o império romano do passado).

O Apocalipse também fala sobre o reino milenar de Cristo (cap. 20), após o qual virá o estado eterno. A doutrina do milênio já aparecera nos livros pseudepígrafos (mil anos no livro de Jubileus; trezentos anos em I Enoque). Ao estado eterno não é reservada uma longa descrição, embora o que é dito seja muito eloqüente. O Cordeiro de Deus, sacrificado pelos pecados do mundo (ver João 1:29), é o mesmo Cordeiro *entronizado* do Apocalipse. O triunfo final de Cristo, sobre todos os seus inimigos, é o tema dominante desse último livro da Bíblia. Entre os livros apócrifos do Novo Testamento, apareceram vários apocalipses. E assim, ele não foi o último desse gênero. Mas também não foi o primeiro, porque já havia apocalipses entre os livros pseudepígrafos do Antigo Testamento. Porém, esse é o maior de todos os escritos semelhantes da herança hebreu-cristã, e o único que mereceu posição canônica.

A coletânea do Novo Testamento não é tão homogênea como os teólogos sistemáticos gostariam que crêssemos. Mas, embora incorporando certa variedade de idéias e tipos literários, trata-se de uma unidade que tem por tema dominante a pessoa de Jesus, o Cristo, a sua missão, o seu propósito e a sua realização, no campo da redenção humana. A advertência do Apocalipse contra aqueles que quiseram alterar em qualquer sentido a sua mensagem (22:18) não teve por intuito encerrar a revelação divina, e nem pôr fim ao cânon neotestamentário. Seguiram-se ao Apocalipse vários livros que vieram a fazer parte do cânon do Novo Testamento. Ademais, nunca poderemos assinalar um tempo em que poderemos dizer: «Não, não pode revelar mais do que isso». Não obstante, quanto a outros escritos sagrados, precisamos de provas e demonstrações que os tornem dignos de consideração universal pelos fiéis. É o dogma que encerra caprichosamente a revelação; e também é o dogma que determina que revelações isoladas e provinciais se revistam da autoridade.

III. Autoridade do Novo Testamento

1. *Inspiração*. A declaração de II Tim. 3:16, de que «toda Escritura é inspirada» por Deus não tinha aplicação à coletânea do Novo Testamento, senão indiretamente. Todavia, lógica e espiritualmente aplica-se mesmo ao Novo Testamento, posto que não dogmaticamente. Isso é verdade porque o Novo Testamento, afinal de contas, é mais importante que o Antigo, levando avante, até às suas últimas conseqüências, a mensagem espiritual iniciada no Antigo Testamento. Se os *preliminares* foram inspirados por Deus, então o *cumprimento* do plano também deve ser inspirado.

O Novo Testamento é a sua própria autenticação. Aqueles que não sentem sua força são precisamente aqueles que não o lêem o bastante. Cada livro do Novo Testamento tem o seu poder especial, e a coletânea, como um todo, ressalta como nossa principal autoridade e diretriz. Quanto a comentários sobre a *inspiração* das Escrituras, ver o artigo geral intitulado *Escrituras*, em sua segunda seção, *Inspiração das Escrituras*; em sua terceira seção, *A Autoridade das Escrituras*; e em sua quinta seção, *Níveis e Tipos de Inspiração*.

2. *Historicidade*. O Novo Testamento, embora seja uma obra de cunho teológico, repousa sobre certos eventos históricos extraordinários, que demonstraram o poder e a autoridade do Senhor Jesus, o Cristo. Ver o artigo separado *Historicidade dos Evangelhos*.

3. *Jesus* é o poder por detrás do Novo Testamento; e o quanto ele está investido de autoridade, assim também se dá com a coletânea de livros sagrados que fala acerca dele. Foi ele mesmo quem disse: «Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra...» (Mat. 28:18). Ver o artigo intitulado *Jesus*.

4. *Paulo* foi um homem de incomum intelecto e de profundas experiências místicas. Ele foi o principal porta-voz do Senhor Jesus. Foi instrumento da revelação divina, e as suas epístolas, embora nelas não se ache qualquer declaração de que tudo ali era inspirado, nem por isso elas não são inspiradas em sua íntegra, não havendo motivo algum para duvidarmos que Paulo foi um instrumento especial de mensagem espiritual de Deus. Os *mistérios* revelados a Paulo levam-nos além de outros autores humanos, tanto do Antigo quanto do Novo Testamentos.

5. A *autoridade apostólica* (vide) foi uma importante realidade nos primórdios do cristianismo. A mensagem do evangelho foi anunciada primeiramente pelos apóstolos. E, assim como eles estavam investidos de uma especial autoridade espiritual, outro tanto deve ser dito acerca de seus escritos, e até acerca daqueles escritos que contêm suas idéias e instruções.

6. *O Cânon*. Dificilmente poder-se-ia acreditar que o cânon do Novo Testamento foi formado por puro acidente. Apesar de ser verdade que outros livros poderiam ser incluídos, e que alguns deles poderiam ser omitidos, o impacto geral do cânon, conforme o conhecemos, dificilmente pode ser ignorado. Realmente, existe algo de *incomum* quanto ao cânon do Novo Testamento. O cânon do Novo Testamento reúne uma importante mensagem divina. Nunca houve coletânea mais influente do que o Novo Testamento, sobre as idéias religiosas e espirituais dos homens. Isso não pode ter sucedido por acaso. Ver o

artigo *Cânon do Novo Testamento*.

7. A *experiência humana*, embora sempre sujeita a variegadas interpretações, não pode ser ignorada quanto a essa questão da autoridade. Só pode ter poder aquilo que leva os homens a agirem e continuarem agindo, a esperarem e continuarem esperando, a mudarem suas ações e continuarem mudando-as. Nenhum documento tem exercido maior poder sobre a maneira como os homens agem do que o Novo Testamento. O Novo Testamento já foi traduzido para mais de mil idiomas diferentes. Esse fenômeno que é o Novo Testamento não pode ter vindo à existência por mero acidente.

8. *Autoridade*. Ver o artigo geral com esse título.

Bibliografia. AM E EN GUN H MICH NAI TI Z

NOVO TESTAMENTO (PACTO)

Esboço:

I. Definição
II. O Maior de Todos os Pactos
III. Nova Aliança
IV. Promessas do Novo Testamento
V. O Novo Testamento: Seus Propósitos

I. Definição

O vocábulo grego **diatheke**, embora fosse a palavra comum para indicar um «testamento», também podia ser usado com o sentido de «aliança», sem qualquer pensamento sobre a necessidade de morte para que as condições da mesma fossem válidas. No A.T., os «pactos» de Deus, firmados com os patriarcas, na versão da Septuaginta (tradução do A.T. hebraico para o grego, completada cerca de duzentos anos antes da era cristã), são expressos por essa palavra.

II. O Maior de Todos os Pactos

1. Esse é o **pacto universal**, que também é um testamento, razão pela qual garante a nossa herança (ver as notas no NTI em Rom. 8:17).

2. Serve de confirmação do pacto abraâmico. (Ver o artigo sobre *Pactos*).

3. Esse pacto garante a salvação dos eleitos. (Ver os artigos sobre *Eleição* e *Salvação*).

4. Esse pacto também tem aplicação universal. (Ver o artigo sobre a *Missão Universal do Logos 'Cristo'*). É impossível que exista algo fora do alcance da missão transformadora de Cristo. Pois, finalmente, Cristo reunirá todas as coisas em volta de sua pessoa. A restauração dos perdidos, entretanto, não é a mesma coisa que a salvação dos eleitos. Ver o artigo sobre *Restauração*.

Nas Escrituras, um «pacto» é alguma espécie de acordo solene entre Deus e o homem, quase sempre condicionado a alguma obrigação da parte do homem, para que receba a bênção prometida. Até o «novo pacto» requer fé e diligência da parte do homem, segundo a epístola aos Hebreus no-lo demonstra abundantemente, com suas muitas advertências contra a indiferença e o desvio, que conduzem à apostasia. As provisões centrais de Deus, como a fé, o arrependimento, a conversão e a santificação, são todas estradas de duas pistas — a divina e a humana. A pista divina apresenta a provisão para o despertamento e para o desenvolvimento espirituais; mas a pista humana deve aceitar e aplicar resolutamente essa provisão. Assim também sucede com as alianças. A Abraão foi prometida muita terra e muitos descendentes; e esse bem-estar espiritual seria dado a seus descendentes; no entanto, «muitos dos descendentes de Abraão» não receberam tal bênção, mas antes, caíram na desaprovação divina, porquanto creram, erroneamente, que o pacto nada exigia da parte deles.

III. Nova Aliança

Assim chamada em contraste com a **antiga aliança** do A.T. Ver I Cor. 11:25. A *Nova Aliança* é um *pacto* de Deus com os homens, os detalhes do qual são dados no livro, *O Novo Testamento*, mesmo como o *antigo* pacto é descrito no livro, o *Antigo Testamento*. A palavra *nova* é autêntica neste ponto, embora não figure na tradição dos evangelhos sinópticos. No trecho de Luc. 22:20 essa palavra aparece na maioria dos manuscritos e traduções; mas isso pode ter sido feito para obtenção de harmonia com a presente passagem, podendo não ter feito parte original do evangelho de Lucas. É provável que a palavra «nova» seja uma adição feita pelas igrejas, embora se trate de uma verdade bíblica. E também é possível que tenha sido uma adição lucana à tradição sinóptica, e não uma adição escribal. Quanto à passagem que ora comentamos, Paulo provavelmente tinha em mente o trecho de Jer. 31:31-34, embora não haja qualquer indício, nessa passagem, da necessidade de um sacrifício para ratificar a aliança, conforme é inerente na citada passagem. A «nova aliança», que seria estabelecida com Israel, através do Messias, tomaria o lugar da antiga aliança. Outrossim, seria uma aliança de âmbito universal, firmado com a humanidade inteira. E Israel haverá de aceitar, finalmente, a nova aliança, conforme nos ensina o décimo primeiro capítulo da epístola aos Romanos. E com isso concordam as previsões feitas por místicos modernos, os quais afirmam que Israel, finalmente, tornar-se-á uma nação «cristã».

Essa aliança é *nova* em contraste com a «antiga», que fora firmada com a nação de Israel e com os patriarcas; mas também é nova para a humanidade. Está envolvida uma nova forma de salvação, com dimensões que nem ao menos podem ser contempladas na antiga aliança, a saber, a própria participação na natureza divina. (Ver o artigo sobre a *Salvação*).

Superior aliança, Heb. 8:6. Esse pacto é «superior» porque confere aos homens um melhor acesso a Deus, conferindo-lhes a plena salvação envolvida na filiação (ver o artigo sobre a *Salvação*). O antigo pacto cuidava, essencialmente, de questões terrenas, e até mesmo quando as transcendia, falava apenas vagamente das realidades celestiais. Mas o novo pacto nos transmite a própria natureza de Cristo, (II Cor. 3:18). Basta um momento de reflexo sobre esses tópicos, para ficar amplamente ilustrado em que sentido a nova aliança é «superior» a qualquer coisa que tivesse sido contemplada na mensagem do A.T.

Um pacto é um «acordo» entre duas partes, normalmente sob certas condições, tendo em mente um alvo comum de bem-estar. Alguns aspectos dos pactos bíblicos são «incondicionais»; mas em todos eles há certas condições impostas aos homens. Até mesmo no caso do novo pacto o indivíduo precisa crer, entregando sua própria alma a Cristo, a fim de que possa ser transformado em sua imagem moral e metafísica. Nessa transformação é dada a «salvação» prometida pelo pacto. Isso não pode ser feito se não tivermos suas leis espirituais escritas em nossos corações (conforme fica demonstrado no restante do capítulo); e isso é outra maneira de dizer que a glorificação vem mediante a santificação, segundo somos ensinados em II Tes. 2:13.

IV. Promessas do Novo Testamento

Com base em promessas superiores, Heb. 8:6. Os antigos pactos tinham certo valor espiritual; mas este era compreendido imperfeitamente, sendo transmitido apenas parcialmente, ou mesmo em nenhum

sentido, em todos eles. Os altos níveis do bem-estar espiritual, o acesso a Deus, mediante a participação em sua natureza e perfeições, não eram temas dos pactos mais antigos, mas tais conceitos, relativos à salvação, vieram até nós mediante as revelações neotestamentárias. As melhores promessas incluem a «nova lei», que é a do coração, espiritual e misticamente ministrada através das operações do Espírito Santo, que garantem a santificação, o que é necessário para a nossa glorificação final. (Ver o artigo sobre a *Santificação*). As melhores promessas incluem a mensagem dos versículos décimo e décimo primeiro deste capítulo. A *nova lei* santifica; há um conhecimento mais pleno de Deus, mediante o que nos vem o total bem-estar; tudo isso é aplicado universalmente, pois não se trata de alguma operação de pequena monta. (Esse conceito pode ser comparado com Rom. 11:32). O primeiro capítulo da epístola aos Efé. é a descrição de como tudo isso se realizará.

«As promessas do A.T. envolviam primariamente bênçãos terrenas; o N.T. tem promessas de bênçãos celestiais. O cumprimento exato das promessas terrenas foi dado em garantia do cumprimento das promessas celestiais. 'Tal como um médico que prescreve uma certa dieta, para então, quando o paciente começa a se recuperar, a modifica, permitindo aquilo que antes proibira; ou então como um mestre que dá a seu aluno uma lição elementar, que o prepara para um estágio superior', assim disse o rabino Albo, em *Ikkarim*. O trecho de Jer. 7:21,22 mostra-nos que o desígnio de Deus, no ritual do antigo pacto, era que este era pedagógico, como um mestre-escola que prepara para a recepção de Cristo» (Faucett, *in loc.*). (Ver também Gál. 3:24 quanto a esse conceito).

Moisés foi o mediador do antigo pacto (ver Gál. 3:19 e Êxo. 20:19). Cristo absorveu o mesmo, ultrapassando-o em sua obra; e assim se tornou o mediador do pacto superior. O trecho de Heb. 10:19 dá início ao longo desenvolvimento de como o novo pacto é «melhor». A superioridade de Cristo em relação a Moisés, tanto em sua natureza como em sua missão, subentende que o pacto que vem por meio dele deve ser maior, pois maior é o seu mediador.

Foi o «mais excelente ministério» de Cristo que possibilitou tudo isso. O sacerdócio aarônico jamais poderia ter obtido tão gigantescas realizações espirituais.

V. O Novo Testamento: Seus Propósitos

1. É óbvio que no novo pacto encontramos os meios da salvação, pois através desse novo pacto, é que os homens podem obter a redenção. (Ver o artigo sobre a *Salvação*). A epístola aos Hebreus é um manual sobre «como foi provida a salvação pelo nosso Sumo Sacerdote».

2. O N.T. foi estabelecido a fim de cumprir os objetivos de todos os demais pactos. (Ver o artigo sobre «Pactos»).

3. O novo pacto encerra certo número de *realidades melhores* (quando postas em contraste com o pacto da lei). (Ver Heb. 4:14 e 8:8).

4. Jesus, na qualidade de Sumo Sacerdote do novo pacto, é superior aos antigos sacerdotes levíticos em cinco aspectos. (Ver Heb. 8:1).

5. Esse pacto conduz os homens a Deus, na posição de filhos (ver Heb. 2:10). Isso já havia sido contemplado pelos pactos mais antigos, mas não havia sido concretizado.

6. O novo pacto opera por intermédio da fé (ver Heb. 11:1). Por conseguinte, é eficaz, em contraste com o caminho legal.

«...o que está aqui em pauta pode ser chamado tanto de testamento como de pacto; um testamento, porque se funda sobre a boa vontade e o beneplácito de Deus que envolve uma herança conferida por Deus Pai a seus filhos, a qual foi confirmada e chega até eles pela morte de Cristo, o Testador; e um pacto, por ser um acordo feito entre Deus Pai e Cristo, sendo este último o Representante de todos os eleitos» (John Gill).

Em Heb. 9:22 Jesus é chamado de «fiador» do pacto, em outras passagens, ele recebe o título de «Mediador». (Ver Heb. 8:6; 9:15 e 12:24). O termo grego *diatheke* ocorre por trinta e três vezes nas páginas do N.T., dezessete das quais na epístola aos Hebreus. (Ver Heb. 7:22; 8:6,8,9 (duas vezes), 10; 9:4 (duas vezes), 10,15 (duas vezes), 17,20; 10:16,29; 12:4 e 13:20). Talvez somente em Heb. 9:16 e *ss* é que o termo deva ser compreendido, claramente, como um «testamento»; mas a mensagem do próprio N.T. com freqüência expressa os benefícios que chegam aos homens através da morte de um testador e sua herança, ou seja, através de um «testamento», embora a própria palavra grega nem sempre seja usada com esse significado. Nenhuma expressão mais doce foi jamais proferida que «Novo Testamento».

NOVO TESTAMENTO, CÂNON DE

Ver *Cânon do Novo Testamento*.

NOVO TESTAMENTO, ÉTICA DO

Ver sobre *Ética*, seção IX. *Ética Teísta*.

NOVO TESTAMENTO, LÍNGUA DO

Ver *Língua do Novo Testamento*.

NOVO TESTAMENTO, LIVROS APÓCRIFOS DO

Ver *Livros Apócrifos do Novo Testamento*.

NOVO TESTAMENTO, MANUSCRITOS DO

Ver sobre *Manuscritos do Novo Testamento*.

NOVO TESTAMENTO, TEOLOGIA DO

Ver *Teologia do Novo Testamento*.

NOVO TESTAMENTO, TEXTO DO

Ver sobre *Manuscritos do Novo Testamento*.

NOVOS CÉUS E NOVA TERRA

Ver sobre *Nova Criação*.

NU, NUDEZ

Ver **Nudismo**, que é uma exibição pública e formalizada da nudez, inspirada por certa complexidade de motivos psicológicos.

No hebraico, precisamos considerar sete palavras; e no grego, duas:

1. *Maarummim*, «nus». Essa palavra hebraica ocorre por apenas uma vez, em II Crô. 28:15.

2. *Erom*, «nu». Esse termo hebraico aparece por dez vezes: Gên. 3:7,10,11; Deu. 28:48; Eze. 16:7,22,39; 18:7,16; 23:29.

3. *Arom*, «nu». Esse vocábulo hebraico figura por dezesseis vezes: Gên. 2:25; I Sam. 19:24; Jó 1:21;

22:6; 24:7,10; 26:6; Ecl. 5:15; Isa. 20:2-4; 58:7; Osé. 2:3; Amós 2:16; Miq. 1:8.

4. *Eryah*, «nudez». Palavra hebraica que aparece por cinco vezes: Miq. 1:11; Eze. 16:7,22,39; 23:29.

5. *Arah*, «desnudar-se». Palavra hebraica que ocorre por apenas uma vez com esse sentido, em Lam. 4:21.

6. *Maor*, «nudez». Esse termo hebraico foi usado por apenas uma vez, em Hab. 2:15.

7. *Ervah*, «nudez». Palavra hebraica que aparece por cinqüenta e duas vezes, começando em Gên. 9:22 e terminando em Osé. 2:9.

8. *Gumnós*, «nu». Adjetivo grego que ocorre por quinze vezes: Mat. 25:36,38,43,44; Mar. 14:51,52; João 21:7; Atos 19:16; I Cor. 15:37; II Cor. 5:3; Heb. 4:13; Tia. 2:15; Apo. 3:17; 16:15 e 17:16.

9. *Gumnótes*, «nudez». Substantivo grego que figura por três vezes: Rom. 8:35; II Cor. 11:27; Apo. 3:18.

Nas Escrituras Sagradas, essa palavra é usada em dois sentidos: a. no sentido de nudez absoluta, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 3:25; Jó 1:21; Ecl. 5:15; Amós 2:16; Miq. 1:8. b. No sentido de estar inadequado ou pobremente vestido, segundo se verifica, por exemplo, em Isa. 58:7; Mat. 25:36; Tia. 2:15. Em João 21:7, onde se lê que o apóstolo Pedro «se havia despido», está em foco apenas o fato de que ele tirara as vestes externas, não implicando em nudez absoluta.

O relato bíblico sobre Adão e Eva, que procuraram fazer para si mesmos aventais com folhas de figueira, após terem caído ambos no pecado, ilustra o fato de que a criatura humana caída fica melhor vestida. O trecho de Gên. 2:25 indica que antes da queda, ambos estavam despidos, mas não se envergonhavam disso. Não parece estar em foco que não tinham então consciência de sua nudez, e, sim, que antes do pecado, a nudez não envolvia qualquer malignidade em pensamento ou ação. Porém, após eles terem adquirido o conhecimento do bem e do mal, tornou-se aconselhável e quase imperioso usar vestes, sem dúvida, em face de implicações sexuais.

A narrativa sobre como Noé embebedou-se e desnudou-se no interior de sua tenda, sendo assim surpreendido por seus filhos (ver Gên. 9:20-23), demonstra o senso de vergonha envolvido na nudez, inteiramente à parte do pecado de Cão, que parece ter zombado de seu pai, naquele estado de embriaguez e nudez, e, por esse motivo, sofreu justo juízo, em face de sua atitude desrespeitosa.

As tribos selvagens, internadas nas florestas tropicais, não parecem sentir pejo por andarem despidas ou quase inteiramente despidas. Entre certas tribos indígenas brasileiras, seus membros têm o cuidado de ocultar suas partes pudendas, pelo menos. As donzelas fazem-no com um mero fio, e sentem-se horrendamente envergonhadas se perdem aquele fio. Assim, muitos sociólogos e outros pensadores pensam que tudo é uma questão convencional. Porém, parece melhor pensarmos que há razões psicológicas autênticas por detrás da necessidade do vestuário, embora obscuras.

Em nossa época de cada vez maior permissividade, a grande maioria das pessoas ainda assim envergonha-se de sua nudez, sob certas circunstâncias, pelo menos. Mas, noutras circunstâncias, como na praia ou nos festejos carnavalescos, talvez devido a uma atitude de multidão, quando o comportamento humano realmente muda, conforme os psicólogos nos mostram, as pessoas perdem a vergonha e se expõem aos olhares de todos, de forma cada vez mais atrevida. É difícil entender essa duplicidade de atitudes no tocante à nudez. Acresça-se a isso que as mulheres é que estão sempre mais prontas a exporem seus corpos nus ou seminus, naquelas e em outras circunstâncias. Possivelmente isso se deva a uma inclinação feminina para o *exibicionismo*, uma característica genética herdada, que se torna um chamariz para os homens, tendo em vista garantir a propagação da espécie humana, ou mesmo dar provas da beleza plástica das pessoas que assim fazem. Muitas mulheres parecem não ter perfeita consciência dos poderosos efeitos que o corpo feminino exerce sobre os homens; mas, sem importar até que ponto elas têm *consciência* disso, o fato é que as mulheres sabem assegurar aos homens a excitação necessária. Por isso mesmo é que as Escrituras recomendam insistentemente a necessidade da *modéstia* (vide) às mulheres que têm confiado no Senhor Jesus Cristo. Ver I Tim. 2:9,10; I Ped. 3:1,2.

Usos Figurados:

1. Destituído de retidão, ou seja, coberto de vergonha e miséria (Apo. 3:17,18). A passagem envolve uma das igrejas locais da Ásia Menor, bem como todas as comunidades cristãs que caírem em idêntico defeito.

2. Privação do favor e da proteção divinos, tornando as pessoas envolvidas presas fáceis de seus adversários (Êxo. 35:25; II Crô. 28:19).

3. A vergonha envolvida no estado de pecaminosidade (Gên. 3:7,10,11).

4. A alma pecaminosa está nua aos olhos de Deus, ou seja, ele conhece tudo a respeito dela, e nada lhe é oculto (Apo. 3:18).

5. Uma terra nua é aquela que jaz em ruínas, na pobreza e na iniqüidade (Eze. 16:8).

6. O adjetivo «nu» pode ser usado para falar sobre o caráter transitório das possessões materiais ou da glória das mesmas (Jó 1:21).

7. A bancarrota espiritual (Apo. 3:17). Um indivíduo pode estar esplendidamente vestido, ao passo que sua alma está nua e destituída.

8. A nudez também é emblema de aflições e privações (Isa. 20:3; Miq. 1:8).

A Nudez nos Sonhos e nas Visões

1. De acordo com os arquétipos postulados por Jung (vide), a nudez pode apontar para o desejo de remover a própria máscara, a falsa impressão que o indivíduo tem dado propositalmente a seus semelhantes. O sonhador quer remover tal ludíbrio e tornar-se mais sincero e honesto. E esse desejo pode ser simbolizado pelo ato de tirar as roupas, em um sonho.

2. Ser desnudado indica ser descoberto, ser pilhado quanto aos maus propósitos; ou, então, ser humilhado; ou, então, ter liberados os desejos reprimidos.

3. Freud afirmava que a maioria dos sonhos que envolve nudez corresponde ao desejo íntimo, por parte do sonhador, de expor-se, sem importar qual situação esteja em pauta.

4. Um sonho desses pode apontar para o desejo de atrair a atenção, por parte de alguém que se sente negligenciado por outrem.

5. Mas esse tipo de sonho também pode exprimir o temor de ter os motivos e ações descobertos, sobre qualquer questão.

6. Também pode estar em foco o desejo de voltar à infância, libertando-se assim das inibições da vida adulta, visto que a criança anda nua à vontade, sem qualquer pejo.

7. Finalmente, também pode estar em evidência a atitude exibicionista, de qualquer tipo que seja, físico, mental ou mesmo espiritual.

NUDISMO

Ver o artigo geral sobre **Nu, Nudez**. Esse artigo dá os termos bíblicos relativos ao assunto, além de observações históricas e usos figurados daqueles termos.

Nudismo é um vocábulo de sentido bastante lato, indicando qualquer prática que envolva o ato de ficar despido, em público ou em particular, ou mesmo de fazer isso apenas ocasionalmente. Porém, no seu sentido mais restrito, refere-se à nudez organizada. Com base no desejo de um nudismo organizado, colônias de nudistas vieram à existência.

Antes da Primeira Grande Guerra, na Alemanha, homens como Henrich Pudor e Paul Zimmerman recrutaram pessoas para formar comunidades nudistas. As primeiras colônias nudistas, em contraste com o conceito popular sobre as mesmas, tinham regras severíssimas: não se podia ingerir bebidas alcoólicas; exigia-se a participação de todos em exercícios de ginástica; era proibido o fumo; e requeria-se uma dieta vegetariana.

Kurt Barthel trouxe esse tipo de nudismo aos Estados Unidos da América, e estabeleceu um colônia de nudismo perto de Peekskill, estado de Nova Iorque. No entanto, sua colônia relaxou quanto a certos aspectos atléticos do nudismo alemão, promovendo esportes com propósitos recreacionais. Dali, várias colônias espalharam-se para outros estados norte-americanos. Historicamente falando, o nudismo nesses moldes iniciais, formalizados, não tinha propósitos sexuais como base. Sua motivação era a convicção de que uma melhor saúde, atitudes psicológicas menos tensas, melhor condicionamento atlético e uma vida mais próxima da natureza podem ser promovidos mediante a ausência de roupas, consideradas desnaturais e restringidoras. Por isso mesmo, as primeiras colônias de nudismo eram atividades essencialmente de famílias, com bem poucas pessoas solteiras. Não havia o intuito de promover atividades sexuais. Não havia danças, nem mesmo em sentido social, para que não houvesse contatos táteis. — A ereção masculina era motivo suficiente para expulção. Isso significava que cada homem tinha que manter sob estrito controle os seus sentimentos e impulsos básicos, sem importar a visão de tantos corpos femininos, o que não era tarefa fácil!

Não obstante, essa equivocada busca pela felicidade de uma família *despida* e saudável, com freqüência tem degenerado, como costuma suceder em quase todos os empreendimentos humanos. Atualmente, vários *grupos sensíveis* têm substituído os antigos campos de nudistas, e o sexo em grupo tornou-se ali uma característica generalizada, contradizendo os ideais e as práticas mais antigas.

Combatendo o nudismo, os intérpretes conservadores da Bíblia usam o terceiro capítulo do livro de Gênesis, que narra como o primeiro casal caiu no pecado de desobediência. Antes da queda no pecado, o homem estava nu, mas não tinha «consciência» disso, provavelmente dando a entender que não percebia qualquer coisa de diferente ou errado em sua condição. Alguns têm conjecturado que Adão e Eva estavam envolvidos em um halo de luz, mas isso não passa de especulação. Mas, após a queda, o homem «reconheceu» que estava nu, envergonhou-se disso e coseu folhas de figueira à guisa de aventais. Essa cena é carregada de sentimentos de culpa sexual, pois o homem e a mulher sentiram que era impróprio andarem despidos, mesmo sem a presença de outros seres humanos que os vissem. Seja como for, o fato é que Adão e Eva foram expulsos do jardim do Éden, e, daí por diante, usar vestes tornou-se uma prática comum entre os seres humanos. De fato, alguns têm chegado a dizer que as roupas são um dom de Deus. É claro que isso envolve um exagero; mas, de algum modo, sentimos que não é próprio andarmos despidos, de tal modo que o vestuário faz parte essencial de nossa vida diária, de nossa conduta exterior. O resto que podemos dizer sobre o assunto está contido no artigo chamado *Nu, Nudez*.

NUM (LETRA)

Esse é nome da décima quarta letra do alfabeto hebraico. Ver o artigo intitulado *Hebraico*. Em algumas traduções, aparece no começo de cada um dos versos da décima quarta seção de Salmos 119.

NUM (PESSOA)

No hebraico, essa palavra significa **peixe**. Esse era o nome do pai de Josué. Ele era descendente de Efraim. É mencionado por dez vezes no Antigo Testamento: Êxo. 33:11; Núm. 11:28; 13:8,16; Deu. 1:38; 32:44; Jos. 1:1; Juí. 2:8; I Reis 16:34; Nee. 8:17. Nada se sabe sobre ele, além de seu nome. Viveu em cerca de 1210 A.C. Há quem pense que esse nome significa «continuação».

NUMEN

Na religião romana, um poder divino ou um espírito, mas anônimo; um ser cujo poder pode ser sentido, mas acerca do qual coisa alguma pode ser dita, quanto à sua natureza e às suas características. Basicamente, essa palavra significa «aceno», dando a entender um sinal de comando ou exercício da vontade.

NUMÊNIO DE APAMÉIA

Não há certeza quanto às datas de seu nascimento e morte. Mas sabe-se que ele foi um filósofo neopitagoreano, helênico, do século II D.C. Nasceu na Síria, e tem sido considerado, por alguns, fundador do *neoplatonismo* (vide). As principais fontes inspiradoras de seu pensamento, que ele combinou em uma salada filosófica foram Pitágoras, Platão e noções dos mistérios egípcios.

Idéias:

1. Haveria três deuses. O primeiro é a Unidade absoluta, transcendental, o próprio princípio do *ser*. Associados a ele haveria os ideais ou universais, de Platão, reduzidos a números pitagoreanos. Ver o artigo sobre *Número*, quarta seção, *Números na Filosofia*, que traça várias idéias filosóficas sobre o assunto.

2. O segundo deus seria o princípio do *tornar-se*. Ele teria criado o mundo em harmonia com os números-formas, isto é, o conteúdo inerente aos universais de Platão, compreendido em termos numéricos. Naturalmente, a ciência tem podido demonstrar que a base da natureza é o número, a característica básica dos átomos. Filósofos como Pitágoras, Platão e Numênio parecem ter recebido algum discernimento quanto a essa questão, ainda que suas idéias fossem cruas, primitivas.

3. O terceiro deus de Numênio de Apaméia teria criado este mundo. Parece que Numênio propunha uma espécie de panteísmo em três níveis.

4. Em seguida, de acordo com sua hierarquia dos seres, haveria uma série de seres divinos e demoníacos. E abaixo desses viria o homem, que se

compõe de corpo físico e alma, levando-o assim a participar, ao mesmo tempo, da materialidade e da espiritualidade.

5. Finalmente, baixando mais nessa hierarquia, chegamos à matéria bruta, associada de perto com o não-ser.

6. O alvo da existência humana seria obter experiências místicas de elevada ordem, capacitando o homem a elevar-se de sua materialidade e retornar à plena espiritualidade. O corpo seria a prisão da alma, embora a iluminação espiritual possa libertar o espírito. A união com o primeiro dos três deuses é o alvo de toda a existência. O *ascetismo* (vide) ajudaria nesse processo de liberação, porquanto quanto mais nos desvencilharmos da materialidade e suas distrações, tanto menos tempo e esforço teremos de fazer para efetuar a nossa libertação.

NUMÊNIO (PESSOA)

Numênio era filho de Antíoco IV (ver I Macabeus 12:16). Foi enviado em missão especial a Roma, por Jônatas e Simão Macabeu. Essa missão ocorreu após a vitória dos Macabeus sobre Demétrio, na Alta Galiléia. Numênio fez-se acompanhar por Antípater, filho de Jason. Eles foram a Roma confirmar e renovar as relações amistosas com os romanos, os quais reagiram favoravelmente. Foi uma ocasião de diplomacia frutífera. Os Macabeus também foram capazes de obter as graças dos espartanos (I Macabeus 12:5-23). Simão sucedeu a seu irmão, Jônatas, e reverteu as derrotas sofridas por este. E suas vitórias foram aplaudidas pelos romanos e espartanos, igualmente. Os judeus declararam Simão como seu sumo sacerdote, pelo que seus sucessores não tiveram limites quanto à sua autoridade.

Numênio foi enviado em outra missão a Roma, por parte de Simão, levando consigo um escudo de ouro, como sinal da aliança que fora firmada (I Macabeus 14:24). E retornou com cartas que garantiam a soberania do povo judeu e a integridade de seu território. Uma cópia dessa carta ficou registrada em I Macabeus 15:16-21; e Josefo (*Anti.* 13:5,8) fez alusão a esse fato. Por meio dessas ocorrências, Numênio obteve a reputação de habilidoso negociador. Finalmente, os Macabeus sucumbiram diante de conflitos internos e assassinatos; e Roma, para pôr um paradeiro na grande confusão reinante em território judeu, ocupou o mesmo. Não muito depois disso, Jesus Cristo entrou em cena, e teve início a era do Novo Testamento.

NÚMERO (NUMERAL, NUMEROLOGIA)

Esboço:

I. Os Números e a Matemática na Cultura Hebréia
II. Sistemas Numéricos
III. Os Números e seus Alegados Significados
IV. Os Números na Filosofia
V. Numerologia

I. Os Números e a Matemática na Cultura Hebréia

Os hebreus, tal como sucedia na maioria das culturas orientais, como também os gregos e os romanos, usavam letras de seus alfabetos para expressarem os números. Porém, no Antigo Testamento não achamos letras para representar números, mas antes, expressões numéricas escritas por extenso. Somente após a cativeiro babilônico passaram a ser usadas letras para indicar números, um sistema que aparece nas moedas cunhadas pelos Macabeus. Todavia, alguns eruditos opinam que isso começou antes mesmo do cativeiro babilônico, embora não existam evidências escritas nesse sentido. Essa idéia, contudo, pode ser deduzida das variantes, no texto hebraico, no tocante a quantidades numéricas, que podem ter surgido quando uma letra qualquer foi confundida com outra, o que não poderia ter sucedido se as expressões numéricas sempre fossem escritas por extenso.

Números escritos por extenso aparecem na Pedra Moabita e na inscrição do poço de Siloé; e isso, por sua vez, demonstra que os hebreus não eram os únicos que assim registravam as quantidades numéricas, Israel também compartilhava, com a maioria de seus vizinhos mediterrâneos e do Oriente Próximo e Médio (Assíria, Egito, Grécia, Fenícia e Roma), o sistema decimal.

Em hebraico, o número «um» é um adjetivo; mas uma série de substantivos designa os números de «dois» a «dez». E, então, combinações desses números produzem de «onze» a «dezenove». Após o «vinte», as dezenas são formadas em um padrão similar àquele usado nos idiomas modernos. No hebraico, trinta e três era dito: três trinta. Porém, uma palavra separada era usada para indicar «cem». Duzentos era a forma dual da palavra hebraica correspondente. De trezentos a novecentos, os hebreus voltavam ao sistema comum em português. O mais elevado número dos hebreus antigos era vinte mil, que é a forma dual de dez mil. Além disso, havia sinais numéricos que não se acham no Antigo Testamento, embora apareçam em algumas ostracas do período do Antigo Testamento (século VI a IV A.C.). Papiros escritos em aramaico, provenientes do Egito, exibem as mesmas formas. Traços verticais eram usados para indicar dígitos (unidades), ao passo que traços horizontais (escritos uns acima dos outros), indicavam dezenas. Uma letra estilizada *men* era usada em lugar de «cem», com traços verticais, para indicar centenas adicionais. Uma forma abreviada da palavra que significa «mil» era empregada para indicar esse número. Uma letra parecida com a letra grega *lambda* era usada para indicar «cinco»; e uma letra similar a *gímel* representava «quatro».

Evidências de Processos Matemáticos. Em Núm. 1:26, temos menção à adição; em Lev. 27:18, à subtração; em Lev. 27:16, à multiplicação; e em Lev. 25:50, à divisão. E em Gên. 27:24; Lev. 5:16; 6:5 e Núm. 15:4, há menções a frações. Proporções das medições, na descrição do templo visionário de Ezequiel, exibem uma certa sofisticação matemática. No entanto, isso era primitivo, quando cotejado com o uso que os gregos faziam dos números. Na época de Platão (400 A.C.), os gregos já tinham uma matemática comparável com o que agora se ensina no primeiro grau. A cultura dos hebreus, que começou como nômade e terminou como agrícola, não precisava de qualquer sistema numérico especialmente sofisticado.

Uso Aproximado. Números como dois, três e quatro, em combinações com dois ou três, três ou quatro, indicavam «mais ou menos» ou «poucos» (ver I Reis 17:12; Amós 1:3 *ss*; Pro. 30:15 *ss*). *Dez* era usado para indicar «muitas vezes» (ver Gên. 31:7). O número *quarenta* era usado como uma aproximação padrão para indicar uma geração, sem requerer que pensemos exatamente em uma geração (ver Juí. 3:11; 5:31; 8:28). *cem* era um número usado para indicar muitas coisas, — sem qualquer idéia de precisão. (ver Ecl. 6:3); e os números *mil* e *dez mil* indicavam grande número, também sem qualquer tentativa de exatidão (ver Deu. 32:30; Lev. 26:8). *Quarenta mil*

podia indicar um número aproximado ainda maior (ver Juí. 5:8).

Após o Cativeiro Babilônico. Foi a partir dessa época que se iniciou o uso de letras isoladas ou combinadas, para expressar números, ou, para exemplificar:

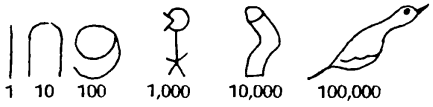
1 𐤀 2 𐤁 10 𐤉 100 𐤒 1000 𐤌

II. Sistemas Numéricos

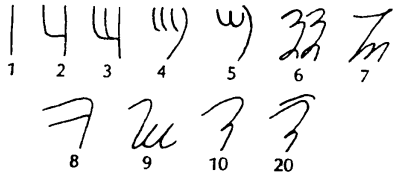
Apresentamos abaixo alguns poucos sistemas numéricos representativos:

1. *Egípcio*

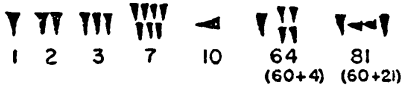
Antigo: 1900 A.C.



Posterior: 1400 A.C.

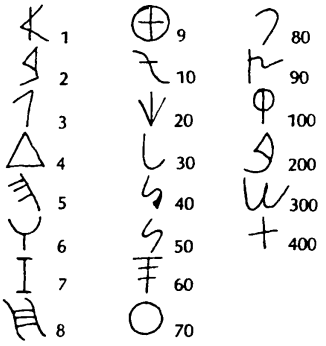


2. *Cuneiforme Assírio e Acádico:* 1900—1300 A.C.



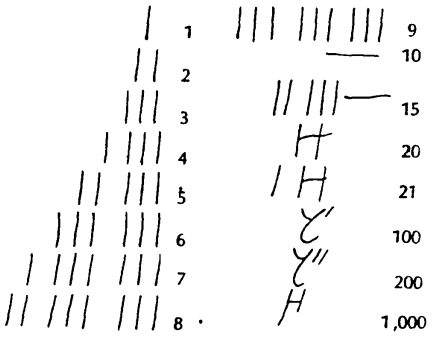
3. *Hebraico Antigo e Cananeu*

Esse sistema acha-se em anotações de lugares (capítulos), nos manuscritos do Antigo Testamento e em antigas inscrições, embora não no texto do Antigo Testamento propriamente dito.



••• ••• •••

4. *Fenício:* (900—800 A.C.)



5. *Grego*

1	α	10	ι	100	ρ	1000	,α
2	β	20	κ	200	σ	2000	,β
3	γ	30	λ	300	τ	...	...
4	δ	40	μ	400	υ	λξ = 37	
5	ε	50	ν	500	φ	τμθ = 349	
6	ϛ	60	ξ	600	χ	,απ = 1080	
7	ζ	70	ο	700	ψ	ϛ *bau*	
8	η	80	π	800	ω	ϟ *koppa*	
9	θ	90	ϟ	900	ϡ	ϡ *sampi*	

6. *Romano*

O sistema romano nos é bem conhecido, visto ter sido sempre empregado nos livros como uma forma alternativa de expressar divisões (como nos esboços e referências), e também porque as datas (em séculos) em livros e monumentos empregam esse sistema.

Unidades: I II III IV V VI VII VIII IX (números de 1 a 9)

Dezenas: X XX XXX XL L LX LXX LXXX XC (números de 10 a 90)

Centenas: C CC CCC CD D DC DCC DCCC CM (números de 100 a 900)

Milhares: M MM MMM, etc. (números 1000, 2000, 3000, etc.)

Assim: 1988 = MCMLXXXVIII (um sistema laborioso, mas viável).

7. *Arábico*

O sistema numérico que usamos tem raízes nos algarismos dos hindus e dos árabes. Esses algarismos foram adaptados na Europa, formando um sistema moderno e eficiente, muito menos trabalhoso do que os antigos sistemas. Assim, em vez de se escrever I II II III IIII, por exemplo, escrevemos 1, 2, 3, 4, 5. Em combinação com o sistema decimal, isso produz as dezenas, as centenas, os milhares, etc. ou seja: 1 10 100 1000; 2 20 200 2000; 3 30 300 3000, etc. No idioma português, a vírgula é usada para indicar casas decimais. Para exemplificar: 2,7 (dois inteiros e sete décimos), 3,85 (três inteiros e oitenta e cinco centésimos), etc. Isso segue o sistema europeu. Nos Estados Unidos, a única diferença é que se usa o

ponto, em vez da vírgula. O desenvolvimento desse sistema foi, «...talvez, um dos mais importantes passos que já se deu no campo da matemática, honrando ao seu criador como se dá em qualquer outro ramo, na história da ciência» (Peter Barlow, *New Mathematical and Philosophical Dictionary*).

III. Os Números e seus Alegados Significados

Algo indiscutível é que certos números assumem na Bíblia um significado especial. Outra coisa certa é que alguns intérpretes, antigos e modernos, têm exagerado a questão da maneira mais absurda. Os cabalistas, por exemplo, sentiam-se capazes de descobrir sentidos misteriosos em letras e números. Em anos recentes, Ivã Panin encontrou sentidos numéricos ocultos em cada palavra e até em cada letra da Bíblia. O número de pessoas que estava no navio que naufragou em Melita ou Malta era de duzentas e setenta e seis (ver Atos 27:37,44), mas é ridículo tentar achar algum sentido místico nesse número, conforme alguns têm tentado fazer. Várias figuras antigas deixaram um mau exemplo quanto a isso. Pitágoras e seus discípulos deram um número específico a todas as entidades. As Tábuas da Criação da Babilônia registram cinqüenta nomes diversos do deus Marduque, dando uma importância especial a cada nome. Sargão disse que o número de seu nome era igual ao do circuito das paredes de seu palácio, isto é, 16.283; e ele dava grande significação a isso. Piazzi Smyth (1867) pensou que a grande pirâmide Gizé contém um misterioso e elaborado sistema de números, com sentidos ocultos. E então E.W. Bullinger, no livro *How to Enjoy the Bible*, tentou convencer seus leitores que os números são importantes na Bíblia, e que seu sentido pode ser descoberto observando-se o primeiro uso de cada um. Assim, Gên. 17:25 tem o número «treze»; e o contexto dessa passagen fala em *rebelião*. Para ele, pois, o número «treze» sempre indicaria rebelião, apostasia e desintegração (págs. 311 *ss*), mas quase ninguém se deixa convencer da força desse tolo argumento. Além disso, temos a moderna numerologia (ver a quinta seção deste artigo), a versão secular dessa superstição. Nossas críticas, porém, não devem ser interpretadas como se crêssemos que os números não têm qualquer sentido, tão-somente queremos declarar que muitos exageros têm penetrado na questão. O único número na Bíblia sobre o qual é especificamente declarado como de valor simbólico e de sentido oculto é o «666» do anticristo (ver Apo. 13:18). Outros números adquirem significação mediante sua repetitiva associação com certas condições. Eis alguns exemplos:

1. Números da Bíblia com Alegadas Significações

Um. Unidade e caráter ímpar. O Senhor Deus é o único Senhor (Deu. 6:4); a raça humana provém de um único progenitor, donde se deriva a unidade da raça (Atos 17:25); o pecado entrou no mundo por um homem, como também a justiça (Rom. 5:12, 15); o sacrifício único de Cristo é suficiente para todos e para todas as épocas (Heb. 7:27); o Pai e o Filho são um (João 10:30); o homem e a mulher, dentro do casamento, tornam-se uma só carne (Mat. 19:6).

Dois. Unidade e divisão. Homem e mulher são um só (Gên. 1:27; Mat. 19:6); duas pessoas trabalham juntas em cooperação (Jos. 2:1); os apóstolos foram enviados de dois em dois (Mar. 6:7), como também os setenta discípulos (Luc. 10:1). No Sinai, foram dadas as duas tábuas da lei. Porém, dois também pode indicar alguma força separadora (I Reis 18:21), como duas opiniões que apresentam um dilema, ou como duas maneiras diferentes de decidir algo (Mat. 7:13,14).

Três. Unidade na multiplicidade. Esse é o número de Trindade: três pessoas, mas uma só substância (Mat. 28:19; João 14:26; 15:26; II Cor. 13:14; I Ped. 1:2). Três dias marcam um ponto terminal, pois Jesus ressuscitou ao terceiro dia (I Cor. 15:4). Três discípulos especiais eram íntimos do Senhor Jesus (Mar. 9:2); o «Santo, Santo, Santo» de Isa. 6:3 indica a perfeita santidade de Deus; em Núm. 6:23-26 vemos uma bênção três vezes repetida.

Quatro. O mundo considerado como completo. O tetragrama divino, Yahweh (ou seja, YHWH); quatro rios fluíam do jardim do Éden (Gên. 2:10); os quatro cantos da terra (Apo. 7:1); os quatro ventos (Jer. 49:36; Eze. 37:9); as quatro criaturas viventes do céu (Eze. 1; Apo. 4:6).

Cinco. Tábuas de exigências e punições (Êxo. 22:1; Lev. 5:16); as cinco virgens prudentes e as cinco insensatas (Mat. 25:2).

Seis. O número que exprime algo incompleto. O número do homem, que fica aquém do número sete, o número divino. O homem foi criado no sexto dia da criação (Gên. 1:27); o homem deve trabalhar por seis dias (Êxo. 20:9). O homem terrível, o anticristo, é representado por um tríplice «seis»: 666 (Apo. 13:18).

Sete. Número da perfeição e da divindade. Também assinala coisas divinas. Deus descansou ao sétimo dia, terminada a sua obra criativa (Gên. 2:2); o homem deve imitar isso, honrando a Deus no sétimo dia (Êxo. 20:10). Havia um ano sabático (Lev. 25:2-6); e também um ano do jubileu, após sete vezes sete anos (Lev. 25:8). Algumas festas judaicas duravam sete dias (Êxo. 12:15,19; Núm. 19:12). O dia da expiação era no sétimo mês do ano (Lev. 16:29); ritos estavam ligados ao número sete (Lev. 4:6; Núm. 28:11). O candeeiro de ouro tinha sete ramos (Êxo. 25:32); o salmista louvava a Deus sete vezes por dia (Sal. 119:164). A tribulação final perdurará sete anos (Apo. 11:2,3; 13:5). Sete demônios foram expelidos de Maria Madalena (Luc. 8:2). O dragão e a besta têm sete cabeças cada um (Apo. 13:1; 17:7).

Oito. O equivalente numérico do nome «Jesus» é oito, tal como o do anticristo é seis. Oito pessoas foram salvas do dilúvio, na arca de Noé (I Ped. 3:20). Um menino israelita era circuncidado ao oitavo dia de vida (Gên. 17:12). Ezequiel viu sacerdotes fazerem suas oferendas no oitavo dia, em sua visão sobre o templo ideal (Eze. 43:27). Se tivermos de vincular algum sentido a esse número, então parece que o mesmo tem algo a ver com a eficácia da salvação ou com atos divinos, com a participação nos pactos firmados por Deus e com a segurança que esses pactos divinos conferem à alma humana.

Dez. Harmonia e algo completo, como no decálogo e nos dez dedos do homem, cinco em cada mão. A mulher tinha dez moedas (Luc. 15:8); outra parábola menciona dez minas, empregadas na determinação dos destinos humanos (Luc. 19:11-27). Dez forças negativas não conseguem separar o crente de seu Salvador (Rom. 8:38 *ss*). Dez pecados excluem o indivíduo do reino dos céus (I Cor. 6:10). Dez anciãos formavam uma companhia (Rute 4:2). Dez virgens ilustram boas e más escolhas (Mat. 25:2). Dez reinos entregarão sua autoridade ao anticristo (Apo. 17:12 *ss*).

Doze. Número do governo mundial, como também do governo divino e seus arranjos. Há doze meses no ano; o dia está dividido em doze horas (João 11:9). Israel compõe-se de doze tribos (Gên. 35:22-27; 49:28). Jesus selecionou doze discípulos para perpetuação de seus propósitos (Mat. 10:1 *ss*). Doze pedras preciosas foram engastadas no peitoral do sumo sacerdote (Êxo. 28:21). A Nova Jerusalém terá doze

fundamentos e doze portões (Apo. 21:12,14).

Quarenta. Número de provas e testes, mas também do desenvolvimento de significativos atos divinos. O dilúvio ocorreu devido a quarenta dias de chuvas (Gên. 7:4,12,17). Moisés esteve quarenta anos no Egito, esteve quarenta anos em Midiã, e então, completou seu ciclo após quarenta anos no deserto (Atos 7:23,30; ver também Núm. 14:34 e Deu. 31:2). Moisés esteve no monte Sinai por quarenta dias, recebendo a lei (Êxo. 24:18). Israel ficou vagueando pelo deserto durante quarenta anos (Núm. 14:34). Os espiões exploraram a terra de Canaã por quarenta dias (Núm. 13:25). Golias ficou desafiando Israel por quarenta dias (I Sam. 17:16). Elias pôde caminhar durante quarenta dias após comer por duas vezes (I Reis 19:8). Jonas advertiu Nínive durante quarenta dias (Jon. 3:4). Jesus jejuou por quarenta dias, e, então, foi tentado (Mat. 4:2). Especulo que a Grande Tribulação final perdurará por um total de quarenta anos, dos quais sete anos revestir-se-ão de importância especial para o povo de Israel.

Setenta. Um número administrativo e organizacional. Após o dilúvio, o mundo foi repovoado mediante setenta descendentes de Noé (Gên. 10). Setenta pessoas, da família de Jacó, desceram ao Egito (Gên. 46:27). Setenta anciãos foram nomeados para ajudar Moisés no governo de Israel (Núm. 11:16). Setenta semanas de anos foram determinadas para a história profética de Israel (Dan. 9:24). Jesus enviou setenta discípulos especiais como missionários (Luc. 10). Devemos perdoar a nossos ofensores até setenta vezes sete (Mat. 18:22).

Seiscentos e Sessenta e Seis. O sentido desse número é esclarecido no artigo *Anticristo, Suas Características*, décimo quinto ponto, e no artigo *Seiscentos e Sessenta e Seis*. É possível que esse seja o cálculo numérico do nome *Nero Caesar*, que os primitivos cristãos esperavam que se reencarnasse, voltando a este mundo para cumprir outra missão diabólica (ver Apo. 17:10,11). Esse é o único número na Bíblia que é especificamente declarado como dotado de significado simbólico (ver Apo. 13:18). Veio a significar aquilo que é sinistro, diabólico e incansavelmente poderoso e maligno.

Cento e Quarenta e Quatro Mil. Temos aí o número de israelitas selados (doze mil de cada tribo), que cumprirão positivamente a vontade de Deus, durante o período da Grande Tribulação. Alguns pensam que se trata do número dos eleitos. Mas essa interpretação não tem razão, pois logo em seguida lê-se acerca de uma incontável multidão proveniente de todas as nações (ver Apo. 7:4-14). Ver o detalhado artigo chamado *Cento e Quarenta e Quatro Mil*, onde apresentamos os muitos sentidos simbólicos e explicações que têm sido dados a esse número.

2. Os Números nos Sonhos e nas Visões

Muitas pessoas continuam tentando acertar na loteria mediante números recebidos em sonhos. algumas vezes, acertam, mas, usualmente, os números que aparecem nos sonhos não servem para esse propósito. No entanto, os números, nos sonhos, podem revestir-se de sentido, mesmo que isso não resulte em dinheiro de loteria. A mente inconsciente tem uma maneira curiosa e misteriosa de manipular números. Nos sonhos, eles podem aludir a datas significativas. É um tanto assustador quando à pessoa é revelada a data de sua morte, como se deu com *Swedenborg* (vide); mas isso não acontece muito freqüentemente. É chocante quando alguém sonha com uma data escrita sobre a própria lápide, no cemitério; mas, geralmente, isso é apenas um sonho assustador. Nos sonhos, é melhor não olhar para as datas sobre as lápides, se alguém tiver o infortúnio de sonhar que está percorrendo um cemitério. A mente inconsciente sabe tudo sobre o destino e sobre datas, mas essa informação ludibria a mente consciente. Algumas vezes, os místicos podem escavar informações, mais ou menos como quem tira água de um poço profundo.

Li acerca de um sonho em que o sonhador viu uma *data*; e, pouco tempo depois, recebeu um polpudo cheque com aquela data. Isso não foi pura coincidência. Precisamos de mais sonhos dessa natureza. Mas, conforme Freud insistia, a maioria dos sonhos com cheques são meros cumprimentos de desejo. Porém, seja como for, os números que aparecem nos sonhos, referentes a datas, dinheiro, quilômetros, dias, etc., são todos intercambiáveis. Uma data pode indicar o número de certa importância em dinheiro, ou vice-versa. E uma data pode indicar certo número de anos. Usualmente, não reconhecemos o significado desses sonhos senão posteriormente, quando os mesmos se cumprem. De certa feita, sonhei que perdia dinheiro para um editor desonesto; e o que perdi combinava bem com o sonho. Mas só reconheci isso quando sofri a perda.

Um sonho pode falar sobre um número para referir-se a algum acontecimento específico. Se esse número repetir-se, então o sonhador estará sendo informado; isso sucederá novamente. Também haverá certa conexão lógica entre um número sonhado e o acontecimento que ele simboliza. Por exemplo, sucedeu no sétimo dia da semana; sucedeu cinco anos atrás, etc. Um número pode referir-se a uma pessoa qualquer, como meu segundo filho, que então seria representado pelo número «dois». Os números pares, segundo alguns insistem, são números femininos; e os ímpares são masculinos, ou mesmo algo moralmente errado.

A série de *um a nove* pode aludir aos estágios da vida, ou a algum desenvolvimento da mesma, visto que percorre a gama inteira dos alargismo.

Ligação Entre a Vida e os Números. Certos números tornam-se significativos para certas pessoas, desempenhando um importante papel em suas vidas. Paulo Maluf, um político brasileiro, gostava do número «101», porque traduzia sucesso para ele; mas, quando procurou ser eleito pela segunda vez como governador do estado de São Paulo, no Brasil, não obteve a vitória. No entanto, os místicos dizem-nos que números assim podem ter certo significado. Se uma pessoa atribui alguma importância a um determinado número, sem importar com quais associações, acabará sonhando com esse número, como um modo de informação ou orientação.

Os números e seus sentidos possíveis, derivados do estudo dos sonhos:

Um. Isolamento; símbolo fálico (devido a seu formato); um homem; o próprio «eu», que é o número um. Unidade; algo de suprema importância, em contraste com coisas de menor valia.

Dois. Dualidade e divisão; os dois lados de uma questão ou problema; o lado masculino e o lado feminino; harmonia entre dois elementos, pessoas ou coisas; uma controvérsia formada por dois lados; uma desarmonia ou falta de compasso interior. Duas estradas paralelas indicam alternativas. Se o sonhador é casado, heterossexual ou homossexual. Compartilhar de algo com alguém. O princípio feminino.

Três. A Trindade; uma família composta de pai, mãe e filho; o aparelho genital masculino.

Três ou Quatro. A mente dispõe de quatro faculdades. E sonhar com três e quatro juntos pode

significar que uma dessas faculdades está sendo negligenciada, tornando-se o ponto mais vulnerável da pessoa. As quatro faculdades da mente são o intelecto; as sensações; a intuição e as emoções. É curioso que certas pessoas religiosas carregam em demasia uma dessas faculdades, em detrimento das outras, ou mesmo eliminando uma delas. Mas, as pessoas sensatas sabem que a religião não pode ser somente emoção, ou somente intelecto, ou somente intuição. Precisamos saber equilibrar entre si todas as quatro faculdades da mente.

Quatro. Algo completo e são; todas as faculdades mentais. Quatro pessoas, a família ideal; o alcance inteiro de alguma coisa; a deidade (três) mais a matéria (o resto).

Cinco. A natureza, o corpo humano, formado do tronco com cinco projeções: a cabeça, as pernas e os braços, da mesma maneira que cada mão tem cinco dedos.

Quatro e Cinco. Alvos espirituais ideais, em contraste e em competição com os desejos naturais do corpo físico e seus alvos (quatro, espirituais; cinco, corporais).

Seis. O sexo (visto que as duas palavras são similares; e também porque $3 \times 2 = 6$, ou seja, dois = feminino, e três = masculino). Também está em foco a geração, a evolução. Se o número seis aparece de cabeça para baixo, então há transtornos sexuais ou emocionais.

Sete. O número sagrado. O número de Deus; ou dos arcanjos (de acordo com a enumeração judaica). O número dos deuses-planetas das antigas culturas pagãs. O dia consagrado à adoração a Deus.

Oito. Sem sentido, exceto para os cristãos, que sabem que, numericamente, oito é o número de Jesus. Mas também pode-se pensar em $2 \times 4 = 8$, combinando os sentidos dados acima, do dois e do quatro.

Nove. Fruição, como nos nove meses de gravidez da mulher; o ponto culminante das realizações, visto que nove é o dígito mais elevado.

Dez. Macho e fêmea; intercurso sexual; casamento. Os Dez Mandamentos, a gama inteira dos princípios espirituais.

Doze. O tempo. As doze horas do dia; os doze meses do ano; os doze signos do zodíaco; um clímax ou ponto culminante qualquer.

Vinte e Quatro. As horas do dia; um breve ciclo.

Setenta. A duração média da vida humana.

Zero. Um símbolo feminino; a perfeição; algo sem começo e sem fim; os ciclos do tempo e da evolução. O zero é como um *círculo*, envolvendo os sentidos vinculados ao mesmo, como algo repetitivo, ou como algo que se completa.

Frações. A quarta parte pode simbolizar o lar, pois compõe-se de «quartas»; a metade significa o meio de qualquer coisa.

IV. Os Números na Filosofia

1. *Pitágoras* (vide) deu ao mundo uma grande descoberta. Ele relacionou a realidade aos números. Isso foi exemplificado pela relação entre as proporções matemáticas e a progressão de tons, mediante o alongamento ou encurtamento de cordas vibrantes. Daí emergem duas suposições: primeira, os números têm a chave para a explicação da realidade; segunda, os números são a própria essência da realidade. Parece que Pitágoras defendia ambas essas idéias. Seja como for, ele dava a cada coisa um número, embora de maneira crua, não-científica. Ele não tinha qualquer visão atômica da realidade, embora sua idéia fundamental se tenha tornado básica na moderna teoria científica. Ele chamava o ponto de *um*; a linha de *dois*; o plano de *três*; e o sólido de *quatro*. A soma dos números críticos é o *dez*, que é o número perfeito. Até termos que indicam valores foram associados a números. Assim, a opinião seria dois; a saúde, sete; o amor, oito; e a justiça seria um número elevado ao quadrado.

Esse sistema numérico de Pitágoras entrou na astronomia. Surgiu a unidade primária, o grande Um; então haveria *dez* esferas girando umas dentro das outras, visto que a *perfeição* dos céus requer tal número. Partindo do fogo central, o grande Um, passamos pela terra, pela lua, pelo sol, por Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, e, finalmente, as estrelas fixas na sua própria esfera. Os intervalos entre os planetas estariam associados às notas da escala musical. Ali é produzida a divina *música das esferas* (vide), por demais sutil para os ouvidos humanos perceberem.

2. *Platão*. Tomando por empréstimo noções básicas de Pitágoras, Platão identificava o seu sistema de idéias ou *universais* (vide) aos números. Ele trabalhou com os conceitos de limitado, não-limitado, determinado, não-determinado. Platão era matemático, e, naturalmente, deixava-se atrair por uma teoria que se relacionasse à própria realidade. Por isso, procurou desenvolver implicações matemáticas das idéias, em seu diálogo, *Filebo*. De alguma maneira inexplicável, as forma (idéias) seriam formas-números, que não podem ser adicionadas e nem podem ser matematicamente manipuladas. Entre as formas-números e o mundo palpável há um terceiro mundo, o mundo das entidades matemáticas. Os nossos números, para ele, são idéias tomadas por empréstimo dos mundos-números celestes e intermediários.

Alguns eruditos vêem em Platão uma antecipação das modernas teorias dos números. Assim, a **água**, para exemplificar, pode ser explicada por uma fórmula numérica: H(2)O. Platão não sabia disso, mas antecipou que as coisas, de alguma maneira, poderiam ser explicadas numericamente. Visto que todos os particulares (os objetos físicos) originam-se nas idéias, então também devem incluir, de alguma forma misteriosa, o conceito de número. Os conceptualistas diriam que os números são conceitos da Mente divina, mas Platão fazia de suas idéias entidades metafísicas. Ademais, a teoria matemática é uma espécie de mundo intermediário que nem se encontra nos céus, e nem se identifica com a matemática aplicada. Antes, é uma dimensão de teoria, de idéia. Assim, teríamos conceitos sobre dualidades, trindades, divisões, adições, subtrações, multiplicações, etc.

3. *Numênio de Apaméia* identificava os números pitagoreanos com os universais de Platão. Ver o artigo sobre ele, quanto a maiores detalhes. E outros pensadores neoplatônicos seguiram essa diretriz.

4. *O conceptualismo*. Para essa posição filosófica, os números, como todos os demais conceitos, surgem primeiramente na Mente divina. Deus é o grande Matemático, e o universo é o grande campo da matemática aplicada. Quanto mais os homens aprenderem sobre a natureza, mas aprenderão sobre a aplicação dos números. O universo ou criação poderia ser encarado como obra de um grande Artista, de um grande Matemático, mas jamais como resultante do puro acaso.

5. *O Mundo a Priori*. Certos conceitos nós conhecemos *a priori*, sem qualquer investigação empírica. Entre esses conceitos há os conceitos matemáticos. Suas proposições e máximas são todas recebidas como verdades *a priori*. Com base nisso,

alguns filósofos têm suposto que a própria verdade pode ser apreendida pela mente, sem o uso da percepção dos sentidos. A verdade, de acordo com essa teoria, vem mediante a intuição e a razão, e não através da percepção dos sentidos. De acordo com essa teoria, a verdade nos chega mediante a razão e a intuição, e não através da percepção dos sentidos. Ela nos chega *a priori*, e não *a posteriori*. Emanuel Kant pensava que essas verdades fazem parte das categorias inatas da mente, as quais são apreendidas *a priori*, mas que são comprovadas pela experiência humana. Por essa razão, as proposições podem ser, ao mesmo tempo, *a priori* e *sintéticas*.

6. *John Stuart Mill* e outros filósofos empíricos não conferiam à matemática qualquer condição ontológica. Para eles, os números são meras generalizações da experiência humana com as coisas, e a matemática mental é tautológica, repetitiva.

7. *Bertrand Russell* proveu uma teoria moderna dos números, ao procurar demonstrar que os números repousam sobre a lógica. Quanto à sua definição de *número*, ver o segundo ponto do artigo sobre ele.

8. O *atomismo*, começando pelos gregos, depende dos números. Ver o artigo geral sobre esse assunto.

V. Numerologia

Talvez Pitágoras possa ser considerado o pai dessa atividade. E, então, Platão atiçou mais a fogueira, ao misturar os números com seu conceito dos universais; e isso chegou a labaredas altas com o conceptualismo, que faz dos números conceitos da Mente divina. E a ciência tem feito a questão tornar-se uma floresta incendiada ao mostrar que, de fato, o número é a própria base de nossa realidade física. A partir daí, não é preciso nenhum grande salto de fé para alguém chegar à suposição que os números são importantíssimos na vida e no destino dos homens. A fé religiosa adicionou tempero à fórmula, mostrando que, na Bíblia, os números são importantes. Naturalmente, porém, grande parte da numerologia é pura invenção. Para começar, valores numéricos são atribuídos às letras do alfabeto. A letra A valeria «1», e a letra Z valeria «26». Há duas funções básicas: a primeira consiste em calcular o valor numérico do nome de uma pessoa; e a segunda consiste em calcular o valor numérico da data do nascimento daquela pessoa. Por exemplo, Jesus é: J (10), E (5), S (19), U (21), S (19). A adição desses valores dá 74. Esse número é então reduzido, adicionando-se 7 + 4 = 11 e 1 + 1 = 2. Mas no grego o valor do nome *Iesous* é 8. Alguns números não são reduzidos; mas os números maiores são redutíveis, adicionando-se as séries. Exemplificando: 556 é igual a 5 + 5 + 6 = 16; 16 é igual a 1 + 6 = 7. Isso posto, numerologicamente, 556 equivale a 7. Os números relativos às datas dos nascimentos são manuseados da mesma maneira. Digamos 2 de julho de 1932 seria: 2 + 7 (pois julho é o sétimo mês) + 1 + 9 + 3 + 2 = 24 e esse resultado, por sua vez, seria reduzido como segue: 2 + 4 = 6. Assim, para quem nasceu nessa data, seu número de nascimento é 6. E aí o significado desse número depende dos conceitos e valores atribuídos aos números de 1 a 9, além de certos números duplos, que não são reduzidos mediante o processo acima demonstrado. É precisamente nessa altura que surgem todos os processos *imaginários*, fazendo o sistema cair no descrédito.

Seja como for, é quase certo que o número «666», associado ao anticristo, foi obtido mediante o cálculo do valor numérico das letras do nome Nero Caesar. Os arqueólogos têm descoberto os nomes de namoradas inscritos em paredes, por seus namorados, em números, e não em letras. Esse sistema, como é óbvio, é antiqüíssimo. Quanta verdade há no mesmo, já é outra questão. Certos místicos que merecem a nossa atenção, têm declarado que há alguma verdade na questão. Uma mulher mística tem tido experiências com esse fato, pois suas visões são mais freqüentes, e também mais claras, em certos dias, que podem ser identificados com certos números. Há também a possibilidade de que sonhos bons e instrutivos que são tipos de visões, tenham alguma forma de associação numérica, e, se isso corresponde à verdade, então, algum dia, os estudos sobre os sonhos poderão incluir esse aspecto.

Ante o exposto, pode-se dizer que há *alguma* verdade na numerologia, embora, provavelmente, apenas em uma pequena porcentagem daquilo que se tem dito em seu favor. Qualquer verdade que haja na numerologia dependeria do destino do indivíduo, vinculado a importantes números associados àquela pessoa, incluindo tanto o seu nome quanto a data de seu nascimento. Para que isso corresponda à realidade dos fatos, teremos de supor que, verdadeiramente, há um desígnio, em grande escala, associado à vida humana e às influências que cercam a data do nascimento de uma pessoa e o nome que lhe é conferido. E além dos números ligados ao nome e à data do nascimento de uma pessoa, outros números também podem ser importantes para certas pessoas. Mas, quais sejam esses números, é algo que terá de ser descoberto no processo de anos, mediante a observação. (AM B EP MM ND Z)

NUMEROLOGIA

Ver o artigo *Número* (*Numeral, Numerologia*).

NÚMEROS (LIVRO)

Introdução

Números é o quarto livro da Bíblia. Seu título provém da Vulgata Latina *Numeri*, que por sua vez é uma tradução do título da Septuaginta *Arithmoi*. O livro é assim designado porque nele há referência a dois recenseamentos do povo judeu — capítulos 1—3 e capítulo 26. Os judeus, como de costume, intitularam o livro com a palavra inicial do mesmo — *Wayyedabber* — («e ele (Jeová) disse»), ou mais freqüentemente com a quinta palavra — *Bemidbar* — («no deserto»). Esse segundo título hebraico é mais apropriado do que o título em português, pois somente uma pequena porção do livro é de natureza estatística, enquanto que toda a ação se dá no deserto.

Esboço:

I. Composição
  1. Autoria
  2. Estrutura
  3. Texto
II. Propósito e Conteúdo
III. Esboço de Conteúdo
IV. Teologia
V. Problemas Especiais
  Bibliografia

I. Composição

1. *Autoria. Ponto de Vista Conservantista.* Apóia a opinião tradicional de que o livro de Números é de caráter histórico e foi composto por Moisés. Eles observam que não há nas Escrituras uma declaração direta de que Moisés escreveu o Pentateuco, mas há numerosas passagens que indicam que ele escreveu pelo menos parte desse material (ver Núm.

33:2). Eles admitem também que em Números, assim como em Êxodo e Levítico, Moisés é referido na terceira pessoa, exceto em citações diretas. Logicamente esse fato não sugere composição mosaica, dizem eles. Outras passagens, tais como Números 21:14 e ss e 32:34-42, também indicam a existência de um editor, contudo, declaram os conservantistas, a autoria mosaica, segundo a Bíblia, não requer que toda palavra seja de Moisés.

b. *Ponto de Vista Crítico*. Um dos primeiros estudiosos a questionar a opinião tradicional da autoria do Pentateuco foi Jerônimo, tradutor da Vulgata Latina no séc. V D.C. Jerônimo estava convicto do fato de que Esdras foi o responsável pela revisão final do Pentateuco, embora Moisés estivesse bastante associado às origens do material. Os críticos do séc. XIX concordam com Jerônimo até certo ponto. Eles duvidam seriamente que Moisés tenha contribuído com mais do que uma pequena parcela do material. Segundo os críticos, Números é o resultado da compilação dos documentos J.E.D. e P(S) os quais servem de base também para o resto do Pentateuco. Ver o artigo detalhado sobre J.E.D.P(S). O documento J é constituído de narrativas judias antigas e seu autor revela um interesse no reino judeu e seus heróis (850 A.C.). A palavra Yahweh (Jeová) é usada neste documento para referir-se a Deus. O documento E contém as antigas narrativas efraimitas originadas por volta de 750 A.C. O escritor de E demonstra um interesse no reino do norte de Israel e em seus heróis. Ele emprega o vocábulo *Eloim*, em vez de *Yahweh* (Jeová) para referir-se a Deus. O documento D, também chamado Código Deuteronômico, foi encontrado no templo no ano 621 A.C. Há alguma probabilidade de que o autor desse documento seja o sacerdote Hilkiah. D ressalta o fato de que o amor é a razão mesma do servir. A doutrina de um único altar é também acentuada neste documento. O Código Sacerdotal, ou documento P, originou-se por volta do ano 500 A.C., contudo, sua redação prorrogou-se até o IV séc. A.C. Esse documento evidencia uma preferência por números e genealogias.

Essas fontes estão muito misturadas no livro de Números. Acredita-se que por volta do séc. V. A.C. um editor, talvez Esdras, combinou esse material com histórias da tradição oral, e deu origem ao livro.

2. *Estrutura*. Em se tratando de estrutura, este livro é de natureza mais diversa do que qualquer outro do Pentateuco. Embora o princípio fundamental de organização seja cronológico (o livro inicia-se no Sinai e termina nas proximidades da Terra Prometida, 38 anos mais tarde), muito do material parece estar em ordem de assunto. Por exemplo, Êxodo termina com o **Shekinah** habitando no tabernáculo que fora construído. Esse evento é recapitulado em Números 9:15-21, sugerindo o início de uma nova seção de narrativa. Em face desse fato levanta-se uma dúvida: os eventos dos capítulos de 1-8 ocorreram antes ou depois da construção do tabernáculo?

Esse exemplo e vários outros conduziram os críticos a acreditarem que Números não constitui uma unidade literária. i.e., a matéria do livro não foi rigidamente organizada de acordo com um princípio. Examinando a forma de Números, os críticos têm concluído que o livro é uma coleção de relatos referentes à vida no deserto combinados com materiais diversos tais como legislação, genealogia e narrativas de viagem. Uma observação das transições entre os episódios, ora bruscas ora suaves, reforça a conclusão dos críticos. A teoria documentária discutida anteriormente neste artigo também está em favor dessa conclusão. Segundo essa teoria, Números pode ser dividido da seguinte maneira: J e E, 10:29-12:15; 20:14-21; 21:2-32; 22:2-25:5. P inclui o resto do conteúdo do livro exceto 21:33-35, que pertence a D. (Em Números os nomes divinos Jeová e Eloim são usados alternadamente, fato que dificulta a distinção entre os documentos J e E). (Z págs. 462, 463 vol. IV).

Outro aspecto importante que se deve observar quando examinando a estrutura de Números é a *poesia* contida nesse livro. Os críticos sugerem que a maioria, senão todos os poemas e fragmentos dos mesmos contidos em Números, existiram também independentemente desse contexto. Por exemplo, o cântico do Poço em 21:17 *ss* tem sido comparado a cânticos similares noutras literaturas. Outras ocorrências de poemas ou fragmentos de poemas são encontrados nas seguintes passagens de Números: 6:24-26; 10:35; 12:6-8; 18:24; 21:14-17 e ss; 21:27 e ss; 23:7-10; 24:3-9,15-19.

Os fragmentos que ocorrem em 12:6-8 (glorificações a Moisés como profeta) e em 6:24-26 (bênção sacerdotal), são considerados mais recentes do que os outros e pertencem possivelmente ao documento E (séc. VIII A.C.), ou a um período posterior. Esses dois documentos revelam influências das classes proféticas e sacerdotais. Do ponto de vista literário os outros poemas são mais rústicos, datando provavelmente do período de estabelecimento na Palestina. A preservação de tais poemas através dos séculos se deu por meio da tradição oral, um processo de transmissão bastante eficaz em se tratando de poesia — o rítmo auxilia a memória. (AM, pág. 537, vol. XX).

3. *Texto*. O texto de Números parece ser bastante estável. O criticismo textual fundamenta-se nos textos da Revisão Samaritana, (RS) da Septuaginta, (LXX) e do Texto Massorético (MT). Os textos da RS e da LXX distinguem-se do MT — esse último é mais sintético, os outros dois são mais desenvolvidos. O texto massorético foi preservado num clima mais sacerdotal na Babilônia, sendo reintroduzido na Palestina somente no séc. II e I A.C.

Entre os achados de Qumran (1947-1953), foram encontradas porções de um rolo de pergaminho de Números (4Q Num(b)), que exibem um caráter textual bastante interessante: o texto apresenta uma posição intermediária entre o da RS e o da LXX, e, freqüentemente, concorda com as variantes da RS em oposição ao TM. Contudo, em casos onde TM e RS concordam com a LXX, esse texto segue a LXX. F. Cross sugere que este tipo de texto era o usado na Palestina nos séculos V-II A.C. Ver o artigo sobre *Manuscritos do Antigo Testamento*.

II. Propósito e Conteúdo

O propósito aparente do livro foi registrar o início do efeito exterior que o pacto exerceu na vida dos israelitas. Números registra as modificações e os ajustamentos na estrutura das estipulações pactuais, bem como a reação do povo israelita a tais estipulações. Os temas de fé e obediência são centrais neste livro, que é considerado «o livro do servir e do caminhar do povo redimido de Deus» (UBD, 799).

Números continua a narração da jornada iniciada no livro de Êxodo, começando com os eventos do segundo mês do segundo ano (Núm. 10:11) e terminando com o décimo primeiro mês do quadragésimo ano (Deut. 1:3). Os 38 anos de perambulação no deserto procedem do fracasso do povo de Israel em face da provisão divina para seu sucesso.

III. Esboço de Conteúdo

A. PARTIDA DO MONTE SINAI (1:1—10:10)
Preparação no Sinai (1:1—9:14)
a. Enumeração das tribos (1:1—1:54)
b. Organização do acampamento (2:1—4:49)
c. Regulamentações especiais (5:1—7:27)
d. Enumeração das ofertas dos príncipes (7:1-89)
e. As lâmpadas do tabernáculo (8:1-4)
f. A consagração dos levitas (8:5-26)
g. A Páscoa (9:1-14)
h. A nuvem guia a marcha dos israelitas (9:15-23)
i. As duas trombetas de prata (10:1-9)

B. VIAGEM DO SINAI A MOABE (10:11-21:35)
1. *Do Sinai a Cades-Barnéia* (10:11—14:45)
a. A partida (10:11-36)
b. As murmurações dos israelitas (11:1-35)
c. A sedição de Miriã e Arão (12:1-16)
d. Os espias (13:1-36)
e. Os israelitas querem voltar para o Egito (14:1-45)
2. *A Permanência no Deserto* (15:1—21:35)
a. A repetição das diversas leis (15:1-41)
b. A rebelião de Coré, Datã, e Abirão (16:1-50)
c. A vara de Arão floresce (17:1-13)
d. Deveres e direitos dos sacerdotes (18:1-32)
e. Rito da purificação (19:1-22)
f. Incidentes no deserto (20:1—21:35)

C. NAS PLANÍCIES DE MOABE (22:1—36:13)
1. *Eventos Importantes* (22:1—36:13)
a. Balaão (22:1—24:25)
b. Apostasia no Peor (25:1-18)
c. Recenseamento (26:1-51)
d. A lei acerca da divisão da terra (26:52-65)
e. A lei acerca das heranças (27:1-11)
f. Nomeação de Josué (27:12-23)
g. Regulamentações sobre festivais, votos e oferendas (28:1—30:17)
h. A vitória sobre os midianitas (31:1-54)
i. As tribos de Rúben e Gade pedem a terra de Gileade (32:1-42)
2. *Apêndice* (33:1—36:13)
a. Itinerário (33:1-56)
b. Instruções antes de entrar na terra (34:1—36:13)

IV. Teologia

Fundamentando-se nos resultados do pacto entre Deus e Israel, o livro de Números exprime um ponto de vista a respeito da natureza do Criador e de sua criação. Segundo o acordo estipulado detalhadamente em Êxodo e Levítico o povo deveria servir a Deus somente, sem idolatria. Em retorno Deus lhes protegeria e abençoaria dando-lhes uma nova terra. Disso consistia o pacto, entretanto o alvo era nobre demais para a natureza humana e houve uma grande lacuna entre a profissão e a realização desse acordo. O livro expressa a natureza extremamente pecaminosa do homem, o qual não se inclina para Deus a despeito de todas as evidências (no tabernáculo) e de seu poder (nas diversas intervenções). Em face de tudo que Deus tinha provado ser, o povo não confiou nele mas permaneceu apreensivo, orgulhoso e egoísta.

Em relação à natureza de Deus, o livro revela três aspectos principais: seu caráter fiel, punitivo e santo.

a. *Fiel.* A fidelidade divina é claramente demonstrada em Números, pois o pacto foi repetidamente quebrado, e apesar de Deus ter todo direito de abandonar os israelitas ou de destruí-los, ele cumpriu até o fim seu propósito de fazer o bem à nação de Israel e ao mundo através dela.

b. *Punitivo.* Entretanto, isso não implica que Deus possua uma natureza impassível. Ao contrário, o capítulo 14 retrata a ira de Deus e revela seu caráter pessoal dinâmico e impetuoso.

c. *Santo.* A santidade de Deus é especialmente acentuada nesse livro. Para aproximar-se de Deus o homem precisa livrar-se de toda impureza, pois o impuro não pode existir na presença do puro. Em se tratando de santidade há um abismo entre Deus e os homens, entretanto, em sua graça, Deus providenciou um caminho de acesso à sua santa presença: a purificação.

V. Problemas Especiais

1. *Narrativas sobre Balaão.* Uma das passagens mais poéticas de Números encontra-se nos capítulos 23 e 24. Esta passagem narra a história de como Balaão foi chamado pelo rei de Moabe para assolar os perigosos guerreiros que ameaçavam seu território. A narrativa é estranhamente contraditória, pois Deus ordena a Balaão que vá, e em seguida censura-o por ter ido. Em 31:16, Balaão é acusado de ter conduzido Israel ao pecado. Isto está em desacordo com a história narrada anteriormente, e parece indicar que várias fontes foram alinhadas juntas de uma maneira um tanto frouxa. Exegetas tradicionais têm tentado harmonizar essas referências. Críticos mais recentes consideram 31:16 uma inserção posterior.

2. *Autenticidade do Recenseamento.* Números 1:46 e 26:51 declaram que os hebreus possuíam um exército de 600.000 homens, número que indicaria uma comunidade total de 2 a 3 milhões de pessoas. Embora não totalmente fora de consideração, esse número não é muito provável, pois nem mesmo os grandes exércitos daquele período (Egito e Assíria) ultrapassavam o número de 100.000 homens. Além disso, investigações arqueológicas indicam que a população total de Canaã naquele período era menor do que três milhões de pessoas, fato que dificulta a explicação de como os cananeus foram capazes de restringir a conquista dos hebreus às terras altas centrais. A dificuldade em alimentar três milhões de pessoas no deserto deve também ser considerada. Os que acreditam na plena inspiração da Bíblia têm refutado estes argumentos e feito tentativas para provar a autenticidade de tais estatísticas baseando-se em estudos de palavras. Não obstante as soluções sugeridas apresentam numerosos problemas impossibilitando uma conclusão final.

3. *Avaliação Bíblica do Período.* Há certa discrepância entre a avaliação profética e a avaliação pentatêutica desse período da história de Israel. Amós 5:25; Oséias 2:15; 9:10; 11:1-4 e Jeremias 2:2,3; 31:2, são passagens que mostram que os profetas consideraram esse período um tempo idílico em que Israel manteve um saudável e constante relacionamento com Deus. Por outro lado, acredita-se que o ponto de vista pentatêutico fora forçado pelos escritores do documento P, que impressionados com o castigo do exílio imposto por Deus, acreditaram que Israel jamais serveria a Deus fielmente. Tentando solucionar esse problema alguns têm sugerido que a discrepância é apenas aparente, pois o ponto de vista otimista dos profetas deve ser considerado à luz do período apóstata em que viveram.

4. *O Itinerário da Viagem no Deserto.* As dificuldades em harmonizar os dados bíblicos e em identificar os locais mencionados nas narrativas têm sido obstáculos na reconstrução da viagem através do deserto.

Números 33 sugere que a viagem foi realizada em quatro estágios: do Egito ao Sinai (Núm. 33:3-15); do Sinai a Eziom-Geber (33:16-35); do Eziom-Geber a Cades (33:36); de Cades a Moabe (33:36-37). A despeito dessa reconstrução corresponder com Deut. 1:46 e 2:1, há nela algumas dificuldades que devem ser consideradas. 1. Segundo a reconstrução acima, o povo hebreu passou 38 anos perambulando no deserto na área de Cades (cf. 13:26 e 20:1). Números 33 não menciona nenhum acampamento durante os anos na área de Cades, fato que tem conduzido os críticos a pensar que não houve tal perambulação. Eles afirmam que Números 20:1 retoma a narrativa dentro de alguns dias de onde fora deixada em 14:45. Derrotados na tentativa de penetrar na terra pelo sul, os hebreus simplesmente mudaram de rumo e entraram pelo leste. 2. Outra dificuldade é o grande número de acampamentos entre o Sinai e o Eziom-Geber, enquanto 11:34 e 12:16 inferem apenas duas paradas numa rota mais direta a Cades. 3. Outra dificuldade é a ordem para mudar de rumo e «...caminhar para o deserto pelo caminho do Mar Vermelho» (Núm. 14:25). O capítulo 33 do livro não reflete esse movimento. (Z págs. 465-466).

J.N. Oswalt, tentando uma reconstrução do trajeto coerente com os dados bíblicos sugere o seguinte: «Talvez Ritmá (33:18,19) refira-se ao Wadi Abu Retemat, que está ao sul de Cades. Assim Ritmá seria o local do acampamento no tempo em que os espias foram enviados (KD,III, 243). Se isso for correto, então os 17 lugares mencionados nos versículos de 19 a 36 se refeririam aos 38 anos de perambulação. Isto significa que os hebreus iniciaram sua permanência no Cades (13:26; 33:36,37), vaguearam na área sul e leste e de lá para o Eziom-Geber (33:20-35), terminando em Cades novamente (20:1; 33:36). Frustrados na tentativa de se dirigirem ao nordeste através de Edom para o Mar Vermelho, eles retornaram ao sul novamente (21:4), entraram em Arabá, ao norte de Eziom-Geber, e de lá prosseguiram para Moabe». (Z p. 466)

Bibliografia. ALB AM ANET E I IB LOT WES YO

NÚMEROS NA BÍBLIA

Ver o artigo *Número* (*Numeral, Numerologia*).

NUMINOSO

Essa palavra foi cunhada por **Rudolph Otto** (vide), com base no termo latino *numem* (vide), referindo-se à qualidade misteriosa, terrível, santa, aterrorizadora e sagrada da deidade. Ele associava esse termo ao *Mysterium Tremendum et Fascinans*. E, mediante o uso de tais termos, procurava enfatizar quão pouco realmente sabemos sobre a natureza de Deus. Em adição a isso, ele ansiava para que os homens reverenciassem a Deus e dessem menos destaque às suas alegadas fórmulas intelectuais que, de forma tão bem arrumada (mas falsa), categorizam e explicam a pessoa de Deus. O termo *numinoso* tem por propósito transmitir a idéia da Presença do Espírito Divino, que nos deixa admirados; e, dessa maneira, chegamos a conhecer a Deus, conforme é possível ao homem conhecê-Lo. E seria assim que podemos chegar a saber algo acerca do Deus misterioso e transcendental. Deus é um Ser «inteiramente outro», fora de nossa dimensão, mas a sua presença pode ser sentida.

Alguns teólogos supõem que esse conceito ajusta-se melhor dentro da religião natural ou dentro da antropologia religiosa, e não dentro da religião revelada. Porém, existem muitas passagens da Bíblia que enfatizam a transcendência e o caráter espantoso de Deus, a despeito do fato de que, ali, há muita descrição antropomórfica. Seja como for, o Deus que é «inteiramente outro» revelou-se ao ponto em que podemos conhecê-Lo, por meio de Jesus Cristo, o *Logos*. Não obstante, o próprio *Logos* é um Ser inteiramente outro, e temos bem pouco conhecimento acerca dele. Por conseguinte, convém que nos humilhemos quando falamos a respeito de Deus, não imaginando que nossas teologias sistemáticas têm contribuído em muito para descrevê-lo e aclarar os seus mistérios. Ver sobre o *Mysterium Tremendum*.

NUNC DIMITTIS

Esse é o título que tem sido dado ao cântico de Simeão, em Luc. 2:29-32. Esse título alicerça-se sobre a versão latina da passagem, que começa com essas duas palavras. Elas significam: «Agora despedes...»

Simeão era homem justo e devoto, que esperava pelo cumprimento das profecias messiânicas. Recebera a revelação de que não morreria antes de ver o Messias prometido pelo Senhor. Impulsionado pelo Espírito, foi ao templo em expectação; e, quando os pais de Jesus trouxeram-No ao templo, Simeão tomou o menino nos braços e proferiu o seu *nunc dimittis*: «Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos: luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel».

Potencialmente, a experiência de Simeão é a experiência de todos os seres humanos. Os escravos do pecado são libertados quando vêem o Cristo de Deus. O vs. 33 interrompe o cântico, para dizer que José e Maria ficaram «admirados» diante do que ouviam. Simeão abençoou-os e então proferiu o resto de seu cântico (uma profecia), dirigido a Maria, a mãe de Jesus: «Eis que este menino está destinado tanto para ruína como para levantamento de muitos em Israel, e para ser alvo de contradição (também uma espada transpassará a tua própria alma), para que se manifestem os pensamentos de muitos corações» (vss. 34,35).

Com essas palavras, Simeão previu os sofrimentos de Maria, como mãe, como parte da rejeição do Messias por parte do povo de Israel. O destino mesmo de Israel seria glorioso, mas o próprio Messias seria, para muitos, uma pedra de tropeço, o que haverá de continuar até que se cumpram os tempos dos gentios e a Igreja tenha sido chamada dentre a humanidade. Cristo veio lançar a divisão entre os homens, pois alguns são atraídos por ele, mas a maioria sente-se repelida—tudo dependendo das condições espirituais de cada alma.

A profecia de Simeão compõe uma bela peça de literatura: tão breve, mas tão poderosa declaração; tão fiel à experiência humana; tão humana em sua força comovedora. Tem todos os sinais autenticadores de uma verdadeira profecia.

Na Liturgia. Foi apenas natural que essa predição de Simeão tivesse sido incorporada na liturgia da Igreja cristã. Foi associada às *completas* da Igreja ocidental, e também é usada nas *vésperas*, na Igreja Ortodoxa Oriental. As *completas* são as horas tarde da noite, do ofício divino, assim chamadas porque completam o circuito de orações do dia. O ofício divino é o culto diário de oração. Juntamente com a *eucaristia* (vide) constitui, para a Igreja Católica Romana, o dever de louvor a Deus, por parte da Igreja.

••• ••• •••

NUVEM

Há várias palavras hebraicas e gregas envolvidas neste verbete:

1. *Nasi*, «exaltada». Com o sentido de nuvem aparece somente em Jó 36:32.

2. *Ab*, «grossura», «espessura». Com o sentido de nuvem, figura por trinta vezes (por exemplo, Juí. 5:4; II Sam. 23:4; I Reis 18:44,45; Jó 20:6; 30:15; Sal. 77:17; Pro. 16:15; Ecl. 11:3,4; Isa. 5:6; 60:8).

3. *Anan*, «nuvem». Palavra que aparece por noventa e nove vezes. Para exemplificar: Gên. 9:13-16; Êxo. 13:21,22; 40:38; Lev. 16:2,13; Núm. 9:15-22; 16:42; Deu. 1:33; 4:11; I Reis 8:10,11; II Crô. 5:13,14; Ne. 9:9; Jó 7:9; 38:9; Sal. 78:14; 105:39; Isa. 4:5; 44:22; Jer. 4:13; Eze. 1:4,28; 38:9,16; Osé. 6:4; Joel 2:2; Sof. 1:15.

4. *Shachaq*, «nuvem (tênue)». Palavra que ocorre por onze vezes com esse sentido (por exemplo: Jó 35:5; 36:28; Sal. 36:5; 57:10; Pro. 3:20; 8:28).

5. *Ananah*, «nuvem (espessa)». Palavra que, com esse sentido, aparece somente em Jó 3:5.

6. *Nephéle*, «nuvem». Termo grego que é usado por vinte e seis vezes: Mat. 17:5; 24:30; 26:64; Mar. 9:7; 18:26; 14:62; Luc. 9:34,35; 12:55; 21:27; Atos 1:9; I Cor. 10:1,2; I Tes. 4:17; Jud. 12; Apo. 1:7; 10:1; 11:12; 14:14,15,16.

7. *Néphos*, «nuvem». Palavra que ocorre somente em Heb. 12:1.

Além de serem usados vários vocábulos para indicar «nuvem», nas Escrituras também há vários tipos de nuvem. Há palavras traduzidas por nuvem, vapor, névoa, poeira, nuvem de chuva, etc. Ver Jó 3:5; Dan. 7:13; Pro. 25:14; Êxo. 19:9 e Sal. 77:17. As nuvens tênues são aquelas leves e espalhadas, conforme se vê em Jó 36:28. O termo grego *nephéle* descreve qualquer tipo de nuvem (Heb. 12:1; Luc. 12:54; Jud. 12).

A regularidade das estações na área do mar Mediterrâneo empresta grande significação às estações e climas, no que concerne à aparência das nuvens. Mas, excetuando a direção do evento que influencia as condições atmosféricas, bem como a cor do firmamento ao fim do dia, há poucas evidências de que os antigos hebreus tivessem qualquer conhecimento meteorológico sério. Desde o começo de maio até o fim de setembro, as chuvas são escassas, e as nuvens são raras na Palestina. Portanto, na narrativa de I Reis 18:44, o aparecimento de uma pequena nuvem no ocidente foi considerado um fenômeno notável. A ignorância básica dos homens, naquela época, no tocante às nuvens, era algo reconhecido. Os homens não sabiam enumerar as nuvens (Jó 38:37), nem explicar como elas se espalham (Jó 36:29), nem sabiam explicar suas variegadas ações (Jó 37:15,16), nem sabiam fazer as nuvens produzirem chuvas (Jó 38:34), e nem eram capazes de fazê-las cessar em seus movimentos (Jó 38:37).

Usos Espirituais e Metafóricos:

1. As nuvens são usadas em várias descrições poéticas, que envolvem metáforas, como as nuvens do céu (Dan. 7:13; Mat. 24:30); as janelas do céu (Gên. 7:11); os odres do céu (Jó 38:37); a morada de Deus (Sal. 104:13), ou a poeira dos pés de Deus (Naum 1:3).

2. As nuvens simbolizam o poder e a sabedoria de Deus, mediante a formação delas (Sal. 135:6,7; Pro. 8:28).

3. As nuvens podem simbolizar multidões ou exércitos (Isa. 60:8; Jer. 4:13; Heb. 12:1).

4. O súbito desaparecimento de nuvens ameaçadoras simboliza o apagar das nossas transgressões (Isa. 44:22). Naturalmente, o súbito juntar das nuvens é um símbolo psíquico de ameaças de qualquer tipo, como a aproximação de alguma tribulação, ao mesmo tempo em que a dispersão das nuvens simboliza a remoção das ameaças.

5. Um dia de nuvens simboliza um período de calamidade e tribulação, incluindo os temíveis efeitos dos juízos divinos (Lam. 2:1; Eze. 30:3; 34:12; Joel 2:2).

6. Uma nuvem sem chuvas simboliza, proverbialmente, uma promessa que nunca se cumpre (Isa. 18:4; Jud. 12). Os falsos mestres são comparados a esse tipo de nuvem.

7. As nuvens das últimas chuvas dão vida nova, pelo que simbolizam as bênçãos divinas e a prosperidade daí resultante (Pro. 16:15).

8. As nuvens que retornam após a chuva simbolizam as debilidades da idade avançada. Uma enfermidade vai dando lugar a outra, e a mesma figura simbólica ilustra qualquer tribulação que se repete, deixando o indivíduo sem um momento de trégua ou descanso (Ecl. 12:1 *ss*).

9. As nuvens tapam os raios da luz do sol. Isso posto, as nuvens podem simbolizar o ocultamento da glória divina (Êxo. 16:10; 33:9; Núm. 11:25; Jó 22:14 e Sal. 18:11).

10. A nuvem que guiou o povo de Israel, durante as vagueações pelo deserto, conferindo-lhes sombra durante o dia, simboliza o contínuo cuidado e a proteção constante de Deus, em meio às dificuldades por que passamos. Ver o artigo separado sobre a *Coluna de Fogo e de Nuvem*.

11. A divina presença, misteriosa como é, manifestou-se no Sinai como uma névoa (Êxo. 19:9), o que também ocorreu no átrio do tabernáculo (Êxo. 40:34,35), no templo de Jerusalém (II Crô. 5:13; I Reis 8:10).

12. O caráter ilusório do amor falso pode ser ilustrado pela nuvem matinal, que promete refrigério mas não produz o que prometeu (Osé. 6:4).

13. As visitações de Deus, em seus juízos contra os homens, assemelham-se ao ajuntamento das nuvens (Êxo. 30:3; Joel 2:1; Sof. 1:15).

14. Há muitos seres espirituais que estão interessados naquilo que fazemos, especialmente quanto às questões espirituais, e nos vigiam e nos encorajam. Esses seres são assemelhados a uma *nuvem de testemunhas*, em Heb. 12:1. Essas testemunhas também são formadas por todos os crentes do passado que viveram uma vida de fé e que, mediante o seu exemplo, conferem-nos um alvo e um propósito a seguir.

15. Jesus, em sua ascensão, foi tomado em nuvens (Atos 1:9,11), e assim, igualmente, haverá de retornar (Apo. 1:7). O arrebatamento dos salvos também estará associado a nuvens (I Tes. 4:17). Nesses casos, não devemos pensar em nuvens formadas por vapor-d'água, mas em nuvens de manifestação mística, de energias que ainda não conhecemos. (BAL ID LAN SMI)

NUVEM, COLUNA DE

Ver **Coluna de Fogo e de Nuvem**.

NUZI

1. Referências

Essa cidade hurriana não é mencionada na Bíblia, embora esteja ligada a assuntos bíblicos. Seu nome tem sido encontrado em tabletes em escrita cuneifor-

me como Nuzi, uma forma genitiva, a única forma com que o nome dessa cidade tem aparecido nos documentos antigos. A arqueologia tem demonstrado que essa cidade existiu no II milênio A.C.

2. Localização

Nuzi ficava na parte nordeste da Mesopotâmia, diretamente ao norte da cidade de Babilônia, cerca de 370 km dali. As ruínas de Nuzi têm sido identificadas como o cômoro de Yorghan Tepe, cerca de catorze quilômetros e meio a oeste da moderna cidade de Kirjut. Foi escavada pela primeira vez em 1925—1931, pelas American Schools of Oriental Research, em cooperação com o Museu da Universidade de Harvard.

3. Importância

Cerca de quatro mil tabletes de argila foram encontrados em Nuzi, fornecendo muitas informações sobre a vida da época, incluindo o modo de viver do povo comum, embora quase todos esses tabletes versem sobre a vida da família real e sobre a política pertinente. Muitos costumes são ali mencionados, iluminando os tempos patriarcais bíblicos. Esses informações ajudam-nos a compreender melhor o relato do livro de Gênesis, oferecendo confirmação para muitas declarações contidas naquele livro canônico.

4. Pontos de Interesse Comparados com o Livro de Gênesis.

a. *Relacionamento com Harã.* Embora distantes uma da outra, essas duas cidades faziam parte do território dos hurrianos, no segundo milênio A.C. Assim sendo, elas tinham uma cultura comum, incluindo muitos costumes, leis, etc. Abraão viveu em Harã por muitos anos, antes de migrar para a terra de Canaã. E muitos de seus parentes ficaram em Harã. Rebeca foi trazida dali, a fim de casar-se com Isaque. Jacó fugiu para ali, por causa de seu irmão, Esaú, e permaneceu por duas décadas com seu tio, Labão, irmão de Rebeca.

b. *Documentos Escritos.* Os tabletes achados em Nuzi demonstram a antiguidade da arte da escrita e sua preservação, muito antes dos dias de Moisés. Alguns estudiosos mais antigos pensavam que Moisés teria sido analfabeto, pelo que não poderia ter sido o escritor original do Pentateuco.

c. *Adoção.* O próprio Antigo Testamento dá informações sobre a adoção formal, e os tabletes de Nuzi comprovam a existência desse costume. Um homem adotava uma criança para que levasse avante seu nome e fosse seu herdeiro, se, porventura, não tivesse um filho seu mesmo. Abraão pensou em adotar Eliezer como filho, antes do nascimento de Isaque (Gên. 15:2).

d. *Terafins.* Esses eram os deuses domésticos. Raquel furtou os deuses domésticos de seu pai, não meramente a fim de adorá-los, mas porque o possuidor dos mesmos tornava-se o herdeiro principal. Os tabletes de Nuzi mostram que um homem podia adotar um genro como seu principal herdeiro, e, nesse caso, os terafins ficavam com esse genro, como sinal de sua partilha maior. Esses terrafins eram provas legais, e os tribunais aceitavam os mesmos se fossem apresentados. Torna-se assim claro por qual motivo Raquel rebaixou-se a ser uma ladra, e também porque, dias depois, protegeu as estatuetas sob sua sela, com mentiras. O dinheiro sempre foi importante, e com freqüência era mais valorizado que a moralidade, tal como se verifica hoje em dia. É patente que Labão queria que seus próprios filhos homens ficassem com os terafins, o que exibe a importância da questão. O relato acha-se em Gên. 31.

e. *O Enterro dos Terafins.* Alguns eruditos supõem que Jacó, secundando o ato de Raquel, sepultou os terafins, a fim de escondê-los. Assim, mais tarde, ele poderia desenterrá-los, apresentá-los em tribunal, e reivindicar a herança de Labão. Ver Gên. 35:2-4. No entanto, o contexto da passagem parece indicar que Jacó enterrou aquelas imagens a fim de livrar-se delas para sempre. Não há indício de que ele tenha voltado para desenterrar os terafins.

f. *Sara, Irmã de Abraão.* Por qual razão Abraão disse que Sara era sua irmã (de fato, ela era sua meia-irmã; Gên. 20:12), ao mesmo tempo em que ocultou o fato de que era sua esposa (Gên. 12:11-20). Além de ter feito isso no incidente que envolveu o Faraó, rei do Egito, houve reiteração do caso, no incidente que envolveu Abimeleque (Gên. 20:1-18). Os tabletes de Nuzi mostram que, naquela época, a posição de uma irmã, com freqüência, era mais importante que a posição de uma esposa. É possível que Abraão (como também, mais tarde, Isaque, que fez a mesma coisa; Gên. 26:6-16) tivesse querido conferir à sua esposa uma posição mais respeitável, chamando-a de sua «irmã». É verdade que o contexto que envolve a história de Abraão e o Faraó retrata este último como indignado com Abraão, devido ao ato de ludíbrio deste. Contudo, em sua mente, Abraão pode ter pensado que ele estava protegendo sua esposa, daquela maneira. Porém, contra essa interpretação levantam-se os vss. 11 e 12 do mesmo capítulo. Ali aprendemos que Abraão temia que os egípcios o matassem, se pensassem que Sara era sua esposa, a fim de livrarem-se dele e ficarem com ela. Isso posto, ele estava mais interessado em poupar a própria vida do que em exaltar Sara.

g. *Mães Substitutas.* Atualmente vemos o espetáculo das mães de aluguel, contratadas por homens cujas esposas são incapazes de engravidar. Embora com algumas diferenças, essa atividade não é recente. Os tabletes de Nuzi mostram que um homem que não tinha filho e herdeiro, poderia tomar uma outra mulher a fim de gerar com ela um filho. Foi precisamente o que ocorreu no caso de Hagar, criada de Sara (ver Gên. 16:2). Uma mulher assim poderia ser uma espécie de esposa-escrava (ou concubina); e não há que duvidar que Hagar era escrava de Sara. O código de Hamurabi contém disposição similar, com a diferença de que ali somente uma sacerdotisa podia obter um filho dessa maneira, e não uma mulher comum. Além disso, na Babilônia uma mulher não podia reivindicar para si mesma os filhos de uma concubina de seu marido, pelo que não exercia autoridade sobre eles, como sucedeu a Ismael, que tinha de obedecer a Sara.

h. *Esposas Extras e Filhos Extras.* Lia e Raquel deram suas respectivas criadas a Jacó, na competição entre as duas irmãs para terem mais filhos. Essa era outra antiga maneira de uma mulher ser mãe substituta. Alguns eruditos têm pensado que isso representa um costume posterior, que foi inserido, de forma anacrônica, em um registro antigo. Porém, os registros de Nuzi confirmam a antiguidade de tal costume.

i. *Os Habiru.* Os tabletes de Nuzi projetam luz sobre a origem da palavra *hebreu.* O trecho de Gên. 14:13 fala em «Abraão, o hebreu». E os tabletes de Nuzi estampam a palavra *Ha-bi-ru,* que parece referir-se a povos nômades que vagueavam sem lugar fixo, que não possuíam terras. Portanto, é possível que desse termo, *Ha-bi-ru,* é que tenha provindo o nome hebreu, dando a entender um povo nômade.

j. *Outras Questões.* Costumes referentes a testamentos, contratos, etc., além de costumes e atitudes

próprios da época patriarcal, transparecem nos tabletes de Nuzi, com paralelos ao menos parciais no livro de Gênesis. A passagem dos séculos anulou muitos desses costumes; mas o relato do Gênesis reflete um período bem remoto, que concorda em muito com as informações dadas pelos tabletes de Nuzi. A impressão geral que se tem, após o cotejo entre o Gênesis e esses tabletes é de que a historicidade do livro de Gênesis é fortemente confirmada. (CS GCH Z)

NYAYA

Esse é nome de um dos seis sistemas tradicionais do pensamento hindu, que surgiram no período após a era védica e a formação do Bhagavad-Gita. A obra mais antiga desse sistema intitula-se *Nyayasutras*, escrita por Aksapada Gautama (século I D.C.), o reputado fundador dessa escola. Essa obra contém as regras da lógica e dos debates. Metafisicamente, incorpora o sistema Vaisesika, que promovia o pluralismo atômico e o realismo lógico. Mas a diferença é que a escola Vaisesika salienta a metafísica e a ontologia, ao passo que a escola Nyaya frisa a lógica e os problemas epistemológicos. Desse modo, ficou provida uma base epistemológica para outros sistemas do hinduísmo.

Obras posteriores, que adicionaram algo à extensão e flexibilidade de materiais foram os comentários sobre as *sutras*, por Paksilasvami, do século V D.C.; a Uddyotakara, do século VII D.C.; e a exposição independente, feita por Jayanta Bhatta, chamada Nyayamanjari, do século IX D.C. Essa obra é bastante extensa e aborda, principalmente, a lógica formal.

Os sistemas mais antigos abordavam mais a filosofia da natureza. Fica entendido ali (em consonância com o *realismo*; vide) que todo conhecimento correto aponta para alguma realidade externa, dentro do processo de pensamento. Além da lógica em geral, a escola Nyaya desenvolveu um complexo silogismo que labora com cinco passos, e não com os três passos tradicionais do silogismo aristotélico, de premissa maior, premissa menor e conclusão. De acordo com a escola Nyaya, o silogismo envolve os seguintes passos: 1. a proposição a ser estabelecida; 2. a razão afirmativa ou negativa, que estabelece a proposição; 3. uma ilustração afirmativa ou negativa, que fortalece a proposição e subentende a conclusão; 4. uma aplicação da ilustração; 5. a conclusão, que reitera a proposição, em acordo com as evidências oferecidas.

Também são abordadas várias formas de proposições e falácias, dentro desse sistema. Daí emergem argumentos lógicos em prol da existência de Deus, argumentos esses declarados válidos.

NYGREN, ANDERS

Ele nasceu em 1890, mas minhas fontes informativas não dão o ano de seu falecimento. Ele foi um teólogo dialético sueco. Ver os artigos intitulados *Teologia Dialética* e *Barth, Karl*. Nygren foi um bispo e teólogo cuja obra, *Agape e Eros*, provocou muita controvérsia entre os teólogos. Ele propôs ali que há dois tipos de amor: *agapé* e *éros*. O primeiro é teocêntrico, desinteressado, sendo o amor especial ensinado pelo cristianismo, em contraste com os outros sistemas religiosos. Mas *éros*, por sua vez, é caracterizado pelo egocentrismo, pelo desejo sensual, embora, a algumas vezes, apareça como um amor espiritual, segundo se vê na filosofia platônica.

••• ••• •••